



eclipse

STEPHENIE MEYER

AUTHOR OF THE NEW YORK TIMES BESTSELLERS TWILIGHT AND NEW MOON

ÍNDICE

1. ULTIMATO	4
2. FUGA.....	19
3. MOTIVOS	32
4. NATUREZA	43
5. IMPRESSÃO	52
6. SUÍÇA	60
7. FINAL INFELIZ	69
8.	76
9. ALVO.....	88
10. CHEIRO	96
11. LENDAS.....	107
12. TEMPO.....	118
13. RECÉM-NASCIDO.....	127
14. DECLARAÇÃO	136
15. APOSTA.....	144
16. ÉPOCA	152
17. ALIANÇA.....	160
18. INSTRUÇÕES.....	168
19. EGOÍSTA	180
20. COMPROMISSO.....	191
21. RASTROS	203
22. FOGO E GELO	215
23. MONSTRO.....	223
24. DECISÃO REPENTINA.....	234
25. ESPELHO.....	244
26. ÉTICA	255
27. NECESSIDADES.....	266
EPÍLOGO: ESCOLHA	273

PREFÁCIO

Todos os nossos esforços no subterfúgio tinham sido em vão.

Com gelo em meu coração, eu o assisti preparar-se para me defender. Sua intensa concentração não traía sinais de dúvida, apesar de ele estar em maior número.

Eu sabia que nós não podíamos esperar por ajuda - nesse momento, a família dele estava lutando por sua vida tanto quanto certamente ele estava pelas nossas.

Eu alguma vez descobriria o resultado daquela outra luta? Descobriria quem foram os vencedores e os perdedores? Eu viveria o bastante para isso?

As probabilidades disso não pareciam muito grandes.

Olhos negros, loucos com sua ânsia feroz pela minha morte, vista no momento em que a atenção do meu protetor se desviasse. O momento em que eu certamente morreria.

Em algum lugar longe, longe na floresta fria, um lobo uivou.

1. ULTIMATO

Bella,

Eu não sei por que você está fazendo Charlie passar bilhetinhos pra Billy como se estivéssemos na 2ª série - se eu quisesse falar com você eu teria respondido o

Foi você quem fez a escolha aqui, Ok?

Você não pode ter as duas coisas quando

Que parte de 'inimigos mortal' você não

Olha, eu sei que eu estou sendo um idiota, mas não existe outra forma de

Nós não podemos ser amigos enquanto você está passando o seu tempo com um bando de

Pensar de mais em você só deixa as coisas piores, então não escreva mais

É, eu sinto a sua falta também. Muito. Isso não muda nada.

Desculpe,

Jacob.

Eu passei os meus dedos pela página, sentindo as marcas onde ele havia pressionado a caneta no papel com tanta força que ele quase rasgou. Eu podia imaginá-lo escrevendo isso - desenhando as letras raivosas com a sua escrita áspera, riscando linha após linha quando as palavras saíam erradas, talvez até fazendo a caneta quebrar em sua mão grande demais; isso explicaria as manchas de tinta.

Eu podia imaginar a frustração fazendo as sobrancelhas dele se apertarem e enrugando a sua testa. Se eu estivesse lá, eu teria sorrido. *Não tenha uma hemorragia cerebral, Jacob*, eu teria dito a ele. *Bota tudo pra fora logo.*

Rir era a última coisa que eu tinha vontade de fazer enquanto relia as palavras que eu quase já tinha memorizado. A resposta dele ao meu bilhete de alegações - passado de Charlie pra Billy pra ele, exatamente como na segunda série, como ele apontou - não era surpresa. Eu já sabia a essência do que ele ia dizer antes de abri-lo.

O que mais me surpreendia era o quanto aquelas linhas rabiscadas haviam me machucado - como se a ponta das letras tivessem superfícies cortantes. Mais do que isso, por trás de cada palavra raivosa se escondia uma piscina de dor; a dor de Jacob me cortou mais profundamente do que a minha própria.

Enquanto eu estava pensando nisso, eu senti o cheiro inconfundível de alguma coisa queimando na cozinha.

Em outra casa, o fato de que alguém que não fosse eu estava cozinhando não causaria muito pânico.

Eu enfiei o papel amassado no meu bolso de trás e saí correndo. Eu cheguei ao fim das escadas quase sem tempo. O recipiente de molho de espaguete que Charlie tinha enfiado no microondas estava apenas no início da revolução quando eu abri a porta e o tirei de lá.

- O que eu fiz de errado? - Charlie quis saber.

- Você tinha que ter tirado a tampa antes, pai. Metal não é bom em microondas.

Eu rapidamente removi a tampa enquanto falava, derramei metade do molho em uma tigela, depois coloquei a tigela de volta no microondas e guardei o resto de volta no congelador; eu arrumei o tempo e apertei o botão start.

Charlie observou os meus arranjos com os lábios torcidos.

- Eu fiz o macarrão direito?

Eu olhei para a panela no fogão, a fonte do cheiro que havia me alertado.

- Mexer ajuda - eu disse à meia voz. Eu encontrei uma colher e tentei desgrudar a massa que estava pegada no fundo.

Charlie suspirou.

- Então, pra que é tudo isso? - eu perguntei a ele.

Ele cruzou os braços no peito e olhou, pela janela dos fundos, para a chuva caindo.

- Eu não sei do que você está falando - ele rosnou.

Eu estava confusa. Charlie cozinhando? Qual era o motivo da sua atitude ranzinza?

Edward ainda não estava aqui; geralmente Charlie guardava esse tipo de atitude para o meu namorado, fazendo o melhor que podia para ilustrar o tema "mal vindo" com palavras e postura. Os esforços de Charlie eram desnecessários - Edward já sabia exatamente o que o meu pai estava pensando sem esse show.

A palavra "namorado" me fez mordiscar a minha bochecha pelo lado interior com uma tensão familiar enquanto eu me movia. Não era a palavra certa, nem um pouco. Eu precisava de uma palavra mais expressiva pra comprometimento eterno... Mas palavras como *destino* e *fado* pareciam estranhas quando você as usava numa conversa convencional.

Edward tinha outra palavra em mente, e essa palavra era a fonte da tensão que eu sentia.

Os meus dentes se apertavam só de pensar na palavra.

Noiva. Ugh. Eu me afastei do pensamento.

- Eu perdi alguma coisa? Desde quando você faz o jantar? - eu perguntei a Charlie. A massa grudenta boiava na água borbulhante enquanto eu a cutucava. - Ou será que eu devo dizer *'tentar'* fazer o jantar?

Charlie levantou os ombros.

- Não há nenhuma lei que diga que eu não posso cozinhar em minha própria casa.

- É você quem sabe - eu respondi sorrindo, enquanto olhava para o distintivo no seu casaco de couro.

- Ha. Essa foi boa. - Ele tirou a jaqueta como se o meu olhar tivesse feito ele se lembrar que ainda estava usando o casaco e pendurou-o no gancho reservado para o seu cinto. Seu cinto de armas já estava pendurado no lugar - ele não tinha a necessidade de usá-lo para ir à delegacia por algumas semanas. Não houve mais desaparecimentos perturbadores pra atrapalhar a pequena cidade de Forks, em Washington, nada de visões de lobos gigantes, misteriosos, nas florestas chuvosas...

Eu cutucava o macarrão em silêncio, imaginando que Charlie falaria sobre o que quer que estivesse incomodando-o quando ele achasse que estava na hora. Meu pai não era um homem de muitas palavras, e o esforço desastroso de orquestrar um jantar feito por ele deixou muito claro que ele estava com um número estranho de palavras em sua cabeça.

Eu olhei pra o relógio rotineiramente - uma coisa que eu fazia todos os dias nessa hora. Agora faltava menos de meia hora. As tardes eram a parte mais difícil do meu dia. Desde que o meu ex melhor amigo (e lobisomem), Jacob Black, me denunciou sobre a moto que eu andava guiando - um castigo que ele havia arquitetado pra que eu não pudesse passar tempo com o meu namorado (e vampiro), Edward Cullen - Edward só tem permissão de me ver até as nove e meia da noite, sempre nos confins da minha casa e sob a supervisão do olhar infalivelmente mal-humorado do meu pai.

Essa era só uma pequena parcela do castigo anterior que eu recebi por ter desaparecido três dias sem explicar e pelo episódio do mergulho do penhasco.

É claro, eu ainda via Edward na escola, porque ainda não havia nada que Charlie pudesse fazer em relação a isso. E depois, Edward passava quase todas as noites no meu quarto também, mas Charlie não estava precisamente consciente disso. A habilidade de Edward de escalar rápida e silenciosamente a minha janela no segundo andar era quase tão útil quanto a habilidade dele de ler a mente de Charlie.

Apesar de as tardes serem a única hora que eu passava longe de Edward, isso já era o suficiente pra me deixar impaciente, e as horas sempre se arrastavam. Mesmo assim, eu agüentava o meu castigo sem reclamar porque - pra começar - eu sabia que tinha merecido, e - pra terminar - porque eu sabia que não podia machucar o meu pai me mudando agora, quando uma separação muito mais permanente se aproximava, invisível pra Charlie, perto no horizonte.

Meu pai se sentou na mesa com um jornal desdobrado e amassado que havia lá; dentro de segundos ele já estava estalando a língua de desaprovação.

- Eu não sei pra quê você lê o jornal, pai. Ele só te tira do sério.

Ele me ignorou, rosnando para o papel em suas mãos.

- É por isso que todo mundo quer viver em cidades pequenas. Ridículo!

- O que foi que as cidades grandes fizeram de errado agora?

- Seattle está entrando para a lista das cidades com mais crimes do país. Cinco homicídios sem solução nas últimas duas semanas. Você pode imaginar viver assim?

- Na verdade, eu acho que Phoenix está mais no topo da lista, pai. Eu *vivi* assim.

Eu nunca havia chegado perto de ser uma vítima de assassinato antes de vir pra essa pequena cidade segura. Na verdade, eu ainda estava em muitas das listas de perigo... A colher balançou nas minhas mãos, fazendo a água tremer.

- Bem, você não me pagaria o suficiente - Charlie disse.

Eu desisti de salvar o jantar e me sentei pra servi-lo; eu tive que usar uma faca de carne pra cortar uma porção do espaguete pra mim e pra Charlie, enquanto ele observava com uma expressão tímida. Charlie cobriu o seu com molho pra ajudar e começou a escavar. Eu disfarcei o meu com o molho da melhor forma que pude e segui o exemplo dele, sem muito entusiasmo. Nós comemos em silêncio por algum tempo. Charlie ainda estava vasculhando as notícias, então eu peguei a minha cópia muito abusada de *O morro dos ventos uivantes* de onde eu havia deixado-a no café da manhã e tentei me perder na Inglaterra da virada do século, enquanto eu esperava que ele começasse a falar.

Eu estava exatamente na parte do retorno de Heathcliff quando Charlie limpou a garganta e jogou o jornal no chão.

- Você está certa - Charlie disse. - Eu tenho uma razão pra ter feito isso. - Ele acenou com o garfo na direção da mistura grudenta. - Eu queria falar com você.

Eu coloquei o livro de lado; a encadernação estava tão destruída que ela ficou plana na mesa.

- Você podia ter só pedido.

Ele balançou a cabeça, as sobrancelhas juntas.

- É. Eu vou lembrar disso da próxima vez. Eu pensei que te livrar de fazer o jantar ia te amaciar.

Eu ri.

- Deu certo, seus talentos culinários me deixaram molinha feito marshmallow. Do que você precisa, pai?

- É sobre Jacob.

Eu senti meu rosto endurecer.

- O que tem ele? - eu perguntei através dos lábios rígidos.

- Calma, Bells. Eu sei que você ainda está brava porque ele te dedurou, mas foi a coisa certa. Ele estava sendo responsável.

- Responsável - eu repeti agudamente, rolando os meus olhos. - Certo. Então, o que tem Jacob?

A pergunta sem importância repetida na minha cabeça não era nada além do trivial.

O que tem Jacob? O que eu ia fazer em relação a ele? Meu ex-melhor amigo que agora era... o que? Meu inimigo? Eu vacilei.

O rosto de Charlie de repente estava cauteloso.

- Não fique brava comigo, ok?

- Brava?

- Bem, é sobre Edward também.

Meus olhos se estreitaram.

A voz de Charlie ficou mais áspera.

- Eu deixo ele entrar em casa, não deixo?

- Você deixa - eu admiti. - Por breves períodos de tempo. É claro, você também me deixa sair de casa por breves períodos de vez em quando - eu continuei, só de piada, eu sabia que ficaria presa enquanto durasse o período escolar. - Eu tenho sido muito boazinha ultimamente.

- Bem, é mais ou menos aí que eu queria chegar com isso... - E depois o rosto de Charlie se arreganhou num sorriso inesperado; por um segundo ele pareceu ser vinte anos mais jovem.

Eu vi o fraco brilho de uma possibilidade naquele sorriso, mas eu prossegui lentamente.

- Eu estou confusa, pai. Nós estamos falando sobre Jacob, Edward ou sobre o meu castigo?

O sorriso dele brilhou de novo.

- Um pouco dos três.

- E como eles se relacionam? - eu perguntei, cuidadosa.

- Tudo bem - ele suspirou, erguendo as mãos como se estivesse se rendendo. - Então eu acho que talvez você mereça uma condicional por bom comportamento. Para uma adolescente, você é incrivelmente não-reclamona.

Minha voz e minhas sobrancelhas levantaram.

- Sério? Eu estou livre?

De onde foi que isso veio? Eu pensei que fosse ficar trancada em casa até me mudar de fato, e Edward não havia registrado nenhuma mudança nos pensamentos de Charlie...

Charlie levantou um dedo.

- Condicionalmente.

O entusiasmo desapareceu.

- Fantástico - eu gemi.

- Bella, isso é mais um pedido do que uma ordem, ok? Você está livre. Mas eu espero que você use essa liberdade mais... judicialmente.

- O que isso significa?

Ele suspirou de novo.

- Eu sei que você fica satisfeita passando todo o seu tempo com Edward...

- Eu passo tempo com Alice também - eu interfeiri. A irmã de Edward não tinha horários para visita; ela ia e vinha quando bem entendia. Charlie era como pudim nas mãos capazes dela.

- Isso é verdade - ele disse. - Mas você tem outros amigos além dos Cullen, Bella. Ou *costumava* ter.

Nós encaramos um ao outro por um momento.

- Quando foi a última vez que você falou com Angela Weber? - ele jogou pra mim.

- Sexta no almoço - eu respondi imediatamente.

Antes da volta de Edward, os meus amigos da escola haviam se polarizado em dois grupos. Eu gostava de pensar neles como grupos de *bem vs. mau*. Nós e *eles* funcionava também. Os mocinhos eram Angela, seu namorado Ben Cheney e Mike Newton; esses três haviam muito generosamente me perdoado quando eu enlouqueci porque Edward foi embora. Lauren Mallory era a líder do lado *deles*, e quase todo mundo, incluindo minha primeira amiga em Forks, Jessica Stanley, parecia seguir a agenda Anti-Bella dela contentemente.

Com Edward de volta a escola, a linha de divisão havia ficado ainda mais distinta. O retorno de Edward havia cobrado um certo pedágio a Mike, mas Angela era inquestionavelmente leal, e Ben a seguia. A despeito da aversão natural que a maioria dos humanos sentia pelos Cullen, Angela sentava-se obrigatoriamente ao lado de Alice todos os dias no almoço. Depois de alguns dias, Angela até começou a parecer confortável lá. Era difícil não se encantar pelos Cullen - quando você dava a um deles a chance de ser encantador.

- Fora da escola? - Charlie perguntou, chamando minha atenção de volta.

- Eu não tenho visto *ninguém* fora da escola, pai. De castigo, lembra? E Angela tem um namorado também. Ela está sempre com Ben. *Se* eu realmente estou livre - eu adicionei, pegando pesado no ceticismo - talvez possamos sair em casais.

- Tudo bem, mas então... - ele hesitou. - Você e Jake costumavam fazer tudo juntos, e agora...

Eu cortei ele.

- Dá pra você chegar no ponto, pai? Qual é a sua condição, exatamente?

- Eu não acho que você deveria abandonar os seus amigos pelo seu namorado, Bella - ele disse numa voz dura. - Não é legal, e eu acho que a sua vida estaria mais bem balanceada se houvessem mais algumas pessoas nela. O que aconteceu Setembro passado... - Eu vacilei. - Bem

- ele disse defensivamente. - Se você tivesse uma vida além de Edward Cullen, as coisas podiam não ter sido daquele jeito.

- Teria sido exatamente daquele jeito - eu murmurei.

- Talvez sim, talvez não.

- O ponto? - eu lembrei ele.

- Use a sua liberdade pra ver os seus outros amigos também. Equilibre as coisas.

Eu balancei a cabeça lentamente.

- Equilíbrio é bom. No entanto, eu tenho cotas de tempo pra seguir?

Ele fez uma cara, mas balançou a cabeça.

- Eu não quero complicar as coisas. Só não esqueça os seus amigos, particularmente Jacob.

Eu levei algum tempo pra encontrar as palavras certas.

- Jacob pode ser... difícil.

- Os Black são praticamente da família, Bella - ele disse, dura e paternalmente de novo. - E Jacob foi um amigo muito, *muito* bom pra você.

- Eu sei disso.

- Você não sente nem um pouco de saudades dele? - Charlie perguntou, frustrado.

Minha garganta pareceu inchar de repente; eu tive que limpá-la duas vezes antes de responder.

- Sim, eu sinto saudades dele - eu admiti, ainda olhando pra baixo. - Eu sinto muita falta dele.

- Então por que é tão difícil?

Isso não era uma coisa que eu tinha liberdade de explicar. Era contra as regras para as pessoas normais - pessoas *humanas* como eu e Charlie - saber sobre o mundo clandestino, cheio de mitos e monstros, que existia secretamente ao nosso redor. Eu sabia sobre esse mundo - e eu tinha uma pequena porção de problemas como resultado. Eu não ia envolver Charlie nos mesmos problemas.

- Com Jacob existe um... conflito - eu disse solenemente. - Eu quero dizer, um conflito sobre a coisa da amizade. Amizade não parece ser o suficiente pra Jake.

Eu inventei a minha desculpa baseada em fatos que eram verdadeiros, mas insignificantes, dificilmente tão cruciais se comparados com o fato de que o bando de lobisomens de Jake odiava amargamente a família vampira de Edward - e, portanto, eu também, já que eu estava inteiramente intencionada a me juntar a essa família. Não era uma coisa que eu podia resolver com ele através de um bilhete, e ele não atendia os meus telefonemas.

Mas o meu plano de ir lidar pessoalmente com o lobisomem definitivamente não havia calhado bem com os vampiros.

- Será que Edward não está a fim de um pouco de competição saudável? - a voz de Charlie estava sarcástica agora.

Eu olhei pra ele com um olhar obscuro.

- Não tem competição.

- Você está machucando os sentimentos de Jake evitando-o desse jeito. Ele iria preferir ser seu amigo do que nada.

Oh, agora era eu que o estava evitando?

- Eu tenho certeza absoluta que Jake não quer amizade de jeito nenhum. - As palavras queimaram na minha boca. - Afinal, de onde foi que você tirou essa idéia?

Agora Charlie parecia envergonhado.

- O assunto pode ter aparecido hoje com Billy...

- Você e Billy fofocam como mulheres velhas - eu reclamei, espetando o meu garfo violentamente no espaguete congelado no meu prato.

- Billy está preocupado com Jacob - Charlie disse. - Jake está passando por um momento difícil agora... Ele está deprimido.

Eu gemi, mas mantive os meus olhos na gororoba.

- E, além do mais, você ficava tão feliz depois de passar o dia com Jake - Charlie suspirou.

- Eu estou feliz *agora* - eu rosnei ferozmente por entre os dentes.

O contraste entre as minhas palavras e o tom que eu usei quebrou a tensão.

Charlie começou a rir, e eu me juntei a ele.

- Ok, ok - eu concordei. - Equilíbrio.

- E Jacob - ele insistiu.

- Eu vou tentar.

- Bom. Encontre esse equilíbrio, Bella. E, oh, é, você tem correspondência - Charlie disse, fechando o assunto sem muitas dificuldades. - Está no balcão.

Eu não me movi, meus pensamentos se moviam como espirais ao redor do nome de Jacob. Provavelmente era só correspondência boba; eu havia acabado de receber um pacote da minha mãe e não estava esperando mais nada.

Charlie empurrou a sua cadeira pra trás e se espreguiçou enquanto ficava de pé. Ele levou seu prato para a pia, mas antes de ligar a água pra lavá-lo, ele pausou e jogou um envelope grosso pra cima de mim. A carta escorregou pela mesa e *deu um choque* no meu cotovelo.

- Er, obrigada - eu murmurei, confusa pela insistência dele. Aí eu vi o endereço do remetente, a carta era da universidade do Sudeste do Alaska. - Isso foi rápido. Eu pensei que havia perdido o prazo de entrega dessa também.

Charlie gargalhou.

Eu virei o envelope e olhei pra ele.

- Está aberto.

- Eu estava curioso.

- Eu estou chocada, xerife. Isso é um crime federal.

- Oh, leia logo.

Eu puxei a carta pra fora e encontrei uma agenda dobrada dos cursos.

- Parabéns - ele disse antes que eu pudesse ler alguma coisa. - Sua primeira aceitação.

- Obrigada, pai.

- Nós deveríamos falar sobre o custeamento. Eu tenho algum dinheiro economizado...

- Ei, ei, nada disso. Eu não vou tocar na sua aposentadoria, pai. Eu tenho os meus fundos para a faculdade. - O que restava dele, que já não era muito no começo.

Charlie fez uma carranca.

- Alguns desses lugares são muito caros, Bella. Eu quero ajudar. Você não tem que ir para o Alaska só porque é mais barato.

Não era mais barato, nem um pouco. Mas era longe, e Juneau tinha um normal de trezentos e vinte e um dias nublados por ano. O primeiro era o meu pré-requisito, o segundo era o de Edward.

- Eu já tenho tudo coberto. Além do mais, tem um monte de auxílios financeiros por aí. É fácil ganhar empréstimos. - Eu esperava que o meu blefe não fosse óbvio demais. Eu não tinha feito muitas pesquisas sobre o assunto.

- Então... - Charlie começou, e então ele contorceu os lábios e desviou o olhar.

- Então o que?

- Nada. Eu só estava... - Ele fez uma carranca. - Só me perguntando quais... quais são os planos de Edward para o ano que vem.

- Oh.

- Então?

As três batidas rápidas na porta me salvaram. Charlie revirou os olhos enquanto eu pulava pra ficar de pé.

- Já vou! - eu gritei enquanto Charlie murmurava alguma coisa parecida com - Vá embora. - Eu o ignorei e segui em frente pra deixar Edward entrar.

Eu tirei a porta do caminho - ridiculamente ansiosa - e lá estava ele, o meu milagre pessoal.

O tempo não me fez imune à perfeição do rosto dele, e eu tinha certeza de que nunca iria me acostumar com nenhum dos aspectos dele. Meus olhos observaram suas feições pálidas: sua dura mandíbula quadrada, a curva mais suave dos seus lábios cheios - que agora estavam

curvados pra cima num sorriso, a linha reta do nariz dele, o ângulo das maçãs do rosto dele, a envergadura da sua testa macia de mármore - parcialmente obscurecida por uma mecha de cabelos cor de bronze escurecidos pela chuva...

Eu deixei seus olhos por último, sabendo que quando eu olhasse dentro deles haveria uma grande possibilidade de eu perder a linha de raciocínio. Eles estavam grandes, quentes com um dourado derretido, e moldados por uma linha de cílios grossos. Olhar dentro dos olhos dele sempre faziam eu me sentir extraordinária - como se os meus ossos estivessem como esponja. Eu também ficava com a cabeça meio leve, mas isso podia ser porque eu esquecia de respirar. De novo.

Era o rosto pelo qual qualquer modelo daria a sua alma pra ter. É claro, esse podia ser exatamente o preço pedido: uma alma.

Não. Eu não acreditava nisso. Eu me sentia culpada só de pensar nisso, e eu estava feliz - assim como estava frequentemente feliz - por ser a única pessoa cujos pensamentos eram um mistério pra Edward.

Eu inclinei minha mão e suspirei quando os dedos frios dele encontraram os meus. O toque dele trouxe a sensação mais estranha de alívio - como se eu estivesse sentindo dor e essa dor houvesse cessado de repente.

- Oi - eu sorri um pouco com a minha saudação anti-climática.

Ele ergueu as nossas mãos entrelaçadas pra tocar a minha bochecha com as costas da mão dele.

- Como foi a sua tarde?

- Lenta.

- Pra mim também.

Ele puxou o meu pulso para o rosto dele, nossas mãos ainda entrelaçadas. Os olhos dele se fecharam enquanto o nariz dele alisava a pele de lá, e ele sorriu gentilmente sem abri-los. Aproveitando o buquê enquanto resistia ao vinho, como ele havia colocado uma vez.

Eu sabia que o cheiro do meu sangue - muito mais doce pra ele do que o cheiro do sangue de qualquer outra pessoa, realmente como o vinho em vez de água para um alcoólatra - causava a ele verdadeira dor pela sede que acarretava. Eu podia apenas imaginar o esforço Herculano por trás desse simples gesto. Eu fiquei triste por ele ter que tentar tanto. Eu me confortei com o fato de que eu não causaria mais dor a ele por muito tempo.

Nessa hora eu ouvi Charlie se aproximando, batendo os pés no caminho com o seu desprazer de costume com a nossa visita. Edward abriu os olhos e deixou as nossas mãos caírem, mantendo-as entrelaçadas.

- Boa noite, Charlie - Edward era sempre impecavelmente educado, apesar de Charlie não merecer isso. Charlie grunhiu pra ele e ficou em pé onde estava, com os braços cruzados no peito. Ele estava levando o conceito de supervisão paterna aos extremos ultimamente.

- Eu trouxe outras inscrições - Edward me disse nessa hora, levantando um bolo de papéis envelopados. Ele estava usando um rolo de selos como se fosse um anel no seu dedo mindinho.

Eu gemi. Como é que podiam ainda haver faculdades às quais ele já não tivesse me obrigado a me inscrever? Como é que ele continuava encontrando essas vagas em aberto? O ano já estava muito atrasado.

Ele sorriu como se *pudesse* ler os meus pensamentos; eles deviam estar óbvios no meu rosto.

- Ainda haviam prazos de inscrição em aberto. E alguns lugares a fim de fazer exceções...

Eu podia imaginar as motivações pra essas exceções. E os montes de dólares envolvidos. Edward riu da minha expressão.

- Vamos lá? - ele perguntou, me levando em direção à mesa da cozinha.

Charlie ficou mal-humorado e seguiu atrás, apesar de ele não poder reclamar da agenda de atividades de hoje. Ele vivia me enchendo pra tomar uma decisão sobre a faculdade todos os dias.

Eu limpei a mesa rapidamente enquanto Edward organizava uma pilha intimidante de formulários. Quando eu movi *O morro dos ventos uivantes* pra cima do balcão, Edward ergueu uma sobranalha.

Eu sabia o que ele estava pensando, mas Charlie interrompeu antes que Edward pudesse comentar.

- Falando em inscrições para a faculdade, Edward - Charlie disse, seu tom ainda mais solene - ele tentava evitar se dirigir pra Edward diretamente, e, quando ele tinha que fazê-lo, isso exacerbava o seu humor. - Bella e eu estávamos falando sobre o ano que vem. Você já decidiu onde vai estudar?

Edward sorriu pra Charlie e a voz dele estava amigável.

- Ainda não. Eu recebi algumas cartas de aceitação, mas eu ainda estou pensando as minhas opções.

- Onde você foi aceito? - Charlie pressionou.

- Syracuse... Harvard... Dartmouth... e eu acabei de ser aceito na faculdade do Sudeste do Alaska hoje.

Edward virou levemente a sua cabeça pra o lado pra poder piscar pra mim. Eu preendi uma gargalhada.

- Harvard? Dartmouth? - Charlie murmurou, incapaz de esconder a sua admiração. - Bem, isso é muito... isso é interessante. É, mas a Universidade do Alaska... você realmente está considerando isso quando pode ir para a Ivy League? Quer dizer, o seu pai iria querer que...

- Carlisle sempre está de acordo com qualquer escolha que eu fizer - Edward disse a ele serenamente.

- Hmph.

- Adivinhe, Edward? - eu pedi com uma voz brilhante, entrando na brincadeira.

- O que, Bella?

Eu apontei para o grosso envelope no balcão.

- Eu acabei de receber a *minha* carta de aceitação da Universidade do Alaska!

- Parabéns - ele deu um sorriso largo. - Que coincidência.

Os olhos de Charlie se estreitaram e ele olhou pra frente e pra trás entre nós. - Tá bom - ele murmurou depois de um minuto. - Eu vou assistir o jogo, Bella. Nove e meia.

- Er, pai? Lembra o que nós discutimos sobre a minha liberdade...?

Ele suspirou.

- Certo. Ok, *dez* e meia. Você ainda tem o toque de recolher nas noites de aula.

- Bella não está mais de castigo? - Edward perguntou. Apesar de saber que ele não estava realmente surpreso, eu não consegui detectar nenhum sinal de falsa excitação na voz dele.

- Condicionalmente - Charlie corrigiu através dos dentes. - O que você tem com isso?

Eu fiz uma carranca para o meu pai, mas ele não viu.

- Só é bom saber - Edward disse. - Alice está louca pra arranjar uma parceira de compras, e eu tenho certeza de que Bella adoraria ver as luzes da cidade - ele sorriu pra mim.

Mas Charlie rosnou.

- Não! - e o rosto dele ficou roxo.

- Pai! Qual é o problema?

Ele fez um esforço pra destrincar os dentes.

- Eu não quero que você vá a Seattle agora.

- Huh?

- Eu te disse sobre a história no jornal, tem alguma espécie de gangue fazendo uma matança em Seattle e eu quero que você mantenha a distância, ok?

Eu rolei os meus olhos.

- Pai, existe uma chance maior de eu ser atingida por um raio do que eu passar um dia em Seattle e...

- Não, está tudo bem, Charlie - Edward disse, me interrompendo. - Eu não me referia a Seattle. Eu estava pensando em Portland, na verdade. Eu também não levaria Bella a Seattle. É claro que não.

Eu olhei pra ele sem acreditar, mas ele estava com o jornal de Charlie nas mãos e lia a primeira página atentamente.

Ele devia estar tentando aplacar o meu pai. A idéia de estar em perigo mesmo por causa do mais letal dos humanos estando na companhia de Alice ou Edward era hilária.

Funcionou. Charlie olhou pra Edward por mais ou segundo, e depois levantou os ombros.

- Tudo bem. - Ele saiu na direção da sala de estar, agora com um pouco de pressa, talvez ele não quisesse perder o início do jogo.

Eu esperei até que a TV estivesse ligada, pra que Charlie não pudesse me ouvir.

- O que - eu comecei a perguntar.

- Espere - Edward disse sem tirar os olhos do jornal. Os olhos dele continuaram focados na primeira página enquanto ele empurrava a primeira inscrição na minha direção pela mesa. - Eu acho que você pode reutilizar os seus ensaios nessa. As mesmas perguntas.

Charlie ainda devia estar ouvindo. Eu suspirei e comecei a responder as perguntas repetitivas: nome, endereço, social... Depois de alguns minutos, eu olhei pra cima, mas agora Edward estava olhando perseverantemente pela janela.

Enquanto eu baixava a minha cabeça de volta para o meu trabalho, eu percebi pela primeira vez o nome da escola.

Eu bufei e coloquei os papeis de lado.

- Bella?

- Fala sério, Edward. *Dartmouth*?

Edward levantou as inscrições descartadas e as colocou gentilmente na minha frente novamente.

- Eu pensei que você gostaria de New Hampshire - ele disse. - Há muitas coisas pra eu fazer durante a noite, e as florestas estão convenientemente localizadas para os praticantes ávidos de caminhadas. Bastante vida selvagem. - Ele deu o riso torto ao qual ele sabia que eu não podia resistir.

Eu respirei profundamente pelo nariz.

- Eu deixo você pagar, se isso te deixa feliz - ele prometeu. - Se você quiser, eu posso custear o seu interesse.

- Como se eu fosse conseguir entrar sem um enorme suborno. Ou isso foi parte do empréstimo? Uma nova ala dos Cullen para a biblioteca? Ugh! Por que é que estamos tendo essa discussão de novo?

- Será que dá pra você responder a inscrições, por favor, Bella? Se inscrever não vai te machucar.

Minha mandíbula flexionou-se.

- Quer saber? Eu não acho que vai.

Eu peguei os papéis, planejando colocá-los numa pilha que coubesse direitinho na lata de lixo, mas eles já tinham desaparecido. Eu olhei para a mesa vazia por um momento, e depois pra Edward. Ele não parecia ter se movido, mas as inscrições provavelmente já estavam enfiadas embaixo do casaco dele.

- O que você está fazendo? - eu quis saber.

- Eu sei assinar o seu nome melhor que você. Você já escreveu os ensaios.

- Você está indo longe demais com isso, sabe - eu sussurrei, pela chance improvável de que Charlie não estivesse completamente compenetrado em seu jogo. - Eu não preciso me inscrever pra nada. Eu já fui aceita no Alaska. Eu quase já posso pagar pelo primeiro mês de estudos. Ele é um alibi tão bom quanto qualquer outro. Não há necessidade de jogar fora um bolo de dinheiro, não importa de quem ele seja.

Um olhar de dor espremeu o rosto dele.

- Bella...

- Não comece. Eu concordo que eu tenha que passar por essas fases por Charlie, mas nós dois sabemos que eu não estarei em condições de estudar no próximo outono. Ficar perto de pessoas.

Meu conhecimento desses primeiros anos como vampira eram incompletos. Edward nunca entrava nos detalhes - esse não era o assunto favorito dele -, mas eu sabia que não era nada bonito. Auto-controle aparentemente era uma habilidade requerida. Qualquer coisa que não estivesse ligada a escola por correspondência estava fora de questão.

- Eu pensei que o timing ainda não estivesse decidido - Edward me lembrou suavemente. - Você pode gostar de um semestre ou dois na faculdade. Ainda existem muitas experiências humanas que você nunca teve.

- Eu irei vivê-las depois.

- Depois elas não serão experiências *humanas*. Você não terá uma segunda chance para a humanidade, Bella.

Eu suspirei.

- Você precisa ser razoável com o tempo, Edward. É muito perigoso brincar com ele.

- Não há perigo ainda - ele insistiu.

Eu encarei-o. Sem perigo? Claro. Eu só tinha uma vampira sádica me perseguindo pra vingar a morte do parceiro dela com a minha própria morte, preferivelmente utilizando usando algum método lento e torturante. Quem estava preocupado com Victoria? E, oh, é, os Volturi - a família real de vampiros com o seu pequeno exército de guerreiros vampiros - que insistiam em fazer meu coração parar de bater de uma forma ou de outra num futuro próximo, porque nenhum humano tinha permissão de saber que eles existiam. Certo. Absolutamente nenhuma razão pra entrar em pânico.

Mesmo com Alice continuando a observar - Edward estava se valendo das suas visões apuradas do futuro pra nos dar um aviso -, era uma insanidade contar com a sorte.

Além do mais, eu já tinha ganhado essa discussão. A data para a minha transformação estava tentadoramente marcada pra pouco depois da minha formatura no segundo grau, em apenas algumas semanas.

Uma afiada pontada de enjôo perfurou meu estômago quando eu percebi o quão curto o tempo realmente era. Claro que esta mudança era necessária - é a chave para o que eu mais quero que tudo no mundo reunido - mas eu estava profundamente consciente de Charlie, sentado no outro quarto desfrutando o jogo dele, só ao vivo a cada duas noites. E minha mãe, Renee, longe na Flórida ensolarada, que ainda suplica para eu passar o verão na praia com ela e o novo marido dela.

E Jacob, que, diferente dos meus pais, saberia exatamente o que ia acontecer comigo quando eu desaparecesse para alguma escola distante. Se os meus pais não ficassem suspeitando depois de muito tempo, mesmo que eu pudesse evitar visitas com desculpas sobre custos da viagem, muito pra estudar ou doença, Jacob saberia da verdade.

Por um momento, a dor da repulsa de Jacob ultrapassou qualquer outra dor.

- Bella - Edward murmurou, o rosto dele se contorcendo quando ele leu a angústia no meu. - Não tem pressa. Eu não vou deixar ninguém te machucar. Você pode usar de todo o tempo que precisar.

- Eu quero me apressar - eu sussurrei, sorrindo fracamente, tentando fazer piada do assunto. - Eu quero ser um monstro também.

Os dentes dele se trincaram; ele falou entre eles.

- Você não faz idéia do que está dizendo. - Abruptamente ele jogou o jornal amassado na mesa entre nós. Os dedos dele bateram na linha principal na primeira página:

CRESCER O ÍNDICE DE MORTE, POLÍCIA TEME ATIVIDADE DE GANGUE

- O que isso tem a ver com alguma coisa?

- Monstros não são uma piada, Bella.

Eu olhei para a manchete de novo, e depois para a sua expressão dura.

- Um... *vampiro* está fazendo isso? - eu sussurrei.

Ele sorriu sem humor, sua voz estava baixa e fria.

- Você ficaria surpresa, Bella, por saber o quão frequentemente a minha espécie está envolvida nessas horrorosas manchetes humanas. É fácil reconhecer, quando você sabe o que procurar. A informação aqui indica que há um vampiro recém nascido em Seattle. Sedento por sangue, selvagem, fora de controle. Do jeito que todos nós somos.

Eu deixei os meus olhos caírem para o papel de novo, evitando os olhos dele.

- Nós estivemos monitorando a situação por algumas semanas. Todos os sinais estão aí, os desaparecimentos improváveis, os cadáveres mal dispostos, a falta de outras provas... Sim, alguém ainda novo. E ninguém parece estar se responsabilizando pelo neófito... - ele respirou fundo. - Bem, não é problema nosso. Nós nem prestaríamos atenção nessa situação se não fosse tão próximo de casa. Como eu disse, isso acontece o tempo inteiro. A existência de monstros resulta em conseqüências monstruosas.

Eu tentei não ver os nomes na página, mas eles se destacavam das outras palavras na folha como se estivessem em negrito. As cinco pessoas cujas vidas estavam acabadas, cujas famílias estavam de luto agora. Era diferente considerar a forma abstrata dos assassinatos lendo esses nomes agora. Maureen Gardiner, Geoffrey Campbell, Grace Razi, Michelle O' Connell, Ronald Albrook. Pessoas que tinham pais e filhos e amigos e bichos de estimação e empregos e esperanças e planos e memórias e futuros...

- Não será o mesmo pra mim - eu cochichei, meio pra mim mesma. - Você não vai me deixar ser assim. Vamos morar na Antártida.

Edward bufou, quebrando a tensão.

- Pingüins. Adorável.

Eu dei uma gargalhada tremendo e joguei o jornal pra fora da mesa pra que eu não pudesse mais ver aqueles nomes; ele bateu na madeira com um estrondo. É claro que Edward iria considerar as opções de caça. Ele e a sua família "vegetariana" - todos compromissados a proteger vidas humanas - preferiam o sabor de grandes predadores pra satisfazer as necessidades de sua dieta.

- Alaska, então, como o planejado. Só que um lugar muito mais remoto que Juneau, algum lugar com ursos pardos.

- Melhor - ele permitiu. - Lá tem ursos polares também. Muito furiosos. E os lobos ficam muito grandes.

Minha boca se abriu e a respiração saiu numa contração afiada.

- Qual é o problema? - ele perguntou. Antes que eu pudesse me recuperar, a confusão desapareceu do rosto dele e o corpo inteiro dele pareceu ficar duro. - Oh. Esqueça dos lobos então, se a idéia te ofende - a voz dele estava dura, formal, seus ombros estavam rígidos.

- Ele era o meu melhor amigo, Edward - eu murmurei. Eu fiquei machucada por usar o tempo passado. - É claro que a idéia me ofende.

- Por favor, perdoe a minha falta de consideração - ele disse, ainda muito formal. - Eu não deveria ter sugerido isso.

- Não se preocupe com isso - eu olhei para as minhas mãos, fechadas nos meus pulsos em cima da mesa.

Nós dois ficamos em silêncio por um momento, e depois seu dedo frio estava embaixo do meu queixo, levantando o meu rosto. A expressão dele estava muito mais suave agora.

- Desculpe. Mesmo.

- Eu sei. Eu sei que não é a mesma coisa. Eu não devia ter reagido daquele jeito. É só que... bem, eu já estava pensando em Jacob antes de você chegar. - Eu hesitei. Seus olhos pareciam sempre ficar um pouco mais escuros quando eu falava o nome de Jacob. Em resposta, a minha voz se tornou implorativa. - Charlie disse que Jake está passando por dificuldades. Ele está machucado agora, e... é minha culpa.

- Você não fez nada errado, Bella.

Eu respirei fundo.

- Eu preciso melhorar as coisas, Edward. Eu devo isso a ele. E, além do mais, é uma das condições de Charlie...

O rosto dele mudou enquanto eu falava, ficando duro de novo, como estátua. - Você sabe que está fora de questão você ficar perto de um lobisomem desprotegida, Bella. E se algum de nós passasse as barreiras das terras deles, estaria quebrando o acordo. Você quer que nós comecemos uma guerra?

- É claro que não!

- Então não há nenhum sentido em levar essa discussão adiante. - Ele deixou a mão cair e desviou o olhar, procurando por uma mudança de assunto. Os olhos dele pararam em alguma coisa atrás de mim, e ele sorriu, apesar dos olhos dele estarem cautelosos.

- Eu fico feliz que Charlie tenha deixado você sair, você está precisando tristemente fazer uma visita a uma livraria. Eu não posso acreditar que você está lendo *O morro dos ventos uivantes* de novo. Você já não sabe ele de cor?

- Nem todos nós temos memória fotográfica - eu disse curtamente.

- Com memória fotográfica ou não, eu não entendo por que você gosta disso. Os personagens são só pessoas que arruinam a vida uns dos outros. Eu não consigo entender como Heathcliff e Cathy acabaram sendo comparados a casais como Romeu e Julieta ou Elizabeth Bennett e Sr. Darcy. Essa não é uma história de amor, é uma história de ódio.

- Você tem sérios problemas com os clássicos - eu disparei.

- Talvez seja porque eu não fico impressionado com antiguidades.

Ele sorriu, evidentemente satisfeito por ter me distraído.

- No entanto, honestamente, por que é que você lê isso de novo e de novo? - Os olhos dele estavam vívidos com real interesse agora, tentando - de novo - desvendar os complicados trabalhos da minha mente. Ele se inclinou na mesa pra pegar o meu rosto nas mãos dele. - Por que isso é apelativo pra você?

A sincera curiosidade dele me desarmou.

- Eu não tenho certeza - eu disse, lutando pra ser coerente enquanto o olhar dele não intencionalmente confundia os meus pensamentos. - É alguma coisa relacionada a inevitabilidade. Como nada consegue mantê-los separados, nem o egoísmo dela, nem o mau dele, e no fim, nem mesmo a morte...

O rosto dele estava pensativo enquanto ele pensava nas minhas palavras. Depois de um momento, ele deu um sorriso de zombaria.

- Eu ainda preferiria se um deles tivesse uma qualidade que os redimisse.

- Eu acho que é disso que eu estou falando - eu discordei. - O amor deles é a única qualidade que os redime.

- Eu espero que você tenha mais senso que isso. se apaixonar por alguém tão... maligno.

- É um pouco tarde pra me preocupar com a pessoa pela qual eu vou me apaixonar - eu apontei. - Mas mesmo sem o aviso, eu pareço ter me saído muito bem.

Ele riu baixinho.

- Eu me alegro que *você* pense isso.

- Bem, eu espero que você seja esperto o suficiente pra ficar longe de alguém tão egoísta. A fonte de todo o problema na verdade é Catherine, não Heathcliff.

- Eu vou ficar de olho - ele prometeu.

Eu suspirei. Ele era muito bom com distrações.

Eu coloquei a minha mão em cima da dele pra segurá-la no meu rosto.

- Eu preciso ver Jacob.

Ele fechou os olhos.

- Não.

- Não é assim tão perigoso - eu disse, implorando de novo. - Ei, eu costumava passar o tempo inteiro em La Push com eles e nada nunca aconteceu.

Mas eu cometi um desliz: minha voz falhou no final, porque eu me dei conta de que estava dizendo palavras que não eram verdade. Não era verdade que *nada* nunca aconteceu. Um breve

flash de memória - um enorme lobo cinza se preparando pra saltar, mostrando seus dentes afiados como facas pra mim - fez as palmas das minhas mãos suarem com o eco do pânico lembrado.

Edward ouviu o meu coração acelerar e balançou a cabeça como se eu tivesse desmentido tudo em voz alta.

- Lobisomens são instáveis. Às vezes as pessoas que estão por perto acabam se machucando. Às vezes, elas morrem.

Eu queria negar isso, mas outra imagem parou a minha resposta. Eu vi em minha cabeça o rosto da um dia linda Emily Young, agora marcada por um trio de cicatrizes escuras que arrastavam o canto do seu olho direito e da sua boca que ficaram presos pra sempre numa careta permanente.

Ele esperou, presumidamente triunfante, que eu encontrasse a minha voz.

- Você não os conhece - eu sussurrei.

- Eu os conheço melhor do que você pensa, Bella. Eu estava lá da última vez.

- Da última vez?

- Nós começamos a cruzar caminhos com os lobisomens há cerca de setenta anos... Nós havíamos acabado de chegar em Hoquiam. Isso foi antes de Alice e Jasper estarem conosco. Nós éramos um número maior que eles, mas isso não impediria que a coisa se tornasse uma briga se não fosse por Carlisle. Ele conseguiu convencer Ephraim Black de que coexistir era possível, e eventualmente nós fizemos a trégua.

O nome do bisavô de Jacob me surpreendeu.

- Nós pensamos que a linhagem havia morrido com Ephraim - Edward murmurou; agora parecia que ele estava falando pra si mesmo. - Pensamos que a genética que permite a mutação estava perdida... - Ele parou e olhou pra mim acusadoramente. - A sua má sorte parece ficar mais forte a cada dia. Será que você se dá conta de que sua tendência insaciável a todas as coisas letais foi forte o suficiente pra recuperar um bando de caninos mutantes em extinção? Se nós pudéssemos colocar a sua má sorte em uma garrafa, nós teríamos uma arma de destruição em massa em nossas mãos.

Eu ignorei a piada, minha atenção ficou presa na suposição dele - ele estava falando sério?

- Mas não fui *eu* quem os trouxe de volta. Você não sabe?

- Sabe do que?

- A minha má sorte não tem nada a ver com isso. Os lobisomens voltaram porque os vampiros voltaram.

Edward me encarou, seu corpo ficou imóvel com a surpresa.

- Jacob me disse que a sua família estar aqui fez as coisas se movimentarem. Eu pensei que você já sabia...

Os olhos dele se estreitaram.

- É isso que eles pensam?

- Edward, olhe para os fatos. Há setenta anos atrás você veio pra cá e os lobisomens apareceram também. Você voltou agora e os lobisomens apareceram de novo. Você acha que é coincidência?

Ele piscou e o seu olhar relaxou.

- Carlisle ficará interessado nessa teoria.

- Teoria - eu zombei.

Ele ficou em silêncio por um momento, olhando pela janela para a chuva; eu imaginei que ele estava contemplando a idéia de que a presença dele e de sua família estava transformando os moradores locais em cachorros gigantes.

- Interessante, mas não exatamente relevante - ele murmurou de repente. - A situação continua a mesma.

Eu podia traduzir isso facilmente: nada de amigos lobisomens.

Eu sabia que tinha de ser paciente com Edward. Não era que ele não estava sendo razoável, é só que ele não conseguia *entender*. Ele não fazia idéia do quanto eu devia a Jacob Black - minha

vida muitas vezes acabada, e possivelmente a minha sanidade também. Eu não queria mais falar desses tempos estéreis, e Edward especialmente também não. Ele estava apenas tentando me salvar quando foi embora, tentando salvar minha alma.

Eu não o responsabilizava por todas as coisas estúpidas que havia feito na ausência dele, ou pela dor que eu sofri. Ele se responsabilizava.

Então eu teria que colocar a minha explicação em palavras muito cuidadosamente. Eu me levantei e rodeei a mesa, ele abriu os braços e eu me sentei no colo dele, me aconchegando no seu abraço frio como pedra. Eu olhei para as mãos dele enquanto falava.

- Por favor, me ouça por um minuto. Isso é muito mais do que um gesto de caridade com um amigo antigo. Jacob está *sofrendo*. - Minha voz se contorceu na palavra. - Eu não posso *não* tentar ajudá-lo, eu não posso desistir dele agora, quando ele precisa de mim. Só porque ele não é humano o tempo inteiro... Bem, ele estava lá por mim quando eu estava... - Eu hesitei. Os braços de Edward estavam rígidos ao meu redor; as mãos dele estavam nos punhos agora, os tendões dele se destacam. - Se Jacob não tivesse me ajudado... Eu não tenho certeza do que você encontraria ao voltar pra casa. Eu tenho que tentar melhorar as coisas. Eu devo-lhe mais que isso, Edward.

Eu olhei para o rosto dele cautelosamente. Os olhos dele estavam fechados e a mandíbula dele estava trincada.

- Eu nunca vou me perdoar por ter te deixado - ele murmurou - Nem se eu viver cem mil anos.

Eu coloquei a minha mão no seu rosto frio e esperei até que ele suspirou e abriu os olhos.

- Você só estava tentando fazer a coisa certa, e eu tenho certeza de que teria funcionado com alguém menos louco que eu. Além do mais, você está aqui agora. Essa é a parte que importa.

- Se eu não tivesse ido embora, você não estaria tendo que arriscar sua vida pra confortar um cachorro.

Eu vacilei. Eu estava acostumada a Jacob e os seus apelidos pejorativos - *sugador de sangue, sanguessuga, parasita*... De alguma forma, eles pareciam mais ofensivos na voz aveludada de Edward.

- Eu não sei como frasear isso apropriadamente - Edward disse, e o tom dele ficou vazio. - Vai soar cruel, eu acho. Mas eu já cheguei perto de te perder no passado. Eu sei como me sinto só de pensar nisso. Eu não vou tolerar nada perigoso.

- Você precisa confiar em mim nisso. Eu vou ficar bem.

O rosto dele demonstrou dor de novo.

- Por favor, Bella - ele sussurrou.

Eu olhei dentro dos seus olhos dourados, repentinamente flamejantes. - Por favor o que?

- Por favor, por mim. Faça um esforço consciente pra se manter em segurança. Eu farei tudo o que puder, mas eu apreciaria um pouco de ajuda.

- Eu vou trabalhar nisso - eu murmurei.

- Você realmente tem alguma idéia do quanto é importante pra mim? Algum conceito do quanto eu te amo? - Ele me segurou com mais força contra o peito, colocando a minha cabeça embaixo do queixo dele.

Eu pressionei meus lábios no pescoço frio como neve dele.

- Eu sei o quanto eu amo *você* - eu respondi.

- Você está comparando uma pequena árvore a uma floresta inteira.

Eu revirei meus olhos, mas ele não podia ver.

- Impossível.

Ele beijou o topo da minha cabeça e suspirou.

- Nada de lobisomens.

- Eu não vou seguir isso. Eu tenho que ver Jacob.

- Então eu vou ter que te impedir.

Ele parecia extremamente confiante de que isso não seria um problema.

Eu tinha certeza de que ele estava certo.

- Nós veremos isso - eu blefei do mesmo jeito. - Ele ainda é meu amigo.

Eu podia sentir o bilhete de Jacob no meu bolso, como se de repente ele pesasse dez quilos. Eu podia ouvir as palavras na voz dele, e ele parecia concordar com Edward - coisa que jamais aconteceria na realidade.

Isso não muda nada. Desculpe.

2. FUGA

Eu me senti estranhamente contente enquanto caminhava da aula de Espanhol em direção ao refeitório, e não era só porque eu estava de mãos dadas com a pessoa mais perfeita do planeta, apesar de que essa era certamente parte da razão.

Talvez fosse o conhecimento de que a minha sentença estava acabada e eu era uma mulher livre novamente.

Ou talvez não tivesse nada a ver comigo especificamente. Talvez fosse a atmosfera de liberdade que pairava sobre o campus inteiro. As aulas estavam acabando e, especialmente para a classe do último ano, havia uma alegria perceptível no ar.

A liberdade estava tão próxima que era tocável, degustável. Os sinais dela estavam em todo lugar. Posters se amontoavam nas paredes do refeitório, e as latas de lixo usavam uma vestimenta colorida amontoadas de panfletos: lembretes pra comprarmos os livros do ano, anéis de classes, e anúncios; prazos para as roupas da formatura, chapéus e borlas; panfletos de vendas cor de néon – a campanha dos alunos calouros para a coordenação da sala; anúncios mau-agourentos, decorados com rosas, sobre o baile desse ano. O grande baile era no próximo fim de semana, mas eu tinha uma promessa inquebrável de Edward de que eu não seria submetida àquilo de novo. Afinal de contas, eu já havia passado por *aquela* experiência humana.

Não, devia ser a minha liberdade pessoal que me iluminava hoje. O fim do calendário escolar não me trouxe o mesmo prazer que parecia trazer aos outros alunos. Na verdade, eu me sentia nervosa a ponto de sentir náuseas toda vez que pensava nisso. Eu tentava *não* pensar nisso.

- Você já enviou seus convites? - Angela perguntou quando Edward e eu nos sentamos em nossa mesa. Ela tinha o cabelo castanho claro preso para trás em um rabo-de-cavalo em vez de seu lizo natural, e havia um olhar ligeiramente frenético em seus olhos.

Alice e Ben já estavam lá também, cada um em um lado de Angela. Ben estava atento a um Gibi, seus óculos escorregando pelo seu nariz fino. Alice estava examinando meu Jeans-e-camiseta sem graça de um jeito que me deixou constrangida. Provavelmente planejando outro look. Eu suspirei. Minha atitude indiferente em relação à moda aborrecia Alice. Se eu deixasse, ela amaria me vestir todo dia – talvez várias vezes ao dia – como alguma boneca de papel tridimensional extra-grande.

- Não - eu respondi a Angela. - Não faz sentido, de verdade. Renée sabe quando eu me formo. Quem mais há?

- E você, Alice?

Alice sorriu. - Tudo feito.

- Sorte sua. - Angela suspirou. - Minha mãe tem uns mil primos e espera que eu escreva o endereço para todo mundo. Vou ficar com dor no pulso. Eu não posso adiar muito isso e estou meio assustada.

- Eu posso ajudá-la - Eu me ofereci. - Se você não se importar com a minha letra horrível.

Charlie gostaria disso. Pelo canto do olho, viu Edward sorrir. Ele devia gostar daquilo também - de mim cumprindo as condições de Charlie sem envolver lobisomens.

Angela pareceu aliviada. - Que legal da sua parte. Eu virei a qualquer hora que você quiser.

- Na verdade, eu prefiro ir à sua casa se estiver tudo bem, Estou cansada da minha. Charlie me liberou noite passada. - Eu sorri enquanto contava as boas notícias.

- Sério? - Angela perguntou, um suave excitação iluminou seus olhos castanhos sempre gentis - Pensei que você tinha dito que estava de castigo pelo resto da vida.

- Estou mais surpresa que você. Eu tinha certeza que iria pelo menos ter terminado o ensino médio antes de ele me deixar livre.

- Bem, isso é ótimo, Bella! Nós temos que sair para comemorar.

- Você tem idéia de como isso é bom.

- O que deveríamos fazer? - Alice meditou, sua face se iluminando com as possibilidades. As idéias de Alice geralmente eram um pouco grandiosas para mim, e eu podia ver isso em seus olhos agora – a tendência de fazer coisas longe demais virando ação.

- O que quer que você esteja pensando, Alice, eu duvido que esteja livre para isso.
- Livre é livre, certo? - ela insistiu.
- Tenho certeza que eu ainda tenho limites, como o continente estado-unidense, por exemplo.

Angela e Ben riram, mas Alice fez uma careta de verdadeiro desapontamento.

- Então o que nós vamos fazer hoje à noite? - ela persistiu.

- Nada. Olhe, vamos dar uns dois dias para ter certeza de que ele não estava brincando. É uma noite de escola, de qualquer forma.

- Nós vamos comemorar esse final de semana, então. - O entusiasmo de Alice era impossível de reprimir.

- Claro – eu disse, esperando aplacá-la. Eu sabia que não estava indo fazer nada longe demais; seria mais seguro ir devagar com Charlie. Dar a ele a chance de avaliar quão merecedora de confiança e madura eu era antes de pedir qualquer favor.

Angela e Alice começaram a falar sobre opções; Ben se juntou à conversa, colocando seu Gibi de lado. Minha atenção se desviou. Eu estava surpresa por descobrir que o assunto da minha liberdade de repente não era tão agradável quanto há apenas um momento atrás. Enquanto eles discutiam coisas para fazer em Port Angeles ou talvez em Hoquiam, eu comecei a me sentir decepcionada.

Não demorei muito para determinar de onde veio minha impaciência.

Desde quando eu disse adeus para Jacob Black na floresta além da minha casa, eu tinha sido infeccionada por uma persistente e desconfortável invasão de uma figura mental específica. Ela entrava nos meus pensamentos em intervalos regulares como algum incômodo despertador programado para tocar a cada meia hora, enchendo minha cabeça com a imagem do rosto de Jacob contorcido de dor. Esta era a última memória que eu tinha dele.

Conforme a perturbadora visão me atingia novamente, eu sabia exatamente por que eu estava insatisfeita com a minha liberdade. Porque era incompleta.

Claro, eu estava livre para ir a qualquer lugar que eu quisesse – exceto La Push; livre para fazer qualquer coisa que eu quisesse – exceto ver Jacob. Olhei a mesa com desagrado. Tinha que haver algum tipo de território intermediário.

- Alice? Alice!

A voz de Angela me arrancou do meu devaneio. Ela estava agitando sua mão para frente e para trás diante do rosto pálido de Alice, olhando-a fixamente. A expressão de Alice era algo que eu reconhecia – uma expressão que produziu um automático choque de pânico dentro do meu corpo. O olhar vago em seus olhos me disse que ela estava vendo alguma coisa muito diferente da cena do refeitório mundando que nos cercava, mas algo de que cada pedaço era tão verdadeiro do seu próprio modo. Alguma coisa estava vindo, alguma coisa que aconteceria logo. Eu senti o sangue sumir do meu rosto.

Então Edward riu, um som muito natural, tranqüilo. Angela e Ben olharam em direção a ele, mas meus olhos estavam presos em Alice. Ela pulou de repente, como se alguém a tivesse chutado por debaixo da mesa.

- Já é hora de dormir, Alice? - Edward provocou.

Alice voltou a si novamente. - Desculpem, eu estava sonhando acordada, acho.

- Sonhar acordada é melhor do que encarar mais duas horas de aula. - Ben disse.

Alice voltou à conversa com mais animação que antes – só um pouquinho demais. Uma vez eu vi seus olhos se prenderem aos de Edward, só por um momento, e então ela olhou de volta para Angela antes que alguém mais notasse. Edward estava quieto, brincando inconscientemente com um fio do meu cabelo.

Eu esperei ansiosamente por uma chance de perguntar a Edward o que Alice tinha visto em sua visão, mas a tarde se passou sem que pudéssemos ficar um minuto do tempo a sós.

Isso parecia estranho para mim, quase proposital. Depois do almoço, Edward reduziu a velocidade do seu passo para acompanhar Ben, conversando sobre alguma tarefa que eu sabia que ele já tinha terminado. Então havia sempre alguém mais lá entre as aulas, embora nós

geralmente tivéssemos uns poucos minutos para nós mesmos. Quando o último sinal tocou, Edward iniciou uma conversa com Mike Newton de todas as pessoas, diminuindo o passo ao lado dele enquanto Mike se direcionava para o estacionamento. Eu me arrastava atrás, deixando Edward me rebocar adiante. Eu ouvia, confusa, enquanto Mike respondia às incomuns perguntas amigáveis de Edward. Parecia que Mike estava tendo problemas com o carro.

-... mas eu só repus a bateria. - Mike estava dizendo. Seu olhar lançava-se para frente e então de volta para Edward cautelosamente. Mistificado, assim como eu estava.

- Talvez sejam os cabos - Edward sugeriu.

- Talvez. Eu realmente não sei nada sobre carros. - Mike admitiu. - Eu preciso que alguém dê uma olhada, mas eu não posso deixar isso para Dowling.

Eu abri minha boca para sugerir meu mecânico, e então a fechei de novo. Meu mecânico estava ocupado esses dias – ocupado correndo por aí como um lobo gigante.

- Eu sei algumas coisas, eu posso dar uma olhada, se você quiser. - Edward ofereceu. - Só me permita deixar Alice e Bella em casa.

Mike e eu encaramos Edward juntos de bocas abertas.

- Hã... obrigado. - Mike murmurou quando ele se recuperou. - Mas eu tenho que ir trabalhar. Talvez uma outra hora.

- Absolutamente.

- Até mais. - Mike entrou em seu carro, sacudindo a cabeça em incredulidade.

O Volvo de Edward, com Alice já dentro, estava só dois carros à distância.

- O que foi *aquilo*? - eu murmurei enquanto Edward segurava a porta do passageiro para mim.

- Só sendo prestativo. - Edward respondeu.

E então Alice, esperando no banco de trás, estava tagarelando na maior velocidade.

- Você realmente não é *tão* bom mecânico, Edward. Talvez você devesse fazer Rosalie dar uma olhada nisso esta noite, apenas de modo que você pareça bom se Mike decidir deixar você ajudar, sabe. Não que não fosse ser divertido ver a cara dele se Rosalie descobrisse como ajudar. Mas desde que supõe-se que Rosalie esteja do outro lado do país fazendo faculdade, eu acho que essa não é a melhor idéia. Ruim demais. Embora eu suponha que, para o carro do Mike, você sirva. Só dentro dos tunings mais finos de um bom carro esportivo italiano você está fora do seu departamento. E falando da Itália e de carros esportivos que eu roubei lá, você ainda me deve um Porsche amarelo. Eu não sei se eu quero esperar pelo Natal...

Eu parei de ouvir depois de um minuto, deixando sua voz rápida se tornar só um zumbido ao fundo enquanto eu me concentrava no meu modo paciente.

Para mim, parecia que Edward estava tentando evitar minhas perguntas. Legal. Ele teria que ficar sozinho comigo breve o bastante. Era só uma questão de tempo.

Edward pareceu entender isso também. Ele deixou Alice na boca da garagem dos Cullen como o habitual, embora a esse ponto eu meio que esperava que ele a levasse à porta e a encaminhasse para dentro.

Enquanto ela saía, Alice lançou um olhar penetrante para o rosto dele. Edward parecia completamente tranquilo.

- Vejo você depois. - ele disse. E então, muito levemente, ele acenou com a cabeça.

Alice virou para desaparecer nas árvores.

Ele estava calado enquanto virava o carro em volta e conduzia de volta a Forks. Eu esperei, imaginando se ele iria começar. Ele não começou, e isso me deixou tensa. O que Alice tinha visto hoje no almoço? Algo que ele não queria me dizer, e eu tentei pensar numa razão pela qual ele iria guardar segredos. Talvez fosse melhor me preparar antes de perguntar. Eu não queria ficar fora de mim e deixá-lo pensar que eu não podia lidar com isso, o que quer que fosse.

Então nós dois ficamos em silêncio até voltarmos à casa de Charlie.

- A carga de dever de casa pode esperar por esta noite.

- Mmm - eu concordei.

- Você acha que eu possa entrar de novo?

- Charlie não se alterou quando você me buscou na escola.

Mas eu tinha certeza que Charlie iria ficar rapidamente zangado quando ele chegasse em casa e encontrasse Edward aqui. Talvez eu devesse fazer algo extra-especial para o jantar.

Lá dentro, eu subi as escadas e Edward me seguiu. Ele espreguiçou-se na minha cama e olhou fixamente para a janela, parecendo esquecer-se do meu nervosismo.

Eu arrumei minha mochila e liguei o computador. Havia um e-mail não respondido da minha mãe para eu me preocupar, e ela entrava em pânico quando eu demorava muito. Eu tamborilei meus dedos enquanto esperava pelo meu computador muito idoso acordar ruidosamente; eles batiam contra a mesa, rápidos e ansiosos.

E então os dedos dele estavam nos meus, segurando-os tranquilos.

- Nós estamos um pouco impacientes hoje? - ele murmurou.

Eu olhei para cima, tencionando fazer uma observação sarcástica, mas o rosto dele estava mais próximo do que eu esperava. Seus olhos dourados estavam queimando, afastados apenas centímetros, e sua respiração estava fria contra meus lábios abertos. Eu podia sentir o gosto do seu cheiro na minha língua.

Eu não consegui lembrar da resposta mordaz que eu quase tinha feito. Eu não conseguia lembrar do meu nome.

Ele não me deu a chance de me recuperar.

Se as coisas fossem do meu jeito, eu passaria a maior parte do meu tempo beijando Edward. Não havia nada que eu tivesse experimentado na minha vida que se comparasse à sensação dos lábios dele, frios e duros como mármore, mas sempre tão gentis, se movendo com os meus.

As coisas geralmente não eram do meu jeito.

Então me surpreendi um pouco quando seus dedos se entrelaçaram no meu cabelo, segurando meu rosto com eles. Meus braços se prenderam ao seu pescoço, e eu desejei que fosse mais forte – forte o bastante para mantê-lo prisioneiro aqui.

Uma mão escorregou para as minhas costas, me pressionando mais apertado contra seu peito de pedra. Mesmo sob seu suéter, a pele dele estava fria o bastante para me fazer tremer – era um tremor de satisfação, de felicidade, mas suas mãos começaram a afrouxar em resposta.

Eu sabia que eu tinha mais ou menos três segundos antes de ele suspirar e me empurrar para longe com jeito, dizendo alguma coisa sobre como nós tínhamos arriscado minha vida o suficiente por uma tarde. Aproveitando-me ao máximo dos meus últimos segundos, me pressionei mais para perto, moldando-me à forma dele. A ponta da minha língua traçou a curva do seu lábio inferior; era tão perfeitamente macio como se tivesse sido envernizado, e o gosto...

Ele colocou meu rosto longe do dele, quebrando meu abraço com facilidade – ele provavelmente não tinha nem percebido que eu estava usando toda a minha força.

Ele soltou um risinho uma vez, um som baixo, gutural. Seus olhos estavam resplandecentes com a excitação que ele tão rigidamente controlava.

- Ah, Bela. - Ele suspirou.

- Eu diria que sinto muito, mas eu não sinto.

- E eu deveria sentir muito por você não sentir muito, mas eu não sinto. Talvez eu devesse sentar na cama.

Exalei um pouco vertiginosamente. - Se você acha que isso é... necessário.

Ele deu um sorriso torto e se soltou.

Balancei a cabeça algumas vezes, tentando clareá-la, e voltei ao computador. Estava tudo animado e cantarolando. Bem, não cantorolando tanto quanto suspirando.

- Diz a Renée que eu estou mandando um oi.

- Com certeza.

Olhei atenciosamente o e-mail de Renée, sacudindo minha cabeça de vez em quando por conta de algumas maluquices que ela havia feito. Eu estava tão horrorizada e entretida quanto na primeira vez em que havia lido isto. Ela se esqueceu de como tinha medo de alturas até estar presa num pára-quedas e ter pulado com o instrutor. Me senti um pouco desapontada com Phil,

marido dela há quase dois anos, por permitir isso. Eu teria cuidado dela melhor. A conhecia melhor.

Tenho que finalmente deixá-los seguirem o próprio caminho, lembrei a mim. Tenho que deixá-los terem a própria vida...

Eu havia passado a maior parte de minha vida cuidando de Renée, afastando-a de suas loucuras o mais gentilmente possível. Sempre fui boa para minha mãe, me divertia com ela, até mesmo eu era um pouco condescendente a ela. Eu via a cornucópia de erros dela e ria comigo mesma. Renée avoada.

Eu era uma pessoa muito diferente de minha mãe. Alguém pensativa e cautelosa. A responsável, a adulta. Assim é como eu me via. Essa era pessoa que eu conhecia.

Com o sangue ainda palpitando em minha cabeça por conta do beijo de Edward, eu nem podia contar a maioria de erros que mudaram a vida de minha mãe. Tonta e romântica, havia se casado com um homem que ela apenas conhecia sem ter terminado o segundo grau, me tendo um ano depois. Ela sempre me jurou que não tinha nenhum arrependimento, que eu era o melhor presente que vida já havia lhe dado. E ela vivia me repetindo - pessoas inteligentes levam o matrimônio a sério. Pessoas ajuizadas vão para a faculdade e começam carreiras antes que de se aprofundem em um relacionamento. Ela sabia que eu nunca seria tão imprudente, estúpida e *provinciana*.

Trinquei meus dentes e tentei me concentrar enquanto respondia a carta dela.

Aí eu ví a primeira linha dela e me lembrei do porque de eu haver negligenciado escrever pra ela mais cedo.

Você não diz nada sobre Jacob há muito tempo., ela tinha escrito. *O que está acontecendo nesses dias?*

Charlie estava influenciando ela, eu tinha certeza.

Eu suspirei e tecliei rapidamente, respondendo à pergunta dela entre dois parágrafos menos sensíveis.

Jacob está bem, eu acho. Eu não o vejo muito; ele passa a maior parte do tempo com o seu bando de amigos lá em La Push ultimamente.

Sorrindo bobamente para mim mesma, eu acrescentei a saudação de Edward e apertei "send".

Eu não me dei conta de que Edward estava silenciosamente de pé atrás de mim até que eu desliguei o computador e me afastei da mesa. Eu estava prestes a passar um sermão nele por estar lendo por cima do meu ombro quando eu me dei conta de que ele não estava prestando atenção em mim. Ele estava examinando uma caixa achatada com fios encaracolados desordenadamente longe do quadrado principal de uma maneira que não parecia saudável pra o que quer que fosse. Depois de um segundo, reconheci o som para carros que Emmett, Rosalie e Jasper haviam me dado pelo meu último aniversário. Eu havia esquecido dos presentes que estavam escondidos embaixo de uma pilha crescente de poeira no chão do meu closet.

- Porque você fez *isso*? - ele perguntou com uma voz horrorizada.

- Ele não queria sair do painél.

- E você sentiu necessidade de torturá-lo?

- Você sabe como eu sou com ferramentas. Nenhuma dor foi inflingida intencionalmente.

Ele balançou a cabeça, o rosto dele era uma máscara falsa de tragédia. - Você o matou.

Eu levantei os ombros. - Oh, bem.

- Magoaria os sentimentos deles se eles vissem isso - ele disse. - Eu acho que foi bom você ter ficado confinada em casa. Eu vou ter que colocar outro no lugar antes que eles reparem.

- Obrigada, mas eu não preciso de um som chique.

- Não é para o seu bem que eu vou repô-lo.

Eu suspirei.

- Você não fez muito bom uso dos seus presentes de aniversário do ano passado - ele disse com uma voz estranha. De repente, ele estava se abanando com um retângulo rígido de papel.

Eu não respondi, com medo de que a minha voz fosse falhar. O meu desastroso aniversário de dezoito anos - com todas as suas consequências a longo prazo - não era uma coisa que eu fazia questão de lembrar, e eu estava surpresa por ele tê-lo mencionado. Ele era ainda mais sensível em relação a isso do que eu.

- Você se dá conta de que elas estão prestes a expirar? - ele perguntou, segurando o papel pra mim. Era outro presente, os vales para passagens de avião que Esme e Carlisle haviam me dado pra que eu pudesse visitar Renée na Flórida. Eu respirei fundo e respondi com uma voz vazia.

- Não. Eu havia esquecido de todos eles, na verdade.

A expressão dele estava cautelosamente luminosa e positiva; não havia nenhum traço de emoção mais profundo quando ele continuou. - Bem, nós ainda temos um pouco de tempo. Você foi liberada... e nós não temos planos para esse fim de semana, já que você se recusa a ir ao baile comigo. - Ele sorriu. - Porque não celebrar a sua liberdade desse jeito?

Eu ofeguei. - Indo para a Flórida?

- Você disse alguma coisa sobre o E.U continental ser permitido.

Eu encarei ele, suspeitosamente, tentando entender de onde isso tinha vindo.

- Bem? - ele quis saber. - Nós vamos ver Renée ou não?

- Charlie nunca vai permitir.

- Charlie não pode te impedir de visitar a sua mãe. Ela ainda tem a sua custódia primária.

- Ninguém tem minha custódia. Eu sou uma adulta.

Ele deu um sorriso brilhante. - Exatamente.

Eu pensei nisso por um breve minuto antes de decidir que a briga não valia a pena. Charlie ia ficar furioso - não porque eu ia visitar Renée, mas porque Edward ia vir comigo. Charlie não falaria comigo por meses, e eu provavelmente acabaria de castigo de novo. Eu definitivamente era esperta o suficiente pra nem sequer tocar no assunto. Talvez daqui a algumas semanas, como um favor pela formatura, ou alguma coisa assim.

Mas a idéia de ver minha mãe *agora*, e não semanas mais tarde, era difícil de resistir. Já fazia tanto tempo desde que eu ví Renée. E ainda mais tempo desde que eu a ví em circunstâncias prazerosas. A última vez em que eu estive com ela em Phoenix, eu passei o tempo inteiro em uma cama de hospital. Da última vez que ela havia vindo aqui, eu estive mais ou menos catatônica. Não exatamente a melhor memória pra deixar com ela.

E talvez, se ela visse o quanto eu estava feliz com Edward, ela podia dizer pra Charlie relaxar.

Edward observou o meu rosto enquanto eu considerava.

Eu suspirei. - Esse fim de semana não.

- Porque não?

- Eu não quero brigar com Charlie. Não tão pouco tempo depois de ele ter me perdoado.

As sobrancelhas dele se uniram. - Eu acho que esse fim de semana é perfeito - ele murmurou.

Eu balancei minha cabeça. - Outra hora.

- Você não é a única que esteve presa nessa casa, sabe? - Ele fez uma careta pra mim.

A suspeita retornou. Esse tipo de comportamento não era natural dele. Ele era tão impossivelmente altruísta; eu sabia que isso estava me deixando mimada.

- Você pode ir onde você quiser - eu apontei.

- O mundo exterior não possui nenhum interesse pra mim sem você.

Eu rolei os meus olhos à hiperbole.

- Eu estou falando sério - ele disse.

- Vamos ver o mundo exterior lentamente, tá certo? Por exemplo, nós podíamos começar com um filme em Port Angeles...

Ele rosnou. - Esqueça. Nós falaremos sobre isso mais tarde.

- Não há mais nada para falar.

Ele ergueu os ombros.

- Ok, então, novo assunto - eu disse. Eu quase havia me esquecido sobre as minhas preocupações dessa tarde, será que essa era a intenção? - O que Alice viu durante o almoço?

Os meus olhos estavam no rosto dele enquanto ele falava, medindo a sua reação.

A expressão dele estava composta; só havia uma leve dureza em seus olhos de topázio. - Ela viu Jasper em um lugar estranho, algum lugar ao sul, ela acha, perto da sua antiga... família. Mas ele não tem nenhuma intenção consciente de ir embora. - Ele suspirou. - Isso a deixou preocupada.

- Oh. - Isso não era nada próximo do que eu estivera esperando. Mas é claro que fazia sentido que Alice estivesse olhando para o futuro de Jasper. Ele era a alma gêmea dela, a sua verdadeira outra metade, eles não eram tão externos com o seu relacionamento quanto Rosalie e Emmett. - Porque você não me disse?

- Eu não me dei conta de que você havia percebido - ele disse. - Em qualquer caso, provavelmente não é nada importante.

A minha imaginação estava tristemente fora de controle. Eu havia pego uma tarde perfeitamente normal e havia distorcido tudo até que parecesse que Edward estava tentando esconder coisas de mim. Eu precisava de terapia.

Nós fomos lá pra baixo para fazer o nosso dever de casa, no caso de Charlie chegar mais cedo. Edward acabou em minutos; eu lutei laboriosamente com os meus cálculos até que eu decidí que estava na hora de fazer o jantar de Charlie. Edward ajudou fazendo caretas de vez em quando para os ingredientes crus - comida humana era praticamente repulsiva para ele. Eu fiz strogonoff com a receita da vovó Swan, porque eu estava sem idéias.

Charlie já parecia estar de bom humor quando chegou em casa. Ele nem começou com a sua maneira rude de tratar Edward. Edward se desculpou por não comer conosco, como sempre. O som do noticiário noturno vinha da sala da frente, mas eu duvidava que Edward realmente estivesse assistindo.

Depois de repetir três vezes, Charlie colocou os pés pra cima da cadeira reserva e cruzou as mãos contentemente em cima do seu estômago inchado.

- Isso estava ótimo, Bells.

- Eu estou feliz que você gostou. Como foi o trabalho? - Ele estava comendo com muita concentração antes para eu conseguir puxar conversa antes.

- Meio lento. Bem, mortalmente lento, na verdade. Mark e eu jogamos carta em boa parte da tarde - ele admitiu com um sorriso. - Eu venci, dezenove mãos para sete. E depois eu fiquei no telefone com Billy durante algum tempo.

Eu tentei manter minha expressão igual. - Como ele está?

- Bem, bem. As juntas dele estão o incomodando um pouco.

- Oh. Isso é uma pena.

- É. Ele nos convidou para uma visita esse final de semana. Ele estava pensando em chamar os Clearwaters e os Uleys também. Uma espécie de festinha...

- Huh - foi a minha resposta genial. Mas o que eu ia dizer? Eu sabia que não teria permissão para comparecer a uma festa de lobisomens, mesmo com supervisão do meu pai. Eu me perguntei se Edward teria um problema com Charlie andando por La Push. Ou será que ele iria supor que já que Charlie passaria mais tempo com Billy, que era apenas humano, o meu pai não estaria em perigo?

Eu me levantei e empilhei os pratos sem olhar para Charlie. Eu os coloquei na pia e liguei a água. Edward apareceu silenciosamente e pegou uma toalha de pratos.

Charlie suspirou e desistiu por um momento, apesar de eu imaginar que ele revisitaria o assunto assim que estivéssemos juntos de novo. Ele se pôs de pé e seguiu para a sala de TV, exatamente como na outra noite.

- Charlie - Edward disse num tom conversacional.

Charlie parou no meio da sua pequena cozinha. - Sim?

- Bella te contou que os meus pais deram passagens de avião pra ela em seu último aniversário, pra que ela pudesse visitar Renée?

Eu deixei cair o prato que eu estava esfregando. Ele resvalou no balcão e caiu no chão fazendo barulho. Ele não quebrou, mas melou a cozinha, e nós três, com água ensaboada. Charlie nem pareceu reparar.

- Bella? - Ele perguntou numa voz espantada.

Eu mantive os olhos no prato enquanto o pegava de volta. - É, eles me deram.

Charlie engoliu altamente, e então os olhos dele se estreitaram quando ele olhou de volta para Edward. - Não, ela nunca mencionou isso.

- Hmm - Edward murmurou.

- Há uma razão pra você ter tocado no assunto? - Charlie perguntou com um voz dura.

Edward ergueu os ombros. - Elas estão quase expirando. Eu acho que isso pode machucar os sentimentos de Esme se Bella não usar o presente dela. Não que ela fosse dizer alguma coisa.

Eu encarei Edward sem acreditar.

Charlie pensou por um minuto. - Provavelmente é uma boa idéia você ir visitar a sua mãe, Bella. Ela ia adorar. No entanto, eu estou surpreso que você não tenha falado nada sobre isso.

- Eu esqueci - eu admiti.

Ele fez uma careta. - Você esqueceu que alguém te deu passagens da avião?

- Mmm - eu murmurei vagamente, e me virei de volta para a pia.

- Eu percebi que você disse que *elas* estavam prestes a expirar, Edward - Charlie continuou.
- Quantas passagens os seus pais deram pra ela?

- Só uma pra ela... e uma pra mim.

O prato que eu derrubei dessa vez caiu na pia, então ele não fez muito barulho. Eu podia ouvir claramente o bufo afiado do meu pai enquanto ele exalava. O sangue correu para o meu rosto, cheio de irritação e vergonha. Porque Edward estava fazendo isso? Eu olhei para as bolhas na pia, entrando em pânico.

- Isso está fora de questão! - Charlie estava abruptamente enraivecido, gritando as palavras.

- Porque? - Edward perguntou, sua voz saturada com uma surpresa inocente. - Você disse que era uma boa idéia ela ver a mãe.

Charlie ignorou ele. - Você não vai a lugar algum com ele, mocinha! - ele gritou.

Eu me virei quando ele estava apontando um dedo para mim.

A raiva pulsou em mim automaticamente, uma reação instintiva ao tom dele.

- Eu não sou uma criança, pai. E eu não estou mais de castigo, lembra?

- Oh sim, está sim. Começando agora.

- Por quê?!

- Porque eu disse que sim.

- Eu preciso te lembrar de que sou legalmente adulta, Charlie?

- Essa é a minha casa, você segue as minhas regras!

O meu olhar ficou frio. - Se é isso que você quer. Você quer que eu me mude essa noite? Ou eu posso ter alguns dias para fazer as malas?

O rosto de Charlie ficou vermelho brilhante. Eu instantaneamente me sentí horrível por usar a tática de me mudar.

Eu respirei fundo e tentei fazer o meu tom ficar mais razoável. - Eu vou ficar de castigo sem reclamar quando eu tiver feito alguma coisa, pai, mas eu não vou pagar pelos seus preconceitos.

Ele gaguejou, mas conseguiu se manter coerente.

- Agora, eu sei que *você* sabe que eu tenho todos os direitos de ver a mamãe nos fins de semana. Você não pode me dizer honestamente que estaria contra o plano se eu estivesse indo com Alice ou Angela.

- Garotas - ele rosnou, com um movimento de cabeça.

- Você se incomodaria se eu levasse Jacob?

Eu só havia escolhido o nome porque eu sabia da preferência do meu pai por Jacob, mas eu rapidamente desejei não o ter feito; os dentes de Edward se trincaram com um estalo audível.

O meu pai lutou pra se recompor antes de responder. - Sim - ele disse com uma voz que não convencia. - Isso me incomodaria.

- Você é um péssimo mentiroso, pai.
- Bella...
- Não é como se eu estivesse fugindo pra Las Vegas pra ser uma garota de show ou algo assim. Eu vou ver a *mamãe*. - eu o lembrei. - Ela tem tanta autoridade paterna sobre mim quanto você.

Ele me passou um olhar contestador.

- Você está implicando alguma coisa sobre a capacidade de mamãe de cuidar de mim?

Charlie enrijeceu com a ameaça implícita na minha pergunta.

- É melhor você esperar que eu não mencione isso pra ela - eu disse.

- É melhor você não mencionar - ele avisou. - Eu não estou feliz com isso, Bella.

- Não ha nenhum motivo pra você ficar chateado.

Ele revirou os olhos, mas eu podia sentir que a tempestade estava acabada. Eu me virei pra tirar o ralo da pia. - Então o meu dever de casa está feito, o seu jantar está pronto, os pratos estão lavados, e eu não estou de castigo. Eu vou sair. Eu vou estar de volta antes das dez e meia.

- Onde você vai? - O rosto dele, quase de volta ao normal, ficou vermelho de novo.

- Eu não tenho certeza - eu admití. - No entanto, eu me mantereí num raio de dez milhas.

Tudo bem?

Ele rosou alguma coisa que não soou como uma aprovação, e marchou pra fora da sala.

Naturalmente, assim que terminei de vencer a briga, eu comecei a me sentir culpada.

- Nós vamos sair? - Edward perguntou, a voz dele estava baixa mas entusiasmada.

Eu me virei para encará-lo. - Sim. Eu acho que gostaria de falar com você *a sós*.

Ele não pareceu tão apreensivo quanto eu achei que ele deveria estar.

Eu esperei pra começar quando estávamos seguramente no carro dele.

- O que foi *aquilo*? - Eu quis saber.

- Eu sei que você quer ver a sua mãe, Bella, Você estava falando sobre ela no sono.

Preocupada na verdade.

- Tenho?

Ele balançou a cabeça. - Mas claramente você era covarde demais pra lidar com Charlie, então eu intercedí em seu nome.

- Intercedeu? Você atirou para os tubarões!

Ele rolou os olhos. - Eu não acho que você estava em perigo.

- Eu te disse que não queria brigar com Charlie.

- Ninguém disse que você precisava.

Eu encarei ele. - Eu não consigo me segurar quando ele fica mandão daquele jeito, os meus instintos naturais de adolescente me dominam.

Ele gargalhou. - Bem, isso não é culpa minha.

Eu olhei pra ele, especulando. Ele não pareceu notar. O rosto dele estava sereno enquanto ele olhava para o para-brisa. Algo estava estranho, mas eu não conseguia identificar o que. Ou talvez fosse só a minha imaginação de novo, correndo selvagem como tinha feito essa tarde.

- Essa urgência de ir para a Flórida tem alguma coisa a ver com a festa na casa de Billy?

A mandíbula dele flexionou. - Absolutamente nada. Não importaria se você estivesse aqui ou do outro lado do mundo, você ainda não iria.

Era como havia sido com Charlie antes - sendo tratada como uma criança mal comportada. Eu apertei os meus dentes pra não começar a gritar. Eu não queria brigar com Edward também.

Edward suspirou, e quando ele falou a voz dele era cálida e macia novamente.

- Então o que você quer fazer essa noite? - ele perguntou.

- Podemos ir à sua casa? Já faz tanto tempo que eu não vejo Esme.

Ele sorriu. - Ela vai gostar disso. Especialmente quando ela ouvir o que vamos fazer esse fim de semana.

Eu rosnei em defesa.

Nós não ficamos fora até tarde, assim como eu prometi. Eu não fiquei surpresa de ver as luzes ainda acesas quando nós paramos na frente da casa - eu sabia que Charlie estaria esperando pra gritar um pouco mais comigo.

- É melhor você não entrar - eu disse. - Isso só vai piorar as coisas.

- Os pensamentos dele estão relativamente calmos - Edward zombou. A expressão dele me fez imaginar se havia alguma piada que eu estava perdendo. Os cantos dos lábios dele se contorciam, lutando com um sorriso.

- Eu te vejo mais tarde - eu murmurei mal humorada.

Ele riu e beijou o topo da minha cabeça. - Eu vou voltar quando Charlie estiver roncando.

A TV estava alta quando eu entrei. Eu considerei brevemente tentar me arrastar pra passar por ele.

- Você pode vir aqui, Bella? - Charlie chamou, estragando o plano.

Os meus pés se arrastavam enquanto eu dava os cinco passos necessários.

- O que foi, pai?

- Você se divertiu essa noite? - ele perguntou. Ele parecia doente de tranquilidade. Eu procurei pelos significados nas palavras dele antes de responder.

- Sim - eu disse hesitantemente.

- O que você fez?

Eu levantei os ombros. - Saí com Alice e Jasper. Edward venceu Alice no xadrez, e depois eu joguei com Jasper. Ele me enterrou.

Eu sorri. Edward e Alice jogando xadrez era a coisa mais engraçada que eu já tinha visto. Eles sentavam lá praticamente imóveis, olhando para o tabuleiro, enquanto Alice previa os movimentos que ele faria e ele escolhia fazer os movimentos que ela escolhia em retorno na mente dela. Eles jogavam a maior parte do jogo nas mentes deles; eu acho que eles haviam mexido duas peças quando Alice de repente jogou o rei dela e se rendeu. Tudo isso levou três minutos.

Charlie apertou o botão de "mudo" - uma ação estranha.

- Olha, tem uma coisa que eu preciso dizer - Ele fez uma careta, parecendo muito desconfortável.

Eu sentei ereta, esperando. Ele encontrou meu olhar por um segundo antes de passar os olhos dele para o chão. Ele não disse mais nada.

- O que é, pai?

Ele supirou. - Eu não sou bom com esse tipo de coisa. Eu não sei como começar...

Eu esperei de novo.

- Ok, Bella. O negócio é o seguinte. - Ele se levantou do sofá e começou a andar pra frente e pra trás pela sala, olhando pro pés dele o tempo inteiro.

- Você e Edward parecem ser bastante sérios, e existem coisas com as quais você precisa ter cuidado.. Eu sei que você é uma adulta agora, mas você ainda é jovem, Bella, e existe um monte de coisas importantes que você precisa saber quando você... bem, quando você se envolver fisicamente com...

- Oh, por favor, *por favor* não! - eu implorei, ficando de pé. - Por favor me diga que você não está tentando ter uma conversa sobre sexo comigo, Charlie.

Ele olhou para o chão. - Eu sou o seu pai. Eu tenho responsabilidades. Lembre-se, eu estou tão envergonhado quanto você.

- Eu não acho que isso seja humanamente possível. De qualquer forma, a mamãe já se encarregou disso a cerca de dez anos atrás. Você está atrasado.

- Você não tinha um namorado a dez anos atrás - ele murmurou sem querer. Eu podia reparar que ele estava batalhando com a sua vontade de esquecer o assunto. Nós dois estávamos de pé, olhando para o chão, e desviando o olhar um do outro.

- Eu não acho que as coisas essenciais tenham mudado tanto assim - eu murmurei, e o meu rosto tinha que estar tão vermelho quanto o dele estava. Isso estava além do sétimo círculo de

Hades; pior ainda era me dar conta de que Edward sabia que isso ia acontecer. Não é de admirar que ele estivesse se divertindo no carro.

- Só me diga que você dois estão sendo responsáveis - Charlie implorou, obviamente desejando que um buraco se abrisse no chão pra que ele caísse nele.

- Não se preocupe, pai, não é assim.

- Não que eu não confie em você, Bella, mas eu sei que você não quer me contar nada sobre isso, e você sabe que eu realmente não quero ouvir. No entanto, eu tentarei ser mente aberta. Eu sei que os tempos mudaram.

Eu ri estranhamente. - Talvez os tempos tenham, mas Edward é muito antiquado. Você não tem nada com o que se preocupar.

Charlie suspirou. - É claro que ele é - ele murmurou.

- Ugh! - eu rugí. - Eu realmente queria que você não estivesse me forçando a dizer isso, pai. *Realmente*. Mas...eu sou... virgem, e eu não tenho planos imediatos para mudar esse status.

Nós dois enrijecemos, mas aí o rosto de Charlie ficou suave. Ele pareceu acreditar em mim.

- Posso ir a para a cama agora? *Por favor?*

- Em um minuto - ele disse.

- Aw, por favor, pai? Eu estou implorando.

- A parte embaraçosa já passou, eu prometo - ele me assegurou.

Eu olhei para ele, e fiquei feliz por ele parecer mais relaxado, que o rosto dele estava de volta a cor regular. Ele afundou no sofá, suspirando de alívio por ele ter passado pelo seu discurso sobre sexo.

- O que é agora?

- Eu só queria saber como anda aquela coisa de equilíbrio.

- Oh. Bem, eu acho. Eu fiz planos com Angela hoje. Eu vou ajudar ela com os anúncios da formatura. Só nós garotas.

- Isso é bom. E quanto a Jake?

Eu suspirei. - Eu ainda não arranjei isso, pai.

- Continue tentando, Bella. Eu sei que você fará a coisa certa. Você é uma pessoa boa.

Isso foi golpe baixo.

- Claro, claro - eu concordei. A resposta automática quase me fez sorrir, isso foi uma coisa que eu aprendi com Jacob. Eu até usei o mesmo tom padronizado que ele usava com o pai.

Charlie deu um sorriso e religou o som. Ele afundou mais nas almofadas, satisfeito com o seu trabalho dessa noite. Eu podia notar que ele ficaria acompanhando esse jogo por um bom tempo.

- Boa noite, Bells.

- Te vejo de manhã! - Eu corri pelas escadas.

Edward já tinha ido embora a muito tempo e não voltaria até Charlie estar dormindo, ele provavelmente estava lá fora caçando ou fazendo qualquer coisa para passar o tempo, então eu não tive pressa de tirar a roupa para ir pra cama. Eu não estava com humor pra ficar sozinha, mas eu certamente não ia descer e ficar com o meu pai, só no caso de ainda haver algum tópico no assunto do sexo que ele ainda não tenha tocado antes; eu tremí.

Então, graças a Charlie, eu estava ferida e ansiosa. O meu dever de casa estava pronto e eu não estava melodramática o suficiente pra ler ou ouvir música.

Eu considerei ligar para Renée com as notícias da minha visita, mas aí eu me dei conta de que eram três horas a mais na Flórida, e ela devia estar dormindo.

Eu podia ligar pra Angela, eu achei.

Mas de repente eu me dei conta de que não era com Angela que eu queria falar.

Que eu precisava falar.

Eu olhei para a janela negra vazia, mordendo o meu lábio. Eu não sei quanto tempo eu fiquei lá pensando os prós e os contras - fazer a coisa certa em relação a Jacob, ver o meu amigo mais próximo de novo, ser uma boa pessoa, versus fazer Edward ficar furioso comigo. Dez minutos talvez. Tempo suficiente pra decidir que os prós eram válidos e que os contras não eram.

Edward só estava preocupado com a minha segurança, e eu sabia que não havia realmente um problema nesse sentido. O telefone não ajudava em nada; Jacob se recusava a atender os meus telefonemas desde que Edward retornou.

Além do mais, eu precisava vê-lo - ver ele sorrindo do jeito que ele costumava fazer. Eu precisava repor aquela terrível última memória do rosto dele condoído e se contorcendo de dor se um dia eu quisesse voltar a ter paz de espírito.

Eu provavelmente tinha uma hora. Eu podia ir correndo até La Push e estar de volta antes que Edward se desse conta que eu havia saído. Já passava do meu toque de recolher, mas será que Charlie realmente se preocuparia com isso quando Edward não estava envolvido? Havia um jeito de descobrir.

Eu agarrei o meu casaco e passei os meus braços pelas mangas e corri pelas escadas.

Charlie olhou pra cima do jogo, instantaneamente suspeito.

- Você se importa se eu for ver Jake essa noite? - eu perguntei sem fôlego. - Eu não vou demorar.

Assim que eu disse o nome de Jake, a expressão de Charlie relaxou em um sorriso bobo. Ele não parecia surpreso pelo discurso dele fazer efeito tão rapidamente.

- Claro, gurria. Sem problema. Pode ficar fora o quanto quiser.

- Obrigada, pai - eu disse enquanto saía pela porta.

Como qualquer fugitiva, eu não pude deixar de olhar por cima do ombro algumas vezes enquanto corria para a minha caminhonete, mas a noite estava tão escura que na verdade não havia sentido nisso. Eu tive que sentir o caminho na lateral da caminhonete até encontrar a maçaneta.

Os meus olhos estavam apenas começando a se ajustar enquanto eu colocava as chaves na ignição. Eu girei elas com força para a esquerda, mas ao invés de ligar rosnando alto, o motor só fez um clique. Eu tentei de novo com os mesmos resultados.

E aí um pequeno movimento na minha visão periférica me fez pular.

- Gah! - eu ofeguei de choque quando me dei conta de que não estava sozinha na cabine.

Edward estava sentado muito rígido, um fraco ponto brilhante na escuridão, só as mãos dele se moviam enquanto ele girava um misterioso objeto preto pra lá e pra cá. Ele olhava para o objeto enquanto falava.

- Alice ligou - ele murmurou.

Alice! Droga. Eu tinha me esquecido de levá-la em conta nos meus planos. Ele devia ter pedido pra ela ficar me vigiando.

- Ela ficou nervosa quando o seu futuro desapareceu abruptamente há cinco minutos atrás.

Meus olhos, já arregalados de surpresa, abriram ainda mais.

- Porque ela não consegue ver os lobisomens, sabe - ele explicou com o mesmo murmúrio baixo. - Você tinha esquecido isso? Quando você resolve juntar o seu destino ao deles, você desaparece também. Você não podia saber dessa parte, eu me dou conta disso. Mas será que você pode entender que isso pode me deixar um pouco... ansioso? Alice te viu desaparecer, e ela nem podia me dizer se você voltaria pra casa ou não. O seu futuro ficou perdido, assim como o deles. Nós não temos certeza de porque isso acontece. Alguma defesa natural com a qual eles nasceram? - Ele falava como se estivesse falando sozinho agora, ainda olhando para o pedaço do motor da minha caminhonete enquanto ele o girava nas mãos. - Isso não parece ser inteiramente provável, já que eu não tive nenhum problema em ler a mente deles. Da de Black, pelo menos. A teoria de Carlisle é de que a vida deles é muito governada pela transformação. É mais uma reação involuntária do que uma decisão. É altamente imprevisível, e isso muda tudo neles. Naquele instante quando eles se transformam de um para outro, eles nem sequer existem. O futuro não pode mantê-los...

Eu escutei os pensamentos dele em silêncio de pedra.

- Eu vou reconcertar o seu carro a tempo para a escola amanhã, no caso de você querer ir sozinha - ele me assegurou depois de um minuto.

Com os meus lábios grudados um no outro, eu retirei as minhas chaves rapidamente e saí da cabine rigidamente.

- Feche a janela se você quiser que eu fique longe essa noite. Eu vou entender - ele sussurrou bem antes de eu bater a porta.

Eu entrei em casa, batendo a porta também.

- Qual é o problema? - Charlie quis saber do sofá.

- A caminhonete não quer ligar - eu rosnei.

- Quer que eu dê uma olhada?

- Não. Eu vou tentar de manhã.

- Quer usar o meu carro?

Eu não devia dirigir a viatura policial dele. Charlie devia estar muito desesperado pra eu ir à La Push. Quase tão desesperado quanto eu estava.

- Não. Eu estou cansada - eu murmurei. - Boa noite.

Eu subí as escadas me arrastando, e fui direto para a minha janela. Eu puxei e estrutura de metal com força - ela bateu quando fechou e o vidro tremeu.

Eu olhei para o vidro negro tremendo por um longo momento, até que ele parou. Aí eu suspirei e abri a janela o máximo que ela podia abrir.

3. MOTIVOS

O sol estava tão profundamente enterrado atrás das nuvens que não havia jeito de dizer se ele havia se posto ou não. Depois de um longo vôo – perseguindo o sol em direção ao oeste até que ele pareceu nem se mover no céu – isso foi especialmente desorientador; o tempo parecia estranhamente variável. Eu fui pega de surpresa quando a floresta deu lugar aos primeiros prédios, sinalando que estávamos quase em casa.

- Você estava muito quieta - Edward observou. - O avião te deixou enjoada?

- Não, eu estou bem.

- Você está triste por ir embora?

- Mais aliviada do que triste, eu acho.

Ele ergueu uma sobrancelha pra mim. Eu sabia que era inútil – e mesmo que eu não gostasse de admitir – desnecessário pedir que ele mantivesse os olhos na estrada.

Renée é muito mais... *perceptiva* do que Charlie de algumas maneiras. Isso estava me deixando inquieta.

Edward riu. - A sua mãe tem uma mente muito interessante. Quase infantil, mas muito intuitiva. Ela vê as coisas diferente das outras pessoas.

Intuitiva. Essa era uma boa descrição da minha mãe – quando ela estava prestando atenção. Na maior parte do tempo Renée estava tão perplexa com a sua própria vida que ela não reparava muito nas outras coisas. Mas esse fim de semana ela esteve prestando bastante atenção em mim.

Phil estava ocupado – o time colegial de baseball que ele estava treinando estava nas semi finais – e estando sozinha com Edward e eu apenas aguçou os sentidos de Renée. Assim que os abraços e os gritinhos de deleite dela estavam fora do caminho, Renée começou a prestar atenção. E enquanto ela prestava atenção, seus grandes olhos azuis ficaram primeiro confusos e depois preocupados.

Essa manhã nós havíamos saído pra fazer uma caminhada na praia. Ela queria mostrar as belezas do novo lar dela, ainda esperando, eu acho, que o sol pudesse me atrair a sair de Forks.

Ela também queria falar comigo a sós, e isso foi facilmente arranjado. Edward havia inventado um trabalho de terminologia para dar a si mesmo uma desculpa pra ficar dentro de casa durante o dia.

Na minha cabeça, eu repassei a conversa de novo...

Renée e eu andamos pela calçada, tentando ficar ao alcance das sombras inconstantes que vinham das palmeiras. Apesar de ser cedo, o calor estava começando a se acumular. O ar estava tão pesado com a umidade que simplesmente inspirar e expirar já era um exercício para os meus pulmões.

- Bella? - minha mãe perguntou, olhando através da areia para as ondas quebrando enquanto falava.

- O que é, mãe?

Ela suspirou, sem me olhar nos olhos. - Eu estou preocupada...

- O que é? - eu perguntei, ficando imediatamente ansiosa. - O que eu posso fazer?

- Não sou eu. - Ela balançou a cabeça. - Eu estou preocupada com você... e Edward.

Renée finalmente olhou pra mim quando disse o nome dele, o rosto dela estava apologeticamente.

- Oh - eu murmurei, fixando o meu olhar num par de corredores enquanto eles passaram por nós, molhados de suor.

- Vocês dois são mais sérios do que eu estive pensando - ela continuou.

Eu fiz uma careta, rapidamente revendo os últimos dois dias na minha cabeça. Edward e eu mal nos tocamos – ns frente dela, pelo menos. Eu me perguntei se Renée ia me passar um sermão sobre responsabilidade também. Não me importava como com o de Charlie. Com a minha mãe isso não era vergonhoso. Afinal, era eu quem vivia passando esse sermão nela de vez em quando pelos últimos dez anos.

- Há alguma coisa... estranha com o jeito de vocês dois juntos - ela murmurou, a testa dela estava enrugando sobre os seus olhos confusos. - O jeito como ele olha pra você – é tão...

protetor. Como se ele estivesse prestes a se jogar na frente de uma bala pra te salvar ou algo assim.

Eu ri, apesar de ainda não ser capaz de olhá-la nos olhos. - Isso é uma coisa ruim?

- Não - ela fez uma careta enquanto lutava pra encontrar as palavras. - *Só é diferente*. Ele é muito intenso com você... e muito cuidadoso. Eu sinto como não entendesse realmente o relacionamento de vocês. Como se houvesse um segredo que eu estou perdendo...

- Eu acho que você está imaginando coisas, mãe. - Eu disse rapidamente, lutando pra manter minha voz leve. Havia um friozinho no meu estômago. Eu havia esquecido o quanto a minha mãe *via*. Alguma coisa na sua forma simples de ver o mundo ultrapassava todas as distrações e penetrava diretamente na verdade das coisas. Isso nunca foi um problema antes. Até agora, nunca houve um segredo que eu não pudesse contar pra ela.

- Não é só ele. - Ela juntou os lábios em defesa. - Eu queria que você pudesse ver como se move perto dele.

- O que você quer dizer?

- A forma como você se move, você se orienta ao redor dele sem nem sequer pensar nisso. Quando ele se move, mesmo que um pouco, você ajusta a sua posição ao mesmo tempo. Como imãs... ou gravidade. Você é como um satélite, ou algo assim. Eu nunca vi nada parecido.

Ela torceu os lábios e olhou pra baixo.

- Não me diga - eu zombei, forçando um sorriso. - Você está lendo mistérios de novo, não está? Ou dessa vez é ficção científica?

Renée corou em um rosa delicado. - A questão vai além disso.

- Achou algo bom?

- Bom, houve um, mas isso não importa. Nós estamos falando de você agora.

- Você devia continuar nos romances, mãe. Você sabe que você enlouquece.

Os lábios dela torceram pra cima nos cantos. - Eu estou sendo boba, não estou?

Por meio segundo, eu não pude responder. Renée era tão facilmente distraída. As vezes isso era uma coisa boa, porque nem todas as idéias dela eram práticas. Mas me machucou ver o quão rapidamente ela se rendia às minhas perguntas, especialmente já que ela estava absolutamente certa dessa vez.

Ela olhou pra cima, e eu controlei a minha expressão.

- Boba não, só sendo mãe.

Ela sorriu e depois fez um gesto largo na direção das areias brancas que se estendem para a água azul.

- E tudo isso não é suficiente pra fazer você voltar a morar com a sua mãe boba?

Eu bati a minha mão dramaticamente na minha testa, e depois fingi estar torcendo os meus cabelos.

- Você se acostuma com a umidade - ela prometeu.

- Você também pode se acostumar á chuva - eu apontei.

Ela me acotovelou de brincadeira e depois pegou a minha mão enquanto caminhávamos de volta para o carro.

Apesar das preocupações dela comigo, ela parecia feliz o suficiente. Contente. Ela ainda olhava para Phil com olhos abobalhados, e isso era reconfortante. Com certeza a vida dela era plena e satisfatória. Com certeza ela não sentia a minha falta tanto assim, mesmo agora...

Os dedos gelados de Edward alisavam a minha bochecha. Eu olhei pra cima, piscando, voltando para o presente. Ele se inclinou e me deu um beijo na testa.

- Você está em casa, Bela Adormecida. Hora de acordar.

Nós estávamos parados na frente da casa de Charlie. A luz da varanda estava acesa e a viatura estava parada na entrada de carros. Enquanto eu examinava a casa, eu vi a cortina se mexer na janela da sala de estar, jogando uma linha de luz amarela através da grama escura.

Eu suspirei. É claro que Charlie estava esperando para reclamar.

Edward deve ter pensado a mesma coisa, porque a expressão dele estava rígida e os olhos dele estavam remotos enquanto ele vinha abrir a porta pra mim.

- Quão ruim? - eu perguntei.

- Charlie não vai ser difícil - Edward prometeu, o nível de voz dele não continha humor. - Ele sentiu a sua falta.

Os meus olhos se estreitaram duvidosamente. Se esse era o caso, então porque Edward estava tenso como se para batalhar?

A minha mala era pequena, mas ele insistiu em carrega-la até em casa. Charlie segurou a porta aberta para nós.

- Bem vinda ao lar, guria! - Charlie gritou como se estivesse falando sério. - Como foi Jacksonville?

- Úmido. E com insetos.

- Então Renée não te convenceu a ir para a universidade da Flórida?

- Ela tentou. Mas eu prefiro beber água do que inalá-la.

Os olhos de Charlie se moveram sem vontade para Edward. - Você se divertiu?

- Sim - Edward respondeu numa voz serena. - Renée foi muito hospitaleira.

- Isso é... hum, bom. Fico feliz que vocês se divertiram. - Charlie virou de costas pra Edward e me puxou em um abraço inesperado.

- Impressionante - eu suspirei no ouvido dele.

Ele abafou um riso. - Eu realmente senti sua falta, Bells. A comida aqui é uma droga quando você não está.

- Eu vou cuidar disso - eu disse enquanto ele me soltava.

- Você poderia ligar para Jacob antes? Ele esteve me enchendo a casa cinco minutos desde as seis horas dessa manhã. Eu prometi que te faria ligar pra ele antes mesmo de desfazer as malas.

Eu não tive que olhar pra Edward pra saber que ele estava rígido demais, frio demais ao meu lado. Então esse era o motivo da tensão.

- Jacob quer falar comigo?

- Muito, eu diria. Ele não quis me dizer sobre o que era, só disse que era importante.

Então o telefone tocou, barulhento e insistente.

- É ele de novo, eu aposto o meu próximo salário - Charlie murmurou.

- Eu atendo. - Eu corri para a cozinha.

Edward me seguiu enquanto Charlie desaparecia na sala de estar.

Eu agarrei o telefone no meio do toque, e me virei até que fiquei encarando a parede. - Alô?

- Você está de volta - Jacob disse.

A familiar voz rouca dele mandou uma onda de por mim. Um milhão de memórias giraram na minha cabeça, se enroscando – uma praia cheia de pedras cercada de árvores de salgueiro, uma garagem feita de telhas de plástico, refrigerantes quentes em um saco de papel, uma sala pequena com uma poltrona pequena demais.

O sorriso em seus olhos profundos-muito pretos, o calor febril da mão grande dele, e o brilho dos seus dentes brancos em contraste com sua pele escura, o rosto dele se contraindo em um grande sorriso que sempre foi a chave para a porta secreta onde apenas bons espíritos eram permitidos de entrar.

Parecia ser uma espécie de saudade de casa, essa vontade do lugar e da pessoa que havia me protegido na minha noite mais escura.

Eu limpei o carço da minha garganta. – Sim - eu respondi.

- Porque você não me ligou? - Jacob quis saber.

O tom raivoso da voz dele rapidamente me trouxe de volta. - Porque eu estava em casa a exatamente quatro segundos e a sua ligação interrompeu Charlie que estava dizendo que você ligou.

- Oh. Desculpe.

- Claro. Agora, porque você está assediando Charlie?

- Eu preciso falar com você.

- É, eu descobri essa parte sozinha. Vá em frente.

Houve uma curta pausa.

- Você vai para a escola amanhã?

Eu fiz uma careta para mim mesma, incapaz de entender o sentido dessa pergunta. - É claro que vou. Porque não iria?

- Eu não sei. Só curioso.

Outra pausa.

- Então sobre o que você queria falar, Jake?

Ele hesitou. - na verdade nada, eu acho. Eu... eu queria ouvir a sua voz.

- É, eu sei. Eu estou *tão* feliz por você ter ligado. Eu... - Mas eu não sabia o que mais dizer. Eu queria dizer-lo que estava a caminho de La Push agora. E eu não podia dizê-lo isso.

- Eu tenho que ir - ele disse abruptamente.

- O que?

- Eu falo com você em breve, ta legal?

- Mas Jake...

Ele já tinha ido embora. Eu escutei o tom de discagem sem acreditar.

- Isso foi curto - eu murmurei.

- Está tudo bem? - Edward perguntou. A voz dele estava baixa e cuidadosa.

Eu me virei lentamente pra ele. A expressão dele estava perfeitamente suave – impossível de ler.

- Eu não sei. Eu me pergunto o que foi isso. - Não fazia sentido que Jake tivesse rondado Charlie o dia inteiro só pra me perguntar se eu ia para a escola. E se ele queria ouvir a minha voz, então porque ele desligou tão rápido?

- A sua suposição provavelmente é melhor do que a minha - Edward disse, a sombra de um sorriso aparecendo nos cantos da boca dele.

- Mmm - eu murmurei. Isso era verdade. Eu conhecia Jake por dentro e por fora. Não devia ser tão complicado descobrir as motivações dele.

Com os meus pensamentos a milhas de distância – cerca de quinze milhas de distância, na estrada para La Push – eu comecei a mexer na frigideira, misturando os ingredientes do jantar de Charlie. Edward se inclinou no balcão, e eu estava distantemente consciente dos olhos dele no meu rosto, mas preocupada demais para me preocupar com o que ele via lá.

A coisa da escola parecia ser a chave pra mim. Essa foi a única pergunta de verdade que Jake fez. E ele devia estar procurando a resposta para alguma coisa, senão ele não teria chateado Charlie tão insistentemente.

No entanto, porque o meu registro de presença era importante pra ele? Eu tentei pensar nisso de forma lógica. Então, se eu *não* estivesse indo para a escola amanhã, qual seria o problema com isso, na perspectiva de Jacob? Charlie me passou um pequeno sermão por perder um dia de aula tão perto das provas finais, mas eu o convenci de que uma Sexta não ia atrapalhar os meus estudos. Jake dificilmente se importaria com isso.

O meu cérebro se recusava a ter uma intuição brilhante. Talvez eu estivesse perdendo um pedaço vital de informação.

O que havia mudado nos últimos três dias que era tão importante a ponto de fazer Jacob quebrar o longo período de se recusar a atender meus telefonemas e entrar em contato comigo? Que diferença três dias podia fazer?

Eu congelei no meio da cozinha.

O pacote de hambúrguer congelado escorregou da minha mão pelos meus dedos entorpecidos. Me levou um lento segundo pra perder o barulho que ele devia ter feito ao bater no chão.

Edward o havia pego e atirado no balcão. Os braços dele já estavam ao meu redor, os lábios dele no meu ouvido.

- Qual é o problema?

Eu balancei minha cabeça, confusa.

Três dias podiam mudar tudo.

Eu não estava pensando no quanto a faculdade era impossível? Como eu não poderia nem chegar perto de pessoas durante os dolorosos três dias da conversão que ia me livrar da mortalidade, pra que eu pudesse passar a eternidade com Edward? A conversão que me faria pra sempre prisioneira da minha própria sede...

Será que Charlie tinha contado pra Billy que eu desapareci por três dias? Será que Billy tinha tirado conclusões? Será que Jacob realmente estava me perguntando se eu ainda era humana? Tendo certeza de que o trato dos lobisomens continuava intacto – que nenhum dos Cullen havia mordido um humano... mordido... não matado...? Mas ele realmente achava que eu voltaria para casa pra Charlie se esse fosse o caso? Edward me chacoalhou.

- Bella? - ele perguntou, realmente ansioso dessa vez.

- Eu acho... eu acho que ele estava checando. - Eu murmurei. - Checando pra ter certeza. De que eu sou humana, eu quero dizer.

Edward enrijeceu, e um rugido baixo soou no meu ouvido.

- Nós teremos que ir embora - eu suspirei. - Antes. Para que o acordo não seja quebrado. Nós não seremos mais capazes de voltar.

Os braços dele se apertaram ao meu redor. - Eu sei.

- Ahem - Charlie limpou sua alto a voz atrás de nós.

Eu pulei e depois me livre dos braços de Edward, meu rosto ficando quente. Edward se inclinou de volta no balcão. Os olhos dele estavam estreitos. Eu podia ver preocupação neles, e raiva.

- Se você não quer fazer o jantar, eu peço uma pizza - Charlie ofereceu.

- Não, está tudo bem. Eu já comecei.

- Okay - Charlie disse. Ele se encostou no arco da porta, cruzando os braços. Eu suspirei e comecei a trabalhar, tentando ignorar a minha platéia.

- Se eu te pedisse pra fazer uma coisa, você confiaria em mim? - Edward perguntou, com um tom em sua voz macia.

Nós estávamos quase na escola. Edward estava relaxado e fazendo piada a apenas um momento atrás, e agora as mãos dele estavam agarrando o volante com força, as articulações dele lutando com o esforço para não quebrá-lo em pedaços.

Eu encarei a expressão ansiosa dele – os olhos dele estavam distantes, como se ele estivesse ouvindo vozes distantes.

O meu pulso acelerou em resposta ao estresse dele, mas eu respondi cautelosamente. - Isso depende.

Nós entramos no estacionamento da escola.

- Eu temia que você fosse dizer isso.

- O que você quer que eu faça, Edward?

- Eu quero que você fique no carro - ele parou na sua vaga habitual e desligou o motor enquanto falava. - Eu quero que você espere aqui até eu voltar pra te buscar.

- Mas... *porque?*

Foi aí que eu vi ele. Ele teria sido difícil de não reparar, parecendo uma torre sobre os estudantes como ele estava, mesmo se ele não estivesse encostado em sua moto preta, que estava estacionada ilegalmente na calçada.

- Oh.

O rosto de Jake era uma máscara de calma que eu conhecia bem. Era o rosto de que ele usava quando estava disposto a manter as suas emoções sob controle. Ela fazia ele parecer Sam, o mais velho dos lobos, o líder do bando Quileute. Mas Jacob nunca conseguia controlar a perfeita serenidade que Sam sempre demonstrava.

Eu havia me esquecido do quanto aquele rosto me incomodava. Apesar de eu ter conhecido Sam muito bem antes dos Cullen voltarem – até gostar dele – eu nunca fui completamente capaz de ignorar o ressentimento que eu sentia quando Jacob imitava a expressão de Sam. Era um rosto estranho. Ele não era o meu Jacob quando o usava.

- Você tirou a conclusão errada na noite passada - Edward murmurou. - Ele perguntou sobre a escola porque ele sabia que eu estaria onde você estivesse. Ele estava procurando por um lugar seguro pra conversar comigo. Um lugar com testemunhas.

Então eu havia interpretado mal os motivos de Jacob na noite passada. Perdendo informações, esse era o problema. Informações como porque nesse mundo Jacob ia querer falar com Edward.

- Eu não vou ficar no carro - eu disse.

Edward rosou baixinho. - É claro que não. Bem, vamos acabar logo com isso.

O rosto de Jacob endureceu quando caminhamos em direção a ele, de mãos dadas.

Eu reparei nos outros rostos também – os rostos dos meus colegas de classe. Eu reparei em como os olhos deles arregalavam enquanto eles observavam os 2,4m do longo corpo de Jacob, mais musculoso do que um garoto de dezesseis anos e meio podia ser. Eu vi aqueles olhos se mexerem em cima da sua camisa preta apertada – com mangas curtas, apesar de ser um dia razoavelmente frio – seus jeans surrados e sujos de graxa, e a moto preta brilhante na qual ele estava se encostando. Os olhos deles não ficavam em seu rosto – alguma coisa na expressão dele fazia com que eles desviassem o olhar rapidamente. E eu reparei no grande espaço que todos davam pra ele, a bolha de espaço da qual ninguém ousava se aproximar.

Com uma sensação de surpresa, eu me dei conta de que Jacob parecia *perigoso* para eles. Que estranho.

Edward parou a alguns metros de Jacob, e eu podia notar que ele estava desconfortável por me ter tão perto de um lobisomem. Ele colocou sua mão pra trás um pouco, me colocando um pouco atrás do seu corpo.

- Você podia ter nos ligado - Edward disse numa voz dura como aço.

- Desculpe - Jacob respondeu, o rosto dele se contorcendo em uma careta de zombaria. - Eu não tenho sanguessugas na minha discagem rápida.

- Você podia ter me encontrado na casa de Bella, é claro.

A mandíbula de Jacob flexionou, e as sobrancelhas dele estavam juntas. Ele não respondeu.

- Esse dificilmente é o lugar, Jacob. Podíamos discutir isso depois?

- Claro, claro. Eu vou passar na sua cripta depois da escola. - Jacob bufou. - Qual é o problema com agora?

Edward olhou ao redor apontando, os olhos dele pairando sobre as testemunhas que mal estavam fora do alcance auditivo. Algumas pessoas estavam hesitando na calçada, seus olhos brilhando de expectativa. Como se eles estivessem esperando que um briga fosse começar para aliviar o tédio de outra manhã de Segunda. Eu vi Tyler Crowley cutucando Austin Marks, e os dois pararam no caminho para a aula deles.

- Eu já sei o que você veio pra dizer - Edward lembrou Jacob numa voz tão baixa que *eu* mal consegui ouvir. - Mensagem entregue. Nos considere avisados.

Edward olhou pra baixo pra mim por um rápido segundo com olhos preocupados.

- Avisados? - eu perguntei sem entender. - Do que vocês estão falando?

- Você não contou pra ela? - Jacob perguntou, seus olhos arregalando de descrença. - O que foi, você estava com medo de que ela escolhesse o nosso lado?

- Por favor deixa pra lá, Jacob - Edward disse com uma voz uniforme.

- Porque? - Jacob desafiou.

Eu fiz uma careta de confusão. - O que eu não sei? Edward?

Edward simplesmente encarou Jacob como se não tivesse me ouvido.

- Jake?

Jacob ergueu uma sobrancelha para mim. - Ele não te contou que o... *irmão* mais velho dele cruzou a linha Sábado à noite? - ele perguntou, o seu tom ficou pesado com uma camada de sarcasmo. E aí os olhos dele voltaram para Edward. - Paul está totalmente justificado em...

- Aquela terra não tem donos! - Edward assobiou.

- Não é não!

Jacob estava ficando visivelmente nervoso. As mãos dele tremiam. Ele balançou a cabeça e sugou o ar profundamente para os pulmões duas vezes.

- Emmett e Paul? - eu sussurrei. Paul era o irmão mais volátil do bando de Jacob. Foi ele quem perdeu o controle naquele dia na floresta – a memória do lobo cinza repentinamente estava vívida na minha mente. - O que aconteceu? Eles estavam brigando? - A minha voz foi aumentando com o pânico. - Porque? Paul se machucou?

- Ninguém brigou - Edward disse baixinho, só pra mim. - Ninguém se machucou. Não fique ansiosa.

Jacob estava olhando pra nós com olhos incrédulos. - Você não a contou absolutamente nada, contou? Foi por isso que você a levou embora? Pra que ela não soubesse que...

- Vá embora agora. - Edward o cortou no meio da frase, e o rosto dele ficou repentinamente assustador. Por um segundo, ela pareceu com... com um *vampiro*. ele olhou pra Jacob com ódio cruel, descontrolado.

Jacob ergueu as sobrancelhas, mas não fez outro movimento. - Porque você não contou pra ela?

Eles se encararam silenciosamente por um longo momento. Mais estudantes se acumularam atrás de Tyler e Austin. Eu vi Mike ao lado de Ben – Mike estava com uma mão sobre o ombro de Ben, como se estivesse segurando-o no lugar.

No silêncio mortal, todos os detalhes de repente se encaixaram pra mim como uma explosão de intuição.

Alguma coisa que Edward não queria que eu soubesse.

Alguma coisa que Jacob não teria escondido de mim.

Algo que havia lançado tanto os Cullen quanto os lobisomens na floresta, movendo em perigosa proximidade uns dos outros.

Alguma coisa que faria Edward insistir pra que eu voasse através do país.

Alguma coisa que Alice tinha visto na visão da semana passada – uma visão sobre a qual Edward havia mentido pra mim.

Uma coisa pela qual eu já estava esperando do mesmo jeito. Uma coisa que eu sabia que aconteceria de novo, não importava o quanto eu desejasse que não acontecesse. Isso não ia acabar nunca, não é?

Eu ouvi o rápido *gasp, gasp, gasp, gasp* do ar passando pelos meus lábios, mas eu não conseguia evitar. Parecia que a escola estava tremendo, como se houvesse um terremoto, mas eu sabia que era o meu próprio tremor que causava a ilusão.

- Ela voltou por mim - eu me engasguei.

Victória nunca ia desistir até que eu estivesse morta. Ela continuaria repetindo o mesmo padrão – aparecer e fugir, aparecer e fugir – até que ela encontrasse um buraco entre os meus defensores.

Talvez eu tivesse sorte. Talvez os Volturi me encontrassem primeiro – pelo menos, eles me matariam mais rápido.

Edward me segurou com força ao seu lado, angulando seu corpo para que ele ainda estivesse entre mim e Jacob, e acariciou meu rosto com mãos ansiosas. - Está tudo bem - ele sussurrou. - Está tudo bem. Eu nunca vou deixa-la se aproximar de você. Está tudo bem. - Então ele encarou Jacob. - Isso responde a sua pergunta, mongol?

- Você não acha que Bella tem o direito de saber? - Jacob desafiou. - É a vida dela.

Edward manteve sua voz baixa; mesmo Tyler, que estava se inclinando uns centímetros para a frente, seria incapaz de ouvir. - Porque ela devia ser assustada se ela nunca estava em perigo?

- Melhor assustada do que enganada.

Eu tentei me recompor, mas os meus olhos estavam nadando em umidade. Eu podia vê-la por trás das minhas pálpebras – eu podia ver o rosto de Victoria, seus lábios erguidos sobre seus dentes, seus olhos vermelhos brilhando com sua obsessão por vingança; ela responsabilizava Edward pela morte do seu amor, James. Ela não pararia até que o amor dele fosse tirado também.

Edward limpou as lágrimas das minhas bochechas com as pontas dos dedos.

- Você realmente acha que machuca-la é melhor do que protegê-la? - ele murmurou.
- Ela é mais durona do que você pensa - Jacob disse. - E ela já passou por coisa pior.

Repentinamente, a expressão de Jacob mudou, e ele estava olhando pra Edward com uma expressão estranha, especulativa.

Os olhos dele ficaram estreitos como se ele estivesse tentando resolver um problema difícil de matemática na cabeça.

Eu senti Edward enrijecer. Eu olhei pra ele, e o rosto dele estava contorcido com o que só podia ser dor. Por um momento terrível, eu me lembrei daquela tarde na Itália, no macabro quarto na torre dos Volturi, onde Jane havia torturado Edward com o seu dom maligno, queimando-o apenas com seus pensamentos...

A memória me arrancou da minha histeria e colocou tudo em perspectiva. Porque eu preferiria que Victoria me matasse mil vezes do que ver Edward sofrer aquilo de novo.

- Isso é engraçado - Jacob disse, rindo enquanto ele olhava o rosto de Edward. Edward gemeu, mas suavizou a expressão com um pouco de esforço. Ele não conseguia esconder muito bem a agonia em seus olhos.

Eu olhei, com os olhos arregalados, da careta de Edward para o riso de Jacob.

- O que você está fazendo com ele? - eu quis saber.

- Não é nada, Bella - Edward me disse baixinho. - Jacob tem uma boa memória, isso é tudo.

Jacob deu um sorriso largo e Edward gemeu de novo.

- Pare com isso! O que quer que você esteja fazendo.

- Claro, se você quer - Jacob levantou os ombros. - No entanto, é culpa dele mesmo que ele não gosta do que eu lembro.

Eu o encarei, e ele sorriu de volta cinicamente – como uma criança que foi pega fazendo alguma coisa que ele sabe que não devia por uma pessoa que ele sabe que não vai castigá-lo.

- O diretor está à caminho para desencorajar badernas no terreno escolar. - Edward murmurou pra mim. - Vamos para a aula de Inglês, Bella, pra que você não se envolva.

- Ele é super protetor, não é? - Jacob disse, falando só comigo. - Um pouco de problema é divertido. Deixa eu adivinhar, você não tem permissão pra se divertir, não é?

Edward encarou, e seus lábios se ergueram um pouco sobre seus lábios.

- Cala a boca, Jake - eu disse.

Jacob riu. - Isso soa como um *não*. hey, se um dia você sentir vontade de ter uma vida novo, você podia vir me ver. Eu ainda estou com a sua moto na garagem.

Essa notícia me distraiu. - Era pra você ter vendido aquilo. Você prometeu a Charlie que venderia. - Se eu não tivesse implorado por Jacob, afinal, foi ele quem trabalhou nas duas motos, e ele merecia um pouco do meu troco, Charlie teria jogado a minha moto num lixão. E possivelmente incendiaria o lixão.

- É, certo. Como se eu fosse fazer isso. Ela pertence a você, não a mim. De qualquer forma, eu vou guardá-la até você voltar.

Uma pequena sombra do sorriso que eu lembrava repentinamente estava brincando nos cantos dos lábios dele.

- Jake...

Ele se inclinou para a frente, agora seu rosto estava ansioso, o sarcasmo ácido estava desaparecendo. - Eu acho que estava errado antes, sabe, sobre e eu você não sermos capazes de ser amigos. Talvez pudéssemos lidar com isso, no meu lado da linha. Venha me ver.

Eu estava vividamente consciente de Edward, com seus braços ainda me cercando protetoramente, imóvel como uma pedra. Eu dei uma olhada no rosto dele – estava calmo, paciente.

Jacob abriu mão completamente da fachada antagonista. Foi como se ele tivesse esquecido que Edward estava lá, ou pelo menos ele estava determinado a agir dessa forma. - Eu sinto sua falta todos os dias, Bella. Não é a mesma coisa sem você.

- Eu sei e eu sinto muito, Jake, é só que eu...

Ele balançou a cabeça e suspirou. - Eu sei. Não importa, certo? Eu acho que eu vou sobreviver ou algo assim. Quem precisa de amigos? - Ele fez uma careta, tentando esconder a dor com uma fina tentativa de bravura.

O sofrimento de Jacob sempre fazia o meu lado protetor despertar. Isso não era completamente racional – Jacob dificilmente precisaria de qualquer proteção física que eu pudesse oferecer. Mas os meus braços, apertados embaixo dos de Edward, queriam alcançá-lo. Envolver a sua cintura grande, quente em uma promessa silenciosa de aceitação e conforto.

Os braços protetores de Edward se tornaram restritivos.

- Tudo bem, para as salas - uma voz diferente soou atrás de nós. - Mova-se, Sr. Crowley.

- Vá para a escola, Jake - eu sussurrei, ansiosa assim que eu reconheci a voz do diretor. Jacob freqüentava a escola Quileute mas ele ainda podia ter problemas por invasão ou algo assim.

Edward me soltou, segurando apenas a minha mão e me puxando pra trás do seu corpo de novo.

O Sr. Greene abriu caminho pelo círculo de espectadores, as suas sobrancelhas pressionadas pra baixo como nuvens de uma tempestade mal humorada em cima dos seus olhos pequenos.

- Eu falo sério - ele estava ameaçando. - Detenção pra todo mundo que ainda estiver aqui quando eu me virar de novo.

A platéia de dissolveu antes que ele terminasse a frase.

- Ah, Sr. Cullen. Temos um problema aqui?

- Absolutamente não, Sr. Greene. Nós estávamos a caminho da aula.

- Excelente. Eu não pareço reconhecer o seu amigo - O Sr. Greene virou seu olhar para Jacob. - Você é um estudante novo aqui?

Os olhos do Sr. Greene estudaram Jacob, e eu podia ver que ele havia chegado a conclusão que todos haviam chegado: perigoso. Um encenqueiro.

- Não - Jacob respondeu, um meio sorriso nos seus lábios cheios.

- Então eu sugiro que você se retire da propriedade escolar imediatamente, meu jovem, antes que eu ligue para a polícia.

O pequeno sorriso de Jacob se transformou num riso aberto, e eu sabia que ele estava imaginando Charlie aparecendo para prendê-lo. Esse sorriso era ácido demais, muito cheio de zombaria para o meu gosto. Esse não era o sorriso que eu estive esperando pra ver.

Jacob disse - Sim, senhor - e fez uma saudação militar antes de montar em sua motocicleta e dar a partida lá mesmo na calçada. O motor roncou e os pneus cantaram quando ele fez uma curva fechada. Em questão de segundos, Jacob estava fora de vista.

O Sr. Greene arranhou e trincou os dentes enquanto ele assistia essa performance.

- Sr. Cullen, eu espero que você peça que seu amigo se retenha de invadir de novo.

- Ele não é meu amigo, Sr. Greene, mas eu vou passar o aviso.

O Sr. Greene torceu os lábios. As notas perfeitas e os registros impecáveis de Edward eram claramente uma fator para a análise do Sr Greene do incidente. - Eu entendo. Se você estiver preocupado com qualquer problema, eu ficaria feliz em...

- Não há nada com o que se preocupar, Sr. Greene. Não haverá nenhum problema.

- Eu espero que isso esteja correto. Bem, então. Para a aula. Você também, Srta. Swan.

Edward acenou com a cabeça, e me puxou junto rapidamente em direção ao prédio da aula de Inglês.

- Você se sente bem o suficiente para ir para a aula? - ele sussurrou quando passamos do diretor.

- Sim - eu sussurrei de volta, sem ter certeza de se era uma mentira.

Quer eu me sentisse bem ou não, essa dificilmente era a consideração mais importante. Eu precisava falar com Edward imediatamente, e a aula de Inglês não era o local ideal para a conversa que eu tinha em mente.

Mas com o Sr. Greene bem atrás de nós, não haviam muitas outras opções. Nós chegamos na aula um pouco atrasados e nos sentamos rapidamente. O Sr. Berty estava

recitando um poema de Frost. Ele ignorou a nossa entrada, se recusando a nos deixar quebrar o seu ritmo.

Eu arranquei uma página em branco do meu caderno e comecei a escrever, a minha escrita estava mais ilegível do que o normal graças a minha agitação.

- O que aconteceu? Me conte tudo. E para com essa bobagem de me proteger, por favor.

Eu joguei o bilhete para Edward. Ele suspirou e então começou a escrever. Ele levou menos tempo que eu, apesar dele ter escrito um parágrafo inteiro com a sua caligrafia particular antes de passar o papel de volta.

- Alice viu que Victoria estava vindo. Eu te tirei da cidade meramente por precaução, nunca houve uma chance de que Victoria chegasse em algum lugar perto de você. Emmett e Jasper por pouco não pegaram ela, mas Victoria parece ter algum instinto para fuga. Ela escapou bem por baixo das fronteiras Quileute como se ela estivesse vendo um mapa. Não ajudou muito as habilidades de Alice serem inúteis com os Quileute. Para ser honesto, os Quileute podiam ter pego ela também, se nós não tivéssemos entrado no caminho. O grande cinza achou que Emmett tinha ultrapassado a barreira e ficou defensivo. É claro que Rosalie reagiu a isso, e todos abandonaram a caçada pra proteger seus companheiros. Carlisle e Jasper conseguiram acalmar as coisas antes que elas saíssem do controle. Mas até aí, Victoria já tinha escapado. Isso é tudo.

Eu fiz uma careta para as letras na página. Todos eles haviam estado nisso – Emmett, Jasper, Alice, Rosalie e Carlisle. Talvez até Esme, apesar dele não ter mencionado ela. E também Paul e o resto do bando Quileute. Podia ter sido tão fácil as coisas acabarem em briga, colocando a minha futura família e os meus velhos amigos uns contra os outros. E qualquer um deles podia ter se machucado. Eu imaginei que os lobisomens estariam em maior perigo, mas imaginando a pequena Alice perto de um dos enormes lobisomens, *lutando...*

Eu tremi.

Cuidadosamente, eu apaguei o parágrafo inteiro com a minha borracha e escrevi no topo:

- E quanto a Charlie? Ela podia ter estado atrás dele.

Edward já estava balançando a cabeça antes de eu ter terminado, obviamente preparado pra lidar com qualquer perigo que afligisse Charlie. Ele levantou a mão, mas eu ignorei e comecei de novo.

- Você não pode saber que ela não estava pensando isso, porque você não estava aqui. Flórida foi uma má idéia.

Ele pegou o papel de baixo da minha mão

- Eu não estava disposto a te mandar sozinha. Com a sua sorte, nem a caixa preta sobreviveria.

Não foi isso o que eu quis dizer; eu não tinha pensado em ir sem ele. Eu quis dizer que nós devíamos ter ficado aqui juntos. Mas eu fui distraída pela resposta, e um pouco ofendida. Como se eu não pudesse voar pelo país sem fazer o avião cair. Muito engraçado.

- Então digamos que a minha má sorte tivesse derrubado o avião. O que exatamente você teria feito sobre isso?

- Porque o avião está caindo?

Agora ele estava tentando esconder um sorriso.

- Os pilotos desmaiaram de bêbados.

- Fácil. Eu pilotaria o avião.

É claro. Eu torci os meus lábios de novo.

- Os dois motores explodiram e estamos caindo em espiral em direção à morte.

- Eu vou esperar até estarmos bem perto do chão, te segurar bem apertado, chutar a parede fora, e pular. Depois nós voltaríamos a cena do acidente, e nós andaríamos por aí como os dois sobreviventes mais sortudos da história.

Eu o encarei sem palavras.

- O que? - ele sussurrou.

Eu balancei a minha cabeça abobalhada. - Nada - eu fiz com a boca.

Eu deixei pra lá a conversa desconcertante e escrevi mais uma linha.

- Você vai me contar da próxima vez.

Eu sabia que haveria uma próxima vez. Esse padrão continuaria até que alguém perdesse.

Edward me olhou nos olhos por um longo tempo. Eu me perguntei qual seria a aparência do meu rosto – ele estava frio, como se o sangue ainda não tivesse retornado para as minhas bochechas. Os meus cílios ainda estavam molhados.

Ele suspirou e depois balançou a cabeça uma vez.

- Obrigada.

O papel desapareceu de baixo da minha mão. Eu olhei pra cima, piscando com a minha surpresa, exatamente quando o Sr. Berty vinha andando pelo corredor.

- Há alguma coisa que você queira dividir aí, Sr. Cullen?

Edward olhou pra cima inocentemente e levantou uma folha de papel do topo do seu caderno. - As minhas anotações? - ele perguntou, parecendo confuso.

O Sr. Berty vasculhou as anotações – sem dúvida era um bela prescrição da aula dele – e depois foi embora fazendo uma careta.

Foi mais tarde, na aula de Cálculo – a única que eu não tinha com Edward – que eu ouvi a fofoca.

- O meu dinheiro está no grande índio - alguém estava dizendo.

Eu espiei pra ver que Tyler, Mike, Austin e Ben estavam com as cabeças juntas, absolidos em uma conversa.

- É - Mike sussurrou. - Vocês viram o *tamanho* daquele garoto Jacob? Eu acho que ele derrubava o Cullen - Mike parecia feliz com a idéia.

- Eu não acho - Ben discordou. - Tem alguma coisa em Edward. Ele é sempre tão... confiante. Eu tenho a sensação de que ele saberia cuidar de si mesmo.

- Eu estou com Ben - Tyler concordou. - Além do mais, se qualquer outro garoto mexesse com Edward você sabe que aqueles irmãos mais velhos dele iam se envolver.

- Você já esteve em La Push ultimamente? - Mike perguntou. - Lauren e eu fomos à praia umas duas semanas atrás, e pode acreditar em mim, os amigos de Jacob são tão grandes quanto ele.

- Huh - Tyler disse. - Que pena que não deu em nada. Acho que a gente nunca vai saber como teria acabado.

- Pra mim não pareceu acabado - Austin disse. - Talvez tenhamos a chance de ver.

Mike riu. - Alguém tá a fim de apostar?

- Dez no Jacob - Austin disse imediatamente.

- Dez em Cullen - Tyler se juntou.

- Dez em Edward - Ben concordou.

- Hey, algum de vocês sabe do que se tratou? - Austin pensou. - Isso pode afetar os resultados.

- Eu posso imaginar - Mike disse, e então deu uma olhada para mim ao mesmo tempo que Ben e Tyler.

Pelas expressões deles, eles não se deram conta de que eu estava a uma distância audível. Eles todos desviaram o olhar rapidamente, enfiando papéis em suas mesas.

- Eu ainda digo Jacob - Mike murmurou por baixo do fôlego.

4. NATUREZA

Eu estava tendo uma semana ruim.

Eu sabia que essencialmente nada havia mudado. Tudo bem, então Victoria não tinha desistido, mas será que eu tinha sonhado por um momento que ela havia? O reaparecimento dela só confirmava o que eu já sabia. Nenhum motivo pra novo pânico.

Teoricamente. Não entrar em pânico era mais fácil de dizer do que fazer.

A formatura era daqui a umas semanas, mas eu me perguntei se não era um pouco bobo ficar sentada, fraca e saborosa, esperando pelo próximo desastre. Parecia perigoso demais ser humana - simplesmente implorar pra ter problemas. Uma pessoa com a minha sorte tende a ser um pouco desesperançada.

Mas ninguém me escutava.

Carlisle dizia - Nós somos sete, Bella. E com Alice ao nosso lado, eu não acho que Victoria vá nos pegar fora de guarda. Eu acho que é importante, pelo bem de Charlie, que nós continuemos com o plano original.

Esme disse - Nós nunca permitiremos que nada aconteça com você, querida. Você sabe disso. Por favor, não fique ansiosa. - E aí ela me deu um beijo na testa.

Emmett disse - eu estou feliz por Edward não ter te matado. Tudo é muito mais divertido com você por perto.

Rosalie encarou ele.

Alice revirou os olhos e disse - Eu estou ofendida. Você não está honestamente *preocupada* com isso, está?

- Se não é nada importante, então porque Edward me arrastou para a Flórida? - eu quis saber.

- Você não reparou ainda, Bella, que Edward tem uma pequena tendência a ser exagerado?

Jasper havia silenciosamente apagado todo o pânico e a tensão do meu corpo com o seu curioso talento de mudar as emoções na atmosfera. Eu me sentí segura, e deixei que eles me convescessem a sair do meu rogo desesperado.

É claro que a calma desapareceu assim que eu e Edward saímos da sala.

Então, o consenso era de que eu devia esquecer que uma vampira alucinada estava me perseguindo, com intenção de me matar. Se meter nos meus assuntos.

Eu tentei. E surpreendentemente, *havia* outras coisas igualmente estressantes para duelar comigo pelo status na lista de espécies em perigo...

Porque a resposta de Edward foi a mais frustrante de todas.

- Isso é entre você e Carlisle - ele disse. - É claro, você sabe que eu estou desejoso de fazer com que seja entre você e eu a qualquer hora que você desejar. Você sabe a minha condição. - E ele sorriu angelicalmente.

Ugh. Eu sabia a condição dele. Edward havia prometido que ele mesmo me transformaria quando eu quisesse... contanto que eu me *casasse* com ele primeiro.

As vezes eu me perguntava se ele não estava só fingindo que não lia a minha mente. De outra forma, como ele ia manter a insistência na única condição que eu tinha problema em aceitar? A única condição que me fazia desacelerar.

Tudo em tudo, uma semana muito ruim. E hoje era o pior dia dela.

Era sempre ruim quando Edward estava longe. Alice não havia previsto nada fora do normal esse fim de semana, então eu insistí que ele aproveitasse a oportunidade e fosse caçar com os seus irmãos. Eu sabia o quanto o deixava chateado caçar as presas chatas, fáceis que haviam por perto.

- Vá se divertir - eu disse pra ele. - Traga alguns leões da montanha para mim.

Eu jamais admitiria pra ele o quanto era difícil pra mim quando ele estava longe - como isso trazia de volta os meus pesadelos de abandono. Se ele soubesse disso, isso faria com que ele se sentisse horrível e ele ficaria com medo de me deixar de novo, mesmo pelas razões mais necessárias. Foi assim desde o começo, quando ele retornou da Itália. Os olhos dourados dele

havam ficado pretos e ele sofria com a sede mais do que já era necessário que ele sofresse. Então eu fazia uma cara corajosa e chutava ele pra fora de casa toda vez que Emmett e Jasper queriam ir.

No entanto, eu acho que ele via além de mim. Um pouco. Essa manha havia um bilhete no meu travesseiro:

- Eu volto logo pra que você não precise sentir a minha falta. Tome conta do meu coração - eu deixei ele com você.

Então agora eu tinha um longo Sábado vazio com nada além do meu turno matutino no Newton's Olympics Outfitters pra me distrair. E, é claro, eu tinha a promessa muito confortadora de Alice.

- Eu vou ficar perto de casa pra caçar. Eu só estarei a quinze minutos de distância se você precisar de mim. Eu vou ficar de olho se tiverem problemas pra você.

Tradução: não tente nada engraçadinho só porque Edward está longe.

Alice certamente era tão capaz de arruinar a minha caminhonete quanto Edward.

Eu tentei olhar as coisas pelo lado bom. Depois do trabalho, eu tinha planos pra ajudar Angela com os anúncios dela, então, isso seria uma distração. E Charlie estava com excelente humor por causa da ausência de Edward, então eu devia aproveitar enquanto durava. Alice passaria a noite comigo se eu fosse patética o suficiente pra pedi-la. E aí amanhã, Edward estaria de volta. Eu ia sobreviver.

Não querendo chegar ridicularmente cedo para o trabalho, eu tomei o café da manhã lentamente. Um cereal de cada vez. Então, quando eu lavei os pratos, eu arrumei os imãs na geladeira em uma linha perfeita. Talvez eu estivesse adquirindo um transtorno obsessivo compulsivo.

Os últimos dois imãs - pedaços utilitários arredondados pretos que eram os meus favoritos porque podiam segurar dez folhas de papel na geladeira sem esforço - não quiseram cooperar com a minha fixação. As polaridades deles eram reversas; toda vez que eu tentava alinhar um deles, o outro pulava fora do lugar.

Por alguma razão - mania iminente, talvez - isso realmente me irritou. Porque eles não podiam simplesmente ser bonzinhos? Estúpida de teimosia, eu continuei a colocá-los juntos como se estivesse esperando que eles desistissem de repente. Eu podia trocar um de lugar, mas isso ia parecer uma derrota. Finalmente, mais exasperada comigo mesma do que com os imãs, e os tirei da geladeira e os juntei com as duas mãos. Exigiu um pouco de esforço - eles eram fortes o suficiente para sustentar uma briga - mas eu os forcei a coexistir, lado a lado.

- Vejam - eu disse em voz alta, falando com objetos inanimados, nunca um bom sinal - Não é tão horrível, é?

Eu fiquei lá feito uma idiota por um segundo, sem ser exatamente capaz de admitir que eu não estava tendo nenhum efeito duradouro nos princípios científicos. Então, com um suspiro, eu coloquei os imãs de volta na geladeira, um centímetro separados.

- Não há necessidade de ser tão inflexível - eu murmurei.

Ainda era muito cedo, mas eu decidí que era melhor eu sair de casa antes que os objetos inanimados comessem a responder.

Quando eu cheguei nos Newton, Mike estava passando pano metodicamente nos corredores enquanto a mão dele arrumava o novo display do balcão. E os peguei no meio de um discussão, inconscientes de que eu havia chegado.

- Mas é a única hora que Tyler pode ir - Mike reclamou. - Você disse que depois da formatura...

- Você simplesmente vai ter de esperar - a Sra. Newton disparou. - Você e Tyler podem pensar em outra coisa pra fazer. Você não vai à Seattle até que a polícia pare o que quer que esteja acontecendo lá. Eu sei que Beth Crowley disse a mesma coisa a Tyler, então não haja como

se eu fosse o bandido, oh, bom dia, Bella - ela disse quando me viu, iluminando o seu tom imediatamente. - Você chegou cedo.

Karen Newton era a última pessoa a quem eu pediria ajuda numa loja de equipamentos de esporte. O seu cabelo loiro perfeitamente claro estava sempre preso em uma elegante trança na parte de trás do seu pescoço, as unhas dela eram pintadas por profissionais, assim como as unhas de seus pés - que eram visíveis pelos sapatos altos de tiras que não se assemelhava em nada com o que Newton oferecia no longo corredor de botas de caminhada.

- Pouco trânsito - eu brinquei enquanto pegava o meu odioso uniforme laranja fluorescente debaixo do balcão. Eu estava surpresa pela Sra. Newton estar tão afetada por essa coisa em Seattle quanto Charlie. Eu pensei que ele estava sendo exagerado.

- Bem, er... - a Sra. Newton hesitou por um momento, brincando desconfortavelmente com a pilha de panfletos que ela estava arrumando na registradora.

Eu parei com um braço só no meu uniforme. Eu conhecia aquele olhar.

Quando eu avisei os Newton de que não estaria trabalhando aqui no verão - abandonando-os na época mais agitada, na verdade - eles começaram a treinar Kate Marshall pra ficar no meu lugar. Eles não podiam pagar nós duas ao mesmo tempo, então, quando parecia ser um dia calmo...

- Eu ia ligar - a Sra. Newton continuou. - Eu não acho que estamos esperando uma tonelada de trabalho hoje. Mike e eu provavelmente podemos cuidar das coisas. - Eu lamento por termos feito você dirigir até aqui...

Num dia normal, eu estaria estasiada por essa virada nos planos. Hoje... não tanto.

- Okay - eu suspirei. Os meus ombros caíram. O que eu ia fazer agora?

- Isso não é justo, mãe - Mike disse. - Se Bella quer trabalhar...

- Não, está tudo bem Sra. Newton. Sério, Mike. Eu tenho que estudar para as provas finais e tudo mais... - eu não queria ser a fonte de um discórdia familiar quando eles já estavam discutindo.

- Obrigada, Bella. Mike, você esqueceu o corredor quatro. Um, Bella, você se incomodaria em jogar esses panfletos fora enquanto estiver saindo? Eu disse à garota que os deixou aqui que eu os colocaria no balcão, mas eu realmente não tenho espaço.

- Claro, sem problema. - Eu tirei o meu uniforme, e enfiéi os panfletos embaixo do braço e saí para a fina chuva.

O lixo ficava no lado de trás do Newton's, perto de onde os funcionários deviam estacionar. Eu me arrastei, chutando pedrinhas petulantemente no caminho. Eu estava prestes a jogar a pilha de papéis amarelos na lata de lixo quando a impressão no topo da página chamou minha atenção. Uma palavra em particular aumentou minha atenção.

Eu apertei os papéis com ambas as mãos e olhei para a foto embaixo das legendas. Um carço me subiu à garganta.

SALVE O LOBO DO OLÍMPICO

Embaixo das palavras, havia um desenho detalhado de um lobo na frente de uma árvore, com a cabeça pra trás enquanto parecia uivar para a lua. Era uma foto desconcertante; alguma coisa na postura melancólica do lobo fez com que ele parecesse abandonado. Como se ele estivesse uivando de tristeza.

E então eu estava correndo para a minha caminhonete, ainda agarrando os panfletos.

Quinze minutos - isso era tudo o que eu tinha. Mas isso devia ser o suficiente. Eram apenas quinze minutos até La Push, e certamente eu ia alcançar à fronteira antes de alcançar a cidade.

A minha caminhonete ligou sem nenhuma dificuldade.

Alice não podia ter me visto fazendo isso, porque eu não estive planejando. Uma decisão repentina, essa era a chave! E contanto que eu me movesse rápido o suficiente, eu seria capaz de realizá-la.

Eu joguei os panfletos amarelos na minha pressa e eles se espalharam numa bagunça brilhante no meu banco do passageiro - cem letras de legendas, cem lobos escuros uivantes se esboçavam no fundo amarelo.

Eu embarrilei pela estrada molhada, ligando os limpadores de vidros e ignorando o barulho do motor velho. Cinquenta e cinco era quase o limite máximo da minha caminhonete, e eu rezei pra que isso fosse suficiente.

Eu não fazia idéia de onde ficava a linha da fronteira, mas eu comecei a me sentir mais segura quando comecei a passar pelas primeiras casas da saída de La Push. Isso devia além de onde Alice tinha permissão de ir.

Eu ia ligar pra ela da casa de Angela essa tarde, eu pensei, pra que ela soubesse que eu estava bem. Não havia razão pra ela ficar preocupada. Ela não precisava ficar com raiva de mim - Edward ficaria com raiva o suficiente pelos dois quando voltasse.

A minha caminhonete estava certamente a ponto de desistir quando eu parei na frente da casa familiar de um vermelho gasto. O caroço voltou à minha garganta enquanto eu olhava para o pequeno lugar que um dia foi meu refúgio. Já fazia tanto tempo desde que eu tinha estado lá.

No silêncio repentino quando o motor da caminhonete morreu, eu o ouvi ofegar.

- Bella?

- Hey, Jake!

- Bella! - ele gritou de volta, e o sorriu pelo qual eu estava esperando se abriu no rosto dele como se fosse o sol saindo por entre as nuvens. Os dentes dele cintilaram brilhantes contra a sua pele ruiva. - Eu não acredito!

Ele correu para a caminhonete e meio que me arrancou pela porta aberta, e depois nós dois estávamos pulando pra cima e pra baixo feito duas crianças.

- Como você chegou aqui?

- Eu escapulí!

- *Maravilhoso!*

- Hey, Bella! - Billy havia se empurrado até o arco da porta pra ver do que se tratava toda aquela comoção.

- Hey, Bil...

Então o meu ar desapareceu - Jacob me agarrou em um abraço de urso apertado demais pra me deixar respirar e me girou em círculo.

- Uau, é bom te ver aqui!

- Não consigo... respirar! - eu botei pra fora.

Ele riu e me colocou no chão.

- Bem vinda, Bella - ele disse, rindo. E o jeito como ele disse as palavras fez com que parecesse *Bem vinda ao lar*.

Nós começamos a andar, animados demais pra ficarmos sentados em casa. Jacob estava praticamente pulando enquanto se movia, e eu tive que lembrá-lo algumas vezes de que as minhas pernas não tinham dez metros de comprimento.

Enquanto caminhávamos, eu sentí que estava entrando em outra versão de mim mesma, a pessoa que eu era com Jacob. Um pouco mais jovem, um pouco mais irresponsável. Alguém que podia, em uma certa ocasião, fazer alguém realmente muito estúpido por nenhum bom motivo.

A nossa exuberância durou durante os primeiros tópicos da nossa conversa: como estávamos indo, o que estávamos fazendo, quanto tempo eu tinha, e o que havia me trazido aqui. Quando eu hesitantemente o contei sobre os panfletos do lobo, a sua risada estrondosa ecoou nas árvores.

Mas depois, quando nós passamos pela loja e passamos pelos arbustos grossos que cercavam a Primeira Praia, nós fomos para as partes mais difíceis.

Cedo demais nós tivemos que começar a falar sobre os motivos por trás da nossa longa separação, e eu observei o rosto do meu amigo endurecer até se transformar naquela máscara ácida com a qual eu já era bem familiar.

- Qual é a história, afinal? - Jacob me perguntou, chutando um pedaço de graveto fora do seu caminho com força demais. Ele viajou pela areia e depois se espatifou nas rochas. - Quer dizer, da última vez que nós... bem, antes de, você sabe... - Ele lutou pelas palavras. Ele respirou fundo e tentou de novo. - O que eu estou perguntando é... tudo está de volta a ser como era antes *dele* ir embora? Você perdoou ele por aquilo tudo?

Eu respirei fundo. - Não havia nada pra perdoar.

Eu queria pular essa parte, as traições, as acusações, mas eu sabia que teríamos que falar tudo antes que fôssemos capazes de superar todo o resto.

O rosto de Jacob enrugou como se ele tivesse lambido um limão. - Eu queria que Sam tivesse tirado uma foto quando ele te encontrou naquela noite em Setembro. Ela seria a prova A.

- Ninguém está em julgamento.

- Talvez alguém devesse estar.

- Você não o culparia por ir embora se soubesse as razões dele pra ir embora.

Ele me encarou por alguns segundos. - Tudo bem - ele me desafiou acidamente. - Me surpreenda.

A hostilidade dele estava me cansando - era como esfregar algo áspero, doía quando ele estava com raiva de mim. Eu me lembrei da tarde, ha muito tempo atrás, quando - com as ordens de Sam - ele me disse que não podíamos ser amigos. Eu levei um longo segundo pra me recompor.

- Edward me deixou porque ele não achava que eu devia estar andando com vampiros. Ele achou que seria mais saudável pra mim se ele fosse embora.

Jacob ingeriu isso. Ele teve que pensar por um minuto. O que quer que ele estivesse planejando dizer, claramente não funcionava mais. Eu estava feliz por ele não saber o que fez a decisão de Edward ser tomada. Eu só podia imaginar o que ele pensaria se ele soubesse que Jasper tinha tentado me matar.

- No entanto, ele voltou, não voltou? - Jacob murmurou. - Que pena que ele não pode sustentar a decisão.

- Se você se lembra, *eu* fui e peguei *ele*.

Jacob olhou pra mim por um momento, e depois desistiu. O rosto dele relaxou, e sua voz estava mais calma quando ele falou.

- Isso é verdade. Eu nunca ouvi a história. O que aconteceu?

Eu hesitei, mordendo o meu lábio.

- É um segredo? - A voz dele tomou um tom de zombaria. - Você não tem permissão pra me contar?

- Não - eu disparei. - Só que é uma história muito longa.

Jacob sorriu, arrogante, e virou pra caminhar para a praia, esperando que eu o seguisse.

Não tinha graça estar com Jacob se ele ia agir desse jeito. Eu o segui automaticamente, sem ter certeza se eu devia me virar e ir embora. Porém, eu ia ter que enfrentar Alice, quando eu chegasse em casa... eu acho que não estava com pressa.

Jacob caminhou para um enorme, familiar, pedaço de salgueiro - uma árvore inteira, com raízes e tudo, esbranquiçado, e bem afundado na areia; era a *nossa* árvore, de certa forma.

Jacob sentou no banco natural, e deu uns tapinhas no espaço ao lado dele.

- Eu não me importo com histórias longas. Tem ação?

Eu revirei os meus olhos enquanto me sentava ao lado dele. - Tem um pouco de ação - eu permiti.

- Não seria uma história de terror se não tivesse ação.

- Terror! - eu repreendí. - Você pode ouvir, ou você vai ficar me interrompendo com comentários rudes sobre os meus amigos?

Ele fingiu trancar os lábios e depois jogou a chave invisível por cima do ombro.

Eu tentei não sorrir, e falhei.

- Eu tenho que começar por onde você já estava - eu decidí, trabalhando pra organizar as histórias na minhacabeça antes de começar.

Jacob ergueu a mão.

- Pode falar.

- Isso é bom - ele disse. - Eu não entendi muito bem o que estava acontecendo naquela hora.

- É, bem, vai ficar complicado, então preste atenção. Você sabe como Alice vê as coisas?

Eu entendi a careta dele - os lobisomens não estavam felizes porque as lendas sobre os vampiros possuírem dons sobrenaturais eram verdadeiras - como um sim, e prossegui com a história da minha corrida pela Itália para resgatar Edward.

Eu a mantí o mais sucinta possível - deixando de fora qualquer coisa que não fosse essencial. Eu tentei ler as expressões de Jacob, mas o rosto dele estava enigmático quando eu expliquei como Alice tinha visto Edward planejando se matar quando ele ouviu que eu havia morrido. As vezes Jacob parecia tão absorto em pensamentos, que eu não tinha certeza de que ele estava ouvindo. Ele só interrompeu uma vez.

- A sugadora de sangue que vê o futuro não pode nos ver? - ele ecoou, o rosto dele estava tão feroz quanto estava alegre. - Sério? Isso é *excelente!*

Eu trinqueei os meus dentes, e nós sentamos em silêncio, o rosto dele estava cheio de expectativa enquanto ele esperava que eu continuasse. Eu o encarei até que ele reparasse no seu erro.

- Oops! - ele disse. - Desculpe - Ele trancou os lábios de novo.

A resposta dele foi fácil de ler quando eu contei sobre os Volturi. Os dentes dele trincaram, os braços dele ficaram arrepiados, e as narinas dele inflaram. Eu não fui específica, eu só o contei que Edward havia conseguido nos tirar do problema, sem revelar a promessa que nós tivemos que fazer, ou da visita que estávamos esperando.

Jacob não precisava ter os meus pesadelos.

- Agora você sabe a história toda - eu concluí. - Então é a sua vez de falar. O que aconteceu enquanto eu estava com a minha mãe esse fim de semana? - Eu sabia que Jacob me daria mais detalhes do que Edward havia me dado. Ele não estava com medo de me assustar.

Jacob se inclinou para a frente, instantaneamente animado. - Então Embry e Quil e eu estávamos correndo na nossa patrulha no Sábado à noite, só as coisas de rotina, e do nada -bam! - Ele levantou os braços, personalizando uma explosão. - Lá estava, uma trilha fresca, não tinha nem quinze minutos. Sam queria que nós esperássemos por ele, mas eu não sabia que você não estava aqui, e não sabia se os seus sugadores de sangue estavam de olho em você ou não. Então nós perseguimos ela a toda velocidade, mas ela cruzou a linha do acordo antes que a alcançássemos. Nós nos separamos pela linha, esperando que ela voltasse. Foi frustrante, deixe eu te dizer.

Ele balançou a cabeça e os cabelos - que estavam crescendo do corte curto que ele havia adotado quando ele se juntou ao bando - caíram em seus olhos. - Nós acabamos perto demais do Sul. Os Cullen a perseguiram de volta para o nosso lado até apenas algumas milhas do nosso Norte. Teria sido a emboscada perfeita se nós subessemos onde esperar. - Ele balançou a cabeça, agora fazendo careta. - Foi aí que ficou feio. Sam e os outros a alcançaram antes de nós, mas ela estava dançando bem além da linha, e o grupo inteiro estava bem alí do outro lado. O grande, como é o nome dele...

- Emmett.

- É, ele. Ele tentou atacá-la, mas aquela ruiva é rápida! Ele passou bem por trás dela e quase bateu em Paul. Então Paul... bem, você conhece Paul.

- É.

- Ele perdeu o foco. Eu não posso dizer que o culpo, o sugador de sangue grandão estava bem em cima dele. Ele saltou, ei, não me olhe desse jeito. O vampiro estava nas nossas terras.

Eu tentei recompor o meu rosto para que ele continuasse. As minhas unhas estavam enterradas nas minhas palmas com o estresse da história, mesmo sabendo que tudo tinha acabado bem.

- De qualquer forma, Paul errou, e o vampiro voltou para o lado dele. Mas aí a, uh, bem a, uh, loira... - A expressão de Jacob era uma cômica mistura de nojo e de admiração sem querer enquanto ele tentava encontrar uma palavra para descrever a irmã de Edward.

- Rosalie.

- Que seja. Ela ficou cheia de sí, então Sam e eu voltamos pra perto de Paul. Aí o líder deles e o outro loiro...

- Carlisle e Jasper.

Ele me deu um olhar exasperado.

- Você sabe que eu não me importo de verdade. De qualquer forma, então *Carlisle* falou com Sam, tentando acalmar as coisas. Então foi estranho, porque todo mundo ficou muito calmo bastante rápido. Foi aquele outro sobre quem você me falou, que estava zoando com as nossas cabeças. Mas mesmo que soubéssemos o que ele estava fazendo, nós não conseguimos *não* ficar calmos.

- É, eu sei como é.

- Muito chato, é isso que é. Só que você só consegue ficar com raiva depois. - Ele balançou a cabeça com raiva. - Então Sam e o vampiro líder concordaram que Victoria era a prioridade, e nós saímos atrás dela de novo. Carlisle nos deu a linha, para que pudéssemos sentir o cheiro apropriadamente, mas aí ela chegou nos penhascos a norte do condado de Makah, lá onde a linha abraça a costa por alguns quilômetros. Ela escapou pela água de novo. O grandão e o calmo pediram permissão para ultrapassar a linha pra ir atrás dela, mas é claro que nós dissemos não.

- Bom. Quer dizer, você estava sendo estúpido, mas eu estou feliz. Emmett nunca é cuidadoso o suficiente. Ele podia ter se machucado.

Jacob bufou. - Então o seu vampiro te disse que nós atacamos sem nenhuma razão e que o grupo completamente inocente dele...

- Não - eu interrompi. - Edward me contou a mesma história, só que não com tantos detalhes.

- Huh - Jacob disse por baixo do fôlego, e se abaixou para pegar uma pedras entre os milhões de pedrinhas aos nossos pés. Com um movimento casual, ele fez ela sair voando uns bons cem metros pra fora da baía. - Bom, ela vai voltar, eu acho. Nós vamos ter outra chance com ela.

Eu levantei os ombros; é claro que ela ia voltar. Edward realmente me diria da próxima vez? Eu não tinha certeza. Eu ia ter que ficar de olho em Alice, pra procurar por sinais de que o padrão estava prestes a se repetir...

Jacob não pareceu reparar a minha reação. Ele estava olhando para as ondas com um expressão pensativa no rosto, com seus lábios grossos fazendo beicinho.

- No que você está pensando? - eu perguntei depois de um longo tempo, em silêncio.

- Eu estou pensando no que você me disse. Sobre quando o vidente viu você pular do penhasco e pensou que você tinha se suicidado, e como tudo saiu do controle... Você se dá conta de que se você tivesse esperado por mim como devia, então depois a su -*Alice* não tivesse sido capaz de te ver pular? Nada teria mudado. Nós provavelmente estaríamos na minha garagem agora, como em qualquer outro Sábado. Não haveriam vampiros em Forks, e você e eu... - Ele parou, perdido em pensamentos.

O jeito que ele disse isso foi desconcertante, como se fosse uma coisa que não houvessem vampiros em Forks. O meu coração bateu fora de ordem por causa do vazio do quadro que ele pintou.

- Edward teria voltado do mesmo jeito.

- Você tem certeza disso? - ele perguntou, agressivo de novo assim que eu falei o nome de Edward.

- Estar separados... Não funcionou muito bem para nenhum de nós.

Ele começou a dizer alguma coisa, alguma coisa raivosa pela expressão dele, mas ele se deteve, respirou fundo, e começou de novo.

- Você sabia que Sam está com raiva de você?

- Eu? - Eu levei um segundo. - Oh. Eu entendo. Ele acha que eles teriam ficado longe se eu não estivesse aqui.

- Não. Não é isso.

- Qual é o problema então?

Jacob se abaixou para pegar outra pedra. Ele a girou pra lá e pra cá em seus dedos; os olhos dele estavam grudados na pedra preta enquanto ele falava com uma voz baixa.

- Quando Sam viu... como você estava no começo, quando Billy nos disse o quanto Charlie estava preocupado quando você não melhorou, e aí você começou a pular de penhascos...

Eu fiz uma cara. Ninguém ia me deixar esquecer aquilo.

Os olhos de Jacob vieram para os meus. - Ele pensou que você era a única pessoa no mundo que teria tantas razões para odiar os Cullen quanto ele. Sam se sente meio... traído por você simplesmente ter deixado eles voltarem para a sua vida como se eles nunca tivessem te machucado.

Eu não acreditei nem por um segundo que era Sam que se sentia assim.

E o ácido na minha voz agora era para eles dois.

- Você pode dizer a Sam que ele...

- Olhe pra isso - Jacob me interrompeu, apontando para uma águia que estava voando pra baixo em direção ao oceano de uma altura incrível. Ela se deteve no último minuto, apenas as suas garras quebrando a superfície das ondas, só por um instante. Depois ela levantou vôo, suas asas se debatendo contra o peso de um peixe enorme e ela tinha pego. - Aqui você vê isso o tempo inteiro - Jacob disse, sua voz repentinamente distante. - A natureza tomando o seu curso, o caçador e a presa, e o interminável ciclo de vida e morte.

Eu não entendí a necessidade do discurso sobre a natureza; eu imaginei que ele estivesse só tentando mudar de assunto. Mas depois ele olhou de volta para mim com humor negro nos olhos.

- E mesmo assim, você não vê o peixe tentando dar um beijo na águia. Você nunca vê *isso*. - Ele deu um sorriso de zombaria.

Eu correspondí com um sorriso forçado, apesar do gosto amargo ainda estar na minha boca. - Talvez o peixe estivesse tentando - eu sugerí. - É difícil dizer o que o peixe estava pensando. Águias são pássaros de boa aparência, você não acha?

- É disso que se trata? - A voz dele estava abruptamente mais afiada. - Boa aparência?

- Não seja estúpido, Jacob.

- É o dinheiro, então? - ele insistiu.

- Isso é legal - eu murmurei, me levantando da árvore. - Eu estou lisonjeada que você pense tão bem de mim. - Eu dei as costas pra ele e comecei a ir embora.

- Aw, não fique com raiva. - Ele estava bem atrás de mim; ele agarrou o meu pulso e me virou. - Eu estou falando sério! Eu estou tentando entender, e estou ficando em branco.

As minhas sobrelhas se uniram raivosamente, e os olhos dele estavam pretos nas sombras escuras.

- Eu amo *ele*. Não porque ele é lindo ou porque ele é *rico*! - eu joguei a palavra em Jacob.

- Eu preferiria se ele não fosse nenhum dos dois. Isso iria balancear as coisas entre nós um pouquinho.

- Porque ele ainda seria a pessoa mais amorosa e altruísta e brilhante e decente que eu já conheci. É claro que eu amo ele. Será que isso é difícil de entender?

- É impossível de entender.

- Por favor, me esclareça então, Jacob - eu deixei o sarcasmo voar solto. - Qual é o motivo válido pra se amar alguém? Já que aparentemente eu estou fazendo isso errado.

- Eu acho que o melhor lugar pra começar seria procurar entre a nossa própria espécie. Isso geralmente funciona.

- Bem, isso é uma droga! - eu atirei. - Eu acho que estou presa com Mike Newton afinal de contas.

Jacob enrijeceu e mordeu o lábio. Eu podia notar que as minhas palavras haviam machucado ele, mas eu ainda estava com raiva demais pra me sentir mal sobre isso.

Ele soltou o meu pulso e cruzou os braços no peito, desviando de mim pra encarar o oceano.

- Eu sou humano - ele murmurou, sua voz quase inaudível.

- Você não é tão humano quanto Mike - eu continuei rudemente. - Você ainda acha que essa é a consideração mais inportante?

- Não é a mesma coisa - Jacob não desviou o olhar das ondas cinzas. - Eu não escolhi isso.

Eu rí mais uma vez sem acreditar. - Você acha que Edward escolheu? Ele não sabia o que estava acontecendo com ele mais do que você sabia. Ele não se inscreveu pra isso.

Jacob estava balançando a cabeça pra frente e pra trás, num movimento pequeno, rápido.

- Sabe, Jacob, você é terrivelmente cheio de sí, levando em consideração que você é um lobisomem e tudo mais.

- Não é a mesma coisa - ele repetiu, olhando pra mim.

- Eu não vejo porque não. Você podia ser um pouco mais compreensivo com os Cullen. Você não tem idéia do quão realmente bons eles são demais, Jacob.

A careta dele se aprofundou. - Eles não deviam existir. A existência deles vai contra a natureza.

Eu o encarei com um sobrelha erguida incredulamente. Levou um tempo até que ele reparasse.

- O que?

- Falando de sobrenatural... - eu indiquei.

- Bella - ele disse com uma voz lenta e diferente. Amadurecida. Eu me dei conta de que de repente ele parecia ser mais velho que eu - como um pai ou um professor. - O que eu sou nasceu comigo. Isso é parte de quem eu sou, de quem a minha família é, de quem toda a tribo é, essa é a razão pela qual ainda estamos aqui. Além do mais - ele olhou pra mim, seus olhos pretos ilegíveis. - Eu ainda *sou* humano.

Ele pegou a minha mão e pressionou no seu peito febrilmente quente. Através da sua camisa, eu podia sentir as batidas uniformes do coração dele na minha palma.

- Humanos normais não podem andar em motos do jeito que você faz.

Ele deu um meio sorriso fraco. - Humanos normais fogem de monstros, Bella. E eu nunca disse que era normal. Só humano.

Ficar com raiva de Jacob era trabalhoso demais. Eu comecei a sorrir enquanto tirava a minha mão do peito dele.

- Você é bastante humano pra mim - eu permití. - No momento.

- Eu me sinto humano. - Ele olhou através de mim, o rosto dele estava entristecido. O lábio inferior dele estremeceu, e ele o mordeu com força.

- Oh, Jake - eu sussurrei, pegando a mão dele.

Era por isso que eu estava lá. Era por isso que eu aguentaria qualquer recepção que estivesse esperando por mim quando eu voltasse. Porque, por baixo de toda aquela raiva e sarcasmo, Jacob estava sentindo dor. Nesse momento, isso estava muito claro nos olhos dele. Eu não sabia como ajudá-lo, mas eu já sabia que eu tinha que tentar. Isso era mais do que porque eu o devia. Era porque a dor dele me machucava também. Jacob havia se tornado uma parte de mim, e não havia como mudar isso agora.

5. IMPRESSÃO

- Você está bem, Jake? Charlie disse que você está passando por um momento difícil... Isso não tá melhorando?

A mão quente dele circulou a minha. - Não é tão ruim - ele disse, mas ele não me olhava nos olhos.

Ele caminhou lentamente para o banco de salgueiro, olhando para as pedrinhas com cor de arco-íris, e me puxando para o lado dele. Eu me sentei na nossa árvore, mas ele preferiu se sentar no chão molhado, coberto de pedras do que perto de mim. Eu me perguntei se era pra que ele pudesse esconder o rosto com mais facilidade. Ele continuou segurando minha mão.

Eu comecei a tagarelar para acabar com o silêncio. - Já faz tanto tempo desde que eu estive aqui. Eu provavelmente perdi uma tonelada de coisas. Como estão Sam e Emily? E Embry? E Quil?

Eu parei no meio da frase, lembrando que o amigo de Jacob, Quil, costumava ser um assunto sensível.

- Ah, Quil - Jacob suspirou.

Então já devia ter acontecido - Quil deve ter se juntado ao bando.

- Eu lamento - eu murmurei.

Para a minha surpresa, Jacob bufou. - Não diga isso a *e/e*.

- O que você quer dizer?

- Quil não está procurando por pena. Pelo contrário, ele está contente. Simplesmente louco de felicidade.

Isso não fazia sentido pra mim. Todos os outros lobos tinham estado tão deprimidos com a idéia do amigo deles dividir esse mesmo destino. - Huh? - Jacob pendeu a cabeça de lado pra olhar pra mim. Ele sorriu e revirou os olhos. - Quil acha que isso é a coisa mais legal que já aconteceu com ele. Agora ele já sabe realmente o que está acontecendo. E ele está feliz por ter os amigos de volta, por ser parte "do grupo". - Jacob bufou de novo. - Eu não devia estar supreso, eu acho. Isso é tão *Quil*.

- Ele *gosta* disso?

- Honestamente... a maioria deles gosta - Jacob admitiu lentamente. - Definitivamente têm lados bons nisso - a velocidade, a liberdade, a força... a sensação de- de *família*... Sam e eu somos os únicos que se sentem mal. E Sam já superou isso a muito tempo. Então agora eu sou o bebê chorão. - Jacob riu de si mesmo.

Haviam tantas coisas que eu queria saber. - Porque você e Sam são diferentes? O que aconteceu com Sam, afinal? Qual é o problema dele? - As perguntas iam escapando sem dar tempo pra uma resposta, e Jacob riu de novo.

- Essa é uma longa história.

- Eu te contei uma longa história. Além do mais, eu não estou com pressa. - Eu disse, e depois fiz uma careta quando eu pensei no problema em que ia me meter.

Ele olhou pra mim rapidamente, ouvindo o tom de dúvida nas minhas palavras. - Ele vai ficar com raiva de você?

- Sim - eu admití. - Ele realmente odeia quando eu faço coisas que ele considera... arriscadas.

- Como andar com lobisomens.

- É.

Jacob levantou os ombros. - Então não volte. Eu durmo no sofá.

- Essa é uma ótima idéia - eu rosnei. - Porque aí ele ia vir procurar por mim.

Jacob enrijeceu, e sorriu sem sinceridade. - Viria?

- Se ele estivesse com medo de que eu fosse me machucar ou coisa assim, provavelmente.

- A minha idéia está parecendo melhor a cada segundo.

- Por favor, Jake. Isso realmente me incomoda.

- O que?

- Que vocês dois estejam tão prontos pra matar um ao outro! - eu reclamei. - Isso me deixa louca. Porque vocês dois não podem ser civilizados?

- Ele está pronto pra me matar? - Jacob perguntou com um sorriso de zombaria, despreocupado com a minha raiva.

- Não como você parece estar! - eu me dei conta de que estava gritando. - Pelo menos *e/le* consegue ser maduro em relação a isso. Ele sabe que te machucou e me machucou, então ele nunca faria isso. Você não parece se importar com isso nem um pouco!

- É, tá - Jacob murmurou. - Estou certo de que ele é um pacificador.

- Ugh! - eu puxei a minha mão da dele e empurrei a cabeça dele pra longe. Então eu puxei os meus joelhos para o meu peito e passei os meus braços com força ao redor deles.

Eu olhei para o horizonte, enfurecida.

Jacob ficou quieto por alguns minutos. Finalmente, ele levantou do chão e se sentou ao meu lado, colocando o braço ao redor do meu ombro. Eu o afastei.

- Desculpe - ele disse baixinho. - Eu vou tentar me comportar.

Eu não respondi.

- Você quer ouvir sobre Sam? - ele ofereceu.

Eu levantei os ombros.

- Como eu disse, é uma longa história. E muito... estranha. Existem muitas coisas estranhas sobre essa nova vida. Eu não tive tempo pra te contar nem a metade. E essa coisa com Sam, bem, eu não sei se serei capaz de explicar direito.

As palavras dele eriçaram a minha curiosidade apesar da minha irritação.

- Eu estou ouvindo - eu disse rigidamente.

Pelo canto do meu olho, eu ví os cantos da boca dele se levantarem em um sorriso.

- Sam e eu sofremos muito mais com isso do que os outros. Porque ele foi o primeiro, e ele estava sozinho, e ele não tinha ninguém pra dizê-lo o que estava acontecendo. O avô de Sam morreu antes que ele tivesse nascido, e o pai dele nunca esteve por perto. Não havia ninguém lá pra reconhecer os sinais. Na primeira vez que aconteceu, a primeira vez que ele se transformou, ele pensou que tinha enlouquecido. Ele levou duas semanas pra se acalmar o suficiente pra voltar ao normal. Isso foi antes de você vir a Forks, então você não poderia lembrar. A mãe de Sam e Leah Clearwater fizeram os guardas da floresta procurar ele, a polícia. As pessoas pensaram que ele tinha sofrido um acidente ou algo assim...

- Leah - eu perguntei, surpresa. Leah era a filha de Harry. Ouvir o nome mandou uma onda imediata de piedade por mim. Harry Clearwater, velho amigo de Charlie, tinha morrido de um ataque do coração na primavera passada.

A voz dele mudou, ficou mais pesada. - É. Leah e Sam eram namorados na escola. Eles começaram a namorar quando ela ainda era caloura. Ela ficou frenética quando ele desapareceu.

- Mas ele e Emily...

- Eu vou chegar lá, isso é parte da história - ele disse. Ele inalou lentamente, e exalou com força.

Eu acho que eu tinha sido boba por pensar que Sam nunca havia amado ninguém além de Emily. A maioria das pessoas se apaixona e desapaixona tantas vezes na vida. É só que eu tinha visto Sam com Emily, e eu não conseguia imaginá-lo com mais ninguém.

O jeito como ele olhava pra ela... bem, isso me lembrava de um olhar que eu já tinha visto algumas vezes nos olhos de Edward - quando ele estava olhando pra mim.

- Sam voltou - Jacob disse. - mas ele não disse a ninguém onde havia estado. Os rumores começaram a aparecer, de que ele não estava fazendo nada bom, em grande parte. E depois Sam se bateu com o avô de Quil quando o velho Quil Ateara veio visitar a Sra. Uley. Sam balançou a mão dele. O velho Quil quase teve um derrame.

Jacob parou pra rir.

- Porque?

Jacob colocou a mão na minha bochecha e puxou meu rosto pra que eu pudesse olhar pra ele - ele estava inclinado na minha direção. A palma dele queimava a minha pele, como se ele estivesse com febre.

- Oh, certo - eu disse. Eu estava desconfortável, tendo o meu rosto tão perto do dele e a mão quente dele na minha pele. - Sam estava com a temperatura alta.

Jacob riu de novo. - Parecia que Sam tinha colocado a mão dele no fogão.

Ele estava tão perto, que eu podia sentir a sua respiração quente. Eu alcancei casualmente, pra retirar a mão dele e libertar o meu rosto, mas entralecei meus dedos com os dele pra não magoar seus sentimentos. Ele sorriu e se afastou, sem ser enganado com a minha tentativa de ser gentil.

- Então o Sr. Ateara foi até os anciões - Jacob continuou. - Eles eram os únicos que haviam restado que ainda sabiam, ainda lembravam. O Sr. Ateara, Billy e Harry realmente haviam visto seus avôs se transformando. Quando o velho Quil os contou, eles se encontraram com Sam secretamente e explicaram. Foi mais fácil quando ele entendeu, quando ele não estava mais sozinho. Eles sabiam que ele não seria o único a ser afetado pela volta dos Cullen - ele pronunciou o nome com uma acidez incosciente - mas ninguém mais era velho o suficiente. Então Sam esperou até que o resto de nós se juntasse a ele...

- Os Cullen não tinham idéia - eu disse em um sussurro. - Eles não sabiam que os lobisomens ainda existiam aqui. Eles não sabiam que vir aqui faria com que vocês mudassem.

- Isso não muda o fato de que fez.

- Me lembre de não mexer com o seu lado ruim.

- Você acha que eu devia perdoá-los como você? Nós não podemos ser todos Santos e Mártires.

- Cresça, Jacob.

- Eu queria poder - ele murmurou baixinho.

Eu o encarei, tentando entender o sentido da frase dele. - O que?

Jacob gargalhou. - Uma daquelas muitas coisas estranhas que eu mencionei.

- Você... não pode... crescer? - eu disse vazia. - Você o que? Não vai... *envelhecer*? Isso é uma piada?

- Nope - ele estalou os lábios no P.

Eu sentí o sangue escapando do meu rosto. Lágrimas - lágrimas de raiva - encheram os meus olhos. Os meus dentes rangeram, com um audível som incômodo.

- Bella? O que foi que eu disse?

Eu estava de pé de novo, minhas mãos eram bolas nos meus pulsos, o meu corpo estava tremendo.

- Você. Não. Vai. Envelhecer. - Eu rugí por entre os dentes.

Jacob puxou o meu braço gentilmente, tentando me fazer sentar. - Nenhum de nós vai. Qual é o problema com você?

- Eu sou a única que tem que ficar *velha*? Eu estou ficando mais velha a cada dia nojento! - eu praticamente gritei, jogando as mãos pra o ar. Uma parte de mim reconheceu que eu estava fazendo um escândalo Charlie-esco, mas essa parte racional estava dominada pela parte irracional. - *Droga!* Que espécie de mundo é esse? Onde está a *justiça*?

- Pega leve, Bella.

- Cala a boca, Jacob. Só cala a boca! É tão *injusto*!

- Você seriamente acabou de bater o pé? Eu pensei que as garotas só faziam isso na TV.

Eu rosnei de forma não impressionante.

- Não é tão ruim quanto você pensa. Sente e eu vou explicar.

- Eu vou ficar de pé

Ele revirou os olhos. - Tá certo. O que você quiser. Mas escute, eu *vou* envelhecer... algum dia.

- Explique.

Ele deu um tapinha na árvore. Eu rosnei por um segundo, mas depois eu me sentei; meu temperamento melhorou tão rapidamente quanto tinha piorado e eu me acalmei o suficiente pra me dar conta que eu estava fazendo papel de boba.

- Quando nos tornarmos velhos o suficiente pra desistir... - Jacob disse. - Quando nós pararmos de nos transformar por uma sólida quantidade de tempo, nós envelhecemos de novo. Não é fácil. - Ele balançou a cabeça, abruptamente duvidoso. - Vai levar bastante tempo para aprender esse tipo de restrição, eu acho. Sam ainda nem chegou lá. É claro que não ajuda o fato de que há um enorme grupo de vampiros por perto. Nós não podemos nem pensar em desistir enquanto a tribo precisar de protetores. Mas você não devia ficar louca por causa disso, de qualquer forma, porque eu já sou mais velho de que você, fisicamente, pelo menos.

- Do que é que você está falando?

- Olha pra mim, Bells. Você acha que eu pareço ter dezesseis?

Eu olhei para a estatura de mamute dele, tentando ser imparcial. - Não exatamente, eu acho.

- Nem um pouco. Porque nós atingimos a maturidade máxima dentro de alguns meses quando o gene lobisomem é ativado. É um tremendo período de crescimento. - Ele fez uma cara. - Fisicamente, eu provavelmente tenho vinte e cinco ou coisa parecida. Então você não precisa se preocupar em ser velha demais pra mim por pelo menos sete anos.

Vinte e cinco ou coisa assim. A idéia mexeu com a minha cabeça. Mas eu me lembrei daquele período de crescimento - eu me lembrei de observar ele crescer bem em frente aos meus olhos. Eu me lembrei de como ele parecia diferente todos os dias... eu balancei a minha cabeça, me sentindo tonta.

- Então, você quer ouvir sobre Sam, ou você quer gritar mais comigo por coisas que estão fora do meu controle?

Eu respirei fundo. - Desculpa. Idade é um assunto complicado pra mim. Isso atacou meus nervos.

Os olhos de Jacob estreitaram, como se ele estivesse tentando decidir a forma de falar alguma coisa.

Já que eu não queria falar sobre as coisas realmente complicadas pra mim - meus planos pra o futuro, ou os acordos que podiam ser quebrados por tais planos, eu fiz ele ir em frente.

- Então, quando Sam entendeu o que estava acontecendo, quando ele tinha Billy e Harry e o Sr. Ateara, você disse que não foi mais difícil. E, como você também disse, existem partes boas... - eu hesitei brevemente. - O que faz Sam odia-los tanto? O que faz ele desejar que eu os odeie?

Jacob suspirou. - Essa é a parte realmente estranha.

- Eu sou profissional em coisas estranhas.

- É, eu sei. - Ele riu antes de continuar. - Então, você está certa. Sam sabia o que estava acontecendo, e tudo estava meio que bem. Em maioria, a vida dele estava, bem, não normal. Mas melhor. - Aí a expressão de Jacob endureceu, como se alguma coisa dolorosa estivesse vindo. - Sam não podia contar a Leah. Nós não devemos contar a ninguém que não deva saber. E não era muito seguro ele estar perto dela, mas ele trapaceou, exatamente como eu fiz com você. Leah ficou furiosa por ele não contá-la o que estava acontecendo, onde ele havia estado, onde ele esteve a noite inteira, porque ele estava sempre tão exausto, mas eles estavam fazendo dar certo. Eles estavam tentando. Eles realmente se amavam.

- Ela descobriu? Foi isso que aconteceu?

Ele balançou a cabeça. - Não, esse não é o problema. A prima dela, Emily Young, veio da reserva de Makah pra fazer uma visita a ela num fim de semana.

Eu sufoquei. - Emily é prima de Leah?

- Prima de segundo grau. No entanto, elas são próximas. Elas eram como irmãs quando eram crianças.

- Isso é... horrível. Como Sam pôde...? - eu parei, balançando minha cabeça.

- Não o julgue ainda. Alguém já te disse... Você já ouviu falar da *impressão*?

- Impressão? - eu repeti a palavra estranha. - Não. O que significa?

- É uma daquelas coisas estranhas com as quais eu tenho que lidar. Isso não acontece com todo mundo. Na verdade, eu acho que é uma rara exceção, não uma regra. Até essa hora, Sam já havia ouvido todas as histórias, as histórias que todos nós costumávamos pensar que eram lendas. Ele ouviu da impressão, mas ele nunca sonhou que...

- O que é? - eu instiguei.

Os olhos de Jacob grudaram no oceano. - Sam amava Leah. Mas quando ele viu Emily, isso não importou mais. As vezes... nós não sabemos exatamente porque... nós encontramos as nossas parceiras assim. - Os olhos dele voltaram pra mim, o rosto dele ficando vermelho. - Eu quero dizer... as nossas almas gêmeas.

- Que jeito? Amor à primeira vista? - eu ri silenciosamente.

Jacob não estava rindo. Os olhos dele estavam criticando a minha reação. - Isso é um pouco mais poderoso do que isso. Mais absoluto.

- Desculpa - eu murmurei. - Você está falando sério, não está?

- É, eu estou.

- Amor à primeira vista? Mas mais poderoso? - A minha voz soava duvidosa, e ele podia ouvir isso.

- Não é fácil explicar. De qualquer forma, não importa. - Ele levantou os ombros indiferentemente. - Você queria saber o que aconteceu com Sam pra fazê-lo odiar os vampiros por fazer ele mudar, pra fazê-lo odiar a si mesmo. E foi isso que aconteceu. Ele partiu o coração de Leah. Ele teve que voltar atrás em todas as promessas que havia feito a ela. Todos os dias ele tem que ver a acusação nos olhos dela, e saber que ela está certa.

Ele parou de falar abruptamente, como se ele tivesse dito alguma coisa que não devia ter dito.

- Como Emily lidou com isso? Se ela era tão próxima a Leah...? - Sam e Emily eram extremamente *certos* juntos, duas partes de quebra-cabeças, feitos um para o outro exatamente. Ainda assim... Como Emily ignorou o fato de que ele pertencia a outra pessoa? Quase a irmã dela.

- Ela ficou com muita raiva no início, mas era difícil resistir àquele nível de compromisso e adoração. - Jacob suspirou. - E depois, Sam pôde contar tudo pra ela. Não existem regras que te impeçam quando você realmente encontra a sua outra metade. Você sabe como ela se machucou?

- Sei. - A história em Forks era de que ela tinha sido atacada por um urso, mas eu sabia do segredo.

Lobisomens são instáveis, Edward tinha dito. *As pessoas próximas a eles se machucam*.

- Bem, estranhamente o suficiente, isso foi meio que a forma como eles acertaram as coisas. Sam ficou tão horrorizado, tão enojado consigo mesmo, tão cheio de ódio pelo que ele havia feito... Ele teria se atirado na frente de um ônibus se isso fizesse com que ela se sentisse melhor. Ele deve ter feito do mesmo jeito, só pra escapar do que ele havia feito. Ele estava arrasado... Então, de alguma forma, era *ela* que estava confortando ele, e no fim das contas...

Jacob não terminou o seu pensamento, e eu senti que a história tinha se tornado pessoal demais pra dividir.

- Pobre Emily - eu sussurrei. - Pobre Sam. Pobre Leah...

- É, Leah ficou com a pior parte - ele concordou. - Ela faz cara de durona. Ela vai ser uma das damas de honra.

Eu olhei pra longe, para as rochas pontudas que se erguiam do oceano como se fossem dedos quebrados ao sul do porto, enquanto eu tentei entender o sentido disso tudo. Eu podia sentir os olhos dele no meu rosto, esperando que eu dissesse alguma coisa.

- Isso aconteceu com você? - eu finalmente perguntei, ainda olhando pra longe. - Essa coisa de amor à primeira vista?

- Não - ele respondeu vivamente. - Sam e Jared são os únicos.

- Hmm - eu disse, tentando soar educadamente interessada. Eu estava aliviada, e eu tentei explicar a minha reação para mim mesma. Eu decidí que eu só estava feliz que não havia nenhuma ligação mística, de lobos, entre nós. O nosso relacionamento já era confuso o suficiente

do jeito que era. Eu não queria mais nada sobrenatural além daquilo com o que eu já tinha que lidar.

Ele estava quieto também, e o silêncio ficou um pouco estranho. A minha intuição me disse que eu não ia querer saber o que ele estava pensando.

- Como foi que isso funcionou pra Jared? - eu perguntei pra quebrar o silêncio.

- Nenhum drama aqui. Era só uma garota da qual ele passou o ano todo sentando perto na escola e ele nunca a olhou duas vezes. E depois, quando ele foi transformado, ele olhou pra ela e não conseguiu desviar o olhar. Kim ficou muito feliz. Ela tinha uma enorme queda por ele. Ela tinha escrito o sobrenome dele depois do nome dela no diário dela inteiro. - Ele sorriu de zombaria.

Eu fiz uma careta. - Jared te contou isso? Ele não devia ter contado.

Jacob mordeu o lábio. - Eu acho que não devia rir. No entanto, é engraçado.

- Bela alma gêmea.

Ele suspirou. - Jared não nos contou de propósito. Eu já te contei essa parte, lembra?

- Oh, é. Vocês podem ouvir os pensamentos uns dos outros, mas só quando são lobos, certo?

- Certo. Igual ao seu sugador de sangue.

- Edward - eu corrigi.

- Claro, claro. É assim que eu sei tanto sobre como Sam se sentiu. Não é como se ele fosse nos contar isso se ele tivesse escolha. Na verdade, isso é uma coisa que todos nós odiamos. - A acidez repentinamente endureceu a voz dele. - É horrível. Sem privacidade, sem segredos. Todas as coisas das quais você se envergonha, expostas pra todo mundo ver. - Ele estremeceu.

- Parece horrível - eu sussurrei.

- Isso é útil quando nós precisamos nos coordenar - ele disse carrancudo. - Uma vez a cada lua azul, quando um sugador de sangue ultrapassa o nosso território. Laurent foi divertido. E se os Cullen não tivessem ficado no nosso caminho no Sábado passado... ugh! - ele rugiu. - Nós podíamos ter agarrado ela! - Os punhos dele viraram duas bolas raivosas.

Eu enrijei. Mesmo me preocupando que Jasper ou Emmett se machucassem, isso não era nada comparado com o pânico que eu sentí com a idéia de Jacob tentando enfrentar Victoria. Emmett e Jasper eram as duas coisas mais próximas do indestrutível que eu podia imaginar. Jacob ainda era quente, ainda era comparativamente humano. Mortal. Eu pensei em Jacob enfrentando Victoria, seu cabelo brilhante esvoaçando ao redor do seu rosto estranhamente felino... e estremei.

Jacob olhou pra mim com uma expressão curiosa. - Mas não é assim pra você o tempo todo? Tendo *e/e* em sua cabeça?

- Oh, não. Edward nunca está em minha cabeça. Ele só deseja isso.

A expressão de Jacob ficou confusa.

- Ele não pode me ouvir - eu expliquei, a minha voz estava um pouco presumida por causa do hábito. - Eu sou a única que é assim pra ele. Nós não sabemos *porque* ele não pode.

- Estranho - Jacob disse.

- É - a presunção desapareceu. - Isso provavelmente significa que tem alguma coisa errada com o meu cérebro - eu admiti.

- Eu já sabia que tinha alguma coisa errada com o seu cérebro - Jacob murmurou.

- Obrigada.

O sol saiu do meio das nuvens de repente, uma surpresa que eu não estava esperando, e eu tive que apertar os meus olhos pra olhar para a água. Tudo tinha mudado de cor - as ondas mudaram de cinza para azul, as árvores de uma cor de oliva chata para um brilhante jade, e as pedrinhas com cor de arco-íris brilhavam como se fossem pedras preciosas.

Nós piscamos por um segundo, deixando os nossos olhos se ajustarem. Não havia nenhum som além do murmúrio das ondas que ecoavam de todos os lados do porto abrigado, o som suave das pedras batendo umas contra as outras a cada movimento que a água fazia, e o choro das gaivotas lá no alto. Era muito tranquilo.

Jacob se aproximou de mim, até que ele estava se inclinando no meu braço. Ele era tão quente. Depois de um minuto disso, eu tirei o meu casaco de chuva. Ele fez um sonzinho de contentamento no fundo da garganta, e descansou o seu queixo em cima da minha cabeça. Eu podia sentir o sol esquentando a minha pele - apesar dele não ser tão quente quanto Jacob. E eu me perguntei à toa quanto tempo eu levaria até me queimar.

Com a mente ausente, eu virei minha mão direita para o lado, e observei a minha pele brilhar subitamente na cicatriz que James havia me deixado lá.

- No que você está pensando? - ele murmurou.

- O sol.

- Hmm. É legal.

- No que você está pensando?

Ele gargalhou para si mesmo. - Eu estava lembrando daquele filme idiota que você me levou. E de Mike Newton vomitando em tudo.

Eu ri também, surpresa de ver como o tempo havia mudado aquela memória. Ela costumava ser uma memória de estresse, de confusão.

Tanta coisa mudou naquela noite... E agora eu podia rir. Essa foi a última noite que eu e Jacob havíamos tido antes que ele soubesse a verdade sobre a sua herança.

A última memória humana. Uma memória estranhamente agradável agora.

- Eu sentí falta disso - Jacob disse. - Do jeito que isso costumava ser tão fácil... descomplicado. Eu estou feliz por ter uma boa memória. - Ele suspirou.

Ele sentiu a tensão repentina no meu corpo quando as memórias dele desencadearam as minha próprias memórias.

- O que foi? - ele perguntou.

- Sobre essa sua boa memória... - eu me separei dele pra que assim eu pudesse ver o seu rosto. No momento, ele estava confuso. - Você se importa de dizer o que você estava fazendo na Segunda de manhã? Você estava pensando em alguma coisa que incomodou Edward. - *Incomodaram* não era exatamente a palavra pra isso, mas eu queria uma resposta, então eu achei que era melhor não começar muito severamente.

O rosto de Jacob brilhou com a compreensão, e ele riu. - Eu só estava pensando em você. Ele não gostou muito, não é?

- *Em mim?* O que sobre mim?

Jacob sorriu de novo, dessa vez com um tom mais duro. - Eu estava me lembrando do jeito como você estava na noite em que Sam te achou - eu ví isso na cabeça dele, e é como se eu estivesse lá; aquela memória sempre perseguiu Sam, sabe. E depois eu me lembrei de como você estava na primeira vez que foi na minha casa. Eu aposto que você não imagina a confusão que você estava na época, Bella. Levaram semanas até que você começasse a parecer humana de novo. E eu me lembrei de como você sempre costumava passar os braços ao redor de si mesma, tentando se manter inteira... - Jacob gemeu, e depois balançou a cabeça. - É difícil pra mim lembrar do quanto você estava triste, e não era *minha* culpa. Então eu me dei conta de que seria mais difícil pra ele. E eu pensei que ele devia dar uma olhada no que ele tinha feito.

Eu batí no ombro dele. Isso machucou a minha mão. - Jacob Black, nunca mais faça isso de novo! Me prometa que você não vai.

- De jeito nenhum. Eu não me divertia daquele jeito ha meses.

- Então me ajude, Jake...

- Oh, deixa dessa, Bella. Quando é que eu vou conseguir vê-lo de novo? Não se preocupe com isso.

Eu fiquei de pé, e ele segurou a minha mão enquanto começamos a caminhar. Eu tentei me soltar.

- Eu vou embora, Jacob.

- Não, não vá ainda - ele protestou, a mão dele apertando a minha. - Me desculpe. E... está bem, eu não vou fazer aquilo de novo. Prometo.

Eu suspirei. - Obrigada, Jake.

- Vamos lá, vamos voltar para a minha casa - ele disse ansiosamente.

- Na verdade, eu acho que eu realmente preciso ir. Angela Weber está me esperando, e eu sei que Alice está preocupada. Eu não quero deixá-la muito chateada.

- Mas você acabou de chegar aqui!

- É que parece - eu concordei. Eu olhei para o sol, de alguma forma ele já estava diretamente à frente. Como o tempo tinha passado tão rapidamente?

As sobrancelhas dele se juntaram em cima dos seus olhos. - Eu não sei quando vou ver você de novo - ele disse com uma voz machucada.

- Eu volto da próxima vez que ele estiver longe - eu prometi impulsivamente.

- *Longe?* - Jacob rolou os olhos. - Essa é uma forma legal de descrever o que ele está fazendo. Parasitas nojentos.

- Se você não consegue ser gentil, eu não vou voltar! - eu ameacei, tentando soltar a minha mão. Ele se recusou a soltar.

- Aw, não fique com raiva - ele disse, rindo. - Reação instantânea.

- Se eu vou tentar vir outra vez, você vai ter que entender bem uma coisa, certo?

Ele esperou.

- Entenda - eu expliquei. - Eu não me importo com quem é o vampiro e quem é o lobisomem. Isso é irrelevante. Você é Jacob, e ele é Edward, e eu sou Bella. Nada mais importa.

Os olhos dele estreitaram um pouco. - Mas eu *sou* um lobisomem - ele disse sem vontade. - E ele *é um vampiro* - *ele disse com óbvia repulsa.*

- *E eu sou do signo de Virgem!* - eu gritei, exasperada.

Ele ergueu as sobrancelhas, medindo a minha expressão com olhos curiosos. Finalmente, ele ergueu os ombros.

- Se você realmente consegue ver dessa forma...

- Eu consigo. Eu vejo.

- Está bem. Simplesmente Bella e Jacob. Nada desses Virginianos esquisitos por aqui. - Ele sorriu pra mim, o sorriso cálido, familiar do qual eu sentia tanta falta. Eu sentí o sorriso de resposta se abrindo no meu rosto.

- Eu realmente sentí sua falta, Jake - Eu admití impulsivamente.

- Eu também - o sorriso dele abriu mais. Os olhos dele estavam felizes e claros, livres pelo menos uma vez da raiva ácida. - Mais do que você sabe. Você vai voltar logo?

- Assim que eu puder - eu prometi.

6. SUÍÇA

Enquanto eu dirigia pra casa, eu não estava prestando muita atenção na estrada que brilhava com a água no sol. Eu estava pensando o jorro de informações que Jacob havia dividido comigo, tentando desvendar tudo, forçar isso a ter sentido. Apesar da sobre-carga, eu me sentia mais leve. Ver Jacob sorrir, ter todos os segredos colocados pra fora... isso não deixava as coisas perfeitas, mas as fazia melhores. Eu estava certa por ter ido. Jacob precisava de mim. E obviamente, eu pensei enquanto piscava com causa da claridade, não havia nenhum perigo.

Ele apareceu do nada. Num minuto não havia nada além da pista clara no meu espelho retrovisor. No minuto seguinte, o sol estava resplandecendo em um Volvo prateado que estava na minha cola.

- Aw, droga - eu choraminguei.

Eu considereei parar. Mas eu era covarde demais pra enfrentá-lo imediatamente.

Eu estava contando com algum tempo pra me preparar... e ter Charlie por perto como amortecedor. Pelo menos ele ia se esforçar pra manter a voz baixa.

O Volvo seguia a uns metros atrás de mim. Eu mantive os meus olhos na estrada em frente.

Como a covarde que eu era, eu dirigí direto para a casa de Angela sem encontrar nenhuma vez os olhos que eu sentia me queimando um buraco no espelho retrovisor.

Ele me seguiu até que eu parei na calçada na frente da casa dos Weber. Ele não parou, e eu não olhei pra cima quando ele passou. Eu não queria ver a expressão no rosto dele. Eu corri pela curta calçada de concreto até a porta de Angela quando ele estava fora de vista.

Ben atendeu a porta antes que eu pudesse terminar de bater, como se ele estivesse de pé atrás dela.

- Hey, Bella! - ele disse, surpreso.

- Oi, Ben. Er, Angela está aqui? - eu me perguntei se Angela teria esquecido os nossos planos, e estremecei com o pensamento de voltar pra casa mais cedo.

- Claro - Ben disse exatamente quando Angela chamou, - Bella! - e apareceu no topo das escadas.

Ben espiou através de mim enquanto nós dois ouvimos o som de um carro na estrada; o som não me assustou - esse motor fez barulho quando parou, acompanhado pelo estouro da descarga. Nada como o ronco do Volvo. Esse devia ser o visitante que Ben estava esperando.

- Austin está aqui - Ben disse quando Angela chegou ao lado dele.

Uma buzina soou na rua.

- Eu te vejo mais tarde - Ben prometeu. - Já sinto sua falta.

Ele jogou o braço ao redor do pescoço de Angela e trouxe o rosto dela pra baixo até a altura dele pra que ele pudesse dar um beijo nela com entusiasmo. Depois de um segundo disso, Austin buzinou de novo.

- Tchau, Ang! Te amo! - Ben gritou enquanto passava correndo por mim. Angela virou, o rosto dela levemente rosado, depois se recuperou e acenou até que Ben e Austin estivessem fora de vista. Depois ela se virou pra mim e sorriu significativamente.

- Obrigada por fazer isso, Bella - ela disse. - Do fundo do meu coração. Você não está apenas salvando as minhas mãos de danos permanentes, você também me poupou de duas longas horas de um filme chato e com artes-marcias de má qualidade. - Ela suspirou aliviada.

- Feliz por servir - Eu estava sentindo um pouco menos de pânico, e era capaz de respirar um pouco mais uniformemente. Eu me sentia tão normal aqui. As dramas fáceis de Angela eram estranhamente tranquilizadores. Era legal saber que eu era normal *em algum lugar*.

Eu seguí Angela pelas escadas até o quarto dela. Ela chutou brinquedos fora do caminho enquanto passava. A casa estava estranhamente quieta.

- Onde está a sua família?

- Os meus pais levaram os gêmeos para uma festa de aniversário em Port Angeles. Eu não posso acreditar que você realmente vai me ajudar com isso. Ben está fingindo que tem tendinite. - Ela fez uma cara.

- Eu não me importo nem um pouco. - Eu disse, e então entrei no quarto de Angela e ví as pilhas de envelopes esperando.

- Oh! - eu ofeguei. Angela virou pra olhar pra mim, pedindo desculpas com os olhos. Eu podia ver porque ela esteve adiando isso, e porque Ben pulou fora.

- Eu pensei que você estivesse exagerando - eu admiti.

- Eu queria. Você tem certeza que quer fazer isso?

- Me faça trabalhar. Eu tenho o dia inteiro.

Angela dividiu uma pilha na metade e colocou o livro de endereços da mãe dela entre nós em cima da mesa. Por um momento nós nos concentramos, e só havia o som das nossas canetas passando quietamente sobre o papel.

- O que Edward vai fazer essa noite? - ela perguntou depois de alguns minutos. A minha caneta afundou no envelope no qual eu estava escrevendo.

- Emmett está em casa para o fim de semana. Eles *deviam* estar caminhando.

- Você diz isso como se não tivesse certeza.

Eu levantei os ombros.

- Você tem sorte que Edward tem os irmãos pra fazer as caminhadas e os acampamentos. Eu não sei o que eu faria se Ben não tivesse Austin para essa coisa de garotos.

- É, o ar livre não é pra mim. E não tem jeito de eu ser capaz de acompanhar.

Angela riu. - Eu também prefiro ficar em casa.

Ela se concentrou na sua pilha por um minuto. Eu escrevi mais quatro endereços. Nunca havia a pressão de encher uma pausa com tagarelice sem sentido com Angela. Como Charlie, ela ficava confortável com o silêncio.

Mas, como Charlie, ela também era muito observadora as vezes.

- Tem algo errado? - ela perguntou com uma voz baixa agora. - Você parece... ansiosa.

Eu sorri bobamente. - É assim tão óbvio?

- Na verdade não.

Ela provavelmente estava mentindo pra fazer eu me sentir melhor.

- Você não precisa falar disso a não ser que queira - ela me assegurou. - Eu vou escutar se você achar que eu posso ajudar.

Eu estava prestes a dizer *obrigada, mas não, obrigada*. Afinal, haviam segredos demais que eu precisava guardar. Eu realmente não podia discutir os meus problemas com alguém humano. Isso era contra as regras.

E mesmo assim, com uma intensidade estranha, repentina, isso era exatamente o que eu queria. Eu queria falar com uma amiga normal e humana. Eu queria gemer um pouco, como qualquer outra garota adolescente.

Eu queria que os meus problemas fossem assim tão simples. Também seria legal ter alguém de fora dessa bagunça de vampiros-lobisomens pra colocar as coisas em perspectiva. Uma pessoa neutra.

- Eu vou cuidar dos meus próprios assuntos - Angela prometeu, sorrindo para o endereço no qual ela estava trabalhando.

- Não - eu disse. - Você está certa. Eu estou ansiosa. É... é Edward.

- O que há de errado?

É tão fácil conversar com Angela. Quando ela perguntava uma coisa assim, eu podia notar que ela não estava apenas morbidamente curiosa ou procurando uma fofoca, como Jéssica estaria. Ela se importava por eu estar chateada.

- Oh, ele está com raiva de mim.

- Isso é difícil de imaginar - ela disse. - Do que ele está com raiva?

Eu suspirei. - Você se lembra de Jacob Black?

- Ah - ela disse

- É.

- Ele está com ciúmes.

- Não, não *com ciúmes*.. - eu devia ter mantido a minha boca fechada. Não tinha jeito de explicar isso direito. Mas eu queria continuar falando do mesmo jeito. Eu não tinha me dado conta de que estava faminta por conversa humana. - Edward pensa que Jacob é... uma má influência, eu acho. Meio... perigoso. Você sabe em quantos problemas eu me metí há uns meses atrás... no entanto, isso é ridículo.

Eu fiquei surpresa por ver Angela balançando a cabeça.

- O que? - eu perguntei.

- Bella, eu ví como Jacob Black olha pra você. Eu apostaria que o problema de verdade é ciúme.

- Não é assim com Jacob.

- Pra você, talvez, mas pra Jacob...

Eu fiz uma careta. - Jacob sabe como eu me sinto. Eu o disse tudo.

- Edward é apenas um humano, Bella. Ele vai reagir como qualquer outro garoto.

Eu fiz uma careta. Eu não tinha uma resposta pra isso.

Ela deu um tapinha na mão. - Ele vai superar isso.

- Eu espero que sim. Jacob está passando por um período meio difícil. Ele precisa de mim.

- Você e Jacob são muito próximos, não são?

- Como família - eu concordei.

- E Edward não gosta dele... Isso deve ser difícil. Eu me pergunto como Ben lidaria com isso? - ela meditou.

Eu dei um meio sorriso. - Provavelmente como qualquer outro garoto.

Ela riu. - Provavelmente.

Aí ela mudou de assunto. Angela não era de forçar a barra, e ela pareceu pressentir que eu não ia - que eu não podia - dizer mais nada.

- Eu peguei a minha inscrição para o dormitório hoje. O prédio mais afastado do campus, naturalmente.

- Ben já sabe onde ele vai ficar?

- No dormitório mais próximo do campus. Ele ficou com toda a sorte. E quanto a você? Você já decidiu pra onde vai?

Eu olhei pra baixo, me concentrando nos garranchos da minha caligrafia. Por um segundo eu me distraí com o pensamento de Angela e Ben na Universidade de Washington. Será que a ameaça de vampiros mais jovens já teria se mudado pra outro lugar? Haveria outro lugar, alguma outra cidade tremendo com as manchetes de filmes de terror?

Seriam essas manchetes por *minha* causa?

Eu tentei deixar isso pra lá e respondi a pergunta dela um pouco atrasada.

- Alaska, eu acho. A universidade lá de Juneau.

Eu podia ouvir a surpresa na voz dela. - Alaska? Oh. Mesmo? Quer dizer, isso é ótimo. Eu só achei que você fosse pra um lugar mais... *quente*.

Eu rí um pouco, ainda olhando para o envelope. - É. Forks realmente mudou a minha perspectiva de vida.

- E Edward?

Apesar do nome dele ter feito borboletas flutuarem no meu estômago, eu olhei pra cima e sorri pra ela. - Alaska também não é frio demais pra Edward.

Ela sorriu de volta. - É claro que não - E depois ela suspirou. - É longe demais. Você não será capaz de voltar pra casa com muita frequência. Eu vou sentir sua falta. Você me manda e-mails?

Uma onda de tristeza silenciosa passou por mim; talvez fosse um erro me aproximar de Angela agora. Mas não seria ainda mais triste perder essas últimas chances? Eu deixei pra lá os pensamentos tristes, pra poder responder a ela com zombaria.

- Se eu puder digitar de novo depois disso - Eu acenei com a cabeça em direção à pilha de envelopes que eu havia feito.

Nós rimos, e depois foi fácil conversar sobre alegremente sobre as aulas e os formandos enquanto terminávamos o resto - Tudo o que eu tive que fazer foi não pensar nisso. De qualquer forma, haviam coisas mais urgentes com as quais me preocupar hoje.

Eu ajudei ela a colocar os selos também. Eu estava com medo de ir embora.

- Como está a sua mão? - ela perguntou.

Eu flexionei os meus dedos. - Eu acho que recuperarei completamente o uso... algum dia.

A porta bateu lá embaixo, e nós duas olhamos pra cima.

- Ang? - Ben chamou.

Eu tentei sorrir, mas os meus lábios tremeram. - Eu acho que essa é a minha deixa pra ir embora.

- Você não precisa ir. Apesar de que ele provavelmente vai descrever o filme pra mim... em detalhes.

- De qualquer maneira Charlie vai ficar se perguntando onde eu estou.

- Obrigada por me ajudar.

- Na verdade, eu me diverti. Nós devíamos fazer algo assim de novo. É legal ter um tempo de garotas.

- Definitivamente.

Houve uma batida de leve na porta do quarto.

- Entre, Ben - Angela disse.

Eu me levantei e me estiquei.

- Hey, Bella! Você sobreviveu - Ben me saudou rapidamente antes de ir tomar o meu lugar ao lado de Angela. Ele olhou o nosso trabalho. - Belo trabalho. Que pena que não tem mais nada pra fazer, eu teria... - Ele deixou o pensamento parar, e recomeçou excitadamente. - Ang, eu não acredito que você perdeu isso! Foi ótimo. Houve essa sequência de luta no final, a coreografia foi inacreditável! Esse cara, bem, você vai ter que ver pra saber o que eu estou falando...

Angela revirou os olhos pra mim.

- Te vejo na escola - eu disse com uma risada nervosa.

Ela suspirou. - A gente se vê.

Eu estava inquieta na caminho até a caminhonete, mas a rua estava vazia. Eu passei toda a viagem olhando ansiosamente em todos os meus espelhos, mas nunca havia nenhum sinal do carro prateado.

O carro dele também não estava na frente de casa, apesar de que isso significava pouco.

- Bella? - Charlie perguntou quando eu abri a porta.

- Oi, pai.

Eu o encontrei na sala de estar, na frente da TV.

- Então, como foi o seu dia?

- Bom - eu disse. Eu podia ter contado tudo a ele - ele ouviria isso de Billy em breve. Além do mais, isso ia deixá-lo feliz. - Eles não precisaram de mim no trabalho, então eu fui até La Push.

Não houve surpresa suficiente no rosto dele. Billy já tinha falado com ele.

- Como está Jacob? - Charlie perguntou, tentando soar indiferente.

- Bem - eu disse, igualmente indiferente.

- Você foi à casa dos Weber?

- Sim. Nós endereçamos todos os anúncios dela.

- Isso é legal - Charlie deu um sorriso largo. Ele estava estranhamente concentrado, considerando o fato de que estava passando um jogo. - Eu estou feliz que você tenha passado tempo com os seus amigos hoje.

- Eu também.

Eu segui em direção a cozinha, procurando algo em que trabalhar. Infelizmente, Charlie já tinha limpado o seu almoço. Eu fiquei lá, olhando para a trilha brilhante que o sol fez no chão. Eu sabia que não podia adiar isso pra sempre.

- Eu vou estudar - eu anunciei sem entusiasmo enquanto eu ia para a escada.

- Te vejo mais tarde - Charlie chamou.

Se eu sobreviver, eu pensei comigo mesma.

Eu fechei a porta do meu quarto cuidadosamente antes de me virar para enfrentar o meu quarto.

É claro que ele estava lá. Ele estava contra a parede na minha frente, na sombra ao lado da janela aberta. O rosto dele estava duro e a postura dele estava tensa. Ele me encarou sem dizer nada.

Eu aguentei, esperando pela tempestade, mas ela não veio. Ele só continuou a encarar, possivelmente com raiva demais pra falar.

- Oi - eu disse finalmente.

O rosto dele podia ter sido cravado em uma pedra. Eu contei até cem na minha cabeça, mas não houve mudança.

- Er... então, eu ainda estou viva - eu comecei.

Um rugido se fez ouvir baixinho no peito dele, mas a expressão dele não mudou.

- Nenhum dano causado - eu insisti, encolhendo os ombros.

Ele se moveu. Os olhos dele se fecharam, e ele segurou a base do nariz entre os dedos da mão direita dele.

- Bella - ele sussurrou. - Você tem *alguma* idéia do quanto eu estive perto de cruzar a linha hoje? De quebrar o acordo e ir atrás de você? Você sabe o que isso teria significado?

Eu ofeguei e ele abriu os olhos. Eles estavam tão frios e duros como a noite.

- Você não pode! - eu disse alto demais. Eu trabalhei em modular o volume da minha voz pra que Charlie não ouvisse, mas eu queria gritar as palavras. - Edward, eles não vão usar nenhuma desculpa para uma briga. Eles adorariam isso. Você não pode quebrar as regras nunca!

- Talvez eles não sejam os únicos que gostariam de uma luta.

- Não comece - eu soltei. - Vocês fizeram o acordo, obedeça ele.

- Se ele tivesse machucado você...

- Chega! - eu cortei ele. - Não há nada com o que se preocupar. Jacob não é perigoso.

- Bella - ele revirou os olhos. - Você não é exatamente a melhor juíza do que é ou não perigoso.

- Eu sei que eu não preciso me preocupar com Jake. E nem você.

Ele apertou os dentes. As mãos dele estavam transformadas em bolas nos pulsos dos lados dele. Ele ainda estava contra a parede, e eu odiava o espaço entre nós. Eu respirei fundo e atravessei o quarto. Ele não se moveu quando eu passei os meus braços ao redor dele. Perto do resto do calor do fim do sol da tarde que passava pela janela, a pele dele estava especialmente gelada. Ele parecia gelo também, congelado do jeito que estava.

- Eu sinto muito por ter te deixado ansioso - eu murmurei.

Ele suspirou e relaxou um pouco. Os braços dele seguraram a minha cintura.

- Ansioso é uma indicação bem incompleta - ele murmurou. - Esse dia foi bem longo.

- Não era pra você saber sobre isso - eu lembrei ele. - Eu pensei que você passaria mais tempo caçando.

Eu olhei para o rosto dele, para os seus olhos defensivos; eu não reparei no estresse do momento, mas eles estavam escuros demais. Os círculos embaixo deles eram roxo-escuros. Eu fiz uma careta de desaprovação.

- Quando Alice te viu desaparecer, eu voltei - ele explicou.

- Você não devia ter feito isso. Agora você vai ter que ir de novo. - A minha careta se intensificou.

- Eu posso esperar.

- Isso é ridículo. Quer dizer, eu sabia que ela não podia me ver com Jacob, mas você devia saber que...

- Mas eu não sabia - ele interrompeu. - E você não pode esperar que eu...

- Oh, sim, eu posso - eu interrompi ele. - Isso é exatamente o que eu espero.

- Isso não vai acontecer de novo.

- Exatamente! Porque você não vai ser exagerado da próxima vez.

- Porque você não vai outra vez.
- Eu entendo quando você precisa ir embora, mesmo que eu não goste...
- Isso não é o mesmo. Eu não estou arriscando a minha vida.
- E nem eu.
- Lobisomens constituem um risco.
- Eu discordo.
- Eu não estou negociando isso, Bella.
- Nem eu.

As mãos dele estavam nos pulsos de novo. Eu podia senti-las nas minhas costas. As palavras saíram sem que eu pensasse. - Isso se trata realmente da minha segurança?

- O que você quer dizer? - ele quis saber.

- Você não está... - A teoria de Angela parecia mais boba agora do que antes. Foi difícil concluir o pensamento. - Eu quero dizer, você sabe que não precisa sentir ciúme, certo?

Ele ergueu uma sobrancelha. - Eu sei?

- Fale sério.

- Facilmente, não há nada remotamente engraçado nisso.

Eu fiz uma careta de suspeita. - Ou... isso é mais alguma coisa? Uma daquelas bobagens sobre vampiros e lobisomens serem inimigos? Ou isso é só cheio de testosterona...

Os olhos dele brilharam. - Isso é só sobre você. Tudo com o que eu me importo é que você esteja em segurança.

Era impossível duvidar do fogo negro dos olhos dele.

- Tudo bem - eu suspirei. - Eu acredito nisso. Mas eu quero que você saiba de uma coisa, quando se trata dessa bobagem de inimigos, eu estou fora. Eu sou um país neutro. Eu sou a Suíça. Eu me recuso a participar de disputas territoriais entre criaturas místicas. Jacob é da família. Você é... bem, você não é exatamente o amor da minha vida, porque eu espero te amar por muito mais tempo que isso. O amor da minha existência. Eu não me importo com quem é o lobisomem e que é o vampiro. Se Angela virar uma bruxa, ela pode se juntar a festa também.

Ele olhou pra mim silenciosamente por entre olhos apertados.

- Suíça - eu repeti de novo pra dar ênfase.

Ele fez uma careta pra mim, e depois suspirou. - Bella... - ele começou, mas depois parou, e o nariz dele enrugou de desgosto.

- O que foi agora?

- Bem... não se ofenda, mas você está cheirando como um cachorro - ele me disse.

E depois ele deu um sorriso torto, então eu sabia que a briga tinha acabado. Por enquanto.

Edward teria que ajeitar as coisas por ter perdido a viagem de caça, então ele ia na Sexta à noite com Jasper, Emmett e Carlisle para atacar alguma reserva ao Norte da Califórnia que estivesse com problemas com leões da montanha.

Nós não chegamos ao um acordo no problema com os lobisomens, mas eu não me senti culpada por ligar para Jake - durante a minha pequena janela de oportunidade quando Edward levou o Volvo pra casa antes de entrar de novo pela minha janela - pra deixá-lo saber que eu estaria voltando no Sábado de novo. Eu não ia ficar me escondendo. Edward sabia como eu me sentia. E se ele quebrasse a minha caminhonete de novo, então eu pediria que Jake viesse me buscar. Forks era neutra, assim como a Suíça - assim como eu.

Então, quando eu saí na Quinta e era Alice quem estava me esperando no Volvo no lugar de Edward, eu não suspeitei inicialmente. A porta do passageiro estava aberta, e uma música que eu não reconhecia estava fazendo as estruturas tremerem quando o baixo soava.

- Ei, Alice - eu gritei por cima do som enquanto eu entrava. - Onde está o seu irmão?

Ela estava acompanhando a música, a voz dela estava um oitavo mais alta do que a melodia, seguindo ela com uma harmonia complicada. Ela acenou pra mim com a cabeça, ignorando a minha pergunta enquanto se preocupava em acompanhar a música.

Eu fechei a porta e coloquei as mãos em cima dos ouvidos. Ela sorriu, e baixou o volume até que a música estava apenas no fundo. Então ela travou as portas e pisou no acelerador no mesmo segundo.

- O que está acontecendo? - Eu perguntei, começando a me sentir inquieta. - Onde está Edward?

Ela levantou os ombros. - Eles foram mais cedo.

- Oh - eu tentei controlar a minha decepção absurda. Se ele tinha ido embora antes, significava que ele estaria de volta mais cedo, eu lembrei a mim mesma.

- Todos os garotos foram, e nós vamos ter uma festa do pijama! - ela anunciou em uma voz alegre, cantante.

- Uma festa do pijama? - eu repeti, a suspeita finalmente estava entrando.

- Você não está excitada? - ela gritou de alegria.

Eu encontrei o olhar animado dela por um segundo.

- Você está me sequestrando, não está?

Ela sorriu e balançou a cabeça. - Até Sábado. Esme falou com Charlie; você vai ficar comigo por duas noites, e eu vou te levar e te trazer da escola amanhã.

Eu virei o meu rosto para a janela, os meus dentes se apertando.

- Desculpa - Alice disse sem soar nem um pouco arrependida. - Ele me pagou.

- Como? - eu assobiei por entre os dentes.

- O Porsche. É exatamente como o que eu roubei na Itália. - Ela suspirou alegremente. - Eu não devo dirigí-lo em Forks, mas se você quiser, nós podemos ver quanto tempo leva pra ir daqui até Los Angeles, eu aposto que te traria de volta antes de meia noite.

Eu respirei fundo. - Eu acho que vou passar - eu suspirei, reprimindo um tremor. Nós continuamos, sempre rápido demais, pelo longo caminho. Alice parou na garagem, e eu rapidamente olhei para os carros.

O jipe grande de Emmett estava lá, com um brilhante Porsche amarelo cor de canário entre ele e o conversível vermelho de Rosalie.

Alice saiu graciosamente e foi passar a mão no suborno dela. - É bonito, não é?

- Bonito até demais - eu murmurei, incrédula. - Ele te deu *isso* só pra você me manter prisioneira por dois dias?

Alice fez uma cara.

Um segundo depois, a compreensão veio e eu sufoquei de horror. - É por todo o tempo que ele esteve longe, não é?

Ela acenou com a cabeça.

Eu batí a minha porta e marchei em direção à casa. Ela dançou ao meu lado o tempo inteiro, ainda sem se arrepender.

- Alice, você não acha que isso é um pouco controlador demais? Um pouquinho psicótico, talvez?

- Na verdade não - ela fungou. - Você não parece compreender o quanto um lobisomem jovem pode ser. Especialmente quando eu não consigo vê-los. Edward não tem nenhuma forma de saber se você está segura. Você não devia ser tão irresponsável.

Minha voz se tornou ácida. - Sim, porque uma festa do pijama de vampiro é pináculo de um comportamento conscientemente seguro.

Alice riu. - Eu vou ser sua pedicure e tudo - ela prometeu.

Não foi tão ruim, exceto pelo fato de que eu estava sendo segurada contra a minha vontade. Esme comprou comida Italiana - coisas boas, diretamente de Port Angeles - e Alice estava preparada com os meus filmes favoritos. Até Rosalie está lá, silenciosamente no fundo. Alice insistiu em ser pedicure, e eu me perguntei se ela tinha feito uma lista - talvez uma coisa que ela tenha inventado depois de assistir seriados ruins.

- Quão tarde você quer ficar acordada? - ela perguntou quando as minhas unhas estavam brilhando um vermelho sangue. O entusiasmo dela continuou a não mexer com o meu humor.

- Eu não quero ficar acordada. Nós temos escola amanhã.

Ela fez beicinho.

- Onde é que eu vou dormir, afinal? - eu medí o sofá com os meus olhos. Ele era um pouco curto. - Será que eu não posso dormir sob vigilância em minha casa?

- Que espécie de festa do pijama seria esta? - Alice balançou a cabeça exasperada. - Você vai dormir no quarto de Edward.

Eu suspirei. O sofá de couro preto dele *era* mais longo do que esse. Na verdade, o tapete dourado do quarto dele provavelmente era grosso o suficiente pra que o chão também não fosse uma má idéia.

- Posso ir à minha casa pra pegar as minhas coisas, pelo menos?

Ela sorriu. - Já cuidei disso.

- Eu tenho permissão de usar o seu telefone?

- Charlie sabe que você está aqui.

- Eu não ia ligar pra Charlie. - Eu fiz uma careta. - Aparentemente, eu tenho planos pra cancelar.

- Oh - ela pensou. - Eu não tenho certeza quanto a isso.

- Alice! - eu choraminguei alto. - Vamos!

- Tá bom, tá bom - ela disse, saindo do quarto. Ela estava de volta em menos de meio segundo, com o celular na mão.

- Ele não proibiu isso *especificamente*... - ela murmurou pra si mesma enquanto passava ele pra mim.

Eu disquei o número de Jacob, esperando que ele não estivesse fora caçando com os amigos esta noite. A sorte estava ao meu lado - foi Jacob que atendeu.

- Alô?

- Ei, Jake, sou eu - Alice me olhou com olhos inexpressivos por um segundo, antes de e se virar e ir se sentar ao lado de Rosalie e Esme no sofá.

- Oi, Bella - Jacob disse, cuidadoso de repente. - O que foi?

- Nada de bom. No fim das contas eu não vou poder ir no Sábado.

Ficou silencioso por um segundo. - Sugador de sangue estúpido - ele finalmente murmurou. - Eu pensei que ele ia embora. Será que você não pode ter uma vida quando ele está longe? Ou ele te tranca no caixão dele?

Eu rí.

- Eu não achei engraçado.

- Eu só estou rindo porque você está perto - eu disse a ele. - Mas ele vai estar aqui no Sábado, então isso não importa.

- Ele vai estar se alimentando em Forks então? - Jacob perguntou curtamente.

- Não - eu não me deixei ficar irritada com ele. Eu não estava tão longe de estar com tanta raiva quanto ele estava. - Ele foi mais cedo.

- Oh. Bem, ei, venha agora, então - ele disse com entusiasmo repentino. - Não está tão tarde. Ou eu vou te buscar na casa de Charlie.

- Eu queria. Eu não estou na casa de Charlie - eu disse amargamente. - Eu estou meio que sendo mantida prisioneira.

Ele ficou em silêncio enquanto isso se encaixava, e então ele rosnou. - Nós vamos buscar você - ele prometeu numa voz vazia, passando rapidamente pelo plural.

Um tremor percorreu a minha espinha, mas eu respondi num voz leve e zombeteira. - Tentador. Eu *estou* sendo torturada, Alice pintou as unhas dos meus pés.

- Estou falando sério.

- Não fale. Eles só estão tentando me manter segura.

Ele rosnou de novo.

- Eu sei que é bobagem, mas o coração deles está no lugar certo.

- O coração deles! - Jacob zombou.

- Eu lamento por Sábado - eu me desculpei. - Eu tenho que ir para a cama - o sofá, eu corrigi mentalmente - mas eu te ligo de novo em breve.

- Você tem certeza que eles vão deixar? - ele perguntou num tom severo.
- Não completamente - eu suspirei. - Boa noite, Jake.
- A gente se vê por aí.

Alice estava abruptamente ao meu lado, a mão dela estava erguida para o telefone, mas eu já estava discando. Ela viu o número.

- Eu acho que ele não está com o telefone dele - ela disse.
- Eu vou deixar uma mensagem.

O telefone tocou quatro vezes, seguidas por um bipe. Não havia nenhuma saudação.

- Você está com problemas - eu disse lentamente, enfatizando cada palavra. - Problemas enormes. Ursos pardos raivosos não serão nada perto do que está te esperando em casa. - Eu fechei o telefone e o coloquei na mão dela que estava esperando. - Eu acabei.

Ela sorriu. - Essa coisa de refém é divertida.

- Eu vou dormir agora - eu anunciei, indo para as escadas. Alice veio junto. - Alice - eu suspirei. - Eu não vou escapular. Você saberia se eu estivesse planejando isso, e você me pegaria se eu tentasse.

- Eu só vou te mostrar onde as suas coisas estão - ela disse inocentemente.

O quarto de Edward ficava no fim do corredor do terceiro andar, difícil de me enganar mesmo se a casa enorme fosse menos familiar. Mas quando eu acendí a luz, eu parei, confusa. Eu tinha escolhido o quarto errado?

Era o mesmo quarto, eu reparei rapidamente; só que os móveis haviam sido re-arrumados. O sofá tinha sido empurrado para a parede norte e o som estava enfiado contra as vastas prateleiras de CD's - pra dar espaço à cama colossal que agora dominava o espaço no centro.

A parede de vidro ao sul refletia a cena como um espelho, fazendo ela parecer duas vezes pior.

Ela combinava. A colcha era de um dourado fraco, um pouco mais claro que as paredes; a armação era preta, feita com um aço forte e patenteado. Rosas esculpidas de metal se espalhavam em vinhas pelo alto poste e formavam um entrelaçado gracioso em cima. Os meus pijamas estavam cuidadosamente dobrados no pé da cama, e a minha bolsa de coisas de tolete estava ao lado.

- Que diabos é tudo isso? - eu disparei.

- Você não achou realmente que ele fosse te deixar dormir no sofá, pensou?

Eu murmurei inteligivelmente enquanto marchava para arrancar as minhas coisas da cama.

- Eu vou te dar um pouco de privacidade - Alice riu. - Te vejo de manhã.

Depois que os meus dentes estavam escovados e eu estava vestida, eu peguei um travesseiro de penas fofo da cama e arrastei a cobertura dourada até o sofá. Eu sabia que estava sendo boba, mas não me importava. Porsches de suborno e camas King-size em casas onde ninguém dormia - era irritante ao extremo. Eu desliguei as luzes e me curvei no sofá, me perguntando se estava chateada demais para dormir.

No escuro, a parede de vidro não era mais um espelho escuro, duplicando o quarto. A luz da lua brilhava nas nuvens do lado de fora da janela. Enquanto os meus olhos se ajustavam, eu podia ver um brilho difuso destacando o topo das árvores, e fazendo um pequeno pedaço do rio cintilar. Eu olhei a luz prateada, esperando que os meus olhos ficassem pesados.

Houve uma batida de leve na porta.

- O que, Alice? - eu assobiei. Eu estava na defensiva, imaginando a diversão dela quando ela visse a minha cama improvisada.

- Sou eu - Rosalie disse suavemente, abrindo a porta o suficiente pra que eu pudesse ver o brilho prateado tocar o seu rosto perfeito. - Posso entrar?

7. FINAL INFELIZ

Rosalie hesitou na porta, seu rosto arrebatador estava incerto.

- É claro - eu respondi, minha voz estava um oitavo mais alta com a surpresa. - Entre.

Eu sentei, escorregando para o fim do sofá pra dar espaço. O meu estômago revirou nervosamente enquanto a única Cullen que não gostava de mim se moveu silenciosamente pra se sentar no espaço aberto. Eu tentei pensar numa razão pela qual ela ia querer me ver, mas a minha mente estava vazia até o momento.

- Você se importa de conversar comigo por alguns minutos? - ela perguntou. - Eu não te acordei nem nada, acordei? - Os olhos dela passaram da cama desferrada e de volta para o meu sofá.

- Não, eu estava acordada. Claro, nós podemos conversar - Eu me perguntei se ela podia ouvir o alarme na minha voz tão claramente quanto eu.

Ela sorriu levemente, e o som pareceu com sinos tocando. - Ele tão raramente te deixa sozinha - ela disse. - Eu achei que seria melhor que eu tirasse o melhor dessa oportunidade.

O que ela queria dizer que não podia ser dito na frente de Edward? As minhas mãos torceram e destorceram na porta da colcha.

- Por favor não pense que eu estou interferindo horrivelmente - Rosalie disse, a voz dela estava gentil e quase implorativa. Ela cruzou as mãos no colo e olhou pra elas enquanto falava. - Eu tenho certeza que já magoei os seus sentimentos o suficiente no passado, e eu não quero fazer isso de novo.

- Não se preocupe com isso, Rosalie. Os meus sentimentos estão ótimos. O que é?

Ela riu de novo, parecendo estranhamente envergonhada. - Eu vou tentar te dizer porque eu acho que você devia permanecer humana, porque eu permaneceria humana se eu fosse você.

- Oh.

Ela sorriu com o tom chocado da minha voz, e então suspirou.

- Edward te contou o que levou a isso? - ela perguntou, fazendo um gesto para o seu glorioso corpo imortal.

Eu balancei a cabeça lentamente, repentinamente sombria. - Ele disse que foi perto do que aconteceu comigo em Port Angeles, só não havia ninguém lá pra salvar *você*.

Eu tremi com a memória.

- Isso é realmente tudo o que ele te contou? - ela perguntou.

- Sim - eu disse, a minha voz estava pasma de confusão. - Havia mais?

Ela olhou pra mim e sorriu; era uma expressão dura, ácida – mas ainda estonteante.

- Sim - ela disse. - Havia mais.

Eu esperei enquanto ela olhava pela janela. Ela parecia estar tentando se acalmar.

- Você gostaria de ouvir a minha história, Bella? Ela não tem um final feliz, mas qual das nossas tem? Se nós tivéssemos finais felizes, nós estaríamos embaixo de lápides agora.

Eu balancei a cabeça, apesar de estar assustada com o tom na voz dela.

- Eu vivi em um mundo diferente de você, Bella. O meu mundo humano era um lugar muito mais simples. Era mil novecentos e trinta e três. Eu tinha dezoito, e era linda. A minha vida era perfeita.

Ela olhou pelas janelas para as nuvens prateadas, a expressão dela estava distante.

- Os meus pais eram inteiramente classe média. O meu pai tinha um emprego estável num banco, algo de que agora eu percebo que ele era presumido, ele viu a sua prosperidade como uma recompensa pelo seu talento e trabalho duro, e não reconhecendo a sorte que envolvia isso. Nessa época eu achava que tudo estava garantido; na minha casa, era como se a Grande Depressão fosse apenas um rumor problemático. É claro que eu via as pessoas pobres, aquelas que não tinham tanta sorte. O meu pai me passou a impressão de que eles haviam trazido os problemas para si mesmos. Era trabalho da minha mãe manter a nossa casa, e eu mesma e os meus dois irmãos mais jovens, para mantê-la impecável. Era claro que eu era tanto a sua prioridade como também a sua favorita. Eu não entendia completamente na época, mas eu estava

sempre vagamente consciente que os meus pais não estavam satisfeitos com os que eles tinham, mesmo que isso fosse tão mais do que a maioria tinha. Eles queriam mais. Eles tinham aspirações sociais – escalas sociais, eu acho que você chamaria. A minha beleza era como um presente pra eles. Eles viam muito mais potencial nela do que eu. Eles não estavam satisfeitos, mas *eu* estava. Eu estava muito feliz por ser eu, por ser Rosalie Hale. Agradada porque os olhos dos homens me observavam onde quer que eu fosse, desde o ano que eu fiz doze anos. Deliciada porque as minhas amigas suspiravam de inveja quando elas tocavam o meu cabelo. Feliz porque a minha mãe estava orgulhosa de mim e que o meu pai gostava de me comprar vestidos bonitos. Eu sabia o que eu queria da vida, não parecia que haveria uma forma de eu não conseguir o que eu queria. Eu queria ser amada, ser adorada. Eu queria ter um casamento enorme, todo florido, onde todos na cidade iam me observar entrar na igreja de braço dado com o meu pai e pensar que eu era a garota mais bonita que eles já tinham visto. Admiração era como ar pra mim, Bella. Eu era boba e superficial, mas eu era feliz. - Ela sorriu, divertida com sua própria avaliação. - A influência dos meus pais tinha sido tanta que eu também queria coisas materiais da vida. Eu queria uma casa grande com móveis elegantes que outra pessoa limparia e uma cozinha moderna na qual outra pessoa cozinharía. Como eu disse, superficial. Jovem e muito superficial. E eu não via nenhuma razão pela qual eu não conseguiria essas coisas. Havia algumas coisas que eu queria que eram mais significantes. Uma em particular. A minha amiga mais próxima era uma garota chamada Vera. Ela se casou jovem, apenas aos dezessete. Ela se casou com um homem que os meus pais jamais considerariam pra mim, um carpinteiro. Um ano depois ela teve um filho, um lindo menino com covinhas nas bochechas e cabelos pretos encaracolados. Foi a primeira vez na minha vida inteira que eu senti inveja de outra pessoa. - Ela olhou pra mim com olhos insondáveis. - Era uma época diferente. Eu estava com a mesma idade que você, mas eu já estava pronta pra tudo isso. Eu desejava ter o meu próprio bebê. Eu queria ter a minha própria casa e um marido que me beijasse quando chegasse do trabalho, como Vera. Só que eu tinha um tipo diferente de casa em mente...

Era difícil pra mim imaginar o tipo de mundo que Rosalie havia conhecido. A história dela parecia mais como um conto de fadas pra mim. Com um pequeno choque, eu me dei conta de que esse estava muito aproximado do tipo de mundo que Edward havia experimentado quando ele era humano, o mundo no qual ele havia crescido. Eu imaginei – enquanto Rosalie sentou em silêncio por um momento – será que meu mundo parecia tão confuso pra ele como o que Rosalie parecia pra mim? Rosalie suspirou, e quando ela falou de novo a voz dela estava diferente, a saudade tinha ido embora.

- Em Rochester, havia uma família real, Os King, ironicamente o suficiente. Royce King era dono do banco onde meu pai trabalhava, e de praticamente todos os negócios bem sucedidos da cidade. Foi assim que o filho dele, Royce King Segundo – a boca dela torceu com o nome, e ele saiu por entre os dentes dela – me viu pela primeira vez. Ele ia herdar o banco, e então ele começou a vigiar diferentes posições. Dois dias depois, a minha mãe convenientemente esqueceu de mandar o almoço do trabalho pro meu pai. Eu me lembro de ter ficado confusa quando ela insistiu que eu usasse o meu vestido branco de organza e prendesse o meu cabelo só pra ir até o banco - Rosalie sorriu sem humor. - Eu não reparei em Royce me observando particularmente. Todos me observavam. Mas naquela noite, a primeira das rosas veio. Todas as noites da nossa corte, ele me mandava um buquê de rosas. O meu quarto estava sempre transbordando com elas. Eu cheguei ao ponto de ficar com cheiro de rosas quando saía de casa. Royce era bonito também. O cabelo dele era mais claro que o meu, e olhos azuis claros. Ele disse que os meus olhos eram como violetas, e aí elas começaram a aparecer junto às rosas. Os meus pais aprovaram, pra dizer o mínimo. Isso era tudo com o que eles haviam sonhado. E Royce era tudo com o que *eu* havia sonhado. O príncipe dos contos de fada, que veio me transformar em princesa. Tudo o que eu queria, e mesmo assim não era nada além do que eu esperava. Nós estávamos noivos dois meses depois que eu o conheci. Nós não passávamos muito tempo juntos. Royce me disse que ele tinha muitas responsabilidades no trabalho, e, que quando estávamos juntos, ele gostava que as

pessoas olhassem pra nós, que me vissem nos braços dele. Eu gostava disso também. Havia muitas festas, danças, e belos vestidos. Quando você eram um King, todas as portas estavam abertas pra você, todos os tapetes vermelhos rolavam pra te saudar. Não foi um noivado longo. Os planos foram em frente para o casamento mais pródigo. Ia ser tudo o que eu havia desejado. Eu estava completamente feliz. Quando eu ligava pra Vera, eu não estava mais com inveja. Eu imaginava as minhas próprias crianças cabeludas brincando nos enormes gramados da propriedade dos King, e eu senti pena dela.

Rosalie parou de repente, apertando os dentes. Isso me tirou da história, e eu me dei conta de que o terror não estava muito longe. Não haveria um final feliz, como ela havia prometido. Eu me perguntei se era por isso que ela era tão mais amarga do que o resto deles, porque ela esteve ao alcance de tudo o que queria quando a vida dela foi interrompida.

- Eu estava na casa de Vera naquela noite - Rosalie sussurrou. O rosto dela estava suave como mármore, e tão duro quanto. - O pequeno Henry era realmente adorável, todo sorrisos e covinhas, ele já estava se sentando sozinho. Vera me acompanhou até a porta quando eu estava indo embora, seu bebê nos braços e o marido a seu lado, o braço dele estava na cintura dela. Ele beijou ela na bochecha quando pensou que eu não estava vendo. Aquilo me incomodou. Quando Royce me beijava, não era a mesma coisa, de alguma forma, não era tão doce... Eu coloquei esse pensamento de lado. Royce era o meu príncipe. Alguma dia, eu seria rainha.

Era difícil dizer na luz da lua, mas parecia que o seu rosto branco estava mais pálido.

- As ruas estavam escuras, as lâmpadas já estavam acesas. Eu não tinha me dado conta do quanto era tarde. - Ela continuou a sussurrar quase inaudivelmente. - Estava frio também. Frio demais pra um final de Abril. O casamento seria em apenas uma semana, e eu estava preocupada com o clima enquanto me apressava pra ir pra casa, eu me lembro disso claramente. Eu me lembro de cada detalhe daquela noite. Eu me apeguei a isso com tanta força... no início. Eu não pensava em nada mais. E então eu me lembro disso, quando tantas outras memórias agradáveis haviam desaparecido completamente...

Ela suspirou, e começou a sussurrar de novo. - Sim, eu estava me preocupando com o clima... eu não queria ter que passar o casamento pra um lugar fechado... Eu estava a algumas ruas da minha casa quando eu ouvi eles. Uma corja de homens embaixo de uma lâmpada quebrada na rua, rindo alto demais. Bêbados. Eu desejei ter ligado para o meu pai pra que ele me acompanhasse até em casa, mas o caminho era tão curto, e me pareceu bobagem. E então ele chamou o meu nome. 'Rose!' ele gritou, e os outros riram estupidamente. Eu não tinha percebido que os bêbados estavam tão bem vestidos. Eram Royce e alguns outros amigos, filhos de outros homens ricos. 'Aqui está a minha Rose!' Royce gritou, rindo com eles, soando igualmente estúpido. 'Você está atrasada. Nós estamos com frio, por causa do tempo que você nos fez esperar'. Eu nunca havia visto ele bêbado antes. Um brinde, de vez em quando, nas festas. Ele me disse que não gostava de champagne. Eu não tinha me dado conta de que ele gostava de algo muito mais forte. Ele tinha um novo amigo, o amigo de um amigo, vindo de Atlanta. 'O que eu te disse, John' Royce gritou alegremente, agarrando o meu braço e me puxando pra perto. 'Ela não é mais adorável do que os seus pêssegos de Geórgia?' O homem chamado John tinha cabelos escuros e era bronzeado do sol. Ele me olhou como se eu fosse um cavalo que ele estivesse comprando. 'É difícil dizer' ele disse lentamente. 'Ela está toda coberta.' Eles riram, Royce riu como o resto. De repente, Royce arrancou o casaco dos meus ombros, foi um presente dele, arrancando fora os botões. Eles saíram de espalhando pela rua. 'Mostre a ele como você é, Rose!' Ele riu de novo, e então ele arrancou o meu chapéu da minha cabeça. Os broches estavam presos nas raízes dos meus cabelos, e eu chorei de dor. Eles pareceram gostar disso, do som da minha dor...

Rosalie olhou para mim de repente, como se ela tivesse esquecido que eu estava lá. Eu estava certa que o meu rosto estava tão branco quanto o dela. A não ser que ele estivesse verde.

- Eu não vou te fazer ouvir o resto - ela disse baixinho. - Eles me deixaram na rua, ainda rindo enquanto eles iam embora tropeçando. Eles pensaram que eu estivesse morta. Eles estavam zombando de Royce dizendo que ele teria que arrumar uma nova noiva. Ele riu e disse que antes ele teria que aprender a ter paciência. Eu esperei pra morrer na rua. Estava frio, apesar de eu

estar sentindo tanta dor que eu me surpreendi por isso estar me incomodando. Começou a nevar, e eu me perguntei porque eu não estava morrendo. Eu estava impaciente para a morte chegar, e acabar com a dor. Estava demorando tanto... Aí Carlisle me achou. Ele sentiu o cheiro do sangue, e veio investigar. Eu me lembro de ficar vagamente irritada enquanto ele trabalhava em mim, tentando salvar a minha vida. Eu nunca gostei do Dr. Cullen ou de sua esposa e o irmão dela, como Edward fingia ser na época. Eu ficava aborrecida por eles serem mais bonitos do que eu era, especialmente os homens. Mas eles não se misturavam com a sociedade, então eu só os tinha visto uma ou duas vezes. Eu pensei que tinha morrido quando ele me tirou do chão e começou a correr comigo, por causa da velocidade, eu senti como se estivesse voando. Eu me lembro de ter ficado horrorizada quando a dor não parou... Então eu estava numa sala clara, e estava quente. Eu estava ficando inconsciente, e eu fiquei grata pois a dor estava começando a diminuir. Mas de repente alguma coisa afiada estava me cortando, minha garganta, meus pulsos, meus tornozelos. Eu gritei com o choque, pensando que ele havia me trazido pra me machucar mais. Então o fogo começou a me queimar, e eu não me importei com mais nada. Eu implorei que ele me matasse. Quando Esme e Edward voltaram pra casa, eu implorei que eles me matassem também. Carlisle se sentou comigo. Ele segurou a minha mão e disse que sentia muito, prometendo que aquilo acabaria. Ele me disse tudo, e as vezes eu escutava. Ele me disse o que ele era, e o que eu estava me tornando. Eu não acreditei nele. Ele pedia perdão toda vez que eu gritava. Edward não ficou feliz. Eu lembro de ouvi-los discutindo sobre mim. Eu parava de gritar as vezes. Gritar não adiantava de nada. 'No que você estava pensando, Carlisle?' Edward disse. 'Rosalie Hale?' - Rosalie imitou o tom de Edward com perfeição. - Eu não gostava do jeito como ele dizia o meu nome, como se houvesse alguma coisa errada comigo. 'Eu não podia simplesmente deixa-la morrer' Carlisle disse baixinho. 'Foi demais, horrível demais, muito desperdício.' 'Eu sei', Edward disse, eu pensei que ele parecia estar desinteressado. Isso me irritou. Nessa época eu não sabia que ele podia ver exatamente o que Carlisle havia visto. 'Era desperdício demais. Eu não podia abandoná-la' Carlisle repetiu em um sussurro. 'É claro que você não podia', Esme concordou. 'Pessoas morrem o tempo todo' Edward lembrou ele com uma voz dura. 'No entanto, você não acha que ela é um pouco reconhecível demais? Os King vão fazer uma enorme procura, não que alguém suspeite daquele demônio', ele rugiu. Eu fiquei satisfeita por eles parecerem saber que Royce era o culpado. Eu não me dei conta de que já estava quase acabado, que estava ficando mais forte e que eu era capaz de me concentrar no que eles estavam dizendo. A dor estava começando a desaparecer das pontas dos meus dedos. 'O que nós vamos fazer com ela?' Edward disse, enojado, ou pelo menos, foi assim que soou pra mim. Carlisle suspirou. 'Isso depende dela, é claro. Ela pode querer seguir seu próprio caminho'. Eu acreditei o suficiente nele para as suas palavras me deixarem aterrorizada. Eu sabia que a minha vida estava acabada, e que não havia volta pra mim. Eu não conseguia suportar a idéia de ficar sozinha... A dor finalmente passou e eles me explicaram de novo o que eu era. Dessa vez eu acreditei. Eu senti a sede, a dureza da minha pele; eu vi meus olhos vermelhos brilhantes. Superficial como eu era, eu me senti melhor quando vi minha reflexão no espelho pela primeira vez. Apesar dos olhos, eu era a coisa mais bonita que eu já havia visto - Ela riu de si mesma por um momento. - Levou algum tempo até que eu começasse a culpar a beleza pelo que havia me acontecido, pra que eu pudesse ver a maldição por trás dela. Eu desejei ser... bem, não feia, mas normal. Como Vera. Assim eu teria sido capaz de casar com alguém que *me* amasse, e ter belos bebês. Era isso que eu realmente queria, o tempo inteiro. Isso ainda não parece ser demais pra pedir.

Ela ficou pensativa por um momento, e eu me perguntei se ela havia esquecido a minha presença de novo. Mas então, ela sorriu pra mim, a expressão dela repentinamente triunfante.

- Sabe, o meu histórico é quase tão limpo quanto o de Carlisle - ela me disse. - Melhor que Esme. Mil vezes melhor que Edward. Eu nunca experimentei sangue humano - ela anunciou orgulhosamente.

Ela entendeu a minha expressão confusa enquanto eu me perguntava porque o histórico dela era *quase* tão limpo.

- Eu matei cinco humanos - ela me disse com um tom complacente. - Se é que você pode chama-los de *humanos*. mas eu tive bastante cuidado pra não derramar o sangue deles, eu sabia que não seria capaz de resistir a isso, e eu não queria nenhuma parte deles *em* mim, sabe. Eu deixei Royce por último. Eu esperei que ele tivesse ouvido as mortes dos seus amigos e compreendesse, soubesse o que estava pra acontecer com ele. Eu esperava que o medo fosse tornar o fim pior pra ele. E eu acho que funcionou. Ele estava se escondendo num quarto sem janelas atrás de uma porta tão grossa quanto a de um cofre de banco, protegida por fora por homens armados, quando eu o peguei. Oops, sete assassinatos - ela se corrigiu. - Eu esqueci dos guardas dele. Eles só levaram um segundo. Eu fui extremamente teatral. Foi meio infantil, na verdade. Eu estava usando um vestido de noiva que eu havia roubado para a ocasião. Ele gritou quando me viu. Ele gritou bastante aquela noite. Deixar ele por último foi uma boa idéia, isso facilitou o meu auto-controle, me ajudou a faze-lo mais devagar...

Ela parou de repente, e olhou pra mim. - Me desculpe - ela disse com uma voz pesarosa. - Eu estou te assustando, não estou?

- Eu estou bem - eu menti.

- Eu me deixei levar.

- Não se preocupe com isso.

- Eu estou surpresa por Edward não ter te contado mais sobre isso.

- Ele não gosta muito de contar as histórias dos outros, ele se sente como se estivesse traindo confidências, já que ele ouve tantas coisas sobre você que ele não deveria ter ouvido.

Ela sorriu e balançou a cabeça. - Eu provavelmente devo dar mais crédito a ele. Ele realmente é muito decente, não é?

- *Eu* acho que sim.

- Dá pra notar. - Então ela suspirou. - Eu também não fui justa com você, Bella. Ele te disse porque? Ou isso era confidencial demais?

- Ele disse que era porque eu era humana. Ele disse que era mais difícil pra você ter alguém de fora que você não conhecia.

A risada musical de Rosalie me interrompeu. - Agora eu realmente me sinto culpada. Ele foi muito, muito mais bonzinho comigo do que eu merecia - ela pareceu mais cálida enquanto sorria, como se ela tivesse baixado uma guarda que nunca esteve ausente na minha presença. - Que mentiroso aquele garoto é. - Ela riu de novo.

- Ele estava mentindo? - eu perguntei, repentinamente cautelosa.

- Bom, provavelmente essa palavra seja forte demais. Ele só não te contou a história inteira. O que ele te contou era verdade, ainda mais verdadeira agora do que era antes. No entanto, naquela época... - Ela se deteve, gargalhando nervosamente. - Isso é vergonhoso. Veja, no início, eu estava em grande parte, mais enciumada porque ele queria *você* e não eu.

As palavras dela mandaram uma onda de medo por mim. Sentada lá, na luz prateada, ela era mais bonita do que qualquer coisa que eu pudesse imaginar. Eu não podia competir com Rosalie.

- Mas você ama Emmett... - eu murmurei.

Ela balançou a cabeça pra frente e pra trás, divertida. - Eu não quero Edward desse jeito, Bella. Eu nunca quis, eu amo ele como irmão, mas ele me irritou desde o primeiro momento que eu o ouvi falando. Você tem que entender, porém... eu estava acostumada às pessoas querendo a *mim*. E Edward não estava nem um pouco interessado. Isso me frustrou, e até me ofendeu no início. Mas ele nunca quis ninguém, então isso não me incomodou por muito tempo. Mesmo quando Edward encontrou o clã de Tânia pela primeira vez em Denali, todas aquelas fêmeas! Edward nunca demonstrou nem a mínima preferência. E aí ele conheceu você. - Ela me olhou com olhos confusos. Eu só estava prestando atenção pela metade. Eu estava pensando em Edward e Tânia e *todas aquelas fêmeas*, e os meus lábios se pressionaram em uma linha dura.

- Não que você não seja bonita, Bella - ela disse, se enganando com a minha expressão. - Mas é só que isso significava que ele tinha te achado mais atraente do que eu. Eu sou vaidosa o suficiente pra me importar.

- Mas você disse 'no início'. Isso não te incomoda... ainda, incomoda? Quer dizer, nós duas sabemos que você é a pessoa mais bonita no planeta.

Eu ri por ter que dizer as palavras, isso era tão óbvio. Que estranho que Rosalie precisasse ter desse tipo de segurança.

Rosalie riu também. - Obrigada, Bella. E não, isso realmente não me incomoda mais. Edward sempre foi um pouco estranho. - Ela riu de novo.

- Mas você ainda não gosta de mim - eu sussurrei.

O sorriso dela desapareceu. - Eu lamento por isso.

Nós sentamos em silêncio por algum tempo, e ela não parecia inclinada a continuar.

- Você pode me dizer porque? Eu fiz alguma coisa...? - Será que ela estava zangada por eu ter colocado a família dela, o Emmett dela, em perigo? De novo e de novo. James, e agora Victoria...

- Não, você não fez nada - ela murmurou. - Ainda não.

Eu olhei pra ela, perplexa.

- Você não vê, Bella? - A voz dela estava repentinamente mais apaixonada do que antes, mesmo quando ela me contou a sua história infeliz. - Você já tem *tudo*. você tem uma vida inteira à sua frente, tudo o que você quer. E você simplesmente vai *jogar tudo fora*. Será que você não vê que eu trocaria tudo o que eu tenho pra ser você? Você tem a escolha que eu não tive, e você está fazendo a escolha *errada!*

Eu enrijei por causa da expressão penetrante dela. Eu me dei conta de que a minha boca estava aberta e eu a fechei.

Ela me encarou por um longo momento, e lentamente, o fervor nos olhos dela diminuiu. De repente, ela estava envergonhada.

- E eu tinha tanta certeza de que poderia fazer isso com calma - ela balançou a cabeça, parecendo confusa com a fluência das emoções. - É só que é mais difícil agora do que era antes, quando isso não passava de vaidade.

Ela encarou a lua silenciosamente. Levaram alguns minutos até que eu fosse corajosa o suficiente pra quebrar o devaneio dela.

- Você ia gostar mais de mim se eu continuasse humana?

Ela se virou pra mim, os lábios dela estavam tremendo com a sombra de um sorriso. - Talvez.

- No entanto, você conseguiu o seu final feliz - eu lembrei ela. - Você tem Emmett.

- Eu tenho a metade. - Ela riu. - Você sabe que eu salvei Emmett do urso que estava atacando ele, e o carreguei até Carlisle. Mas será que você pode adivinhar porque eu não permiti que o urso comesse ele?

Eu balancei minha cabeça.

- Com os cachos escuros... as covinhas que apareciam mesmo quando ele estava fazendo caretas de dor... a estranha inocência que parecia tão incomum no rosto de um homem adulto... ele me lembrou do pequeno Henry de Vera. Eu não queria que ele morresse, tanto que, mesmo odiando essa vida, eu fui egoísta o suficiente pra pedir que Carlisle transformasse ele. Eu tive mais sorte do que merecia. Emmett é tudo o que eu pediria se eu conhecesse a mim mesma bem o suficiente pra saber o que pedir. Ele é exatamente o tipo de pessoa que alguém como eu precisa. E, estranhamente o suficiente, ele precisa de mim também. Essa parte funcionou melhor do que eu podia ter esperado. Mas nunca haverá mais do que apenas nós dois. Eu nunca vou me sentar em uma varanda em algum lugar, com ele grisalho ao meu lado, cercados pelos nossos netos.

O sorriso dela era gentil agora. - Isso soa um tanto bizarro pra você, não é? De algumas maneiras, você é muito mais madura do que eu era aos dezoito anos. Você é jovem demais pra saber o que você vai querer daqui a dez anos, quinze anos, e jovem demais pra desistir de tudo sem pensar. Você não vai querer se apressar sobre coisas permanentes, Bella - ela deu um tapinha na minha mão, mas o gesto não pareceu condescendente.

Eu suspirei.

- Só pense nisso um pouco. Uma vez que isso esteja feito, não pode ser desfeito. Esme nos tem como substitutos... e Alice não lembra nada do que é ser humana, então ela não pode sentir falta disso... você, porém, irá se lembrar. É muita coisa pra abrir mão.

Mas muito mais coisas pra receber, eu não disse isso em voz alta. - Obrigada, Rosalie. É bom entender... te conhecer melhor.

- Eu peço perdão por ser uma monstra. - Ela sorriu. - Eu vou tentar me comportar de agora em diante.

Eu sorri de volta pra ela.

Nós não éramos amigas ainda, mas eu tinha certeza de que ela já não me odiava tanto.

- Eu vou te deixar dormir agora. - Os olhos de Rosalie passaram para a cama, e os lábios dela se torceram. - Eu sei que você está frustrada por ele ter te trancado assim, mas não o castigue muito quando ele voltar. Ele te ama mais do que você imagina. Ele fica aterrorizado por ficar longe de você. - Ela se levantou silenciosamente e deslizou até a porta. - Boa noite, Bella - ela sussurrou enquanto fechava a porta atrás de si mesma.

- Boa noite, Rosalie - eu disse um segundo tarde demais.

Eu levei um longo tempo pra dormir depois disso.

Quando eu dormi, eu tive um pesadelo. Eu estava me arrastando no escuro, as pedras frias de uma ruas desconhecida, embaixo da neve que caia levemente, deixando uma trilha de sangue atrás de mim. Um anjo sombrio em um longo vestido branco observou o meu progresso com olhos ressentidos.

8. ...

Na manhã seguinte, Alice me levou para a escola enquanto eu olhava inexpressivamente pelo pára-brisa. Eu estava sentindo a falta de sono, e isso deixou a minha irritação por ser prisioneira ainda mais forte.

- Hoje à noite nós vamos à Olympia ou alguma coisa assim - ela prometeu. - Isso seria divertido, não é?

- Porque você simplesmente não me tranca no porão? - eu sugeri - e esquece a cota de açúcar?

Alice fez uma careta. - Ele vai pegar o Porsche de volta. Eu não estou fazendo um trabalho muito bom. Era pra você estar se divertindo.

- Não é sua culpa - eu murmurei. Eu não conseguia acreditar que realmente estava me sentindo culpada. - Eu te vejo no almoço.

Eu fui para a aula de Inglês. Sem Edward, o dia dava garantias de ser insuportável. Eu fiquei amuada durante a minha primeira aula, bem consciente de que a minha atitude não estava ajudando em nada.

Quando o sino tocou, eu me levantei sem muito entusiasmo. Mike estava lá na porta, segurando ela aberta pra mim.

- Edward está caminhando esse fim de semana? - ele perguntou socialmente enquanto caminhávamos para a leve chuva.

- É.

- Você quer fazer alguma coisa essa noite?

Como é que ele ainda podia ter tantas esperanças?

- Não posso. Eu vou a uma festa do pijama - eu rosnei. Ele me deu uma olhada estranha enquanto processava o meu humor.

- Com quem você...

A pergunta de Mike foi cortada quando um ronco alto de um motor emergiu atrás de nós no estacionamento. Todo mundo na calçada se virou pra olhar, encarando sem acreditar, a moto preta que parou bruscamente na beira do concreto, com o motor ainda roncando.

Jacob acenou pra mim urgentemente.

- Corra, Bella! - ele gritou por cima do ronco do motor.

Eu fiquei congelada por um segundo antes de entender.

Eu olhei pra Mike rapidamente. Eu sabia que só tinha alguns segundos.

Até onde Alice iria pra me restringir em público?

- Eu fique doente e fui pra casa, tudo bem? - eu disse para Mike, a minha voz cheia com excitação repentina.

- Ta bom - ele murmurou.

Eu dei um beijo rápido na bochecha de Mike. - Obrigada, Mike. Eu te devo uma! - eu falei enquanto saía correndo.

Jacob acelerou o motor, sorrindo. Eu pulei atrás do seu banco, passando os meus braços com força na cintura dele.

Eu vi Alice, congelada perto do refeitório, os olhos dela brilhando de fúria, os lábios dela curvados em cima dos dentes.

Eu lancei um olhar de piedade pra ela.

Então estávamos correndo na rua com tanta velocidade que o meu estômago se perdeu em algum lugar atrás de mim.

- Se segure - Jacob gritou.

Eu escondi meu rosto nas costas dele enquanto ele aumentava a velocidade na pista. Eu sabia que ele diminuiria quando atingisse a fronteira dos Quileute. Eu só tinha que me segurar até lá. Eu rezei silenciosamente e ferventemente pra que Alice não nos seguisse, e que Charlie não me visse...

Foi óbvio quando nós chegamos à zona segura. A moto diminuiu de velocidade, e Jacob se endireitou e rosnou de rir. Eu abri os meus olhos.

- Nós conseguimos! - ele gritou. - Nada mal pra uma fuga da prisão, não é?

- Belo pensamento, Jake.

- Eu me lembrei do que você disse sobre a sanguessuga vidente não ser capaz de prever o que *eu* vou fazer. Eu estou feliz que *você* não tenha pensado nisso, ela não teria deixado você ir para a escola.

- Foi por isso que eu não levei isso em consideração.

Ele sorriu triunfantemente. - O que você quer fazer hoje?

- Qualquer coisa! - eu ri de volta. Era ótimo me sentir livre.

Nós acabamos na praia de novo, andando sem rumo. Jacob ainda estava cheio de si por ter arquitetado a minha fuga.

- Você acha que eles vão vir aqui te procurando? - ele perguntou, soando esperançoso.

- Não - eu tinha certeza disso. - No entanto, eles vão estar furiosos comigo essa noite.

Ele pegou uma pedra e a atirou nas ondas. - Então não volte - ele sugeriu de novo.

- Charlie ia amar isso - eu disse sarcasticamente.

- Eu aposto que ele não ia se incomodar.

Eu não respondi. Jacob estava certo, e isso me fez apertar os meus dentes. A preferência clara que Charlie tinha pelos meus amigos Quileute era tão injusta. Eu me perguntei se ele pensaria a mesma coisa se soubesse que a escolha de verdade estava entre vampiros e lobisomens.

- Então qual é o último escândalo do bando? - eu perguntei levemente.

Jacob parou no ato, e olhou pra mim com olhos chocados.

- O que? Isso foi uma piada.

- Oh - ele olhou pra longe.

Eu esperei que ele falasse de novo, mas ele pareceu perdido em pensamentos.

- *Há* um escândalo? - eu imaginei.

Jacob gargalhou uma vez. - Eu tinha esquecido como é, estar perto de uma pessoa que sabe de tudo o tempo inteiro. Ter um lugar quieto, privado, na minha cabeça.

Nós caminhamos lado a lado na praia cheia de pedras por alguns minutos.

- Então o que é? - eu perguntei finalmente. - Que todo mundo na sua cabeça já sabe?

Ele hesitou por um momento, como se ele não estivesse muito certo de como me dizer. Aí ele suspirou, e disse - Quil teve uma impressão. Agora são três. O resto de nós está começando a ficar preocupado. Talvez seja mais comum do que nas histórias que elas contam... - Ele fez uma careta, e aí se virou pra me encarar.

Ele me olhou nos olhos sem falar, as sobrancelhas dele estavam enrugadas de concentração.

- O que você tá olhando? - eu perguntei, me sentindo intimidada.

Ele suspirou. - Nada.

Jacob começou a caminhar de novo. Sem parecer pensar no que fazia, ele pegou a minha mão. Nós andamos silenciosamente pelas rochas.

Eu pensei no que estávamos parecendo caminhando de mãos dadas pela praia - com um casal, certamente - e me perguntei se eu deveria me opor. Mas as coisas sempre foram desse jeito com Jacob... Não havia razão pra ficar preocupada com isso.

- Porque Quil tendo uma impressão é um escândalo tão grande? - eu perguntei, quando não parecia que ele ia continuar. - É porque ele é o mais novo?

- Isso não tem nada a ver.

- Então qual é o problema?

- É outra daquelas coisas de lenda. Eu me pergunto, quando é que vamos parar de nos surpreender por elas serem *todas* verdadeiras? - ele murmurou pra si mesmo.

- Você vai me contar? Ou eu vou ter que adivinhar?

- Você nunca adivinharia. Entenda, Quil não tem saído muito conosco, sabe, até recentemente. Então, ele não tinha estado na casa de Emily com frequência.

- A impressão de Quil foi com Emily também? - eu ofeguei.

- Não! Eu disse que você não ia adivinhar. Emily está recebendo as duas sobrinhas em visita... e Quil conheceu Claire.

Ele não continuou. Eu pensei nisso por um momento.

- Emily não quer a sobrinha dela com um lobisomem? Isso é um pouco de hipocrisia - eu disse.

Mas eu podia entender porque ela, entre todas as pessoas, se sentia dessa forma. Eu pensei de novo nas longas cicatrizes que marcavam o rosto dela e que se estendiam em todo o seu braço direito. Sam só havia perdido o controle uma vez quando estava perto demais dela. Uma vez foi tudo o que precisou... Eu tinha visto a dor nos olhos de Sam quando ele olhou o que ele havia feito com Emily. Eu podia entender porque Emily ia querer proteger a sobrinha dela daquilo.

- Será que você pode parar de tentar adivinhar por favor? Você está errada. Emily não se importa com essa parte, é só que, bem, é um pouco cedo.

- O que você quer dizer com *cedo*?

Jacob me olhou com os olhos apertados. - Tente não fazer julgamentos, tudo bem?

Eu balancei a cabeça cautelosamente.

- Claire tem dois anos - Jacob me disse.

A chuva começou a cair. Eu pisquei furiosamente enquanto as gotas caíam no meu rosto.

Jacob esperou em silêncio. Ele não estava usando casaco, como sempre; a chuva deixou uma trilha de pontos escuros na camisa preta dele, e encharcou o seu cabelo que estava pingando. O rosto dele estava sem expressão enquanto ele observava o meu.

- Quil... teve um impressão... com uma garota de *dois anos de idade*? - eu finalmente fui capaz de perguntar.

- Isso acontece - Jacob levantou os ombros. Ele abaixou pra pegar outra pedra e a fez sair voando através da baía. - Ou pelo menos isso é o que as histórias dizem.

- Mas ela é um bebê - eu protestei.

Ele olhou pra mim com um divertimento negro. - Quil não vai envelhecer - ele me lembrou, com um pouco de ácido em seu tom. - Ele só vai ter que ser paciente por algumas décadas.

- Eu... não sei o que dizer.

Eu estava fazendo o meu melhor pra não ser crítica, mas, na verdade, eu estava horrorizada. Até agora, nada sobre os lobisomens haviam me incomodado desde o dia que eu descobri que não eram eles que estavam cometendo os assassinatos como eu havia suspeitado.

- Você está fazendo julgamentos - ele acusou. - Eu posso ver no seu rosto.

- Me desculpe - eu murmurei. - Mas isso soa muito esquisito.

- Não é bem assim, você entendeu tudo errado - Jacob defendeu o amigo, repentinamente veemente. - Eu ví como é, pelos olhos dele. Não ha absolutamente nada *romântico* nisso, não pra Quil, não por enquanto. - Ele respirou fundo, frustrado. - É difícil descrever. Não é como se fosse amor à primeira vista, na verdade. É mais como... ação da gravidade. Quando você vê *ela*, de repente não é mais a terra que está te segurando aqui. Ela te segura. E nada importa mais do que ela. E você faria qualquer coisa por ela, seria qualquer coisa por ela... Você se torna qualquer coisa que ela precisa que você seja, seja o protetor dela, ou um amante, ou um amigo, ou um irmão. Quil será o melhor irmão mais velho e o mais gentil que alguém já teve. Não existe um bebê que seja mais bem cuidado do que aquela garotinha será. E depois, quando ela for mais velha e precisar de um irmão, ele será mais compreensivo, confiável e presente do que qualquer pessoa que ela conheça. E depois, quando ela for adulta, eles serão tão felizes quanto Emily e Sam.

- Claire não tem uma escolha aqui?

- É claro. Mas porque ela não escolheria ele, afinal? Ele será o par perfeito pra ela. Como se ele tivesse sido inventado só pra ela.

Nós caminhamos em silêncio por um momento, até que eu parei pra atirar uma pedra no oceano. Ela caiu na praia ha muitos metros antes da água. Jacob riu.

- Nós não podemos ser todos sinistramente fortes - eu murmurei.

Ele suspirou.

- Quando você acha que isso vai acontecer com você? - eu perguntei rapidamente.

A resposta dele foi vazia e imediata. - Nunca.

- Isso não é uma coisa que você pode controlar, é?

Ele ficou em silêncio por alguns minutos. Inconscientemente, nós dois caminhamos mais devagar, quase sem nos mover.

- Não deve ser - ele admitiu. - Mas você tem que *ver* ela, aquela que supostamente foi feita pra você.

- E você acha que só porque você não a viu ainda, que ela não está por aí? - eu perguntei ceticamente. - Jacob, você não viu muito do mundo, menos que eu, até.

- Não, eu não ví - ele disse em uma voz baixa. Ele olhou para os meus olhos com olhos repentinamente penetrantes. - Mas eu nunca vou ver mais ninguém, Bella. Eu só vejo você. Mesmo quando eu fecho os meus olhos e tento pensar em outra coisa. Pergunte a Quil e Embry. Isso deixa eles loucos.

Eu deixei os meus olhos caírem para as pedras.

Nós não estávamos caminhando mais. O único som vinha das ondas se batendo nas costas de rochas. Eu não conseguí ouvir a chuva acabar com o seu ronco.

- Talvez seja melhor eu ir pra casa - eu sussurrei.

- Não! - ele protestou, surpreso com essa conclusão.

Eu olhei pra ele e os seus olhos estavam ansiosos agora.

- Você tem o dia inteiro de folga, não tem? O sugador de sangue não vai estar em casa ainda.

Eu encarei ele.

- Sem intenção de ofender - ele disse rapidamente.

- Sim, eu tenho o dia todo. Mas, Jake...

Ele levantou as mãos. - Perdão - ele se desculpou. - Eu não vou ser mais assim. Eu vou só ser Jacob.

Eu suspirei. - Mas isso é o que você está *pensando*...

- Não se preocupe comigo - ele insistiu, sorrindo com alegria proposital, brilhante demais. - Eu sei o que eu estou fazendo. É só me dizer se eu estiver aborrecendo você.

- Eu não sei...

- Vamos, Bella. Vamos voltar pra casa e pegar as nossas motos. Você tem que andar na moto regularmente pra não perder o costume.

- Eu realmente não acho que eu tenho permissão.

- De quem? De Charlie ou do sugador, *dele*?

- De ambos.

Jacob sorriu o *meu* sorriso, e de repente ele era o Jacob do qual eu mais tinha saudade, ensolarado e cálido.

Eu não pude deixar de rir de volta.

A chuva diminuiu, se transformou em um chuveiro.

- Eu não vou contar pra ninguém - ele prometeu.

- Exceto a todos os seus amigos.

Ele balançou a cabeça sobriamente e ergueu a mão direita. - Eu prometo que não vou pensar nisso.

Eu sorri. - Se eu me machucar, foi porque eu tropecei.

- O que você disse.

Nós andamos nas nossas motos nas estradas de La Push até que a chuva as deixou com muita lama e Jacob insistiu que ia desmaiar se não comesse nada rápido.

Billy me saudou facilmente quando nós chegamos na casa, como se a minha aparição repentina não significasse nada mais complicado do que eu querendo passar um dia com o meu amigo. Depois que nós comemos os sanduíches que Jacob fez, nós saímos para a garagem e eu o

ajudei a limpar as motos. Eu não tinha estado aqui ha meses - desde que Edward havia retornado - mas não havia nenhuma sensação de importância nisso. Era só uma outra tarde na garagem.

- Isso é legal - eu comentei quando ele tirou os refrigerantes quentes do saco de papel da mercearia. - Eu senti falta desse lugar.

Ele sorriu, olhando para as telhas de plástico juntas acima das nossas cabeça. - É. Eu posso entender isso. Todo o esplendor do Taj Mahal, sem a inconveniência das despesas de uma viagem à Índia.

- Ao pequeno Taj Mahal de Washington - eu brindei, levantando a minha lata.

Ele tocou a sua lata na minha.

- Você se lembra do último Dia dos Namorados? Eu acho que aquela foi a última vez que você esteve aqui - a última vez em que as coisas estavam... normais, eu quero dizer.

Eu ri. - É claro que eu me lembro. Eu troquei uma vida de servidão por uma caixinha em formato de coração. Isso não é uma coisa que eu ache provável esquecer.

Ele riu comigo. - É isso aí. Hmm, servidão. Eu vou ter que pensar em alguma coisa boa. - Aí ele surpirou. - Parece que já fazem anos. Uma outra era. Uma era mais feliz.

Eu não podia concordar com ele. Essa era a minha era feliz agora. Mas eu fiquei surpresa por me dar de quantas coisas eu sentia falta das minhas próprias eras negras. Eu olhei para a abertura na floresta cheia de musgos. A chuva estava mais forte de novo, mas estava quente na pequena garagem, sentada perto de Jacob. Ele era tão bom quanto uma lareira.

Os dedos dele alisaram a minha mão. - As coisas realmente mudaram.

- É - Eu disse, e aí eu me inclinei e dei um tapinha no pneu de trás da minha moto. - Charlie costumava gostar de mim. Eu espero que Billy não o conte nada sobre hoje... - eu mordí o meu lábio.

- Ele não vai. Ele não fica esquentado com as coisas do jeito que Charlie fica. Ei, eu nunca me desculpei oficialmente por aquele lance estúpido com as motos. Eu realmente sinto muito por ter te dedurado pro Charlie. Eu queria não ter feito isso.

Eu revirei os meus olhos. - Eu também.

- Eu realmente, realmente sinto muito.

Ele olhou pra mim esperançosamente, seu cabelo preto molhado, emaranhado, estava em todo canto no rosto implorativo dele.

- Oh, tá legal! Você está perdoado.

- Obrigado, Bells!

Nós rimos um pro outro por um segundo, e então o rosto dele sombreou.

- Sabe aquele dia, quando eu levei as motos... Eu estava esperando te perguntar uma coisa - ele disse lentamente. - Mas também... não queria.

Eu fiquei muito imóvel - uma reação ao estresse. Esse era um hábito que eu havia pego de Edward.

- Você estava só sendo teimosa porque estava com raiva de mim, ou você estava realmente falando sério? - ele sussurrou.

- Sobre o que? - eu sussurrei de volta, apesar de eu ter certeza de que sabia sobre o que ele estava falando.

Ele me encarou. - Você sabe. Quando você disse que não era da minha conta... se, se ele te mordesse. - Ele enrijeceu visivelmente no final.

- Jake - a minha garganta parecia inchada. Eu não conseguí terminar.

Ele fechou os olhos e respirou fundo. - Você estava falando sério?

Ele estava tremendo bem de leve. Os olhos dele ficaram fechados.

- Sim - eu sussurrei.

Jacob inalou, devagar e profundo. - Eu acho que sabia disso.

Eu olhei para o rosto dele, esperando que seus olhos se abrissem.

- Você sabe o que isso vai significar? - ele perguntou de repente. - Você entende isso, não entende? O que vai acontecer se eles quebrarem o acordo?

- Nós vamos embora primeiro - eu disse com uma voz pequena.

Os olhos dele se abriram, as profundidades pretas estavam cheias de raiva e de dor.

- Não havia um limite geográfico para o acordo, Bella. Os nossos avôs só concordaram em manter a paz porque os Cullen juraram que eles eram diferentes, que os humanos não estariam em perigo por causa deles. Eles prometeram que nunca iam matar ou transformar alguém de novo. Se eles derem pra trás com a sua palavra, o acordo não tem valor, e eles não serão diferentes dos outros vampiros. Uma vez que isso está estabelecido, quando nós os acharmos...

- Mas, Jake, você já não quebrou o acordo - eu perguntei, me segurando á palha. - Não era parte do acordo que vocês não poderiam contar ás pessoas sobre os vampiros? E você me contou. Então o acordo não pode ser debatido, de alguma forma?

Jake não gostou do lembrete; a dor dos olhos dele endureceu até se transformar em animosidade. - É, eu quebrei o acordo, antes, quando eu não acreditava em nada disso. E eu tenho certeza de que eles estão informados disso - ele olhou amargamente para a minha testa, sem encontrar o meu olhar envergonhado. - Mas não é como se isso os desse uma colher de chá. Não há um castigo para uma falta. Eles só têm uma opção de se opor ao que eu fiz. A mesma opção que nós teremos se eles quebrarem o acordo: atacar. Começar a guerra.

Ele fez com que isso soasse inevitável. Eu tremí.

- Jake, as coisas não têm que ser assim.

Os dentes dele se apertaram. - É *assim* que é.

O silêncio depois da declaração dele pareceu muito alto.

- Você nunca vai me perdoar, Jacob? - eu sussurrei. Assim que eu disse as palavras, eu desejei não ter dito. Eu não queria ouvir a resposta dele.

- Você não será mais Bella - ele me disse. - A minha amiga não vai existir. Não haverá ninguém pra perdoar.

- Isso soa como um *não*. - Eu sussurrei.

Nós encaramos um ao outro por um momento sem fim.

- Isso é adeus, então, Jake?

Ele piscou rapidamente, a expressão penetrante dele derretendo com a surpresa.

- Porque? Nós ainda temos alguns anos. Nós não podemos ser amigos até que não haja mais tempo?

- Anos? Não, Jake, não anos. - Eu balancei a minha cabeça e rí uma vez sem humor. - *Semanas* é mais preciso.

Eu não estava esperando a reação dele.

De repente ele estava de pé, e houve um alto *pop* quando a lata de refrigerante estorou na mão dele. Voou refrigerante pra todo lado, me molhando, como se ele estivesse saindo de uma magueira.

- Jake! - eu comecei a reclamar, mas eu fiquei em silêncio quando eu percebi que o corpo inteiro dele estava tremendo de raiva. Ele me encarou selvagememente, um rosnado nascendo no peito dele.

Eu congelei no lugar, chocada demais pra lembrar de como me mexer.

A tremedeira passava por ele, ficando mais rápida, até que pareceu que ele estava vibrando. O corpo dele parecia um vulto...

E aí Jacob apertou os dentes, e os rosnados pararam. Ele apertou a mão com força de concentrando; a tremedeira parou até que apenas as mãos dele estavam tremendo.

- Semanas - Jacob disse num tom vazio.

Eu não conseguí responder; eu ainda estava congelada.

Ele abriu os olhos. Eles estavam além da fúria agora.

- Ele vai te transformar em uma sugadora de sangue suja em apenas algumas *semanas!* - Jacob assobiou por entre os dentes.

Pasma demais pra me importar com o insulto nas palavras dele, eu só balancei a cabeça, muda.

O rosto dele ficou verde por baixo da pele ruiva.

- É claro, Jake - eu sussurrei, depois de um longo minuto de silêncio. - Ele tem *dezessete*, Jacob. E eu estou mais próxima dos dezenove a cada dia. Além do mais, qual é a necessidade de esperar? Ele é tudo o que eu quero. O que mais eu posso fazer?

Essa pergunta era pra ser retórica.

As palavras dele saíram como se fossem um chicote. - Qualquer coisa. Qualquer outra coisa. Era melhor que você estivesse morta. Eu preferiria se você estivesse.

Eu dei um passo pra trás como se ele tivesse me batido. A dor foi pior do que se ele tivesse batido.

E aí, enquanto a dor passou por mim, a minha própria raiva se fez em chamuscas.

- Talvez você tenha sorte - eu disse, vazia, ficando de pé. - Talvez eu bata em um caminhão no meu caminho de volta.

Eu peguei a minha moto e a arrastei para a chuva. Ele não se moveu quando eu passei por ele. Assim que eu cheguei no pequeno caminho lamacento, e me inclinei e dei partida na moto. O pneu traseiro espirrou uma fonte de lama em direção à garagem, e eu esperei que sujasse ele.

Eu fiquei absolutamente encharcada enquanto corria pela estrada na direção à casa do Cullen. O vento parecia estar congelando a chuva no meu corpo, e os meus dentes estavam batendo antes que eu estivesse a meio caminho de lá.

Motos eram impráticas demais para Washington. Eu ia vender a coisa estúpida quando tivesse a primeira oportunidade. Eu levei a moto até a garagem cavernosa dos Cullen e não me surpreendi ao encontrar Alice esperando por mim, encostada levemente no capô do seu Porsche. Alice alisou a pintura amarela brilhante.

- Eu nem tive a chance de dirigí-lo. - Ela suspirou.

- Desculpa - eu cuspi por entre os dentes.

- Você parece estar precisando de um banho quente - ela disse, improvisando, enquanto se colocava levemente de pé.

- É.

Ela torceu os lábios, olhando cuidadosamente para a minha expressão. - Você quer falar sobre isso?

- Não.

Ela assentiu com a cabeça, mas os olhos dela ainda estavam inquietos de curiosidade.

- Você quer ir à Olympia essa noite?

- Na verdade não. Eu não posso ir pra casa?

Ela fez uma careta.

- Deixa pra lá, Alice - eu disse. - Eu fico, se isso facilita as coisas pra você.

- Obrigada - ela suspirou aliviada.

Eu fui dormir cedo naquela noite, me dobrando no sofá de novo.

Ainda estava escuro quando eu acordei. Eu estava grogue, mas eu sabia que ainda não estava perto de ser manhã. Os meus olhos se fecharam e eu me estiquei, rolando. Eu levei um segundo pra perceber que o movimento devia ter me derrubado no chão. E eu estava muito mais confortável.

Eu rolei de volta, tentando enxergar.

Estava mais escuro que na noite passada - as nuvens estavam grossas demais para a lua brilhar através delas.

- Desculpe - ele murmurou tão suavemente que as palavras dele pareciam parte da escuridão. - Eu não queria te acordar.

Eu fiquei tensa, esperando pela fúria - tanto a dele quanto a minha - mas só estava calmo e quieto na escuridão do quarto dele. Eu quase podia sentir a doçura da reunião no ar, uma fragrância separada do perfume da respiração dele; o vazio de quando estávamos separados deixou um gosto amargo. Uma coisa que eu não percebia conscientemente até que ele era removido.

Não havia fricção no espaço entre nós. A imobilidade era apaziguadora - não como a calma depois da tempestade, mas como uma noite clara que não foi nem tocada com o sonho de uma tempestade.

E eu não me importei se eu devia estar com raiva dele. Eu não me importava se eu devia estar com raiva de todo mundo. Eu me inclinei pra ele, encontrei a sua mão na escuridão, e me puxei pra mais perto dele. Os braços dele me circundaram, me segurando contra o peito dele. Os meus lábios procuraram, caçando na garganta dele, no seu queixo, até que eu finalmente encontrei os lábios dele.

Edward me beijou suavemente por um momento, e então ele gargalhou.

- Eu estava todo preocupado por causa da briga que ia envergonhar os ursos pardos, e é isso que eu ganho? Eu devia te deixar furiosa mais vezes.

- Me dê um minuto pra ajeitar isso - eu caçoei, beijando ele de novo.

- Eu espero o quanto você quiser - ele sussurrou nos meus lábios. Os dedos dele se entrelaçaram nos meus cabelos.

A minha respiração estava ficando desigual. - Talvez de manhã.

- O que você preferir.

- Bem vindo ao lar - eu disse enquanto os lábios frios dele se pressionaram na minha mandíbula. - Eu estou feliz por você ter voltado.

- Isso é uma coisa muito boa.

- Mmm - eu concordei, apertando mais os meus dedos no pescoço dele.

A mão dele se curvou no meu cotovelo, descendo lentamente pelo meu braço, através das minhas costelas e pela minha cintura, traçando o meu quadril e descendo pela minha perna, ao redor do meu joelho. Ele parou aí, a mão dele circulando o meu tornozelo. Ele puxou a minha perna pra cima de repente, passando ela pelo quadril dele.

Eu parei de respirar. Esse não era o tipo de coisa que ele permitia. Apesar das mãos frias dele, eu me sentí quente de repente. Os lábios dele se moveram na base da minha garganta.

- Não é pra trazer a ira prematuramente - ele sussurrou. - Mas será que você pode me dizer o que há nessa cama a que você se opõe?

Antes que eu pudesse responder, antes que eu sequer pudesse me concentrar o suficiente pra entender o significado das palavras dele, ele rolou para o lado, me colocando em cima dele. Ele segurou o meu rosto com as mãos, angulando ele para que a sua boca pudesse alcançar a minha garganta. A minha respiração estava muito alta - era quase embaraçoso, mas eu não conseguia me importar o suficiente pra ficar envergonhada.

- A cama? - ele perguntou de novo. - *Eu* acho ela legal.

- É desnecessária - eu consegui botar pra fora.

Ele puxou o meu rosto de volta pra o dele, e os meus lábios se encaixaram nos dele. Lentamente dessa vez, ele rolou até estar em cima de mim. Ele se segurou cuidadosamente pra que eu não sentisse nada do peso dele, mas eu podia sentir a frieza de mármore do seu corpo pressionado no meu. O meu coração estava batendo tão alto que foi difícil ouvir o riso baixo dele.

- Isso é debatível - ele discordou. - Isso ia ser difícil no sofá.

Fria como gelo, a língua dele traçou os cortornos dos meus lábios.

A minha cabeça estava girando - o ar estava vindo rápido demais e muito superficialmente.

- Você mudou de idéia? - eu perguntei sem fôlego. Talvez ele tivesse repensado as suas regras cuidadosas. Talvez houvesse mais significância nessa cama do que eu havia pensado originalmente. O meu coração bateu quase dolorosamente enquanto eu esperava pela resposta dele.

Edward suspirou, rolando de novo até que estávamos de novo dos nossos lados.

- Não seja ridícula, Bella - ele disse, a desaprovação estava forte na voz dele, claramente ele entendeu do que eu estava falando. - Eu só estava tentando ilustrar os benefícios de uma cama da qual você não parece gostar. Não se deixe levar.

- Tarde demais - eu murmurei. - E eu gosto da cama - eu acrescentei.

- Bom - eu podia ouvir o sorriso na voz dele enquanto ele beijava a minha testa. - Eu também gosto.

- Mas eu ainda acho que é desnecessário - eu continuei. - Se nós não vamos nos deixar levar, qual é o ponto?

Ele suspirou de novo. - Pela centésima vez, Bella, é perigoso demais.

- Eu gosto de perigo - eu insistí.

- Eu sei - havia um tom amargo na voz dele, e eu me dei conta de que ele devia ter visto a moto na garagem.

- Eu vou te dizer o que é perigoso - eu disse rapidamente, antes que ele pudesse passar para um novo tópico da discussão. - Eu vou entrar em combustão espontânea um dia desses, e você não vai poder culpar ninguém além de si mesmo.

Ele começou a me afastar.

- O que você está fazendo? - eu reclamei, me apertando a ele.

- Te protegendo da combustão. Se isso for demais pra você...

- Eu posso aguentar - eu insistí.

Ele deixou que eu me recolocasse no círculo dos braços dele.

- Eu lamento por ter te dado a impressão errada - ele disse. - Eu não queria te deixar infeliz.

Aquilo não foi legal.

- Na verdade, foi muito, muito legal.

Ele respirou fundo. - Você não está cansada? Eu devia te deixar dormir.

- Não, eu não estou. Eu não me importo se você me ser a impressão errada de novo.

- Essa provavelmente é uma má idéia. Você não é a única que se deixa levar.

- Sou sim - eu murmurei.

Ele gargalhou. - Você não tem idéia, Bella. E também não ajuda muito que você esteja tão determinada a quebrar o meu auto-controle.

- Eu não vou me desculpar por isso.

- Posso *eu* pedir desculpa?

- Pelo quê?

- Você estava com raiva de mim, lembra?

- Oh, isso.

- Eu lamento. Eu estava errado. É muito mais fácil pensar nas perspectivas com clareza quando você está segura *aqui* - Os braços dele se apertaram ao meu redor. - Eu fico um pouco frenético quando eu tento te deixar. Eu não acho que vou tão longe de novo. Não vale a pena.

Eu sorri. - Você não achou nenhum leão da montanha?

- Sim, na verdade eu achei. Mas ainda não vale a ansiedade. Eu sinto muito por ter feito Alice te fazer de refém. Isso foi uma má idéia.

- Sim - eu concordei.

- Eu não vou fazer de novo.

- Tá certo - eu disse facilmente. Ele já estava perdoado. - Mas festas do pijama têm suas vantagens... - Eu cheguei mais perto, pressionando os meus lábios na clavícula dele. - *Você* pode me fazer de refém sempre que quiser.

- Mmm - ele suspirou. - Eu posso me aproveitar disso.

- Então é minha vez agora?

- Sua vez? a voz dele estava confusa.

- De pedir desculpas.

- Pelo que você vai pedir desculpas?

- Você não está com raiva de mim? - eu perguntei sem entender.

- Não.

Ele soou como se estivesse falando sério.

Eu sentí as minhas sobrancelhas se juntando. - Você não viu Alice quando chegou em casa?

- Sim, Porque?

- Você vai pegar o Porsche dela de volta?

- É claro que não. Foi um presente.

Eu desejei poder ver a expressão dele.

- Você não quer saber o que eu fiz? - eu perguntei, começando a ficar confusa com a aparente falta de preocupação dele.

Eu sentí ele erguer os ombros. - Eu sempre estou interessado no que você faz, mas você não tem que me contar a menos que você queira.

- Mas eu estive em La Push.

- Eu sei.

- E eu faltei à escola.

- Eu também.

Eu encarei na direção da voz dele, traçando o rosto dele com os meus dedos, tentando entender o humor dele. - De onde foi que veio toda essa tolerância? - eu quis saber.

Ele suspirou.

- Eu decidí que você estava certa. O meu problema antes era mais com... o meu preconceito com os lobisomens do que por outra coisa. Eu vou tentar ser mais razoável e confiar no seu julgamento. Se você diz que é seguro, então eu acredito em você.

- Uau.

- E... o mais importante... eu não estou a fim de deixar isso construir uma ponte entre nós.

Eu descansei a minha cabeça no peito dele e fechei os meus olhos, totalmente contente.

- Então - ele murmurou em um tom casual. - Você fez planos pra ir à La Push em breve?

Eu não respondi. A pergunta dele trouxe as palavras de Jacob de volta à minha mente, e de repente a minha garganta estava apertada.

Ele entendeu mal a minha falta de palavras e a rigidez no meu corpo.

- Só pra que eu possa fazer os meus próprio planos - ele explicou rápido. - Eu não quero que você sinta que precisa se apressar só porque eu estou sentado por aqui te esperando.

- Não - eu disse numa voz que pareceu estranha pra mim. - Eu não tenho planos pra voltar.

- Oh. Você não tem que fazer isso por mim.

- Eu não acho que sou mais bem vinda - eu sussurrei.

- Você atropelou o gato de alguém? - ele perguntou levemente. Eu sabia que ele não queria me forçar a contar a história, mas eu podia ouvir a curiosidade queimando por baixo das palavras dele.

- Não - eu respirei fundo, e depois murmurei rapidamente a minha explicação. - Eu pensei que Jacob tivesse se dado conta... Eu não pensei que isso fosse surpreendê-lo.

Edward esperou enquanto eu hesitei.

- Ele não estava esperando... que fosse ser tão cedo.

- Ah - Edward disse baixinho.

- Ele disse que preferiria me ver morta - A minha voz quebrou na última palavra.

Edward ficou parado demais por um momento, controlando qualquer que fosse a reação que ele não queria me deixar ver.

Então ele me apertou gentilmente no peito dele. - Eu lamento muito.

- Eu pensei que você ficaria feliz - eu murmurei.

- Feliz por uma coisa que machucou você? - ele murmurou no meu cabelo. - Eu acho que não, Bella.

Eu suspirei e relaxei, me encaixando no formato de pedra dele. Mas ele estava imóvel de novo, tenso.

- Qual é o problema? - eu perguntei.

- Não é nada.

- Você pode me dizer.

Ele pausou por um momento. - Isso pode te deixar com raiva.

- Eu ainda quero saber.

Ele suspirou. - Eu literalmente bem que podia matar ele por dizer isso pra você. Eu *quero* matar ele.

Eu rí sem muita vontade. - Eu acho que é uma coisa boa que você tenha tanto auto-controle.

- Eu podia escorregar - O tom dele estava pensativo.

- Se você vai ter um lapso de controle, eu posso pensar em um lugar melhor pra isso. - Eu alcancei o rosto dele, tentando me levar pra cima pra dar um beijo nele. Os braços dele me seguraram com mais força, me restringindo.

Ele suspirou. - Será que eu preciso ser sempre o responsável?

Eu sorri para a escuridão. - Não. Me deixa ficar no controle da responsabilidade por alguns minutos... ou horas

- Boa noite, Bella.

- Espere, Havia algo mais sobre o que eu queria te perguntar.

- O que é?

- Eu estava falando com Rosalie na noite passada...

O corpo dele ficou tenso de novo. - Sim. Ela estava pensando nisso quando eu entrei. Ela te deu muitas coisas pra levar em consideração, não foi?

A voz dele estava ansiosa, e eu me dei conta de que ele pensou que eu queria falar nas razões que Rosalie havia me dado pra continuar humana. Mas eu estava interessada em outra coisa muito mais grave.

- Ela me contou um pouco... sobre a época que a sua família viveu em Denali.

Houve uma curta pausa; esse começo havia pego ele de surpresa. - Sim?

- Ela mencionou algumas coisas sobre um monte de fêmeas vampiras... e você.

Ele não respondeu, apesar de eu ter esperado por um longo tempo.

- Não se preocupe - eu disse, depois que o silêncio ficou desconfortável. - Ela me disse que você não... demonstrou nenhuma preferência. Mas eu só estava me perguntando, sabe, se alguma *delas* demonstrou. Demonstrou preferência por você, eu quero dizer.

De novo ele não disse nada.

- Qual delas? - eu perguntei, tentando manter a minha voz casual, e sem conseguir. - Ou havia mais de uma?

Nenhuma resposta. Eu desejei poder ver o rosto dele, pra que assim eu pudesse tentar adivinhar o que o silêncio significava.

- Alice vai me dizer - eu disse. - Eu vou perguntar a ela agora.

Os braços dele se apertaram; eu fui incapaz de me mover um centímetro.

- Está tarde - ele disse. A voz dele estava com um tom que era algo novo. Meio nervosa, talvez um pouco envergonhada. - Além do mais, eu acho que Alice saiu...

- É ruim - eu adivinhei. - É realmente ruim, não é? - eu comecei a entrar em pânico, o meu coração acelerando enquanto eu imaginava a linda rival imortal que eu nunca imaginei que tivesse.

- Se acalme, Bella - ele disse, beijando a ponta do meu nariz. - Você está sendo absurda.

- Estou? Então porque você não me diz?

- Porque não ha nada pra dizer. Você está colocando isso fora de proporção.

- Qual delas? - eu insisti.

Ele suspirou. - Tânia expressou um pouco de interesse. Eu deixei ela saber, de uma maneira muito cortês, cavalheiresca, que eu não retornava o interesse. Fim da história.

Eu mantive a minha voz o mais uniforme possível. - Me diga uma coisa, como Tânia se parece?

- Exatamente como o resto de nós, pele branca, olhos dourados - ele respondeu rapidamente demais.

- E, é claro, extraordinariamente linda.

Eu sentí ele erguer os ombros.

- Eu acho, para os olhos humanos - ele disse, indiferente. - No entanto, quer saber?

- O que? - a minha voz estava petulante.

Ele colocou os lábios no meu ouvido direito; a respiração gelada dele fez cócegas. - Eu prefiro as morenas.

- Ela é loira. Não é de estranhar.

- Loira morango, absolutamente não faz o meu tipo.

Eu pensei nisso por um momento, tentando me concentrar enquanto os lábios dele se moviam lentamente pela minha bochecha. Ele fez o circuito três vezes antes que eu falasse.

- Eu *acho* que está tudo bem, então - eu decidí.

- Hmm - ele sussurrou na minha pele. - Você é adorável quando está com ciúmes. É surpreendentemente agradável.

Eu fiz uma careta no escuro.

- Está tarde - ele disse de novo, murmurando, quase sofejando agora, a voz dele era mais macia que seda. - Durma, minha Bella. Tenha sonhos felizes. Você é a única que já tocou meu coração. Ele será sempre seu. Durma, meu único amor.

Ele começou a cantar a minha canção de ninar, e eu sabia que seria apenas uma questão de tempo até que eu sucumbisse, então eu fechei os meus olhos e me aconcheguei mais no peito dele.

9. ALVO

Alice me deixou em casa de manhã, pra manter a charada da festa do pijama. Não demoraria muito até que Edward aparecesse, oficialmente retornando da sua viagem de "caminhada". Todas as farsas estavam começando a me cansar. Eu não ia sentir falta dessa parte de ser humana.

Charlie espiou pela janela da frente quando ele me viu bater a porta do carro. Ele acenou pra Alice, e depois foi abrir a porta pra mim.

- Você se divertiu? - Charlie perguntou.

- Claro, foi ótimo. Muito... garotas.

Eu carreguei as minhas coisas pra dentro, amontoei todas elas no pé da escada, e fui para a cozinha pra procurar um lanche.

- Você tem uma mensagem - Charlie falou atrás de mim.

No balcão da cozinha, o bloco de mensagens telefônicas estava aberto conspicuosamente contra uma panela de molho.

Jacob ligou, Charlie havia escrito.

Ele disse que não teve a intenção, e que ele sente muito. Ele quer que você ligue pra ele. Seja boazinha e dê uma chance a ele. Ele parecia chateado.

Eu fiz uma careta. Geralmente Charlie não editava as minhas mensagens.

Jacob podia ir em frente e ficar chateado. Eu não queria falar com ele. Da última vez que eu tive notícias, eles não eram bons em aceitar ligações do outro lado. Se Jacob me preferia morta, então talvez ele devesse começar a se acostumar com o silêncio.

O meu apetite evaporou. Eu quase fiz uma careta e fui guardar as minhas coisas.

- Você não vai ligar pra Jacob? - Charlie perguntou. Ele estava se inclinando ao redor da parede da sala de estar, me observando recolher as coisas.

- Não.

Eu comecei a subir as escadas.

- Esse não é um comportamento muito atraente, Bella - ele disse. - Perdoar é divino.

- Cuide dos seus assuntos - eu murmurei por baixo do fôlego, baixo demais pra ele ouvir.

Eu sabia que as roupas sujas estavam se acumulando, então, depois que eu guardei a minha pasta de dentes e joguei as minhas roupas sujas no cesto, eu fui desferrar a cama de Charlie. Eu deixei os lençóis dele em uma pilha no topo das escadas e fui buscar os meus.

Eu parei ao lado da cama, pendendo a minha cabeça de lado.

Onde estava o meu travesseiro? Eu fiz um círculo, vasculhando o quarto. Nada de travesseiro. Eu reparei que o meu quarto estava estranhamente arrumado. A camisa do meu moletom não tinha sido jogada no poste baixo da cama no encosto de pés? E eu podia jurar que havia um par de meias sujas atrás da cadeira de balanço, junto com uma blusa vermelha que eu tinha experimentado a duas manhãs atrás, mas eu decidi que era arrumada demais para a escola, e pendurei ela no braço... eu me virei de novo. O meu cesto não estava vazio, mas não estava transbordando, do jeito que eu pensava que estava.

Charlie estava lavando a roupa? Isso era fora do comum.

- Pai, você começou a lavar as roupas? - eu gritei pela minha porta.

- Um, não - ele gritou de volta, soando culpado. - Você queria que eu comesse?

- Não, eu faço isso. Você estava procurando alguma coisa no meu quarto?

- Não. Porque?

- Eu não consigo encontrar... uma camisa...

- Eu não estive aí.

E aí eu me lembrei que Alice havia estado aqui pra pegar os meus pijamas. Eu não percebi que ela havia levado o meu travesseiro também – provavelmente porque eu tinha evitado a cama.

Parecia que ela tinha feito uma limpeza quando passou. Eu corei por causa da minha desorganização.

Mas a blusa vermelha não estava realmente suja, então eu fui salva-la do cesto.

Eu esperava encontra-la perto do topo, mas ela não estava lá. Eu escavei a pilha inteira e mesmo assim não consegui encontra-la. Eu sabia que provavelmente eu estava ficando paranóica, mas parecia que mais alguma coisa estava faltando, ou talvez mais de uma coisa. Ele não estava cheio nem pela metade.

Eu tirei os meus lençóis e fui para o armário da lavanderia, pegando os de Charlie no caminho. A máquina de lavar estava vazia. Eu chequei a secadora também, meio que esperando encontrar roupas lavadas esperando por mim, cortesia de Alice. Nada.

Eu fiz uma careta, confusa.

- Você encontrou o que estava procurando? - Charlie gritou.

- Ainda não.

Eu voltei lá pra cima pra procurar em baixo da minha cama. Nada além de coelhinhos de poeira. Eu comecei a procurar na minha cômoda. Talvez eu tivesse guardado a camisa vermelha e tivesse esquecido.

Eu desisti quando a campainha tocou. Devia ser Edward.

- A porta - Charlie me informou do sofá enquanto eu passei correndo por ele.

- Não fique tenso, pai.

Eu abri a porta com um grande sorriso no rosto.

Os olhos dourados de Edward estavam arregalados, as narinas estavam infladas, seus lábios estavam puxados pra cima dos dentes.

- Edward? - a minha voz estava afiada com o choque enquanto eu li a expressão dele. - O que...

Ele colocou seus dedos nos meus lábios. - Me dê dois segundos - ele sussurrou. - Não se mova.

Eu fiquei congelada na porta e ele... desapareceu. Ele se moveu tão rapidamente que Charlie nem viu ele passar.

Antes que eu pudesse me recompor o suficiente pra contar até dois, ele estava de volta.

Ele colocou o braço ao redor da minha cintura e me puxou rapidamente em direção à cozinha. Os olhos dele vasculharam o espaço, e ele me segurou contra o seu corpo como se estivesse me protegendo de alguma coisa.

Eu joguei um olhar na direção de Charlie no sofá, mas ele estava estudiosamente nos ignorando.

- Alguém esteve aqui - ele murmurou no meu ouvido depois de me puxar para o fundo da cozinha. A voz dele estava tensa; era difícil ouvi-lo com o barulho da máquina de lavar pratos.

- Eu juro que nenhum lobisomem - eu comecei a dizer.

- Não um deles - ele me interrompeu rapidamente, balançando a cabeça. - Um de nós.

O tom na voz dele deixou claro que não estava falando de um membro da família dele.

Eu senti o sangue escapando do meu rosto.

- Victoria? - eu botei pra fora.

- Não é um cheiro que eu reconheço.

- Um dos Volturi - eu adivinhei.

- Provavelmente.

- Quando?

- É por isso que eu acho que foi um deles, não foi a muito tempo, cedo hoje de manhã enquanto Charlie estava dormindo. E quem quer que tenha sido não tocou nele, então deve ter sido por outro propósito.

- Procurando por mim.

Ele não respondeu. O corpo dele estava congelado, uma estátua.

- Sobre o que vocês dois estão cochichando? - Charlie perguntou suspeitosamente, virando na esquina com uma tigela de pipoca vazia nas mãos.

Eu fiquei verde. Um vampiro havia estado dentro de casa procurando por mim enquanto Charlie estava dormindo. O pânico me dominou, fechou minha garganta. Eu não consegui responder, eu só encarei ele horrorizada.

A expressão de Charlie mudou. Abruptamente, ele estava sorrindo. - Vocês dois estão brigando... bem, não me deixem interromper.

Ainda sorrindo, ele colocou a sua tigela na pia e saiu da cozinha.

- Vamos - Edward disse num voz dura e baixa.

- Mas Charlie! - O medo estava apertando o meu peito, tornando difícil respirar. Ele pensou por um breve segundo, e então o telefone dele estava em sua mão.

- Emmett - ele murmurou no receptor. Ele começou a falar tão rápido que eu não conseguia entender as palavras. Ele começou a me puxar em direção à porta.

- Emmett e Jasper estão a caminho - ele sussurrou quando sentiu a minha resistência. - Eles vão vasculhar a floresta. Charlie está bem.

Aí eu deixei ele me arrastar junto, em pânico demais pra pensar com clareza. Charlie encontrou os meus olhos amedrontados com um sorriso presumido, que de repente se transformou em confusão. Edward já tinha me levado porta afora antes que Charlie pudesse dizer qualquer coisa.

- O que nós vamos fazer? - eu não pude deixar de sussurrar, mesmo depois que já estávamos dentro do carro.

- Nós vamos falar com Alice - ele me disse, o volume de sua voz estava normal mas ela estava vazia.

- Você acha que talvez ela tenha visto alguma coisa?

Ele olhou para a pista com os olhos apertados. - Talvez.

Eles já estavam esperando por nós, alertados pela ligação de Edward. Era como entrar num museu, todos estavam imóveis como estátuas em várias poses de estresse.

- O que aconteceu - Edward quis saber assim que passamos pela porta. Eu fiquei chocada ao ver que ele estava encarando Alice, as mãos dele nos pulsos com raiva. Alice continuou com os braços cruzados no peito com força. Só os lábios dela se moveram. - Eu não faço idéia. Eu não vi nada.

- Como isso é *possível*? - ele assobiou.

- Edward - eu disse, uma baixa reprimenda. Eu não gostava dele falando com Alice desse jeito.

Carlisle interrompeu com um voz calmante. - Não é uma ciência exata, Edward.

- Ele estava no *quarto* dela, Alice. Ele podia ainda estar lá, esperando por ela.

- Eu teria visto isso.

Edward jogou as mãos pra cima em exasperação. - Mesmo? Você tem certeza?

A voz de Alice estava fria quando ela respondeu. - Você já me tem observando as decisões dos Volturi, observando a volta de Victoria, observando cada passo de Bella. Você quer acrescentar mais alguma coisa? Eu tenho que observar Charlie, ou o quarto de Bella, ou a casa, ou a rua inteira também? Edward, se eu fizer muita coisa, as coisas vão começar a sair do meu controle.

- Parece que elas já estão - Edward disparou.

- Ela nunca esteve em perigo. Não havia nada pra ver.

- Se você estava vigiando a Itália, porque você não os viu mandar...

- Eu não acho que sejam eles - Alice insistiu. - Eu teria visto isso.

- Quem mais teria deixado Charlie vivo?

Eu estremei.

- Eu não sei - Alice disse.

- Ajudou.

- Pare com isso, Edward - eu sussurrei.

Ele virou pra mim, seu rosto ainda estava lívido, seus dentes estavam trincados. Ele me encarou por meio segundo, e depois, de repente, ele exalou. Os olhos dele arregalaram e a mandíbula dele relaxou.

- Você está certa, Bella. Me desculpe - Ele olhou pra Alice. - Me perdoe, Alice. Eu não devia estar descontando em você. Isso foi indesculpável.

- Eu entendo - Alice o assegurou. - Eu também não estou feliz com isso. - Edward respirou fundo. - Tudo bem, vamos ver isso logicamente. Quais são as possibilidades?

Todo mundo pareceu descongelar ao mesmo tempo. Alice relaxou e se encostou nas costas do sofá. Carlisle caminhou lentamente em direção a ela, com os olhos distantes. Esme estava sentada no sofá em frente a Alice, cruzando as pernas no acento. Apenas Rosalie continuou sem se mover, de costas pra nós, olhando pela parede de vidro.

Edward me puxou para o sofá e eu me sentei perto de Esme, que mudou de posição pra passar o braço por mim. Ele segurou uma das minhas mãos apertada entre as duas dele.

- Victoria? - Carlisle perguntou.

Edward balançou a cabeça. - Não. Eu não conhecia o cheiro. Ele devia ser dos Volturi, alguém que eu nunca conheci..

Alice balançou a cabeça. - Aro ainda não pediu a ninguém pra procurar por ela. Eu *vou* ver isso. Eu estou esperando por isso.

Edward levantou a cabeça. - Você está esperando por uma ordem oficial.

- Você acha que alguém está agindo por conta própria? Porque?

- Idéia de Caius. - Edward sugeriu, o rosto dele endurecendo.

- Ou de Jane... - Alice disse. - Os dois têm recursos para mandar um rosto desconhecido...

Edward fez uma carranca. - E a motivação.

- No entanto, isso não faz sentido - Esme murmurou, alisando meu cabelo.

- Mas então qual é a intenção? - Carlisle meditou.

- Checar pra ver se eu ainda sou humana? - eu adivinhei.

- Possível - Carlisle disse.

Rosalie deu um suspiro, alto suficiente pra que eu ouvisse. Ela tinha descongelado, e o rosto dela estava virado expectantemente na direção da cozinha.

Edward, por outro lado, parecia desencorajado.

Emmett entrou pela porta da cozinha, Jasper bem atrás dele.

- Foi embora há tempo, horas atrás - Emmett anunciou, desapontado. - A trilha ia para o Leste, e depois para o Sul, e desaparecia ao lado da estrada. Um carro estava esperando.

- Que falta de sorte - Edward murmurou. - Se ele tivesse ido para o oeste... bem, seria bom para aqueles cachorros se fazerem úteis.

Eu estremei, e Esme esfregou o meu ombro.

Jasper olhou pra Carlisle. - Nenhum de nós reconheceu ele. Mas aqui. - Ele segurou uma coisa verde e amassada. Carlisle pegou dele e levou até o seu rosto. Eu vi, enquanto ele trocava de mãos, que era uma folha de samambaia partida. - Talvez você conheça o cheiro.

- Não. - Carlisle disse. - Não é familiar. Não é alguém que eu já tenha conhecido.

- Talvez nós estejamos olhando para isso da forma errada. Talvez seja uma coincidência... - Esme começou, mas parou quando viu as expressões incrédulas nos rostos dos outros. - Eu não estou dizendo que é uma coincidência que um estranho tenha escolhida a casa de Bella pra fazer uma visita ao acaso. Eu quis dizer que talvez alguém esteja só curioso. O nosso cheiro está nela inteira. Será que ele estava se perguntando o que havia nos levado lá?

- Porque ele não viria aqui, então? Se ele estava curioso? - Emmett quis saber.

- Você viria - Esme disse com repentino sorriso de afeição. - O resto de nós não é tão direto. A nossa família é muito grande, ele ou ela pode ter estado assustado. Mas Charlie não foi ferido. Esse não precisa ser um inimigo.

Só curioso. Como James e Victoria haviam estado curiosos, no começo? O pensamento de Victoria me fez estremeecer, apesar de que a única coisa da qual eles tinham certeza era de que

não era ela. Não dessa vez. Ela manteria o padrão obsessivo dela. Essa era outra pessoa, um estranho.

Eu estava lentamente me dando conta de que ao vampiros eram muito mais participantes desse mundo do que eu havia pensado. Quantas vezes os humanos normais passavam por eles, completamente inconscientes? Quantas mortes, obviamente reportadas como crimes e acidentes, eram realmente devido à sede deles?

Quão lotado seria esse novo mundo quando eu me juntasse a ele?

O futuro sombrio mandou um frio pela minha espinha.

Os Cullen ponderaram as palavras de Esme com várias expressões. Eu podia ver que Edward não havia aceitado a teoria, e que Carlisle queria muito aceitar.

Alice torceu os lábios. - Eu não acho. O senso de horário foi perfeito demais... O visitante foi cuidadoso demais pra não estabelecer contato. Quase como se ele ou ela soubesse que eu podia ver...

- Ele podia ter outras razões pra não fazer contato - Esme lembrou ela.

- É realmente importante quem ele é? - eu perguntei. - Só a chance de que alguém *estava* procurando por mim... isso já não é razão suficiente? Nós não devíamos esperar até a formatura.

- Não, Bella - Edward disse rapidamente. - Isso não é tão ruim. Se você realmente estiver em perigo, nós vamos saber.

- Pense em Charlie - Carlisle me lembrou. - Pense em como iria machuca-lo se você desaparecesse.

- Eu *estou* pensando em Charlie! É com ele que eu estou preocupada! E se o meu convidado estivesse com sede ontem? Enquanto eu estiver ao lado de Charlie, ele é um alvo também. Se alguma coisa acontecesse com ele, isso seria minha culpa!

- Difícilmente, Bella - Esme disse, alisando o meu cabelo de novo. - E nada vai acontecer com Charlie. Nós só teremos que ser mais cuidadosos.

- *Mais* cuidadosos? - eu repeti sem acreditar.

- Tudo vai ficar bem, Bella - Alice prometeu; Edward apertou minha mão.

Eu podia ver, olhando pra todos os seus lindos rostos um a um, que nada que eu pudesse dizer ia fazê-los mudar de idéia.

A viagem pra casa foi silenciosa. Eu estava frustrada. Contra o meu melhor julgamento, eu ainda era humana.

- Você não estará sozinha por um segundo - Edward prometeu enquanto me levava pra casa de Charlie. - Sempre haverá alguém lá. Emmett, Alice, Jasper...

Eu suspirei. - Isso é ridículo. Eles vão ficar tão chateados, que eles mesmos terão que me matar, só pra ter algo pra fazer.

Edward me deu um olhar amargo. - Hilário, Bella.

Charlie estava de bom humor quando nós voltamos. Ele podia ver a tensão entre eu e Edward, e ele estava distorcendo as coisas. Ele me observou preparar o jantar dele com um sorriso presumido no rosto. Edward se desculpou por um momento, pra fazer um pouco de vigilância, eu presumi, mas Charlie esperou até que ele estivesse de volta pra me passar as minhas mensagens.

- Jacob ligou de novo - Charlie disse assim que Edward estava na sala. Eu mantive o meu rosto tão vazio quanto o prato na frente dele.

- Isso é um fato?

Charlie fez uma careta. - Não seja petulante, Bella. Ele parecia bem pra baixo.

- Jacob está te pagando pra ser R.P, ou você é voluntário?

Charlie murmurou incoerentemente pra mim até que a comida cortou o sua reclamação ranzinza.

Apesar dele não ter se dado conta, ele encontrou sua marca.

Minha vida estava parecendo muito com um jogo de dados agora - será que a próxima rodada traria olhos de cobra? E se alguma coisa *acontecesse* comigo? Parecia pior do que ser petulante, deixar Jacob se sentir culpado pelo que ele disse.

Mas eu não queria falar com ele com Charlie por perto, pra ter que observar cada uma das minhas palavras pra que nada escorregasse. Pensar nisso me fez ter inveja do relacionamento entre Jacob e Billy. Como devia ser fácil quando você não tinha segredos com a pessoa com a qual você vive.

Então eu ia esperar pela manhã. Eu provavelmente não ia dormir essa noite, afinal, e não ia doer deixar que ele se sentisse culpado por mais doze horas. Isso ia ser bom pra ele.

Quando Edward oficialmente foi embora pela noite, eu me perguntei quem estava lá fora de guarda, mantendo um olho em Charlie e eu. Eu me senti horrível por Alice ou quem quer que pudesse ser, mas ainda assim confortada. Eu tinha admitir que era legal, saber que eu não estava sozinha. E Edward voltou em tempo recorde. Ele cantou pra que eu dormisse de novo e – consciente até mesmo na inconsciência de que ele estava lá – eu dormi livre de pesadelos.

De manhã, Charlie foi pescar com o Deputado Mark antes que eu estivesse acordada. Eu decidi fazer com que essa falta de supervisão fosse divina.

- Eu vou tirar Jacob do gancho - eu avisei Edward depois que comi o meu café da manhã.

- Eu sabia que você ia perdoá-lo - ele disse com um sorriso fácil. - Guardar rancores não é um dos seus muitos talentos.

Eu revirei meus olhos, mas eu estava agradada. Realmente parecia que Edward havia superado aquela coisa de anti-lobisomem.

- Alô? - uma voz sem graça disse.

- Jacob?

- Bella! - ele exclamou. - Oh, Bella, eu sinto muito! - ele tropeçou nas palavras enquanto se apressava pra faze-las sair. - Eu juro que não quis dizer aquilo. Eu só estava sendo estúpido. Eu estava com raiva, mas isso não é desculpa. Foi a coisa mais estúpida que eu já disse em toda a minha vida e eu sinto muito. Não fique com raiva de mim, por favor? Por favor. Eu ofereço servidão eterna, tudo o que você tem que fazer é me perdoar.

- Eu não estou com raiva. Você está perdoado.

- Obrigado - ele disse ferventemente. - Eu não consigo acreditar que fui tão idiota.

- Não se preocupe com isso, eu já estou acostumada.

Ele riu, exuberante de alívio. - Venha aqui me ver - ele implorou. - Eu quero acertar as coisas com você.

Eu fiz uma careta. - Como?

- Qualquer coisa que você quiser. Mergulho do penhasco - ele sugeriu, rindo de novo.

- Oh, *aí* está uma idéia brilhante.

- Eu te manteria segura - ele prometeu. - Não importa o que você queira fazer.

Eu olhei pra Edward. O rosto dele estava calmo, mas eu sabia que essa não era a hora.

- Agora não.

- *Ele* não está muito feliz comigo, está? - pela primeira vez, a voz de Jacob estava mais envergonhada do que amarga.

- Esse não é o problema. Há... bem, há outro problema que é um pouco mais preocupante do que um lobisomem adolescente com mal humor... - eu tentei manter o meu tom de piada, mas isso não o enganou.

- O que há de errado? - ele quis saber.

- Um - eu não estava certa do que eu devia contá-lo.

Edward levantou a mão para o telefone. Eu olhei para o rosto dele cuidadosamente. Ele *parecia* calmo o suficiente.

- Bella? - Jacob perguntou.

Edward suspirou, trazendo a mão mais pra perto.

- Você se importa em falar com Edward? - eu perguntei apreensivamente. - Ele quer falar com você.

Houve uma longa pausa.

- Tudo bem - Jacob concordou. - Isso vai ser interessante.

Eu passei o telefone para Edward; eu esperei que ele pudesse ler o aviso nos meus olhos.

- Olá, Jacob - Edward disse, perfeitamente educado.

Houve um silêncio. Eu mordei o meu lábio, tentando adivinhar o que Jacob iria responder.

- Alguém esteve aqui, não é um cheiro que eu conheço - Edward explicou. - O seu bando encontrou algo novo?

Outra pausa enquanto Edward acenava com a cabeça para si mesmo, sem surpresa.

- Aqui está o ponto crucial, Jacob. Eu não vou deixar Bella sair da minha vista até que eu tenha cuidado disso. Não é nada pessoal...

Jacob interrompeu ele aí, e eu pude ouvir o ruído da voz no receptor. O que quer que fosse que ele estivesse dizendo, ele estava mais interessando do que antes. Eu tentei sem sucesso compreender as palavras.

- Você pode estar certo - Edward começou, mas Jacob estava discutindo de novo. Nenhum dos dois parecia estar com raiva, pelo menos.

- Essa é uma sugestão interessante. Nós estamos bastante interessados em renegociar. Se Sam for maleável.

A voz de Jacob estava mais baixa agora. Eu comecei a morder a unha do meu polegar enquanto eu tentava ler a expressão no rosto de Edward.

- Obrigado - Edward respondeu.

Aí Jacob disse alguma coisa que fez uma expressão de surpresa atravessar o rosto de Edward.

- Eu havia planejado ir sozinho, na verdade - Edward disse, respondendo a pergunta inesperada. - E deixar ela com os outros.

A voz de Jacob cresceu como um beliscão, pra mim pareceu que ele estava tentando ser persuasivo.

- Eu vou tentar considerar isso objetivamente - Edward prometeu. - Tão objetivamente quanto eu for capaz.

A pausa foi mais curta dessa vez.

- Essa não é uma idéia muito ruim. Quando?... não, isso está bem. Eu gostaria de ter uma chance de seguir a trilha pessoalmente, do mesmo jeito. Dez minutos... Certamente. - Edward disse. Ele segurou o telefone pra mim. - Bella?

Eu o peguei lentamente, me sentindo confusa.

- O que foi tudo isso? - eu perguntei a Jacob, minha voz irritada. Eu sabia que era infantil, mas eu me senti excluída.

- Uma trégua, eu acho. Ei, me faça um favor - Jacob sugeriu. - Tente convencer o seu sugador de sangue que o lugar mais seguro pra você ficar, especialmente quando ele vai embora, é na reserva. Nós seremos capazes de lidar com qualquer coisa.

- Era isso que você estava tentando dizer pra ele?

- Sim. Faz sentido. Charlie provavelmente também vai ficar melhor aqui. Tanto quanto for possível.

- Coloque Billy na história - eu concordei. Eu odiei estar colocando Charlie ao alcance encruzilhadas que sempre pareciam me ter no centro. - O que mais?

- Só re-arrumando algumas fronteiras, pra que possamos pegar qualquer um que se aproxime de Forks. Eu não tenho certeza de que Sam vai aceitar isso, mas até que ele apareça, eu vou manter um olho nas coisas.

- O que você quer dizer com 'manter um olho nas coisas'?

- Significa que se você vir um lobo correndo ao redor da sua casa, não atire nele.

- É claro que não. Você realmente não deva fazer nada... arriscado, porém.

Ele bufou. - Não seja estúpida. Eu posso tomar conta de mim mesmo.

Eu suspirei.

- Eu também tentei convencê-lo a te deixar nos visitar. Ele tem preconceitos, então não deixe ele te convencer com aquela bobagem de segurança. Ele sabe tão bem quanto eu que você ficará segura aqui.

- Eu mantereí isso em mente.
- Te vejo daqui a pouco - Jacob disse.
- Você vai vir aqui?
- É. Eu vou sentir o cheiro do seu visitante pra que nós possamos rastreá-lo quando ele voltar.
- Jake, eu realmente não gosto da idéia de você caçando...
- Oh, *por favor*, Bella - ele interrompeu. Jacob riu, e aí desligou.

10. CHEIRO

Tudo foi muito infantil. Porque nesse mundo Edward precisava ir embora pra que Jacob viesse? Nós não havíamos superado esse tipo de imaturidade?

- Não é que eu sinta algum antagonismo pessoal em relação a ele, Bella, é só que é mais fácil pra nós dois - Edward me disse na porta. - Eu não estarei longe. Você estará segura.

- Eu não estou preocupada com *isso*.

Ele sorriu, e então um olhar astuto apareceu em seus olhos. Ele me puxou mais pra perto, enterrando o rosto no meu cabelo. Eu podia sentir a respiração dele fazer meu cabelo flutuar enquanto ele exalava; isso fez o meu pescoço arrear.

- Eu volto logo - ele disse, e depois riu alto como se tivesse acabado de contar uma piada.

- O que é tão engraçado?

Mas Edward só sorriu e saiu em direção às árvores sem responder.

Murmurando pra mim mesma, eu fui limpar a cozinha. Antes mesmo que a pia estivesse cheia de água, a campainha da porta soou. Era difícil me acostumar com quão mais rápido Jacob era *sem* o seu carro. Como todo mundo parecia muito mais rápido que eu...

- Entre, Jake! - eu gritei.

Eu estava me concentrando em empilhar os pratos na água com sabão, e eu tinha me esquecido que Jacob se movia como um fantasma nesses dias. Então quando de repente eu ouvi a voz dele por trás de mim, isso me fez pular.

- Você devia mesmo deixar a porta destrancada desse jeito? Oh, desculpe.

Eu espirrei a água com sabão em mim mesma quando ele me assustou.

- Eu não estou preocupada com ninguém que seria detido por uma porta - eu disse enquanto enxugava a frente da minha camisa com uma toalha de pratos.

- Bem lembrado - ele concordou.

Eu me virei pra olhar pra ele, olhando-o criticamente. - É realmente impossível usar roupas, Jake? - Eu perguntei. Mais uma vez, Jake estava com o peito nú, usando nada além de um jeans velho rasgado. Secretamente, eu me perguntei se ele estava tão orgulhoso dos seus novos músculos que não conseguia cobri-los. Eu tinha que admitir, eles eram impressionantes - mas eu nunca pensei nele como vaidoso.

- Eu quero dizer, eu sei que você não fica mais com frio, mas mesmo assim.

Ele passou uma mão pelo seu cabelo molhado; ele estava caindo em seus olhos.

- É mais fácil - ele explicou.

- O que é mais fácil?

Ele sorriu condescendentemente. - Já é incômodo suficiente carregar um par de shorts comigo, imagina uma roupa completa. O que eu pareço, uma mula de carga?

Eu fiz uma careta. - Do que você está falando, Jacob?

A expressão dele era superior, como se eu estivesse deixando passar algo óbvio.

- As minhas roupas não desaparecem simplesmente quando eu me transformo, eu tenho que carregá-las comigo enquanto eu corro. Perdoe-me por esconder a luz do meu fardo.

Eu mudei de cor. - Eu não tinha pensado nisso - eu murmurei.

Ele riu e apontou para uma tira de couro preto, fina como uma fita de estame, que estava amarrada três vezes no tornozelo dele, como uma tornozeleira. Eu não havia notado antes que ele estava de pés descalços também. - Isso é mais do que apenas uma tendência de moda, é muito ruim carregar jeans na boca.

Eu não sabia o que dizer.

Ele sorriu. - O meu semi-nú te incomoda?

- Não.

Jacob riu de novo, e eu me virei de costas pra ele pra me concentrar nos pratos. Eu esperei que ele se desse conta de que eu estava corada porque estava envergonhada com a minha própria estupidez, e que isso não tinha nada a ver com a pergunta dele.

- Bem, eu acho que devia começar a trabalhar - Ele suspirou. - Eu não quero que ele tenha nenhuma desculpa pra dizer que há desleixo do meu lado.

- Jacob, não é seu trabalho...

Ele levantou as mãos pra me cortar. - Eu estou trabalhando como voluntário aqui. Agora, onde o cheiro do intruso é mais forte?

- Meu quarto, eu acho.

Os olhos dele estreitaram. Ele não parecia ter gostado disso mais que Edward.

- Eu volto em um minuto.

Eu esfreguei metodicamente o prato que eu estava segurando. O único som era o da escova de plástico arranhando a cerâmica de novo e de novo. Eu tentei escutar alguma coisa lá de cima, um rangido do chão, o clique da porta. Não houve nada.

Eu me dei conta de estava lavando o mesmo prato por mais tempo que o necessário, e tentei prestar atenção no que eu estava fazendo.

- Whew! - Jake disse, centímetros atrás de mim, me assustando de novo.

- Nossa, Jake, pára com isso!

- Desculpe. Aqui - Jacob pegou a toalha a removeu o novo meu molhado. - Eu vou me desculpar com você. Você ensaboa, eu lavo e seco.

- Tá bom - eu dei o prato a ele.

- Bem, o cheiro foi suficientemente fácil de sentir. Aliás, o seu quarto está fedendo.

- Eu vou comprar um purificador de ar.

Ele riu.

Eu lavei e ele secou em um silêncio de companheirismo por alguns minutos.

- Posso te perguntar uma coisa?

Eu dei outro prato a ele. - Isso depende do que você quer saber.

- Eu não vou ser um idiota nem nada assim, eu estou honestamente curioso - Jacob me assegurou.

- Tá bom. Vá em frente.

Ele pausou por meio segundo. - Como é, ter um vampiro como namorado?

Eu revirei meus olhos. - É o máximo.

- Eu estou falando sério. Essa idéia não te incomoda, isso nunca te assusta?

- Nunca.

Ele estava em silêncio enquanto pegou a tigela das minhas mãos. Eu dei uma olhada para o rosto dele - ele estava fazendo careta, o lábio inferior dele estava pra fora.

- Mais alguma coisa? - eu perguntei.

Ele enrugou o nariz de novo. - Bem... eu estava me perguntando... você... você sabe, *beija* ele?

Eu rí. - Sim.

Ele estremeceu. - Ugh.

Cada um tem o que merece.

- Você não se preocupa com as presas?

Eu batí no braço dele, molhando ele com a água dos pratos. - Cala a boca, Jacob! Você sabe que ele não tem presas!

- Chega bem perto - ele murmurou.

Eu apertei meus dentes e esfreguei uma faca com mais força do que o necessário.

- Posso perguntar mais uma? - ele perguntou suavemente quando eu passei a faca pra ele. - Só curiosidade, de novo.

- Tá - eu disparei.

Ele virou e virou a faca nas mãos embaixo do jato de água. Quando ele falou, era apenas um cochicho. - Você disse algumas semanas... Quando, exatamente...? - Ele não conseguiu terminar.

- Formatura - eu cochichei de volta, observando o rosto dele cautelosamente. Isso ia tirar ele do sério de novo?

- Tão cedo - ele respirou, seus olhos fechando. Isso não parecia ser uma pergunta. Parecia com um lamento. Os músculos dele se apertaram e seus ombros estavam rígidos.

- OW! - Ele gritou; tudo havia ficado tão quieto na cozinha que eu dei um pulo de um metro por causa da explosão dele.

A mão direita dele tinha se encurvado tensamente no pulso na lâmina da faca - ele abriu a mão e a faca resvalou no balcão. Na palma dele, havia um corte longo, profundo. O sangue correu pelos dedos dele e pingou no chão.

- Droga! Ai! - ele reclamou.

Minha cabeça rodou e meu estômago revirou. Eu me agarrei no balcão com uma mão, respirei fundo pela boca, e me forcei a ficar bem pra poder cuidar dele.

- Oh, não, Jake! Oh, droga! Aqui, feche com isso aqui! - Eu joguei a toalha de pratos pra ele, pegando a mão dele. Ele se afastou de mim.

- Não é nada, Bella, não se preocupe com isso.

A cozinha começou a tremer um pouquinho nas beiras.

Eu respirei fundo de novo. - Não se preocupe?! Você fatiou a sua mão!

Ele ignorou a toalha que eu havia jogado pra ele. Ele colocou a mão embaixo da torneira e deixou a água correr pela ferida. A água ficou vermelha. A minha cabeça girou.

- Bella - ele disse.

Eu tirei os olhos da ferida, olhando pra rosto dele. Ele estava fazendo uma careta, mas a expressão dele estava calma.

- O quê?

- Você está com cara de quem vai desmaiar, e você vai arrancar o seu lábio. Pare com isso. Relaxe. Respire. Eu estou bem.

Eu inalei pela minha boca e removi os meus dentes do meu lábio inferior. - Não seja corajoso.

Ele revirou os olhos.

- Vamos lá. Eu vou te levar para o pronto socorro - eu tinha certeza de que estava bem pra dirigir. As paredes estavam pedregosas agora, pelo menos.

- Não é necessário - Jacob fechou a água e pegou a toalha das minhas mãos. Ele a passou folgadoamente pela palma.

- Espere - eu protestei. - Deixe eu dar uma olhada. - Eu agarrei o balcão com mais força, pra me manter de pé se a ferida me deixasse tonta de novo.

- Você tem algum diploma de medicina do qual nunca me contou?

- Só me dê uma chance de decidir se eu vou ou não dar um piti pra te levar pro hospital.

Ele fez uma cara de horror de brincadeira. - Por favor, um piti não!

- Se você não me deixar ver a sua mão, um piti está garantido.

Ele inalou profundamente, e deixou a respiração sair num suspiro forte. - Tá bom.

Ele retirou a toalha e, quando eu me inclinei pra tirar ela, ele colocou a mão na minha.

Eu levei alguns segundos. Eu até virei a mão dele, apesar de ter certeza de que ele havia cortado a mão. Eu virei a mão dele pra cima de novo, finalmente me dando conta de que a linha inchada, num cor de rosa forte, era tudo o que havia restado da ferida.

- Mas... você estava sangrando... tanto.

Ele puxou a mão de volta, seus olhos diretos e sombrios nos meus.

- Eu sará rápido.

- Eu que o diga - eu murmurei.

Eu tinha visto o longo corte claramente, tinha visto o sangue que fluía na pia. O cheiro de sal e ferrugem dele quase me fez desmaiar. Ele devia precisar de pontos. Aquilo devia ter levado dias pra fechar e depois levado semanas pra se transformar naquela linha rosada que agora marcava a pele dele.

Ele rasgou a boca pra cima num meio sorriso no rosto e bateu com o pulso uma vez no peito. - Lobisomem, lembra?

Os olhos dele seguraram os meus por um momento imensurável.

- Certo - eu disse finalmente.

Ele riu da minha expressão. - Eu te disse isso. Você viu a cicatriz de Paul.

Eu balancei minha cabeça pra limpá-la. - É um pouco diferente, ver a ação em sequência em primeira mão.

Eu me ajoelhei e puxei o desinfetante do gabinete embaixo da pia. Então, eu coloquei um pouco no esfregão e comecei a esfregar o chão. O cheiro forte do desinfetante limpou o resto da tontura da minha cabeça.

- Deixe eu limpar - Jacob disse.

- Deixa comigo. Jogue a toalha na máquina, tá?

Quando eu tive certeza que o chão não cheirava a mais nada além de desinfetante, eu me levantei e limpei o lado direito da pia com desinfetante também. Aí eu fui para o armário da lavanderia ao lado da dispensa, e despejei um copinho dele dentro da máquina antes de ligá-la. Jacob me observou com um olhar de desaprovação no rosto.

- Você tem transtorno obsessivo compulsivo? - ele perguntou quando eu acabei.

Huh. Talvez. Mas pelo menos dessa vez eu tinha uma boa desculpa. - Nós somos um pouco sensíveis a sangue por aqui. Eu tenho certeza que você pode entender isso.

- Oh - ele enrugou o nariz de novo.

- Porque não fazer tão fácil quanto for possível pra ele? O que ele está fazendo já é difícil o suficiente.

- Claro, claro. Porque não?

Eu puxei o ralo e deixei a água suja descer pela pia.

- Posso te perguntar uma coisa, Bella?

Eu suspirei.

- Como é, ter um lobisomem como melhor amigo?

Essa pergunta me pegou fora de guarda. Eu ri alto.

- Isso te assusta? - ele pressionou antes que eu pudesse responder.

- Não. Quando o lobisomem está sendo legal - eu qualifiquei. - é o máximo.

Ele deu um sorriso largo, os dentes dele brilhando contra a pele ruiva. - Obrigado, Bella - ele disse, e depois pegou a minha mão e me puxou pra mais um dos seus abraços de quebrar os ossos.

Antes que eu tivesse tempo de reagir, ele me soltou de seus braços e se afastou.

- Ugh - ele disse, seu nariz enrugando. - O seu cabelo está fedendo mais que o seu quarto.

- Desculpe - eu murmurei. De repente eu entendi do que Edward estava rindo mais cedo, depois de respirar em mim.

- Um dos muitos riscos de se socializar com vampiros - Jacob disse, levantando os ombros. - Faz você cheirar mal. Um risco menor, em comparação.

Eu encarei ele. - Eu só cheiro mal pra você, Jake.

Ele sorriu largamente. - Te vejo por aí, Bells.

- Você vai embora?

- Ele está esperando que eu vá. Eu posso ouvi-lo lá fora.

- Oh.

- Eu vou por trás - ele disse, e então pausou. - Espere um pouco, ei, você acha que pode ir até La Push hoje à noite? Nós vamos fazer uma festa de fogueira. Emily estará lá, e você podia conhecer Kim... E eu sei que Quil quer ver você. Ele está bem irritado porque você descobriu o que ele fez.

Eu sorri disso. Eu bem que podia imaginar como isso tinha afetado Quil, o amiguinho humano de Jacob estava andando entre lobisomens sem sequer saber. E aí eu suspirei. - É, Jake, eu não sei. Entenda, as coisas estão um pouco tensas agora...

- Vamos, você acha que alguém vai conseguir passar por cima, por cima de nós seis?

Houve uma pausa estranha e ele estremeceu no fim da sua pergunta. Eu me perguntei se ele tinha problemas em dizer a palavra lobisomem em voz alta, do mesmo jeito que eu frequentemente tenho dificuldade com vampiro.

Os grandes olhos dele estavam cheios de rogo desavergonhado.

- Eu vou pedir - eu disse duvidosamente.

Ele fez um barulho no fundo de sua garganta. - Agora ele é seu carcereiro também? Sabe, eu ví essa história no jornal semana passada sobre relacionamentos adolescentes controladores, abusivos e...

- Tá legal! - Eu cortei ele, e depois batí em seu braço. - Hora do lobisomem dar o fora!

Ele sorriu. - Tchau, Bells. Tenha certeza de que pediu permissão.

Ele se abaixou pra sair pela porta da cozinha antes que eu pudesse encontrar alguma coisa pra jogar nele. Eu rosnei incoerentemente para a cozinha vazia. Segundos depois que ele foi embora, Edward entrou lentamente na cozinha, gotas de chuva reluzindo como diamantes no seu cabelo cor de bronze. Os olhos dele estavam cautelosos.

- Vocês dois brigaram? - ele perguntou.

- Edward! - eu cantei, antes de me jogar em cima dele.

- Oi, aí. - Ele riu e jogou seus braços ao meu redor. - Você está tentando me distrair? Está funcionando.

- Não, eu não briguei com Jacob. Muito. Porque?

- Eu só estava me perguntando porque você esfaqueou ele. Não que eu me oponha. - Com o queixo, ele fez um gesto para a faca em cima do balcão.

- Droga! Eu pensei que tivesse limpado tudo.

Eu me separei dele e corri pra colocar a faca na pia antes de lavá-la com o desinfetante.

- Eu não esfaqueei ele - eu expliquei enquanto trabalhava. - Ele esqueceu que estava com a faca na mão.

Edward gargalhou. - Não é nem de perto tão engraçado quanto o jeito que eu imaginei.

- Seja bonzinho.

Ele pegou um grande envelope de dentro do casaco dele e o jogou no balcão.

- Você recebeu correspondência.

- Alguma coisa boa?

- Eu acho que sim.

Os meus olhos se estreitaram suspeitosamente com o tom dele. Eu fui investigar. Ele havia dobrado o grande envelope no meio. Eu o abrí, surpresa com o peso do papel caro, e lí o endereço do remetente.

- Dartmouth? Isso é uma piada?

- Eu tenho certeza que é uma aceitação. É exatamente igual ao meu.

- Belo consolo, Edward, o que você fez?

- Eu mandei a sua inscrição, só isso.

- Eu posso até não ser material pra Dartmouth, mas eu não sou estúpida o suficiente pra acreditar nisso.

- Dartmouth parece pensar que você é material pra Dartmouth.

Eu respirei fundo e contei lentamente até dez. - Isso é muito generoso da parte deles - eu disse finalmente. - No entanto, aceita ou não, esse ainda é o menor problema com a instituição. Eu não posso pagar, e eu não vou deixar você gastar o dinheiro de outro carro esporte só para fingir que eu vou pra Dartmouth ano que vem.

- Eu não preciso de outros carros esporte. E você não precisa fingir nada - ele murmurou. - Só um ano de faculdade não vai te matar. Talvez você até gostasse. Pense nisso, Bella. Imagine o quanto Renée e Charlie ficariam excitados...

A voz de veludo dele pintou um quadro na minha cabeça antes que eu pudesse bloqueá-lo. É claro que Charlie ia explodir de orgulho - ninguém em Forks seria capaz de escapar da explosão dessa alegria. E Renée ficaria histérica de alegria pelo meu triunfo - apesar de que ela ia jurar que não estava surpresa...

Eu tentei sacudir a imagem da minha cabeça. - Edward. Eu já estou preocupada em sobreviver até a formatura, imagine até o próximo inverno ou verão.

Os olhos dele se fecharam ao meu redor. - Ninguém vai te machucar. Você tem todo o tempo do mundo.

Eu suspirei. - Eu vou enviar o extrato da minha conta para o Alaska amanhã. Esse é o único álibi que eu preciso. Isso é longe o suficiente pra que Charlie não espere que eu venha visitá-lo até o Natal pelo menos. Até lá eu tenho certeza que consigo pensar em uma desculpa. Sabe - eu brinquei sem muita vontade. - esse segredo todo e essa coisa de decepção é um pouco chata.

A expressão de Edward endureceu. - Fica mais fácil. Depois de alguma décadas, todos que você conhece terão morrido. Problema resolvido.

Eu enrigeci.

- Desculpe, isso foi duro.

Eu olhei para o grande envelope branco, sem vê-lo. - Mas ainda é a verdade.

- Se eu resolver isso, o que quer que seja com o que estamos lidando, você por favor *consideraria* esperar?

- Não.

- Sempre tão teimosa.

- Sim.

A máquina de lavar fez um barulho e parou de funcionar.

- Pedaco de lixo estúpido - eu murmurei enquanto me afastava dele. Eu retirei a toalha que era a única peça na máquina, e a liguei de novo. - Isso me lembra - eu disse. - Será que dá pra você perguntar a Alice o que ela fez com as coisas que ela limpou no meu quarto? Eu não conseguí encontrar em lugar nenhum.

Ele me olhou com olhos confusos. - Alice limpou o seu quarto?

- É, eu acho que era isso que ela estava fazendo. Quando ela veio pegar os meus pijamas e o meu travesseiro e essas coisas pra me fazer de refém. - Eu encarei ele brevemente. - Ela pegou tudo que estava jogado, as minhas camisas, minhas meias, e eu não sei onde ela os colocou.

Edward continuou a parecer confuso por um breve momento, e depois, abruptamente, ele ficou rígido.

- Quando você reparou que as suas coisas estavam faltando?

- Quando eu voltei da falsa festa do pijama. Porque?

- Eu não acho que Alice pegou nada. Nem as suas roupas, nem o seu travesseiro. Essas coisas são coisas que você havia usado... e tocado... e dormido?

- Sim. O que é, Edward?

A expressão dele estava repuxada. - Coisas com o seu cheiro.

- Oh!

Nos olhamos nos olhos um do outro por um longo momento.

- O meu visitante - eu murmurei.

- Ele estava juntando pistas... provas. Pra provar que ele havia te encontrado?

- Porque? - eu sussurrei.

- Eu não sei. Mas, Bella, eu juro que eu *vou* descobrir. Eu vou.

- Eu sei que vai - eu disse, colocando a minha mão no peito dele. Inclinação alí, eu sentí o telefone dele vibrar no bolso dele.

Ele puxou o telefone e olhou para o número. - Exatamente a pessoa com quem eu precisava falar - ele murmurou e abriu o telefone. - Carlisle, eu... Ele parou e escutou, o rosto dele ficou enrugado de concentração por alguns minutos. - Eu vou checar isso. Ouça...

Ele explicou sobre as coisas desaparecidas, mas do lado que eue estava ouvindo, parecia que Carlisle não tinha intuições pra nós.

- Talvez eu vá... - Edward disse, parando quando os seus olhos passaram pra mim. - Talvez não. Não deixe Emmett ir sozinho, você sabe como ele fica. Peça a Alice que fique de olho nas coisas. Nós vamos descobrir isso depois.

Ele fechou o telefone. - Onde está o jornal? - ele me perguntou.

- Um, eu não tenho certeza. Porque?

- Eu preciso ver uma coisa. Charlie já o jogou fora?

- Talvez...

Edward desapareceu.

Ele estava de volta em meio segundo, novos diamantes em seus cabelos, um jornal molhado nas mãos. Ele o espalhou na mesa, os olhos dele passando rapidamente pelas manchetes. Ele se inclinou, atento em alguma coisa que ele estava lendo, um dedo passando sobre as passagens que mais o interessavam.

- Carlisle estava certo... sim... muito espirradinho. Jovem e enlouquecido? Ou procurando a morte? - ele murmurou pra si mesmo.

Eu fui espionar por cima do ombro dele.

A manchete do *Seattle Times* dizia: "Epidemia de Assassinatos Continua - Polícia Não Tem Novas Pistas.

Era quase a mesma história sobre a qual Charlie estava reclamando semanas atrás - a violência das grandes cidades que estava colocando Seattle no topo da lista nacional de assassinatos.

No entanto, não era exatamente a mesma história. Os números eram muito mais altos.

- Está ficando pior - eu murmurei.

Ele fez uma careta. - Completamente fora de controle. Isso não pode ser trabalho de apenas um vampiro recém nascido. O que está acontecendo? É como se eles nunca tivessem ouvido falar dos Volturi. O que é impossível, eu acho. Ninguém explicou as regras pra eles... então quem os está criando?

- Os Volturi? - eu repeti, estremeando.

- Esse é exatamente o tipo de coisa que eles rotineiramente exterminam, imortais que ameaçam nos expor. Eles limpam uma bagunça exatamente igual a essa há alguns anos em Atlanta, e aquilo não tinha sido nem de perto tão ruim. Eles vão interferir em breve, muito em breve, a não ser que nós encontremos uma forma de acalmar a situação. Eu realmente preferiria que eles não viessem a Seattle por enquanto. Enquanto eles estiverem tão perto... eles podem decidir dar uma olhada em você.

Eu estremei de novo. - O que nós podemos fazer?

- Nós precisamos saber mais antes de decidir isso. Talvez, se nós conseguirmos falar com esses jovens, explicar as regras, isso se resolva pacificamente. - Ele fez uma careta, como se não achasse que as chances disso acontecer fossem boas. - Nós vamos esperar até que Alice tenha alguma idéia do que está acontecendo... Nós não queremos nos meter até que seja absolutamente necessário. Afinal, não é nossa responsabilidade. Mas é bom que tenhamos Jasper - ele acrescentou quase pra si mesmo. - Se nós estamos lidando com recém nascidos, ele vai ajudar.

- Jasper? Porque?

Edward sorriu obscuramente. - Jasper é uma espécie de expert em vampiros recém nascidos.

- O que você quer dizer, um expert?

- Você vai ter que perguntar a ele, a história dele está envolvida.

- Que confusão - eu murmurei.

- É isso que parece, não é? Como se isso estivesse nos atingindo por todos os lados ultimamente. - Ele suspirou. - Você já pensou que a sua vida podia ser mais fácil se você não estivesse apaixonada por mim?

- Talvez. Porém, não seria exatamente uma vida.

- Pra mim - ele emendou baixinho. - E agora, eu acho - ele continuou com um sorriso torto, - Você tem alguma coisa pra perguntar pra mim?

Eu olhei pra ele sem entender. - Tenho?

- Ou talvez não - ele sorriu. - Eu estava com a impressão de que você havia me prometido que pediria permissão pra ir a algum tipo de festa de lobisomens hoje à noite.

- Ouvindo escondido de novo?

Ele sorriu. - Só um pouquinho, no final.

- Bem, eu não ia te pedir do mesmo jeito. Eu entendi que você já tem bastante coisas pra se estressar.

Ele colocou a mão embaixo do meu queixo, e segurou o meu rosto pra que ele pudesse ver meus olhos. - Você gostaria de ir?

- Não é nada demais. Não se preocupe.

- Você não tem que me pedir permissão, Bella. Eu não sou o seu pai, graças aos céus por *isso*. No entanto, talvez você devesse pedir a Charlie.

- Mas você sabe que Charlie vai dizer sim.

- Eu tenho um pouco mais de intuição sobre a resposta dele do que outras pessoas teriam, é verdade.

Eu olhei pra ele, tentando entender o que ele queria, e tentando tirar da minha mente a vontade que eu estava de ir à La Push pra que eu não fosse enganada pelos meus próprios desejos. Era estupidez querer sair com um monte de garotos-lobos estúpidos quando haviam muito mais coisas assustadoras e inexplicadas acontecendo. É claro, isso era *exatamente* o motivo pelo qual eu queria ir. Eu queria escapar das ameaças de morte, só por algumas horas... ser menos madura, ser mais a Bella irresponsável que podia rir com Jacob, mesmo que brevemente. Mas isso não importava.

- Bella - Edward disse. - Eu disse que ia ser razoável e confiar no seu julgamento. Eu falei sério. Eu confio nos lobisomens, então eu não vou me preocupar com eles.

- Uau - eu disse, como havia dito na noite passada.

- E Jacob está certo, sobre uma coisa, pelo menos, um bando de lobisomens deve ser o suficiente pra proteger até você por uma noite.

- Você tem certeza?

- É claro. Só...

Eu me segurei.

- Eu espero que você não se importe em tomar algumas precauções? Me deixando te levar até a linha da fronteira, pra começar. E também levando um celular, pra que eu saiba quando ir te buscar.

- Isso soa... muito razoável.

- Excelente.

Ele sorriu pra mim, e eu não pude ver nenhum traço de apreensão em seus olhos que pareciam jóias.

Para a surpresa de ninguém, Charlie não teve problema nenhum em me deixar ir à La Push pra uma fogueira. Jacob gritou com uma exultação indifereçável quando eu liguei pra ele pra dar as notícias, e ele pareceu suficientemente ansioso pra aceitar as medidas cautelosas de Edward. Ele prometeu nos encontrar na linha que dividia os territórios às seis.

Eu havia decidido, depois de um curto debate interno, que eu não ia vender a moto. Eu ia levá-la de volta à La Push, onde ela pertencia, e quando eu não precisasse mais dela... bem, aí, eu insistiria que Jacob cuidasse do seu trabalho de alguma forma. Ele podia vendê-la ou dar a um amigo. Eu não me importava.

Essa noite parecia ser uma boa pra devolver a moto para a garagem de Jacob. Me sentindo sensível como eu estava nos últimos dias, todo dia parecia ser possivelmente o último. Eu não tinha tempo para adiar nenhuma tarefa, não importava o quão pequena fosse.

Edward apenas balançou a cabeça quando eu expliquei o que eu queria, mas eu pensei ter visto uma faísca de consternação nos olhos dele, e eu sabia que ele não estava mais feliz com a idéia da moto do que Charlie estava.

Eu o segui de volta para casa dele, para a garagem onde eu havia deixado a moto. Não foi até que eu estacionei a caminhonete e descí que eu percebi que talvez dessa vez a consternação não fosse em relação a minha segurança.

Ao lado da minha moto antiga, obscurecendo-a, havia outro veículo. Chamar esse outro veículo de moto não parecia muito justo, já que ela não parecia pertencer a mesma família que a minha moto, repentinamente rota.

Essa era grande e esguia e prateada - e mesmo totalmente imóvel - ela parecia rápida.

- O que é *isso*?

- Nada - Edward murmurou.

- Isso não *parece* ser nada.

A expressão de Edward estava casual; ele parecia determinado a esquecer isso. - Bem, eu não sabia se você ia perdoar o seu amigo, e nem ele a você, e eu me perguntei se você ia querer andar na sua moto mesmo assim. Parecia ser algo que você gostava de fazer. Eu pensei que eu podia ir com você, se você quisesse. - Ele levantou os ombros.

Eu encarei a linda máquina. Ao lado dela, a minha moto parecia ser um triciclo quebrado. Eu me sentí repentinamente triste quando me dei conta de que essa provavelmente era uma analogia à forma como eu parecia ao lado de Edward.

- Eu não seria capaz de te acompanhar - eu sussurrei.

Edward colocou sua mão embaixo do meu queixo e puxou o meu rosto pra que ele pudesse vê-lo direito. Com um dedo, ele tentou puxar o canto da minha boca pra cima.

- Eu vou acompanhar você, Bella.

- Isso não seria muito divertido pra você.

- É claro que seria, se estivéssemos juntos.

Eu mordí o meu lábio e imaginei isso por um momento. - Edward, se você pensasse que eu estava indo rápido demais ou perdendo o controle da moto ou algo assim, o que você faria?

Ele hesitou, obviamente tentando encontrar a resposta certa. Eu sabia a verdade: ele ia tentar encontrar uma forma de me salvar antes que eu caísse.

Aí ele sorriu. Pareceu ser sem esforço, exceto pelo pequeno aperto defensivo que havia nos olhos dele.

- Isso é uma coisa que você faz com Jacob. Agora eu entendo.

- É só que, bem, eu não quero ele tão triste, sabe. Eu podia tentar, eu acho...

Eu olhei para a moto prateada duvidosamente.

- Não se preocupe com isso - Edward disse, e aí ele sorriu levemente. - Eu ví Jasper admirando ela. Talvez seja hora dele descobrir um novo jeito de viajar. Afinal, agora Alice tem o Porsche dela.

- Edward, eu...

Ele me interrompeu com um beijo rápido. - Eu disse pra não se preocupar. Mas você faria uma coisa por mim?

- Qualquer coisa que você precise - eu prometi rapidamente.

Ele soltou o meu rosto e se inclinou ao lado da moto grande, retirando alguma coisa que ele havia colocado lá.

Ele voltou com um um objeto que era preto e sem forma, e com outro que era vermelho e com um formato facilmente indentificável.

- Por favor? - ele pediu, mostrando o sorriso torto que sempre destruía as minhas defesas.

Eu peguei o capacete vermelho, medindo o peso em minhas mãos. - Eu vou parecer estúpida.

- Não, você vai parecer esperta. Esperta o suficiente pra não se machucar. - Ele jogou a coisa preta, o que quer que fosse, por cima do braço e pegou o meu rosto nas mãos. - Existem coisas entre minhas mãos agora sem as quais eu não posso viver. Você podia cuidar delas.

- Tudo bem, tá certo. Qual é a outra coisa? - eu perguntei suspeitosamente.

Ele sorriu e desenrolou uma espécie de jaqueta. - É uma jaqueta de montaria. Eu sei que estradas molhadas são bem desconfortáveis, não que eu mesmo pudesse saber.

Ele a segurou pra mim. Com um profundo suspiro, eu coloquei o meu cabelo pra trás e coloquei o capacete na cabeça. Aí eu passei os meus braços pelas mangas da jaqueta. Ele fechou o zíper, um sorriso brincando nos cantos da boca dele, e deu um passo pra trás.

Eu me sentí boba.

- Seja honesto, quão odiosa eu estou?

Ele deu outro passo pra trás e torceu os lábios.

- Ruim assim, hein? - eu murmurei.

- Não, não, Bella. Na verdade... - ele pareceu estar lutando pra encontrar a palavra certa. - Você está... sexy.

Eu ri alto. - Certo.

- Muito sexy, na verdade.

- Você só está dizendo isso pra que eu use - eu disse. - Mas está tudo bem. Você está certo, é mais inteligente.

Ele passou os braços ao meu redor e me trouxe para o peito dele. - Você é boba. Eu acho que isso é parte do seu charme. No entanto, eu tenho que admitir, esse capacete tem suas desvantagens.

Então ele retirou o capacete pra poder me beijar.

Enquanto Edward me levava até La Push algum tempo mais tarde, eu me dei conta de que a falta de precedentes dessa situação parecia estranhamente familiar. Eu levei algum tempo pra entender a fonte

Eu levei algum tempo pra entender qual era a fonte do déjà vu.

- Sabe do que isso me lembra? - eu perguntei. - É igual a quando eu era criança e Renée me deixava com Charlie pra passar o verão. Eu me sinto como se tivesse sete anos.

Edward riu.

Eu não mencionei isso em voz alta, mas a única diferença entre as duas situações era que Renée e Charlie se davam bem.

A cerca de meio caminho de La Push, nós fizemos uma curva e encontramos Jacob enconstrado do lado do seu Volkswagen vermelho que ele havia construído sozinho desde as peças. A expressão cuidadosamente neutra de Jacob se dissolveu em um sorriso quando eu acenei no banco da frente.

Edward estacionou o Volvo a uns trinta metros de distância.

- Me ligue quando você quiser voltar pra casa - ele disse. - E eu estarei aqui.

- Eu não vou demorar - eu prometi.

Edward puxou a minha moto e minhas novas vestimentas do porta-malas do seu carro - eu fiquei bem surpresa por tudo ter entrado. Mas isso não era tão difícil de conseguir quando você é forte o suficiente pra levantar vans, quanto mais pequenas motos.

Jacob observou, sem fazer nenhum movimento pra se aproximar, o sorriso dele tinha obscurecido e os olhos dele eram indecifráveis.

Eu coloquei o capacete embaixo do braço e joguei a jaqueta no acento.

- Você pegou tudo? - Edward perguntou.

- Sem problema - eu o assegurei.

Ele suspirou e se inclinou pra mim. Eu virei meu rosto pra cima pra um beijo de despedida, mas Edward me pegou de surpresa, passando seus braços ao meu redor com força e me beijando com tanto entusiasmo quanto ele havia feito na garagem - em pouco tempo, eu estava sem ar.

Edward riu baixinho de alguma coisa, e depois me soltou.

- Tchau - ele disse. - Eu realmente gostei da jaqueta.

Enquanto eu virei de costas pra ele, eu pensei ter visto um flash de alguma coisa nos olhos dele que não era pra eu ter visto. Eu não podia dizer com certeza o que era. Preocupação, talvez. Por um segundo, eu pensei que fosse pânico. Mas provavelmente eu estava imaginando algo que não existia, como sempre.

- O que é isso tudo? - Jacob perguntou, sua voz cautelosa, observando a moto com uma expressão enigmática.

- Eu achei que eu devia colocar isso de volta onde ela pertence - eu disse a ele. Ele pensou nisso por um segundo, e aí um sorriso se abriu no rosto dele.

Eu sabia exatamente que estávamos em território de lobisomens porque Jacob se afastou rapidamente do seu carro e veio pra cima de mim, fechando a longo distância com apenas três passos longos. Ele pegou a moto de mim, colocando-a no tripé, e me pegou em outro abraço de urso.

Eu ouvi o motor do Volvo roncar, e lutei pra ficar livre.

- Pare com isso, Jake! - eu ofeguei, sem ar.

Ele riu e me colocou no chão. Eu me virei pra acenar um adeus, mas o carro prateado já estava desaparecendo na curva da estrada.

- Legal - eu comentei, deixando que um pouco de ácido escapasse na minha voz.

Os olhos dele se arregalaram com falsa inocência. - O que foi?

- Ele está sendo muito tolerante com essa coisa toda; você não precisa testar sua sorte.

Ele riu de novo, mais alto que antes - ele realmente achou o que eu disse muito engraçado. Eu tentei ver qual era a piada enquanto ele arroteava o Rabbit pra abrir a porta pra mim.

- Bella - ele disse finalmente, ainda gargalhando, enquanto fechava a porta atrás de mim. - Você não pode testar aquilo que você não tem.

11. LENDAS

- Você vai comer esse cachorro quente? - Paul perguntou a Jacob, os olhos dele permaneceram grudados nos últimos vestígios de uma enorme refeição que os lobisomens haviam consumido.

Jacob se encostou nos meus joelhos e brincou com o cachorro quente que estava enfiado num fio de aço esticado, as chamas nas beiras da fogueira lambiam a sua pele empolada. Ele suspirou com força e deu um tapinha no estômago. De alguma forma, ele ainda estava plano, apesar de eu já ter perdido as contas de quantos cachorros quentes ele havia comido depois do décimo. Sem mencionar um saco gigante de batatas e duas garrafas de cerveja preta.

- Eu acho - Jacob disse lentamente. - Eu estou tão cheio que estou prestes a vomitar, mas eu *acho* que ainda posso forçá-lo a descer. No entanto, eu não vou gostar disso nem um pouco. - Ele disse de novo tristemente.

Apesar do fato de que Paul havia comido pelo menos tanto quanto Jacob, ele ficou com raiva e as mãos dele fincaram nos pulsos.

- Nossa - Jacob riu. - Brincando, Paul. Aqui.

Ele jogou a comida feita em casa através do círculo, eu esperei que o cachorro quente caísse na areia, mas Paul o pegou pela direita sem dificuldade.

Andar por aí com ninguém além de pessoas destras o tempo todo ia acabar me deixando com complexo.

- Valeu, cara - Paul disse, já superando o seu breve acesso de raiva.

A fogueira de partiu, baixando mais na areia. Faíscas brilharam numa nuvem repentina de um laranja brilhante contra o céu preto. Engraçado, eu não tinha reparado que o sol tinha se posto. Pelo primeira vez, eu me perguntei quão tarde era.

Eu perdi completamente a noção do tempo.

Era mais fácil ficar com os meus amigos Quileute do que eu tinha esperado.

Enquanto Jacob e eu deixávamos a minha moto na garagem – e ele admitia sem vontade que o capacete era uma boa idéia e que ele devia ter pensado nisso – eu comecei a me preocupar em aparecer com ele na fogueira, imaginando que os lobisomens iam me considerar uma traidora agora.

Será que eles ficariam com raiva de Jacob por ter me convidado? Será que eu arruinaria a festa?

Mas quando Jacob me acompanhou pela floresta para o topo dos penhascos no local do encontro – onde o fogo já queimava mais brilhante do que o sol obscurecido pelas nuvens – tudo estava muito leve e casual.

- Ei, garota vampira! - Embry me cumprimentou alto. Quil tinha levantado pra bater na minha mão e me beijar na bochecha. Emily apertou a minha mão quando eu me sentei no chão frio de pedra ao lado dela e de Sam.

Além das reclamações de brincadeira – em maioria de Paul – sobre estar com fedor de sugadores de sangue, eu fui tratada com alguém que pertencia ali.

E também não foi só uma festa de jovens. Billy estava lá, sua cadeira de rodas estacionada no que parecia ser a cabeça natural do círculo. Ao lado dele, numa cadeira dobrável, parecendo bastante frágil, estava o velho avô de Quil, de cabelos brancos, o Velho Quil. Sue Clearwater, viúva de Harry o amigo de Charlie, estava numa cadeira do outro lado; os dois filhos dela, Leah e Seth, também estavam lá, sentados no chão como o resto de nós. Isso me surpreendeu, mas claramente eles três faziam parte do segredo agora. Pelo jeito que Billy e o velho Quil falavam com Sue, parecia que ela tinha tomado o lugar de Harry no conselho. Será que isso fazia os filhos dela membros automáticos da sociedade mais secreta de La Push?

Eu me perguntei o quanto devia ser horrível pra Leah se sentar num círculo com Sam e Emily. Seu rosto adorável traía a emoção, mas ela nunca desviou o rosto das chamas. Olhando para a perfeição do rosto de Leah, eu não pode deixar de compara-lo com o rosto arruinado de

Emily. O que Leah pensava das cicatrizes de Emily, agora que ela sabia a verdade por trás delas? Será que elas pareciam com justiça nos olhos dela?

O pequeno Seth Clearwater já não era mais pequeno. Com o seu enorme sorriso feliz atravessando seu rosto, feito sem força, ele me lembrava de um Jacob muito mais novo.

Essa semelhança me fez sorrir, e depois suspirar. Será que Seth estava predestinado a ter a sua vida tão drasticamente mudada quanto as do resto dos rapazes? Seria esse o futuro pelo qual ele e sua família tinham permissão de ficar aqui?

O bando inteiro estava lá: Sam com a sua Emily, Paul, Embry, Quil, Jared com a sua Kim, a garota com a qual ele tinha tido uma impressão.

A minha primeira impressão de Kim foi de que ela era uma garota legal, um pouco tímida, um pouco normal. Ela tinha um rosto largo, as maçãs do rosto grandes, com olhos pequenos demais pra equilibra-los. Seu nariz e boca eram largos demais pra se ajustarem ao padrão tradicional de beleza. Seu cabelo liso era fino e assanhado com o vento que nunca parecia parar no topo do penhasco.

Essa foi a minha primeira impressão. Mas depois de algumas horas observando Jared e Kim, eu não conseguia ver mais nada de normal na garota.

O jeito que ele olhava pra ela! Era como um homem cego vendo o sol pela primeira vez. Como um colecionador achando um Da Vinci desconhecido, como uma mãe olhando para o rosto do filho recém-nascido.

Seus olhos sonhadores me fizeram ver coisas novas sobre ela- a pele de cor ruiva dela parecia seda na luz do fogo, como a forma dos lábios dela eram uma curva dupla perfeita, como os dentes dela eram brancos em contraste com eles, como os cílios dela eram longos, varrendo suas bochechas quando ela olhava pra baixo.

As vezes a pele de Kim escurecia quando ela encontrava o olhar fascinado de Jared, e os olhos dela baixavam como se fosse por vergonha, mas ela tinha dificuldade em manter os olhos longe dele por muito tempo.

Observando eles, eu senti que podia entender melhor o que Jacob havia me dito antes sobre a impressão – *é difícil resistir a esse nível de comprometimento e adoração.*

Kim estava balançando a cabeça no peito de Jared, os braços dele ao redor dela. Eu imaginei que ela devia estar bem aquecida ali.

- Está ficando tarde - eu murmurei pra Jacob.

- Não comece *com isso* ainda - Jacob murmurou de volta, apesar de que certamente metade do círculo tinha ouvidos sensíveis o bastante pra nos ouvir mesmo assim. - A melhor parte está chegando.

- Qual é a melhor parte? Você vai engolir uma vaca inteira?

Jacob riu seu riso baixo, gutural. - Não. Esse é o final. Nós não nos encontramos só pra comer a comida equivalente a uma semana inteira. Isso é tecnicamente uma reunião do conselho. Essa é a primeira vez de Quil, e ele ainda não ouviu as histórias. Bem, ele havia *ouvido* elas, mas essa é a primeira vez que ele sabe que elas são verdadeiras. Isso tende a fazer um cara prestar mais atenção. É a primeira vez de Kim e Seth e Leah também.

- Histórias?

Jacob inclinou pra trás ao meu lado, onde eu me encostava num cume baixo da pedra. Ele passou o braço pelos meus ombros e falou ainda mais baixo no meu ouvido.

- As histórias que sempre pensamos que fossem lendas - ele disse. - As histórias de como chegamos a existir. A primeira história sobre os espíritos guerreiros.

Era quase como se Jacob estivesse sussurrando a introdução. A atmosfera mudou de repente ao redor da fogueira baixa. Paul e Embry se sentaram mais eretos. Jared cutucou Kim e então puxou ela gentilmente pra cima.

Emily pegou um caderno de espiral e uma caneta, parecendo exatamente com uma estudante que havia sido escolhida para uma palestra importante. Sam se virou apenas um pouco ao lado dela – até que ele estivesse olhando na mesma direção que o velho Quil, que estava do

seu outro lado – e de repente eu me dei conta de que os anciões do conselho não eram três, mas quatro em número.

Leah Clearwater, o rosto dela ainda era uma linda máscara sem emoção, fechou os olhos não como se ela estivesse cansada, mas como se fosse pra ajudar na concentração. O irmão dela se inclinou ansiosamente na direção dos anciões.

A fogueira partiu, mandando outra explosão de faíscas brilhando na noite. Billy limpou sua garganta, e, sem nenhuma outra introdução além do sussurro do seu filho, começou a contar a história com sua voz rica, profunda. As palavras fluíam com precisão, como se ele as soubesse com o coração, mas também com sentimento e um subto ritmo. Como uma poesia recitada pelo seu autor.

- Os Quileute têm sido poucas pessoas desde o início - Billy disse. - E ainda somos poucas pessoas, mas nós nunca desaparecemos. Isso é porque sempre houve a mágica em nosso sangue. Não era a mágica de mudar de forma, isso veio depois. Primeiro, nós éramos espíritos guerreiros.

Eu nunca havia reconhecido antes a realeza que havia na voz de Billy, apesar de que agora eu me dava conta de que a autoridade sempre esteve lá.

Emily escrevia nas folhas de papel enquanto tentava acompanhar ele.

- No começo, a tribo se assentou nesse porto e se transformaram em habilidosos construtores de barco e pescadores. Mas a tribo era pequena, e o porto era rico em peixes. Haviam outros que desejavam as nossas terras, e nós éramos poucos pra enfrenta-los. Uma tribo maior se moveu contra nós, e nós entramos em nossos navios pra escapar deles. Kaheleha não foi o primeiro espírito guerreiro, mas nós não lembramos de outras histórias que venham antes dessa. Nós não lembramos de quem foi o primeiro a descobrir esse poder, ou como ele havia sido usado antes dessa crise. Kaheleha *foi* o primeiro grande Espírito Chefe na nossa história. Nessa emergência, Kaheleha usou a sua magia pra defender as nossas terras. Ele e todos os seus guerreiros abandonaram o navio, não seus corpos, mas seus espíritos. As suas mulheres cuidaram de seus corpos e das ondas, e os homens levaram seus espíritos de volta ao nosso porto. Eles não podiam tocar fisicamente a tribo inimiga, mas eles tinham outros meios. As histórias nos contam que eles puderam fazer um vento feroz soprar nos acampamentos inimigos; eles podiam fazer um grande grito no vento que aterrorizou seus inimigos. As histórias também nos contam que os animais podiam ver os espíritos guerreiros e compreende-los; os animais os licitavam. Kaheleha levou o seu exército de espíritos e criou o caos entre os intrusos. Essa tribo invasora tinha grandes bandos de cães grandes, furiosos que eles usavam pra puxar seus trenós no norte congelado. Os espíritos guerreiros fizeram com que os cães se virassem contra seus mestres e trouxessem uma poderosa infestação de morcegos das cavernas no penhascos. Eles usaram o vento gritante pra ajudar os cães a confundir os homens. Os cães e os morcegos venceram. Os sobreviventes fugiram, dizendo que o porto era amaldiçoado. Os cachorros correram livres quando os espíritos guerreiros os libertaram. Os Quileute retornaram pra seus corpos e suas esposas, vitoriosos. As outras tribos vizinhas, os Hoh e os Makah, fizeram acordos com os Quileute. Eles não queriam nada com a nossa magia. Nós vivemos em paz com eles. Quando um inimigo vinha contra nós, os espíritos guerreiros os afastavam. Gerações se passaram. Então veio o primeiro grande Espírito Chefe, Taha Aki. Ele era conhecido por sua sabedoria, e por ser um homem de paz. As pessoas viviam bem e contentes sob seus cuidados. Mas havia um homem, Utlapa, que não estava contente.

Um assobio correu pela fogueira. Eu era lenta demais pra descobrir de onde ele tinha vindo. Billy ignorou e continuou com a lenda.

- Utlapa era um dos espíritos guerreiros mais fortes do Chefe Taha Aki, um homem poderoso, mas um homem ganancioso também. Ele achava que as pessoas deviam usar sua magia pra expandir suas terras, escravizar os Hoh e os Makah e construir um império. Agora, quando os guerreiros se transformavam em seus espíritos, eles podiam ouvir os pensamentos uns dos outros. Taha Aki viu o que Utlapa sonhava, e ficou bravo com Utlapa. Utlapa foi ordenado a deixar o povo, e nunca usar o seu espírito de novo. Utlapa era um homem poderoso, mas os guerreiros do chefe eram um maior número que ele. Ele não teve escolha a não ser ir embora. O

furioso excluído se escondeu na floresta nas proximidades, esperando pela chance pra se vingar de seu chefe. Mesmo em tempo de paz, o Chefe Espírito era vigilante na proteção ao seu povo. Frequentemente ele ia para um lugar secreto, sagrado, nas montanhas. Ele deixava o seu corpo pra trás e andava pelas florestas e pela costa, pra ter certeza de que nenhuma ameaça se aproximava. Um dia, quando o Chefe Taha Aki saiu pra fazer o seu trabalho, Utlapa o seguiu. No início, Utlapa apenas planejava matar o chefe, mas seu plano tinha suas desvantagens. Com certeza os espíritos guerreiros iam procura-lo e destruí-lo, e eles podiam persegui-lo mais rápido do que ele podia fugir. Enquanto ele se escondia nas rochas o observava o chefe se preparar pra deixar seu corpo, outro plano ocorreu a ele. Taha Aki deixou seu corpo no local secreto e voou com os ventos pra manter a vigilância sobre seu povo. Utlapa esperou até que ele tivesse certeza de que o chefe havia viajado certa distância com seu ser espírito. Taha Aki soube o instante em que Utlapa se juntou a ele no mundo dos espíritos, e também soube do plano de assassinato de Utlapa. Ele correu de volta para o seu local secreto, mas mesmo os ventos não foram rápidos o suficiente pra salva-lo. Quando ele retornou, o seu corpo já tinha ido embora. O corpo de Utlapa estava abandonado, mas Utlapa não tinha deixado Taha Aki com uma escolha – ele havia cortado a garganta do seu próprio corpo com as mãos de Taha Aki. Taha Aki seguiu o seu próprio corpo pela montanha. Ele gritou com Utlapa, mas Utlapa o ignorou como se ele fosse apenas o vento. Taha Aki observou com desespero enquanto Utlapa pegava o seu lugar como chefe dos Quileute. Por algumas semanas, Utlapa não fez nada além de se certificar de que todos acreditavam que ele era Taha Aki. Aí as mudanças começaram – a primeira ordem de Utlapa foi que qualquer guerreiro não entrasse no mundo dos espíritos. Ele clamou que tinha uma visão do perigo, mas na verdade ele estava com medo. Ele sabia que Taha Aki estaria esperando pela chance de contar a sua história. O próprio Utlapa estava com muito medo de entrar no mundo dos espíritos, sabendo que Taha Aki rapidamente clamaria seu corpo. Então seus sonhos de conquista com um exército de espíritos guerreiros era impossível, e ele teve que se contentar em reinar sobre a tribo. Ele se tornou um fardo, procurando privilégios que Taha Aki nunca havia pedido, se recusando a trabalhar junto dos seus guerreiros, se casando com uma segunda jovem esposa, e depois uma terceira, apesar da esposa de Taha Aki ainda viver – em algum lugar desconhecido da tribo. Taha Aki observou furioso sem poder fazer nada. Eventualmente, Taha Aki tentou matar seu próprio corpo pra salvar a tribo dos desmandos de Utlapa. Ele trouxe um lobo feroz das montanhas, mas Utlapa se escondeu atrás de seus guerreiros. Quando o lobo matou um jovem que estava protegendo seu falso chefe, Taha Aki sentiu um terrível pesar. Ele ordenou que o lobo fosse embora. Todas as histórias nos contam que não era fácil ser um espírito guerreiro. Era mais assustador do que excitante estar fora do seu próprio corpo. Era por isso que eles só usavam sua magia em tempos de necessidade. As viagens solitárias do chefe pra manter guarda eram um fardo e um sacrifício. Ficar sem corpo era desorientador, desconfortável, aterrorizante. Taha Aki esteve longe de seu corpo por tanto tempo que chegou um ponto que ele sentiu agonia. Ele sentiu que estava sentenciado – a nunca cruzar a linha para a terra final onde todos os seus ancestrais esperavam, preso naquele nada torturante pra sempre. O grande lobo seguiu o espírito de Taha Aki se contorcia e se estorcia em agonia pelas florestas. O lobo era muito grande para a sua espécie, e lindo. Taha Aki de repente ficou com inveja do animal. Pelo menos ele tinha um corpo. Pelo menos ele tinha uma vida. Até a vida como um animal seria melhor do que essa horrível consciência vazia. E aí Taha Aki teve a idéia que mudou todos nós. Ele pediu ao lobo que dividisse o espaço com ele, pra compartilharem. O lobo permitiu. Taha Aki entrou no corpo do lobo com alívio e gratidão. Não era o seu corpo humano, mas era melhor do que o buraco negro do mundo dos espíritos. Pra começar, o homem e o lobo voltaram à vila no porto. As pessoas correram com medo, gritando pra que os guerreiros viessem. Os guerreiros correram pra encontrar o lobo com suas lanças. Utlapa, é claro, ficou seguramente escondido. Taha Aki não atacou seus guerreiros. Ele se afastou lentamente deles, falando com seus olhos e tentando uivar as canções do seu povo. Os guerreiros começaram a notar que o lobo não era um animal qualquer, que havia uma influência espiritual nele. Um guerreiro ancião, uma homem chamado Yut, decidiu desobedecer a ordem do falso chefe e tentar se comunicar com o lobo. Assim que Yut cruzou para o mundo

espiritual, Taha Aki saiu do lobo, o animal esperou pacientemente pelo seu retorno, pra falar com ele. Yut compreendeu a verdade em um instante, e deu as boas vindas ao lar a seu chefe. A essa hora, Utlapa veio ver se o lobo havia sido derrotado. Quando ele viu Yut caído sem vida no chão, cercado por guerreiros protetores, ele se deu conta do que estava acontecendo. Ele pegou sua faca e correu pra matar Yut antes que ele pudesse retornar ao seu corpo. 'Traidor' ele gritou, e os guerreiros não sabiam o que fazer. O Chefe havia proibido viagens espirituais, e era a decisão do chefe como punir aqueles que desobedecessem. Yut pulou de volta para o seu corpo, mas Utlapa estava com a faca em seu pescoço em com uma mão em sua boca. O corpo de Taha Aki era forte, e Yut era fraco com a idade. Yut nem sequer pôde dizer uma palavra pra alertar os outros antes que Utlapa o silenciasse pra sempre. Taha Aki observou enquanto o espírito de Yut ia embora para as terras finais das quais Taha Aki havia sido barrado pra sempre. Ele sentiu uma grande raiva, mais poderosa do que qualquer coisa que ele já havia sentido. Ele entrou no lobo novamente, com a intenção de rasgar a garganta de Utlapa. Mas, enquanto ele se juntava ao lobo, uma grande mágica aconteceu. A raiva de Taha Aki era a raiva de um homem. O amor que ele tinha pelo seu povo e o ódio que ele sentia pelo seu opressor era vasto demais para o corpo do lobo, humano demais. O lobo estremeceu, e, ante os olhos dos guerreiros chocados e de Utlapa, ele se transformou em homem. O novo homem não se parecia com o corpo de Taha Aki. Ele era muito mais glorioso. Ele era uma interpretação fresca do espírito de Taha Aki. Os guerreiros reconheceram ele imediatamente, no entanto, pois eles conheciam o espírito de Taha Aki. Utlapa tentou correr, mas Taha Aki tinha a força de um lobo em seu novo corpo. Ele agarrou o ladrão e arrancou o espírito dele antes que ele pudesse pular do corpo roubado. As pessoas ficaram muito felizes quando se deram conta do que estava acontecendo. Taha Aki rapidamente arrumou as coisas, trabalhando novamente com o seu povo e devolvendo as jovens esposas às suas famílias. A única mudança que ele não desfez foi a proibição das viagens espirituais. Ele sabia que isso era muito perigoso, agora que a idéia de roubar uma vida estava por ali. Os espíritos guerreiros já não existiam. Desse ponto em diante, Taha Aki eram mais do que apenas um lobo ou um homem. Eles chamavam ele, Taha Aki, de o Grande Lobo. Ele liderou a tribo por muitos, muitos anos, pois ele não envelhecia. Quando o perigo ameaçava, ele reassumia seu eu lobo pra lutar ou assustar o inimigo. As pessoas viviam em paz. Taha Aki foi pai de muitos filhos, e alguns deles descobriram que, depois que eles atingiam a maturidade, eles também podiam se transformar em lobos. Os lobos eram todos diferentes, porque eles eram espíritos lobos e refletiam o que o homem era por dentro.

- Então é por isso que Sam é preto - Quil murmurou por baixo do fôlego, sorrindo, - Coração negro, pêlo negro.

Eu estava tão envolvida na história, que foi um choque voltar ao presente, para o círculo ao redor do fogo morrendo. Com outro choque, eu me dei conta de que o círculo já feito dos netos – não importava em que grau – de Taha Aki.

O fogo jogou uma salva de faíscas para o céu, e elas tremeram e dançaram, fazendo formas que eram quase indecifráveis.

- E o seu pêlo cor de chocolate reflete o que? - Sam sussurrou de volta pra Quil.

- O quanto você é *doce*?

Billy ignorou as piadas deles. - Alguns dos filhos se tornaram guerreiros com Taha Aki, e não mais envelheceram. Os outros, que não gostaram da transformação, se recusaram a se juntar ao bando de homens lobos. Esses começaram a envelhecer novamente, e a tribo descobriu que os homens lobo podiam envelhecer como qualquer outra pessoa, se desistissem de seus espíritos guerreiros. Taha Aki viveu o tempo de vida de três homens. Ele havia se casado com uma terceira esposa depois da morte das duas primeiras, e encontrou nela a sua verdadeira esposa espiritual. Apesar dele ter amado as outras, essa era algo mais. Ele decidiu desistir de seu espírito lobo pra morrer quando ela morreu. Foi assim que a mágica veio até nós, mas esse não é o fim da história...

Ele olhou pra o Velho Quil Ateara, que mudou de posição em sua cadeira, ajeitando seus ombros frágeis. Billy deu um gole numa garrafa de água e enxugou sua testa. A caneta de Emily nunca hesitava enquanto ela escrevia furiosamente no papel.

- Essa foi a história dos espíritos guerreiros - o Velho Quil começou numa voz de tenor. - Essa é a história do sacrifício da terceira esposa. Muitos anos depois de Taha Aki ter desistido de seu espírito lobo, quando ele já era um homem velho, um problema começou ao norte, com os Makah. Várias mulheres jovens da tribo deles haviam desaparecido, e eles colocaram a culpa nos lobos das redondezas, a quem eles temiam e desconfiavam. Os homens-lobo ainda podiam ouvir os pensamentos uns dos outros enquanto em sua forma de lobo, assim como seus ancestrais haviam feito enquanto estavam na forma de espíritos. Eles sabiam que nenhum em seu grupo era o culpado. Taha Aki tentou pacificar o chefe de Makah, mas havia medo demais. Taha Aki não queria ter uma guerra em suas mãos. Ele já não era um guerreiro pra liderar seu povo. Ele encarregou seu filho lobo mais velho, Taha Wi, de encontrar o verdadeiro culpado antes que as hostilidades começassem. Taha Wi liderou os outros cinco lobos em seu bando em uma procura pelas montanhas, procurando por alguma evidência sobre o desaparecimento das Makah. Eles se depararam com uma coisa que eles nunca haviam visto antes - um cheiro doce, estranho na floresta que queimava seus narizes a ponto de doer.

Eu fui um pouco mais pro lado de Jacob. Eu ví o canto da sua boca vibrar com o humor, e o braço dele se apertou ao meu redor.

- Eles não sabiam que criatura podia ter deixado aquele cheiro, mas eles o seguiram - O Velho Quil continuou. Sua voz tremendo não era tão majestosa como a de Billy, mas havia um estranho tom de urgência penetrante nela. O meu pulso acelerou quando as palavras saíram mais rápidas. - Eles acharam traços fracos de cheiro humano, e de sangue humano, pela trilha. Eles estavam certos de que esse era o inimigo que eles estavam procurando. A jornada deles os levou pra tão longe ao norte que Taha Wi mandou metade do bando, os mais novos, de volta pra o porto pra avisar Taha Aki. Taha Wi e seus dois irmãos não retornaram. Os irmãos mais novos procuraram pelos seus ancestrais, mas só encontraram silêncio. Taha Aki lamentou por seus filhos. Ele desejava vingar a morte dos filhos, mas ele já era velho. Ele foi ao chefe de Makah ainda com as roupas da manhã e o contou o que havia acontecido. O chefe de Makah acreditou em seu pesar, e as tensões acabaram entre as tribos. Um ano depois, duas donzelas de Makah desapareceram de suas casas na mesma noite. Os Makah chamaram os lobos Quileute imediatamente, que encontraram o mesmo fedor doce em todo lugar no vilarejo dos Makah. Os lobos foram caçar de novo. Apenas um retornou. Ele era Yaha Uta, o filho mais velho da terceira esposa de Taha Aki, e o mais novo no bando. Ele trouxe algo consigo que nunca havia sido antes pelos Quileute - um cadáver estranho, frio de pedra, que ele carregava aos pedaços. Todos aqueles que tinham o sangue de Taha Aki, até mesmo aqueles que não eram lobos, podiam sentir o cheiro forte da criatura morta. Esse era o inimigo dos Makah. Yaha Uta descreveu o que havia acontecido: ele e seus irmãos haviam encontrado a criatura, que se parecia com um homem mas era duro como um pedra de granito, com duas filhas de Makah. Uma garota ja estava morta, branca e sem sangue no chão. A outra estava nos braços da criatura, a boca dele em seu pescoço. Ela podia estar viva quando eles chegaram na cena odiosa, mas a criatura rapidamente quebrou seu pescoço e jogou seu corpo sem vida no chão enquanto eles se aproximavam. Seus lábios brancos estavam cobertos com o sangue dela, e seus olhos brilhavam vermelhos. Yaha Uta descreveu a força feroz e a velocidade da criatura. Um de seus irmãos rapidamente se tornou uma vítima quando subestimou aquela força. A criatura o partiu como se fosse um boneco. Yaha Uta e seus irmãos foram mais cautelosos. Eles trabalharam juntos, chegando nas criaturas pelos seus lados, manobrando-a. Eles tiveram que atingir o limite de sua força e de sua velocidade de lobo, coisa que eles jamais haviam testado antes. A criatura era dura como pedra e fria como gelo. Eles descobriram que seus dentes podiam machucá-lo. Eles começaram a rasgar a criatura em pequenos pedaços enquanto lutavam com ela. Mas a criatura aprendeu com velocidade, a logo estava compatível com as manobras deles. Ele pôs as mãos no irmão de Yaha Uta. Yaha Uta encontrou uma abertura em seu pescoço, e atacou. Os dentes dele arrancaram a cabeça da

criatura, mas as mãos continuaram apertando o seu irmão. Yaha Uta rasgou a criatura em pedaços irreconhecíveis, rasgando os pedaços numa tentativa desesperada de salvar seu irmão. Ele estava atrasado, mas, no final, a criatura foi destruída. Ou assim eles pensaram. Yaha Uta espalhou os pedaços para os anciões examinarem. Uma mão destroçada estava ao lado de um pedaço do braço de granito da criatura. Dois pedaços se tocaram quando os anciões os uniram com pontos, e a mão foi em direção ao braço, tentando se unir novamente. Aterrorizados, os anciões tocaram fogo no que restou. Uma grande nuvem de fumaça forte, vil, poluiu o ar. Quando já não haviam nada além das cinzas, eles separaram as cinzas em pequenos sacos e os separou a grandes espaços uns dos outros, uns no oceano, alguns na floresta, alguns nas cavernas dos penhascos. Taha Aki usava um dos saquinhos em seu pescoço, pra que ele pudesse ser avisado se um dia a criatura tentasse se juntar de novo. - O Velho Quil pausou e olhou pra Billy. Billy puxou uma fita de couro do seu pescoço. Preso na ponta havia um velho saquinho, escurecido com o tempo. Algumas pessoas ofegaram. Eu posso ter sido uma delas.

- Eles o chamaram de O Frio, O Bebedor de Sangue, e viveram com medo de que ele não estivesse sozinho. Eles só tinham mais um lobo protetor, o jovem Yaha Uta. Eles não tiveram que esperar muito. A criatura tinha uma parceira, outra bebedora de sangue, que veio até os Quileute em busca de vingança. As histórias dizem que A Mulher Fria era a coisa mais linda que os olhos humanos já haviam visto. Ela parecia com a deusa do alvorecer quando entrou na vila naquela manhã; o sol estava brilhando pelo menos dessa vez, e ele cintilava na pele branca dela e iluminava seu cabelo loiro que chegava nos joelhos. O rosto dela era mágico em sua beleza, os olhos eram pretos em seu rosto. Alguns caíram de joelhos pra adorá-la. Ele perguntou alguma coisa em uma voz alta, penetrante, em uma linguagem que ninguém nunca tinha ouvido. As pessoas ficaram abobalhadas, sem saber o que dizê-las. Não havia ninguém com o sangue de Taha Aki entre as testemunhas a não ser um garotinho. Ele se apertou a sua mãe e gritou que o cheiro estava machucando o nariz dele. Um dos anciões, que estava a caminho do conselho, ouviu o garoto e se deu conta do que havia chegado pra eles. Ele gritou pra que as pessoas corressem. Ela o matou primeiro. Havia vinte testemunhas da chegada da Mulher Fria. Dois sobreviveram, apenas porque ela ficou distraída com o sangue, e parou pra saciar sua sede. Eles correram pra Taha Aki, que estava no conselho com os outros anciões, seus filhos, e sua terceira esposa. Yaha Uta se transformou em seu espírito lobo assim que ele ouviu as notícias. Ele foi sozinho combater a bebedora de sangue. Taha Aki, e sua terceira esposa, e seus anciões seguiram ele. No início eles não conseguiram encontrar a criatura, só as evidências de seu ataque. Corpos estavam quebrados, alguns completamente sem sangue, espalhados pela estrada por onde ela havia aparecido. Aí eles ouviram os gritos e correram para o porto. Vários Quileute haviam corrido para os navios para se refugiarem. Ela nadou atrás deles como um tubarão, e quebrou o casco do navio deles com sua incrível força. Quando o navio afundou, ela agarrou aqueles que tentaram fugir a nado, e quebrou eles também. Ela viu o grande lobo na costa, e esqueceu dos nadadores flutuando. Ela nadou tão rápido que se transformou num vulto, pingando e gloriosa, ela veio ficar de pé na frente de Yaha Uta. Ela apontou para ele uma vez com seu dedo branco e fez outra pergunta incompreensível. Yaha Uta esperou. Foi uma luta apertada. Ela não era tão boa lutadora quanto o seu parceiro havia sido. Mas Yaha Uta estava sozinho, não havia ninguém pra distraí-la da fúria com ele. Quando Yaha Uta perdeu, Taha Aki gritou em desafio. Ele tropeçou para a frente e se transformou em um lobo ansião, com pêlo branco. O lobo era velho, mas esse era o Espírito Homem de Taha Aki, e sua raiva o tornou forte. A luta recomeçou. A terceira esposa de Taha Aki havia acabado de ver seu filho morrer diante de seus olhos. Agora o seu marido lutava, e ela não tinha esperanças de que ele pudesse vencer. Ela havia ouvido cada palavra que a vítima havia dito no conselho. Ela havia ouvido a história da primeira vitória de Yaha Uta, e ela sabia que a distração de seus irmãos haviam salvado ele. A terceira pegou uma faca do cinto de um dos filhos que estava ao seu lado. Eles eram todos filhos jovens, ainda não eram homens, e ela sabia que eles morreriam quando o seu marido falhasse. A terceira esposa correu em direção à Mulher Fria com a adaga erguida. A Mulher Fria sorriu, pouco distraída da sua luta com o lobo velho. Ela não tinha medo de uma mulher humana fraca e nem da faca que não causaria nenhum arranhão em sua pele, e ela estava

prestes a dar o golpe de misericórdia em Taha Aki. E aí, a terceira esposa fez algo que A Mulher Fria não estava esperando. Ela caiu de joelhos aos pés da bebedora de sangue e enfiou a faca em seu próprio coração. O sangue escorreu pelos dedos da terceira esposa e espirrou na Mulher Fria. A bebedora de sangue não pôde resistir à luxúria do sangue fresco que estava deixando o corpo da terceira esposa. Instintivamente, ela se virou para a mulher que estava morrendo, por um segundo inteiramente consumida pelo sangue. Os dentes de Taha Aki se fecharam no pescoço dela. Aquele não foi o fim da batalha, mas agora, Taha Aki não estava mais sozinho. Vendo a mãe deles morrer, dois filhos mais novos sentiram tanta raiva que se lançaram para a frente como seus espíritos lobos, apesar de ainda não serem homens. Com seu pai, eles exterminaram a criatura. Taha Aki nunca se reuniu à tribo. Ele nunca se transformou em homem de novo. Ele deitou por um dia ao lado do corpo da terceira esposa, rosnando toda vez que alguém tentava encostar nela, e aí ele foi para a floresta e nunca mais retornou. Problemas com os frios eram raros e aconteciam de vez em quando. Os filhos de Taha Aki guardaram a tribo até que seus filhos fossem velhos o suficiente pra ficarem em seu lugar. Nunca houveram mais de três lobos de cada vez. Era o suficiente. Ocasionalmente um bebedor de sangue aparecia por essas terras, mas eles eram pegos de surpresa, sem esperar os lobos. De vez em quando um lobo morria, mas eles nunca foram dezimados de novo como da primeira vez. Eles haviam aprendido como lutar com os frios, e eles passaram o conhecimento de lobo pra lobo, de mente de lobo pra mente de lobo, de espírito pra espírito, de pai pra filho. O tempo passou, e os descendentes de Taha Aki já não se transformavam mais em lobos quando atingiam a idade adulta. Só muito raramente, se um frio estava por perto, os lobos retornavam, e o bando continuava pequeno. Um grupo maior chegou, e os seus próprios bisavôs se prepararam pra lutar contra eles. Mas o líder falou com Ephraim Black como se fosse um homem, e prometeu não machucar os Quileute. Os seus estranhos olhos amarelos davam alguma espécie de prova do que ele dizia sobre eles não serem iguais aos outros bebedores de sangue. Os lobisomens estavam em menor número; não havia necessidade dos frios pedirem um acordo sendo que eles podiam ter vencido a batalha. Ephraim aceitou. Eles cumpriram com a sua parte, apesar de que a presença deles tendia a puxar outros. E o número deles forçou o bando a atingir um número que a tribo nunca havia visto - o Velho Quil disse, e por um momento em seus olhos pretos, afundados nas rugas e na pele dobrada ao redor deles, pareceram parar em mim. - Exceto, é claro, no tempo de Taha Aki - ele disse, e então suspirou. - E então os filhos da nossa tribo carregam novamente o fardo e dividem o sacrifício que seus pais suportaram antes deles.

Tudo ficou em silêncio por um longo momento. Os descendentes vivos da magia e das lendas olharam uns para os outros através do fogo com tristeza nos olhos. Todos menos um.

- Fardo - ele zombou em uma voz baixa. - Eu acho que é legal - o lábio inferior de Quil ficou um pouco pra fora.

Do outro lado do fogo que estava morrendo, Seth Clearwater - seus olhos estavam arregalados de adulação pela fraternidade dos irmãos protetores da tribo - balançou a cabeça concordando.

Billy gargalhou, baixa e longamente, e a mágica pareceu desaparecer nas brasas brilhantes. De repente, era apenas um círculo de amigos de novo. Jared jogou uma pedra pequena em Quil, e todo mundo sorriu quando isso fez ele pular. Conversas baixas murmuravam ao nosso redor, zombeteiras e casuais.

Os olhos de Leah Clearwater não se abriram. Eu achei ter visto alguma coisa como uma lágrima brilhando na bochecha dela, mas quando eu olhei de volta um momento depois já não estava mais lá.

Nem Jacob nem eu falamos. Ele estava tão imóvel ao meu lado, a respiração dele tão profunda e uniforme, que eu pensei que ele devia estar perto de dormir.

A minha mente estava há um milhão de anos de distância. Eu não estava pensando em Yaha Uta ou em outros lobos, ou na linda Mulher Fria - eu podia imaginar *ela* bem demais. Não, eu estava pensando em algum de fora de toda essa magia. Eu estava tentando o rosto da mulher sem nome que havia salvado a tribo inteira, a terceira esposa.

Só uma mulher humana, sem nenhum dom ou poder especial. Fisicamente mais fraca e lenta do que qualquer dos outros monstros na história. Mas ela havia sido a chave, a solução. Ela havia salvado seu marido, seus filhos, a tribo inteira.

Eu queria que eles lembrassem do nome dela...

Alguma coisa balançou meu braço.

- Vamos, Bells - Jacob disse. - Estamos aqui.

Eu pisquei, confusa porque o fogo parecia ter desaparecido. Eu olhei para a inesperada escuridão, tentando entender as minhas redondezas. Eu levei um minuto pra me dar conta que eu já não estava mais no penhasco.

Eu ainda estava nos braços dele, mas não estava mais no chão.

Como é que eu cheguei no carro de Jacob?

- Oh, droga! - eu sufoquei enquanto me dava conta de que havia pego no sono. - Que horas são? Droga, onde está aquele telefone estúpido? - eu tateei meus bolsos, frenética, e encontrando eles vazios.

- Fácil. Ainda não é nem meia noite. E eu já liguei pra ele por você. Olhe, ele está esperando ali.

- Meia noite? - eu respondi estupidamente, ainda desorientada. Eu olhei para a escuridão, e as batidas do meu coração aceleraram quando os meus olhos encontraram as formas do Volvo, a trinta metros de distância. Eu encontrei a maçaneta da porta.

- Aqui - Jacob disse, e colocou um coisa pequena na minha mão. O telefone.

- Você ligou pra Edward por mim?

Os meus olhos estavam ajustados o suficiente pra ver o brilho cintilante do sorriso de Jacob. - Eu achei que se bancasse o bonzinho, eu teria mais tempo com você.

- Obrigada, Jake - eu disse, tocada. - Mesmo, obrigada. E obrigada por me convidar essa noite. Aquilo foi... - As palavras me faltaram. - Uau. Aquilo foi algo mais.

- E você nem sequer ficou acordada pra me ver engolir uma vaca. - Ele riu. - Não. Eu estou feliz por você ter gostado. Foi... legal pra mim. Ter você aqui.

Houve um movimento à distância na escuridão - alguma coisa pálida estava flutuando entre as árvores. Vagando?

- É, ele não é tão paciente, é? - Jacob disse, reparando na minha distração. - Vá em frente. Mas volte logo, tá legal?

- Claro, Jake - eu prometi, abrindo a porta. O ar frio bateu nas minhas pernas e me fez estremecer.

- Durma bem, Bells. Não se preocupe com nada, eu vou estar te observando essa noite.

Eu pausei, um pé no chão. - Não, Jake. Descance um pouco, eu vou estar bem.

- Claro, claro - mas ele parecia mais estar aceitando do que concordando.

- Boa noite, Jake. Obrigada.

- Boa noite, Bella - ele sussurrou enquanto eu corria para a escuridão.

Edward me pegou na linha da fronteira.

- Bella - ele disse, o alívio estava forte na voz dele; seus braços fortemente ao meu redor.

- Oi. Desculpa por eu ter me atrasado. Eu caí no sono e...

- Eu sei. Jacob explicou. - Ele começou a ir na direção do carro, e eu tropecei cambaleante ao lado dele. - Você está cansada? Eu podia te carregar.

- Eu estou bem.

- Você te levar pra casa e te colocar na cama. Você se divertiu?

- Sim, foi incrível, Edward. Eu queria que você tivesse vindo. Eu nem posso explicar. O pai de Jake nos contou algumas histórias e elas eram como... como magia.

- Você vai ter que me contar. Depois que você dormir.

- Eu não vou contar direito - eu disse, e aí bocejei enormemente.

Edward gargalhou. Ele abriu a minha porta pra mim, me levantou me colocando lá dentro, e prendeu o cinto de segurança ao meu redor.

Luzes claras brilharam e bateram em nós. Eu acenei na direção dos faróis de Jacob, mas eu não sabia de ele tinha visto o gesto.

Naquela noite - depois que eu passei por Charlie que não me deu tantos problemas quanto eu esperava porque Jacob havia ligado pra ele também - ao invés de colidir na cama imediatamente, eu me inclinei pra abrir a janela enquanto eu esperava que Edward voltasse. A noite estava surpreendentemente fria, quase invernal. Eu não tinha reparado nisso nos penhascos; eu imaginei que isso tinha menos a ver com a fogueira e mais a ver com o fato de estar sentada ao lado de Jacob.

Pedacinhos de gelos se espalharam pelo meu rosto quando a chuva começou. Estava escuro demais pra ver alguma coisa além dos triângulos das samambaias se inclinando e balançando com o vento. Mas eu forcei os meus olhos mesmo assim, procurando por outras formas na tempestade. Uma silhueta pálida, se movendo feito um fantasma pela escuridão... ou talvez as linhas sombradas de um enorme lobo... Os meus olhos estava fracos demais.

Então, houve um movimento na noite, bem ao meu lado. Edward entrou pela minha janela aberta, suas mãos mais frias que a chuva.

- Jacob está lá fora? - eu perguntei, tremendo enquanto Edward me puxava para o círculo dos seus braços.

- Sim... em algum lugar. E Esme está indo pra casa.

Eu suspirei. - Está tão frio e molhado. Isso é bobagem. - Eu tremí de novo.

Ele gargalhou. - Só está frio pra *você*, Bella.

Estava frio nos meus sonhos também, talvez porque eu tenha dormido nos braços de Edward. Mas eu sonhei que estava lá fora na tempestade, o vento fazendo o meu cabelo bater em meu rosto e cegando os meus olhos. Eu estava na rocha crescente da praia, tentando entender os movimentos das formas rápidas que eu mal podia enxergar direito na escuridão da beira da costa. Primeiro, não havia nada além de um flash de branco e preto, indo na direção um do outro e dançando pra longe. E então, quando a lua repentinamente apareceu entre as nuvens, eu pude ver

Rosalie, com seus cabelos molhados se movimentando e dourados, na altura do joelho, estava se jogando na direção em um lobo enorme - os dentes dele brilhavam prateados - que eu reconheci como sendo Billy Black.

Eu comecei a correr, mas me encontrei me movendo frustrantemente devagar no sonho. Eu tentei gritar pra eles, dizer que eles parecessem, mas a minha voz era roubada pelo vento, e eu não conseguia fazer um som. Eu balancei os braços, esperando chamar a atenção deles. Alguma coisa brilhou na minha mão, e eu reparei pela primeira vez que a minha mão não estava vazia.

Eu estava segurando uma longa lâmina, velha e prateada, suja com sangue seco e empretecido.

Eu me afastei da faca, e os meus olhos se abriram na escuridão do quarto. A primeira coisa que eu reparei foi que eu não estava sozinha, e eu virei meu rosto pra enterrá-lo no peito de Edward, sabendo que o doce cheiro da pele dele afastaria o pesadelo com mais eficácia do que qualquer outra coisa.

- Eu te acordei? - ele sussurrou. Houve o som de papeis, páginas virando, e um fraco *thump* quando alguma coisa leve caiu no chão de madeira.

- Não - eu murmurei, suspirando de contentamento quando os braços dele me apertaram. - Eu tive um pesadelo.

- Você não quer me contar sobre ele?

Eu balancei minha cabeça. - Cansada demais. Talvez de manhã, se eu lembrar.

Eu sentí um riso silencioso balançar ele.

- De manhã - ele concordou.

- O que você estava lendo? - eu murmurei, não completamente acordada.

- *O Morro dos Ventos Uivantes* - ele disse.

Eu fiz uma careta sonolenta. - Eu pensei que você não gostasse desse livro.

- Você me fez mudar de idéia - ele murmurou, sua voz suave me lançando para a inconsciência. - Além do mais... quanto mais tempo eu passo com você, mais emoções humanas se tornam compreensíveis pra mim. Eu estou descobrindo que sinto simpatia por Heathcliff de maneiras que eu não julgava possíveis antes.

- Mmm - eu suspirei.

Ele disse mais alguma coisa, alguma coisa baixa, mas eu já tinha adormecido.

A manhã seguinte acordou cinzenta e perolada. Edward me perguntou sobre o meu sonho, mas eu não conseguí lembrar dele. Eu só me lembrei que estava frio, e que fiquei feliz quando acordei porque ele estava lá. Ele me beijou, por tempo suficiente pra acelerar o meu pulso, e depois foi pra casa pra trocar de roupa e pegar seu carro.

Eu me vesti rapidamente, com poucas opções. Quem quer que tenha pego as minhas coisas havia diminuído o meu guarda-roupa criticamente. Se isso não fosse assustador, seria seriamente incômodo.

Quando estava prestes a descer pro café da manhã, eu ví a minha cópia já gasta de *O Morro dos Ventos Uivantes* caída no chão onde Edward havia derrubado ela na noite passada, deixando a capa envelhecida do jeito que eu sempre deixava.

Eu o peguei com curiosidade, tentando lembrar do que ele havia dito. Algo sobre estar sentindo simpatia por Heathcliff, entre todas as pessoas. Isso não podia estar certo; eu devo ter sonhado com essa parte.

As palavras na página aberta me chamaram a atenção, e eu me inclinei pra ler o parágrafo mais de perto. Era Heathcliff falando, e eu conhecia bem aquela passagem.

E aí você vê a distinção entre os nossos sentimentos: se ele estivesse no meu lugar e eu no dele, apesar de eu odiá-lo com um ódio que esfolou a minha vida, eu jamais teria erguido a mão contra ele. Você pode não acreditar, se assim o desejar! Eu jamais o teria banido da sociedade dela enquanto ela desejasse a dele. No momento em que a consideração dela tivesse cessado, eu teria arrancado o coração dele fora, e bebido seu sangue! Mas, até lá - se você não me acredita, não me conhece - até lá, eu teria morrido a poucos centímetros antes de tocar um fio sequer da cabeça dele!

As três palavras que me chamaram a atenção foram "Bebido seu sangue."

Eu estremecí.

Sim, eu certamente havia sonhado com Edward dizendo alguma coisa positiva sobre Heathcliff. E essa página provavelmente não era a que ele estava lendo. O livro devia ter caído aberto em qualquer página.

12. TEMPO

- Eu tinha previsto... - Alice começou num tom ominoso.

Edward jogou o cotovelo nas costelas dela, que ela desviou por pouco.

- Tá - ela rosnou. - Edward está me fazendo fazer isso. Mas eu *previ* que seria mais difícil se eu surpreendesse você.

Nós estávamos caminhando para o carro depois da escola, e eu não tinha a mínima idéia do que ela estava falando.

- Em Inglês? - eu quis saber.

- Não seja um bebê sobre isso. Nada de acessos de raiva.

- Então você, quer dizer, *nós*, vamos ter uma festa de formatura. Não é nada grande. Nada com o que se preocupar. Mas eu ví que você *ia* enlouquecer se eu tentasse fazer uma festa surpresa - ela dançou fora do caminho quando Edward se aproximou pra bagunçar o cabelo dela - e Edward disse que eu tinha que te contar. Mas não é nada. Prometo.

Eu suspirei com força. - Existe alguma necessidade de discussão?

- Absolutamente não.

- Está bem, Alice. Eu estarei lá. E eu vou odiar cada minuto dela. Prometo.

- Esse é o espírito! Aliás, eu adorei o meu presente. Não precisava.

- Alice, eu não dei!

- Oh, eu sei disso. Mas você vai.

Eu revirei o meu cérebro, tentando lembrar do que eu havia decidido dar pra ela como presente de formatura que ela pudesse ter visto.

- Incrível - Edward murmurou. - Como é que alguém tão pequeno pode ser tão irritante?

Alice riu. - É um talento.

- Será que você não podia ter esperado umas semanas pra me contar sobre isso? - eu perguntei petulantemente. - Agora eu vou ficar estressada com isso por muito mais tempo.

Alice fez uma careta pra mim.

- Bella - ela disse pra mim. - Você sabe que dia é hoje?

- Segunda?

Ela revirou os olhos. - Sim. É Segunda... dia quatro. - Ela puxou meu cotovelo, me virou, e apontou para um grande pôster amarelo pregado na porta do ginásio. Lá, em letras pretas pontudas, estava o dia da formatura. A exatamente uma semana de hoje.

- Dia quatro? De *Junho*? Você tem certeza?

Nenhum dos dois respondeu.

Alice apenas balançou a cabeça tristemente, fingindo estar desapontada, e as sobrancelhas de Edward se ergueram.

- Não pode ser! Como foi que isso aconteceu? - Eu tentei fazer as contas na minha cabeça, mas eu não conseguia descobrir pra onde os dias haviam ido.

Eu sentí como se alguém tivesse chutado as minhas pernas de baixo de mim. As semanas de estresse, de preocupação... de alguma forma, no meio de toda a minha obsessão com o tempo, o tempo tinha desaparecido. O meu espaço pra resolver tudo, pra fazer planos, havia desaparecido. Eu estava sem tempo.

E eu não estava preparada.

Eu não sabia como fazer isso. Como dizer adeus à Charlie e à Renée... pra Jacob... a ser humana.

Eu sabia exatamente o que eu queria, mas de repente eu estava morrendo de medo de pegar.

Em teoria, eu estava ansiosa, e até apressada pra trocar a mortalidade pela imortalidade. Afinal, ela era a chave pra ficar com Edward pra sempre. E aí havia o fato de que eu estava sendo caçada por inimigos conhecidos e desconhecidos. Eu preferiria não ficar sentada, desamparada e deliciosa, esperando que eles viessem me encontrar.

Em teoria, isso tudo fazia sentido.

Na prática... ser humana era tudo o que eu conhecia. O futuro além disso era um grande abismo escuro que eu não podia conhecer até me jogar nele.

O simples conhecimento, a data de hoje - que era tão óbvia que eu devia estar repreendendo-a subconscientemente - fez com que o prazo final pelo qual eu estive esperando tão impacientemente, parecesse um encontro com um esquadrão de tiro. De uma maneira vaga, eu estava consciente de Edward segurando a porta aberta do carro pra mim, de Alice tagarelando no banco de trás, da chuva batendo no pára-brisa. Edward pareceu reparar que eu só estava lá em corpo; ele não tentou me tirar da minha abstração. Ou talvez ele tentou, e eu não reparei.

Nós acabamos em minha casa, onde Edward me levou até o sofá e me puxou pra baixo com ele. Eu olhei pela janela, para a névoa cinza líquida, e tentei descobrir pra onde a minha resolução havia ido.

Porque eu estava entrando em pânico agora? Eu sabia que o prazo estava acabando. Porque devia me assustar que ele já estivesse aqui?

Eu não sei por quanto tempo ele me deixou olhar para a janela em silêncio. Mas a chuva já estava desaparecendo na escuridão quando foi demais pra ele.

Ele colocou suas mãos frias em ambos os lados do meu rosto e fixou seus olhos dourados em mim.

- Será que você poderia por favor me dizer o que você está pensando? *Antes* que eu fique louco?

O que eu podia dizer pra ele? Que eu era covarde? Eu procurei pelas palavras.

- Seus lábios estão brancos. Fale, Bella.

Eu exalei em uma grande rajada. Por quanto tempo eu estive prendendo a respiração?

- A data me pegou fora de guarda - eu sussurrei. - Isso é tudo.

Ele esperou, seu rosto cheio de preocupação e ceticismo.

Eu tentei explicar. - Eu não tenho certeza... do que dizer à Charlie... o que dizer... como dizer... - A minha voz escapou.

- Isso não é por causa da festa?

Eu fiz uma careta. - Não. Mas obrigada por me lembrar.

A chuva estava mais alta enquanto ele leu o meu rosto.

- Você não está pronta - ele sussurrou.

- Eu estou - eu menti imediatamente, uma reação de reflexo. Eu pude notar que ele viu isso, então eu respirei fundo, e contei a verdade. - Eu tenho que estar.

- Você não tem que estar nada.

Eu podia sentir o pânico surgindo em meus olhos enquanto eu falava as razões.

- Victoria, Jane, Caius, quem quer que fosse que estava no meu quarto...!

- Muito mais razões pra esperar.

- Isso não faz sentido, Edward!

Ele pressionou as mãos com mais força no meu rosto e falou deliberadamente devagar.

- Bella. Nenhum de nós teve a escolha. Você viu o que isso fez... com Rosalie, especialmente. Nós todos lutamos, tentando reconciliar a nós mesmos por uma coisa sobre a qual nunca tivemos controle. Não será assim pra você. Você *vai* ter uma escolha.

- Eu já fiz a minha escolha.

- Você não vai passar por isso porque tem um espada erguida sobre a sua cabeça. Nós vamos tomar conta dos problemas, e eu vou tomar conta de você - ele prometeu.

- Quando não estivermos passando por isso, não houver nada forçando a sua decisão, aí você pode decidir se unir à mim, se você ainda quiser. Mas não porque você está com medo. Você não será forçada a isso.

- Carlisle prometeu - eu murmurei, contrariando só pelo hábito. - Depois da formatura.

- Não até que você esteja pronta - ele disse com uma voz segura. - E definitivamente não enquanto você se sentir ameaçada.

Eu não respondi. Eu não conseguia encontrar nada pra discutir; no momento eu não parecia encontrar o meu comprometimento.

- Ai - ele beijou a minha testa. - Nada com o que se preocupar.

Eu ri um riso estremeado. - Nada além da destruição iminente.

- Confie em mim.

- Eu confio.

Ele ainda estava observando o meu rosto, esperando que eu relaxasse.

- Posso te perguntar uma coisa? - eu disse.

- Qualquer coisa.

Eu hesitei, mordendo o meu lábio, e aí fiz uma pergunta diferente daquela que estava me preocupando.

- O que eu vou dar à Alice como presente de formatura?

Ele riu silenciosamente. - Parecia que você ia dar a nós dois ingressos para um show.

- Isso mesmo! - eu estava tão aliviada que quase sorri. - O show em Tacoma. Eu vi o anúncio em um jornal na semana passada, e eu pensei que seria uma coisa que você gostaria, já que você disse que o CD era bom.

- É uma ótima idéia. Obrigado.

- Eu espero que já não esteja lotado.

- É o pensamento que conta. Eu bem sei.

Eu suspirei.

- Tem outra coisa que você está querendo perguntar - ele disse.

Eu fiz uma careta. - Você é bom.

- Eu tenho bastante prática em ler o seu rosto. Me pergunte.

Eu fechei os olhos e me inclinei pra ele, escondendo o meu rosto no peito dele.

- Você não quer que eu seja vampira.

- Não, eu não quero. - ele disse suavemente. - Isso não é uma pergunta - ele testou depois de um momento.

- Bem... eu estava me preocupando com... *porque* você se sente assim.

- Se preocupando? - Ele escolheu as palavras com surpresa.

- Você pode me dizer porque? Toda a verdade, sem poupar meus sentimentos?

Ele hesitou um momento. - Se eu vou responder a sua pergunta, você vai me *explicar* a sua pergunta?

Eu balancei a cabeça, o meu rosto ainda escondido.

Ele respirou fundo antes de responder. - Você podia fazer coisa muito melhor, Bella. Eu sei que *você* acredita que eu tenho uma alma, mas eu não estou inteiramente convencido nesse aspecto, e isso te arrisca... - Ele balançou a cabeça lentamente. - Pra que eu permita isso, deixar que você se torne o que eu sou só pra que eu nunca tenha que te perder, é o ato mais egoísta que eu posso imaginar. Eu quero isso mais do que qualquer outra coisa, por *mim mesmo*. Mas pra você, eu quero tão mais. Permitir isso, parece um crime. É a coisa mais egoísta que eu jamais terei que fazer, mesmo se eu viver pra sempre. Se houvesse uma forma de eu me transformar em humano pra você, não importa qual fosse o preço, eu pagaria.

Eu me sentei muito rígida, absolvendo isso.

Edward pensava que ele estava *sendo egoísta*.

Eu senti o sorriso cruzar lentamente pelo meu rosto.

- Então... não é porque você está com medo de... não gostar tanto de mim quando eu for diferente, quando eu não for mais macia e quente e quando não tiver o mesmo cheiro? Você realmente me quer, não importa no que eu me transforme?

Ele exalou agudamente. - Você estava preocupada que eu não fosse *gostar* de você? - ele quis saber. Então, antes que eu pudesse responder, ele estava rindo. - Bella, pra uma pessoa tão intuitiva, você consegue ser tão obtusa!

Eu sabia que ele pensava que era bobagem, mas eu estava aliviada. Se ele realmente me queria, eu podia passar pelo resto... de alguma forma. *Egoísta*, de repente pareceu ser uma palavra linda.

- Eu não acho que você se dá conta do quão mais fácil isso será pra mim, Bella - ele disse, o eco do seu humor ainda estava em sua voz. - quando eu não tiver mais que me concentrar o tempo todo em te matar. Certamente, haverão coisas das quais eu sentirei falta. Isso pra começar...

Ele me olhou nos olhos enquanto alisava a minha bochecha, e eu senti o sangue correr e colorir o meu rosto. Ele riu gentilmente.

- E o som do seu coração - ele continuou, mais sério, mas ainda sorrindo um pouco. - É o som mais significativa no mundo. Eu estou tão conectado a ele agora, que eu juro que poderia identificá-lo à milhas de distância. Mas nenhuma dessas coisas importa. *Isso* - ele disse pegando o meu rosto nas mãos. - *Você*. É isso que eu vou guardar. Você sempre será a minha Bella, só que você só será um pouco mais durável.

Eu suspirei e deixei os meus olhos se fecharem de contentamento, descansando nas mãos dele.

- Agora, você vai responder uma pergunta pra mim? A verdade, sem poupar os meus sentimentos? - ele perguntou.

- É claro - eu respondi imediatamente, meus olhos se abrindo com a surpresa.

Ele falou as palavras lentamente. - Você não quer ser minha esposa.

O meu coração parou e depois começou a saltar. Um suor frio se acumulou na minha nuca e as minhas mãos se transformaram em gelo.

Ele esperou, observando e escutando a minha reação.

- Isso não é uma pergunta - eu finalmente sussurrei.

Ele olhou pra baixo, seu cílios formando grandes sombras nas maçãs de seu rosto, e ele deixou as mãos caírem do meu rosto pra pegar a minha mão esquerda congelada. Ele brincou com os meus dedos enquanto falava.

- Eu estava me preocupando com porque você sente desse jeito.

Eu tentei engolir. - Isso também não é uma pergunta - eu cochichei.

- Por favor, Bella?

- A verdade? - eu perguntei, apenas formando as palavras com a boca.

- É claro. Eu posso aguentar, seja lá o que for.

Eu respirei fundo. - Você vai rir de mim.

Ele virou se olhar pra mim, chocado. - Rir? Eu não posso imaginar isso.

- Você vai ver - eu murmurei, e depois suspirei. O meu rosto foi de branco para um repentino tom escarlate com o pesar. - tá, tudo bem. Eu tenho certeza que isso tudo vai soar como uma grande piada pra você, mas realmente! É tão... tão... *embaraçoso!* - eu confessei, e escondi meu rosto no peito dele de novo.

Houve uma breve pausa.

- Eu não estou te entendendo.

Eu levantei a minha cabeça de volta e encarei ele, a vergonha me deixou brava, agressiva.

- Eu não sou *aquela garota*, Edward. Aquela que se casa logo quando sai da escola como se fosse uma garota de interior que se apaixonou pelo namorado! Você sabe o que as pessoas iriam dizer? Você sabe que século é esse? As pessoas não se casam aos dezoito anos! Não as pessoas inteligentes, não as pessoas responsáveis, não as pessoas maduras! Eu não ia ser aquela garota! Essa não sou eu... - Eu parei, pendendo a trilha.

O rosto de Edward era impossível de ler enquanto ele pensava na minha resposta.

- Isso é tudo? - ele perguntou finalmente.

Eu pisquei. - Já não é o suficiente?

- Não é porque você estava mais ansiosa... com a imoralidade em sí do que apenas por mim?

E aí, apesar de eu ter previsto que *e/le* ia rir, de repente era eu que estava ficando histérica.

- Edward! - eu ofeguei entre os paradoxismos das risadas. - E aqui... eu sempre... pensei que... você fosse... tão mais... *inteligentes* que eu!

Ele me pegou em seus braços, e eu podia sentir que ele estava rindo comigo.

- Edward - eu disse, conseguindo falar mais claramente com certo esforço. - não há necessidade de viver pra sempre sem você. Eu não ia querer um dia sem você.

- Bem, isso é um alívio - ele disse.

- Ainda assim... isso não muda nada.

- No entanto, é bom entender. E eu compreendo a sua perspectiva, Bella, eu realmente compreendo. Mas eu gostaria muito se você considerasse a minha.

Até aí eu já estava sóbria, então eu balancei a cabeça e lutei pra não fazer uma careta.

Seus olhos dourados líquidos ficaram hipnóticos enquanto seguravam os meus.

- Entenda, Bella, eu era *aquele garoto*. No meu mundo, eu já era um homem. Eu não estava procurando por amor, não, eu estava ansioso demais por ser soldado pra me preocupar com isso; eu não pensava em nada além do ideal de glória de guerra que eles estavam vendendo para os cadetes na época, mas se eu tivesse descoberto... - Ele pausou, pendendo a cabeça para o lado. - Eu ia dizer: se eu tivesse encontrado *alguém*, mas isso não basta. Se eu tivesse encontrado *você*, não há dúvida na minha cabeça sobre o que eu teria feito. Eu era *aquele garoto*, que teria, assim que eu tivesse descoberto que era por você que eu estava procurando, ficaria de joelhos e seguraria a sua mão. Eu iria querer você pela eternidade, mesmo se essa palavras não tivesse as mesmas conotações.

Ele sorriu seu sorriso torto pra mim.

Eu encarei ele com os meus olhos arregalados congelados.

- Respire, Bella - ele me lembrou, sorrindo.

Eu respirei.

- Você pode ver o meu lado, Bella, um pouquinho?

E por um segundo, eu pude. Eu ví eu mesma com uma saia longa e com uma blusa de gola alta, com o meu cabelo preso em um coque em cima da minha cabeça. Eu ví Edward vindo na luz do sol com um buquê de flores do campo na mão, se sentando ao meu lado num balanço na varanda.

Eu balancei minha cabeça e engoli seco. Eu estava tendo flashbacks com *Anne of Green Gables*.

- O negócio é, Edward - eu disse com minha voz tremendo, evitando a pergunta na minha cabeça - *casamento* e *eternidade* não são conceitos mutuamente exclusivos ou mutualmente inclusivos. E já que estamos vivendo no meu mundo no momento, nós devíamos seguir o tempo, se você entende o que eu quero dizer.

- Mas por outro lado - ele contrariou. - em breve você estará deixando o tempo completamente pra trás. Então porque esse costumes transitórios de cultura local deveriam afetar tanto essa decisão?

Eu torcí os lábios. - Quando em Roma?

Ele riu de mim. - Você não tem que dizer sim ou não hoje, Bella. É bom entender ambos os lados, no entanto, você não acha?

- Então a sua condição...?

- Ainda está em efeito. Entendo o seu ponto, Bella, mas se você quer que eu mesmo te mude...

- Dum, dum, dah-dum - eu sofejei por baixo do fôlego. Eu ia fazer uma marcha nupcial, mas pareceu mais com um canto.

O tempo continuou a se mover muito rápido.

A noite se passou sem sonhos, e aí amanheceu e a formatura estava me encarando. Eu tinha uma pilha de coisas pra estudar para as minhas provas finais e eu sabia que não conseguiria estudar nem a metade com os poucos dias que eu tinha de sobra.

Quando eu descí para o café da manhã, Charlie já tinha ido embora. Ele tinha deixado o jornal em cima da mesa, e isso me lembrou que eu tinha compras a fazer.

Eu esperava que o anúncio do show ainda estivesse rolando; eu precisava do número de telefone pra comprar as estúpidas entradas. Não parecia mais um bom presente agora que não era mais surpresa. É claro, tentar surpreender Alice não era o plano mais brilhante, pra começo de história.

Eu esperava ir diretamente para a seção de entretenimento, mas a machete em letras grossas e pretas me chamou a atenção. Eu sentí uma pontada de medo enquanto chegava mais perto pra ler a primeira página da história.

SEATTLE ATERRORIZADA POR ASSASSINATOS

Fazem menos de dez anos desde que a cidade de Seattle estava caçando o mais perigoso dos serial-killers da história dos E.U. Gary Ridgeway, o assassino de Green River, foi condenado pelo assassinato de 48 mulheres. E agora, a assediada Seattle tem que lidar com a possibilidade de estar lidando com um monstro ainda mais aterrorizante dessa vez.

A polícia não acha que a recente onda de homicídios e desaparecimentos seja trabalho de um serial-killer. Pelo menos, ainda não. Este assassino, se, na verdade, for apenas uma pessoa, teria sido acusada por 39 homicídios qualificados e desaparecimentos apenas em menos de três meses.

Em comparação, a onda de 48 assassinatos provocada por Ridgeway foi espalhada num período de mais de 21 anos. Se essas mortes puderem ser ligadas a apenas um homem, então, esse seria o mais violento ataque de um assassino em série da história Americana.

A polícia, no entanto, está inclinada na teoria de um envolvimento com atividade de gangues. Essa teoria é apoiada pelo grande número de vítimas, e pelo fato de que não parece haver um padrão de escolha entre as vítimas.

De Jack o Estripador à Ted Bundy, os alvos de serial-killers estão geralmente conectados por similaridades em idade, gênero, raça, ou uma combinação dos três. As vítimas desse ataque de crimes têm idades entre a da estudante Amanda Reed de 15 anos, ao carteiro aposentado, Omar Janks, de 67 anos de idade. Os assassinatos qualificados incluem cerca de 18 mulheres e 21 homens. As vítimas tinham raças diversas: Caucasianos, Afro-Americanos, Hispânicos e Asiáticos.

A seleção parece ser randômica. O motivo parece não ter outra razão a não ser simplesmente matar.

Então porque considerar a idéia de um serial-killer?

Existem similaridades suficiente no modo de operação dos crimes para selecioná-los como crimes não relacionados. Todas as vítimas descobertas foram queimadas a tal ponto que foi necessário um exame de arcada dentária para identificá-los. O uso de algum acelerante, gasolina ou álcool, parece ser um indicativo das conflagrações; nos entanto, nenhum traço de acelerantes parecem ter sido encontrado ainda. Todos os corpos foram enterrados negligentemente, sem tentativa de encobrimento.

Mais horrível ainda, a maioria dos restos parece conter sinais de violência brutal - ossos quebrados e esmagados por algum tipo de pressão tremenda - que os médicos examinadores acreditam haver ocorrido antes da hora da morte, apesar de se ser difícil ter certeza sobre essas conclusões, considerando o estado das evidências.

Outra similaridade que aponta para a possibilidade de um serial: todos os crimes estão perfeitamente limpos de evidências, além dos restos por sí só. Nenhuma impressão digital, nenhuma marca de pneu ou um fio de cabelo é deixado pra trás.

Não houve nenhuma testemunha oculares para nenhum suspeito nos desaparecimentos.

E então temos os próprios desaparecimentos - altamente sigilosos em todos os aspectos. Nenhuma das vítimas podia ser considerada um alvo fácil. Nenhum deles era um fugitivo ou sem teto, que desaparecem tão facilmente e que dificilmente têm seus desaparecimentos reportados. Vítimas desapareceram de suas casas, de um apartamento de quatro andares, de um spa, de uma recepção de casamento. Talvez o mais impressionante: o boxeador amador de 30 anos de idade, Robert Walsh, entrou em um cinema com sua acompanhante; depois de poucos minutos no cinema, a mulher se deu conta de que ele não estava em seu lugar. O corpo dele foi encontrado

apenas três horas depois quando os bombeiros foram chamados à cena de um lixão em incêndio, a vinte quilômetros de distância.

Outro padrão presente nos assassinatos: todas as vítimas desapareceram à noite. E o padrão mais alarmante? Aceleração. Seis homicídios foram cometidos no primeiro mês, 11 no segundo. Vinte e dois ocorreram apenas nos últimos dois dias. E a polícia não está mais perto de encontrar o responsável do que estavam quando o primeiro corpo carbonizado foi encontrado.

A evidência é conflitante, os pedaços são aterrorizantes. Uma nova gangue viciada ou um serial-killer selvagemmente ativo? Ou alguma outra coisa que a polícia ainda não tenha levado em consideração?

Uma única conclusão é indisputável: algo horrível está perseguindo Seattle.

Eu precisei tentar três vezes pra ler a última frase, e eu me dei conta de que o problema era o estremecimento das minhas mãos.

- Bella?

Focada como eu estava, a voz de Edward, apesar de baixa e não totalmente inesperada, me fez ofegar e girar.

Ele estava inclinado na porta, com as sobranceiras juntas. Então, de repente ele estava ao meu lado, segurando a minha mão.

- Eu assustei você? Eu lamento. Eu não batí...

- Não, não - eu disse rapidamente. - Você já viu isso? - Eu apontei para o jornal. Uma careta enrugou a testa dele.

- Eu ainda não ví as notícias de hoje. Mas eu sabia que estava piorando. Nós vamos ter que fazer alguma coisa... rapidamente.

Eu não gostei disso. Eu odiava qualquer um deles tentando a sorte, e o que quer ou quem quer que estivesse em Seattle estava realmente começando a me assutar.

Mas a idéia dos Volturi voltando era igualmente assutadora.

- O que Alice diz?

- Esse é o problema - A careta dele endureceu. - Ela não consegue ver nada... apesar de já termos decidido um milhão de vezes que nós vamos investigar. Ela está começando a perder a confiança. Ela sente como se estivesse perdendo muito esses dias, que alguma coisa está errada. Talvez as visões dela estejam desaparecendo.

Meus olhos arregalaram. - Isso pode acontecer?

- Quem sabe? Ninguém nunca fez um estudo... mas eu realmente duvido. Essas coisas tendem a intensificar com o tempo. Olhe pra Aro e Jane.

- Então o que ha de errado?

- Profecias auto-realizáveis, eu acho. Nós continuamos esperando que Alice veja alguma coisa pra que possamos ir... e ela não vê nada porque nós não iremos até que ela veja alguma coisa. Então ela não pode nos ver lá. Talvez nós tenhamos que fazer isso às cegas.

Eu estremecí. - Não.

- Você tem um forte desejo de assistir aula hoje? Nós só estamos a dois dias das provas finais; eles não vão nos ensinar nada novo.

- Eu posso viver sem escola por um dia. O que vamos fazer?

- Eu quero falar com Jasper.

Jasper se novo. Isso era estranho. Na família Cullen, Jasper estava sempre um pouco de lado, parte das coisas, mas nunca no centro delas. A minha assunção silênciosa era de que ele só estava lá por Alice. Eu tinha a sensação de que ele seguiria Alice pra onde quer que fosse, mas esse estilo de vida não era sua primeira escolha.

O fato de que ele tinha menos comprometimento do que os outros era provavelmente o motivo pelo qual ele tinha mais dificuldade de se ajustar.

De qualquer forma, eu nunca havia visto Edward se sentir dependente de Jasper. Eu me perguntei de novo o que ele queria dizer sobre Jasper ser um expert. Eu realmente não sabia muito sobre a história de Jasper, só que ele tinha vindo de algum lugar no sul antes de Alice

encontrar ele. Por alguma razão, Edward sempre se esquivava de perguntas sobre seu irmão mais novo. Eu sempre me sentí intimidada demais pelo alto vampiro loiro que parecia mais com um astro de cinema em ascensão pra perguntá-lo diretamente.

Quando estávamos na casa, nós encontramos Carlisle, Esme, e Jasper assistindo atentamente o noticiário, apesar do som estar tão baixo que era impossível pra mim ouvir. Alice estava sentada no topo da grande escadaria, o rosto nas mãos com uma expressão desencorajada. Enquanto entrávamos, Emmett entrou pela porta da cozinha, parecendo perfeitamente tranquilo. Nada nunca incomodava Emmett.

- Ei, Edward. Faltando aula, Bella? - Ele sorriu pra mim.

- Nós dois estamos - Edward lembrou ele.

Emmett riu. - Sim, mas é a primeira vez *dela* no colegial. Ela pode perder alguma coisa.

Edward rolou os olhos, de outra maneira ignorando seu irmão favorito. Ele jogou o jornal pra Carlisle.

- Você viu que agora eles estão considerando um serial-killer? - ele perguntou.

Carlisle suspirou. - Eles estavam com dois especialistas no CNN debatendo essa possibilidade hoje.

- Nós não podemos continuar assim.

- Vamos agora - Emmett disse com um entusiasmo repentino. - Eu estou morto de chateação.

Um assobio ecoou de cima das escadas até embaixo.

- Ela é tão pessimista - Emmett murmurou pra sí mesmo.

Edward concordou com Emmett. - Nós vamos ter que ir alguma hora.

Rosalie apareceu no topo das escadas e desceu lentamente. O rosto dela estava suave, sem expressão.

Carlisle estava balançando a cabeça. - Eu estou preocupado. Nós nunca nos envolvemos nesse tipo de coisa antes. Não somos Volturi.

- Eu não quero que os Volturi venham aqui - Edward disse. - Isso nos dá muito menos tempo de reação.

- E todos aqueles humanos inocentes em Seattle - Esme murmurou. - Não é certo deixá-los morrer desse jeito.

- Eu sei - Carlisle disse.

- Oh - Edward disse repentinamente, virando sua cabeça um pouco pra olhar pra Jasper. - Eu acho que não tinha pensado nisso. Eu entendo. Você está certo, tem que ser isso. Bem, isso muda tudo.

Eu não fui a única que o encarou confusa, mas eu devo ter sido a única que não pareceu nem um pouco incomodada.

- Eu acho que é melhor você explicar aos outros - Edward disse pra Jasper. - Qual seria o propósito disso? - Edward começou a andar de um lado pro outro, olhando para o chão, perdido em pensamentos.

Eu não tinha visto ela se levantar, mas Alice já estava lá ao meu lado. - Porque ele está vagando? - ela perguntou a Jasper. - O que você está pensando?

Jasper não pareceu gostar de toda a atenção. Ele hesitou, lendo cada um dos rostos no círculo - já que todo mundo tinha se aproximado pra ouvir o que ele tinha a dizer - e então os olhos dele pausaram no meu rosto.

- Você está confusa - ele disse pra mim, sua voz profunda estava muito baixa. Não havia pergunta em sua suposição. Jasper sabia o que eu estava sentindo, o que todos estavam sentindo.

- Nós estamos todos confusos - Emmett murmurou.

- Vocês têm tempo pra ser pacientes - Jasper disse a ele. - Bella devia entender isso também. Ela é uma de nós agora.

As palavras dele me pegaram de surpresa. Tão pouco que eu havia lidado com Jasper, especialmente desde o meu último aniversário quando ele tentou me matar, eu não havia me dado conta de que ele pensava em mim desse jeito.

- Quanto você sabe sobre mim, Bella? - Jasper perguntou.

Emmett suspirou teatralmente, e se atirou no sofá pra esperar com exagerada impaciência.

- Não muito - eu admití.

Jasper olhou pra Edward, que olhou pra cima pra encontrar seu olhar.

- Não - Edward respondeu o seu pensamento. - Eu tenho certeza que você entende porque eu nunca contei essa história pra ela. Mas eu acho que ela precisa saber agora.

Jasper balançou a cabeça pensativamente, e aí começou a enrolar pra cima a manga do seu suéter marfim.

Eu observei, curiosa e confusa, tentando entender o que ele estava fazendo. Ele segurou o seu pulso embaixo de uma luminária que estava ao lado dele, perto da luz da lâmpada, e passou o dedo em uma marca crescente em sua pele pálida.

Eu levei um segundo pra entender porque aquela forma me parecia estranhamente familiar.

- Oh - eu respirei quando a realização bateu. - Jasper, você tem uma cicatriz exatamente igual a minha.

Eu levantei minha mão, a protuberância prateada era mais proeminente na minha pele cor de creme do que na sua, cor de alabastro.

Jasper sorriu fracamente. - Eu tenho muitas cicatrizes como as suas, Bella.

O rosto de Jasper estava ilegível enquanto ele puxava a manga do seu suéter mais pra cima. No início, os meus olhos não conseguiram entender a textura grossa que estava marcada na pele dele. Meias luas cruzadas umas por cima das outras em um padrão que só era visível, branco no branco como era, porque o forte brilho da lâmpada ao lado dele fazia com que as marcas ficassem um pouco em relevo, com uma leve sombra marcando as formas. E então eu entendí que o padrão era feito com meias luas individuais como a no pulso dele... como a da minha mão.

Eu olhei de volta para a minha cicatriz pequena, solitária - e me lembrei de como eu a recebí. Eu olhei para a forma dos dentes de James, embossada pra sempre na minha pele.

E aí eu sufoquei, olhando pra ele. - Jasper, o que *aconteceu* com você?

13. RECÉM-NASCIDO

- A mesma coisa que aconteceu na sua mão - Jasper respondeu numa voz baixa. - Repetido mil vezes. - Ele sorriu um pouco amargamente e esfregou seu braço. - O nosso veneno é a única coisa que deixa cicatriz.

- *Porque?* - eu respirei horrorizada, me sentindo rude mas me sentindo incapaz de desviar os olhos da sua pele subitamente castigada.

- Eu não tive a mesma... criação que os meus irmãos adotivos aqui. O meu começo foi uma coisa inteiramente diferente. - A voz dele estava dura quando ele terminou.

Eu abri uma brecha pra ele, intimidada.

- Antes que eu te conte a minha história - Jasper disse. - Você precisa entender que existem lugares no *nosso* mundo, Bella, onde o tempo de vida daqueles que não envelhecem é medida em semanas, e não em séculos.

Os outros já tinham ouvido isso antes. Carlisle e Emmett viraram sua atenção para a TV de novo. Alice havia se movido um pouco pra se sentar aos pés de Esme. Mas Edward estava tão absolvido quando eu; eu podia sentir os olhos dele no meu rosto, lendo cada mudança de emoção.

- Pra entender realmente o porque, você tem que olhar pro mundo por uma perspectiva diferente. Você tem que imaginar o jeito como ele parece para os poderosos, os gananciosos... os perpetuamente sedentos. Entenda, existem lugares no mundo que são mais desejáveis pra nós do que outros. Lugares onde nós podemos ter menos restrições, e ainda evitar a detecção. Imagine, por exemplo, um mapa do hemifério oeste. Imagine cada vida humana como um pequeno ponto vermelho. Quanto mais vermelho, mas facilmente nós, bem, aqueles que vivem desse jeito, podem se alimentar sem atrair atenção.

Eu estremeci com a imagem na minha cabeça, com a palavra *alimentar*. Mas Jasper não estava preocupado em me assustar, ele não era super protetor como Edward era. Ele continuou sem uma pausa.

- Não que os grupos ao sul liguem muito se os humanos vão notar ou não. São os Volturi que mantêm um olho nisso. Eles são os únicos que os grupos do sul temem. Se não fossem os Volturi, o resto de nós seria rapidamente exposto.

Eu fiz uma careta pelo jeito que ele pronunciou o nome - com respeito, quase gratidão. A idéia dos Volturi como os mocinhos de qualquer maneira era difícil de aceitar.

- O Norte é, em comparação, muito civilizado. A maioria de nós daqui são nômades que gostam do dia tanto quanto da noite, que permitem que os humanos interajam conosco sem levantar suspeitas, anonimato é muito importante pra todos nós. É um mundo diferente no Sul. Os imortais de lá só saem à noite. Eles passam o dia planejando seu próximo passo, antecipando seu inimigo. Como houve guerra no Sul, guerra constante por séculos, sem nenhum momento de trégua. Os grupos de lá mal reparam na existência dos humanos, a não ser como soldados que notam um rebanho de vacas no lado de uma pista, comida pra pegar. Eles só se escondem do conhecimento do rebanho por causa do Volturi.

- Mas pelo quê eles estão lutando? - eu perguntei.

Jasper sorriu. - Lembra do mapa com os pontos vermelhos?

Ele esperou, então eu balancei a cabeça.

- Eles lutam pelo controle do maior número de pontos vermelhos. Veja, se ocorresse que uma pessoa, se ele fosse o único vampiro, digamos no Novo México, então, ele poderia se alimentar toda noite, duas vezes, três vezes, e ninguém nunca repararia. Ele planeja as formas certas pra se livrar da competição. Outros tiveram a mesma idéia. Alguns apareceram com táticas mais efetivas do que outros. Mas a tática *mais* efetiva foi inventada por um vampiro bastante jovem chamado Benito. Da primeira vez que qualquer um ouviu falar nele, ele tinha vindo de algum lugar à norte de Dallas e massacrou dois grupos pequenos que dividiam uma área perto de Houston. Duas noites depois, ele pegou um clã muito mais forte de aliados que controlava Monterrey no norte no México. De novo, ele venceu.

- Como foi que ele venceu? - eu perguntei com curiosidade cautelosa.

- Benito havia criado um exército de vampiros recém nascidos. Ele foi o primeiro a pensar nisso, e, no começo, ele era impossível de parar. Vampiros jovens são muito voláteis, selvagens, e quase impossíveis de controlar. É possível ser razoável com um recém-nascido, ensiná-lo a se controlar, mas dez, quinze juntos são um pesadelo. Eles vão se virar um contra o outro com tanta facilidade como se fosse um inimigo para o qual você aponta. Benito teve que ficar fazendo mais à medida que eles se destruíam, e os grupos que ele derrotava matavam metade de sua força antes de perderem a luta. Veja, apesar dos recém-nascidos serem perigosos, eles ainda são possíveis de derrotar se você souber o que está fazendo. Eles são incrivelmente poderosos fisicamente, pelo primeiro ano ou coisa assim, e se eles forem permitidos a usar a força pra aguentar, eles podem derrotar um vampiro mais velho com facilidade. Mas eles são escravos de seus instintos, e por isso são previsíveis. Geralmente, eles não tem nenhuma habilidade com luta, apenas musculos e ferocidade. E nesse caso, maior número. Os vampiros ao Sul do México se deram conta do que estava vindo pra eles, e fizeram a única coisa que podiam pra enfrentar Benito. Eles mesmos fizeram exércitos... E o inferno correu solto, e eu estou falando da forma mais literal que você possa imaginar. Nós imortais temos as nossas histórias também, e essa guerra em particular nunca será esquecida. É claro, também não era uma época muito boa pra se ser humano no México.

Eu estremecei.

- Quando a contagem dos corpos tomou proporções epidêmicas, de fato, as suas histórias culpam as doenças pela baixa na população, os Volturi finalmente interviram. A guarda inteira veio junta e acabou com todos os recém-nascidos na metade de cima da América do Norte. Benito estava escondido em Puebla, construindo seu exército o mais rápido que podia pra poder tomar o seu prêmio, a Cidade do México. Os Volturi começaram com ele, e depois passaram pro resto. Qualquer um que fossem encontrado com vampiros recém-nascidos era executados imediatamente, e, já que todos estavam tentando se proteger de Benito, México ficou esvaziada de vampiros por algum tempo. Os Volturi ficaram limpando a casa por quase um ano. Esse é outro capítulo da nossa história que será sempre lembrado, apesar de que houveram poucas testemunhas restantes pra falar de como foi. Eu falei com uma pessoa que uma vez tinha, à distância, observado o que aconteceu quando eles visitaram Culiacán.

Jasper estremeceu. Eu me dei conta de que eu nunca havia visto ele com medo ou aterrorizado antes. Essa era a primeira vez.

- Isso foi o suficiente pra que a febre de conquista não se espalhasse pelo Sul. O resto do mundo ficou são. Nos devemos aos Volturi pelo nosso estilo de vida atual. Mas quando os Volturi voltaram para a Itália, os sobreviventes foram rápidos pra apostar em suas posses ao Sul. Não demorou muito tempo pra que os grupos comessem a disputar novamente. Havia muito sangue ruim, se você perdoa a expressão. Vinganças por todo lado. A idéia dos recém-nascidos já estava lá, e alguns não foram capazes de resistir. Porém, os Volturi ainda não haviam sido esquecidos, e os grupos do sul foram mais cuidadosos dessa vez. Os recém-nascidos eram escolhidos entre os humanos com mais cuidado, e eram mais treinados. Eles eram usados circunspectamente, e os humanos continuaram, em grande parte, sem saber de nada. Os criadores deles não deram aos Volturi nenhum motivo pra voltar. As guerras foram reassumidas, mas em uma escala menor. De vez em quando, se alguém ia muito longe, especulações começavam a aparecer nos jornais dos humanos, e os Volturi voltavam pra limpar a cidade. Mas eles deixavam os outros, os mais cuidadosos, continuarem...

Jasper estava olhando para o espaço.

- Foi assim que você foi transformado. - A minha realização foi um sussurro.

- Sim - ele concordou. - Quando eu era humano, eu vivi em Houston, Texas. Eu estava quase com dezessete anos quando eu me juntei ao Exército Confederado em 1861. Eu menti pra os recrutadores e disse que tinha vinte anos. Eu era alto o suficiente pra escapar com a mentira. A minha carreira militar foi curta, mas muito promissora. As pessoas sempre... gostaram de mim, escutaram o que eu tinha a dizer. O meu pai dizia que era carisma. É claro, agora eu sei que provavelmente era algo mais. Mas, qualquer que fosse a razão, eu fui rapidamente promovido

entre as patentes, acima de homens mais velhos, mais experientes. O Exército Confederado era novo e estava começando a se organizar, então, isso também promoveu oportunidades. Na primeira batalha em Galveston, bem, foi mais um desfarce, na verdade, eu era o Major mais novo do Texas, sem que sequer soubessem minha verdadeira idade. Eu fiquei com a responsabilidade de evacuar as mulheres e as crianças da cidade quando os barcos do morteiro Union atracaram no porto. Eu levei um dia pra prepará-los, e então eu partí com o primeiro grupo de civis pra carregá-los até Houston. Eu me lembro daquela noite muito claramente. Nós chegamos à cidade quando já estava escuro. Eu só fiquei por tempo suficiente pra ter certeza se o grupo inteiro estava seguramente situado. Assim que isso foi feito, eu peguei um cavalo novo pra mim, e voltei pra Galveston. Não havia tempo pra descansar. A apenas um metro fora da cidade, eu encontrei três mulheres a pé. Eu pensei que elas estavam perdidas e desmontei imediatamente pra oferecê-las meu auxílio. Mas, quando eu conseguí ver o rosto delas na luz difusa da lua, eu fiquei silenciosamente fascinado. Elas eram, sem dúvida, as três mulheres mais bonitas que eu já havia visto. Elas tinham uma pele tão pálida, que eu me lembro de ficar maravilhado. Mesmo a garota pequena de cabelos pretos, de quem as feições eram claramente mexicanas, pareciam porcelana à luz da lua. Elas pareciam jovens, todas elas, ainda jovens o suficiente pra serem chamadas de garotas. Eu sabia que elas não eram membros perdidos do nosso grupo. Eu teria me lembrado de vez aquelas três. 'Ele está sem voz' disse a garota mais alta com uma voz adorável, delicada, era como uma brisa de vento. Ela tinha bastante cabelo, e a pele dela era branca como neve. A outra era mais loira e mesmo assim, sua pele era igualmente branca. O rosto dela era como o de um anjo. Ela inclinou na minha direção com os olhos meio fechados e inalou profundamente. 'Mmm' ela suspirou. 'Adorável'. A menor, uma morena pequena, colocou a mão no braço da outra e falou rapidamente. A voz dela estava muito suave e musical pra ser ríspida, mas isso parecia ser o que ela pretendia. 'Se concentre, Nettie', ela disse. Eu sempre tive uma boa sensação de como as pessoas se relacionam umas com as outras, e ficou claro imediatamente que a morena estava no comando das outras. Se elas fossem militares, eu diria que ela se sobressaía às outras. 'Ele parece ser certo, jovem, forte, um oficial...' a morena pausou, e eu tentei falar sem sucesso. 'E tem mais alguma coisa... vocês estão sentindo?' ela perguntou às outras duas. 'Ele é... coagente'. 'Oh, sim' Nettie concordou rapidamente, se inclinando na minha direção de novo. 'Paciência', a morena avisou ela. 'Eu quero ficar com esse'. Nettie fez uma careta, ela pareceu aborrecida. 'É melhor você fazer isso, Maria', a loira mais alta falou de novo. 'Se ele é importante pra você. Eu os mato duas vezes mais do que os criou'. 'Sim, eu vou fazer isso', Maria concordou. 'Eu realmente gosto desse. Leve Nettie pra longe, tá? Eu não quero ter que proteger as minhas costas enquanto estou tentando me concentrar'. O meu cabelo estava arrepiando na minha nuca, apesar não se eu não entender o significado de nada do que aquelas lindas criaturas estavam falando. Os meus instintos me diziam que eu estava em perigo, que aquele anjo estava falando sério quando falou em matar, mas meu julgamento dominou os meus instintos. Eu nunca fui ensinado a temer mulheres, e sim a protegê-las. 'Vamos caçar', Nettie concordou entusiasticamente, pegando a mão da garota alta. Elas foram embora, elas eram tão graciosas! e saíram em direção à cidade. Elas pareciam prestes a levantar vôo, de tão rápidas que eram, seus vestidos brancos esvoaçavam atrás delas como se fossem asas. Eu pisquei pasmificado, e elas foram embora. Eu me virei pra encarar Maria, que estava me olhando com curiosidade. Eu nunca havia sido supersticioso em minha vida. Até aquele segundo, eu nunca havia acreditado em fantasmas e nessas bobagens. De repente, eu não tinha certeza. 'Qual é o seu nome, soldado?' Maria me perguntou. 'Major Jasper Withlock, madame', eu gaguejei, incapaz de ser mal educado com a mulher, mesmo se ela fosse um fantasma. 'Eu realmente espero que você sobreviva, Jasper'. Ela disse com uma voz gentil. 'Eu tenho um bom sentimento sobre você.' Ela deu um passo mais pra perto, e inclinou a cabeça como se ela fosse me beijar. Eu fiquei congelado no lugar, apesar dos meus instintos estarem gritando pra que eu corresse.

Jasper pausou, seu rosto estava pensativo. - Alguns dias depois - ele finalmente disse, e eu não pude ter certeza se ele havia editado a história pro meu bem ou porque ele estava respondendo à tensão que até eu podia sentir exalando de Edward. - Eu fui apresentado à minha

nova vida. Os nomes delas eram Maria, Nettie, e Lucy. Elas não estavam juntas há muito tempo, Maria havia encontrado as outras duas, todas as três eram sobreviventes de batalhas recentemente perdidas. A parceria delas era de conveniência. Maria queria vingança, e ela queria seus territórios de volta. As outras duas estavam ansiosas pra aumentar suas... terras de rebanho, eu acho que você pode dizer. Elas estavam criando um outro exército, e iam ser mais cuidadosas com isso do que o normal. Foi idéia de Maria. Ela queria um exército superior, então ela escolhia humanos específicos que tivessem potencial. Aí ela nos deu muito mais atenção, muito mais treinamento do que outra pessoa tinha se incomodado em fazer. Ela nos ensinou a lutar, e nos ensinou a ser invisíveis para os humanos. Quando nós fazíamos direito, nós éramos recompensados...

Ele parou, editando de novo.

- No entanto, ela estava com pressa. Maria sabia que a força massiva dos recém-nascidos ia diminuindo no período de um ano, e ela queria agir enquanto éramos fortes. Haviam seis de nós quando eu me juntei ao bando de Maria. Ela fez mais quatro no período de uma noite. Nós éramos todos homens, Maria queria soldados, e isso fez com que fosse um pouco mais difícil não brigarmos entre nós mesmos. Eu lutei minhas primeiras batalhas contra os meus próprios camaradas no exército. Eu era mais rápido que os outros, melhor no combate. Maria estava satisfeita comigo, apesar de ter que continuar repondo aqueles que eu destruí. Eu era recompensado com frequência, e isso me deixava mais forte. Maria era uma boa juíza de caráter. Ela decidiu me colocar no comando dos outros, como se eu estivesse sendo promovido. Isso servia perfeitamente com a minha natureza. As brigas diminuíram dramaticamente, e o nosso número aumentou até que éramos cerca de vinte. Esse era um número considerável levando em consideração os tempos cuidadosos em que vivíamos. A minha habilidade, ainda que indefinida, de controlar a atmosfera emocional ao meu redor era vitalmente efetiva. Em breve nós começamos a trabalhar juntos de uma forma que os vampiros recém-nascidos jamais haviam cooperado antes. Até Maria, Nettie, e Lucy eram capazes de trabalhar juntas com mais facilidade. Maria ficou muito apegada a mim, ela começou a depender de mim. E, de algumas formas, eu adorava o chão em que ela pisava. Eu não fazia idéia de que outra vida era possível. Maria nos disse que esse era o jeito como as coisas eram, e nós acreditamos. Ela pediu que eu dissesse a ela quando os meus irmãos e ela estivessemos prontos pra lutar, e eu estava ansioso pra me provar. Eu havia juntado um exército de vinte e três no final, vinte e três vampiros incredivelmente fortes, organizados e habilidosos como nenhum outro antes. Maria estava estasiada. Nós nos movemos em direção à Monterrey, sua antiga casa, e ela no soltou em cima de seus inimigos. Naquela hora eles só tinham nove recém-nascidos, e um par de vampiros mais velhos controlando eles. Nós os derrotamos mais facilmente do que Maria podia acreditar, perdendo apenas quatro no processo. Eu estava na ponta da margem de vitória. E nós éramos todos bem treinados. Nós fizemos isso sem atrair atenção. Naquele primeiro ano, ela estendeu seu controle pra controlar a maior parte do Texas e do norte do México. Então os outros vieram do Sul pra enfrentar ela.

Ele passou dois dedos nas fracas marcas das cicatrizes no braço dele.

- A luta foi intensa. Muitos começaram a se preocupar que os Volturi fossem voltar. Dos vinte e três originais, eu fui o único a sobreviver nos primeiros oito meses. Nós tanto perdemos quanto vencemos. Eventualmente Nettie e Lucy se viraram contra Maria - mas essa nós vencemos. Maria e eu fomos capazes de segurar Monterrey. As coisas se acalmaram um pouco, apesar das guerras continuarem. A idéia de conquista estava morrendo; agora a maioria era por vingança e por terras. Muitos deles haviam perdido seus parceiros, e isso é uma coisa que a nossa espécie não perdoa. Maria e eu sempre mantínhamos cerca de doze recém-nascidos prontos. Eles significavam pouco pra nós, eles eram moeda de troca, eram descartáveis. Quando eles não eram mais úteis, nós mesmos nos livrávamos deles. A minha vida continuou o mesmo padrão violento e o ano se passou. Eu já estava de saco cheio de tudo muito antes das coisas mudarem... Décadas depois, eu desenvolvi uma amizade com um recém-nascido que continuou sendo útil e sobreviveu aos seus três primeiros anos, apesar das chances. O nome dele era Peter. Eu gostava de Peter; ele era... civilizado, eu acho que essa é a palavra correta. Ele não gostava de lutar, apesar de ser bom

nisso. Ele foi encarregado de lidar com os recém-nascidos, ser babá deles, pode-se dizer. Era um trabalho de tempo integral. E aí era hora de fazer uma limpeza de novo. Os recém-nascidos iam perdendo a força; eles precisavam ser repostos. Era pra Peter me ajudar com isso. Nós cuidávamos deles individualmente, entende, um por um... Era sempre uma noite muito longa. Dessa vez, ele tentou me convencer de que alguns tinham potencial, mas Maria havia me dado instruções pra me livrar deles. Eu disse não a ele. Nós estávamos quase na metade, e eu podia sentir que isso estava exigindo uma grande carga de Peter. Eu estava decidindo se eu devia ou não mandá-lo embora e acabar com tudo sozinho enquanto eu chamava a próxima vítima. Pra minha surpresa, ele ficou com raiva de repente, furioso. Eu suportei o que quer que fosse que o humor dele queria dizer, ele era um bom lutador, mas não era páreo pra mim. O recém-nascido que eu havia chamado era uma fêmea, que havia acabado de completar um ano. O nome dela era Charlotte. Os sentimentos dele mudaram quando ela apareceu; eles o traíram. Ele gritou pra que ela corresse, e ele mesmo correu atrás dela. Eu podia ter perseguido eles, mas não persegui. Eu sentí... aversão a destruí-lo. Maria ficou irritada comigo por isso. Cinco anos depois, Peter voltou pra me ver. Ele escolheu um bom dia pra aparecer. Ela estava confusa com o meu humor já deteriorado. Ela nunca sentia uma depressão momentânea, e eu me perguntei porque eu era diferente. Eu comecei a notar a diferença nas emoções dela quando ela estava perto de mim - as vezes ela ficava com medo... e com malícia. Eu estava me preparando pra destruir a minha única aliada, a semente da minha existência, quando Peter retornou. Peter me contou sobre sua nova vida com Charlotte, me contou sobre opções que eu nunca sonhei que tivesse. Em cinco anos, eles nunca tiveram uma briga, apesar deles haverem conhecido muitos outros no norte. Outros que podiam co-existir sem viverem em um caos constante. Em uma conversa, ele convenceu. Eu estava pronto pra ir embora, e um pouco aliviado por não ter que matar Maria. Eu fui companheiro dela por tantos anos quantos Carlisle e Edward estiveram juntos, e mesmo assim, o laço entre nós nem de perto era tão forte quanto o deles. Quando você vive para a luta, para o sangue, os relacionamentos que você forma são tenazes e facilmente quebrados. Eu fui embora sem olhar pra trás. Eu viajei com Peter e Charlotte por alguns anos, tento uma sensação desse mundo novo, mas pacífico. Mas a depressão não foi embora. Eu não entendia o que havia de errado comigo, até que Peter começou a reparar que eu sempre ficava pior depois de caçar. Eu pensei nisso. Em tantos anos de matança e carnagem, eu havia perdido praticamente toda a minha humanidade. Eu era inegavelmente um pesadelo, um monstro do tipo mais odiável. Toda vez que eu encontrava outra vítima humana, eu sentia uma leve pontada de semelhança com aquela outra vida. Observando os olhos delas se abrirem impressionados com a minha beleza, eu me lembrava de Maria e as outras em minha cabeça, o que elas haviam parecido pra mim na última noite em que eu fui Jasper Withlock. Era mais forte pra mim, essa memória emprestada, do que era para os outros, porque eu podia *sentir* tudo o que a minha presa estava sentindo. E eu vivia as emoções deles enquanto os estava matando. Você já experimentou a forma como eu consigo manipular as emoções ao meu redor, Bella, mas eu me pergunto se você se já imaginou o quanto as emoções de uma sala *me* afetam. Eu vivo todos os dias em uma variação de emoções. Pelo primeiro século de minha vida, eu vivi num mundo de vingança sanguenta. Ódio era o meu companheiro constante. Isso se acalmou um pouco quando eu deixei Maria, mas eu ainda sentia o horror e o medo da minha presa. Isso começou a ser demais. A depressão ficou pior, e eu me afastei de Peter e Charlotte. Mesmo civilizados como eles eram, eles não sentiam a mesma aversão que eu começava a sentir. Eles só queriam paz das lutas. Eu estava cansado de matar, matar qualquer um, até meros humanos. E mesmo assim eu tinha que continuar matando. Que escolha eu tinha? Eu tentei matar com menos frequência, mas aí eu ficava com muita sede e desistia. Depois de um século de gratificação instantânea, eu achava a auto-disciplina... desafiadora. Eu ainda não havia aperfeiçoado isso.

Jasper estava perdido na história, assim como eu. Eu fiquei surpresa quando sua expressão desolada se suavizou em um sorriso pacífico.

- Eu estava na Filadélfia. Houve uma tempestade, e eu havia saído durante o dia, coisa com a qual eu ainda não estava completamente confortável. Eu sabia que ficar de pé na chuva ia

chamar a atenção, então eu entrei numa lanchonete meio vazia. Os meus olhos estavam escuros o suficiente pra ninguém reparar neles, apesar disso significar que eu estava com sede, e isso me preocupou um pouco. Ela estava lá, me esperando, naturalmente. - Ele gargalhou uma vez. - Ela pulou do banco alto no balcão assim que eu entrei e veio andando diretamente em minha direção. Isso me chocou. Eu não tinha certeza se ela queria atacar. Essa é a única interpretação de comportamento dela que o meu passado tem a oferecer. Mas ela estava sorrindo. E as emoções que emanavam dela eram uma coisa que eu nunca havia sentido antes. 'Você me deixou esperando por muito tempo', ela disse.

Eu não tinha me dado conta de que Alice tinha vindo ficar de pé atrás de mim novamente.

- E você abaixou a cabeça, como um bom cavalheiro do Sul, e disse 'Eu lamento, madame' - Alice riu com a memória.

Jasper sorriu pra ela. - Você levantou a mão, e eu a peguei sem me dar conta do que estava fazendo. Pela primeira vez em um século, eu sentí esperança.

Jasper pegou as mãos de Alice enquanto falava.

Alice deu um sorriso largo. - Eu estava aliviada. Eu pensei que você não fosse aparecer nunca.

Eles sorriram um pro outro por algum tempo, e aí Jasper olhou de volta pra mim, ainda com a expressão suave.

- Alice me disse que tinha visto sobre Carlisle e a família dele. Eu mal podia acreditar que uma experiência assim fosse possível. Mas Alice me fez otimista. Então nós fomos encontrá-los.

- E matar eles de susto também - Edward disse, revirando os olhos pra Jasper antes de se virar pra mim e explicar. - Emmett e eu estávamos fora caçando. Jasper aparece, coberto de marcas de batalhas, acompanhando essa estranha pequena - ele cutucou Alice de brincadeira - que se refere a todo mundo pelo nome, sabe tudo sobre eles, e quer saber em que quarto ela vai ficar.

Alice e Jasper riram em harmonia, soprano e baixo.

- Quando eu voltei pra casa, todas as minhas coisas estavam na garagem - Edward continuou.

Alice levantou os ombros. - O seu quarto tinha a melhor vista.

Agora todos eles riram juntos.

- Essa é uma história legal - eu disse.

Três pares de olhos questionaram a minha sanidade.

- Eu estou falando da última parte - eu me defendí. - O final feliz com Alice.

- Alice fez toda a diferença - Jasper concordou. - Esse é um clima que eu gosto.

Mas a pausa momentânea no estresse não podia durar muito.

- Um exército - Alice disse. - Porque você não me contou?

Os outros estavam atentos de novo, os olhos deles presos no rosto de Jasper.

- Eu pensei que pudesse estar interpretando os sinais incorretamente. Porque, qual é o motivo? Porque alguém criaria um exército em Seattle? Não existe história lá, nada de vinganças. Uma disputa por um lugar de destaque também não faz sentido. Os nômades passam por lá, mas não há ninguém pra lutar por isso. Não há ninguém pra defender isso.

- Mas eu já ví isso antes, e não existe outra explicação. Há um exército de vampiros recém-nascidos em Seattle. Pouco menos de vinte, eu acho. A parte difícil é que eles estão completamente destreinados.

- Quem quer que os tenha criado deixou eles soltos. Isso só vai piorar, e não vai demorar muito até os Volturi intervirem. Na verdade, eu estou surpreso por estar demorando tanto.

- O que podemos fazer? - Carlisle perguntou.

- Se nós queremos evitar o envolvimento dos Volturi, nós vamos ter que destruir os recém-nascidos, e nós vamos ter que fazer isso em breve. - O rosto de Jasper estava duro. Agora que eu conhecia a história dele, eu podia entender o quanto essa avaliação perturbava ele. - Eu posso ensinar vocês agora. Não vai ser fácil na cidade. Os jovens não estão preocupados em manter

segredo, mas nós temos que estar. Isso vai nos deixar limitados de formas que eles não estão. Talvez possamos atraí-los.

- Talvez nós não tenhamos que fazer isso - a voz de Edward estava vazia. - Já ocorreu a alguém que o único motivo pra se montar um exército nessa área... somos nós?

Os olhos de Jasper estreitaram, os de Carlisle se abriram, chocados.

- A família de Tânia também está por perto - Esme disse, sem querer aceitar as palavras de Edward.

- Os recém-nascidos não iam querer tomar um Acoradouro, Esme. Eu acho que devemos considerar a idéia de que *nós* somos os alvos.

- Eles não estão vindo atrás de nós - Alice insistiu, e depois pausou. - Oh... eles não *sabem* que estão. Ainda não.

- O que é isso? - Edward perguntou, curioso e tenso. - O que é isso que você está lembrando?

- Vestígios - Alice disse. - Eu não consigo ver uma imagem clara quando eu tento ver o que está acontecendo, nada concreto. Mas eu estou tendo esse flashes estranhos. Não é o suficiente pra entender o sentido deles. É como se alguém ficasse mudando de idéia, movendo de um curso de ação pra outro tão rapidamente que eu nem consigo ter uma boa imagem...

- Indecisão? - Jasper perguntou sem acreditar.

- Eu não sei...

- Não é indecisão - Edward rosnou. - *Conhecimento*. Alguém sabe que você não consegue ter uma visão até que uma decisão seja tomada. Alguém está se escondendo de nós. Brincando com os buracos das suas visões.

- Quem saberia disso? - Alice suspirou.

Os olhos de Edward estavam duros como gelo. - Aro sabe tanto sobre você quanto você própria.

- Mas eu teria visto se eles decidissem vir...

- A não ser que ele não quisesse sujar as mãos.

- Um favor - Rosalie sugeriu, falando pela primeira vez. - Alguém do Sul... alguém que já tenha tido problemas com as regras. Alguém já devia ter sido destruído e a quem uma segunda chance foi oferecida, se eles cuidarem desse pequeno probleminha... isso explicaria a resposta lenta dos Volturi.

- Porque? - Carlisle perguntou, ainda chocado. - Não há motivo pra os Volturi...

- Há sim - Edward discordou rapidamente. - Eu estou surpreso por isso ter vindo tão cedo, porque os outros pensamentos eram mais fortes. Na cabeça de Aro, ele me via em um dos seus lados e Alice no outro. O presente e o futuro, como se fossem um só. O poder da idéia intoxicou ele. Eu teria imaginado que ele levaria muito mais tempo pra desistir daquele plano, ele o queria demais. Mas aí havia o pensamento em você, Carlisle, na nossa família, crescendo e ficando mais forte. A inveja e o medo: você tendo... não *mais* do que o que ele tinha, mas ainda assim, coisas que ele queria. Ele tentou não pensar nisso, mas não conseguiu esconder completamente. A idéia de eliminar a competição já estava lá; além da deles, o nosso grupo é o maior que eles já encontraram...

Eu olhei horrorizada para o rosto dele. Ele não havia me contado nada disso, mas eu acho que sabia o porque. Eu podia ver isso na minha cabeça agora, o sonho de Aro. Edward e Alice em robes pretos, esvoaçantes, andando ao lado de Aro, seus olhos frios e vermelhos cor de sangue...

Carlisle interrompeu o meu pesadelo da vida real. - Eles estão comprometidos demais com sua missão. Eles jamais quebrariam as regras. Isso vai contra tudo o que eles trabalharam.

- Eles vão limpar tudo depois. Uma traição dupla - Edward disse com uma voz mal humorada. - Nenhum prejuízo.

Jasper se inclinou pra frente, balançando a cabeça.

- Não, Carlisle está certo. Os Volturi não quebram as regras. Além do mais, é muito descuidado. Essa pessoa... essa ameaça, eles não tinham idéia do que estavam fazendo. É um

iniciante, eu posso jurar. Eu não posso acreditar que os Volturi estejam envolvidos. Mas eles vão estar.

Eles encararam uns aos outros, congelados pelo estresse.

- *Vamos lá* - Emmett quase rugiu. - O que estamos esperando?

Carlisle e Edward trocaram um longo olhar. Edward balançou a cabeça.

- Nós vamos precisar que você nos ensine, Jasper - Carlisle disse finalmente. - Como destruí-los - a mandíbula de Carlisle estava dura, mas eu podia ver a dor nos olhos dele enquanto ele dizia as palavras. Ninguém odiava violência mais que Carlisle. Havia alguma coisa me incomodando, mas eu não conseguia identificar. Eu estava entorpecida, aterrorizada, mortalmente assustada. E mesmo assim, por baixo disso, eu podia sentir que estava esquecendo algo importante. Alguma coisa que fizesse sentido nesse caos. Que o explicaria.

- Nós vamos precisar de ajuda - Jasper disse. - Você acha que Tânia e sua família estão a fim...? Outros cinco vampiros maduros fariam uma enorme diferença. E Kate e Eleazar seriam enormemente vantajosos para o nosso lado. Seria quase fácil, com a ajuda deles.

- Eu vou perguntar - Carlisle disse.

Jasper levantou um celular. - Precisamos nos apressar.

Eu nunca ví a calma inata de Carlisle tão abalada. Ele pegou o telefone, e caminhou na direção das janelas. Ele discou um número, segurou o telefone em seu ouvido, e apoiou a outra mão no vidro. Ele olhou para a névoa da manhã com uma expressão magoada e ambivalente.

Edward pegou a minha mão e me puxou pra o sofá com ele. Eu sentei ao lado dele, olhando para o rosto dele enquanto ele olhava pra Carlisle.

A voz de Carlisle estava baixa e rápida, difícil de ouvir. Eu ouvi ele saudar Tânia, e aí ele passou a situação rápido demais pra que eu pudesse entender, apesar de eu entender que os vampiros do Alaska não eram ignorantes ao que estava acontecendo em Seattle.

Alguma coisa mudou na voz de Carlisle.

- Oh - ele disse, a voz dele estava mais ríspida com a surpresa. - Nós não havíamos nos dado conta... que Irina se sentia assim.

Edward rosou ao meu lado e fechou os olhos. - Maldição. Que Laurent seja amaldiçoado às profundezas do inferno onde ele pertence.

- Laurent - eu sussurrei, o sangue escapando do meu rosto, mas Edward não respondeu, concentrado nos pensamentos de Carlisle.

O meu curto encontro com Laurent no início da primavera não havia sido uma coisa que saiu ou ficou esquecida na minha cabeça. Eu ainda me lembrava de cada palavra que ele havia dito antes de Jacob e seu bando interromper.

Na verdade eu venho aqui como um favor pra ela.

Victoria. Laurent foi a primeira manobra que ela fez, ela o mandou pra observar, pra ver quão difícil seria me pegar. Ele não sobreviveu aos lobos pra contar a história. Apesar de ter mantido seu velho laço com Victoria depois da morte de James, ele também havia formado novos vínculos e relacionamentos. Ele foi viver com Tânia e sua família no Alaska, Tânia, a loira morango, os amigos mais próximos dos Cullen no mundo dos vampiros, praticamente uma extensão da família. Laurent esteve com eles por quase um ano antes de sua morte.

Carlisle estava falando, sua voz não estava exatamente passiva. Persuasiva, talvez, mas com um tom.

- Não há dúvida disso - Carlisle disse numa voz esternada. - Nós temos um acordo. Eles não o quebraram e nós também não iremos. Eu lamento ouvir isso... É claro. Teremos que fazer o melhor sozinhos.

Carlisle fechou o telefone sem esperar a resposta. Ele continuou a olhar para a névoa.

- Qual é o problema? - Emmett murmurou pra Edward.

- Irina esteve mais envolvida com o nosso amigo Laurent do que pensávamos. Ela está com rancor dos lobos por terem destruído ele pra salvar Bella. Ela quer - Ele pausou, olhando pra mim.

- Vá em frente - eu disse tão uniformemente quanto pude.

Os olhos dele se apertaram. - Ela quer vingança. Destruir o bando. Eles trocariam sua ajuda pela nossa permissão.

- Não! - eu ofeguei.

- Não se preocupe - ele disse com uma voz vazia. - Carlisle jamais concordaria com isso. - Ele hesitou, e depois suspirou. - E nem eu. Laurent sabia que isso aconteceria - isso era quase um rosnado - e eu ainda devo aos lobos por aquilo.

- Isso não é bom - Jasper disse. - É uma luta apertada demais. Nós teríamos uma vantagem com habilidades, mas não em número. Nós venceríamos, mas a que preço?

Os olhos dele passaram pro rosto de Alice e depois se desviaram.

Eu quis gritar alto quando eu entendí o que Jasper queria dizer.

Nós venceríamos, mas perderíamos. Alguém não ia sobreviver.

Eu olhei ao redor da sala para os rostos deles, Jasper, Alice, Emmett, Rose, Esme, Carlisle... Edward, os rostos da minha família.

14. DECLARAÇÃO

- Você não pode estar falando sério - eu disse, na quarta à tarde. - Você está completamente louca!

- Diga o que você quiser sobre mim - Alice respondeu. - A festa ainda vai acontecer.

Eu encarei ela, os meus olhos estavam tão arregalados de descrença que parecia que eles estavam prestes a cair e cair na minha bandeja do almoço.

- Oh, se acalme, Bella! Não há razão pra não continuar com isso. Além do mais, os convites já foram enviados.

- Mas... o... você... eu... louca! - eu estalei.

- Você já comprou o meu presente - ela me lembrou. - Você não precisa fazer nada além de aparecer.

Eu fiz uma esforço pra me acalmar. - Com tudo o que está acontecendo, uma festa dificilmente é apropriada.

- A formatura é o que está acontecendo, e uma festa é tão apropriada que é quase passé.

- Alice!

Ela suspirou, e tentou ficar séria. - Existem algumas coisas que precisamos pôr em ordem agora, e isso vai levar algum tempo. Enquanto estivermos aqui sentados esperando, nós podemos muito bem comemorar as coisas boas. Você só vai se formar do colegial, pela primeira vez, uma vez. Você não vai ser humana de novo, Bella. Essa é uma chance única na vida.

Edward, que estava em silêncio durante a nossa discussão, deu um olhar de aviso pra ela. Ela mostrou a língua pra ele. Ela estava certa - a voz suave dela nunca ia se sobrepôr à tagarelice do refeitório. E em qualquer caso, ninguém ia entender mesmo o significado das palavras dela.

- Que poucas coisas nós precisamos pôr em ordem? - eu perguntei, me recusando a ser passada pra trás.

Edward respondeu com uma voz baixa. - Jasper acha que poderíamos usar um pouco de ajuda. A família de Tânia não é a única opção que temos. Carlisle está tentando encontrar alguns velhos amigos, e Jasper está procurando por Peter e Charlotte. Ele está considerando falar com Maria...

Alice estremeceu delicadamente.

- Não deve ser tão difícil convencê-los a ajudar - ele disse. - Ninguém quer uma visita da Itália.

- Mas esse amigos, eles não vão ser... *vegetarianos*, certo? - eu protestei, usando o apelido seguro que os Cullen davam a si mesmos.

- Não - Edward respondeu, repentinamente sem expressão.

- Aqui? Em Forks?

- Eles são amigos - Alice me assegurou. - Tudo vai ficar bem. Não se preocupe. E depois, Jasper terá que nos dar alguns cursos sobre eliminação de recém-nascidos...

Os olhos de Edward brilharam com isso, e um breve sorriso apareceu no rosto dele. De repente, parecia que o meu estômago estava cheio de de pequenos pedaços de gelo.

- Quando vocês vão? - eu perguntei com uma voz fraca. Eu não conseguia aguentar isso, a idéia de que alguém podia não voltar. E se fosse Emmett, tão corajoso e irresponsável que nunca era nem minimamente cuidadoso? Ou Esme, tão doce e maternal que eu nem podia imaginá-la numa luta? Ou Alice, tão pequena, de aparência tão frágil? Ou... mas eu nem conseguia pensar no nome, considerar a possibilidade.

- Uma semana - Edward disse casualmente. - Isso deve nos dar tempo suficiente.

Os pedaços de gelo reviraram desconfortavelmente no meu estômago. De repente eu estava nauseada.

- Você está verde, Bella - Alice comentou.

Edward passou o braço ao meu redor e me puxou com força contra o lado do seu corpo. - Tudo vai ficar bem, Bella. Confie em mim.

Claro, eu pensei comigo mesma. Confie nele. Não era ele que ia ter que sentar e se perguntar se a razão da existência dele ia voltar pra casa.

E foi aí que me ocorreu. Talvez eu não tivesse que ficar sentada. Uma semana era tempo mais que suficiente pra mim.

- Você estão procurando por ajuda - eu disse lentamente.

- Sim - a cabeça de Alice pendeu pra o lado enquanto ela processava o tom da minha voz.

Eu só olhei pra ela enquanto respondia. A minha voz só era um pouco mais alta que um suspiro quando eu respondi. - *Eu* podia ajudar.

O corpo de Edward ficou rígido de repente, o braço dele me apertando demais. Ele exalou, e o som foi um assobio.

Mas foi Alice, ainda calma, quem respondeu. - Isso não seria realmente uma *ajuda*.

- Porque não? - eu discutí; eu podia ouvir a desespero na minha voz. - Oito é melhor que sete. Há mais tempo do que o suficiente.

- Não há tempo suficiente pra fazer com que você seja uma ajuda, Bella - ela discordou friamente. - Você se lembra de como Jasper descreveu os jovens? Você não seria boa em uma luta. Você não seria capaz de controlar seus instintos, e isso faria de você um alvo fácil. E aí Edward ia se machucar tentando proteger você - Ela cruzou os braços no peito, satisfeita com a sua lógica indiscutível.

E eu sabia que ela estava certa, quando ela falava desse jeito. Eu afundei na minha cadeira, a minha esperança repentina estava derrotada. Ao meu lado, Edward relaxou.

Ele sussurrou no meu ouvido. - Não porque você está com medo.

- Oh - Alice disse, e um olhar vazio passou pelo rosto dela. A expressão dela se tornou amarga. - Eu odeio cancelamentos de última hora. Então isso significa que apenas sessenta e cinco pessoas irão à festa...

- *Sessente e cinco!* - Meus olhos se arregalaram de novo. Eu não tinha tantos amigos assim. Será que eu conhecia tantas pessoas?

- Quem cancelou? - Edward imaginou, me ignorando.

- Renée.

- O quê? - eu ofeguei.

- Ela ia te fazer uma surpresa pela sua formatura, mas alguma coisa deu errado. Você vai ter uma mensagem quando chegar em casa.

Por um momento, eu me deixei aproveitar o alívio. O que quer que tenha dado errado para a minha mãe, eu estava eternamente grata. Se ela tivesse vindo a Forks *agora*... eu nem queria pensar nisso. A minha cabeça ia explodir.

A luz de mensagens estava ligada quando eu cheguei em casa. O meu sentimento de alívio cresceu de novo quando eu ouvi a minha mãe descrever o acidente de Phil no campo de bola, enquanto estava demonstrando um passe, ele se bateu com o pegador e quebrou o osso da coxa; ele estava inteiramente dependente dela, e não tinha como ela poder deixar ele. A minha mãe ainda estava se desculpando quando a mensagem caiu.

- Bom, essa é uma - eu suspirei.

- Uma o que? - Edward perguntou.

- Uma pessoa que eu não preciso me preocupar que seja assassinada essa semana.

Ele revirou os olhos.

- Porque você e Alice não levam isso a sério? - eu quis saber. - Isso é *sério*.

Ele sorriu. - Confiança.

- Maravilhoso - eu murmurei. Eu peguei o telefone e disquei o número de Renée. Eu sabia que essa seria uma longa conversa, mas eu também sabia que eu não teria que contribuir muito.

Eu só escutei, e reassurei ele todas as vezes que eu tinha a chance de falar: Eu não estava desapontada, eu não estava com raiva, eu não estava magoada. Ela podia se concentrar apenas em fazer Phil melhorar. Eu passei o meu "melhore logo" pra Phil, e prometi ligar pra ela com todos os mínimos detalhes da formatura genérica da Forks High. Finalmente, eu tive que usar a minha necessidade desesperada de estudar pra as provas finais para sair do telefone.

A paciência de Edward não tinha fim. Ele esperou educadamente durante a conversa inteira, só brincando com o meu cabelo e sorrindo toda vez que eu olhava pra cima. Provavelmente era superficial ficar reparando nessas coisas enquanto eu tinha tantas coisas importante com as quais me preocupar, mas o sorriso dele ainda me deixava sem fôlego. Ele era tão lindo que as vezes isso tornava difícil pensar em outra coisa, era difícil me concentrar nos problemas de Phil ou nas desculpas de Renée ou em exércitos de vampiros hostís. Eu era só uma humana.

Assim que eu desliguei, eu fiquei nas pontas dos pés pra dar beijar ele. Ele colocou as mãos em volta da minha cintura e me colocou no balcão da cozinha, pra que eu não tivesse que me esticar tanto. Isso funcionava pra mim. Eu travei os meus braços no pescoço dele e derretí no peito frio dele.

Cedo demais, como sempre, ele se afastou.

Eu sentí o meu rosto fazer um beicinho. Ele riu da minha expressão enquanto se destravava dos meus braços e das minhas pernas. Ele se inclinou no balcão ao meu lado e colocou um braço levemente sobre os meus ombros.

- Eu sei que você pensa que eu tenho um tipo de auto-controle perfeito, inflexível, mas na verdade esse não é o caso.

- Eu queria - eu suspirei.

E ele suspirou também.

- Amanhã depois da escola - ele disse, mudando de assunto. - Eu vou caçar com Carlisle, Esme e Rosalie. Só por algumas horas, nós vamos ficar por perto. Alice, Jasper e Emmett devem ser capazes de te manter segura.

- Ugh - eu murmurei. Amanhã era o primeiro dia das provas finais, e só tínhamos aula durante a metade do dia. Eu tinha prova de Cálculo e História - os únicos desafios na minha lista - então eu teria o dia quase o dia todo sem ele, e nada pra fazer além de me preocupar. - Eu odeio ficar com babás.

- É temporário - ele prometeu.

- Jasper vai ficar enfadado. Emmett vai fazer piada de mim.

- Eles vão estar em seu melhor comportamento.

- Certo - eu estrondei.

E foi aí que me ocorreu que eu tinha uma opção opção além das babás. - Sabe... eu não estive em La Push desde a fogueira.

Eu observei o rosto dele pra qualquer mudança de expressão. Os olhos dele se estreitaram só um pouco.

- Eu ficaria segura o suficiente lá - eu lembrei ele.

Ele pensou nisso por alguns segundos. - Provavelmente você está certa.

O rosto dele estava calmo, mas estava suave demais. Eu quase perguntei se ele preferiria que eu ficasse aqui, mas aí eu pensei nas bobagens que Emmett indubitavelmente soltaria, e eu mudei de assunto. - Você já está com sede? - eu me inclinei pra tocar as leves sombas embaixo dos olhos dele. As íris dele ainda tinham uma profunda cor dourada.

- Na verdade não - Ele pareceu relutante em responder, e isso me surpreendeu. Eu esperei por uma explicação. - Nós queremos estar tão fortes quanto for possível - ele explicou, ainda relutante. - Nós provavelmente vamos caçar de novo no caminho, procurando por animais grandes.

- Isso te deixa mais forte?

Ele procurou por alguma coisa no meu rosto, mas não havia nada pra encontrar além de curiosidade.

- Sim - ele disse finalmente. - O sangue humano nos torna mais fortes, mas apenas fracionalmente. Jasper anda pensando em burlar as regras, mesmo tendo aversão à idéia, ele é prático demais, mas ele não quer nos sugerir. Ele sabe o que Carlisle vai dizer.

- Isso não ia ajudar? - eu perguntei baixinho.

- Isso não importa. Não vamos mudar quem somos.

Eu fiz uma careta. Se alguma ajudava nas chances... e aí eu estremecei, me dando conta de que eu estava desejando que um estranho morresse pra proteger ele. Eu estava horrorizada comigo mesma, mas também não era inteiramente capaz de descartar a idéia.

Ele mudou de assunto de novo. - É por isso que eles são tão fortes, é claro. Os recém-nascidos são cheios de sangue humano, o próprio sangue deles, reagindo à mudança. Ele permanece nos tecidos e os deixa mais forte. O corpo deles vai enfraquecendo lentamente, como Jasper disse, e a força vai começando a esvaír em cerca de um ano.

- Quão forte *eu* vou ser?

Ele sorriu pra mim. - Mais forte que eu.

- Mais forte que Emmett?

O sorriso ficou maior. - Sim. Me faça o favor de desafiar ele para uma luta de braço. Seria uma boa experiência pra ele.

Eu rí. Isso soava tão ridículo.

Aí eu suspirei e descí do balcão, porque eu realmente não podia mais adiar isso. Eu tinha que estudar, e estudar muito. Por sorte, eu tinha Edward pra me ajudar, e Edward era um professor excelente, já que ele sabia absolutamente tudo. Eu me dei conta de que o meu maior problema seria me concentrar nos testes. Se eu não me cuidasse, eu ia acabar escrevendo a minha redação de História sobre a guerra dos vampiros do Sul.

Eu fiz uma pausa pra ligar pra Jake, e Edward pareceu estar tão confortável quanto estava quando eu estava no telefone com Renée. Ele brincou com o meu cabelo de novo.

Apesar de ser o meio da tarde, o meu telefonema acordou Jacob, e no início ele estava grogue. Ele se alegrou imediatamente quando eu perguntei se podia fazer um visita no dia seguinte.

A escola Quileute já estava de férias para o verão, então ele me disse pra ir o mais cedo que pudesse. Eu estava contente por ter uma opção além de ficar com babás. Havia um pouco mais de dignidade em passar o dia com Jacob.

Um pouco dessa dignidade se perdeu quando Edward insistiu de novo em me levar à linha da fronteira como se fosse um bebê mudando de custódia.

- Como você acha que se saiu nas provas? - Edward perguntou no caminho, tentando puxar conversa.

- História foi fácil, mas eu não sei sobre Cálculo. Parecia que estava fazendo um pouco de sentido, então isso provavelmente significa que eu reprovei.

Ele riu. - Eu tenho certeza que você se saiu bem. Ou, se você estiver realmente preocupada, eu podia subornar o Sr. Varne pra ele te dar um Dez.

- Er, obrigada, mas não, obrigada.

Ele riu de novo, mas parou de repente quando nós viramos na última curva e vimos o carro vermelho esperando. Ele fez uma careta de concentração, e então, enquanto parava o carro, ele suspirou.

- O que há de errado? - eu perguntei, minha mão na porta.

Ele balançou a cabeça. - Nada. - Os olhos dele estavam apertados enquanto ele olhava para o outro carro através do pára-brisa. Eu já tinha visto aquele olhar antes.

- Você está *escutando* Jacob, não está? - eu acusei.

- Não é muito fácil ignorar uma pessoa quando ela está gritando.

- Oh - eu pensei nisso por um segundo. - O que ele está gritando? - eu sussurrei.

- Eu estou absolutamente certo de que ele mesmo vai mencionar - Edward disse com um tom torto.

Provavelmente eu pudesse ter pressionado o assunto, mas aí Jacob tocou sua buzina - duas vezes impacientemente.

- Isso é falta de educação - Edward rosnou.

- Esse é Jacob - eu suspirei, e eu me apressei pra sair antes que Jacob realmente fizesse alguma coisa que levasse os dentes de Edward ao limite.

Eu acenei pra Edward antes de entrar no Rabbit e, à distância, parecia que ele realmente estava chateado com a história da buzina... ou com o que quer que Jacob estivesse pensando.

Mas os meus olhos eram fracos e cometiam erros o tempo inteiro.

Eu queria que Edward viesse comigo. Eu queria fazer com que eles dois saíssem de seus carros e balançassem suas mãos e fossem amigos - ser Edward e Jacob ao invés de *vampiro* e *lobisomem*. Era como se eu tivesse aqueles dois imãs teimosos nas minha mãos de novo, e eu estava segurando eles juntos, tentando forçar a natureza a se reverter...

Eu suspirei e entrei no carro de Jacob.

- Ei, Bells - o tom de Jake era alegre, mas a voz dele estava embargada. Eu examinei o rosto dele enquanto ele descia a estrada, dirigindo seu carro mais rápido que eu, mas mais devagar que Edward, no caminho de volta pra La Push.

Jacob parecia doente, talvez até doente. As pálpebras dele caíram e o rosto dele estava absorto. Seu cabelo cheio estava saindo em direções variadas; ele estava quase chegando no queixo dele em alguns lugares.

- Você está bem, Jake?

- Só cansado - ele conseguiu botar pra fora antes de dar um bocejo gigantesco. Quando ele terminou, ele perguntou. - O que você quer fazer hoje?

Eu olhei ele por um momento. - Vamos só ficar na sua casa por enquanto - eu sugerí. Ele não parecia estar com disposição pra fazer muito mais do que isso. - Nós podemos andar nas nossas motos mais tarde.

- Claro, claro - ele disse, bocejando de novo.

A casa de Jacob estava vazia, e isso parece estranho. Eu me dei conta de que eu pensava em Billy praticamente como uma instalação permanente de lá.

- Onde está o seu pai?

- Na casa dos Clearwater. Ele tem ido bastante lá desde que Harry morreu. Sue fica sozinha.

Jacob se sentou no sofá que não era maior do que uma poltrona e foi um pouco pro lado pra me dar mais espaço.

- Oh. Isso é legal. Pobre Sue.

- É... ela está tendo alguns problemas... - ele hesitou. - Com os filhos.

- Claro, deve ser difícil pra Seth e Leah, perder o pai...

- Uh-huh - ele concordou, perdido em pensamentos. Ele pegou o controle remoto e ficou passando os canais sem parecer prestar atenção nisso. Ele bocejou.

- O que há com você, Jake? Você parece um zumbí.

- Eu dormi umas duas horas na noite passada, e quatro horas na noite anterior - ele me disse. Ele esticou seus longos braços lentamente, e eu pude ouvir as juntas dele estalarem enquanto ele se flexionava. Ele colocou o braço em cima do encosto do sofá atrás de mim, e se encostava pra descansar a sua cabeça na parede. - Eu estou exausto.

- Porque você não está dormindo? - eu perguntei.

Ele fez uma cara. - Sam está sendo difícil. Ele não confia de verdade nos seus sugadores de sangue. Eu estive correndo em turno duplo por duas semanas e ninguém me tocou ainda, mas ele ainda assim não confia. Então eu estou sozinho por enquanto.

- Turnos duplos? Isso é porque você está tentando *me* vigiar? Jake, isso é errado! Você precisa dormir. Eu vou ficar bem.

- Não é grande coisa. - Os olhos dele ficaram mais alerta abruptamente. - Ei, você já descobriu quem estava no seu quarto? Há algo novo?

Eu ignorei a segunda pergunta. - Não, nós não descobrimos nada sobre o meu, um, visitante.

- Então eu vou ficar por perto - ele disse enquanto os olhos dele se fechavam.

- Jake... - eu comecei a choramingar.

- Ei, isso é o mínimo que eu posso fazer, eu ofereci servidão eterna. Eu sou seu escravo por uma vida.

- Eu não quero um escravo!

Os olhos dele não se abriram. - *O que você quer, Bella?*

- Eu quero o meu amigo Jacob, e eu não quero ele meio-morto, se machucando em alguma tentativa desmandada de...

Ele me cortou. - Olhe desse jeito, eu estou esperando encontrar um vampiro que eu possa matar, tudo bem?

Eu não respondi. Aí ele olhou pra mim, olhando para a minha reação.

- Brincando, Bella.

Eu encarei a TV.

- Então, algum plano especial para a semana que vem? Você vai se formar. Uau. Isso é grande. - A voz dele ficou plana, e, o rosto dele, já caído, pareceu completamente desfigurado quando ele fechou os olhos de novo, dessa vez não com exaustão, mas com negação.

Eu me dei conta de que a formatura ainda tinha uma significância horrível pra ele, apesar das minhas intenções estarem confusas agora.

- Nada de planos *especiais* - eu disse cuidadosamente, esperando que ele ouvisse a confiança nas minhas palavras sem precisar de explicações detalhadas. Eu não queria falar nisso agora. Pra começar, eu sabia que ele podia ler demais nas minhas reações. - Bem, eu vou ter que ir a uma festa de formatura. A minha. - eu fiz um som de desgosto. - Alice *adora* festas, e ela convidou a cidade inteira para uma noitada. Vai ser horrível.

Os olhos dele se abriram enquanto eu falava, e um sorriso aliviado fez o rosto dele parecer menos cansado. - Eu não fui convidado. Eu estou magoado - ele zombou.

- Considere-se convidado. Essa supostamente é a *minha* festa, então eu devia poder convidar quem eu quiser.

- Obrigado - ele disse sarcasticamente, os olhos dele se fechando mais uma vez.

- Eu queria que você pudesse vir - eu disse, sem nenhuma esperança. - Ia ser divertido. Pra mim, quer dizer.

- Claro, claro - ele murmurou. - Isso seria muito... sábio... - a voz dele parou.

Alguns segundos depois, ele estava roncando.

Pobre Jacob. Eu estudei seu rosto sonhador, e gostei do que ví. Enquanto ele dormia, todos os traços de defesa e de amargura desapareceram, e de repente ele era o garoto que havia sido o meu melhor amigo antes que toda essa bobagem de lobisomem se metesse no caminho. Ele parecia muito mais jovem. Ele parecia ser o meu Jacob.

Eu fiquei sentada no sofá pra esperar o cochilo dele, esperando que ele dormisse um pouco e compensasse um pouco pelo que ele havia perdido. Eu passei pelos canais, mas não havia muito passando. Eu escolhi um programa culinário, sabendo, enquanto eu assistia, que eu nunca havia me esforçado tanto no jantar de Charlie.

Jacob continuava a roncar, ficando mais alto. Eu aumentei a TV.

Eu estava estranhamente relaxada, quase sonolenta também.

Essa casa parecia ser mais segura que a minha própria, talvez porque ninguém nunca havia vindo me procurar aqui. Eu me curvei no sofá e pensei em tirar uma soneca também. Talvez eu até tivesse, mas os roncões de Jacob eram impossíveis de ignorar. Então, ao invés de dormir, eu deixei minha mente vagar.

As provas finais tinham acabado, e a maioria delas tinha sido uma moleza. Cálculo, a única exceção, havia ficado pra trás, tendo eu passado ou reprovado. A minha educação colegial estava acabada. E eu não sabia o que eu realmente sentia em relação a isso. Eu não conseguia olhar pra isso objetivamente, sendo que isso estava conectado com o fim da minha vida humana.

Eu me perguntei por quanto tempo Edward usaria essa desculpa de "não porque você está com medo". Eu ia ter que bater o pé uma hora dessas.

Se eu estivesse pensando com praticidade, eu saberia que faria mais sentido se Carlisle me transformasse no segundo que eu ultrapassasse a barreira da formatura. Forks estava se tornando quase tão perigosa quanto uma zona de guerra. Não, Forks *era* uma zona de guerra. Sem mencionar... essa seria uma boa desculpa pra perder a festa de formatura. Eu sorri pra mim

mesma quando pensei na mais trivial das razões para a minha mudança. Bobagem... mas ainda assim tentador.

Mas Edward estava certo - eu ainda não estava totalmente pronta.

E eu não queria ser prática. Eu queria que Edward fizesse isso. Esse não era um desejo racional. Eu tinha certeza de que - cerca de dois segundos depois que alguém tivesse me mordido e o veneno começasse a passar pelas minhas veias - eu realmente não me importaria com quem tinha feito. Então isso não fazia diferença.

Era difícil definir, até pra mim mesma, porque isso importava. Só que havia alguma coisa sobre ser ele a decidir a fazer a escolha - a querer ficar comigo o suficiente pra permitir a minha mudança, era ele quem ia agir pra me manter junto a ele. Era infantil, mas eu gostava da idéia de que os lábios *dele* seriam as últimas coisas que eu sentiria.

Mais vergonhoso ainda, uma coisa que eu jamais diria em voz alta, eu queria o veneno *dele* no meu sistema. Isso me faria pertencer a ele de maneira tangível, qualificável.

Mas eu sabia que ele ia ficar grudado nesse esquema de casamento feito cola - porque um adiamento era claramente o que ele estava procurando e até agora ele estava conseguindo. Eu tentei me imaginar dizendo aos meus pais que ia me casar nesse verão. Seria mais fácil dizer pra eles que eu ia me tornar uma vampira. Eu eu tinha certeza de que pelo menos a minha mãe - se eu contasse a ela todos os detalhes da verdade - iria se opor muito mais firmemente a me ver casando do que me tornando uma vampira. Eu fiz uma careta pra mim mesma enquanto imaginei e expressão horrorizada dela.

Então, por apenas um segundo, eu tive a mesma visão estranha de Edward e eu no balanço da varanda, vestindo roupas de um outro tipo de mundo. Um mundo onde não seria uma surpresa se eu usasse o anel dele no meu dedo. Um lugar mais simples, onde o amor era definido de formas simples. Um mais um igual a dois...

Jacob bufou e virou de lado. O braço dele escapuliu das costas do sofá e me pressionou no corpo dele.

Minha nossa, mas ele era pesado! E *quente*. Eu já estava suando depois de alguns segundos.

Eu tentei escapar do braço dele sem acordá-lo, mas eu tive que empurrá-lo um pouco, e quando o braço dele caiu de cima de mim, os olhos dele se abriram. Ele ficou de pé num pulo, olhando ao redor ansiosamente.

- O quê? O quê? - ele perguntou, desorientado.

- Sou só eu, Jake. Desculpe por ter te acordado.

Ele virou pra olhar pra mim, piscando e confuso. - Bella?

- Oi, dorminhoco.

- Oh, cara! Eu peguei no sono? Eu lamento! Por quanto tempo eu fiquei fora?

- Alguns anos luz. Eu perdi as contas.

Ele se jogou de volta no sofá ao meu lado. - Uau. Me desculpe por isso, sério.

Eu alisei o cabelo dele, tentando arrumar o emaranhado selvagem. - Não se sinta mal. Eu estou feliz por você ter dormido um pouco.

Ele bocejou e se esticou. - Eu estou inútil esses dias. Não é de se estranhar que Billy nunca está em casa. Eu sou tão chato.

- Você é legal - eu assegurei ele.

- Ugh, vamos lá pra fora. Eu preciso caminhar senão eu vou desmaiar de novo.

- Jake, volte a dormir. Eu estou bem. Eu vou ligar pra Edward pra ele vir me pegar. - Eu tateava os meus bolsos enquanto falava, e me dei conta de que eles estavam vazios. - Droga, eu vou ter que usar o seu telefone. Eu acho que devo ter deixado no carro dele. - Eu comecei a me desdobrar.

- Não! - Jacob insistiu, pegando minha mão. - Não, fique. Você mal chegou aqui. Eu não posso acreditar que perdi esse tempo todo.

Ele me puxou do sofá enquanto falava, e guiou o caminho pro lado de fora, abaixando a cabeça enquanto passava pelo arco da porta. Parecia ser Fevereiro, não Março.

O ar invernal pareceu deixar Jacob mais alerta. Ele andou pra frente e pra trás na frente da casa por um minuto, me arrastando com ele.

- Eu sou um idiota - ele murmurou pra sí mesmo
- Qual é o problema, Jake? E daí que você pegou no sono - eu levantei os ombros.
- Eu queria falar com você. Eu não consigo acreditar nisso.
- Me diga agora - eu disse.

Jacob encontrou meus olhos por um segundo, e depois desviou o olhar rapidamente na direção das árvores. Quase pareceu que ele estava ficando corado, mas era difícil dizer com a pele escura dele.

De repente eu me lembrei do que Edward me disse quando me deixou lá - que Jacob me diria o que quer que ele estivesse gritando na cabeça dele. Eu comecei a morder o meu lábio.

- Olha - Jacob disse. - Eu estava planejando fazer isso um pouco diferente. - Ele riu, e aí pareceu que ele estava rindo de sí mesmo. - Mais sutilmente - ele acrescentou. - Eu ia trabalhar nisso, mas - e ele olhou para as nuvens, mais escuras com o progresso da tarde - Eu estou sem tempo pra trabalhar.

Ele riu de novo, nervoso. Nós ainda estávamos vagando lentamente.

- Do que nós estamos falando? - eu quis saber.

Ele respirou fundo. - Eu quero te dizer uma coisa. E você já sabe o que é... mas eu acho que devia dizer isso em voz alta do mesmo jeito. Só pra que não haja confusão sobre o assunto.

Eu plantei meus pés, e ele parou. Eu afastei a minha mão e cruzei os braços no peito. De repente eu tinha certeza de que não queria saber o que quer que ele estivesse planejando.

As sobrancelhas de Jacob se uniram, jogando seus olhos fundos nas sombras. Eles eram pretos cor de piche quando ele olhou para os meus.

- Eu estou apaixonado por você, Bella - ele disse com uma voz forte, segura. - Bella, eu te amo. E eu quero que você me escolha ao invés dele. Eu sei que você não se sente assim, mas eu preciso colocar a verdade pra fora pra que você conheça as suas opções. Eu não quero que nenhum mal entendido fique no nosso caminho.

15. APOSTA

Eu encarei ele por um longo minuto, sem fala. Eu não podia pensar em uma coisa pra dizer pra ele.

Enquanto ele observava a minha expressão abobalhada, a seriedade abandonou o rosto dele.

- Tudo bem - ele disse sorrindo. - Isso é tudo.

- Jake - eu me sentí como se houvesse alguma coisa grande enfiada na minha garganta. Eu tentei limpar a obstrução. - Eu não posso, Eu quero dizer que eu não... eu tenho que ir.

Eu me virei, mas ele agarrou meus ombros e me virou.

- Não, espere. Eu *sei* disso, Bella. Mas, olha, me responda isso, tudo bem? Você quer que eu vá embora e nunca mais te veja te novo? Seja honesta.

Era difícil me concentrar na pergunta dele, então eu levei um minuto pra responder. - Não, eu não quero isso. - Eu finalmente admití.

Jacob sorriu de novo. - Entendo.

- Mas eu não te quero por perto pela mesma razão que você me quer por perto - eu me opus.

- Me diga exatamente porque você me quer por perto, então.

Eu pensei cuidadosamente. - Eu sinto sua falta quando você não está por perto. Quando você está feliz - eu qualifiquei cuidadosamente - isso me deixa feliz. Mas eu poderia dizer a mesma coisa sobre Charlie, Jacob. Você é família. Eu amo você, mas eu não estou *amando* você.

Ele balançou a cabeça, sem se abater. - Mas você me quer por perto.

- Sim - eu suspirei. Ele era impossível de desencorajar.

- Então eu vou ficar por perto.

- Você está pedindo por um castigo - eu rosnei.

- É - ele acariciou a minha bochecha direita com a ponta dos seus dedos. Eu afastei a mão dele.

- Você acha que pode se comportar um pouco melhor, pelo menos? - eu perguntei, irritada.

- Não, eu não posso. Você decide, Bella. Você pode me ter do jeito que eu sou, com mal comportamento incluído, ou não me ter.

Eu encarei ele, frustrada. - Isso é mal.

- Você também é.

Isso me pegou de surpresa, e eu dei um passo involuntário pra trás. Ele estava certo. Se eu não fosse má - e gananciosa também - eu diria a ele que não queria ser sua amiga e iria embora.

Eu não sabia o que eu estava fazendo aqui, mas de repente eu tive certeza de que isso não era bom.

- Você está certo - eu sussurrei.

Ele riu. - Eu te perdôo. Só tente não ficar com raiva demais de mim. Porque recentemente eu decidí que eu não vou desistir. Essa é a parte irresistível de uma causa perdida.

- Jacob - eu o encarei em seus olhos escuros, tentando fazer ele me levar a sério. - Eu amo ele, Jacob. Ele é a minha vida.

- Você me ama também - ele me lembrou. Ele levantou a mão quando eu comecei a protestar. - Não do mesmo jeito, eu sei. Mas ele também não é sua vida. Não mais. Talvez ele tenha sido um dia, mas ele foi embora. E agora ele vai ter que lidar com as consequências dessa escolha, eu.

Eu balancei minha cabeça. - Você é impossível.

De repente, ele estava sério de novo. Ele pegou meu queixo com as mãos, segurando firmemente pra que eu não pudesse desviar o meu olhar do seu.

- Até que o seu coração pare de bater, Bella - ele disse. - Eu vou estar aqui, lutando. Não esqueça que você tem opções.

- Eu não quero opções - eu discordei, tentando soltar meu queixo sem sucesso. - E as batidas do meu coração estão contadas, Jacob. O tempo está quase acabando.

Os olhos dele se estreitaram. - Muito mais razões pra lutar, lutar mais agora, enquanto eu posso. - ele sussurrou.

Ele ainda estava segurando o meu queixo - os dedos dele segurando com muita força, até que doeu - e de repente eu ví a resolução nos olhos dele.

- N - eu comecei a me opor, mas era tarde demais.

Os lábios dele apertaram nos meus, parando o meu protesto. Ele me beijou raivosamente, a sua outra mão apertando a minha nuca com força, tornando impossível escapar. Eu empurrei o peito dele com toda a minha força, mas ele nem pareceu reparar. A boca dele era macia, apesar da raiva, os lábios dele se moldando aos meus de uma forma cálida, desconhecida.

Eu agarrei o rosto dele, tentando afastá-lo, falhando novamente. Dessa vez, no entanto, ele pareceu reparar, e isso o deixou agravado.

Os lábios dele forçaram os meus a se abrir, e eu podia sentir a respiração quente dele na minha boca.

Agindo por instinto, eu deixei as minhas mãos caírem dos meus lados, e fiquei quieta. Eu abri os meus olhos e não lutei, não sentí... eu só esperei que ele parasse.

Funcionou. A raiva pareceu evaporar, e ele me afastou pra olhar pra mim. Ele pressionou os lábios dele levemente nos meus de novo, uma vez, duas... uma terceira vez. Eu fingí que era uma estátua e esperei.

Finalmente, ele soltou o meu rosto e se afastou.

- Você acabou agora? - eu perguntei com uma voz sem expressão.

- Sim - ele suspirou. Ele começou a sorrir, fechando os olhos.

Eu coloquei o meu braço pra trás, e o lancei pra frente, socando ele na boca com todo o poder que eu conseguí forçar a sair do meu corpo.

Houve um som de algo se partindo.

- Ow! *OW!* - eu gritei, pulando pra cima e pra baixo freneticamente com agonia enquanto apertava a minha mão no meu peito. Ela estava quebrada, eu podia sentir isso.

Jacob me encarou chocado. - Você está bem?

- Não, droga! *Você quebrou a minha mão!*

- Bella, *você* quebrou a sua mão. Agora pare de dançar e me deixe dar uma olhada nisso.

- Não me toque! Eu vou pra casa agora!

- Eu vou pegar o meu carro - ele disse calmamente. Ele nem sequer estava esfregando a mandíbula do jeito como as pessoas faziam nos filmes. Que patético.

- Não, obrigada - eu assobiei. - Eu prefiro caminhar - Eu me virei na direção da estrada. Seriam apenas alguns metros até a fronteira. Assim que eu me afastasse dele,

Alice ia me ver. Ela ia mandar alguém pra vir me buscar.

- Só me deixe te levar pra casa - Jacob insistiu. Inacreditavelmente, ele teve os nervos de passar o braço pela minha cintura.

Eu me afastei dele.

- Tá! - eu rosnei. - *Me leve!* Eu mal posso esperar pra ver o que Edward vai fazer com você. Eu espero que ele quebre o seu pescoço, seu CACHORRO idiota, obnócio, mongolóide!

Jacob revirou os olhos. Ele me acompanhou até o lado do passageiro e me ajudou a entrar.

Quando ele sentou no lugar do motorista, ele estava assobiando.

- Eu não te machuquei nem um pouquinho? - eu perguntei, furiosa e enlouquecida.

- Você está brincando? Se você não tivesse começado a gritar, eu podia nem ter descoberto que você estava tentando me dar um soco. Eu posso não ser feito de pedra, mas eu não sou tão macio assim.

- Eu te odeio, Jacob Black.

- Isso é bom. Ódio é uma emoção apaixonada.

- Eu vou te dar paixão - eu murmurei por baixo do meu fôlego. - Assassinato, o maior crime apaixonado.

- Oh, vamos - ele disse, todo alegriinho e me olhando como se estivesse prestes a começar a assobiar de novo. - Aquilo teve que ser melhor do que beijar uma pedra.

- Nem remotamente perto - eu o disse friamente.

Ele torceu os lábios. - Você pode estar dizendo isso da boca pra fora.

- Mas eu não estou.

Isso pareceu incomodar ele por um segundo, mas aí ele continuou. - Você só está com raiva. Eu não tenho experiência com esse tipo de coisa, mas eu mesmo achei que foi bem incrível.

- Ugh - eu rosnei.

- Você vai pensar nisso essa noite. Quando ele achar que você está adormecida, você vai estar pensando nas suas opções.

- Se eu pensar em você essa noite, será porque eu estou tendo um pesadelo.

Ele diminuiu a velocidade do carro, se virando pra olhar pra mim com seus olhos escuros arregalados e ansiosos. - Pense em como poderia ser, Bella - ele urgiu com uma voz suave, ansiosa. - Você não teria que mudar nada por mim. Você sabe que Charlie ficaria feliz se você me escolhesse. Eu posso te proteger tanto quanto um vampiro pode, talvez melhor. E eu te faria feliz, Bella. Há tantas coisas que eu poderia te dar que ele não pode. Eu aposto que ele nem poderia te beijar daquele jeito, porque ele iria te machucar. Eu jamais, jamais te machucaria, Bella.

Eu levantei a minha mão ferida.

Ele suspirou. - Isso não foi minha culpa. Você devia saber que não devia fazer isso.

- Jacob, eu não posso ser feliz sem ele.

- Você nunca tentou - ele discordou. - Quando ele foi embora, você gastou todas as suas energias se mantendo presa a ele. Você podia ser feliz se você esquecesse. Você podia ser feliz comigo.

- Eu não quero ser feliz com ninguém além dele - eu insistí.

- Você nunca poderá ter tanta certeza dele como tem de mim. Ele foi embora uma vez, ele pode ir de novo.

- Não, ele não vai - eu disse por entre os dentes. A dor da minha memória bateu em mim como se fosse um golpe de chicote. Isso me fez querer machucar ele de volta. - Você me deixou uma vez - eu lembrei ele com uma voz fria, pensando nas semanas que ele havia se escondido de mim, as palavras que ele havia me dito na floresta atrás da casa dele...

- Eu nunca fiz isso - ele discutiu ferventemente. - Eles me disseram que eu não podia te contar, que não era *seguro* pra você se nós ficássemos juntos. Mas eu nunca fui embora, nunca! Eu costumava correr ao redor da sua casa de noite - como eu faço agora. Só pra ter certeza de que você estava bem.

Eu não ia me deixar sentir mal por ele agora.

- Me leve pra casa. A minha mão está doendo.

Ele suspirou, e começou a dirigir num velocidade normal, observando a estrada.

- Só pense nisso, Bella.

- Não - eu disse teimosamente.

- Você vai. Essa noite. E eu vou estar pensando em você enquanto você estiver pensando em mim.

- Como eu disse, um pesadelo.

Ele sorriu maliciosamente pra mim. - Você me beijou de volta.

Eu ofeguei, prendendo as minhas mãos nos punhos de novo sem pensar, gemendo quando a minha mão quebrada reagiu.

- Você está bem? - ele perguntou.

- Eu *não correspondí*

- Eu acho que eu sei dizer a diferença.

- Obviamente você não sabe, aquilo não foi beijar de volta, aquilo foi tentar tirar você de cima de mim, seu *idiota*.

Ele riu um riso baixo, gutural. - Tocante. Quase defensivo *demais*, eu diria.

Eu respirei fundo. Não havia nenhum ponto em discutir com ele; ele ia distorcer tudo que eu dissesse. Eu me concentrei na minha mão, tentando flexionar os meus dedos, pra tentar identificar quais eram as partes quebradas.

Dores agudas atingiram minhas juntas. Eu rosnei.

- Eu realmente sinto muito pela sua mão - Jacob disse, quase soando sincero. - Da próxima vez que você quiser me bater use um bastão de baseball ou uma alavanca, ok?

- Eu não acho que eu vou esquecer disso - eu murmurei.

Eu não me dei conta de pra onde estávamos indo até que estávamos a estrada.

- Pra onde você está me levando? - eu quis saber.

Ele me olhou com um olhar vazio. - Eu pensei que você tivesse dito que queria ir pra casa?

- Ugh. Eu acho que você não pode me levar pra casa de Edward, pode? - eu apertei os meus dentes de frustração.

Dor passou pelo rosto dele, e eu podia ver que isso tinha afetado ele mais do que qualquer outra coisa que eu tinha dito.

- Essa é a sua casa, Bella - ele disse em voz baixa.

- Sim, mas algum médico mora aqui? - eu perguntei, levantando minha mão de novo.

- Oh - ele pensou nisso por um minuto. - Eu vou te levar pro hospital. Ou Charlie leva.

- Eu não quero ir para o hospital. É vergonhoso e desnecessário.

Ele deixou o Rabbit encostar na porta da minha casa, pensando com uma expressão incerta. A viatura de Charlie estava na entrada de carros.

Eu suspirei. - Vá pra casa, Jacob.

Eu sai do carro estranhamente, indo em direção à casa. Ele desligou o motor atrás de mim, e eu estava menos surpresa do que aborrecida por ver Jacob ao meu lado de novo.

- O que você vai fazer? - ele perguntou.

- Eu vou colocar um pouco de gelo na minha mão, e depois eu vou ligar pra Edward e pedir pra ele vir me pegar e me levar até Carlisle pra ele poder consertar a minha mão. Depois, se você ainda estiver aqui, eu vou procurar uma alavanca.

Ele não respondeu. Ele abriu a porta da frente e a segurou aberta pra mim. Nós passamos silenciosamente pela sala onde Charlie estava deitado no sofá.

- Oi, crianças - ele disse, se inclinando pra frente. - Legal *te* ver por aqui, Jacob.

- Ei, Charlie - ele respondeu casualmente, pausando enquanto eu entrava na cozinha.

- O que há de errado com ela? - Charlie se perguntou.

- Ela acha que quebrou a mão - eu ouvi Jacob dizer a ele. Eu fui para o freezer e tirei uma bandeja de gelo.

- Como ela fez isso? - Como meu pai, eu achava que Charlie devia estar um pouco menos divertido e um pouco mais preocupado.

Jacob riu. - Ela me bateu.

Charlie riu também, e eu fiz uma carranca enquanto batia a bandeja de gelo na pia. O gelo se soltou da bacia, e eu agarrei uma mão cheia deles com a minha mão boa e coloquei os cubos de gelo em uma toalha de prato em cima do balcão.

- Porque ela te bateu?

- Porque eu beijei ela - Jacob disse, sem vergonha.

- Bom pra você, garoto - Charlie parabenizou ele.

Eu apertei meus dentes e fui para o telefone. Eu liguei para o celular de Edward.

- Bella? - ele atendeu no primeiro toque. Ele parecia mais que aliviado, ele estava deliciado. Eu podia ouvir o motor do Volvo no fundo; ele já estava no carro, isso era bom. - Você esqueceu o telefone... eu lamento, Jacob te levou pra casa?

- Sim - eu rosnei. - Você pode vir me pegar, por favor?

- Eu estou a caminho - ele disse imediatamente. - Qual é o problema?

- Eu quero que Carlisle dê uma olhada na minha mão. Eu acho que está quebrada.

Tudo tinha ficado quieto na sala da frente, e eu me perguntei quando Jacob ia embora. Eu dei um sorriso maléfico, quando imaginei o desconforto dele.

- O que aconteceu? - Edward quis saber, a voz dele ficando vazia.

- Eu dei um murro em Jacob - eu admiti.

- Bom - Edward disse vaziamente. - Apesar de eu lamentar que você tenha se machucado.

Eu rí uma vez, porque ele parecia tão agradado quanto Charlie estava.

- Eu queria ter machucado *e/e* - eu suspirei frustrada. - Eu não fiz nenhum estrago sequer.
- Eu posso arrumar isso - ele ofereceu.
- Eu estava esperando que você dissesse isso.

Houve uma pequena pausa. - Essa não parece ser você - ele disse, cauteloso agora. - O que ele *fez*?

- Ele me beijou - eu rosnei.

E tudo o que eu ouvi do outro lado da linha foi o som de um motor acelerando. Na outra sala, eu ouvi Charlie falando.

- Talvez seja melhor você ir embora, Jake - ele sugeriu
- Eu acho que vou ficar por aqui, se você não se importar.
- O funeral é seu - Charlie murmurou.
- O cachorro ainda está aí? - Edward finalmente falou de novo.
- Sim.
- Eu estou na esquina - ele disse obscuramente, e a linha desconectou.

Eu desliguei o telefone, sorrindo, eu ouvi o carro dele em alta velocidade na rua. Os freios protestaram altamente quando ele parou na frente de casa. Eu fui abrir a porta.

- Como está a sua mão? - Charlie perguntou enquanto eu passei pela sala. Charlie pareceu desconfortável. Jacob sentou no sofá ao lado dele, perfeitamente tranquilo.

Eu levantei o pacote de gelo pra mostrar. - Está inchando.

- Talvez você devesse escolher gente do seu tamanho - Charlie sugeriu.
- Talvez - eu concordei. Eu caminhei pra abrir a porta. Edward estava esperando.
- Me deixe ver - ele murmurou.

Ele examinou minha mão gentilmente, tão cuidadosamente que quase não me causou dor nenhuma. As mãos dele eram quase tão frias quanto gelo, e elas eram uma boa sensação na minha pele.

- Você estava certa quanto a estar quebrada - ele disse. - Eu estou orgulhoso de você. Você teve ter colocado um tanto de força nisso aqui.

- Toda a que eu tinha - eu suspirei. - Aparentemente, não o suficiente.

Ele beijou a minha mão suavemente. - Eu vou cuidar disso - ele prometeu. E aí ele chamou.

- Jacob - a voz dele ainda estava baixa e uniforme.

- Agora, agora - Charlie precaviu.

Eu ouvi Charlie levantar do sofá. Jacob chegou no corredor primeiro, e muito mais silenciosamente, mas Charlie não estava muito atrás dele. A expressão de Jacob estava alerta e ansiosa.

- Eu não quero nenhuma briga, você está entendendo? - Charlie só olhou pra Edward enquanto falava. - Eu posso colocar o meu distintivo na história se precisar fazer o meu pedido ser mais oficial.

- Isso não será necessário - Edward disse com uma voz restringida.
- Porque você não me prende, Pai? - eu sugerí. - Sou eu que estou distribuindo socos.

Charlie ergueu uma sobrancelha.

- Você quer prestar queixa, Jake?
- Não - Jacob sorriu, incorrigível. - Eu vou querer o troco um dia desses.

Edward fez uma careta.

- Pai, você não tem um taco de baseball em algum lugar no seu quarto? Eu quero ele emprestado por um minuto.

Charlie olhou pra mim uniformemente. - Chega, Bella.

- Vamos fazer Carlisle dar uma olhada na sua mão antes que você acabe numa cela de cadeia - Edward disse. Ele colocou o braço ao meu redor e me puxou em direção à porta.

- Tá - eu disse, me inclinando pra ele. Eu já não estava mais com tanta raiva, agora que Edward estava comigo. E me sentí confortada, e a minha mão já não me incomodava tanto.

Nós estávamos na calçada quando eu ouvi Charlie sussurrando ansiosamente atrás de mim.

- O que você está fazendo? Você está louco?

- Me dê um minuto, Charlie - Jacob respondeu. - Não se preocupe, eu volto logo.

Eu olhei pra trás e Jacob estava nos seguindo, parando pra fechar a porta na cara surpresa e nervosa de Charlie.

Edward ignorou ele no início, me levando para o carro. Ele me ajudou a entrar, fechou a porta, e aí se virou pra encarar Jacob na calçada.

Eu me inclinei ansiosamente pela janela aberta. Charlie era visível de dentro da casa, espiando pelas cortinas da sala da frente.

A postura de Jacob estava casual, os braços cruzados no peito, mas os músculos da mandíbula dele estavam trincados.

Edward falou numa voz tão pacífica e gentil que isso deixou as palavras estranhamente ainda mais assustadoras. - Eu não vou te matar, porque isso iria aborrecer Bella.

- Hmph - eu rosnei.

Edward se virou um pouco pra me jogar um sorriso. O rosto dele ainda estava calmo. - Isso ia te incomodar de manhã - ele disse, acariciando a minha bochecha com os dedos.

Ele virou de volta pra Jacob.

- Mas se você a trouxe machucada de novo, eu não me importo de quem seja a culpa; eu não me importo se ela só tropeçar, ou se um meteoro cair do céu e atingir a cabeça dela, se você retornar com ela em uma condição menos que perfeita do que aquela em que eu a deixei, você vai correr com três pernas. Você entendeu isso, mongol?

Jacob revirou os olhos.

- Quem vai voltar lá? - eu murmurei.

Edward continuou como se não tivesse me ouvido. - E se você a beijar de novo, eu *vou* quebrar a sua mandíbula por ela - ele prometeu, a voz dele ainda gentil e macia e mortal.

- E se ela quiser que eu a beije? - Jacob respondeu, arrogante.

- Hah! - eu ronquei.

- Se isso for o que ela quer, eu não vou me opor - Edward levantou os ombros, sem problemas. - Você deve querer que ela *diga* que quer, ao invés de confiar na sua interpretação de linguagem corporal, mas o rosto é seu.

Jacob sorriu.

- Você bem que queria - eu rosnei.

- É, ele quer - Edward murmurou.

- Bom, se você já colocou medo na minha cabeça - Jacob disse com um tom grosso de aborrecimento. - Porque você não cuida da mão dela?

- Mais uma coisa - Edward disse lentamente. - Eu vou lutar por ela também. Você devia saber disso. Eu não estou dando nada como garantido, e eu vou lutar duas vezes mais que você.

- Bom - Jacob rosnoou. - Não tem graça derrotar uma pessoa que se dá por vencido.

- Ela *é* minha - a voz baixa de Edward ficou sombria de repente, não tão composta como antes. - Eu não disse que ia lutar justo.

- Nem eu.

- Boa sorte.

Jacob balançou a cabeça. - Que o melhor *homem* vença.

- Isso parece certo... cãozinho.

Jacob fez uma careta brevemente, e aí compôs o rosto e se inclinou ao redor de Edward pra sorrir pra mim. Eu rosnei de volta.

- Eu espero que a sua mão melhore logo. Eu realmente lamento que você tenha se machucado.

Infantilmente, eu virei o meu rosto pra desviar dele.

Eu não olhei pra cima de novo enquanto Edward arroteava o carro e entrava no lado do motorista, então eu não sabia se Jacob tinha voltado pra casa ou se continuava lá, me olhando.

- Como você se sente? - Edward perguntou enquanto ia embora.

- Irritada.

Ele gargalhou. - Eu estava falando da sua mão.

Eu levantei os ombros. - Eu já passei por pior.

- Verdade - ele concordou, e fez uma careta.

Edward arroteou a casa, indo até a garagem. Emmett e Rosalie estavam lá, as pernas perfeitas de Rosalie eram reconhecíveis, mesmo com um jeans rasgado, estavam saindo por debaixo do jipe enorme de Emmett. Emmett estava sentado ao lado dela, uma mão inclinada por debaixo do jipe em direção a ela. Me levou um momento pra perceber que ele estava agindo como ajudante.

Emmett observou curiosamente enquanto Edward me ajudava a sair do carro cuidadosamente. Os olhos dele pararam na mão que eu estava segurando contra o peito.

Emmett sorriu. - Caiu de novo, Bella?

Eu encarei ele penetrantemente. - Não, Emmett. Eu dei um soco na cara de um lobisomem.

Emmett piscou, e aí caiu num riso estrondoso.

Enquanto Edward passava por eles, Rosalie falou de baixo do carro.

- Jasper vai ganhar a aposta - ela disse presumidamente.

Emmett parou de rir imediatamente, e ele me estudou com olhos apreensivos.

- Que aposta? - eu quis saber, parando.

- Vamos te levar até Carlisle - Edward apressou. Ele estava encarando Emmett. A cabeça dele balançou minimamente.

- *Que aposta?* - eu insisti enquanto me virava pra ele.

- Obrigado, Rosalie - ele murmurou enquanto apertava seu braço ao redor da minha cintura e me puxava em direção à casa.

- Edward... - eu rosnei.

- É uma infantilidade - ele levantou os ombros. - Emmett e Jasper gostam de apostar.

- Emmett vai me contar - eu tentei me virar, mas o braço dele parecia aço ao meu redor.

Ele suspirou. - Eles estão apostando quantas vezes você vai... escorregar no seu primeiro ano.

- Oh - eu fiz uma careta e tentei esconder o meu horror enquanto me dava conta do que ele queria dizer. - Eles estão apostando quantas pessoas eu vou matar?

- Sim - ele admitiu sem vontade. - Rosalie acha que o seu temperamento vai virar as chances a favor de Jasper.

Eu me sentí um pouco alta. - Jasper está apostando alto.

- Se você tiver dificuldades em se ajustar, isso vai fazer com que ele se sinta melhor. Ele está cansado de ser o elo mais fraco.

- Claro. É claro que sim. Eu acho que eu posso cometer alguns homicídios extras, se isso deixa Jasper feliz. Porque não? - eu estava tagarelado, a minha voz era um tom vazio e monótono. Na minha cabeça eu estava vendo as manchetes de jornais, as listas com os nomes...

Ele me apertou. - Você não precisa se preocupar com isso agora. Na verdade, você nunca vai ter que se preocupar com isso, se não quiser.

Eu gemí, e Edward, pensando que era a minha dor que estava me incomodando, me puxou mais rápido em direção à casa.

A minha mão *estava* quebrada, mas não havia nenhum dano sério, só uma fissura pequena numa das juntas. Eu não quis gesso, e Carlisle disse que eu ficaria bem com uma tipóia se eu promettesse não tirá-la. Eu prometi.

Edward reparou que eu estava fora enquanto Carlisle colocava cuidadosamente uma tipóia na minha mão. Ele perguntou preocupado algumas vezes se eu estava com dor, mas eu o assegurei de que estava bem.

Como se eu precisasse - ou tivesse espaço pra isso - me preocupar com outra coisa.

Todas as histórias de Jasper sobre vampiros recém-criados haviam estado coladas na minha cabeça desde que ele explicou o seu passado. Agora essas histórias pulavam afiadamente na minha mente por causa da notícia da aposta dele e de Emmett. Eu me perguntei à toa o que eles estavam apostando. Que tipo de prêmio te motiva quando você já tem tudo?

Eu sempre soube que eu seria diferente. Eu esperava ser tão forte quanto Edward disse que eu seria. Forte e rápida, e acima de tudo, linda. Alguém que podia ficar ao lado de Edward e sentir que era lá que ela pertencia.

Eu estive tentando não pensar muito nas outras coisas que eu seria. Selvagem. Sedenta por sangue. Talvez eu não fosse capaz de me impedir de matar as pessoas. Estranhos, pessoas que nunca me fizeram mal. Pessoas como o número de vítimas que crescia em Seattle, que tinham família e amigos e futuros. Pessoas que tinham *vidas*. E eu podia ser o monstro que as tiraria delas.

Mas, na verdade, eu podia lidar com essa parte - porque eu confiava em Edward, confiava nele absolutamente, pra me impedir de fazer qualquer coisa da qual eu me arrependesse. Eu sabia que ele me levaria para a Antártida pra caçar pinguins se eu pedisse isso a ele. E eu faria o que quer que fosse pra ser uma pessoa boa. Uma boa vampira. Isso pensamento me faria rir, se não fosse a preocupação.

Porque, se eu fosse desse jeito de alguma forma - como as imagens dos recém-nascidos dos pesadelos que eu tinha na minha cabeça - como é que eu podia possivelmente ser *eu*? E se eu quisesse matar pessoas, o que aconteceria com as coisas que eu queria *agora*?

Edward estava obcecado pra que eu não perdesse nada enquanto era humana. Geralmente, isso parecia meio bobo. Não eram as experiências humanas que eu tinha medo de perder. Contanto que eu estivesse com Edward, o que mais eu poderia pedir? Eu observei o rosto dele enquanto ele observava Carlisle consetar a minha mão. Não havia nada no mundo que eu quisesse mais do que ele. Iria isso, *poderia* isso, mudar? Será que havia uma experiência humana da qual eu *não* quisesse abrir mão?

16. ÉPOCA

- Eu não tenho nada pra vestir! - eu gemi pra mim mesma.

Todos os itens de roupa que eu tinha estavam espalhados em cima da minha cama; as minhas gavetas e armários estavam vazios. Eu encarei os recessos vazios, desejando que alguma coisa que servisse aparecesse.

A minha saia khaki estava estendida nas costas da cadeira de balanço, esperando que eu encontrasse alguma coisa que combinasse perfeitamente bem com ela. Alguma coisa que me fizesse parecer linda e adulta. Alguma coisa que dissesse *ocasião especial*. Eu estava ficando vazia.

Já estava quase na hora de ir, e eu ainda estava usando o meu moletom velho favorito. A não ser que eu conseguisse encontrar alguma coisa melhor lá - e as chances não eram boas até esse ponto - eu ia me formar usando eles.

Eu fiz uma careta para a pilha de roupas em cima da minha cama.

O problema é que eu sabia exatamente o que eu usaria se ela ainda estivesse disponível - a minha blusa vermelha sequestrada. Eu soquei a parede com a minha mão boa.

- Vampiro estúpido, ladrão, chato! - eu rosnei.

- O que foi que eu fiz? - Alice quis saber.

Ela estava encostada casualmente ao lado da janela aberta como se tivesse estado lá o tempo todo.

- Toc, toc - ela acrescentou com um sorriso.

- Será que realmente é tão difícil esperar que eu abra a porta?

Ela jogou uma caixa branca, plana, em cima da cama. - Eu estou só de passagem. Eu achei que você podia precisar de alguma coisa pra vestir.

Eu olhei para o pacote grande que estava em cima da minha pilha de roupas insatisfatórias, e fiz uma careta.

- Admita - Alice disse. - Eu sou uma salvadora.

- Você é uma salvadora - eu murmurei. - Obrigada.

- Bem, é legal entender uma coisa certa só pra variar. Você não sabe o quanto é irritante, perder as coisas do jeito que eu tenho perdido. Eu me sinto tão inútil. Tão... normal. - Ela estremeceu de horror com a palavra.

- Eu nem posso imaginar o quanto isso seria horrível. Ser normal? Ugh.

Ela riu. - Bem, pelos menos isso ajeita as coisas por eu não ter visto o seu ladrão chato, agora eu só tenho que descobrir o que eu não estou vendo em Seattle.

Quando ela disse as palavras assim - colocando duas situações juntas em uma frase, bem aí eu tive um clique. A coisa elusiva que esteve me incomodando por dias, a conexão importante que eu não conseguia ligar, ficou clara de repente. Eu encarei ela, meu rosto ficou congelado com qualquer que fosse a expressão que já estava lá.

- Você não vai abrir? - ela perguntou. Ela suspirou quando eu não me movi imediatamente, e retirou ela mesma o topo da caixa. Ela puxou alguma coisa lá de dentro e segurou, mas eu não conseguí me concentrar no que era. - Bonito, você não acha? Eu escolhi azul, porque eu sei que é a cor favorita de Edward em você.

Eu não estava ouvindo.

- É o mesmo - eu sussurrei.

- É o que? - ela quis saber. - Você não tem nada parecido com isso. Pra falar a verdade, você só tem uma saia!

- Não, Alice! Esqueça as roupas, escute!

- Você não gostou? - o rosto de Alice ficou nublado de desapontamento.

- Alice, escute, você não consegue ver? É o *mesmo*! O mesmo que invadiu e roubou as minhas coisas, e os vampiros de Seattle. Eles estão juntos!

As roupas escapuliram dos dedos dela e caíram de volta na caixa.

Alice se concentrou agora, a voz dela estava afiada de repente. - Porque você acha isso?

- Lembra do que Edward disse? Sobre alguém estar usando os buracos das suas visões pra evitar que você visse os recém-nascidos? E também o que você disse antes, sobre o timing ser perfeito demais, o quanto o meu ladrão havia sido cuidadoso pra não entrar em contato, como se ele soubesse que você ia ver isso. Eu acho que você estava certa, Alice, eu acho que ele sabia. Eu também acho que ele estava usando os buracos. E quais são as chances de *duas* pessoas não apenas saberem disso, mas também decidirem agir ao mesmo tempo? Sem chance. É uma pessoa só. A mesma pessoa. A pessoa que está criando o exército é a pessoa que roubou o meu cheiro.

Alice não estava acostumada a ser pega de surpresa. Ela congelou, e ficou imóvel por tanto tempo que eu comecei a contar na minha cabeça enquanto esperava. Ela não se moveu por dois minutos inteiros. Aí os olhos dela se refocaram em mim.

- Você está certa - ela disse com um tom superficial. - É claro que você está certa. E quando você coloca as coisas desse jeito...

- Edward entendeu errado - eu sussurrei. - Isso era um teste... pra ver se daria certo. Se ele podia entrar e sair em segurança contanto que ele não fizesse nada que você estava esperando pra ver. Como tentar me matar... E ele não levou as minhas coisas pra provar que tinha me encontrado. Ele roubou o meu cheiro... pra que *outros* pudessem me encontrar.

Os olhos dela estavam arregalados com o choque. Eu estava certa, e eu podia ver que ela sabia isso também.

- Oh, não - ela fez com a boca.

Eu já nem esperava mais que as minhas emoções fizessem sentido. Enquanto eu processava o fato de que alguém havia criado um exército de vampiros - o exército que matou horrivelmente dezenas de pessoas em Seattle - com o propósito expresso de *me* destruir, eu sentí um espasmo de alívio.

Parte disso era dissolver aquele sentimento irritante de que eu estava perdendo algo vital.

Mas a maior parte era uma coisa completamente diferente.

- Bem - eu sussurrei - Todo mundo pode relaxar. Ninguém está tentando eliminar os Cullen no final das contas.

- Se você pensa que alguma coisa mudou, você está absolutamente enganada - Alice disse por entre os dentes. - Se alguém quer uma de nós, vai ter passar por cima de todos nós pra chegar até ela.

- Obrigada, Alice. Mas pelo menos nós já sabemos de quem eles realmente estão atrás. Isso deve ajudar.

- Talvez - ela murmurou. Ela começou a andar pra frente e pra trás pelo meu quarto.

Thud, thud - um pulso bateu na porta.

Eu pulei. Alice nem pareceu reparar.

- Você não está pronta ainda? Nós vamos nos atrasar! - Charlie reclamou, parecendo nervoso.

Charlie odiava ocasiões quase tanto quanto eu. Nesse caso, muito do problema tinha a ver com me vestir.

- Quase. Me dê um minuto - eu disse roucamente.

Ele ficou quieto por meio segundo. - Você está chorando.

- Não. Eu estou nervosa. Vá embora.

Eu ouvi ele descendo as escadas.

- Eu tenho que ir. - Alice sussurrou.

- Porque?

- Edward está vindo. Se ele ouvir isso...

- Vá, vá! - eu apressei imediatamente. Edward ia pirar quando soubesse. Eu não podia esconder dele por muito tempo, mas talvez a cerimônia de formatura não fosse a melhor hora para a reação dele.

- Vista isso - Alice comandou enquanto saía pela janela.

E eu fiz o que ela dizia, me vestindo em meio a uma névoa.

Eu estive planejando fazer alguma coisa mais sofisticada com o meu cabelo, mas eu estava sem tempo, então ele ficou liso e chato como em qualquer outro dia. Isso não importava. Eu não me importei em olhar para o espelho, então eu não fazia idéia de como o suéter e a saia de Alice estavam em mim. Isso também não importava. Eu joguei o robe horrível de formatura de poliéster amarelo por cima do braço e corri escadas à baixo.

- Você está bonita - Charlie disse, já abobalhado com alguma emoção suprimida. - Isso é novo?

- É - eu murmurei, tentando me concentrar. - Alice me deu. Obrigada.

Edward chegou apenas alguns minutos depois que a irmã dele foi embora. Isso não foi tempo suficiente pra que eu colocasse uma fachada calma. Mas, já que íamos na viatura com Charlie, ele não teve chance de me perguntar o que havia de errado. Charlie ficou teimoso na semana passada quando ele descobriu que eu pretendia pegar uma carona com Edward para a cerimônia de formatura. E eu entendia o ponto dele - pais deviam ter alguns direitos nos dias de formatura. Eu concedi de boa vontade, e Edward sugeriu alegremente que nós devíamos ir todos juntos. Já que Carlisle e Esme não tinham problema nenhum com isso, Charlie não pôde inventar uma objeção convincente; ele concordou de má vontade.

E agora Edward estava no banco de trás do carro de polícia do meu pai, atrás do vidro de fibra, com uma expressão divertida - provavelmente devido a expressão divertida do meu pai, e do sorriso que se abria no rosto de Charlie toda vez que Charlie olhava pra Edward pelo espelho retrovisor. O que certamente significava que Charlie estava imaginando coisas que iam fazê-lo ter problemas comigo se ele as dissesse em voz alta.

- Você está bem? - Edward sussurrou quando ele me ajudou a sair do banco da frente no estacionamento da escola.

- Nervosa - eu respondi, e isso nem era uma mentira.

- Você está tão linda - ele disse.

Ele parecia estar querendo dizer mais, mas Charlie, em uma manobra óbvia que ele pretendia fazer com que fosse subta, se meteu no meio de nós dois e passou o braço pelos meus ombros.

- Você está excitada? - ele me perguntou.

- Na verdade não - eu admiti.

- Bella, esse é um negócio grande. Você está se formando no colegial. Esse agora é o mundo real pra você. Faculdade. Morar sozinha... Você não é mais a minha garotinha.

Charlie engasgou um pouco no final.

- Pai - eu gemi. - Por favor não fique choramingando em cima de mim.

- Quem está choramingando? - ele rosnou. - Agora, porque você não está excitada?

- Eu não sei, pai. Eu acho que a ficha ainda não caiu ou algo assim.

- É bom que Alice esteja dando uma festa. Você precisa de alguma coisa pra te animar.

- Claro. Uma festa é exatamente o que eu preciso.

Charlie riu com o meu tom e apertou os meus ombros. Edward olhou para as nuvens, o rosto dele estava pensativo.

O meu pai teve que nos deixar na porta de trás do ginásio e arrodar pela entrada principal como os outros pais.

Estava um pandemônio enquanto a Sra. Cope do escritório da frente e o Sr. Varner o professor de Matemática tentava colocar todo mundo em uma linha na ordem alfabética.

- Para a frente, Sr. Cullen - o Sr. Varner rosnou.

- Ei, Bella!

Eu olhei pra cima pra ver Jessica Stanley acenando pra mim no final da linha com um sorriso no rosto.

Edward me beijou rapidamente, suspirou, e foi ficar onde os C's estavam. Alice não estava lá. O que ela ia fazer? Perder a formatura? Que timing pobre que eu tinha. Eu devia ter esperado pra solucionar as coisas quando isso tudo já estivesse acabado.

- Aqui, Bella! - Jessica chamou de novo.

Eu caminhei pela fila pra tomar meu lugar atrás de Jessica, um pouco curiosa pra saber porque ela estava tão amigável de repente. Quando eu cheguei mais perto, eu ví Angela cinco pessoas atrás, observando Jessica com a mesma curiosidade.

Jess já estava tagarelando antes que eu estivesse no campo de audição.

-... tão incrível. Quer dizer, parece que acabamos de nos conhecer, e agora estamos nos formando juntas - ela botou pra fora. - Dá pra acreditar que está acabado? Eu estou com vontade de gritar!

- Eu também - eu murmurei.

- Isso tudo é tão incrível. Você se lembra do seu primeiro dia aqui? Nós ficamos amigas, tipo, imediatamente. Desde a primeira vez que a gente se viu. Incrível. Agora eu vou para a Califórnia e você vai estar no Alaska e eu vou sentir tanto a sua falta! Você tem que prometer que a gente vai se encontrar de vez em quando! Eu estou tão feliz porque vamos ter uma festa. Isso é perfeito. Porque nós realmente não ficamos muito juntas a algum tempo e agora estamos indo embora...

Ela tagarelou e tagarelou, e eu tinha certeza de que o retorno repentino da amizade era por causa da nostalgia da formatura e por causa do convite para a festa, não que eu tivesse alguma coisa a ver com isso. Eu prestei tanta atenção quanto podia enquanto entrava no meu robe. E eu descobri que estava feliz que as coisas pudessem acabar em bons termos com Jessica.

Porque as coisas estavam acabando, não importava o que Eric, o discussor, tivesse a dizer sobre começo significar "início" e todo o resto daquelas bobagens tão usadas.

Talvez eu mais do que para o resto, mas todos nós estavam deixando alguma coisa pra trás hoje.

Tudo acabou tão rápido. Eu me sentí como se tivesse apertado o botão de "passar".

Era pra estarmos todos andando tão rápido? E aí Eric estava falando velozmente com o seu nervosismo, as palavras e as frases estavam correndo juntas até que elas já não faziam mais sentido. O Diretor Greene começou a chamar nomes, um depois do outro sem tempo suficiente pra uma pausa entre eles; a linha da frente do ginásio estava se apressando pra acompanhar. A pobre Sra. Cope estava toda atrapalhada enquanto tentava dar os diplomas certos ao diretor que ia ser entregue ao estudante certo.

Eu observei enquanto Alice, aparecendo de repente, dançou até o palco pra pegar o dela, um olhar de profunda concentração em seu rosto. Edward seguiu atrás dela, com a expressão confusa, mas não aborrecida. Somente eles dois podiam andar por aí usando aquele amarelo odioso e ainda assim ficarem daquele jeito. Eles se destacavam do resto da multidão, com sua beleza e graça além desse mundo. Eu me perguntei como eu havia caído na farça deles de serem humanos. Um par de anjos, lá de pé com suas asas intactas, seriam menos suspeitos.

Eu ouvi o Sr. Greene chamar o meu nome e me levantei, esperando que a fila na minha frente se movesse. Eu estava consciente dos aplausos no fundo do ginásio, e me virei pra ver Jacob colocando Charlie de pé, eles dois estavam gritando pra me encorajar. Eu só conseguí ver o topo da cabeça de Billy embaixo do cotovelo de Jacob.

Eu conseguí jogar pra eles a aproximação de um sorriso.

O Sr. Greene terminou com a lista de nomes, e depois continuou a nos dar os nossos diplomas com um sorriso envergonhado enquanto passávamos.

- Parabéns, Senhorita Stanley - ele murmurou enquanto Jess pegou o dela. - Parabéns, Senhorita Swan - ele murmurou pra mim, pressionando o diploma na minha mão boa.

- Obrigada - eu murmurei.

E isso foi tudo.

Eu fui ficar ao lado de Jessica junto com os outros estudantes. Jess estava toda vermelha ao redor dos olhos, e ela ficava limpando os olhos com a manga do robe o tempo inteiro. Eu levei um segundo pra entender que ela estava chorando.

O Sr. Greene disse alguma coisa que eu não ouvi, e todo mundo ao meu redor começou a gritar. Começaram a chover chapéus amarelos. Eu tirei o meu, tarde demais, e só deixei ele cair no chão.

- Oh, Bella! - Jess falou por cima dos rumores repentinos de conversa. - Eu não acredito que acabamos.

- Eu não acredito que esteja tudo acabado - eu murmurei.

Ela jogou os braços ao redor do meu pescoço. - Você tem que me prometer que não vamos perder o contato.

Eu abracei ela de volta, me sentindo estranha enquanto despiava o pedido dela. - Eu estou tão feliz, sabe, Jessica. Foram dois bons anos.

- Foram - ela suspirou, e fungou. E aí ela deixou os braços caírem. - Lauren! - ela esguichou, acenando por cima da cabeça e empurrando a massa de roupas amarelas. As famílias estavam começando a se juntar, se apertando com força uns aos outros. Eu dei uma olhada em Angela e Ben, mas eles estavam cercados por suas famílias.

Seria bom dar os parabéns a eles.

Eu virei a minha cabeça, procurando por Alice.

- Parabéns - Edward cochichou no meu ouvido, os braços dele passando pela minha cintura. A voz dele estava subjulgada; ele não estava com pressa de me ver atingir esse marco em particular.

- Um, obrigada.

- Parece que você ainda não superou os nervos - ele reparou.

- Ainda não.

- O que mais te preocupa? A festa? Não vai ser tão horrível.

- Provavelmente você está certo.

- Por quem você está procurando?

A minha procura não era tão subta quanto eu pensava. - Alice, onde ela está?

- Ela saiu correndo assim que pegou o diploma dela.

A voz dele tomou um novo tom. Eu olhei pra cima pra ver a expressão confusa dele enquanto ele olhava na direção das portas de trás do ginásio, e eu tomei uma decisão impulsiva - o tipo de coisa na qual eu devia pensar duas vezes antes de fazer, mas raramente pensava.

- Você está preocupado com Alice? - eu perguntei.

- Er... - ele não queria responder a isso.

- O que ela estava pensando afinal? Quer dizer, pra te manter do lado de fora.

Os olhos dele desceram para o meu rosto, e se estreitaram com suspeita. - Ela estava traduzindo o Hino de Batalha da República pra Árabe, na verdade. Quando ela acabou com isso, ela passou para a linguagem dos sinais Coreana.

Eu ri nervosamente. - Eu acho que isso *manteria* a cabeça dela ocupada o suficiente.

- Você sabe o que ela estava escondendo de mim - ele acusou.

- Claro - eu disse com um sorriso fraco. - Fui eu que inventei isso tudo.

Ele esperou, confuso.

Eu olhei ao redor. Charlie devia estar à caminho no meio da multidão agora.

- Conhecendo Alice - eu disse apressadamente. - provavelmente ela está tentando esconder isso de você até o final da festa. Mas já que eu estou a fim de que a festa seja cancelada, bem, não fique frenético, não importa o que acontecer, tudo bem? É sempre melhor saber o máximo que for possível. Isso tem que ajudar de alguma forma.

- Do que você está falando?

Eu vi a cabeça de Charlie aparecer por cima das outras enquanto ele procurava por mim. Ele me viu e acenou.

- Só fique calmo, tudo bem?

Ele balançou a cabeça uma vez, a boca dele era uma linha fina.

Em sussurros apressados, eu expliquei meu raciocínio pra ele. - Eu acho que você está errado que diz que as coisas estão vindo pra nós de todos os lados. Eu acho que a maioria está vindo de um lado... e eu acho que está vindo atrás de mim, na verdade. Tudo está conectado, tem de estar. É apenas uma pessoa que está confundindo as visões de Alice. O estranho no meu quarto era um teste, pra ver se alguém desconfiaria dela. Essa tem que ser a mesma pessoa que

continua mudando de idéia, e os recém-nascidos, e roubando as minhas roupas, tudo isso vai junto. O meu cheiro é pra eles.

O rosto dele ficou tão branco que eu tive dificuldade em terminar.

- Mas ninguém está vindo por vocês, você não vê? Isso é bom, Esme e Alice e Carlisle, ninguém quer machucar eles!

Os olhos dele estavam enormes, arregalados de pânico, ofuscados e horrorizados. Ele podia ver que eu estava certa, assim como Alice tinha visto.

Eu pus a minha mão na bochecha dele. - Calma - eu implorei.

- Bella! - Charlie sorriu de felicidade, empurrando as famílias apertadas pelo caminho. - Parabéns, bebê! - Ele ainda estava gritando, mesmo estando bem no meu ouvido agora. Ele passou os braços ao meu redor, empurrando Edward levemente de lado quando fez isso.

- Obrigada - eu murmurei, preocupada com a expressão no rosto de Edward. Ele ainda não tinha restabelecido o controle. As mãos dele estavam meio estendidas pra mim, como se ele estivesse prestes a me agarrar e sair correndo. Estando apenas um pouco mais sob controle do que ele estava, sair correndo não parecia ser uma idéia tão terrível pra mim.

- Jacob e Billy tiveram que ir embora, você viu que eles estavam aqui? - Charlie perguntou, dando um passo pra trás, mas deixando suas mãos nos meus ombros. Ele estava de costas pra Edward, provavelmente um esforço pra excluí-lo, mas no momento isso estava bem. A boca de Edward estava aberta, os olhos dele ainda arregalados de medo.

- É - eu assegurei o meu pai, tentando prestar atenção suficiente. - E ouvi eles também.

- Foi legal da parte deles aparecer - Charlie disse.

- Mm-hmm.

Tudo bem, então dizer pra Edward não foi uma boa idéia. Alice estava certa por ter mantido seus pensamentos nublados. Eu devia ter esperado até que estivéssemos sozinhos em algum lugar, talvez com o resto da família dele. E perto de nada que fosse quebrável - como janelas... ou carros... prédios escolares. O rosto dele trouxe de volta todo o meu medo e um pouco mais. A expressão dele agora estava além do medo - era fúria pura que estava visível nas feições dele.

- Então, onde você quer jantar? - Charlie perguntou. - O céu é o limite.

- Eu posso cozinhar.

- Não seja boba. Você quer ir ao Lodge? - ele perguntou com um sorriso ansioso.

Eu não gostava particularmente do restaurante favorito de Charlie, mas, nesse ponto, qual era a diferença? Eu não ia conseguir comer do mesmo jeito.

- Claro, o Lodge, legal - eu disse.

Charlie deu um sorriso maior, e depois suspirou.

Ele virou a cabeça meio na direção de Edward, sem realmente olhar pra ele.

- Você vem também, Edward?

Eu encarei ele, meus olhos estavam pedintes. Edward arrumou a sua expressão bem antes de Charlie se virar pra ver porque não havia recebido uma resposta.

- Não, obrigado - Edward disse ríspidamente, seu rosto duro e frio.

- Você tem planos com seus pais? - Charlie perguntou, com uma careta no rosto. Edward sempre foi mais educado do que Charlie merecia; essa hostilidade repentina o surpreendeu.

- Sim. Se você me der licença... - Edward se virou abruptamente e foi embora por entre a multidão que diminuía.

- O que foi que eu disse? - Charlie perguntou com uma expressão de culpa.

- Não se preocupe com isso, pai - eu o assegurei. - Eu não acho que seja você.

- Vocês dois brigaram de novo?

- Ninguém está brigando. Cuide dos seus assuntos.

- Você é meu assunto.

Eu revirei meus olhos. - Vamos comer.

Lodge estava lotado. O lugar era, na minha opinião, caro e de baixa qualidade, mas era a única coisa aproximada de um restaurante formal que havia na cidade, então era popular pra eventos. Eu olhei bobamente pra uma cabeça de alce empalhada e com um olhar deprimido

enquanto Charlie comia costelas no prato principal e olhava por trás do seu assento para os pais de Tyler Crowley. Estava barulhento - todo mundo havia ido pra lá depois da formatura, e a maioria deles estava fofocando entre os corredores e por cima das cabines, como Charlie.

Eu estava de costas para as janelas da frente, e resisti a vontade de me virar e olhar para os olhos que eu sentia cravados em mim agora. Eu sabia que não seria capaz de ver nada. Assim como sabia que não tinha chance dele me deixar desprotegida, mesmo que por um segundo. Não depois disso.

O jantar foi uma droga. Charlie, ocupado se socializando, comeu devagar demais. Eu mexi com o meu hamburger, enfiando pedaços dele no meu guardanapo quando eu tinha a atenção dele estava em outro lugar.

Tudo isso pareceu levar um longo tempo, mas quando eu olhei pra o relógio - o que eu fazia mais do que o necessário - os ponteiros não haviam de movido muito.

Finalmente Charlie recebeu seu troco de volta e colocou uma gorjeta na mesa. Eu levantei.

- Com pressa? - ele me perguntou.

- Eu quero ajudar Alice a arrumar as coisas - eu disse.

- Tudo bem - ele se virou de costas pra mim pra dizer boa noite a todo mundo.

Eu fui pra fora pra esperar perto da viatura.

Eu me encostei na porta do passageiro, esperando que Charlie se arrastasse pra fora da festa improvisada. Estava quase escuro no estacionamento, as nuvens estavam tão grossas que era impossível dizer se o sol havia se posto ou não. O ar estava pesado, como se estivesse prestes a chover.

Alguma coisa se moveu entre as sombras.

A minha falta de ar se transformou em alívio quando Edward apareceu na escuridão.

Sem uma palavra, ele me apertou com força contra seu peito. Uma mão fria encontrou o meu queixo, e ele puxou o meu rosto pra cima pra poder pressionar seus lábios com força nos meus. Eu podia sentir a tensão na mandíbula dele.

- Como você está? - eu perguntei, assim que ele me deixou respirar.

- Não muito bem - ele murmurou. - Mas eu me controlo. Eu lamento por ter perdido a cabeça lá atrás.

- Foi minha culpa. Eu devia ter esperado pra te contar.

- Não - ele discordou. - Isso é uma coisa que eu precisava saber. Eu não consigo acreditar que não tinha visto isso!

- Você tem muita coisa na cabeça.

- E você não tem?

De repente ele me beijou de novo, sem me deixar responder. Ele se afastou depois de apenas um segundo. - Charlie está vindo.

- Eu vou deixar ele em casa.

- Eu te sigo até lá.

- Isso realmente não é necessário - eu tentei dizer, mas ele já tinha ido embora.

- Bella? - Charlie chamou da porta do restaurante, tentando enxergar na escuridão.

- Eu estou aqui.

Charlie entrou no carro, murmurando sobre impaciência.

- Então, como você se sente? - ele perguntou enquanto dirigia para o norte em direção à estrada. - Esse foi um grande dia.

- Eu estou bem - eu menti.

Ele riu, olhando através de mim com facilidade. - Preocupada com a festa? - ele adivinhou.

- É - eu menti de novo.

Dessa vez ele não percebeu. - Você nunca gostou de festas.

- Eu me perguntou de onde foi que eu peguei isso - eu murmurei.

Charlie gargalhou. - Bem, você realmente está bonita. Eu queria ter pensado em te comprar alguma coisa. Desculpa.

- Não seja bobo, pai.

- Não é bobagem. Eu sinto que eu não faço sempre por você o que devia fazer.

- Isso é ridículo. Você faz um trabalho fantástico. O melhor pai do mundo. E... - Não era fácil falar sobre sentimentos com Charlie, mas eu continuei depois de limpar minha garganta. - E eu realmente estou feliz por ter vindo morar com você, pai. Foi a melhor idéia que eu já tive. Então, não se preocupe, você só está experimentando o pessimismo pós-formatura.

Ele roncou. - Talvez. Mas eu tenho certeza que escorreguei em alguns lugares. Quer dizer, olha a sua mão!

Eu olhei pra baixo vaziamente para as minhas mãos. A minha mão estava descansando levemente na tipóia sobre a qual eu raramente pensava. A minha mão quebrada já não doía tanto.

- Eu nunca pensei que precisava te ensinar a dar um soco. Eu acho que estava errado sobre isso.

- Você não estava do lado de Jacob?

- Não importa de que lado eu estou. Se alguém te beija sem a sua permissão, você devia esclarecer os seus sentimentos sem se machucar. Você não deixou o polegar dentro do seu pulso, deixou?

- Não, pai. Isso é muito doce de uma maneira esquisita, mas eu não acho que as suas aulas teriam ajudado. A cabeça de Jacob é *muito* dura.

Charlie riu. - Da próxima vez bata no estômago dele.

- Da próxima vez? - eu perguntei incredulamente.

- Aw, não seja tão dura com o garoto. Ele é jovem.

- Ele é um idiota.

- Ele ainda é seu amigo.

- Eu sei - eu suspirei. - Eu realmente não sei a coisa certa a fazer aqui, pai. - Charlie balançou a cabeça lentamente.

- É. A coisa certa nem sempre é óbvia. As vezes a coisa certa pra uma pessoa é a coisa errada pra outra pessoa. Então... boa sorte tentando descobrir isso.

- Obrigada - eu murmurei secamente.

Charlie riu de novo, e depois fez uma careta. - Se essa festa ficar selvagem demais... - ele começou.

- Não se preocupe com isso, pai. Carlisle e Esme estarão lá. Eu tenho certeza que você pode vir também, se quiser.

Charlie fez uma careta enquanto olhava para a noite através do pára-brisa.

Charlie gostava tanto de uma boa festa quanto eu.

- Onde é a curva, de novo? - ele perguntou. - Eles devem ter limpado a entrada deles, é impossível encontrar no escuro.

- Bem ao redor da próxima curva, eu acho - eu torcí os lábios. - Sabe, você está certo, é impossível encontrar. Alice disse que colocou um mapa nos convites, mas mesmo assim, talvez todo mundo se perca. - Eu fiquei levemente alegre com a idéia.

- Talvez - Charlie disse quando a estrada virou para o leste. - Talvez não.

A escuridão de veludo negro desaparecia à frente, bem onde a entrada dos Cullen devia ser. Alguém havia prendido milhares de pequenas luzes nas árvores de ambos os lados. Era impossível não ver.

- Alice - eu disse amargamente.

- Uau - Charlie disse enquanto nós viramos na entrada. As suas árvores na entrada eram as únicas que não estavam iluminadas. A cerca de um vinte metros, outra baliza iluminada nos guiava em direção à grande casa branca. Em todo o caminho - todos os três metros do caminho. - Ela não faz as coisas pela metade, faz? - Charlie murmurou deslumbrado.

- Tem certeza que você não quer entrar?

- Extremamente certo. Se divirta, guria.

- Muito obrigada, pai.

Ele estava rindo pra sí mesmo enquanto eu saía e fechava a porta. Eu observei ele ir embora, ainda sorrindo. Com um suspiro, eu marchei escadas à cima para suportar a minha festa.

17. ALIANÇA

- Bella?

A voz suave de Edward veio por trás de mim. Eu me virei pra ver ele saltando levemente os degraus da varanda e o cabelo dele estava assanhado com o vento da corrida. Ele me puxou pros seus braços imediatamente, exatamente como ele havia feito no estacionamento, e me beijou de novo.

Esse beijo me assustou. Havia muita tensão, uma linha muito forte na forma como os seus lábios apertavam os meus - como se ele estivesse com medo de que não tivéssemos mais muito tempo pra nós.

Eu não podia me deixar pensar nisso. Não se eu ia ter que agir como humana pelas próximas horas. Eu me afastei dele.

- Vamos acabar logo com essa festa estúpida - eu murmurei, sem encontrar os olhos dele.

Ele colocou as mãos em ambos os lados do meu rosto, esperando até que eu olhei pra cima.

- Eu não vou deixar nada acontecer com você.

Eu toquei os lábios dele com os dedos da minha mão boa. - Eu não estou tão preocupada comigo mesma.

- Porque eu não estou tão surpreso com isso? - ele murmurou pra si mesmo. Ele respirou fundo, e depois sorriu um pouco. - Pronta pra celebrar? - ele perguntou.

Eu rosnei.

Ele segurou a porta pra mim, mantendo seu braço seguramente ao redor da minha cintura. Eu fiquei lá congelada por um minuto, depois eu balancei minha cabeça lentamente.

- Inacreditável.

Edward ergueu os ombros. - Alice sempre será Alice.

O interior da casa dos Cullen havia se transformado em uma boate - daquele tipo que não existe na vida real, só na TV.

- Edward! - Alice chamou do lado de um auto-falante gigante. - Eu preciso do seu conselho - Ela fez um gesto para uma torre de CD's empilhados. - Nós devemos dar a eles o familiar e reconfortante? Ou - ela fez um gesto para pilha uma pilha diferente - educar o gosto deles pra música?

- Mantenha reconfortante - Edward recomendou. - Você só pode guiar o cavalo até a água.

Alice balançou a cabeça seriamente, e começou a jogar os CD's educacionais em uma caixa. Eu reparei que ela havia trocado de roupa e estava usando um top e uma calça de couro vermelha.

A pele nua dela reagia estranhamente às luzes pulsantes vermelhas e roxas.

- Eu acho que estou desarrumada.

- Você está perfeita - Edward disse.

- Você consegue - Alice emendou.

- Obrigada - eu suspirei. - Você acha mesmo que as pessoas vão vir? - Qualquer um podia ouvir a esperança na minha voz. Alice fez uma cara pra mim.

- Todo mundo vai vir - Edward respondeu. - Todos estão morrendo pra ver o interior da casa dos mistérios dos reclusos Cullen.

- Fabuloso - eu gemi.

Não havia nada que eu pudesse fazer pra ajudar. Eu duvidava que - mesmo quando eu não precisasse mais dormir e me movesse em uma velocidade muito maior - eu fosse capaz de fazer alguma coisa do jeito que Alice fazia.

Edward se recusou a me soltar por um segundo, me arrastando junto dele enquanto ele caçava Jasper e Carlisle pra contar a eles sobre a minha epifânia. Eu escutei horrorizada em silêncio enquanto eles discutiam o seu ataque ao exército de Seattle. Eu podia notar que Jasper não estava feliz com os números, mas eles não haviam sido capazes de entrar em contato com ninguém além da família desinteressada de Tânia. Jasper não tentou esconder o seu desespero

como Edward teria feito. Era fácil reparar que ele não gostava de apostar quando os riscos eram tão grandes.

Eu não podia ficar pra trás, esperando e rezando pra que eles voltassem pra casa. Eu não faria isso. Eu enlouqueceria.

A campainha da porta tocou.

Tudo de uma vez, tudo ficou surrealmente normal. Um sorriso perfeito, genuíno e cálido, tomou o lugar do estresse no rosto de Carlisle. Alice aumentou o volume da música, e dançou pra ir atender a porta.

Era um Suburban lotado com os meus amigos, que estavam nervosos ou intimidados demais pra chegarem sozinhos. Jessica era a primeira na porta, com Mike bem atrás dela. Tyler, Conner, Austin, Lee, Samantha... e até Lauren que chegou por último, com seus olhos críticos iluminados de curiosidade. Todos eles estavam curiosos, e depois ficaram dominados quando viram a enorme sala decorada como uma rave chique.

A sala não estava vazia; todos os Cullen haviam tomado seus lugares, prontos pra colocarem seus disfarces humanos de sempre. Hoje a noite eu estava sentindo que estava atuando tanto quanto eles.

Eu fui falar com Jess e Mike, esperando que o tom na minha voz parecesse o tipo certo de excitação. Antes que eu pudesse falar com mais alguém, a campainha tocou de novo. Eu deixei Angela e Ben entrarem, deixando a porta aberta, porque Eric e Katie estavam quase nos degraus.

Eu não tive outra chance de entrar em pânico. Eu tinha que falar com todo mundo, concentrada em estar animada, uma anfitriã. Apesar da festa ter sido taxada como um evento de comemoração pra Alice, Edward, e eu, não haviam dúvidas de que eu era o alvo mais popular pra as parabenizações e os agradecimentos. Talvez porque os Cullen pareciam um pouco errados embaixo das luzes da festa de Alice. Talvez porque as luzes deixavam a sala obscura e misteriosa. Essa não era uma atmosfera que fazia um humano normal se sentir relaxado ao lado de alguém como Emmett. Eu ví Emmett dar um sorriso malicioso pra Mike por cima da mesa de comidas, as luzes vermelhas cintilando nos dentes dele, e observei quando Mike deu um passo involuntário pra trás.

Talvez Alice tenha feito isso de propósito, pra me forçar a ser o centro das atenções - um lugar do qual ela achava que eu devia gostar mais. Ela estava eternamente tentando me fazer ser humana do jeito como ela achava que humanos deveriam ser.

A festa claramente era um sucesso, apesar do resguardo instintivo por causa da presença dos Cullen - ou talvez isso apenas aderisse mais emoção à atmosfera. A música era contagiante, as luzes eram quase hipnóticas. Pelo jeito que a comida havia desaparecido, ela deve ter estado boa também. Logo, a sala estava lotada, apesar de nunca ficar claustrofóbica. A classe inteira dos último-anistas parecia estar lá, junto com a maioria dos calouros.

Os corpos se mexiam de acordo com a batida que vibrava embaixo das solas dos pés deles, a festa estava constantemente no ponto de virar um baile.

Não foi tão difícil quanto eu pensei que seria. Eu seguí a liderança de Alice, me misturando e conversando por um segundo com todo mundo. Eles pareceram suficientemente fáceis de agradar. Eu tinha certeza de que essa festa era de longe bem mais legal do que qualquer outra coisa que a cidade de Forks já tenha experimentado antes. Alice estava quase ronronando - ninguém por aqui esqueceria essa noite.

Eu circulei a sala uma vez, e voltei pra Jessica. Ela tagarelou excitadamente, e não era necessário prestar muita atenção, porque as chances eram de que eu não precisaria responder a ela muito cedo. Edward estava ao meu lado - se recusando a se separar de mim. Ele manteve uma mão seguramente na minha cintura, me puxando mais pra perto de vez em quando em respostas a pensamentos que eu provavelmente não ia querer ouvir.

Então, eu fiquei imediatamente suspeita quando ele retirou o braço e se afastou de mim.

- Fique aqui - ele murmurou pra mim. - Eu volto já.

Ele passou graciosamente pela multidão sem parecer sequer encostar em nenhum dos corpos apertados, e foi embora rápido demais pra que eu tivesse tempo de perguntar porque ele

estava indo embora. Eu olhei pra ele com os olhos apertados enquanto Jessica gritava ansiosamente por cima da música, segurando o meu cotovelo, sem se dar conta da minha distração.

Eu observei ele quando ele se aproximou da sombra grande ao lado da porta da cozinha, onde as luzes só iluminavam fracamente. Ele estava se inclinando na direção de alguém, mas eu não conseguia ver por cima das cabeças entre nós.

Eu me coloquei na ponta dos pés, esticando o pescoço. Bem aí, uma luz passou pelas costas dele e cintilou nos cequins vermelhos da camiseta de Alice. As luzes só tocaram o rosto dela por um segundo, mas isso foi suficiente.

- Me dê licença por um minuto, Jess - eu murmurei, puxando meu braço.

Eu não parei pra ver a reação dela, nem pra ver se eu havia machucado os sentimentos dela com a minha abruptidão.

Eu abri o meu caminho entre os corpos, sendo um pouco empurrada. Algumas pessoas estavam dançando agora. Eu me apressei até a porta da cozinha.

Edward tinha sumido, mas Alice ainda estava na escuridão, seu rosto vazio - o tipo de olhar inexpressivo que você vê no rosto de alguém que acabou de testemunhar um acidente horrível. Uma das mãos dela estavam agarrando o arco da porta, como se ela precisasse de apoio.

- O que, Alice, o que? O que você viu? - As minhas mãos estavam entrelaçadas na minha frente, implorando.

Ela não olhou pra mim, ela estava olhando em outra direção. Eu segui o olhar dela e ví quando ela encontrou o olhar de Edward do outro lado da sala. O rosto dele estava vazio como uma pedra. Ele se virou e desapareceu nas sombras embaixo da escada.

Bem aí a campainha tocou, horas depois da última vez, e Alice olhou pra cima com uma expressão confusa que se transformou rapidamente em uma de desgosto.

- Quem convidou o lobisomem? - ela me apertou.

Eu fiz uma carranca. - Culpada.

Eu pensei ter desfeito esse convite - não que eu tenha imaginado que Jacob viria *aqui*, de qualquer jeito.

- Bem, você vá tomar conta deles, então. Eu tenho que falar com Carlisle.

- Não, Alice, espere! - eu tentei agarrar o braço dela, mas ela já tinha ido embora e a minha mão só agarrou o ar vazio. - Maldição! - eu rosnei.

Eu sabia que era isso. Alice tinha visto aquilo pelo que ela esteve esperando, e honestamente eu não aguentei segurar o suspense por tempo suficiente pra atender a porta. A campainha da porta tocou de novo, por tempo demais, alguém estava segurando o botão. Eu me virei de costas para a porta resolutamente, e procurei na escuridão da sala por Alice.

Eu não conseguia ver nada. Eu comecei a me empurrar para a escada.

- Ei, Bella!

A voz profunda de Jacob pegou uma pausa na música, e eu olhei pra cima mesmo sem querer ao som do meu nome.

Eu fiz uma cara.

Não era apenas um lobisomem, eram três. Jacob se deu permissão pra entrar, acompanhado em cada um dos lados por Quil e Embry. Eles dois pareciam horrivelmente tensos, os olhos deles passavam pela sala como se eles tivessem acabado de entrar em uma cripta assombrada. A mão tremendo de Embry ainda estava segurando a porta, o corpo dele estava meio preparado pra sair correndo. Jacob estava acenando pra mim, mais calmo que os outros, apesar do nariz dele estar enrugado de desgosto. Eu acenei de volta - dizendo adeus - e me virei pra procurar por Alice. Eu me apertei no espaço entre as costas de Conner e Lauren.

Ele apareceu do nada, a mão dele estava no meu ombro me puxando de volta na direção das sombras da cozinha. Eu me afastei dele, mas ele agarrou o meu pulso bom e me afastou da multidão.

- Recepção amigável - ele notou.

Eu soltei a minha mão e fiz uma carranca pra ele. - O que você está *fazendo* aqui?

- Você me convidou, lembra?

- No caso do meu soco de direita ter sido subto demais pra você, me deixe traduzir: aquela era eu *desconvidando* você.

- Não seja má esportista. Eu te trouxe um presente de formatura e tudo.

Eu cruzei os meus braços no peito. Eu não queria briga com Jacob agora. Eu queria saber o que Alice tinha visto e o que Edward e Carlisle estavam dizendo sobre isso. Eu desviei a minha cabeça ao redor de Jacob, procurando por eles.

- Leve de volta para a loja, Jake. Eu tenho que fazer uma coisa...

Ele ficou na frente da minha linha de visão, exigindo minha atenção.

- Eu não posso devolver. Eu não peguei numa loja, eu mesmo fiz. E também me levou bastante tempo.

Eu me inclinei ao redor dele de novo, mas eu não podia ver nenhum dos Cullen. Pra onde eles haviam ido? Os meus olhos procuraram pela sala escurecida.

- Oh, vamos, Bell. Não finja que eu não estou aqui!

- Eu não estou - eu não podia vê-los em lugar nenhum. - Olha, Jake, eu tenho muita coisa na minha cabeça agora.

Ele colocou a mão embaixo do meu queixo e puxou meu rosto pra cima.

- Será que eu posso por favor ter alguns minutos de sua inteira atenção, Senhorita Swan?

Eu me afastei do toque dele. - Mantenha as suas mãos pra sí mesmo, Jacob - eu assobiei.

- Desculpa! - ele disse imediatamente, levantando as mãos em redenção. - Eu realmente lamento. Também, eu falo do outro dia. Eu não devia ter te beijado daquele jeito. Eu estava errado. Eu acho... bem, eu acho que me iludí pensando que você queria que eu fizesse aquilo.

- Iludido, que descrição perfeita!

- Seja boazinha. Você podia aceitar as minhas desculpas, sabe.

- Tá. Desculpas aceitas. Agora, se você me der licença por um momento...

- Ok - ele murmurou, voz dele estava tão diferente de antes que eu deixei de procurar por Alice pra estudar o rosto dele. Ele estava olhando pra o chão, escondendo os olhos. O lábio inferior dele estava só um pouquinho pra fora. - Eu acho que você prefere estar com os seus amigos *de verdade* - ele disse com o mesmo tom abatido. - Eu entendo.

Eu rosnei. - Aw, Jake, você sabe que isso não é justo.

- Sei?

- Você *devia* - eu me inclinei para a frente, me esticando, tentando olhar nos olhos dele. Ai ele olhou pra cima, por cima da minha cabeça, evitando o meu olhar.

- Jake?

Ele se recusou a olhar pra mim.

- Ei, você disse que tinha feito alguma coisa pra mim, certo? - eu perguntei. - Aquilo era só conversa? Onde está o meu presente?

A minha tentativa de fingir entusiasmo era bem triste, mas deu certo. Ele revirou os olhos e fez uma careta pra mim.

Eu mantive o fingimento barato, segurando a minha mão aberta na minha frente.

- Eu estou esperando.

- Certo - ele murmurou sarcasticamente. Mas ele também enfiou a mão no bolso de trás do seu jeans e puxou um saquinho de um material folgado, com um tecido multi-colorido. Ele estava amarrado com uma tira de couro. Ele colocou na minha palma.

- Ei, isso é bonito, Jake. Obrigada!

Ele suspirou. - O presente está *dentro*, Bella.

- Oh.

Eu tive alguns problemas com as amarras.

Ele suspirou de novo e o tomou de mim, abrindo as amarras com facilidade apenas deslizando a corda certa. Eu levantei minha mão pra pegá-lo, mas ele virou o saquinho de cabeça pra baixo e balançou alguma coisa de prata nas minhas mãos. Os metais tilitaram baixinho uns contra os outros.

- Eu não fiz a pulseira - ele admitiu. - Só o pingente.

Agarrado a uma das pontas da pulseira de prata estava uma pequena escultura de madeira. Eu a segurei entre os meus dedos pra olhá-lo mais de perto. Havia uma quantidade incrível de detalhes envolvidos na pequena figura - a minuatira de lobo era absolutamente realista. Ela havia sido cravada em alguma madeira marrom avermelhada que combinava com a cor da pele dele.

- É lindo - eu sussurrei. - Você *fez* isso? Como?

Ele levantou os ombros. - É uma coisa que Billy me ensinou. Ele é melhor nisso do que eu.

- Isso é difícil de acreditar - eu murmurei, virando o pequeno lobo pra lé e pra cá entre os meus dedos.

- Você gostou mesmo?

- Sim! É inacreditável, Jake.

Ele sorriu, feliz no início, mas depois a expressão dele ficou azeda. - Bem, eu achei que talvez isso pudesse fazer você lembrar de mim de vez em quando. Você sabe como é, longe da cabeça, longe do coração.

Eu ignorei a atitude. - Aqui, me ajude a colocar.

Eu estendi o meu pulso esquerdo, já que o direito estava enfiado na tipóia. Ele soltou o trinco facilmente, apesar dele parecer delicado demais para o uso dos dedos grandes dele.

- Você vai usar? - ele perguntou.

- É claro que eu vou.

Ele sorriu pra mim - era o sorriso feliz que eu adorava ver ele usar.

Eu só retornei por um momento, mas aí os meus olhos olharam reflexivamente ao redor da sala de novo, procurando ansiosamente pela multidão por um sinal de Edward ou Alice.

- Porque você está tão distraída? - Jacob se perguntou.

- Não é nada - eu mentí, tentando me concentrar. - Obrigada pelo presente, mesmo. Eu amei.

- Bella - as sobrancelhas dele se juntaram, jogando seus olhos profundos em suas sombras.

- Alguma coisa está acontecendo, não está?

- Jake, eu... não, não há nada.

- Não minta pra mim, você mente muito mal. Você devia me contar o que está acontecendo. Nós queremos saber essas coisas - ele disse, passando pro plural no final.

Provavelmente ele estava certo; os lobos certamente estariam interessados no que estava acontecendo. Só que eu ainda não tinha certeza do que isso *era* ainda. Eu não saberia com certeza até que eu encontrasse Alice.

- Jacob, eu vou te contar. Só *me* deixe descobrir o que está acontecendo, ok? Eu preciso falar com Alice.

Compreensão iluminou o rosto dele. - A vidente viu alguma coisa.

- Sim, bem quando você apareceu.

- Isso é sobre o sugador de sangue no seu quarto? - ele murmurou, fazendo seu tom ficar abaixo do som da música.

- É relacionado - eu admití.

Ele processou isso por um minuto, deixando a cabeça inclinar pra o lado enquanto ele lia o meu rosto. - Você sabe de alguma coisa que não está me contando... alguma coisa *grande*.

Qual era o ponto em mentir de novo? Ele me conhecia bem demais. - Sim.

Jacob me encarou por um breve segundo, e aí se virou pra olhar os olhos dos seus irmãos de bando que ainda estavam na porta, estranhos e desconfortáveis. Quando eles olharam para a expressão dele, eles começaram a se mover, passando agilmente pelos festeiros, quase como se estivessem dançando também. Em meio minuto, eles estavam em cada lado de Jacob, parecendo uma torre sobre mim.

- Agora. Explique - Jacob ordenou.

Embry e Quil olharam pra frente e pra trás entre os nossos rostos, confusos e cautelosos.

- Jacob, eu não sei de tudo - eu continuei procurando na sala, por socorro. Eles tinham me colocando contra a parede, em todos os sentidos.

- O que você *sabe*, então.

Todos eles cruzaram os braços nos seus peitos ao mesmo tempo. Foi um pouco engraçado, mas era ameaçador.

E aí eu vi Alice descendo as escadas, a sua pele branca brilhando na luz roxa.

- Alice! - eu esguichei, aliviada.

Ela olhou diretamente pra mim quando eu chamei o nome dela, apesar dos baixos altos que deviam ter abafado a minha voz. Eu acenei ansiosamente, e observei o rosto dela quando ela viu os três lobisomens de inclinando na minha direção. Os olhos dela se estreitaram.

Mas, antes dessa reação, o rosto dela estava cheio de estresse e medo. Eu mordí o meu lábio enquanto ela deslizava para o meu lado.

Jacob, Quil e Embry se inclinaram todos pra longe dela com expressões inquietas.

Ela colocou uma braço ao redor da minha cintura.

- Eu preciso falar com você - ela murmurou no meu ouvido.

- Er, Jake, eu te vejo depois... - eu murmurei enquanto passávamos por eles. Jacob jogou seu longo braço pra bloquear o caminho, colocando a mão contra a parede.

- Ei, não tão rápido.

Alice encarou ele, os olhos arregalados e incrédulos. - Dá licença?

- Nos diga o que está acontecendo - ele ordenou com um rugido.

Jasper literalmente apareceu do nada. Em um segundo éramos apenas Alice e eu contra a parede, Jacob bloqueando a nossa saída, e aí Jasper estava de pé ao lado do braço de Jacob, com uma expressão aterrorizadora.

Jacob puxou seu braço de volta lentamente. Esse parecia ser o melhor movimento, levando em consideração que ele queria continuar com aquele braço.

- Nós temos o direito de saber - Jacob murmurou, ainda encarando Alice.

Jasper se meteu entre eles, e os três lobisomens se resguardaram.

- Ei, ei - eu disse, acrescentando uma gargalhada histérica. - Isso é uma festa, lembram?

Ninguém prestou atenção em mim. Jacob encarava Alice enquanto Jasper encarava Jacob. O rosto de Alice ficou pensativo de repente.

- Está tudo bem, Jasper. Na verdade, ele tem um ponto.

Jasper não relaxou de sua posição.

Eu tinha certeza de que o suspense ia fazer a minha cabeça explodir em cerca de um segundo. - O que você viu, Alice?

Ela encarou Jacob por um segundo, e se virou pra mim, evidentemente escolhendo deixá-los ouvir.

- A decisão foi tomada.

- Vocês estão indo pra Seattle?

- Não.

Eu sentí a cor escapar do meu rosto. Meu estômago girou. - Eles estão vindo pra cá - eu botei pra fora.

Os garotos Quileute observavam em silêncio, observando todas as mudanças inconscientes de emoção nos nossos rostos. Eles estavam enraizados nos lugar, e mesmo assim não estavam completamente imóveis. Todos os três pares de mãos estavam tremendo.

- Sim.

- Pra Forks - eu sussurrei.

- Sim.

- Para?

Ela balançou a cabeça, entendendo a minha pergunta. - Um deles estava carregando a sua blusa vermelha.

Eu tentei engolir.

A expressão de Jasper era desaprovadora. Eu podia notar que ela não estava gostando que discutíssemos isso na frente dos lobisomens, mas ele tinha algo mais que ele precisava dizer. -

Nós não podemos deixar eles chegarem tão longe. Nós não somos suficientes pra proteger a cidade.

- Eu sei - Alice disse, o rosto dela estava desolado de repente. - Mas não importa onde paremos eles. Nós ainda não somos suficientes, e alguns deles vão vir aqui pra procurar.

- Não! - eu sussurrei.

O som da festa abafou o som da minha negação. Ao redor de nós, os meus amigos e vizinhos e inimigos insignificantes comiam e riam e dançavam com a música, ignorantes para o fato de que eles estavam prestes a encerrar o horror, talvez perigo, talvez morte. Por minha causa.

- Alice - eu fiz seu nome com a boca. - Eu tenho que ir, eu tenho que sair daqui.

- Isso não vai ajudar. Não é como se estivéssemos lidando com um perseguidor. Eles virão aqui pra procurar primeiro.

- Então eu tenho que ir encontrá-los! - se a minha voz não estivesse tão rouca e distorcida, ela poderia ter sido um esgicho. - Se eles acharem o que estão procurando, talvez eles vão embora e não machuquem mais ninguém!

- Bella! - Alice protestou.

- Espere - Jacob ordenou numa voz baixa, poderosa. - *O que está vindo?*

Alice passou seu olhar de gelo pra ele. - Nossa espécie. Muitos deles.

- Porque?

- Por Bella. Isso é tudo o que sabemos.

- Existem muitos de vocês? - Jacob perguntou.

Jasper bridou.

- Nós temos algumas vantagens, cachorro. Será uma luta justa.

- Não - Jacob disse, um meio sorriso estranho, penetrante se abriu no rosto dele. - Não será *justa*.

- Excelente! - Alice assobiou.

Eu olhei, congelada de horror, para a nova expressão de Alice. O rosto dela estava vivo com exultação, todo o desespero foi limpo das suas feições perfeitas.

Ela riu maliciosamente pra Jacob, e ele sorriu de volta.

- Tudo desapareceu, é claro - ela disse com uma voz presumida. - Isso é inconveniente, mas, considerando todas as coisas, eu aceito.

- Nós vamos ter que nos coordenar - Jacob disse. - Isso não será fácil pra nós. Mesmo assim, esse é mais o nosso trabalho do que o de vocês.

- Eu não iria tão longe, mas nós precisamos de ajuda. Nós não vamos ficar escolhendo.

- Espere, espere, espere, espere - eu interrompi eles.

Alice estava na ponta dos pés, Jacob estava abaixado se inclinando na direção dela, os rostos dos dois estavam iluminados de excitação, mas os narizes deles estava enrugados por causa do cheiro. Eles olharam pra mim impacientemente.

- Coordenar? - eu repeti por entre meus dentes trincados.

- Você não pensou realmente que poderia nos manter de fora disso? - Jacob perguntou.

- Você *vai* ficar fora disso.

- A sua vidente diz que não.

- Alice, diga a eles que não! - eu insisti. - Eles vão acabar morrendo!

Jacob, Quil e Embry todos riram alto.

- Bella - Alice chamou, a voz dela era suave, calmante - separados todos nós vamos acabar morrendo. Juntos...

- Isso não vai ser problema - Jacob terminou a frase dela. Quil riu de novo.

- Quantos? - Quil perguntou ansiosamente.

- Não! - eu gritei.

Alice nem olhou pra mim. - Isso varia, vinte e um hoje, mas os números estão diminuindo.

- Porque? - Jacob perguntou, curioso.

- Longa história - Alice disse, de repente olhando ao redor da sala. - E esse não é o lugar pra isso.

- Mais tarde essa noite? - Jacob pressionou.

- Sim - Jasper respondeu pra ele. - Nós já estamos planejando um... encontro estratégico. Se vocês vão lutar com a gente, vocês vão precisar de algumas instruções.

Todos os lobos fizeram uma cara de desgosto na última parte.

- Não! - eu gemi.

- Isso vai ser estranho - Jasper disse, pensativo. - Eu nunca considerei trabalhar junto. Essa tem que ser a primeira vez.

- Sem dúvida sobre isso - Jacob concordou. Agora ele estava com pressa. - Nós temos que voltar pra Sam. A que horas?

- Que horas é tarde demais pra vocês?

Todos os três reviraram os olhos. - Que horas? - Jacob repetiu.

- Três em ponto?

- Onde?

- Cerca de dez milhas ao norte da estação de guarda da Floresta de Hoh. Venham pelo leste e vocês poderão seguir o nosso cheiro até lá.

- Nós estaremos lá.

Eles se viraram pra ir embora.

- Espere, Jake! - eu chamei ele. - Por favor! Não faça isso!

Ele parou, se virando pra sorrir pra mim, enquanto Quil e Embry seguiam impacientemente para a porta. - Não seja ridícula, Bells. Você está me dando um presente muito melhor do que o que eu te dei.

- Não! - eu gritei de novo. O som de uma guitarra abafou o meu choro.

Ele não respondeu; ele se apressou pra acompanhar os seus amigos, que já tinham ido embora. Eu observei sem poder fazer nada enquanto Jacob desaparecia.

18. INSTRUÇÕES

- Essa tem que ter sido a festa mais longa da história do mundo - eu reclamei no caminho pra casa.

Edward não pareceu discordar. - Está acabado agora - ele disse, esfregando o meu braço de forma calmante.

Porque eu era a única que precisava ser acalmada. Edward estava bem agora - todos os Cullen estavam bem.

Todos eles me reasseguraram; Alice se erguendo pra dar um tapinha na minha cabeça enquanto eu ia embora, olhando Jasper significativamente até que uma onda de paz me rodeou, Esme beijando a minha testa e me prometendo que tudo estava bem, Emmett rindo tumultuosamente e me perguntando porque eu era a única que tinha permissão pra brigar com lobisomens... a solução de Jacob acalmou todos eles, quase eufóricos depois de longas semanas de estresse. A dúvida foi trocada por confiança. A festa havia acabado em um verdadeiro clima de celebração.

Não pra mim.

Já era ruim o suficiente - horrível - que os Cullen teriam que lutar por mim. Já era demais que eu teria que permitir isso. Eu já sentia mais do que eu podia aguentar. Jacob também não. Não seus irmãos bobos, ansiosos - a maioria deles mais nova do que eu era. Eles só eram muito grandes, crianças muito musculosas, e eles estavam ansiosos com isso como se fosse um piquenique na praia. Eu não podia colocá-los em perigo também. Os meus nervos pareciam estar desfiados e expostos. Eu não sabia por quanto tempo mais eu seria capaz de restringir a vontade de gritar alto.

Eu sussurrava agora, pra manter minha voz sob controle. - Você vai me levar junto essa noite.

- Bella, você está exausta.

- Você acha que eu poderia dormir?

Ele fez uma careta. - Isso é uma experiência. Eu não estou certo de que será possível pra nós... cooperar. Eu não quero você no meio daquilo.

Como se isso não me fizesse ainda mais ansiosa pra ir. - Se você não me levar, eu vou ligar pra Jacob.

Os olhos dele se estreitaram. Isso era golpe baixo, e eu sabia. Mas não tinha jeito de eu ser deixada pra trás.

Ele não respondeu; estávamos na casa de Charlie agora. A luz da frente estava acesa.

- Te vejo lá em cima - eu murmurei.

Eu fui na porta dos pés até a porta da frente. Charlie estava adormecido na sala de estar, super-populando o sofá pequeno demais, e roncando tão alto que eu podia ter ligado uma serra-elétrica e isso não teria acordado ele.

Eu balancei o ombro dele vigorosamente.

- Pai! Charlie!

Ele murmurou, ainda com os olhos fechados.

- Eu estou em casa agora, você vai machucar as suas costas dormindo desse jeito. Vamos, hora de se mexer.

Foram precisas mais algumas sacudidas, e os olhos dele nunca se abriram completamente, mas eu conseguí tirar ele do sofá. Eu ajudei ele a ir até a sua cama, onde ele desabou no topo das cobertas, totalmente vestido, e começou a roncar de novo.

Ele não ia procurar por mim tão cedo.

Edward me esperou no meu quarto enquanto eu lavava o meu rosto e colocava um jeans e uma camisa de flanela. Ele me observou infeliz na cadeira de balanço enquanto eu estendia a roupa que Alice havia me dado no armário.

- Venha aqui - eu disse, pegando a mão dele e puxando ele para a minha cama.

Eu puxei ele para a cama e me curvei no peito dele. Talvez ele *estivesse* certo e eu estivesse cansada suficiente pra dormir. Eu não ia deixar ele escapar sem mim.

Ele colocou a colcha ao meu redor, aí me segurou mais perto.

- Por favor relaxe.

- Claro.

- Isso vai dar certo, Bella. Eu posso sentir.

Os meus dentes travaram.

Ele estava irradiando alívio. Ninguém além de mim se importava se Jacob e seus amigos se machucassem. Nem mesmo Jacob e seus amigos. Especialmente não eles. Ele podia reparar que eu estava prestes a perder o controle. - Me escute, Bella. Isso vai ser *fácil*. Os recém-nascidos serão pegos completamente de surpresa. Eles nem sequer terão mais certeza de que os lobisomens podiam existir mais do que você tinha. Eu já ví como eles agem em grupos, pelo jeito que Jasper se lembra. Eu realmente acredito que as técnicas de caça dos lobisomens vão funcionar perfeitamente contra eles. E com eles divididos e confusos, eles não serão suficientes pra lidar com o resto de nós. Alguém vai ter que ficar descansando - ele zombou.

- Uma moleza - eu murmurei sem tom contra o peito dele.

- Shhhh - ele alisou a minha bochecha. - Você vai ver. Não se preocupe agora.

Ele começou a sofejar a minha canção de ninar, mas, pela primeira vez, ela não me acalmou.

Pessoas - bem, na verdade, vampiros e lobisomens, na verdade, mas mesmo assim - pessoas que eu amava iam se machucar. Se machucar por minha causa. De novo. Eu queria que a minha falta de sorte focasse um pouco mais cuidadosamente.

Eu tinha vontade de gritar para o céu vazio: *sou eu que você quer - bem aqui! Só eu!*

Eu pensei em uma forma de fazer exatamente isso - forçar a minha falta de sorte a focar apenas em mim. Não ia ser fácil. Eu teria que esperar, contar o meu tempo... Eu não caí no sono. Os minutos se passaram rapidamente, para a minha surpresa, e eu ainda estava alerta quando Edward puxou nós dois em uma posição sentada.

- Você tem certeza que não quer ficar e dormir?

Eu dei um olhar amargo pra ele.

Ele suspirou, e me pegou nos braços antes de pular pela minha janela.

Ele correu pela floresta quieta, escura, comigo em suas costas, e mesmo na corrida dele eu sentia a elação. Ele estava correndo como fazia quando éramos só nós, só por diversão, só pra sentir o vento no cabelo dele. Esse era o tipo de coisas que, em tempos de menos ansiedade, teria me deixado muito feliz.

Quando nós chegamos no grande campo aberto, a família dele estava lá, conversando casualmente, relaxada. A risada estrondosa de Emmett ecoava no espaço largo de vez em quando. Edward me colocou no chão e nós caminhamos de mãos dadas na direção deles.

Me levou um minuto, porque estava escuro demais com as nuvens escondidas atrás das nuvens, mas eu me dei conta de que estávamos na clareira de baseball. Era o mesmo lugar onde, mais de um ano atrás, aquela tarde tranquila com os Cullen havia sido interrompida por James e seu grupo.

Era estranho estar aqui de novo - como se essa cena não estivesse completa até que James e Laurent e Victoria se juntassem a nós. Mas James e Laurent não iam voltar nunca mais. O padrão não ia mais se repetir. Talvez todos os padrões estivessem quebrados.

Sim, alguém havia quebrado os padrões deles. Seria possível que os Volturi fossem os flexíveis nessa equação?

Eu duvidava.

Victoria sempre pareceu ser uma força da natureza pra mim - como um furacão se movendo em direção à costa em linha reta - inevitável, implacável, mas previsível. Talvez fosse errado limitá-la dessa forma. Ela tinha de ser capaz de se adaptar.

- Sabe o que eu penso? - eu perguntei a Edward.

Ele riu. - Não

Eu quase sorri.

- O que você pensa?

- Eu acho que está *tudo* conectado. Não apenas dois, mas todos os três.

- Eu estou perdido.

- Três coisas ruins aconteceram desde que você voltou - eu as contei nos meus dedos. - Os recém-nascidos em Seattle. O estranho no meu quarto. E, primeiro de tudo, Victoria voltou pra me procurar.

Os olhos dele se estreitaram quanto ele pensou nisso. - Porque você acha isso?

- Porque eu concordo com Jasper, os Volturi amam as regras deles. Provavelmente eles fariam um trabalho melhor, de qualquer jeito. - E eu já estaria morta se eles me quisessem morta, eu acrescentei mentalmente. - Lembra de quando você estava caçando a Victoria no ano passado?

- Sim - ele fez uma careta. - Eu não fui muito bom nisso.

- Alice disse que você estava no Texas. Você a seguiu até lá?

As sobrancelhas dele se juntaram. - Sim. Hmm...

- Veja, ela pode ter tido a idéia lá. Mas ela não sabe o que está fazendo, então os recém-nascidos estão fora de controle.

Ele começou a balançar a cabeça. - Somente Aro sabe como as visões de Alice funcionam.

- Aro sabia *melhor*, mas será que Tânia e Irina e o resto dos seus amigos de Denali não sabiam *o suficiente*? Laurent viveu com eles durante muito tempo. E ele ainda estava amigado o suficiente com Victoria pra fazer favores pra ela, porque ele também não podia ter dito a ela tudo o que sabia?

Edward fez uma careta. - Não era Victoria no seu quarto.

- Ela não pode fazer amigos novos? Pense nisso, Edward. Se *for* Victoria fazendo isso em Seattle, ela *fez* um monte de amigos novos. Ela os criou.

Ele considerou isso, a testa dele enrugada de concentração.

- Hmm - ele disse finalmente. - É possível. Eu ainda acho que é mais provável que sejam os Volturi... Mas a sua teoria, tem alguma coisa aí. A personalidade de Victória. A sua teoria combina perfeitamente com ela. Ela demonstrou um talento extraordinário por auto-preservação desde o início, talvez seja o dom dela. Em qualquer caso, esse plano não a colocaria em perigo com todos nós, se ela se sentasse seguramente nos fundos e deixasse que os recém-nascidos criassem um caos lá. E talvez pouco risco por parte dos Volturi também. Talvez ela esteja contando com que a gente ganhe, no final, apesar de que certamente isso não seria sem suas casualidades pra nós mesmo. Mas não haveriam sobreviventes em seu pequeno exército pra testemunhar contra ela. De fato - ele continuou, pensando nisso - se houvessem sobreviventes, eu aposto que ela mesma está planejando destruí-los... Hmm. Ainda assim, ela teria que ter pelo menos um amigo com mais maturidade. Nenhum recém-nascido fresco deixa o seu pai vivo...

Ele fez uma careta para o espaço por um momento, e depois de repente ele sorriu pra mim, voltando de seu devaneio. - Definitivamente possível. De qualquer maneira, nós temos que estar preparados pra qualquer coisa até termos certeza. Você está muito perceptiva hoje - ele adicionou. - É impressionante.

Eu suspirei. - Talvez eu só esteja reagindo a esse lugar. Ele me faz sentir como se ela estivesse por perto... como se ela estivesse me vendo agora.

Os músculos da mandíbula dele ficaram tensos com a idéia. - Ela nunca vai tocar você, Bella - ele disse.

Apesar das palavras dele, seus olhos passaram cuidadosamente pelas árvores escuras. Enquanto ele vasculhava suas sombras, a expressão mais estranha passou pelo rosto dele. Ele puxou seus lábios pra cima de seus dentes e os olhos dele brilharam com uma luz estranha - uma esperança selvagem, feroz.

- Mesmo assim, o que eu não daria pra ter ela tão perto - ele murmurou. - Victoria e qualquer outra pessoa que tenha pensado em machucar você. Ter a chance de acabar com isso eu mesmo. Acabar com isso com as minhas próprias mãos dessa vez.

Eu estremecei com a vontade feroz na voz dele, e apertei os dedos dele com mais força entre os meus, desejando ser forte o suficiente pra fechar as nossas mãos juntas permanentemente.

Nós estávamos quase perto da família dele, e eu percebi pela primeira vez que Alice não parecia tão otimista quanto o resto deles. Ela estava um pouco de lado, observando Jasper esticar os braços como se estivesse se aquecendo pra um exercício, os lábios dela estavam fazendo biquinho.

- Há algo errado com Alice? - eu sussurrei.

Edward gargalhou, era ele mesmo de novo. - Os lobisomens estão a caminho, então ela não pode ver o que vai acontecer agora. Ela fica desconfortável por estar cega.

Alice, apesar de ser a mais distante de nós, ouviu a voz baixa dele. Ela olhou pra cima e mostrou a língua pra ele. Ele riu de novo.

- Ei, Edward - Emmett saudou ele. - Ei, Bella. Ele vai deixar você praticar também?

Edward rosnou pra o irmão dele. - Por favor, Emmett, não fique dando idéias a ela.

- Quando os nossos convidados vão chegar? - Carlisle perguntou a Edward.

Edward se concentrou por um momento, e depois suspirou. - Um minuto e meio. Mas eu vou ter que traduzir. Eles não confiam em nós o suficiente pra usarem suas formas humanas.

Carlisle balançou a cabeça. - É difícil pra eles. Eu estou grato por eles estarem todos vindo.

Eu encarei Edward, meus olhos se abriram muito. - Eles vão vir como lobos?

Ele balançou a cabeça, tomando cuidado com a minha reação.

Eu engoli uma vez, me lembrando das duas vezes que eu havia visto Jacob em sua forma de lobo - a primeira vez na clareira com Laurent, a segunda vez na estrada da floresta onde Paul ficou com raiva de mim... as duas eram memórias de terror.

Um brilho estranho apareceu nos olhos de Edward, como se alguma coisa tivesse acabado de ocorrer a ele, alguma coisa que não era nem um pouco agradável. Ele se virou rapidamente, antes que eu pudesse ver mais, de volta pra Carlisle e os outros.

- Preparem-se, eles estão esperando por nós.

- O que você quer dizer? - Alice quis saber.

- Shh - ele precaviu, e olhou por cima dela para a escuridão.

O círculo informal dos Cullen se abriu de repente, formando uma linha solta, com Jasper e Emmett em cada ponta. Pelo jeito que Edward se inclinava pra frente ao meu lado, eu podia dizer que ele queria estar lá com eles. Eu apertei a minha mão na dele.

Eu olhei na direção da floresta, sem ver nada.

- *Droga* - Emmett disse por baixo do fôlego. - Vocês já viram uma coisa como essas?

Esme e Rosalie trocaram um olhar arregalado.

- O que é? - eu sussurrei tão baixo quanto pude. - Eu não consigo ver.

- O bando cresceu - Edward murmurou no meu ouvido.

Eu não havia dito a ele que Quil havia se juntado ao bando? Eu me estiquei pra ver seis lobos na escuridão. Finalmente, alguma coisa brilhou no escuro - os olhos deles, mais altos do que deveriam ser. Eu tinha me esquecido do quanto os lobos eram altos. Como cavalos, só que mais grossos com os músculos e com os pêlos - e os dentes como facas, impossíveis de não ver.

Eu só podia ver os olhos. E enquanto eu procurava, me esforçando pra ver mais, me ocorreu que haviam mais de seis pares de olhos nos encarando. *Um, dois, três...*

Eu contei os pares rapidamente na minha cabeça. O dobro.

Haviam dez deles.

- Fascinante - Edward murmurou quase silenciosamente.

Carlisle seu um passo lento, deliberadamente para a frente. Foi um movimento cuidadoso, designado pra reassegurar.

- Bem vindos - ele saudou os lobisomens invisíveis.

- Obrigado - Edward respondeu num tom estranho, vazio, e eu me dei conta imediatamente que as palavras vinham de Sam. Eu olhei para os olhos brilhando no centro da linha, o mais à frente, o mais alto de todos eles. Era impossível separar o formato do grande lobo negro da escuridão.

Edward falou de novo com a mesma voz destacada, falando as palavras de Sam.

- Nós vamos observar e escutar, mas nada mais. Isso é o máximo que vocês podem pedir do nosso auto-controle.

- Isso é mais do que suficiente - Carlisle respondeu. - Meu filho, Jasper - ele fez um gesto pra onde Jasper estava, tenso e pronto - tem experiência nessa área. Ele irá nos ensinar como eles lutam, como eles devem ser derrotados. Eu tenho certeza de que vocês podem continuar com o seu próprio estilo de caça.

- Eles são diferentes de vocês? - Edward perguntou pra Sam.

Carlisle balançou a cabeça. - Eles são todos muito novos, têm apenas meses nessa vida. Crianças, de certa forma. Eles não terão habilidades e nem estratégia, apenas força bruta. Essa noite o número deles é de vinte. Dez pra nós, dez pra vocês, não deve ser difícil. Os números podem cair. Os novos brigam entre si.

Um estrondo passou pela linha sombria dos lobos, uma baixo murmúrio de rosnados que de alguma forma parecia entusiasmado.

- Nós estamos dispostos a ter mais na nossa metade, se for necessário - Edward traduziu. O tom dele agora estava indiferente.

Carlisle sorriu. - Nós veremos como as coisas vão.

- Vocês sabem quando e como eles vão chegar?

- Eles virão pelas montanhas daqui a quatro dias, tarde da manhã. Enquanto eles se aproximam, Alice nos ajudará a interceptar o caminho deles.

- Obrigado pela informação. Nós vamos observar.

Com um som de suspiro, os olhos foram mais pra perto do chão um de cada vez. Tudo ficou em silêncio por duas batidas de coração, e aí Jasper deu um passo até o espaço vazio entre os vampiros e os lobos.

Não foi difícil pra mim ver ele - a pele dele era tão clara contra a escuridão quanto os olhos dos lobos. Jasper lançou um olhar cauteloso na direção de Edward, que balançou a cabeça, e aí Jasper virou suas costas para os lobisomens. Ele suspirou, claramente desconfortável.

- Carlisle está certo - Jasper falou apenas pra nós; ele pareceu estar tentando ignorar a platéia atrás dele. - Eles irão lutar como crianças. As duas coisas mais importantes que vocês precisam lembrar são, primeiro, não deixem eles passarem os braços ao redor de vocês e, segundo, não tente matar de forma óbvia. É pra isso que eles estão preparados. Contanto que vocês os peguem pelos lados e continuem se movendo, eles ficaram confusos e responderão efetivamente. Emmett?

Emmett saiu da linha com um enorme sorriso.

Jasper foi para a direção norte da abertura entre as duas linhas inimigas. Ele acenou que Emmett viesse pra frente.

- Ok, Emmett primeiro. Ele é o melhor exemplo de um ataque de recém-nascido.

Os olhos de Emmett se estreitaram. - Eu vou *tentar* não quebrar nada - ele murmurou.

Jasper riu maliciosamente. - O que eu quis dizer é que Emmett confia em sua força. Ele é muito ansioso em relação ao ataque. Os recém-nascidos também não vão tentar nada subto. Vá com a forma de morte mais fácil, Emmett.

Jasper retrocedeu mais alguns passos, o corpo dele ficando tenso.

- Ok, Emmett, tente me pegar.

Eu não conseguí mais ver Jasper - ele era como um vulto enquanto Emmett partiu pra cima dele como um urso, sorrindo enquanto rosnava. Emmett era impossivelmente rápido também, mas não como Jasper. Não parecia que Jasper tinha mais substância do que um fantasma - toda vez que parecia que as mãos de Emmett tinham agarrado ele com certeza, os dedos de Emmett apertavam nada além de ar. Ao meu lado, Edward se inclinou pra frente atentamente, os olhos dele presos na luta. Aí Emmett congelou.

Jasper agarrou ele por trás, com os dentes a apenas alguns centímetros de seu pescoço.

Emmett xingou.

Houve um rosnado de apreciação entre os lobos que estavam assistindo.

- De novo - Emmett insistiu, o sorriso dele tinha desaparecido.
- É a minha vez - Edward protestou. Os meus dedos ficaram tensos ao redor dos dele.
- Em um minuto - Jasper sorriu, dando um passo pra trás. - Primeiro eu quero mostrar uma coisa pra Bella.

Eu observei com olhos ansiosos enquanto ele fazia um gesto pra Alice se aproximar.

- Eu sei que você se preocupa com ela - ele explicou enquanto ela dançava despreocupadamente na arena. - Eu quero te mostrar porque isso não é necessário.

Apesar de eu saber que Jasper jamais permitiria que alguma coisa machucasse Alice, ainda assim era difícil olhar enquanto ele entrava em posição novamente encarando ela. Alice ficou imóvel, parecendo uma bonequinha depois de Emmett, sorrindo pra si mesma. Jasper se moveu pra frente, e aí escorregou pela esquerda dela.

Alice fechou os olhos.

O meu coração batia descompassadamente enquanto Jasper investia na direção de Alice.

Jasper saltou, desaparecendo. De repente, ele estava do outro lado de Alice. Ela nem parecia ter se movido.

Jasper se virou e se lançou pra cima dela novamente, só pra cair em um espaço atrás dela como da primeira vez; todo o tempo Alice ficou sorrindo com os olhos fechados.

Eu observei Alice mais cuidadosamente agora.

Ela *estava* se movendo - só que eu estava perdendo isso, distraída pelos ataques de Jasper. Ela deu um passo pra frente no exato momento em que o corpo de Jasper passava voando pelo lugar onde ela havia acabado de estar. Ela deu outro passo, enquanto as mãos de Jasper agarravam o ar no lugar onde a cintura dela havia estado.

Jasper fechou o espaço, e Alice começou a se mover mais rápido. Ela estava dançando - fazendo espirais e rodopiando e se curvando em si mesma. Jasper era o seu parceiro, se lançando, alcançando os padrões graciosos dela, sem nunca tocá-la, como se todos os momentos fossem coreografados. Finalmente, Alice riu.

Do nada, ela estava agarrada nas costas de Jasper, com os lábios no pescoço dele.

- Te peguei - ela disse, e beijou a garganta dele.

Jasper gargalhou, balançando a cabeça. - Você realmente é um monstrinho assustador.

Os lobos murmuraram de novo. Dessa vez o som era cauteloso.

- Isso é bom pra eles aprenderem a ter algum respeito - Edward murmurou, divertido. Aí ele falou mais alto - Minha vez.

Ele apertou minha mão antes de soltá-la.

Alice veio tomar o lugar dele ao meu lado. - Legal, hein? - ela me perguntou presumidamente.

- Muito - eu concordei, sem tirar os olhos de Edward enquanto ele se movia sem nenhum ruído em direção a Jasper, os movimentos dele eram leves e observadores como os de um gato selvagem.

- Eu estou de olho em você, Bella - ela sussurrou de repente, a voz dela estava tão baixa que eu mal conseguí ouvir, apesar dos lábios dela estarem no meu ouvido.

O meu olhar passou pra ela e depois voltou pra Edward. Ele estava atento em Jasper, os dois estavam se encarando enquanto ele fechava a distância.

A expressão de Alice estava cheia de repreensão.

- Eu vou avisar ele se os seus planos ficarem mais definidos - ela ameaçou com o mesmo murmúrio baixo. - Não vai ajudar em nada se você se colocar em perigo. Você acha que algum deles desistiria se você morresse? Eles ainda iriam lutar, todos nós iríamos. Você não pode mudar nada, então, seja boazinha, tudo bem?

Eu fiz uma careta, tentando ignorar ela.

- Eu estou de olho - ela repetiu.

Edward havia fechado o espaço de Jasper agora, e essa luta era mais justa do que as outras. Jasper tinha um século de experiência pra guiá-lo, e ele tentava se guiar apenas nos instintos sempre que podia, mas os pensamentos dele sempre o traíam uma fração de segundo antes que

ele agisse. Edward era um pouco mais rápido, mas os movimentos que Jasper usava eram desconhecidos pra ele. Eles vinham pra cima um do outro de novo e de novo, nenhum dos dois conseguia ganhar vantagem, rosnados instintivos surgiam o tempo inteiro. Era difícil de assistir, mas ainda mais difícil de desviar o olhar.

Eles se moviam rápido demais pra que eu púdesse entender o que estava acontecendo. De vez em quando, os olhos afiados dos lobos chamavam a minha atenção. Eu tinha a sensação de que os lobos estavam vendo mais disso do que eu - talvez mais do que eles deviam.

Eventualmente, Carlisle limpou sua garganta.

Jasper riu e deu um passo pra trás. Edward ficou ereto e sorriu pra ele.

- De volta ao trabalho - Jasper consentiu. - Todos nós vão ter uma chance.

Todo mundo teve uma vez, Carlisle, depois Rosalie, Esme, e Emmett de novo. Eu pisquei através dos meus cílios, me encolhendo quando Jasper atacou Esme. Esse foi o mais difícil de observar. Aí ele diminuiu a velocidade, ainda não o suficiente pra que eu visse seus movimentos, e deu mais instruções.

- Vocês vêem o que eu estou fazendo aqui? - ele perguntava. - Sim, exatamente assim - ele encorajava. - Se concentrem nos lados. Não se esqueçam de qual será o alvo deles. Continuem se movendo.

Edward estava sempre concentrado, observando e também ouvindo o que os outros não podiam ver.

Ficou mais difícil de observar quando os meus olhos ficaram mais pesados. De qualquer forma, eu não estive dormindo bem ultimamente, e já estavam se aproximando umas sólidas vinte e quatro horas desde que eu havia dormido pela última vez. Eu me inclinei no lado de Edward, e deixei as minhas pálpebras escorregarem.

- Estamos quase acabando - ele sussurrou.

Jasper confirmou isso, se virando na direção dos lobos pela primeira vez, com uma expressão desconfortável de novo. - Nós estaremos fazendo isso amanhã. Por favor sintam-se a vontade de observar de novo.

- Sim - Edward respondeu com a voz tranquila de Sam. - Nós estaremos aqui.

Aí Edward suspirou, deu um tapinha no meu braço, e se afastou de mim. Ele se virou para a família dele.

- O bando acha que ajudaria se eles fossem familiares com cada um dos nossos cheiros, pra que eles não cometam erros mais tarde. Se nós pudéssemos ficar bem imóveis, isso facilitaria pra eles.

- Certamente - Carlisle disse pra Sam. - O que vocês precisarem.

Houve um rosnado obscuro, gutural do bando de lobos enquanto eles se colocavam de pé.

Os meus olhos ficaram arregalados de novo, a exaustão estava esquecida.

A escuridão profunda da noite estava começando a desaparecer - o sol estava clareando as nuvens, apesar de que ele ainda não havia clareado o horizonte, longe do outro lado da montanha. Enquanto eles se aproximavam, foi possível de repente diferenciar as formas... as cores.

Sam estava no comando, é claro. Inacreditavelmente enorme, tão escuro quanto a meia-noite, um monstro saído direto dos meus pesadelos - literalmente; depois da primeira vez que eu ví Sam e os outros na clareira, eles foram as estrelas principais dos meus pesadelos mais de uma vez.

Agora que eu podia ver todos eles, combinando o tamanho com cada par de olhos, eles pareciam ser mais de dez. O bando era assustador.

Pelo canto do meu olho, eu ví Edward me observando, avaliando cuidadosamente a minha reação.

Sam se aproximou de Carlisle de onde ele estava na frente, o enorme bando estava bem no rabo dele. Jasper enrijeceu, mas Emmett, no outro lado de Carlisle, estava sorrindo e relaxado.

Sam cheirou Carlisle, parecendo estremecer um pouquinho quando o fazia. Aí ele passou pra Jasper.

Os meus olhos correram pela linha cautelosa dos lobos. Eu tinha certeza que podia identificar suas novas adições. Havia um lobo cinza claro que era muito menor que os outros, os pelos na sua nuca se ergueram de desgosto. Havia outro, com cor de areia do deserto, que parecia desengonçado e descoordenado ao lado dos outros.

Um pequeno choramingo escapou do controle do lobo cor de areia quando o avanço de Sam o deixou isolado entre Carlisle e Jasper.

Eu parei no lobo que estava bem atrás de Sam. O pelo dele era marrom-avermelhado e mais longo que os dos outros, mas desarrumado em comparação. Ele era quase tão alto quanto Sam, o segundo maior no grupo. A postura dele era casual, de alguma forma demonstrando indiferença ao que para os outros parecia ser uma provação.

O enorme lobo com pêlo ruivo pareceu sentir o meu olhar, e olhou pra mim com familiares olhos pretos.

Eu o encarei de volta, tentando acreditar no que eu já sabia. Eu podia sentir a maravilha e a fascinação no meu rosto.

A boca do lobo se abriu, mostrando seus dentes. Teriam sido uma expressão assustadora, exceto por a língua dele ter rolado pra fora num sorriso de lobo.

Eu gargalhei.

O sorriso de Jacob aumentou em cima de seus dentes afiados. Ele abandonou seu lugar na fila, ignorando os olhos do bando enquanto eles o seguiam. Ele passou por Edward e por Alice pra ficar a menos de dois metros de distância de mim. Ele parou lá, o olhar dele passando brevemente pra Edward.

Edward ficou imóvel, uma estátua, os olhos dele observando a minha reação.

Jacob se inclinou nas patas da frente e deixou a cabeça cair até que ela não estava mais alta do que a minha, olhando pra mim, medindo a minha reação tanto quanto Edward.

- Jacob? - eu respirei.

A resposta foi um estrondo no fundo do peito dele que pareceu ser uma gargalhada.

Eu levantei a minha mão, meus dedos tremendo um pouco, e toquei o pêlo marrom-avermelhado no lado do rosto dele.

Os olhos pretos se fecharam, e Jacob inclinou sua enorme cabeça na minha mão.

Um zumbido trovejante ressoou na garganta dele.

O pêlo era macio e áspero, e quente na minha mão. Eu passei os meus dedos por ele com curiosidade, sentindo a textura, alisando o seu pescoço, onde a textura se aprofundava. Eu não tinha me dado conta do quanto havíamos nos aproximado; sem aviso, Jacob lambeu o meu rosto de repente desde o queixo até a linha do cabelo.

- Eca! Que nojo, Jake! - eu reclamei, pulando pra trás e batendo nele, exatamente como eu teria feito se ele fosse humano. Ele desviou do caminho, e o latido tossido saiu por entre os dentes dele obviamente era um riso.

Eu limpei o meu rosto com a manga da minha camisa, incapaz de evitar rir dele.

Nesse ponto eu me dei conta de que estavam todos olhando pra nós, os Cullen e os lobisomens - os Cullen com expressões perplexas eu um pouco enojadas. Era difícil ver as expressões dos lobos. Eu achei que Sam não parecia feliz.

E depois havia Edward, nervoso e claramente desapontado. Eu me dei conta de que ele esperava outra reação da minha parte. Como gritar ou sair correndo aterrorizada.

Jacob fez o som de risada de novo.

Os lobos estavam se afastando agora, sem tirar os olhos dos Cullen enquanto iam embora. Jacob ficou ao meu lado, observando eles irem embora. Em breve, eles desapareceram na floresta escura. Apenas dois exitaram perto das árvores, observando Jacob, suas posturas irradiando ansiedade.

Edward suspirou e - ignorando Jacob - veio ficar ao meu lado, pegando a minha mão.

- Pronto pra ir? - ele me perguntou.

Antes que eu pudesse responder, ele estava olhando por cima de mim pra Jacob.

- Eu ainda não entendi os detalhes - ele disse, respondendo à pergunta nos pensamentos de Jacob.

O Jacob-lobo rosnou solenemente.

- É mais complicado que isso - Edward disse. - Não se preocupe; eu vou ter certeza de que é seguro.

- Do que vocês estão falando? - eu quis saber.

- Nós estamos discutindo a estratégia - Edward disse.

A cabeça de Jacob se mexeu pra frente e pra trás, olhando os nossos rostos. Então, de repente, ele saiu correndo para a floresta. Enquanto ele ia embora, eu reparei pela primeira vez em um quadrado de tecido preto dobrado amarrado na sua perna de trás.

- Espere - eu chamei, levantando uma mão automaticamente pra alcansá-lo. Mas ele desapareceu nas árvores em três segundos, com os outros dois lobos acompanhando. - Porque ele foi embora? - eu perguntei, magoada.

- Ele vai voltar - Edward respondeu. Ele suspirou. - Ele quer ser capaz de falar ele mesmo com você.

Eu observei a beira da floresta por onde Jacob havia desaparecido, me inclinando no lado de Edward. Eu estava a ponto de ter um colapso, mas eu estava lutando. Jacob apareceu de novo, dessa vez sobre duas pernas.

O peito largo dele estava nú, seu cabelo estava encaracolado e desalinhado. Ele usava um par de calças de moletom, seus pés estavam descalços no chão frio. Agora ele estava sozinho, mas eu suspeitava que os amigos dele permaneciam nas árvores, invisíveis.

Ele não levou muito tempo pra cruzar o campo, apesar dele ter dado um longo olhar para os Cullen, que estavam silenciosamente em um círculo frouxo.

- Ok, sugador de sangue - Jacob disse quando estava a alguns metros de nós, evidentemente continuando a conversa que eu havia perdido. - O que há de tão complicado nisso?

- Eu tenho que considerar todas as possibilidades - Edward disse, sem se deixar abalar. - E se alguém for machucado por você?

Jacob bufou com a ideia. - Tudo bem, então deixe ela na reserva. Nós vamos fazer Collin e Brady ficar pra trás mesmo. Ela vai ficar mais segura lá.

Eu fiz uma carranca. - Vocês estão falando sobre mim?

- Eu só quero saber o que ele planeja fazer com você durante a luta - Jacob explicou.

- *Fazer comigo?*

- Você não pode ficar em Forks, Bella - a voz de Edward era apaziguadora. - Lá eles sabem onde te procurar. E se alguém passasse por nós?

O meu estômago caiu e o sangue foi drenado do meu rosto. - Charlie? - eu ofeguei.

- Ele vai ficar com Billy - Jacob me assegurou rapidamente. - Se o meu pai tiver que cometer um assassinato pra levá-lo até lá, ele vai fazer isso. Isso tudo provavelmente não será necessário. É sábado, certo? Há um jogo.

- Esse sábado? - eu perguntei, minha cabeça girando. Eu estava com a cabeça leve demais pra controlar os meus pensamentos selvagememente randômicos. Eu fiz uma careta pra Edward. - Bem, que droga! Lá se vai o meu presente de formatura.

Edward riu. - É o pensamento que conta - ele me lembrou. - Você pode dar as entradas a outra pessoa.

A inspiração me veio rapidamente. - Angela e Ben - eu decidi imediatamente. - Pelo menos isso vai tirá-los da cidade.

Ele tocou minha bochecha. - Você não pode evacuar todo mundo - ele disse com uma voz gentil. - Te esconder é só uma precaução. Eu te disse, agora nós não teremos problemas. Não haverão suficiente deles pra nos manter entretidos.

- Mas e quanto a deixar ela em La Push? - Jacob interrompeu, impaciente.

- Ela ficou pra lá e pra cá demais - Edward disse. - Ela deixou trilhas pelo lugar todo. Alice só vê vampiros muito jovens vindo para a caçada, mas obviamente alguém os criou. Há alguém mais experiente por trás disso. Quem quer que ele - Edward parou pra olhar pra mim - ou ela seja, essa

poderia ser uma distração. Alice vai ver se ele decidir vir olhar por contra própria, mas nós estaremos muito, muito ocupados na hora que a decisão for tomada. Talvez alguém esteja contando com isso. Eu não posso deixá-la em algum lugar onde ela esteve frequentemente. Ela *tem* que ser difícil de achar, só na dúvida. É uma chance pequena, mas eu não vou contar com a sorte.

Eu olhei pra Edward enquanto ele explicava, com a minha testa enrugando. Ele deu um tapinha no meu braço.

- Só sendo muito cuidadoso - ele prometeu.

Jacob fez um gesto para a floresta profunda à leste de nós, para a vasta expansão das Montanhas Olímpicas.

- Então esconda ela lá - ele sugeriu. - Existe um milhão de possibilidades, lugares onde tanto você quanto eu poderemos estar em apenas alguns minutos, se ela precisar.

Edward balançou a cabeça. - O cheiro dela é forte demais e, combinado com o meu, é especialmente distinto. Mesmo se eu levasse ela, isso deixaria uma trilha. *Nossa* trilha é fora de alcance, mas em conjunção com o cheiro de Bella, chamaria a atenção deles. Nós não temos certeza absoluta de que caminho eles vão tomar, porque *eles* não sabem disso ainda. Se eles sentissem o cheiro dela antes de nos encontrarem...

Os dois fizeram caretas ao mesmo tempo, suas sobrelanceiras ficando juntas.

- Você entende as dificuldades.

- Deve haver um jeito de fazer isso funcionar - Jacob murmurou. Ele olhou na direção da floresta, torcendo os lábios.

Eu me desequilibrei nos meus pés. Edward passou seu braço pela minha cintura, me trazendo mais pra perto e sustentando o meu peso.

- Eu preciso te levar pra casa, você está exausta. E Charlie vai se acordar logo...

- Espere um segundo - Jacob disse, se virando de volta pra nós, com os olhos brilhando. - O meu cheiro te incomoda, certo?

- Hmm, nada mal - Edward já estava dois passos à frente. - É possível. - Ele se virou em direção a sua família. - Jasper? - ele chamou.

Jasper olhou pra cima curiosamente. Ele veio até nós com Alice meio passo atrás. O rosto dela estava frustrado de novo.

- Ok, Jacob - Edward balançou a cabeça pra ele.

Jacob se virou pra mim com uma estranha mistura de emoções no rosto. Ele claramente estava excitado por qualquer que fosse o plano dele, mas também ainda estava um pouco intranquilo por ter seus inimigos tão próximos como aliados. E foi minha vez de ser cautelosa quando ele ergueu os braços na minha direção.

Edward respirou fundo.

- Nós vamos ver se conseguimos confundir suficientemente o cheiro pra esconder a sua trilha - Jacob explicou.

Eu olhei para os braços abertos dele suspeitosamente.

- Você vai ter que deixar ele te carregar, Bella - Edward me disse. A voz dele estava calma, mas eu conseguia ouvir o desgosto escondido.

Eu fiz uma careta.

Jacob revirou os olhos, impaciente, e se abaixou pra me agarrar nos seus braços.

- Não seja tão infantil - ele murmurou.

Mas os olhos dele passaram pra Edward, assim como os meus. O rosto de Edward estava composto e suave. Ele falou com Jasper.

- O cheiro de Bella é muito mais potente pra mim, eu pensei que seria um teste mais justo se outra pessoa tentasse.

Jacob deu as costas pra eles e se embrenhou rapidamente na floresta. Eu não disse nada enquanto a escuridão se fechava ao nosso redor. Eu estava fazendo biquinho, desconfortável nos braços de Jacob. Ele parecia íntimo demais de mim - certamente ele não precisava me segurar *tão* apertado - eu não podia deixar de me perguntar como ele se sentia com isso.

Isso me lembrou da minha última tarde em La Push, e eu não queria lembrar daquilo. Eu cruzei os meus braços, aborrecida quando a tipóia no meu braço intensificou a memória.

Nós não fomos muito longe; ele fez uma volta larga e voltou para a clareira por uma direção diferente, talvez meio campo de futebol de distância do ponto de partida original. Edward estava lá sozinho e Jacob foi em direção a ele.

- Você pode me colocar no chão agora.

- Eu não quero ter uma chance de arruinar a experiência - Ele caminhou mais devagar e os braços dele se apertaram.

- Você é *tão* chato - eu murmurei.

- Obrigado.

Do nada, Alice e Jasper estavam de pé ao lado de Edward. Jacob deu mais um passo, e me colocou no chão à uma meia dúzia de pés de distância de Edward. Sem olhar de volta pra Jacob, eu caminhei para o lado de Edward e peguei a mão dele.

- Bem? - eu perguntei.

- Contanto que você não toque nada, Bella, eu não posso *imaginar* como alguém poderia colocar o nariz perto o suficiente da trilha pra sentir o seu cheiro - Jasper disse, fazendo uma careta. - Ele está quase completamente obscurecido.

- Um sucesso definitivo - Alice concordou, torcendo o nariz.

- E isso me deu uma idéia.

- Que vai dar certo - Alice acrescentou confiantemente.

- Inteligente - Edward concordou.

- Como você *aguenta* isso? - Jacob murmurou pra mim.

Edward ignorou Jacob e olhou pra mim enquanto explicava. - Nós vamos, bem, *você* vai, deixar um trilha falsa até a clareira, Bella. Os recém-nascidos estão caçando, o seu cheiro vai deixá-los excitados, e eles virão exatamente por onde nós queremos que eles venham sem que tenhamos que ser cuidadosos sobre isso. Alice já pode ver que isso vai funcionar. Quando eles sentirem o *nosso* cheiro, eles vão se separar e tentar nos cercar pelos dois lados. A metade irá para a floresta, onde as visões dela desaparecem de repente...

- Sim! - Jacob assobiou.

Edward sorriu pra ele, um sorriso de verdadeira camaradagem.

Eu me sentí doente. Como eles podiam estar tão ansiosos com isso?

Como eu aguentaria ter *ambos* em perigo? Eu não podia.

Eu não iria.

- Sem chance - Edward disse de repente, com a voz enojada. Isso me fez pular, me preocupando que ele de alguma forma tivesse ouvido a minha resolução, mas os olhos dele estavam em Jasper.

- Eu sei, eu sei - Jasper disse rapidamente. - Eu nem considerarei isso, na verdade.

Alice pisou no pé dele.

- Se Bella estivesse de verdade na clareira - Jasper explicou pra ela - Isso os deixaria loucos. Eles não seriam capazes de se concentrar em nada além dela. Isso deixaria bem fácil acabarmos com eles...

O olhar de Edward fez Jasper dar pra trás.

- É claro que é perigoso demais pra ela. Foi só um pensamento à toa - ele disse rapidamente. Mas ele olhou pra mim pelo canto dos seus olhos, e o olhar era saudoso.

- Não - Edward disse. A voz dele ecoava com finalidade.

- Você está certo - Jasper disse, pegando a mão de Alice e voltando pra junto dos outros. - Vamos fazer um melhor de três? - eu ouvi ele perguntando a ela enquanto eles iam treinar de novo.

Jacob encarou ele com desgosto.

- Jasper olha para as coisas por uma perspectiva militar - Edward defendeu seu irmão baixinho. - Ele olha pra todas as opções, é eficácia, não insensibilidade.

Jacob bufou.

Ele havia se inclinado mais pra perto inconscientemente, mergulhado em sua absorção pelos planejamentos. Agora ele estava a apenas três pés de Edward, e, estando entre eles dois, eu podia sentir a tensão física no ar. Era como estática, uma carga desconfortável.

Edward voltou aos negócios. - Eu vou trazê-la aqui a Sexta à tarde pra espalhar a trilha falsa. Você pode nos encontrar depois, e eu vou levá-la a um lugar que eu conheço. Completamente fora do caminho e facilmente defensível, não que nós cheguemos a isso. Eu vou pegar outra rota daqui.

- E depois o quê? Deixar ela com um celular? - Jacob perguntou criticamente.

- Você tem uma idéia melhor?

Jacob ficou presumido de repente. - Na verdade, eu tenho.

- Oh... De novo, cachorro, nada mal.

Jacob se virou rapidamente pra mim, como se estivesse determinado a bancar o cara bonzinho por me passar a conversa. - Nós tentamos convencer Seth a ficar pra trás com os dois mais jovens. Ele ainda é novo demais, mas ele é teimoso e está resistindo. Então eu pensei em uma tarefa nova pra ele, celular.

Eu tentei parecer que estava entendendo. Não enganei ninguém.

- Contanto que Seth Clearwater permaneça em sua forma de lobo, ele fica conectado ao bando - Edward disse. - Distância é um problema? - ele acrescentou, se virando pra Jacob.

- Não.

- Trezentas milhas? - Edward perguntou. - Isso é impressionante.

Jacob foi o cara bonzinho de novo. - Isso é o mais longe que nós já experimentamos - ele me disse. - Claro como um sino.

Eu balancei a cabeça ausentemente; eu estava me revirando com a idéia de que Seth Clearwater já era um lobisomem também, e isso dificultou a minha concentração. Eu podia ver o seu sorriso brilhante, tão mais jovem que Jacob na minha cabeça; ele não podia ter mais de quinze anos, se é que ele tinha isso. O entusiasmo dele no encontro do conselho na fogueira tomou um significado de repente...

- Essa é uma boa idéia - Edward pareceu relutante em admitir. - Eu vou me sentir melhor com Seth lá, mesmo sem comunicação instantânea. Eu não sei se eu seria capaz de deixar Bella lá sozinha. No entanto, pensar nisso! Confiar em lobisomens!

- Lutando *com* vampiros ao invés de contra eles! - Jacob imitou o tom de desgosto de Edward.

- Bem, você ainda vai conseguir lutar contra alguns deles - Edward disse.

Jacob sorriu. - Essa é a razão pela qual estamos aqui.

19. EGOÍSTA

Edward me carregou pra casa em seus braços, esperando que eu não fosse capaz de me segurar. Eu devo ter caído no sono no caminho.

Quando eu acordei, eu estava na minha cama e a luz fraca entrando pela minha janela estava vindo de um ângulo estranho. Quase como se fosse se tarde.

Eu bocejei e me estiquei, meus dedos procurando por ele e encontrando o vazio.

- Edward? - eu murmurei.

Meus dedos procurando encontraram alguma coisa fria e macia. A mão dele.

- Você realmente está acordada dessa vez? - ele murmurou.

- Mmm - eu murmurei assentindo. - Houveram muitos falsos alarmes?

- Você esteve inquieta, falando o dia todo.

- O *dia* todo? - eu pisquei e olhei pelas janelas de novo.

- Você teve uma noite longa - ele disse me acalmando. - Você mereceu um dia na cama.

Eu me sentei, e minha cabeça virou. A luz *estava* entrando pela minha janela vinda do oeste.

- Uau.

- Com fome? - ele adivinhou. - Você quer café da manhã na cama?

- Eu vou pegar - eu gemi, me esticando de novo. - Eu preciso me levantar e me mover.

Ele segurou minha mão no caminho para a cozinha, me olhando cuidadosamente, como se eu estivesse prestes a cair. Ou talvez ele pensasse que eu estava andando enquanto dormia.

Eu mantive as coisas simples, jogando dois Pop-Tarts na torradeira. Eu dei uma olhada em mim mesma na reflexão do cromado.

- Ugh, eu tô uma bagunça.

- Foi uma noite longa - ele disse de novo. - Você devia ter ficado aqui e dormido.

- Certo! E ter perdido *tudo*. Sabe, você precisa começar a aceitar o fato de que eu sou uma parte da família agora.

Ele sorriu. - Eu provavelmente poderia me acostumar com essa idéia.

Eu me sentei com o meu café da manhã, e ele sentou ao meu lado. Quando eu levantei o Pop-Tart pra dar a primeira mordida, eu reparei ele olhando para a minha mão. Eu olhei pra baixo, e ví que eu ainda estava usando o presente que Jacob havia me dado na festa.

- Posso? - ele perguntou, pegando o pequeno lobo.

Eu engoli fazendo barulho. - Um, claro.

Ele moveu sua mão embaixo do pingente da pulseira e equilibrou a pequena figura na sua palma branca. Por um breve momento, eu tive medo. Apenas o menor movimento dos seus dedos podia quebrá-lo em pedaços.

Mas é claro que Edward não faria isso. Eu estava envergonhada só de ter pensado nisso. Ele só pesou o lobo em sua palma por um momento, e depois deixou ele cair. Ele balançou levemente no meu pulso.

Eu tentei ler a expressão nos olhos dele. Tudo o que eu pude ver foi pensamento; ele manteve todo o resto escondido, se é que *havia* mais alguma coisa.

- Jacob Black pode te dar presentes.

Não era uma pergunta, era uma acusação. Só a atestação de um fato. Mas eu sabia que ele estava se referindo ao meu último aniversário e ao piti que eu dei por causa dos presentes; eu não queria nenhum. Especialmente não de Edward. Isso não era inteiramente lógico, e, é claro, todo mundo me ignorou do mesmo jeito...

- Você me deu presentes - eu lembrei ele. - Você sabe que eu gosto de coisas feitas em casa.

Ele torceu os lábios por um momento. - E quando a presentes passados? Esses são aceitáveis?

- O que você quer dizer?

- Essa pulseira - ele passou um círculo no meu pulso com o dedo. - Você vai usar muito isso?

Eu levantei os ombros.

- Porque você não ia querer magoar os sentimentos dele - ele sugeriu astutamente.

- Claro, eu acho que sim.

- Então, você não acha que é justo - ele perguntou, olhando para a minha mão enquanto falava. Ele virou minha palma pra cima, e correu seus dedos pelas veias dos meus pulsos. - Se eu tiver uma pequena representação?

- Representação?

- Um pingente, alguma coisa que *me* mantenha na sua mente.

- Você está em todos os meus pensamentos. Eu não preciso de lembretes.

- Se eu te der uma coisa, você vai usar? - ele pressionou.

- Um presente passado? - eu chequei.

- Sim, uma coisa que eu já tenho há algum tempo - Ele sorriu seu sorriso angelical.

Se essa era a única reação ao presente de Jacob, eu ia aceitar alegremente. - O que te deixar feliz.

- Você reparou na desigualdade? - ele perguntou, e a voz dele se tornou acusadora. - Porque eu certamente reparei.

- Que desigualdade?

Os olhos dele se estreitaram. - Todas as outras pessoas podem ir em frente e te dar coisas. Todo mundo menos eu. Eu teria amado te dar um presente de formatura, mas eu não dei. Eu sabia que isso te incomodaria mais do que se outras pessoas te dessem. Isso é absolutamente injusto. Como você se explica?

- Fácil - eu levantei os ombros. - Você é mais importante do que as outras pessoas. E você me deu *você*. Isso já é mais do que eu mereço, e qualquer outra coisa que você me der só vai nos colocar ainda mais fora de equilíbrio.

Ele processou isso por um momento, e depois revirou os olhos. - A forma que você pensa de mim é ridícula.

Eu mastiguei o meu café da manhã calmamente. Eu sabia que ele não ia me ouvir se eu disse que podia dizer o mesmo sobre ele.

O telefone de Edward vibrou.

Ele olhou para o número antes de abri-lo. - O que foi, Alice?

Ele escutou, e eu observei a reação dele, nervosa de repente. Mas o que quer que ela tenha dito, não surpreendeu ele. Ele suspirou algumas vezes.

- Eu meio que já esperava por isso - ele disse pra ela, me olhando nos olhos, com uma arco de desaprovação nas sobrancelhas. - Ela estava falando durante o sono.

Eu corei. O que foi que eu disse agora?

- Eu vou cuidar disso - ele prometeu.

Ele me encarou enquanto fechava o telefone. - Há alguma coisa sobre a qual você queira me falar?

Eu pensei por um momento. Tendo em vista o aviso de Alice na noite passada, eu podia adivinhar porque ela tinha ligado. E isso me lembrou dos sonhos problemáticos que eu tive enquanto dormia durante o dia - sonhos onde eu corria atrás de Jasper, tentando segui-lo e encontrar a clareira no meio da floresta, sabendo que eu iria encontrar Edward lá... Edward e os monstros que queriam me matar, mas sem me importar com eles porque eu já havia tomado a minha decisão - eu também já podia adivinhar o que Edward havia ouvido enquanto eu dormia.

Eu torcí meus lábios por um momento, sem ser exatamente capaz de encontrar os olhos dele. Ele esperou.

- Eu gosto da idéia de Jasper - eu disse finalmente.

Ele gemeu.

- Eu quero ajudar. Eu tenho que fazer *alguma coisa* - eu insistí.

- Te colocar em perigo não ia ajudar.

- Jasper acha que ajudaria. Nessa área *ele* é o expert.

Edward me encarou.

- Você não pode me manter afastada - eu ameacei. - Eu não vou ficar escondida na floresta enquanto você se enfrenta todos os riscos por mim.

De repente, ele estava lutando com um sorriso. - Alice não te viu *na* clareira, Bella. Ela vê você tropeçando ao redor da floresta. Você não vai conseguir nos encontrar; você só vai me fazer consumir mais tempo te procurando depois.

Eu tentei me manter tão tranquila quanto ele estava. - Isso é porque Alice não viu o fator Seth Clearwater - eu disse educadamente. - Se ela tivesse, é claro, ela não teria sido capaz de ver nada mais. Mas parece que Seth quer estar lá tanto quanto eu. Não deve ser difícil persuadí-lo a me mostrar o caminho.

Raiva faiscou no rosto dele, e aí ele respirou fundo pra se recompor. - Isso podia ter dado certo... se você não tivesse me contado. Agora eu simplesmente vou pedir a Sam que dê certas ordens a Seth. Mesmo que ele possa querer muito, Seth não será capaz de ignorar esse tipo de ordem.

Eu mantive o meu sorriso agradável. - Mas porque Sam daria essas ordens. Se eu dissesse a ele o quanto ajudaria se eu estivesse lá? Eu aposto que Sam ia preferir fazer um favor pra mim do que pra você.

Ele havia se composto de novo. - Talvez você esteja certa. Mas eu tenho certeza de que Jacob não estaria nada além de ansioso pra dar essas mesmas ordens.

Eu fiz uma careta. - Jacob?

- Jacob está no segundo comando. Ele nunca te contou isso? As ordens dele têm que ser seguidas também.

Ele tinha ganhado, e pelo sorriso dele, ele também sabia disso. A minha testa enrugou. Jacob ia ficar do lado dele - nesse caso - eu tinha certeza. E Jacob *nunca* havia me contado isso.

Edward pegou vantagem no fato de que eu fiquei momentaneamente embasbacada, continuando em sua voz suspeitosamente macia e suave.

- Eu dei uma olhada fascinante nas mentes do bando na noite passada. Era melhor que uma novela. Eu não fazia idéia de como a dinâmica de uma bando tão grande era complicada. O empurrão de um indivíduo contra o plural psíquico... Absolutamente fascinante.

Ele obviamente estava tentando me distrair. Eu encarei ele.

- Jacob esteve escondendo vários segredos - ele disse com um sorriso malicioso. Eu não respondi, eu só continuei encarando, me segurando ao meu argumento e esperando por uma abertura. - Por exemplo, você reparou num lobo menor, cinza que estava lá na noite passada?

Eu balancei a cabeça num movimento rígido.

Ele gargalhou, - Eles levam todas aquelas lendas tão a sério. Acontece que existem coisas para as quais as histórias deles não os preparam.

Eu suspirei. - Tudo bem, eu vou morder essa. Sobre o que estamos falando?

- Eles sempre aceitaram sem questionar que apenas os bisnetos diretos do lobo original tinham poder pra se transformar.

- Então alguém que não era descendente direto se transformou?

- Não, ela realmente é uma descendente direta.

Eu pisquei, meu olhos arregalaram. - *Ela?*

Ele balançou a cabeça. - Ela conhece você. O nome dela é Leah Clearwater.

- Leah é um lobisomem! - eu gritei. - O que? Por quanto tempo? Porque Jacob não me disse?

- Existem coisas que ele não tem permissão de dividir, o número deles, por exemplo. Como eu disse antes, quando Sam dá uma ordem, o bando não pode simplesmente ignorá-la. Jacob foi cuidadoso pra pensar em outras coisas enquanto estava perto de mim. É claro, depois da noite passada, tudo foi em vão.

- Eu não posso acreditar. Leah Clearwater! - de repente, eu me lembrei de Jacob falando sobre Leah e Sam, e do jeito como ele agiu, como se tivesse dito coisas demais, depois que ele disse alguma coisa sobre Sam tendo que olhar nos olhos de Leah *todos os dias* e saber que ele havia quebrado suas promessas...

Leah no penhasco, uma lágrima brilhando na bochecha dela quando o Velho Quil falou sobre o fardo e o sacrifício que os *filhos* Quileute dividiam... E Billy, passando o tempo com Sue que estava tendo dificuldade com seus filhos... e o problema de verdade era que agora eles dois eram lobisomens!

Eu nunca pensei muito em Leah Clearwater, a não ser pra sentir pena dela quando Harry morreu, e depois pra sentir pena de novo quando Jacob me contou a história dela, sobre a estranha impressão que houve entre Sam e sua prima Emily que havia quebrado o coração de Leah.

E agora ela era parte do bando de Sam, escutando os pensamentos dele... e incapaz de esconder os dela.

Eu realmente odeio essa parte, Jacob havia dito, Todas as coisas das quais você se envergonha, expostas pra todo mundo ver.

- Pobre Leah - eu sussurrei.

Edward bufou. - Ela está tornando a vida deles excessivamente difícil. Eu não tenho certeza de que ela merece a sua simpatia.

- O que você quer dizer?

- Já é difícil suficiente pra eles, terem que dividir todos os seus pensamentos. A maioria deles tenta cooperar, fazer isso ser mais fácil. Mesmo quando apenas um membro é deliberadamente malicioso, isso é doloroso pra todos.

- Ela tem razões suficientes - eu murmurei, ainda do lado dela.

- Oh, eu sei - ele disse. - A compulsão da impressão é uma das coisas mais estranhas que eu já testemunhei em minha vida, e eu já ví algumas coisas estranhas - Ele balançou a cabeça pensativamente. - A forma como Sam está ligado a Emily é impossível de descrever, ou eu deveria dizer *o Sam dela*. Sam realmente não teve escolha. Isso me lembra de *Sonhos de Uma Noite de Verão* com todo aquele caos criado pelos feitiços de amor das fadas... como mágica. - Ele sorriu. - É realmente quase tão forte quando o que eu sinto por você.

- Pobre Leah - eu disse de novo. - Mas o que você quer dizer com malicioso?

- Ela fica trazendo à tona constantemente coisas sobre as quais eles não querem pensar - ele explicou. - Como Embry, por exemplo.

- O que tem Embry? - eu perguntei, surpresa.

- A mãe dele veio da reserva de Makah há dezessete anos atrás, quando ela estava grávida dele. Ela não é Quileute. Todos presumiram que ela havia deixado o pai dele pra trás com os Makah. Mas aí ele se juntou ao bando.

- Então?

- Então, os principais candidatos pra pais são o Sr. Quil Ateara, Joshua Uley, ou Billy Black, e todos eles eram casados nessa época, é claro.

- Não! - eu fiquei ofegante. Edward estava certo, isso era exatamente uma novela.

- Agora, Sam, Jacob e Quil todos ficam imaginando qual deles têm um meio irmão. Todos eles gostariam de pensar que fosse Sam, já que o pai dele nunca foi uma boa figura de pai. Mas sempre existem dúvidas. Jacob nunca foi capaz de perguntar a Billy sobre isso.

- Uau. Como é que você conseguiu pegar isso tudo em uma noite?

- A mente do bando é hipnotisadora. Todos pensando separadamente ao mesmo tempo. Há tanta coisa pra ler!

Ele pareceu levemente arrependido, como alguém que havia fechado um livro em sua melhor parte. Eu ri.

- O bando é fascinante - eu concordei. - Quase tão fascinante quanto você é quando está querendo me distrair.

A expressão dele ficou educada de novo - a expressão de um jogador de pôquer.

- Eu tenho que estar naquela clareira, Edward.

- Não - ele disse num tom muito definitivo.

Uma certa saída clareou pra mim nesse momento.

Não era muito importante que eu estivesse na clareira. Eu só tinha que estar onde Edward estava.

Cruel, eu acusei a mim mesma, *Egoísta, egoísta, egoísta! Não faça isso!*

Eu ignorei os meus melhores instintos. No entanto, eu não pude olhar pra ele enquanto falava. A culpa colocou os meus olhos na mesa.

- Tudo bem, olha, Edward - eu sussurrei. - Aqui está o negócio... Eu já fiquei louca uma vez. Eu sei quais são os meus limites. *Eu não vou aguentar se você me deixar de novo.*

Eu não olhei pra cima pra ver a reação dele, com medo da quantidade de dor que eu estava inflingindo a ele.

Eu ouvi ele sulgar o ar de repente e o silêncio que se seguiu. Eu encarei o tampo de madeira escura da mesa, desejando pegar aquelas palavras de volta. Mas sabendo que eu provavelmente não faria isso. Nem se desse certo.

De repente, os braços dele estavam ao redor, as mãos dele alisando o meu rosto, meus braços. *Ele* estava *me* confortando. A culpa começou a girar em espiral. Mas o instinto de sobrevivência era mais forte. Não havia dúvida de que ele era fundamental para a minha sobrevivência.

- Você sabe que não é assim, Bella - ele murmurou. - Não vai ser longe, e tudo estará rapidamente acabado.

- Eu não posso aguentar - eu insistí, olhando pra baixo. - Não sem saber se você vai estar de volta ou não. Como eu sobrevivo a isso, não importa o quão rapidamente isso acabe?

Ele suspirou. - Isso vai ser fácil, Bella. Não existem razões para os seus medos.

- Nenhum mesmo?

- Nenhum.

- E todos vão ficar bem?

- Todo mundo - ele prometeu.

- Então não tem jeito mesmo de que eu va ser necessária na clareira?

- É claro não. Alice acabou de me dizer que eles foram diminuídos a dezenove. Nós conseguiremos cuidar disso facilmente.

- É isso mesmo, você disse que ia ser tão fácil que alguém até poderia ficar de fora. - eu repetí as palavras que ele disse na noite passada. - Você realmente estava falando sério?

- Sim.

Parecia simples demais - ele devia saber onde isso estava chegando.

- Tão fácil que *você* possa ficar de fora?

Depois de um longo momento de silêncio, eu finalmente olhei para a expressão dele.

O rosto do jogador de pôquer estava de volta.

Eu respirei fundo. - Então é de um jeito ou de outro. Ou isso é mais perigoso do que o que você está querendo me contar, e nesse caso seria certo que eu estivesse lá pra ajudar, pra fazer o que eu puder pra ajudar. Ou... isso será tão fácil que eles serão capazes de passar por isso sem você. De que jeito vai ser?

Ele não falou.

Eu sabia o que ele estava pensando - a mesma coisa na qual eu estava pensando.

Carlisle. Esmé. Emmett. Rosalie. Jasper. E... eu me forcei a dizer o último nome.

E Alice.

Eu me perguntei se eu era um monstro. Não do tipo que ele pensava que ele era, mas um de verdade. O tipo de verdade que machuca as pessoas. O tipo que não tem limites quando se trata do que eles querem.

O que eu queria era mantê-lo a salvo, a salvo comigo. Será que eu tinha limites pra o que eu faria, o que eu sacrificaria por isso? Eu não tinha certeza.

- Você está me pedindo pra ir deixá-los lutar sem a minha ajuda? - ele perguntou com uma voz baixa.

- Sim - eu estava surpresa por conseguir manter a minha voz uniforme, já que eu me sentia tão miserável por dentro. - Ou me deixar estar lá. Qualquer um dos dois, contanto que estejamos juntos.

Ele respirou fundo, e exalou lentamente. Ele colocou suas mãos dos dois lados do meu rosto, me forçando a olhar pra ele. Ele me olhou dentro dos olhos por um longo tempo. Eu me perguntei o que ele estava procurando, e o que ele encontrou. Será que a culpa estava tão aparente no meu rosto quanto estava no meu estômago - me deixando enjoada?

Os olhos dele se apertaram por causa de alguma emoção que eu conseguí ler, e ele baixou sua mão pra pegar o telefone de novo.

- Alice - ele suspirou. - Será que você pode vir tomar conta de Bella por mim um pouco? - Ele ergueu uma sobrelceja, me desafiando a me opor a isso. - Eu preciso falar com Jasper.

Ela evidentemente concordou. Ele guardou o telefone e voltou a olhar para o meu rosto.

- O que você vai dizer pra Jasper? - eu sussurrei.

- Eu vou discutir... a minha saída.

Era fácil ver no rosto dele o quanto essas palavras eram difíceis pra ele.

- Eu lamento.

Eu *lamentava*. Eu odiava ter que fazer isso com ele. Mas não o suficiente pra dar um sorriso falso e dizer que ele seguisse em frente sem mim. Definitivamente não tanto assim.

- Não se desculpe - ele disse, sorrindo só um pouquinho. - Nunca tenha medo de me dizer como você se sente, Bella. Se isso é o que você precisa... - ele levantou os ombros. - Você é minha primeira prioridade.

- Eu não queria que parecesse desse jeito, como se você tivesse que escolher entre mim e sua família.

- Eu sei disso. Além do mais, não foi isso o que você pediu. Você me deu duas alternativas com as quais você podia conviver, e eu escolhi a alternativa com a qual *eu* posso conviver. É assim que um compromisso deve funcionar.

Eu me inclinei pra frente e encostei minha testa no peito dele. - Obrigada - eu sussurrei.

- A qualquer hora - ele respondeu, beijando o meu cabelo. - Qualquer coisa.

Nós não tivemos que nos mexer por um longo momento. Eu mantive o meu rosto escondido, pressionado contra a camisa dele. Duas vezes discutiam dentro de mim. Uma que queria ser boa e corajosa, e uma que falava pra a boa que ficasse de bico fechado.

- Quem é a terceira esposa? - ele me perguntou de repente.

- Huh? - eu perguntei, protelando. Eu não me lembrava de ter tido aquele sonho de novo.

- Você estava murmurando alguma coisa sobre "a terceira esposa" na noite passada. O resto fez um pouco de sentido, mas aí você me deixou confuso.

- Oh. Um, é. Essa foi apenas uma das histórias que eu ouvi na fogueira na noite passada - eu levantei os ombros. - Eu acho que ficou grudada em mim.

Edward se afastou de mim e deixou a cabeça pender pro lado, provavelmente confuso pelo tom confuso da minha voz.

Antes que ele pudesse perguntar, Alice apareceu na porta da cozinha com uma expressão azeda.

- Você vai perder toda a diversão - ela murmurou.

- Olá, Alice - ele saudou de volta. Ele colocou um dedo embaixo do meu queixo e levantou o meu rosto e me dar um beijo de adeus. - Eu vou voltar mais tarde essa noite - ele prometeu. - Eu vou trabalhar isso com os outros... reorganizar as coisas.

- Tudo bem.

- Não há muito pra reorganizar - Alice disse. - Eu já contei pra eles. Emmett está contente.

Edward suspirou. - É claro que ele está.

Ele saiu pela porta, me deixando pra enfrentar Alice.

Ela me encarou.

- Eu lamento - eu me desculpei de novo. - Você acha que isso tornará as coisas mais difíceis pra vocês?

Alice bufou. - Você se preocupa demais, Bella. Você vai ficar prematuramente grisalha.

- Então, porque você está aborrecida?

- Edward é um resmungão quando não consegue fazer as coisas do jeito que ele quer. Eu só estou antecipando como vai ser viver com ele pelos próximos meses. - Ela fez uma cara. - Eu acho que, se isso te deixa sã, vale a pena. Mas eu queria que você pudesse controlar o seu pessimismo, Bella. É tão desnecessário.

- Você deixaria Jasper ir sem você? - eu quis saber.

Alice fez uma careta. - Isso é diferente.

- Claro que é.

- Vá se limpar - ela me ordenou. - Charlie vai estar em casa em quinze minutos, e se ele te encontrar acabada desse jeito, ele não vai mais querer deixar você sair.

Uau, eu realmente tinha perdido o dia inteiro. Isso parecia um desperdício. Eu estava feliz por não ter que perder o meu tempo dormindo pra sempre.

Eu estava inteiramente apresentável quando Charlie chegou em casa - totalmente vestida, com o cabelo decente, e na cozinha colocando o jantar dele na mesa. Alice sentou no lugar de costume de Edward, e isso pareceu iluminar o dia de Charlie.

- Olá, Alice! Como vai você, querida?

- Eu estou bem, Charlie, obrigada.

- Eu vejo que você finalmente saiu da cama, dorminhoca - ele disse pra mim enquanto eu me sentava ao lado dele, antes de se virar de volta pra Alice. - Todo mundo está falando da festa que os seus pais deram na noite passada. Eu aposto que vocês têm uma baita limpeza pra fazer hoje.

Alice levantou os ombros. Conhecendo ela, já estava tudo feito.

- Valeu a pena - ela disse. - Foi uma festa ótima.

- Onde está Edward? - Charlie perguntou um pouco mal-humorado. - Ele está ajudando com a limpeza?

Alice suspirou e o rosto dela ficou trágico. Provavelmente era uma atuação, mas era perfeita demais pra que eu fosse otimista. - Não. Ele está planejando o fim de semana com Emmett e Carlisle.

- Vão caminhar de novo?

Alice balançou a cabeça, de repente com uma expressão abandonada.

- Sim. *Todos* eles vão menos eu. Nós sempre vamos acampar no final do ano escolar, um tipo de celebração, mas esse ano eu decidí que preferia fazer compras do que caminhar, e nenhum deles quis ficar pra trás comigo. Eu estou abandonada.

O rosto dela se contorceu, uma expressão tão devastada que Charlie se inclinou em direção a ela automaticamente, com uma mão erguida, procurando alguma forma de ajudar. Eu encarei ela suspeitosamente. O que ela estava fazendo?

- Alice, querida, porque você não vem ficar conosco? - Charlie ofereceu. - Eu odeio pensar que você vai ficar sozinha naquela casa grande.

Ela suspirou. Alguma coisa chutou meu pé por debaixo da mesa.

- Ow! - eu protestei.

Charlie se virou pra mim. - O que?

Alice me lançou um olhar frustrado. Eu podia notar que ela estava pensando que eu estava muito lenta essa noite.

- Batí o meu dedão - eu murmurei.

- Oh - ele olhou de volta pra Alice. - Então, que tal?

Ela chutou o meu pé de novo, dessa vez não com tanta força.

- Er, pai, sabe, nós realmente não temos as melhores acomodações aqui. Eu aposto que Alice não quer dormir no chão...

Charlie torceu os lábios. Alice fez aquela expressão devastada de novo.

- Talvez Bella devesse ficar lá com você - ele sugeriu. - Só até os seus parentes voltarem.

- Oh, você faria isso, Bella? - Alice sorriu radiantemente pra mim. - Você não se importaria em fazer comprar comigo, certo?

- Claro - eu concordei. - Compras. Ok.

- Quando eles vão embora? - Charlie perguntou.

Alice fez outra cara. - Amanhã.

- Quando você quer que eu vá? - eu perguntei.

- Depois do jantar, eu acho - ela disse, colocando um dedo no queixo, pensativa. - Você não tem nada pra fazer no Sábado, tem? Eu quero sair da cidade pra fazer compras, e vai ser coisa de uma tarde inteira.

- Seattle não - Charlie entrevistou, com as sobrancelhas se juntando.

- É claro que não - Alice concordou imediatamente, apesar de que nós duas sabíamos que Seattle estaria bastante segura no Sábado. - Eu estava pensando em Olympia, talvez...

- Você vai gostar disso, Bella - Charlie disse, alegre de alívio. - Passar algum tempo na cidade.

- É, pai, vai ser ótimo.

Com uma conversa fácil, Alice havia limpado a minha agenda para a batalha. Edward voltou não muito mais tarde. Ele aceitou os desejos de Charlie para uma boa viagem sem surpresa. Ele disse que eles estavam partindo cedo no dia seguinte, e disse boa noite mais cedo que o normal. Alice foi embora com ele.

Eu pedi licença pouco tempo depois que eles foram embora.

- Você não pode estar cansada - Charlie protestou.

- Um pouco - eu mentí.

- Não é de estranhar que você gosta de escapar de festas - ele murmurou. - Você demora bastante pra se recuperar.

Lá em cima, Edward estava deitado na minha cama.

- Que horas nós vamos encontrar os lobos? - eu murmurei enquanto ia me juntar a ele.

- Em uma hora.

- Isso é bom. Jake e os amigos dele precisam descansar um pouco.

- Eles não precisam disso tanto quanto você - Edward apontou.

Eu passei pra outro tópico, presumindo que ele estava prestes a tentar me convencer a ficar em casa. - Alice te contou que ela vai me sequestrar?

Ele sorriu maliciosamente. - Na verdade, ela não vai.

Eu encarei ele, confusa, e ele riu baixinho da minha expressão.

- Sou eu que tem permissão pra te fazer de refém, lembra? - ele disse. - Alice vai caçar com os outros. - Ele suspirou. - Eu acho que eu não preciso mais fazer isso.

- *Você* está me sequestrando?

Ele balançou a cabeça.

Eu pensei nisso brevemente. Nada de Charlie ouvindo lá embaixo, ou vindo me checar com certa frequência. E nada de uma casa cheia de vampiros acordados com suas audições intromissivas... Só ele e eu - realmente sozinhos.

- Isso está bem? - ele perguntou, preocupado com o meu silêncio.

- Bem... claro, exceto por uma coisa.

- Que coisa? - Os olhos dele estavam ansiosos. Era uma tremenda bobagem, mas, de alguma forma, ele ainda parecia incerto quanto ao poder sobre mim. Talvez eu precisasse me fazer mais clara.

- Porque Alice não disse a Charlie que vocês iam embora *hoje à noite*? - eu perguntei.

Ele riu, aliviado.

Eu aproveitei mais a viagem até a clareira do que na noite passada. Eu ainda me sentia culpada, mas eu já não estava mais aterrorizada. Eu podia pensar. Eu podia olhar para o que estava acontecendo, e quase acreditar que talvez as coisas *poderiam* acabar bem. Aparentemente Edward estava bem com a idéia de perder a luta... e isso fez ser muito difícil de acreditar quando

ele disse que seria fácil. Ele não abandonaria a família dele se ele mesmo não acreditasse nisso. Talvez Alice estivesse certa, eu me preocupava demais.

Nós fomos os últimos a chegar à clareira.

Jasper e Emmett já estavam lutando - pelo som das risadas deles eles só estavam se aquecendo. Alice e Rosalie estavam sentadas no chão duro, olhando. Esme e Carlisle estavam conversando a alguns metros de distância, suas cabeças estavam juntas, os dedos entrelaçados, sem prestar atenção.

Essa noite estava muito mais clara, a lua estava brilhando através das nuvens grossas, e eu podia ver claramente os três lobos sentados na beira da arena de luta, um pouco espaçados pra observarem de ângulos diferentes.

Também foi fácil reconhecer Jacob; eu teria reconhecido ele imediatamente, mesmo se ele não tivesse olhado pra cima e olhado para a direção do som da nossa chegada.

- Onde está o resto dos lobos? - eu me perguntei.

- Eles não precisam estar todos aqui. Apenas um bastaria, mas Sam não confia em nós o suficiente pra mandar apenas Jacob, apesar disso ser o que Jacob queria. Quil e Embry como sempre são seu... acho que você poderia dizer ajudantes.

- Jacob confia em você.

Edward balançou a cabeça. - Ele confia que nós não tentaremos matar ele. No entanto, isso é tudo.

- Você vai participar essa noite? - eu perguntei a ele, hesitante. Eu sabia que seria tão difícil pra ele ser deixado pra trás quanto teria sido pra mim. Talvez mais difícil.

- Eu vou ajudar quando Jasper precisar. Ele quer tentar alguns agrupamentos desiguais, ensiná-los a lidar com alguns ataques múltiplos.

Ele levantou os ombros.

E uma onda de pânico lavou a minha breve sensação de confiança.

Eles ainda estavam em menor número. Eu estava piorando isso.

Eu olhei para o campo, tentando esconder a minha reação.

Esse era o lugar errado, lutando como eu estava comigo mesma, pra me convencer de que tudo acabaria da forma como eu precisava que acabasse. Porque quando eu forcei os meus olhos a se afastarem dos Cullen - pra longe da imagem da luta de brincadeira dele que seria real e mortal em alguns dias - Jacob capturou os meus olhos e sorriu pra mim.

Era o mesmo sorriso de lobo de antes, os olhos dele se estreitando como faziam quando ele era humano.

Era difícil de acreditar que, há não muito tempo atrás, eu tinha achado os lobisomens assustadores - perdia o sono com pesadelos sobre eles.

Eu sabia, sem perguntar, qual deles era Embry e qual era Quil. Porque Embry claramente era o lobo cinza mais magro com os pontos escuros nas costas, que se sentava pacientemente observando, enquanto Quil - cor de chocolate forte, mas clara no rosto dele - se mexia constantemente, parecendo que ele estava morrendo de vontade de se juntar à luta de brincadeira. Eles não eram monstros, mesmo desse jeito. Eles eram amigos.

Amigos que nem de perto pareciam ser tão indestrutíveis quanto Emmett e Jasper pareciam ser, se movendo mais rapidamente do que ataques de cobra enquanto a luz da lua reluzia em suas peles duras como granito. Amigos que não pareciam entender o perigo envolvido aqui. Amigos que de certa forma ainda pareciam ser mortais, amigos que podiam sangrar, amigos que podiam morrer...

A confiança de Edward era tranquilizadora, porque estava claro que ele não estava realmente preocupado com a sua família. Mas será que ele ficaria magoado se alguma coisa acontecesse com os lobos? Será que haviam razões pra que ele ficasse ansioso, sendo que provavelmente isso não incomodava ele?

A confiança de Edward só aplacava uma parte dos meus medos.

Eu tentei sorrir de volta pra Jacob, engolindo o caroço da minha garganta. Eu parecia estar fazendo isso certo.

Jacob se pôs levemente de pé, a agilidade dele era um contraste com a sua massa, e correu até onde Edward e eu estávamos só observando as coisas.

- Jacob - Edward o saudou educadamente.

Jacob ignorou ele, seus olhos escuros estavam em mim. Ele abaixou a cabeça até o meu nível, como tinha feito ontem, pendendo ela pra um lado. Um chorinho baixo escapou pelo fucinho dele.

- Eu estou bem - eu respondi, sem precisar da tradução que Edward estava prestes a dar. - Só preocupada, sabe.

Jacob continuou a me encarar.

- Ele quer saber porque - Edward murmurou.

Jacob rosnou - um som ameaçador, um som aborrecido - e os lábios de Edward se torceram.

- O quê? - eu perguntei.

- Ele acha que a minha tradução deixa algo a desejar. O que ele pensou mesmo foi 'Isso é muito estúpido. O que há pra se preocupar?' Eu editei, porque eu achei que era rude.

Eu dei um meio sorriso, ansiosa demais pra me divertir. - Têm muitas coisas pra se preocupar - eu disse a Jacob. - Tipo um monte de lobisomens idiotas se machucando.

Jacob sorriu o seu rosnado tossido.

Edward suspirou. - Jasper quer ajuda. Você vai ficar bem sem tradutor?

- Eu consigo.

Edward me olhou saudosamente por um minuto, a expressão dele era difícil de entender, e depois se virou e correu para onde Jasper estava esperando.

Eu me sentei onde estava. O chão era frio e desconfortável.

Jacob deu um passo pra frente, aí olhou pra mim, um choro baixo apareceu na garganta dele. Ele deu outro meio passo.

- Vá sem mim - eu disse a ele. - Eu não quero olhar.

Jacob inclinou sua cabeça para o lado por um momento, e depois se curvou no chão ao meu lado com um suspiro ruidoso.

- De verdade, você pode ir em frente - eu assegurei ele. Ele não respondeu, só colocou a cabeça nas patas da frente.

Eu olhei pra cima para as nuvens prateadas, sem querer ver a luta.

A minha imaginação já tinha combustível mais que suficiente. Uma brisa soprou na clareira, e eu estremeí.

Jacob se trouxe mais pra perto de mim, pressionando seu pêlo quente no meu lado esquerdo.

- Er, obrigada - eu murmurei.

Depois de alguns minutos, eu estava encostada em seu ombro largo. Era muito mais confortável desse jeito.

As nuvens se moviam lentamente pelo céu, escurecendo e ficando mais claras enquanto as figuras grossas se aproximavam da lua e passavam por ela. Ausentemente, eu comecei a passar os meus dedos pelo pêlo do pescoço dele. O mesmo som estranho de zumbido que ele havia feito ontem ressoou na garganta dele. Era um som familiar. Mais áspero, maior do que o ronco de um gato, mas convinha do mesmo contentamento.

- Sabe, eu nunca tive um cachorro - eu meditei. - Eu sempre quis ter um, mas Renée é alérgica.

Jacob riu, o corpo dele estremeceu embaixo de mim.

- Você não está nem um pouco preocupado com Sábado? - eu perguntei.

Ele virou sua cabeça enorme na minha direção, pra que eu pudesse ver os olhos dele se revirando.

- Eu queria poder ser tão positiva.

Ele encostou a cabeça na minha perna e começou a zumbir de novo. E isso me fez ficar só um pouco melhor.

- Então nós temos um pouco de caminhada pra fazer amanhã, eu acho.

Ele rosnou; o som estava entusiasmado.

- Essa pode ser uma *longa* caminhada - eu avisei a ele. - Edward não julga distâncias do jeito que uma pessoa normal faz.

Jacob latiu outra risada.

Eu me afundei mais no pêlo dele, descansando a minha cabeça no pêlo dele.

Era estranho. Mesmo quando ele estava nessa forma bizarra, ele parecia ser mais parecido com o Jake que eu conhecia - a amizade fácil, sem esforços que era tão natural quanto respirar pra dentro e pra fora - do que nas poucas vezes em que eu estava com Jacob enquanto ele era humano. Era estranho que eu pudesse encontrar isso aqui, quando eu achava que toda essa coisa de lobo foi o que causou sua perda. Os jogos mortais continuaram na clareira, e eu olhava para a lua nebulosa.

20. COMPROMISSO

Tudo estava pronto.

Eu estava com as malas prontas para a minha visita de dois dias com "Alice", e a minha mala esperava por mim no banco do passageiro da minha caminhonete. Eu havia dado os ingressos do show para Angela, Ben e Mike. Mike ia levar Jessica, que era exatamente o que eu esperava. Billy havia pego o barco do Velho Quil Ateara emprestado e convidou Charlie pra uma pescaria em mar aberto à tarde antes que o jogo começasse. Collin e Brady, os dois lobisomens mais jovens, foram deixados pra trás pra proteger La Push - eles eram apenas crianças, eles dois tinham apenas treze anos. Mesmo assim, Charlie ainda estaria mais seguro do que qualquer pessoa deixada em Forks.

Eu tinha feito tudo o que podia. E tentei aceitar isso, e colocar coisas que estavam fora do meu controle pra trás na minha cabeça, pelo menos por essa noite. De uma forma ou de outra, tudo isso estaria acabado em quarenta e oito horas. Esse pensamento era quase reconfortante.

Edward havia pedido que eu relaxasse, e eu ia fazer o melhor que eu pudesse.

- Só por essa noite, será que podemos tentar esquecer tudo além de simplesmente você e eu? - ele havia implorado, despejando todo o poder dos seus olhos em mim. - Parece que eu nunca tenho tempo assim suficiente. Eu preciso estar com você. Só você.

Esse não era um pedido difícil de se concordar, apesar de eu saber que esquecer o meus medos era muito mais fácil de dizer do que de fazer. Outras coisas estavam na minha cabeça agora, sabendo que nós teríamos essa noite pra ficar sozinhos, e isso ia ajudar.

Haviam algumas coisas que haviam mudado.

Por exemplo, eu estava pronta.

Eu estava pronta pra me juntar à família dele e ao seu mundo. O medo e a culpa e a angústia que eu estava sentindo agora haviam me ensinado isso. Eu tinha tido uma chance de me concentrar nisso - eu tinha olhado para a lua através das nuvens e havia me encostado em um lobisomem - e eu sabia que não entraria em pânico de novo. Da próxima vez que alguma coisa estivesse vindo pra nós, eu estaria pronta.

Um recurso, não uma responsabilidade. Ele nunca mais teria que escolher entre mim e sua família de novo. Nós seríamos parceiros, como Alice e Jasper. Da próxima vez, eu faria a minha parte.

Eu esperaria até que a espada fosse tirada de cima da minha cabeça, pra que Edward ficasse satisfeito. Mas isso não era necessário. Eu estava pronta.

Só havia um pedaço faltando.

Um pedaço, porque haviam coisas que não haviam *mudado*, e isso incluía a forma desesperada de como eu amava ele. Eu tive bastante tempo pra pensar nas ramificações da aposta de Jasper e Emmett - pra descobrir as coisas que eu estava querendo perder com a minha humanidade, e na parte da qual eu não estava com vontade de desistir. Eu sabia em qual experiência eu ia insistir antes de me tornar não-humana.

Então nós tínhamos algumas coisas pra fazer essa noite. Depois de tudo o que eu havia visto nos últimos dois anos, eu não acreditava mais na palavra *impossível*. Ia ser necessário mais do que isso pra me deter agora.

Ok, bem, honestamente, provavelmente isso ia ser muito mais complicado que isso. Mas eu ia tentar.

Tão decidida quanto eu estava, eu não estava tão surpresa por me sentir nervosa enquanto eu dirigia pelo longo caminho até a casa dele - eu não sabia como fazer o que eu estava tentando fazer, e isso me garantiu uma séria agitação. Ele estava sentado no banco do passageiro, tentando não sorrir do meu passo lento. Eu estava surpresa por ele não ter insistido em pegar o volante, mas essa noite ele parecia contente em seguir a minha velocidade.

Já estava escuro quando nós chegamos à casa dele. A despeito disso, a clareira estava brilhando com as luzes que saiam de todas as janelas.

Assim que eu desliguei o motor, ele estava na minha porta, abrindo ela pra mim. Ele me levantou da cabine com um braço, pegando a minha mala da caminhonete e jogando-a por cima

do ombro com a outra. Os lábios dele encontraram os meus enquanto eu ouvia ele chutar a porta da caminhonete pra fechá-la atrás de mim.

Sem quebrar o beijo, ele me levantou até que eu estava aninhada em seus braços e me levou pra dentro de casa.

A porta já estava aberta? Eu não sabia. Contudo, nós já estávamos dentro, e eu estava atordoada. Eu tive que me lembrar de respirar.

Esse beijo não me assustou. Não foi como antes quando eu podia sentir o medo e o pânico escapando do controle dele. Os lábios dele não estavam mais ansiosos, mas agora estavam entusiásticos - ele parecia tão feliz quanto eu por termos essa noite pra nos concentrarmos um no outro. Ele continuou a me beijar por vários minutos, parados na entrada; ele pareceu menos resguardado do que o normal, a boca dele era fria e urgente na minha.

Eu comecei a me sentir cuidadosamente otimista. Talvez conseguir o que eu queria não fosse tão difícil quanto eu estava esperando.

Não, é claro que ia ser exatamente difícil desse jeito.

Com uma risadinha, ele me afastou, me segurando nos braços.

- Bem-vinda ao lar - ele disse, seus olhos estavam líquidos e quentes.

- Isso parece legal - eu disse, sem ar.

Ele me colocou gentilmente de pé. Eu passei meus dois braços ao redor dele, me recusando a deixar que algum espaço se formasse entre nós.

- Eu tenho uma coisa pra você - ele disse, com um tom conversional.

- Oh?

- O seu presente passado, lembra? Você disse que isso era permitido.

- Oh, é mesmo. Eu acho que disse isso.

Ele gargalhou com a minha relutância.

- Está lá no meu quarto. Vamos pegá-lo?

O quarto dele? - Claro - eu concordei, me sentindo bastante desviada enquanto entrelaçava os meus dedos com os dele. - Vamos lá.

Ele devia estar ansioso pra me dar o meu não-presente, porque a velocidade humana não foi suficiente pra ele. Ele me pegou nos braços de novo e praticamente voou pelas escadas até o quarto dele. Ele me colocou no chão na porta, e foi até o seu closet.

Ele já estava de volta antes que eu desse um passo, mas eu ignorei ele e fui até a enorme cama dourada, me sentando na beira e depois deslizando até o centro.

Eu me curvei em uma bola, meus braços ao redor dos meus joelhos.

- Ok - eu murmurei. Agora que eu estava onde queria estar, eu podia me dar ao luxo de relutar um pouco. - Pode me dar.

Edward riu.

Ele subiu na cama pra sentar ao meu lado, e o meu coração disparou desigualmente. Eu tinha esperanças de que ele interpretasse isso como algum tipo de reação a ele me dando presentes.

- Um presente passado - ele me lembrou duramente. Ele puxou meu pulso esquerdo pra longe da minha perna, e tocou a pulseira de prata só por um momento. Aí ele devolveu meu braço.

Eu o examinei cuidadosamente. No lado oposto de onde estava o lobo, agora balançava um cristal brilhante em formato de coração. Ele estava cortado em milhões de facetas, então, mesmo com a luz fraca de saia da luminária, ele brilhou. Eu inalei em um ofego baixo.

- Era da minha mãe - Ele levantou os ombros num gesto implorativo. - Eu herdei muitas coisinhas como essa. Eu dei algumas pra Esme e Alice. Então, claramente, essa não é uma grande coisa de qualquer maneira.

Eu sorri sentidamente com a garantia dele.

- Mas eu achei que essa era uma boa representação - ele continuou. - É duro e frio - Ele riu. - E faz arco-íris na luz do sol.

- Você esqueceu da similaridade mais importante - eu murmurei. - É lindo.

- O meu coração é igualmente silencioso - ele meditou. - E ele também, agora é seu.

Eu virei o meu pulso pra que o coração reluzisse. - Obrigada. Pelos dois.

- Não, obrigado *voce*. É um alívio que você aceite um presente tão facilmente. É bom pra você praticar também - Ele sorriu, mostrando seus dentes.

Eu me inclinei pra ele, colocando minha cabeça embaixo do braço dele e me aconchegando no lado dele. Isso provavelmente era similar se aconchegar em *David* de Michelangelo, exceto que essa criatura perfeita de mármore passou os braços ao meu redor e me trouxe mais pra perto.

Esse pareceu ser um bom lugar pra começar.

- Podemos discutir uma coisa? Eu apreciaria se você *começasse* com a mente aberta.

Ele hesitou por um momento. - Eu vou me esforçar o quanto puder - ele concordou, agora cuidadoso.

- Eu não estou quebrando regra nenhuma - eu prometi. - Isso é estritamente sobre eu e você. - Eu limpei minha garganta. - Então... eu fiquei impressionada de ver o quanto nós fomos capazes de nos comprometer na outra noite. Eu estava pensando que eu gostaria de aplicar o mesmo princípio para uma situação diferente - eu me perguntei porque eu estava sendo tão formal. Deviam ser os nervos.

- O que você gostaria de negociar? - ele perguntou, um sorriso em sua voz.

Eu lutei, tentando encontrar as palavras certas pra começar.

- Ouça o seu coração voar - ele murmurou. - Ele está tremulando como as asas de um bando de pássaros. Você está bem?

- Eu estou ótima.

- Por favor vá em frente então - ele encorajou.

- Bem, eu acho, primeiro, eu queria falar sobre aquela coisa ridícula da condição do casamento.

- Só é ridícula pra você. O que tem ela?

- Eu estava me perguntando... essa é uma negociação *aberta*?

Edward fez uma careta, sério agora. - Eu já fiz a maior concessão por agora e por depois, eu concordei em tomar sua vida mesmo contra o meu melhor julgamento. E isso devia me garantir alguns compromissos da sua parte.

- Não - eu balancei minha cabeça, me concentrando em manter meu rosto composto. - Essa parte já é um negócio fechado. Nós não estamos negociando as minhas... renovações agora. Eu quero martelar em alguns outros detalhes.

Ele me olhou suspeitosamente. - De que detalhes você fala exatamente?

Eu hesitei. - Primeiro vamos esclarecer os seus pré-requisitos.

- Você sabe o que eu quero.

- *Matrimônio* - eu fiz parecer que essa era uma palavra suja.

- Sim - ele deu um sorriso largo. - Pra começar.

O choque estragou a minha expressão composta. - Tem mais?

- Bem - ele disse, e seus rosto estava calculando. - Se você é minha esposa, então o que é meu é seu... como o dinheiro para a faculdade. Então não haveria problema com Dartmouth.

- Mais alguma coisa? Já que você já está sendo absurdo?

- Eu não me importaria com um pouco mais de *tempo*.

- Não. Tempo não. Só isso já quebraria o trato.

Ele suspirou desejando. - Só um ano ou dois?

Eu balancei a cabeça, meus lábios faziam uma careta de teimosia. - Passe para a próxima.

- Isso é tudo. A não ser que você queira falar sobre carros...

Ele deu um largo sorriso quando eu fiz uma careta, e aí pegou minha mão e começou a brincar com os meus dedos.

- Eu não tinha me dado conta de que havia mais alguma coisa que você queria além de ser transformada em um monstro também. Eu estou extremamente curioso - A voz dele era baixa e suave. O pequeno nervosismo seria difícil de detectar se eu não o conhecesse tão bem.

Eu pausei, olhando para as suas mãos nas minhas. Eu ainda não sabia como começar. Eu sentia os olhos dele me observando e estava com medo de olhar pra cima. O sangue começou a queimar no meu rosto.

Os dedos frios dele alisaram a minha bochecha. - Você está corando? - ele perguntou surpreso. Eu mantive os meus olhos baixos. - Por favor, Bella, esse suspense é tão doloroso.

Eu mordí meu lábio.

- Bella. - Agora o tom dele estava me repreendendo, me lembrando que era difícil pra ele quando eu guardava os meus pensamentos só pra mim.

- Bem, eu estou um pouco preocupada... sobre depois - eu admití, finalmente olhando pra ele.

Eu sentí o corpo dele ficar tenso, mas a voz dele estava gentil e parecia veludo.

- O que te deixa preocupada?

- Todos vocês parecem estar *tão* convencidos de que a única coisa na qual eu vou estar interessada, depois, é em matar todos na cidade - eu confessei, enquanto ele gemia com a minha escolha de palavras. - E eu estou com medo de estar tão preocupada com o caos que eu não serei mais *eu mesma*... e que eu não... eu não vou te *querer* da mesma forma que eu quero agora.

- Bella, essa parte não dura pra sempre - ele me assegurou.

Ele não estava entendendo o ponto.

- Edward - eu disse, nervosa, olhando pra uma sarda no meu pulso. - Tem uma coisa que eu quero fazer antes que eu não seja mais humana.

Ele esperou que eu continuasse. Eu não continuei. O meu rosto estava todo quente.

- Qualquer coisa que você quiser - ele encorajou, ansioso e completamente sem pistas.

- Você promete? - eu murmurei, sabendo que a minha tentativa de criar uma armadilha com as palavras dele não iam funcionar, mas incapaz de resistir.

- Sim - ele disse. Eu olhei pra cima pra ver que os olhos dele estavam sérios e confusos. - Me diga o que você quer, e você terá.

Eu não podia acreditar no quanto me sentia estranha e idiota. Eu era inocente demais - que era, é claro, o centro da discussão. Eu não tinha nem a mais breve idéia de como ser sedutora. Eu teria que dar um jeito sendo corada e tímida.

- Você - eu murmurei quase incoerentemente.

- Eu sou seu. - Ele sorriu, ainda inconsciente, tentando segurar o meu olhar enquanto eu desviava os olhos.

Eu respirei fundo e me inclinei pra frente até que estava de joelhos na cama. E aí eu passei meus braços pelo pescoço dele e o beijei.

Ele me beijou de volta, desnorteadado mas com vontade. Os lábios dele eram gentís contra os meus, e eu podia notar que a mente dele estava em outro lugar - tentando descobrir onde estava a *minha* mente. Eu decidí que ele precisava de uma dica.

As minhas mãos estavam tremendo um pouco enquanto eu tirei os meus braços do pescoço dele. Os meus dedos deslizaram até o colarinho da camisa dele. A tremedeira não me ajudou enquanto eu me apressava pra abrir os botões dele antes que ele me parasse.

Os lábios congelarem, e eu quase pude ouvir o clique na cabeça dele enquanto ele juntava as minhas palavras e ações.

Ele me afastou imediatamente, o rosto dele estava duramente desaprovador.

- Seja razoável, Bella.

- Você me prometeu, tudo o que eu quisesse - eu lembrei ele sem esperança.

- Nós não vamos ter essa discussão. - Ele me encarou enquanto fechava os dois botões que eu tinha conseguido abrir.

Meus dentes se apertaram.

- Eu digo que vamos - eu rosnei. Eu moví as minhas mãos para a minha blusa e abrí o primeiro botão.

Ele agarrou os meus pulsos e os colocou dos meus lados.

- Eu digo que não vamos - ele disse numa voz vazia.

Nós nos encaramos.

- Você queria saber - eu apontei.

- Eu pensei que fosse uma coisa minimamente realista.

- Então, você pode pedir por qualquer coisa estúpida, ridícula que *você* queira, tipo *casar*, mas *eu* nem sequer tenho permissão pra *discutir* o que eu...

Enquanto eu estava falando, ele havia colocado as minhas mãos juntas pra restringí-las em uma das dele, e ele colocou a outra mão na minha boca.

- Não - o rosto dele estava duro.

Eu respirei fundo pra me acalmar. E, quando a raiva começou a desaparecer, eu sentí outra coisa.

Me levou um minuto pra que eu reconhecesse porque eu estava olhando pra baixo de novo, voltando a ficar corada - porque o meu estômago estava inquieto, porque havia umidade demais nos meus olhos, porque de repente eu queria sair saindo do quarto.

A rejeição passou por mim, instintiva e forte.

Eu sabia que era irracional. Ele foi bem claro em outras ocasiões que a minha segurança era o único fator. Mesmo assim, eu nunca havia estado tão vulnerável antes. Eu fiz uma careta para a colcha que combinava com a cor dos olhos dele e tentei banir a reação reflexiva que me dizia que ele não me desejava e que eu não era desejada.

Edward suspirou. A mão que estava em cima da minha boca se moveu pra debaixo do meu queixo, e ele puxou o meu rosto pra cima até que eu tive que eu tivesse que olhar pra ele.

- O que foi agora?

- Nada - eu murmurei.

Ele estudou o meu rosto por um longo momento enquanto eu tentava sem sucesso me afastar do olhar dele. As sobrancelhas dele se juntaram, e a expressão dele ficou horrorizada.

- Eu magoei os seus sentimentos? - ele me perguntou, chocado.

- Não - eu mentí.

Tão rápido que eu nem tive certeza de como isso tinha acontecido, eu estava nos braços dele, meu rosto aninhado entre seu ombro e sua mão, enquanto o polegar dele alisava a minha bochecha me acalmando.

- Você sabe porque eu tenho que dizer não - ele murmurou. - Você sabe que eu te quero também.

- Quer? - eu sussurrei, minha voz cheia de dúvida.

- É claro que eu quero, sua garota boba, linda, super sensível. - Ele riu uma vez, e aí a voz dele ficou vazia. - Todo mundo não quer? Eu sinto como se houvesse uma linha atrás de mim, correndo pra chegar na frente, esperando que eu cometa um erro grande o suficiente... Você é desejável demais pro seu próprio bem.

- Quem está sendo bobo agora? - Eu me perguntei se estranha, tímida, e inapta eram considerados *desejáveis* no livro de alguém.

- Você quer eu faça uma petição pra te fazer acreditar? Será que eu devo te dizer quais os nomes que estariam no topo da lista? Você sabe de alguns deles, alguns iam te surpreender.

Eu balancei a minha cabeça contra o peito dele, fazendo uma careta. - Você só está tentando me distrair. Vamos voltar ao assunto.

Ele suspirou.

- Me diga se há algo errado comigo - eu tentei soar como se não me importasse. - As sua demanda é o casamento - eu não conseguí dizer a palavra sem fazer uma cara - pagar a minha faculdade, mais tempo, e você não se incomodaria se o meu veículo fosse um pouco mais rápido. - Eu erguí as minhas sobrancelhas. - Eu disse tudo? Essa é uma lista comprida.

- Só a primeira é uma demanda. - Ele parecia estar tendo dificuldades em manter um rosto sério. - Os outros são meros pedidos.

- E a minha única demanda, solitária, é...

- Demanda? - ele perguntou, de repente sério de novo.

- Sim. Demanda.

Os olhos dele se estreitaram.

- Casamento é uma extensão pra mim. Eu não vou dizer sim a não ser que eu ganhe alguma coisa em troca.

Ele se inclinou pra sussurrar no meu ouvido. - Não - ele murmurou suavemente. - Agora não é possível. Depois, quando você for menos quebrável. Seja paciente, Bella.

Eu tentei manter minha voz firme a razoável. - Mas esse é o problema. Não será a *mesma* coisa quando eu for menos quebrável. Não será o mesmo! Eu não sei *quem* eu serei até lá.

- Você ainda será Bella - ele prometeu.

Eu fiz uma careta. - Eu serei tão diferente que eu iria querer matar Charlie, eu iria querer beber o sangue de Jacob ou de Angela se eu tivesse a chance, como é que isso pode ser verdade?

- Isso vai passar. E eu duvido que você vá querer beber o sangue do cachorro. - Ele fingiu estremecer com o pensamento. - Mesmo sendo uma recém-nascida você vai ter um gosto melhor que isso.

Eu ignorei a tentativa dele de me distrair. - Mais isso sempre será o que eu vou querer mais, não é? - eu desafiei. - Sangue, sangue e mais sangue!

- O fato de que você ainda está viva prova que isso não é verdade - ele apontou.

- Mais de oitenta anos depois - eu lembrei ele. - De qualquer forma, eu quis dizer *fisicamente*. Intellectualmente, eu sei que serei capaz de ser eu mesma... depois de algum tempo. Mas puramente fisicamente, eu sempre sentirei mais sede do que qualquer outra coisa

Ele não respondeu.

- Então eu *serei* diferente - eu concluí sem me opor. - Porque agora mesmo, fisicamente, não há nada que eu queira mais do que você. Mais do que comida ou água ou oxigênio. Intellectualmente, eu tenho as minhas prioridades em uma ordem um pouco mais sensível. Mas fisicamente...

Eu virei a minha cabeça pra beijar a palma da mão dele.

Ele respirou fundo. Eu fiquei surpresa de notar que isso foi um pouco instável.

- Bella, eu podia te matar - ele sussurrou.

- Eu não acho que você poderia.

Os olhos de Edward estreitaram. Ele levantou sua mão e pegou rapidamente atrás de si mesmo alguma coisa que eu não podia ver. Houve um som apafado de alguma coisa partindo, e a cama estremeceu embaixo de nós.

Alguma coisa escura estava na mão dele; ele a levantou para o meu curioso exame. Era uma flor de metal, uma das rosas que adornavam o poste de metal e o pátio da armação da cama dele. A mão dele se fechou por um breve segundo, os dedos dele se contraindo suavemente, e aí se abriu de novo.

Sem uma palavra, ele me ofereceu a bola de metal preto amassada, desigual.

Havia uma marca do interior da mão dele, como um pedaço de massa de modelar espremida na mão de uma criança. Meio segundo se passou, e a forma se transformou em areia preta na mão dele.

Eu encarei ele. - Não foi isso que eu quis dizer. Eu já *sei* o quanto você é forte. Você não precisava quebrar o móvel.

- *O que* você quis dizer, então? - ele perguntou com uma voz sombria, jogando os vestígios da areia preta no canto do quarto; eles bateram na parede e soaram como chuva.

Os olhos dele estavam atentos no meu rosto enquanto eu tentava explicar.

- Obviamente não era que você não é capaz de me machucar fisicamente, se você quisesse... Mais isso, você *não* quer me machucar... é tanto que eu não acho você um dia pudesse.

Ele começou a balançar a cabeça antes que eu tivesse acabado.

- Isso pode não funcionar assim, Bella.

- *Pode* - eu bufei. - Você não faz mais idéia do que está falando do que eu.

- Exatamente. Você acha que eu ia expor você a esse tipo de risco?

Eu olhei nos olhos dele por um longo minuto. Não havia nenhum sinal de compromisso, nenhuma ponta de indecisão neles.

- Por favor - eu sussurrei finalmente, sem esperanças. - Isso é tudo o que eu quero. Por favor. - Eu fechei os meus olhos, vencida, esperando por um não rápido e final.

Mas ele não respondeu imediatamente. Eu hesitei sem acreditar, aturdida ao descobrir que a respiração dele estava ínstavel de novo.

Eu abri os meus olhos, e o rosto dele estava arrasado.

- Por favor? - eu sussurrei de novo, meu coração começando a bater mais rápido. As minhas palavras tropaçaram umas nas outras enquanto eu me apressava pra tirar vantagem da incerteza repentina nos olhos dele. - Você não tem que me dar nenhuma garantia. Se isso não der certo, bem, então é isso. Vamos só *tentar*... só tentar. E eu vou te dar o que você quer - eu prometi rapidamente. - Eu caso com você. Eu deixo você pagar por Dartmouth, e eu não vou reclamar dos subornos que você me der. Você pode me comprar um carro veloz se isso te deixa feliz! Só... *por favor*.

Os braços gelados dele se apertaram ao me redor, e os lábios dele estavam na minha orelha; a respiração fria dele me fez estremecer. - Isso é insuportável. Tantas coisas que eu queria dar pra você, e *isso* é o que você decide pedir. Você tem idéia do quanto é doloroso, tentar te recusar quando você me implora desse jeito?

- Então não recuse - eu sugeri, sem fôlego.

Ele não respondeu.

- Por favor - eu tentei de novo.

- Bella - ele balançou a cabeça lentamente, mas não parecia ser uma negação enquanto o rosto dele, seus lábios, se moviam pra frente e pra trás na minha garganta. Parecia mais uma redenção. O meu coração, já correndo, batia freneticamente.

De novo, eu tomei toda a vantagem que podia. Quando o rosto dele virou em direção ao meu com o leve movimento da sua indecisão, eu me virei rapidamente nos braços dele até que os meus lábios alcançaram os dele. As mãos dele seguraram o meu rosto, e eu pensei que ele fosse me afastar de novo.

Eu estava errada.

A boca dele não estava gentil; havia uma nova extremidade de conflito e desespero na forma como os seus lábios se moviam. Eu travei os meus braços no pescoço dele, e, para a minha pele repentinamente mais quente, a pele dele parecia mais fria do que nunca. Eu estremeci, mas não era pelo frio.

Ele não parou de me beijar. Fui eu quem teve que parar, ofegando por ar. Mesmo assim os lábios dele não saíram da minha pele, eles só se moveram para a minha garganta. A sensação de vitória deu uma alta estranha; isso me fez poderosa. Corajosa. As minhas mãos agora estavam inquietas; eu passei pelos botões da camisa dele com facilidade dessa vez, e os meus dedos traçaram as formas perfeitas do peito gelado dele. Ele era lindo demais. Qual era a palavra que ele havia acabado de usar? Insuportável - isso é o que era. A beleza dele era demais pra suportar...

Ele colocou a sua boca de volta na minha, e ele pareceu estar tão ansioso quanto eu estava.

Uma das mãos dele ainda segurava o meu rosto, seu outro braço estava apertado na minha cintura, me trazendo mais pra perto. Isso tornou as coisas um pouco mais difíceis enquanto eu tentava alcançar a frente da minha camisa, mas não impossível.

Algemas frias como metal se fecharam nos meus pulsos, e puxaram as minhas mãos pra cima da minha cabeça, que de repente estava em cima de um travesseiro. Os lábios dele estavam no meu ouvido de novo. - Bella - ele murmurou, a voz dele era quente e macia. - Você pode *por favor* parar de tentar tirar as suas roupas?

- Você quer fazer essa parte? - eu perguntei, confusa.

- Essa noite não - ele respondeu suavemente. Agora os lábios dele estavam mais devagar na minha bochecha e na minha mandíbula, toda a urgência havia desaparecido.

- Edward, não... - eu comecei a discutir.

- Eu não estou dizendo não - ele me assegurou. - Eu estou dizendo *não essa noite*.

Eu pensei nisso por um momento e a minha respiração se acalmou.

- Me dê uma razão pela qual essa noite não é tão boa quanto qualquer outra noite - eu ainda estava sem fôlego; isso deixou a frustração na minha voz menos impressionante.

- Eu não nasci ontem - Ele gargalhou no meu ouvido. - Entre nós dois qual é aquele que está com mais vontade de dar ao outro o que ele quer? Você só prometeu se casar comigo antes de qualquer mudança, mas se eu fizer isso essa noite, o que me garante que você não vai sair correndo pra Carlisle de manhã? Eu sou - claramente - muito menos relutante em te dar o que você quer. Portanto... você primeiro.

Eu exalei num alto acesso de ira. - Você vai me fazer casar com você antes? - eu perguntei sem acreditar.

- Esse é o acordo, é pegar ou largar. Compromisso, lembra?

Os braços dele se entrelaçaram ao meu redor, e ele começou a me beijar de uma forma que devia ser ilegal. Muito persuasiva - isso era compulsão, coerção. Eu tentei manter minha cabeça limpa... e falhei rapidamente e absolutamente.

- Eu realmente acho que essa é uma má idéia - eu ofeguei quando ele me deixou respirar.

- Eu não estou surpreso que você se sintá assim - Ele deu um sorriso malicioso. - Você tem uma cabeça pouco aberta.

- Como foi que isso aconteceu? - eu murmurei. - Eu pensei que ia fazer as coisas do meu jeito essa noite, pra variar, e agora, do nada...

- Você está noiva - ele terminou.

- Eca! *Por favor* não diga isso em voz alta.

- Você vai voltar com a palavra? - ele quis saber. Ele se afastou pra ler o meu rosto. A expressão dele estava divertida. Ele estava se divertindo.

Eu encarei ele, tentando ignorar a forma como o sorriso dele fazia o meu coração reagir.

- Você vai? - ele pressionou.

- Ugh! - eu gemi. - Não. Eu não vou. Você está feliz agora?

O sorriso dele era dominante. - Excepcionalmente.

Eu gemi de novo.

- Você não está nem um pouco feliz?

Ele me beijou de novo antes que eu pudesse responder. Outro beijo persuasivo demais.

- Um pouco - eu admiti quando pude falar. - Mas não por estar me casando.

Ele me beijou outra vez. - Você está com a sensação de que tudo está ao contrário? - ele riu no meu ouvido. - Tradicionalmente, não era você que devia estar discutindo no meu lugar, e eu no seu?

- Não tem muita coisa tradicional entre você e eu.

- Verdade.

Ele me beijou de novo, e continuou até que o meu coração estava disparado e a minha pele estava corando.

- Olha, Edward - eu murmurei, minha voz lisonjeando, quando ele parou pra beijar a palma da minha mão. - Eu disse que me casaria com você, e eu vou. Eu prometo. Eu juro. Se você quiser, eu assino um contrato com o meu próprio sangue.

- Isso não foi engraçado - ele murmurou na parte de dentro do meu pulso.

- O que eu estou dizendo é isso, Eu não vou te enganar nem nada. Você me conhece melhor que isso. Então não há razão pra esperar. Nós estamos completamente sozinhos, com que frequência isso acontece? e você arrumou essa cama tão grande e confortável...

- Essa noite não - ele disse de novo.

- Você não confia em mim?

- É claro que eu confio.

Usando a mão que ele ainda estava beijando, eu puxei o rosto dele de volta pra onde eu podia ver a expressão dele.

- Então qual é o problema? Não é como se você não soubesse que vai vencer no final. - Eu fiz uma careta e murmurei. - Você sempre ganha.

- Só estou garantindo as minhas apostas - ele disse calmamente.

- Há mais alguma coisa - eu adivinhei, meus olhos estreitando. Havia uma defesa no rosto dele, uma leve pista de um motivo secreto que ele estava tentando esconder com o seu jeito casual. - Você *está* planejando dar pra trás na sua palavra?

- Não - ele prometeu solenemente. - Eu juro pra você, nós *vamos* tentar. Depois que você casar comigo.

Eu balancei a minha cabeça, e ri bobamente. - Você está me fazendo parecer um vilão de um melodrama, revirando o bigode enquanto tenta roubar a virtude de uma pobre garotinha.

Os olhos dele estavam cautelosos enquanto passaram pelo meu rosto, aí ele rapidamente se abaixou pra pressionar seus lábios na minha clavícula.

- É isso, não é? - o riso curto que escapou de mim era mais chocado que divertido. - Você está tentando proteger a sua virtude! - eu cobri a minha boca com a minha mão pra abafar as gargalhadas que se seguiram. As palavras eram tão... antiquadas.

- Não, garota boba - ele murmurou contra o meu ombro. - Eu estou tentando proteger a *sua*. Você está tornando isso chocantemente difícil.

- Entre todas as ridículas...

- Me deixe te perguntar uma coisa - ele me interrompeu rapidamente. - Nós já tivemos essa discussão antes, mas me distraia. Quantas pessoas nesse quarto têm uma alma? Uma chance no céu, ou o que quer que haja depois dessa vida?

- Duas - eu respondi imediatamente, minha voz furiosa.

- Tudo bem. Talvez isso seja verdade. Agora, existe um mundo cheio de dissensões sobre isso, mas a vasta maioria acha que existem algumas regras que precisam ser seguidas.

- As regras dos vampiros não são suficientes pra você? Você tem que se preocupar com as dos humanos também?

- Isso não pode fazer mal - ele levantou os ombros. - Só na dúvida.

Eu encarei ele através de olhos apertados.

- Agora, é claro, pode ser tarde demais pra mim, mesmo se você estiver certa sobre a minha alma.

- Não, não é - eu discuti, com raiva.

- 'Não matarás' é comumente aceito pelos maiores sistemas de crenças. E eu já matei muitas pessoas, Bella.

- Só pessoas más.

Ele levantou os ombros. - Talvez isso conte, mas talvez não conte. Mas você não matou ninguém...

- Que *você* saiba - eu murmurei.

Ele sorriu, mas de outra forma, ignorou a interrupção. - E eu vou fazer o meu melhor pra te manter fora do caminho da tentação.

- Ok. Mas nós não estávamos brigando por cometer assassinatos - eu lembrei ele.

- O mesmo princípio se aplica, a única diferença é que nessa área eu sou tão imaculado quanto você. Será que eu não posso ter uma regra que não quebrei?

- Uma?

- Você sabe que eu já roubei, eu já menti, eu já cobicei... a minha virtude é tudo o que me sobra. - Ele deu um sorriso torto.

- Eu minto o tempo todo.

- Sim, mas você mente tão mal que isso nem conta. Ninguém acredita em você.

- Eu realmente espero que você esteja errado quanto a isso, porque senão Charlie pode estar prestes a invadir esse quarto com uma arma carregada.

- Charlie fica mais feliz quando ele finge engolir as suas histórias. Ele prefere mentir pra si mesmo do que olhar muito de perto - ele sorriu pra mim.

- Mas o que você já cobiçou? - eu perguntei duvidosamente. - Você tem tudo.

- Eu cobicei você - o sorriso dele escureceu. - Eu não tinha o direito de querer você, mas eu fui lá e te peguei do mesmo jeito. E agora veja o que você se tornou! Tentando seduzir um vampiro - Ele balançou a cabeça com horror de brincadeira.

- Você não pode cobiçar o que já é seu - eu informei ele. - Além do mais, eu pensei que era com a *minha* virtude que você estava preocupado.

- E é. Se é tarde demais pra mim... Bem, eu serei amaldiçoado, sem pretensão de trocadilho, se eu deixar eles te pegarem também.

- Você não pode me fazer ir pra um lugar onde você não vai estar - eu jurei. - Essa é a minha definição de inferno. De qualquer forma, eu tenho uma solução fácil pra isso: não vamos morrer nunca, tá certo?

- Isso parece fácil o suficiente. Porque eu não pensei nisso?

Ele sorriu pra mim e eu desisti com um *humph* raivoso. - Então é isso. Você não vai dormir comigo até que estejamos *casados*.

- Tecnicamente, eu não posso *dormir* com você nunca.

Eu revirei os meus olhos. - Muito maduro, Edward.

- Mas, todos os outros detalhes, sim, você os entendeu corretamente.

- Eu acho que você tem um motivo escondido.

Os olhos dele se arregalaram inocentemente. - Mais um?

- Você sabe que isso vai apressar as coisas - eu acusei.

Ele tentou não sorrir. - Só há uma coisa que eu quero apressar, o resto pode esperar pra sempre... mas por isso, é verdade, os seus hormônios humanos impacientes são os meus maiores aliados nesse momento.

- Eu não posso acreditar que estou caindo nessa. Quando eu penso em Charlie... e Renée! Você consegue imaginar o que Angela vai pensar? Ou Jessica? Ugh. Eu já posso ouvir a fofoca agora.

Ele ergueu uma sobrancelha pra mim, e eu sabia porque. O que importava o que eles dissessem sobre mim quando eu estaria indo embora em breve pra nunca mais voltar? Será que realmente eu era tão sensível que eu não poderia aguentar umas semanas de olhares de lado e de ser motivo de perguntas?

Talvez isso não me incomodasse tanto se eu não soubesse que eu estaria fofocando tão condescendentemente quanto eles se outra pessoa estivesse se casando nesse verão.

Gah. Casada esse verão! Eu estremecei.

E depois, talvez isso não me incomodasse tanto se eu não estremeceisse só de pensar em casamento.

Edward interrompeu as minhas irritações. - Não tem que ser uma grande produção. Eu não preciso de festa. Você não precisa dizer a ninguém e nem mudar nada. Nós vamos à Las Vegas, você pode usar jeans velhos e nós iremos à uma capela com uma janela drive-thru. Eu só quero que seja oficial, que você pertença a mim e a *mais ninguém*.

- Isso não podia ser mais oficial do que já é - eu murmurei. Mas a descrição dele não soava tão mal. Só Alice ficaria desapontada.

- Nós veremos isso - Ele sorriu complacentemente. - Eu suponho que você não queira o seu anel agora?

Eu tive que engolir antes de poder falar. - Você supôs corretamente.

Ele riu da minha expressão. - Está bem. Eu vou colocá-lo no seu dedo em breve.

Eu encarei ele. - Você fala como se já tivesse um.

- Eu tenho - ele disse, sem vergonha. - Pronto pra ser forçado em você ao menor sinal de fraqueza.

- Você é inacreditável.

- Você quer vê-lo? - ele perguntou. Seus olhos líquidos de topázio estavam brilhando de repente com excitação.

- Não! - eu quase gritei, uma reação em reflexo. Eu me arrependí imediatamente. O rosto dele ficou um pouco abatido. - A não ser que você realmente queira me mostrar - eu emendei. Eu apertei os meus dentes pra evitar que o horror ilógico aparecesse.

- Está tudo bem - ele levantou os ombros. - Eu posso esperar.

Eu suspirei. - Me mostra a droga do anel, Edward.

Ele balançou a cabeça. - Não.

Eu estudei a expressão dele por um longo minuto.

- Por favor? - eu pedi baixinho, experimentando essa minha nova arma recém-descoberta. Eu toquei o rosto dele levemente com as pontas dos meus dedos. - Por favor, eu posso vê-lo?

Os olhos dele se estreitaram. - Você é a criatura mais perigosa que eu já conheci - ele murmurou. Mas ele se levantou e se moveu com uma graça inconsciente pra se ajoelhar perto do pequeno criado da cama. Ele estava de volta á sua cama em uma instante, se sentando ao meu lado com um braço nos meus ombros. Na sua outra mão havia uma caixinha preta. Ele a equilibrou no meu joelho esquerdo.

- Vá em frente e olhe, então - ele disse bruscamente.

Pegar a caixinha inofensiva foi mais difícil do que deveria ser, mas eu não queria magoá-lo de novo, então eu tentei evitar que as minhas mãos tremessem. A superfície era de um cetim preto macio.

Eu alisei ele com os dedos, hesitando.

- Você não gastou *muito* dinheiro, gastou? Minta pra mim, se você gastou.

- Eu não gastei nada - ele me assegurou. - É só outro presente passado. Esse é o anel que o meu pai deu para a minha mãe.

- Oh - a surpresa coloriu a minha voz. Eu peguei a tampa entre o meu polegar e indicador, mas não a abrí.

- Eu acho que está um pouco ultrapassado - O tom dele estava apologético de brincadeira. - Ultrapassado, exatamente como eu. Eu posso te dar alguma coisa mais moderna. Alguma coisa da Tiffany's?

- Eu gosto de coisas ultrapassadas - eu murmurei hesitantemente enquanto levantava a tampa.

Enfiado no cetim preto, o anel de Elizabeth Masen resplandeceu na luz fraca. A face era de um longo oval, cercado de pedras brilhantes arredondadas enfileiradas. A faixa era de ouro - delicada e estreita. O ouro fazia uma delicada teia ao redor dos diamantes. Eu nunca tinha visto nada parecido.

Sem pensar, eu alisei as gemas brilhantes.

- É tão *bonito*, eu murmurei pra mim mesma, surpresa.

- Você gostou?

- É lindo - eu levantei os ombros, fingindo falta de interesse. - O que há pra não gostar?

Ele gargalhou. - Veja se cabe.

A minha mão esquerda se curvou num punho.

- Bella - ele suspirou. - Eu não vou soldá-lo no seu dedo. Só experimente pra ver se o tamanho precisa ser ajustado. Depois você pode tirá-lo.

- Tá bom - eu murmurei.

Eu fui pegar o anel, mas os dedos longos dele ganharam de mim. Ele pegou a minha mão esquerda na dele, e deslizou o anel no meu terceiro dedo. Ele segurou minha mão, e nós dois examinamos o brilho oval contra a minha pele. Não era tão horrível quanto eu havia temido, ter ele lá.

- Serve perfeitamente - ele disse indiferentemente. - Isso é bom, me poupa de uma viagem até o joalheiro.

Eu podia ouvir alguma emoção forte queimando por baixo do tom casual dele, e eu olhei pra cima pra ver o rosto dele. Estava nos olhos dele também, apesar da cuidadosa indiferença da expressão dele.

- Você gostou dele, não gostou? - eu perguntei suspeitosamente, tremulando os meus dedos e pensando que realmente era uma pena que eu não tivesse quebrado a mão *esquerda*.

Ele ergueu os ombros. – Claro - ele disse, ainda casual. - Ele fica muito bem em você.

Eu olhei nos olhos dele, tentando decifrar a emoção que borbulhava bem embaixo da superfície. Ele olhou de volta, a falsa pretensão casual escorregou de repente. Ele estava cintilando - seu rosto de anjo estava brilhando com alegria e vitória. Ele estava tão glorioso que me deixou sem fôlego.

Antes que eu recuperasse o fôlego, ele estava me beijando, os lábios dele estavam exultantes. Eu estava com a cabeça leve quando ele moveu seus lábios pra falar em meu ouvido - mas a respiração dele estava tão abalada quanto a minha.

- Sim, eu gosto disso. Você não faz idéia.

Eu rí, refolegando um pouco. - Eu acredito em você.

- Você se importa se eu fizer uma coisa? - ele murmurou, seus braços se apertaram ao meu redor.

- O que você quiser.

Mas ele me soltou e se afastou.

- Qualquer coisa menos isso - eu reclamei.

Ele me ignorou, pegando a minha mão e me puxando da cama também. Ele ficou na minha frente, mãos nos meus ombros, o rosto sério.

- Agora, eu quero fazer isso. Por favor, *por favor*, mantenha em mente que você já concordou com isso, e não arruine o momento pra mim.

- Oh, não - eu resfoleguei enquanto ele se pôs em um joelho.

- Seja boazinha - ele murmurou.

Eu respirei fundo.

- Isabella Swan? - ele olhou pra mim através daqueles cílios impossivelmente grandes, os olhos dele estavam suaves mas, de alguma forma, chamuscando. - Eu prometo te amar pra sempre, todos os dias do pra sempre. Você quer se casar comigo?

Havia muitas coisas que eu queria dizer, algumas delas não eram nem um pouco legais, e algumas delas eram mais pasmamente apaixonadas e românticas do que ele provavelmente sonhava que eu era capaz. Ao invés de me envergonhar com alguma dessas coisas, eu sussurrei.

- Sim.

- Obrigado - ele disse simplesmente. Ele pegou minha mão esquerda e beijou todas as pontas dos meus dedos antes de beijar o anel que já era meu.

21. RASTROS

Eu odiava perder alguma parte da noite domindo, mas isso era inevitável. O sol estava brilhante fora da parede-janela quando eu acordei, com pequenas nuvens fugindo rapidamente no céu. O vento balançava o topo das árvores até que parecia que a floresta inteira ia se partir.

Ele me deixou sozinha pra se vestir, e eu aproveitei essa chance pra pensar. De alguma forma, o meu plano da noite passada havia saído horrivelmente distorcido, e eu precisava ter algumas idéias das consequências. Apesar de eu ter dado o anel herdado de voltar assim que eu pude fazer isso sem machucar os sentimentos dele, a minha mão esquerda parecia mais pesada, como se ele ainda estivesse no lugar, só que invisível.

Isso não devia me incomodar, eu raciocinei. Não era uma coisa tão grande - uma viagem de carro à Las Vegas. Eu usaria uma coisa melhor que jeans velhos - eu usaria moletons velhos. A cerimônia certamente não demoraria muito tempo; não mais que quinze minutos no máximo, certo? Então eu podia lidar com isso.

E aí, quando estivesse acabado, ele teria que cumprir com a sua parte na barganha. Eu ia me concentrar nisso, e esquecer o resto.

Ele disse que eu não precisava contar pra ninguém, e eu estava tentando forçá-lo ao mesmo. É claro, foi muito estúpido da minha parte não pensar em Alice.

Os Cullen chegaram em casa por volta do meio dia. Havia uma nova atmosfera, toda profissional, cercando eles, e isso me puxou de volta para a enormidade do que estava prestes a acontecer.

Alice parecia estar incomumente mal humorada. Eu engoli a frustração dela até que pareceu normal, porque as primeiras palavras dela pra Edward eram uma reclamação sobre trabalhar junto com os lobos.

- Eu *acho* - ela fez uma cara enquanto usava a palavra incerta - que você vai querer os lobos por perto para o clima frio, Edward. Eu não posso ver exatamente onde você está, porque você vai sair com aquele *cachorro* hoje à tarde. Mas a tempestade que está vindo parece particularmente ruim naquela área em geral.

Edward balançou a cabeça.

- Vai nevar nas montanhas - ela avisou ele.

- Eca, neve - eu murmurei pra mim mesma. Era Junho, pra dizer o mínimo.

- Use um casaco - Alice disse. A voz dela não estava amigável, e isso me surpreendeu. Eu tentei ler o rosto dela, mas ela desviou.

Eu olhei pra Edward, ele estava sorrindo; o que quer que estivesse incomodando

Alice estava divertindo ele.

Edward tinha utensílios de camping mais do que suficientes - benefícios na farsa de serem humanos; os Cullen eram bons clientes da loja dos Newton. Ele pegou um saco de dormir, uma pequena barraca, e vários pacotes de comida desidratada - dando um sorriso malicioso quando eu fiz uma careta pra eles - e enfiou todos eles em uma mochila.

Alice ficou vagando pela garagem enquanto nós estávamos lá, observando as preparações de Edward sem dizer uma palavra. Ele ignorou ela.

Quando ele acabou de empacotar as coisas, Edward me deu seu telefone. - Ligue pra Jacob e diga a ele que estaremos prontos em mais ou menos uma hora. Ele sabe onde nos encontrar.

Jacob não estava em casa, mas Billy prometeu que ia sair procurando até encontrar um lobisomem disponível pra passar as notícias.

- Não se preocupe com Charlie, Bella - Billy disse. - Eu estou com a minha parte disso sob controle.

- É, eu sei que Charlie estará bem - Eu não me sentia tão confiante sobre a segurança do filho dele, mas eu não queria acrescentar isso.

- Eu queria poder estar com o resto deles amanhã - Billy gargalhou ressentidamente. - Ser um velho é dureza, Bella.

A necessidade de brigar definitivamente devia ser uma característica entre o cromossomo Y. Eles eram todos os mesmos.

- Se divirta com Charlie.
- Boa sorte, Bella - ele disse. - E... passe isso para os, er, Cullen por mim.
- Eu passo - eu prometi, surpresa pelo gesto.

Enquanto eu passava o telefone de volta pra Edward, eu ví que ele e Alice estavam tendo algum tipo de discussão silenciosa. Ela estava encarando ele, implorando com os olhos. Ele estava fazendo uma careta de volta, infeliz com o que quer que ela quisesse.

- Billy desejou 'boa sorte'.
- Isso foi generoso da parte dele - Edward disse, desviando dela.
- Bella, será que eu poderia por favor falar com você sozinha? - Alice pediu rapidamente.
- Você está prestes a fazer a minha vida ser mais dura do que o necessário, Alice - Edward avisou ela por entre os dentes. - Eu realmente preferiria se você não fizesse isso.

- Isso não é sobre você, Edward - ela disparou de volta.
- Ele riu. Alguma coisa na resposta dela era engraçada pra ele.
- Não é - Alice insistiu. - É uma coisa feminina.

Ele fez uma careta.

- Deixe ela falar comigo - eu disse a ele. Eu estava curiosa.
- Foi você quem pediu - ele murmurou. Ele riu de novo, meio com raiva, meio divertido, e saiu marchando da garagem.

Eu me virei pra Alice, preocupada agora, mas ela não olhou pra mim. O mal humor dela ainda não havia passado.

Ela foi se sentar no capô do Porsche dela, com o rosto abatido. Eu a segui, e me encostei no carro ao lado dela.

- Bella? - Alice chamou numa voz triste, mudando de posição e se curvando no meu lado. A voz dela parecia tão miserável que eu passei o meu braço ao redor dos ombros dela pra confortá-la.

- O que há de errado, Alice?
- Você não me ama? - ela perguntou com o mesmo tom triste.
- É claro que amo. Você sabe disso.
- Então porque você está escapulindo pra Las Vegas pra se casar sem me convidar?
- Oh - eu murmurei, minhas bochechas ficando cor-de-rosa. Eu podia notar que havia magoado seriamente os sentimentos dela, e eu corri pra me defender. - Você sabe que eu odeio fazer um grande evento com as coisas. De qualquer jeito, foi idéia de Edward.

- Não me importa de quem é a idéia. Como *you* pôde fazer isso comigo? Eu esperava esse tipo de coisa de *Edward*, mas não de você. Eu te amo como se você fosse minha própria irmã.

- Pra mim, Alice, você *é* uma irmã.
- Palavras! - ela rosnou.
- Tá bom, você pode vir. Não haverá muito pra ver.

Ela ainda estava fazendo careta.

- O que? - eu quis saber.
- O *quanto* você me ama, Bella?
- Porque?

Ela me olhou com seus olhos implorativos, as longas sobrancelas dela estavam se aproximando do meio e se juntando, os lábios dela estavam tremendo nos cantos. Era uma expressão de partir o coração.

- Por favor, por favor, por favor - ela sussurrou. - Por favor, Bella, se você realmente me ama... Por favor me deixe fazer o seu casamento.

- Aw, Alice! - eu gemi, me afastando e ficando de pé. - Não! Não faça isso comigo!
- Se você realmente, verdadeiramente me ama, Bella.

Eu cruzei os braços no peito. - Isso é *tão* injusto. E Edward meio que já usou isso pra cima de mim.

- Eu aposto que Edward preferiria fazer isso tradicionalmente, apesar de que ele nunca te diria isso. E Esme - pense no que isso significaria pra ela!

Eu gemi. - Eu preferiria enfrentar os recém-nascidos sozinha.

- Eu vou te dever por uma década.

- Você me deveria por um século.

Os olhos dela brilharam. - Isso é um sim?

- Não! Eu não quero *fazer* isso!

- Você não tem que fazer nada além de andar alguns metros e repetir as palavras do juiz de paz.

- Ugh! Ugh, ugh!

- Por favor? - ela começou a saltitar no mesmo lugar. - Por favor, por favor, por favor, por favor, por favor?

- Eu nunca, nunca vou te perdoar por isso, Alice.

- Yay! - ela esguichou, batendo as mãos.

- Isso *não* é um sim!

- Mas será - ela cantou.

- Edward! - eu gritei, saindo da garagem. - Eu sei que você está escutando. Venha aqui. - Alice estava bem atrás de mim, ainda batendo palmas.

- Muito obrigado, Alice - Edward disse acidamente, vindo por trás de mim. Eu me virei pra despejar nele, mas a expressão dele estava tão preocupada e aborrecida que eu não conseguí fazer minhas reclamações. Ao invés disso, eu atirei os meus braços ao redor dele, escondendo o meu rosto, só no caso de a umidade raivosa dos meus olhos fizesse parecer que eu estava chorando.

- Vegas - Edward prometeu no meu ouvido.

- Sem chance - Alice rosnou. - Bella jamais faria isso comigo. Sabe, Edward, como irmão, as vezes você é uma decepção.

- Não seja má - eu murmurei pra ela. - Ele está tentando me fazer feliz, diferente de você.

- Eu também estou tentando te fazer feliz, Bella. Só que eu sei melhor o que te deixará feliz... a longo prazo. Você vai me agradecer por isso. Talvez não daqui a quinze anos, mas algum dia.

- Eu nunca pensei que veria o dia em que eu estaria disposta a apostar contra você, Alice, mas esse dia chegou.

Ele riu o seu sorriso prateado. - Então, você vai me mostrar o anel?

Eu fiz uma careta de horror quando ela agarrou a minha mão e a soltou igualmente rápido.

- Huh. Eu ví ele colocando-o em você... Eu perdi alguma coisa? - ela perguntou. Ela se concentrou por meio segundo, apertando as sobranceiras, antes de responder às suas próprias perguntas. - Não. O casamento ainda está de pé.

- Bella tem um problema com jóias - Edward explicou.

- O que é mais um diamante? Eu acho que o anel tem muitos diamantes, mas o meu ponto é que ele já colocou um...

- Basta, Alice! - Edward cortou ela de repente. O jeito que ele encarava ela... ele parecia com um vampiro de novo. - Nós estamos com pressa.

- Eu não entendo. O que têm os diamantes? - eu perguntei.

- Nós vamos falar sobre isso depois - Alice disse. - Edward está certo, é melhor vocês irem. Vocês têm que armar uma armadilha e fazer acampamento antes que a tempestade chegue. - Ela fez uma careta, e a expressão dela estava ansiosa, quase nervosa. - Não esqueça o seu casaco, Bella. Parece que... estará frio demais para a estação.

- Eu já cuidei disso - Edward assegurou ela.

- Tenham uma boa noite - ela nos disse como adeus.

A distância até a clareira foi duas vezes maior que o normal; Edward fez um longo desvio, pra ter certeza de que o meu cheiro não chegasse nem perto da trilha onde Jacob se esconderia essa noite. Ele me carregou nos braços, a mochila lotada estava no meu lugar de costume.

Ele parou na ponta mais distante da clareira, me colocando de pé.

- Tudo bem. Só ande pelo norte, tocando o que você puder. Alice me deu uma imagem clara do caminho deles, e não vamos demorar a interceptá-los.

- Norte?

Ele sorriu e apontou a direção certa.

Eu vaguei pela floresta, deixando a luz amarela do dia estranhamente ensolarado na clareira pra trás de mim. Talvez a visão nebulosa de Alice com a neve estivesse errada. Eu esperei que sim. O céu em grande parte estava limpo, apesar de que o vento soprava furiosamente nos espaços abertos. Nas árvores estava mais calmo, mas estava frio demais para Junho - mesmo usando uma camisa de mangas longas com um suéter mais grosso por cima, os meus braços estavam arrepiados. Eu caminhei lentamente, passando os meus dedos em tudo que estivesse perto o suficiente: a casca grossa da árvore, as samambaias molhadas, as pedras cobertas de musgos.

Edward ficou comigo, caminhando em uma linha paralela a cerca de vinte metros de distância.

- Eu estou fazendo isso direito? - eu chamei.

- Perfeitamente.

Eu tive uma idéia. - Isso vai ajudar? - eu perguntei enquanto passava as mãos pelos meus cabelos e pegava alguns fios soltos. Eu os soltei em cima das samambaias.

- Sim, isso deixa o rastro mais forte. Mas você não tem que arrancar seus cabelos, Bella. Vai ficar tudo bem.

- Eu tenho alguns fios extras dos quais posso me dispor.

Estava nebuloso embaixo das árvores, e eu desejei poder andar mais perto de Edward e segurar a sua mão.

Eu coloquei outro cabelo meu em um tronco quebrado que fechava o meu caminho.

- Você não precisa fazer as coisas do jeito de Alice, sabe - Edward disse.

- Não se preocupe com isso, Edward. Aconteça o que acontecer, eu não vou te deixar no altar - eu tinha um forte pressentimento de que Alice ia conseguir o que queria, em grande parte porque ela era totalmente inescrupulosa quando se tratava de conseguir o que ela queria, e também porque eu era uma perdedora quando se tratava de sentir culpa.

- Não é com isso que eu estou preocupado. Eu quero que isso seja do jeito como você quer que seja.

Eu reprimí um suspiro. Saber a verdade ia magoar os sentimentos dele - que isso realmente não importava, que eram só graus de variações de algo horrível do mesmo jeito.

- Mesmo se ela fizer as coisas do jeito dela, nós podemos fazer uma coisa pequena. Só nós. Emmett pode arrumar uma licença de clérigo na internet.

Eu gargalhei. - Isso soa melhor. - Não soaria muito oficial se *Emmett* lesse os votos, o que era um ponto a favor. Mas eu ia ter dificuldades em ficar séria.

- Veja - ele disse sorrindo. - Sempre há um compromisso.

Me levou algum tempo pra chegar até o local onde os recém-nascidos certamente cruzariam com o meu rastro, mas Edward nunca ficou impaciente com a minha velocidade.

Ele teve que guiar um pouco mais no caminho de volta, pra me manter no mesmo caminho. Tudo isso era a minha cara.

Nós estávamos quase na clareira quando eu caí. Eu podia ver a grande abertura logo em frente, e provavelmente foi por isso que eu fiquei ansiosa demais pra cuidar dos meus pés. Eu me segurei antes que a minha cabeça batesse na árvore mais próxima, mas um pequeno graveto escapuliu embaixo da minha mão esquerda e cortou a minha palma.

- Ouch! Oh, fabuloso - eu murmurei.

- Você está bem?

- Eu estou bem. Fique onde está. Eu estou sangrando. Eu vou parar em um minuto.

Ele me ignorou. Ele já estava lá antes que eu pudesse terminar.

- Eu estou com um kit de primeiros socorros - ele disse, puxando a mochila. - Eu estava com o pressentimento de que precisaria dele.

- Não é tão ruim. Eu posso cuidar disso, você não precisa ficar desconfortável.
- Eu não estou desconfortável - ele disse calmamente. – Aqui, me deixe limpar isso.
- Espere um segundo, eu acabei de ter outra idéia.

Sem olhar para o sangue e respirando pela minha boca, só pra o caso do meu estômago começar a reagir, eu pressionei a minha mão em uma rocha que estava ao meu alcance.

- O que você está fazendo?
- Jasper vai *amar* isso - eu murmurei pra mim mesma.

Eu comecei a ir para a clareira de novo, pressionando a minha palma em tudo no meu caminho. - Eu aposto que isso vai enlouquecê-los.

Edward suspirou.

- Segure o fôlego - eu disse a ele.
- Eu estou bem. Eu só acho que você está indo longe demais.
- Isso é tudo o que eu posso fazer. Eu quero fazer um bom trabalho.

Nós passamos pelas últimas árvores enquanto eu falava. Eu deixei minha mão ferida passar pelas samambaias.

- Bem, você fez - Edward me assegurou. - Os recém-nascidos ficarão frenéticos, e Jasper ficará bastante impressionado com a sua dedicação. Agora me deixe tratar a sua mão, você sujou o corte.

- Me deixe fazer isso, por favor.

Ele pegou a minha mão e sorriu enquanto a examinava. - Isso não me incomoda mais.

Eu o observei cuidadosamente enquanto ele limpava a ferida, procurando por algum sinal de angústia. Ele continuou a respirar uniformemente pra dentro e pra fora, o mesmo sorriso pequeno em seus lábios.

- Porque não? - eu perguntei finalmente enquanto ele amaciava o curativo na minha palma.

Ele levantou os ombros. - Eu superei isso.

- Você... *superou isso*? Quando? Como? - Eu tentei me lembrar da última vez que ele havia prendido a respiração perto de mim. Tudo em que eu pude pensar foi na minha festa de aniversário catastrófica do Setembro passado.

Edward torceu os lábios, parecendo tentar encontrar as palavras. - Eu vivi por vinte e quatro horas inteiras pensando que você estivesse morta, Bella. Isso mudou a minha forma de ver as coisas.

- Isso mudou o jeito como eu cheiro pra você?

- Nem um pouco. Mas... tendo experimentado a sensação de pensar que eu tinha perdido você... as minhas reações mudaram. Todo o meu ser se protege de qualquer curso que possa inspirar aquele tipo de dor novamente.

Eu não sabia o que dizer a isso.

Ele sorriu da minha expressão. - Eu acho que você poderia chamar isso de uma experiência muito educacional.

O vento invadiu a clareira de novo, lançando o meu cabelo no meu rosto e me fazendo estremecer.

- Tudo bem - ele disse, pegando a mochila dele de novo. - Você fez a sua parte.

Ele puxou o meu casaco de inverno pesado e o segurou pra que eu deslizesse meus braços nele. - Agora não está mais nas suas mãos. Vamos acampar!

Eu rí com o entusiasmo de brincadeira na voz dele.

Ele pegou a minha mão com o curativo - a outra estava pior, ainda na tipóia - e começou a ir para o outro lado da clareira.

- Onde nós vamos encontrar Jacob? - eu perguntei.

- Bem aqui - ele fez um gesto para as árvores na nossa frente exatamente quando Jacob saiu cautelosamente das sombras.

Eu não devia ter ficado surpresa por vê-lo humano. Eu não tinha certeza de porque eu estava procurando o lobo grande marrom-avermelhado.

Jacob pareceu maior de novo - sem dúvida isso era produto das minhas expectativas; eu devia estar esperando inconscientemente pelo Jacob menor das minhas memórias, o amigo fácil que não havia tornado as coisas tão difíceis. Ele estava com os braços cruzados no peito nú, um casaco preso no pulso. Ele estava sem expressão enquanto nos observava.

Os lábios de Edward caíram nos cantos. - Tinha que haver um jeito melhor de fazer isso.

- Agora é tarde demais - eu murmurei mal humorada.

Ele suspirou.

- Oi, Jake - eu o cumprimentei quando nós nos aproximamos.

- Oi, Bella.

- Olá, Jacob - Edward disse.

Jacob ignorou a delicadeza, todo profissionalismo. - Onde eu levo ela?

Edward puxou um mapa de dentro de um bolso lateral da mochila e o ofereceu a ele. Jacob o desdobrou.

- Nós estamos aqui agora - Edward se aproximou pra tocar o ponto certo. Jacob se afastou da mão dele automaticamente, e aí se endireitou. Edward fingiu não reparar. - E você vai levá-la até aqui - Edward continuou, traçando uma serpentina nas linhas elevadas do papel. - Dificilmente chega a ser nove milhas.

Jacob balançou a cabeça uma vez.

- Quando você estiver a cerca de uma milha de distância, você vai cruzar com o meu rastro. Isso vai te guiar até lá. Você precisa do mapa?

- Não, obrigado. Eu conheço muito bem essa área. Eu já sei pra onde eu estou indo.

Jacob parecia lutar mais do que Edward pra manter o tom educado.

- Eu vou pegar uma rota mais longa - Edward disse. - E eu vou encontrar vocês em algumas horas.

Edward olhou pra mim infeliz. Ele não gostava dessa parte do plano dele.

- A gente se vê - eu murmurei.

Edward desapareceu entre as árvores, indo para a direção oposta.

Assim que ele foi embora, Jacob se tornou alegre.

- E aí, Bella? - ele me perguntou com um grande sorriso.

Eu revirei os meus olhos. - Tudo velho, tudo velho.

- É - ele concordou. - Um monte de vampiros tentando matar você. O de sempre.

- O de sempre.

- Bem - ele disse, vestindo o seu casaco pra liberar os seus braços. - Vamos indo.

Fazendo uma cara, eu dei um passo pra me aproximar dele.

Ele se abaixou e passou o braço por trás dos meus joelhos, tirando eles de baixo de mim. O outro braço dele me agarrou antes que a minha cabeça batesse no chão.

- Estúpido - eu murmurei.

Jacob gargalhou, já correndo pelas árvores. Ele manteve um passo fixo, uma corrida viva cujo ritmo um humano normal poderia acompanhar... em um terreno plano... se eles não estivessem carregando uma trouxa de cinquenta e três quilos, como ele estava.

- Você não precisa correr. Você vai ficar cansado.

- Correr não me deixa cansado - ele disse. A respiração dele estava uniforme, como se ele tivesse ajustado o ritmo de um maratonista. - Além do mais, vai esfriar em breve. Eu espero que ele consiga arrumar o acampamento antes de chagarmos lá.

Eu batí os dedos acolchoado grosso do casaco de pele dele. - Eu pensei que você não ficasse com frio.

- Eu não fico. Eu só trouxe isso pra você, só pro caso de você não estar preparada - Ele olhou para o meu casaco, quase como se estivesse decepcionado por eu estar preparada. - Eu não gosto do inverno. Ele me deixa nervoso. Você reparou em como nós não vimos nenhum animal?

- Um, na verdade não.

- Eu podia imaginar que você não tinha. Os seus sentidos são entorpecidos demais.

Eu deixei essa passar. - Alice também estava preocupada com a tempestade.

- É preciso muita coisa pra silenciar a floresta desse jeito. Você escolheu uma noite dos infernos pra acampar.

- A idéia não foi inteiramente minha.

O caminho sem trilhas que ele tomou começou a declinar mais e mais abruptamente, mas isso não o fez diminuir a velocidade. Ele saltava facilmente de pedra pra pedra, sem parecer precisar absolutamente das suas mãos. O equilíbrio perfeito dele me fez lembrar de uma cabra da montanha.

- Qual é a dessa adição na sua pulseira? - ele perguntou.

Eu olhei pra baixo, e me dei conta de que o coração de cristal estava na face de cima do meu pulso.

Eu erguí os ombros sentindo culpa. - Outro presente de formatura.

Ele bufou. - Uma rocha. Não é de estranhar.

Uma pedra? De repente eu me lembrei da frase inacabada de Alice na garagem. Eu olhei para o cristal branco brilhante e tentei me lembrar do que Alice estivera dizendo antes... sobre diamantes.

Será que ela estava tentando dizer *ele já te deu um?* Como em, eu já estava usando um diamante de Edward? Não, isso era impossível. O coração teria uns cinco quilates ou alguma coisa louca como essas! Edward não iria...

- Então já faz um tempo que você não vem até La Push - Jacob disse, interrompendo as minhas conjecturas perturbadoras.

- Eu estive ocupada - eu disse a ele. - E... provavelmente eu não teria ido visitar, do mesmo jeito.

Ele fez uma careta. - Eu achei que era pra você ser aquela que perdoava, e que eu era aquele que guardava rancores.

Eu dei de ombros.

- Você esteve pensando bastante naquela última vez, não é?

- Não.

Ele riu. - Ou você está mentindo, ou você é a pessoa mais teimosa viva.

- Eu não sei sobre a segunda parte, mas eu não estou mentindo.

Eu não gostava de ter essa conversa sob as presentes condições -com os braços dele presos com força ao meu redor sem que houvesse nada que eu pudesse fazer sobre isso. O rosto dele estava mais próximo do que eu queria que estivesse. Eu queria poder dar um passo pra trás.

- Uma pessoa inteligente olha para todos os lados de uma decisão.

- Eu olhei - eu retorquí.

- Se você não pensou na nossa... er, conversa que nós tivemos da última vez que você apareceu, então isso não é verdade.

- Aquela *conversa* não é relevante para a minha decisão.

- Algumas pessoas fazem qualquer coisa para iludirem a si mesmas.

- Eu reparei que os lobisomens em particular têm uma propensão a cometer esse erro, você acha que é uma coisa genética?

- Isso significa que ele beija melhor que eu? - Jacob perguntou, mal humorado de repente.

- Eu realmente não sei dizer, Jake. Edward é a única pessoa que eu já beijei.

- Além de mim.

- Mas eu não conto aquilo como um beijo, Jacob. Eu penso naquilo mais como um assédio.

- Ouch! Isso foi frio.

Eu erguí os ombros. Eu não ia retirar aquilo.

- Eu me desculpei por aquilo - ele me lembrou.

- E eu te perdoei... em grande parte. Isso não muda a forma como eu me lembro daquilo.

Ele murmurou alguma coisa impossível de entender.

Depois, tudo ficou quieto por um tempo; só havia o som da respiração comedida dele e do vento soprando acima de nós no topo das árvores. Uma face de penhasco apareceu

completamente na nossa frente, uma pedra cinza, nua, áspera. Nós seguimos a base enquanto ela se curvava pra cima na floresta.

- Eu acho que isso é bem irresponsável - Jacob disse de repente.

- O que quer que você esteja pensando, você está errado.

- Pense nisso, Bella. De acordo com você, você só beijou uma pessoa, que nem sequer é uma pessoa de verdade, na sua vida inteira, e você está chamando isso de quite? Como é que você sabe que isso é o que você quer? Será que você não devia explorar as possibilidades um pouco?

Eu mantive a minha voz calma. - Eu sei exatamente o que eu quero.

- Então não vai machucar checar mais uma vez. Talvez você devesse tentar beijar outra pessoa, só pra fazer uma comparação... já que o que aconteceu no outro dia não conta. Você podia *me* beijar, por exemplo. Eu não vou me incomodar se você me usar como cobáia.

Ele me segurou mais apertado em seu peito, até que o meu rosto estava perto do dele. Ele estava sorrindo da sua piada, mas eu não ia contar com a sorte.

- Não mexa comigo, Jake. Eu juro que não vou impedi-lo se ele quiser quebrar a sua mandíbula.

O tom de pânico na minha voz fez o sorriso dele crescer. - Se você me *pedir* um beijo, ele não terá nenhuma razão pra ficar aborrecido. Ele disse que isso estava bem.

- Não segure o fôlego, Jake, não, espere, eu mudei de idéia. Vá em frente. Segure a respiração até que eu te peça pra me beijar.

- Você está de mal humor hoje.

- Eu me pergunto, porque?

- As vezes eu penso que você gosta mais de mim como lobo.

- As vezes eu gosto. Isso provavelmente tem a ver com o fato de que você *não pode falar*.

Ele torceu seus lábios largos pensativamente. - Não. Eu não acho que seja isso. Eu acho que é mais fácil pra você ficar perto de mim quando eu não sou humano, porque você não precisa fingir que não está atraída por mim.

A minha boca se abriu com um pequeno som de algo espoucando. Eu a fechei imediatamente, apertando os meus dentes.

Ele ouviu isso. Os lábios dele se abriram largamente em seu rosto em um sorriso triunfante.

Eu respirei fundo lentamente antes de falar. - Não. Eu estou certa de que é porque você não fala.

Ele suspirou. - Você nunca se cansa de mentir pra si mesma? Você tem que saber o quão consciente de mim você é. Fisicamente, eu quero dizer.

- Como alguém pode *não* ser cômico de você fisicamente, Jacob? - eu quis saber. - Você é um monstro enorme que se recusa a respeitar o espaço pessoal dos outros.

- Eu te deixo nervosa. Mas só quando eu sou humano. Quando eu sou lobo, você fica mais confortável ao meu lado.

- Nervosismo e irritação não são a mesma coisa.

Ele olhou pra mim por um minuto, diminuindo até estar caminhando, a diversão estava desaparecendo do rosto dele. Os olhos dele se estreitaram, ficaram pretos na sombra das sobranceiras dele. A respiração dele, tão regular enquanto ele corria, começou a acelerar.

Lentamente, ele inclinou o seu rosto mais pra perto do meu.

Eu encarei ele, sabendo exatamente o que ele estava tentando fazer.

- O rosto é seu - eu lembrei ele.

Ele riu alto e começou a fazer piada de novo. - Eu realmente não quero brigar com o seu vampiro essa noite, quer dizer, qualquer outra noite, com certeza. Mas nós dois temos um trabalho a fazer amanhã, e eu não gostaria de deixar os Cullen com um a menos.

De repente, uma inesperada onda de vergonha distorceu a minha expressão.

- Eu sei, eu sei - ele respondeu, sem entender. - Você acha que ele pode me enfrentar.

Eu não podia falar. Eu estava deixando-os com um a menos. E se alguém se machucasse por eu ser tão fraca? Mas e se eu fosse corajosa e Edward... eu não podia nem pensar nisso.

- Qual é o problema com você, Bella? - a máscara de comédia desapareceu do rosto dele, revelando o meu Jacob na superfície, como se estivesse retirando a máscara. - Se alguma coisa que eu disse te aborreceu, você sabe que eu só estava brincando. Eu não estava falando sério, ei, você está bem? Não chore, Bella - ele implorou.

Eu tentei me recompor. - Eu não vou chorar.

- O que eu disse?

- Não é nada que você disse. É, bem, sou eu. Eu fiz uma coisa... má.

Ele me encarou, os olhos dele arregalados de confusão.

- Edward não vai lutar amanhã - eu sussurrei a explicação. - Eu estou fazendo ele ficar comigo. Eu sou uma enorme covarde.

Ele fez uma careta. - Você acha que isso não vai dar certo? Que eles vão te encontrar aqui? Você sabe de alguma coisa que eu não sei?

- Não, não. Eu não estou com medo disso. Eu só... *não posso* deixá-lo ir. Se ele não voltasse... - eu estremeci, fechando os meus olhos pra escapar do pensamento.

Jacob estava quieto.

Eu continuei sussurrando, meus olhos fechados. - Se alguém se machucar, isso será minha culpa. E mesmo se ninguém se machucar... eu fui horrível. Eu tive que ser, pra convencê-lo a ficar comigo. *Ele* jamais usaria isso contra mim, mas eu sempre saberei o que eu fui capaz de fazer.

Eu me sentí um pouco melhor, tirando isso do meu peito. Mesmo se eu só pudesse confessar isso a Jacob.

Ele bufou, meus olhos se abriram lentamente, e eu fiquei triste de ver que a máscara dura estava de volta nele.

- Eu não consigo acreditar que ele deixou você convencê-lo a ficar de fora. Eu não perderia isso por nada.

Eu suspirei. - Eu sei.

- Isso não significa nada, porém - Ele estava devolvendo de repente. - Isso não significa que ele te ama mais do que eu.

- Mas *você* não teria ficado comigo, nem se eu implorasse.

Ele torceu os lábios por um momento, e eu me perguntei se ele tentaria negar isso. Nós dois sabíamos a verdade. - Isso é só porque você sabe melhor - ele disse finalmente. - Tudo vai dar certo sem dúvida. Mesmo se você me pedisse e eu dissesse não, você não ficaria brava comigo depois.

- Se tudo der certo, você provavelmente está certo. Eu não ficaria com raiva. Mas durante todo o tempo que você estivesse longe, eu estaria doente de preocupação, Jake. Eu enlouqueceria.

- Porque? - ele perguntou mal humorado. - Porque você se importa se alguma coisa acontecer comigo?

- Não diga isso. Você sabe o quanto significa pra mim. Eu lamento que não seja do jeito como você quer, mas é assim que é. Você é meu melhor amigo. Pelo menos, você costumava ser. E algumas vezes é... quando você baixa a guarda.

Ele sorriu aquele velho sorriso que eu amava. - Eu sempre sou isso - ele prometeu. - Mesmo quando eu... me comporto tão bem quanto eu deveria. Por baixo, eu estou sempre aqui.

- Eu sei. Porque senão porque mais eu te aguentaria?

Ele riu comigo, e aí os olhos dele ficaram tristes. - *Quando* você vai se dar conta finalmente de que você está apaixonada por mim também?

- Deixe você arruinar o momento.

- Eu não estou dizendo que você não ama ele. Eu não sou burro. Mas é possível amar mais de uma pessoa de cada vez, Bella. Eu já ví isso em ação.

- Eu não sou um lobisomem esquisito, Jacob.

Ele entortou o nariz, e eu estava prestes a pedir desculpas pela última baboseira, mas ele mudou de assunto.

- Não estamos longe agora, eu sinto o cheiro dele.

Eu suspirei aliviada.

Ele se enganou na interpretação. - Eu diminuiria a velocidade com alegria, Bella, mas você vai gostar de estar em um abrigo antes que *aquilo* caia.

Nós dois olhamos para o céu.

Uma nuvem sólida de uma cor roxo-enegrecida estava correndo do oeste, escurecendo a floresta embaixo dela enquanto passávamos.

- Uau - eu murmurei. - É melhor você se apressar. Você vai querer estar em casa antes que ela chegue aqui.

- Eu não vou pra casa.

Eu encarei ele, exasperada. - Você não vai acampar conosco.

- Não tecnicamente, como em, dividindo uma tenda ou qualquer coisa. Eu refiro a tempredade ao cheiro. Mas eu tenho certeza que o seu sugador de sangue vai querer manter contato com o bando por propósitos de coordenação, então, eu graciosamente vou prover esses serviços.

- Eu pensei que esse era o trabalho de Seth.

- Ele vai me substituir amanhã, durante a luta.

Essa lembrança me silenciou por alguns segundos. Eu encarei ele, preocupação aparecendo com uma penetrância repentina.

- Eu não acho que há uma forma de te fazer ficar, já que você já está aqui? - eu sugeri. - Se eu *implorasse*? Ou se trocasse uma vida de servidão ou alguma coisa assim?

- Tentador, mais não. De novo, implorar pode ser interessante pra que você veja. Você pode se dar uma tentativa se você quiser.

- Realmente não há nada, absolutamente *nada* que eu posso dizer?

- Não. A não ser que você possa me prometer uma luta melhor. De qualquer jeito, Sam faz as convocações, não eu.

Isso me lembrou.

- Edward me disse uma coisa no outro dia... sobre você.

Ele ficou eriçado. - Provavelmente é mentira.

- Oh, mesmo? Você não é o segundo no comando do bando, então?

Ele piscou, o rosto dele ficando branco de surpresa. - Oh. Isso.

- Como é que você nunca me contou isso?

- Porque eu contaria? Não é nada importante.

- Eu não sei. Porque não? É interessante. Então, como é que isso funciona? Como Sam acabou sendo o Alpha, e você como... o Beta?

Jacob gargalhou com o meu termo inventado. - Sam foi o primeiro, o mais velho. Fazia sentido que ele ficasse no comando.

Eu fiz uma careta. - Mas então não seriam Jared ou Paul a ser o segundo? Eles foram os próximos a se transformar.

- Bem... é difícil de explicar - Jacob disse evasivamente.

- Tente.

Ele suspirou. - É mais uma coisa de linhagem, sabe? Meio ultrapassado. Porque devia importar quem foi o seu avô, certo?

Eu me lembrei de uma coisa que Jacob havia me dito há um longo tempo atrás, antes que qualquer um de nós soubesse sobre os lobisomens.

- Você não disse que Ephraim Black foi o último chefe que os Quileute tiveram?

- É, é isso mesmo. Porque ele era o Alpha. Você sabia que, tecnicamente, Sam é o chefe da tribo inteira agora? - Ele riu. - Tradições loucas.

Eu pensei nisso por um segundo, tentando fazer pedaços se encaixarem. - Mas você também disse que eles ouviam ao seu pai mais do que a qualquer outra pessoa no conselho, porque ele era o neto de Ephraim?

- O que tem isso?

- Bem, se isso é sobre a linhagem... você não devia ser o chefe, então?

Jacob não me respondeu. Ele olhou para a floresta escurecendo, como se de repente ele precisasse se concentrar em pra onde ele estava indo.

- Jake?

- Não. Esse é o trabalho de Sam - Ele manteve os olhos no caminho não demarcado.

- Porque? O tataravô dele era Levi Uley, certo? Levi era Alpha também?

- Só hà um Alpha - ele respondeu automaticamente.

- Então o que Levi era?

- Meio que o Beta, eu acho - He bufou com o meu termo. - Como eu.

- Isso não faz sentido.

- Isso não importa.

- Eu só quero entender.

Finalmente Jacob encontrou meu olhar confuso, e aí suspirou. - É. Era pra eu ser o Alpha.

As minhas sobrancelhas se juntaram. - Sam não quis descer do posto?

- Difícilmente. Eu não quis subir.

- Porque não?

Ele fez uma careta, desconfortavel com as minhas perguntas. Bem, era a vez dele de se sentir desconfortavel.

- Eu não quis nada daquilo, Bella. Eu não queria que nada mais mudasse. Eu não queria ser um chefe lendário. Eu nem queria ser parte de um bando de lobisomens, quanto mais liderá-los. Eu não aceitei quando Sam ofereceu.

Eu pensei nisso por um longo momento. Jacob não interrompeu. Ele estava encarando a floresta de novo.

- Mas eu pensei que você estava mais feliz. Que você estava se dando bem com isso - eu sussurrei finalmente.

Jacob sorriu me reassegurando. - É. Realmente não é tão ruim. É excitante as vezes, como essa coisa de amanhã. Mas no início parecia que eu estava sendo convocado pra uma guerra que eu nem sabia que existia. Não havia escolha, sabe? E foi tão definitivo - Ele levantou os ombros. - De qualquer jeito, eu acho que estou alegre agora. Tinha que ser feito, e será que eu poderia confiar em mais alguém pra fazer isso direito? É melhor que eu mesmo tenha certeza.

Eu encarei ele, sentindo um inexperado tipo de admiração pelo meu amigo. Ele era mais adulto do que eu havia acreditado que ele fosse. Como com Billy na outra noite na fogueira, havia uma realza lá que eu não estava esperando.

- Chefe Jacob - eu sussurrei, sorrindo pelo jeito que as palavras soavam juntas.

Ele revirou os olhos.

Bem aí, o vento balançou mais ferozmente através das florestas ao nosso redor, e parecia que ele estava soprando diretamente de um congelador. O som agudo de madeira se partindo ecoou nas montanhas. Apesar da luz estar desaparendo enquanto as nuvens nebulosas cobriam o céu, eu ainda pude ver os pequenos flocos brancos que flutuavam entre nós.

Jacob apressou o passo, mantendo os olhos dele no chão agora, enquanto ele corria. Eu me curvei com mais vontade no peito dele, me protegendo da neve mal-vinda.

Foram apenas dez minutos desde que ele havia começado a correr ao redor do lado do pico de pedra e eu já podia ver a pequena tenda erguida contra uma face que a abrigava. Mais flocos flutuaram ao nosso redor, mas o vento estava violento demais pra deixá-los cair em um lugar.

- Bella! - Edward chamou em um alívio agudo. Nós o encontramos no meio de um movimento de andar pra frente e pra trás.

Ele veio rapidamente para o meu lado, meio que se transformando num vulto quando ele se movia tão rápido. Jacob enrijeceu, e aí ele me colocou de pé. Edward ignorou a reação dele e me pegou num abraço apertado.

- Obrigado - Edward disse por cima da minha cabeça. O tom dele era inequivocavelmente sincero. - Isso foi mais rápido do que eu esperava, e eu realmente aprecio isso.

Eu me virei pra ver a reação de Jacob.

Jacob meramente levantou os ombros, toda a amigabilidade havia sido limpa do rosto dele. - Leve ela pra dentro. Isso vai ser feito, o meu cabelo está arrepiando no meu crânio. Essa tenda é segura?

- Eu a crevei na rocha.

- Bom.

Jacob olhou para o céu - agora preto com a tempestade, manchado com os pedacinhos de neve. As narinas dele inflaram.

- Eu vou trocar de roupa - ele disse. - Eu quero saber o que está acontecendo lá em casa.

Ele pendurou o seu casaco em um arbusto baixo, grosso, e caminhou para a floresta obscura sem olhar pra trás.

22. FOGO E GELO

O vento estremeceu a tenda de novo, e eu estremecei junto com ela.

A temperatura estava caindo. Eu podia sentir isso através do saco, através da minha jaqueta. Eu estava completamente vestida, as minhas botas de caminhada ainda estavam no lugar. Isso não fez nenhuma diferença. Como é que podia estar tão frio? Como é que podia *continuar* esfriando. Ele tinha que estabilizar alguma hora, não tinha?

- Q-q-q-q-q-que h-h-h-h-horas são? - Eu forcei as palavras a sair pelos meus dentes se batendo.

- Duas - Edward respondeu.

Edward estava sentado tão longe de mim quanto era possível em um espaço apertado, com medo até de respirar em cima de mim quando eu já estava com tanto frio. Estava escuro demais pra que eu visse seu rosto, mas a voz dele estava selvagem de preocupação, indecisão e frustração.

- Talvez...

- Não, eu tô b-b-b-b-b-bem, m-m-m-mesmo. Eu não q-q-q-queiro i-i-ir lá fora.

Ele já tinha tentado me convencer a fazer uma corrida uma dúzia de vezes, mas eu estava morta de medo de deixar o meu abrigo. Se estava tão frio aqui, protegido do vento rajante, eu podia imaginar o quão ruim seria se estivéssemos correndo por ele.

E isso ia estragar todos os esforços dessa tarde. Será que nós teríamos tempo de recomeçar tudo depois que a tempestade tivesse acabado? E se ela não acabasse?

Não fazia sentido me mexer agora. Eu podia ficar tremendo por uma noite.

Eu estava preocupada que o rastro que eu tinha deixado pudesse ter se perdido, mas ele me prometeu que isso ainda seria suficiente pra os monstros que estavam pra chegar.

- O que eu posso fazer? - ele quase implorou.

Eu só balancei a minha cabeça.

Lá fora na neve, Jacob choramingou infeliz.

- S-s-s-sai d-d-d-daqui - eu ordenei de novo.

- Ele só está preocupado com você - Edward traduziu. - Ele está bem. O corpo *dele* é equipado pra lidar com isso.

- E-e-e-e-e - eu queria dizer que ele devia ir embora mesmo assim, mas eu não conseguí fazer isso passar pelos meus dentes. Eu quase arranquei a minha língua fora.

Pelo menos, Jake *parecia* estar bem equipado para a neve, melhor até do que os outros do bando com o seu pelo ruivo mais grosso, mais longo, desarrumado. Eu me perguntei o porque disso.

Jacob choramingou, um rugido alto, um incômodo de reclamação.

- O que você quer que eu faça? - Edward rosnou, ansioso demais pra continuar se incomodando em ser educado. - Carregá-la em meio a *isso*? Eu não estou vendo você se fazer útil. Porque você não vai pescar um aquecedor ou alguma coisa assim?

- Eu tô b-b-b-b-b-bem - eu protestei. Julgando pelo gemido de Edward e pelo rosnado murmurado do lado de fora da tenda, eu não tinha convencido ninguém. O vento balançou a tenda com força, e eu estremecei em harmonia com ela.

Um rugido repentino soou pelo ronco do vento, e eu cobri os meus ouvidos com o barulho. Edward fez uma careta.

- Isso não era muito necessário - ele murmurou. - E essa é a pior idéia que eu já ouvi - ele chamou mais alto.

- É melhor do que alguma coisa que você tenha sugerido - Jacob respondeu, a voz humana dele me assustando. - *Vá pescar um aquecedor* - ele murmurou. - Eu não sou um São Bernardo.

Eu ouvi o som do zíper da porta tenda sendo puxado rapidamente pra baixo. Jacob escorregou pelo menor espaço que consegui, enquanto o vento ártico fluía ao redor dele, alguns flocos de neve caindo no chão à porta da tenda. Eu tremi tanto que era como uma convulsão.

- Eu não gosto disso - Edward assobiou enquanto Jacob fechava o zíper da porta da tenda. - Simplesmente dê o casaco a ela e se mande.

Os meus olhos só estavam ajustados o suficiente pra ver as formas - Jacob estava carregando o casaco de pele que esteve pendurado em uma árvore próxima a tenda.

Eu tentei perguntar sobre o que eles estavam falando, mas tudo o que saiu da minha boca foi - O-o-o-o-o-o-o - enquanto os tremores me faziam balançar incontrolavelmente.

- A pele é para amanhã, ela está com frio demais pra aquecê-la sozinha. A pele está congelada - Ele a largou na porta. - Você disse que precisava de uma aquecedor, e aqui estou eu - Jacob abriu os braços tanto quanto a tenda permitiu. Como sempre, quando ele havia estado correndo por aí como lobo, ele só estava carregando o que era essencial - um par de calças de moletom, sem camisa, sem sapatos.

- J-J-J-J-Jake, você vai c-c-c-congel-l-l-lar - eu tentei reclamar.

- Eu não - ele disse alegremente. - Eu estou com uns sólidos cinquenta e dois graus esses dias. Eu vou começar a te fazer suar rapidinho.

Edward rosnou, mas Jacob nem sequer olhou pra ela. Ao invés disso, ele começou a rastejar pra o meu lado e a abrir o zíper do saco de dormir.

A mão de Edward estava dura no braço dele de repente, restringindo, branca como neve na pele escura. A mandíbula de Jake se contraiu, as narinas dele inflando, o corpo dele se afastando do toque frio. Os músculos dos longos braços dele se flexionaram automaticamente.

- Mantenha a sua mão longe de mim - ele rosnou por entre os dentes.

- Mantenha as suas mãos longe dela - Edward respondeu com um tom vazio.

- N-n-n-não b-b-b-briquem - eu implorei. Outro tremor me balançou. Eu pensei que os meus dentes fossem se partir, de tão forte que eles estavam se batendo.

- Eu tenho certeza de que ela vai te agradecer por isso quando começar a ficar preta e a se decompor - Jacob disparou.

Edward hesitou, e depois a mão dele caiu e ele voltou para a sua posição no canto.

A voz dele era vazia e assustadora. - Se cuide.

- Chega mais, Bella - ele disse, abrindo ainda mais o zíper do saco de dormir.

Eu encarei ele ultrajada. Não era de surpreender que Edward estivesse reagindo desse jeito.

- N-n-n-n-n - eu tentei protestar.

- Não seja estúpida - ele disse, exasperado. - Você não *gosta* de ter dez dedos nos pés?

O corpo dele encheu um espaço inexistente, forçando o zíper a se abrir atrás de si mesmo.

Aí eu não pude mais me opor - eu não queria mais me opor. Ele era tão quente.

Os braços dele se apertaram ao meu redor, me segurando largadamente em seu peito nú.

O calor era irresistível, como se fosse ar depois de ficar muito tempo embaixo da água. Ele se afastou quando eu pressionei meus dedos frios ansiosamente na pele dele.

- Nossa, você tá congelando, Bella - ele reclamou.

- D-d-d-d-desculpa - eu gaguejei.

- Tente relaxar - ele sugeriu enquanto outro tremor me balançou violentamente. - Você vai estar aquecida em um minuto. É claro, você se aqueceria mais rapidamente se eu pudesse tirar as suas roupas.

Edward rosnou afiadamente.

- Esse é simplesmente um fato - Jacob se defendeu. - Primeiros-Socorros.

- C-c-c-corta essa, Jake - eu disse com raiva, apesar do meu corpo se recusar a sequer tentar se afastar dele. - N-n-n-ninguém p-p-p-precisa de verdade de todos os dez d-d-d-dedos do pé.

- Não se preocupe com o sugador de sangue - Jacob sugeriu, o tom da voz dele estava um pouco presumido. - Ele só está com ciúmes.

- É claro que eu estou. - A voz de Edward era veludo de novo, sob controle, um murmúrio musical na escuridão. - Você não tem nem a mais distante idéia do que eu daria pra estar fazendo o que você está fazendo por ela, mongól.

- Esses são os pontos - Jacob disse levemente, mas o tom dele estava um pouco azedo. - Pelo menos você sabe que ela gostaria que fosse você.

- Verdade - Edward concordou.

Os tremores diminuíram, ficaram suportáveis enquanto iam embora.

- Aí está - Jacob disse, agradado. - Se sentindo melhor?

Eu finalmente fui capaz de falar claramente. - Sim.

- Os seus lábios ainda estão azuis - ele meditou. - Quer que eu os aqueça pra você também? Você só precisa pedir.

Edward suspirou pesadamente.

- Se comporte - eu murmurei, pressionando o meu rosto no ombro dele. Ele se afastou de novo quando a minha pele fria tocou a dele, e sorriu com uma satisfação levemente vingativa.

Já estava quente e confortável dentro do saco de dormir. O corpo de Jacob parecia radiar calor de todos os lugares - talvez porque houvesse *tanto* dele. Eu tirei as minhas botas, e empurrei os meus dedos nas pernas dele.

Ele deu um pequeno pulo, e aí inclinou a cabeça pra baixo pra pressionar a sua bochecha quente na minha orelha dormente.

Eu reparei que a pele de Jake tinha um cheiro amadeirado, de almíscar - combinava com a ocasião, aqui no meio da floresta. Eu me perguntei se os Cullen e os Quileute não estariam apenas inventando aquele problema todo dos odores por causa de seus preconceitos. Todo mundo cheirava bem pra mim.

A tempestava rosnava como um animal atacando a tenda, mas agora ele não me preocupava. Jacob estava fora do frio, e eu também. Além do mais, eu estava simplesmente exausta demais pra me preocupar com alguma coisa - cansada apenas por ficar acordada até tão tarde, dolorida pelos espasmos dos músculos. O meu corpo relaxou lentamente enquanto descongelava, pedaço congelado a pedaço congelado, e depois ficaram flácidos.

- Jake? - eu murmurei sonolenta. - Posso te pedir uma coisa? Eu não estou tentando ser uma boboca nem nada assim, eu estou honestamente curiosa. - Eram as mesmas palavras que ele havia usado na minha cozinha... quanto tempo fazia isso agora?

- Claro - ele gargalhou, lembrando.

- Porque você é tão mais peludo do que os seus amigos? Se eu estiver sendo rude, você não precisa responder - Eu não conhecia as regras de etiqueta quando elas se tratavam da cultura dos lobisomens.

- Porque o meu cabelo é mais longo - ele disse, divertido, pelo menos a minha pergunta não tinha ofendido ele. Ele balançou a cabeça pra que seu cabelo rebelde, que agora estava perto da altura do queixo, fizesse cócegas na minha bochecha.

- Oh - eu estava surpresa, mas isso fazia sentido. Então foi por isso que eles todos cortavam os cabelos, quando se juntavam ao bando. - Então porque você não corta ele? Você gosta de ser tão felpudo?

Dessa vez ele não respondeu imediatamente, e Edward riu por baixo do fôlego.

- Desculpa - eu disse, parando pra bocejar. - Eu não quis ser intrometida. Você não precisa me dizer.

Jacob fez um som aborrecido. - Oh, ele vai te dizer do mesmo jeito, então eu também posso... Eu estava deixando o cabelo crescer porque... parecia que você gostava mais dele longo.

- Oh - eu me sentí estranha. - Eu, er, gosto dos dois jeitos, Jake. Você não precisa... ter inconvenientes.

Ele levantou os ombros. - Acontece que ele foi bem conveniente essa noite, então não se preocupe.

Eu não tinha mais nada pra dizer. Enquanto o silêncio aumentou, as minhas pálpabras caíram e se fecharam, e a minha respiração ficou mais lenta, mais uniforme.

- Isso mesmo, meu bem, vá dormir - Jacob sussurrou.

Eu suspirei, contente, já meio adormecida.

- Seth está aqui - Edward murmurou pra Jacob, e de repente eu entendi a necessidade do rosado.

- Perfeito. Agora você pode ficar de olho nas outras coisas, enquanto eu cuido da sua namorada pra você.

Edward não respondeu, mas eu gemi groque. - Pare com isso - eu murmurei.

Ai tudo ficou silencioso, pelo menos do lado de dentro. Do lado de fora, o vento soprava insaneamente entre as árvores. A dança da tenda tornou difícil dormir. Os postes estremeciam e balançavam de repente, me trazendo de volta da beira da inconsciência toda vez que eu já estava afundando. Eu me senti tão mal pelo lobo, pelo garoto que estava preso do lado de fora na neve.

A minha mente vagava e esperava até que o sono me achasse. O pequeno espaço quente me fez pensar nos dias anteriores com Jacob, e eu me lembrei de como as coisas costumavam quando ele era o meu sol de reserva, o calor que tornava a minha vida suportável. Já fazia um tempo que eu não pensava em Jake dessa forma, mas aqui estava ele, me aquecendo de novo.

- *Por favor!* - Edward assobiou. - *Você se importa!*

- O que? - Jacob sussurrou de volta, seu tom estava surpreso.

- Será que você acha que podia *tentar* controlar os seus pensamentos? - O sussurro baixo de Edward estava furioso.

- Ninguém disse que você precisava ouvir - Jacob murmurou, desafiador, e mesmo assim um pouco envergonhado. - Saia da minha cabeça.

- Eu *queria* poder. Você não faz ideia de como as suas pequenas fantasias são altas. É como se você estivesse gritando elas pra mim.

- Eu vou tentar manter o volume baixo - Jacob sussurrou sarcasticamente. Houve um breve momento de silêncio.

- Sim - Edward respondeu a um pensamento não falado em um murmúrio tão baixo que eu mal conseguia ouvir. - Eu estou com ciúme disso também.

- Eu imaginei que fosse assim - Jacob sussurrou presumidamente. - Isso meio que iguala um pouco o jogo, não é?

Edward gargalhou. - Nos seus sonhos.

- Sabe, ela ainda pode mudar de ideia - Jacob cutucou ele. - Considerando *todas* que eu posso fazer com ela que você não pode. Isso é, pelo menos, não sem matar ela.

- Vá dormir, Jacob - Edward murmurou. - Você está começando a me deixar nervoso.

- Eu acho que eu vou. Eu estou muito confortável.

Edward não respondeu.

Eu estava apagada demais pra pedir que eles parassem de falar de mim como se eu não estivesse lá. A conversa havia tomado características de sonho pra mim, e eu não tinha certeza de que realmente estava acordada.

- Talvez eu fosse - Edward disse depois de um momento, respondendo a uma pergunta que eu não havia ouvido.

- Mas você seria honesto?

- Você sempre pode perguntar e ver - o tom de Edward me fez imaginar se eu não estaria perdendo uma piada.

- Bem, você vê dentro da minha cabeça, me deixe ver dentro da sua hoje, é o justo. - Jacob disse.

- A sua cabeça está cheia de perguntas. Qual você quer que eu responda?

- Esse ciúme... ele *esteve* te comendo. Você não pode estar tão seguro de si quanto parece. A não ser que você não tenha emoções.

- É claro que está. - Edward concordou, não mais divertido. - Nesse momento está tão ruim que eu mal posso controlar a minha voz. É claro, isso é ainda pior quando ela está longe de mim, com você, e eu não posso vê-la.

- Você pensa nisso o tempo inteiro? - Jacob sussurrou. - É difícil pra você se concentrar quando ela não está com você?

- Sim e não - Edward disse; ele parecia determinado a responder honestamente. - A minha mente não funciona exatamente como a sua. Eu posso pensar em mais coisas ao mesmo tempo. É claro que isso significa que eu *sempre* sou capaz de pensar em você, sempre capaz de me perguntar se é aí que a mente dela está, quando ela está quieta e pensativa.

Eles dois ficaram quietos por um minuto.

- Sim, eu acho que ela pensa em você com frequência - Edward murmurou em resposta aos pensamentos de Jacob. - Com mais frequência do que eu gosto. Ela se preocupa que você esteja infeliz. Não que você não saiba disso. Não que você não *use* isso.

- Eu tenho que usar qualquer coisa que eu puder - Jacob murmurou. - Eu não estou trabalhando com as suas vantagens, vantagens como saber que ela está apaixonada por você.

- Isso ajuda - Edward disse com um tom moderado.

Jacob estava desafiador. - Ela está apaixonada por mim também, sabe.

Edward não respondeu.

Jacob suspirou. - Mas ela *não* sabe ainda.

- Eu não sei dizer se você está certo.

- Isso incomoda você? Você queria ver o que ela está pensando também?

- Sim... e não, de novo. Ela prefere que seja assim, e, apesar de que isso as vezes me deixa louco, eu prefiro que ela fique feliz.

O vento soprou na tenda, estremecendo como se fosse um terremoto. Os braços de Jacob me apertaram protetoramente.

- Obrigado - Edward sussurrou. - Mesmo que isso pareça estranho, eu estou feliz que você esteja aqui, Jacob.

- Você quer dizer 'mesmo que eu fosse adorar matar você, eu estou feliz que ela esteja aquecida', certo?

- É uma trégua desconfortável, não é?

O sussurro de Jacob estava presumido de repente. - Eu sabia que você estava tão louco de ciúmes quanto eu.

- Eu não sou tão idiota pra usar isso como uma carta na manga como você. Isso não ajuda o seu caso, sabe.

- Você é mais paciente do que eu.

- Eu devia. Eu tive cem anos pra ganhá-la. Cem anos de espera por *ela*.

- Então... em que ponto você resolveu bancar o cara bonzinho e paciente?

- Quando eu ví o quanto estava machucando ela ter que decidir. Isso geralmente não é tão difícil de controlar. Eu posso amortecer os... sentimentos menos civiizados que eu possa ter por você muito mais facilmente na maior parte do tempo. As vezes eu acho que ela vê através de mim, mas eu não posso ter certeza.

- Eu acho que você só está preocupado que se você realmente a forçasse a escolher, ela podia não te escolher.

Edward não respondeu imediatamente. - Isso é uma parte - ele admitiu finalmente. - Mas só uma parte pequena. Todos nós temos nossos momentos de dúvida. Em grande parte, eu estava preocupado que ela pudesse se machucar fugindo pra ver você. Depois que eu aceitei que ela estava mais ou menos segura com você, tão segura quanto Bella sempre é, pareceu ser melhor parar de levar ela aos limites.

Jacob suspirou. - Eu teria dito tudo isso a ela, mas ela nunca teria acreditado em mim.

- Eu sei - pareceu que Edward estava sorrindo.

- Você acha que sabe de tudo - Jacob murmurou.

- Eu não sei o futuro - Edward disse, sua voz insegura de repente.

Houve uma pausa mais longa.

- O que você faria se ela mudasse de idéia? - Jacob perguntou.

- Eu também não sei isso.

Jacob gargalhou baixinho. - Você tentaria me matar? - Sarcástico de novo, como se estivesse duvidando da capacidade de Edward de fazer isso.

- Não.
- Porque não? - o tom de Jacob ainda estava zombador.
- Você realmente acha que eu magoaria ela desse jeito?

Jacob hesitou por um segundo, e depois suspirou. - É, você está certo. Eu sei que isso está certo. Mas as vezes...

- As vezes é uma idéia intrigante.

Jacob pressionou o rosto no saco de dormir pra abafar os risos. - Exatamente - ele concordou eventualmente.

Que sonho estranho esse era. Eu me perguntei se era o vento incessante que estava me fazendo imaginar todos esses sussurros. Só que o vento estava gritando mais do que sussurrando...

- Como é? Perder ela? - Jacob perguntou depois de um momento quieto, e não havia nenhum traço de humor na sua voz repentinamente rouca. - Quando você pensou que tinha perdido ela pra sempre? Como você... continuou?

- É muito difícil pra mim falar disso.

Jacob esperou.

- Houveram duas horas diferentes nas quais eu pensei nisso - Edward falou cada palavra um pouco mais devagar que o normal. - A primeira vez, quando eu pensei que podia deixar ela... isso foi... quase suportável. Porque eu pensei que ela esqueceria de mim e seria como se eu nunca tivesse tocado a vida dela. Por mais de seis meses eu fui capaz de me manter longe, de manter a minha promessa de que não interferiria de novo. Estava chegando perto, eu estava lutando, mas eu sabia que não ia vencer; eu teria que voltar... só pra checar ela. Pelo menos, isso era o que eu teria dito a mim mesmo. E se eu tivesse encontrado ela razoavelmente feliz... eu gosto de pensar que teria sido capaz de ir embora de novo. Mas ela não estava feliz. E eu teria ficado. Foi assim que ela me convenceu a ficar com ela amanhã, é claro. Você estava se perguntando sobre isso antes, o que poderia ter me motivado... porque ela estava se sentindo tão desnecessariamente culpada por causa disso. Ela me lembrou do que eu fiz com ela quando fui embora, o que ainda faz quando eu tenho que ir embora. Ela se sente horrível por tocar no assunto, mas ela está certa. Eu nunca serei capaz de acertar as coisas, mas mesmo assim eu nunca vou parar de tentar.

Jacob não respondeu por um momento, escutando a tempestade ou digerindo o que havia acabado de ouvir, eu não sabia qual dos dois.

- E a outra vez, quando você pensou que ela estava morta? - Jacob sussurrou ásperamente.

- Sim - Edward respondeu a uma pergunta diferente. - Isso provavelmente vai parecer assim pra você, não vai? Pela forma como você nos persegue, você pode não ser capaz de vê-la mais como *Bella*. Mas essa é que ela será.

- Não foi isso que eu perguntei.

Os braços de Jacob se flexionaram ao meu redor.

- Mas você se foi porque não queria transformá-la em uma sugadora de sangue. Você *quer* que ela seja humana.

Edward falou lentamente. - Jacob, desde o segundo em que eu me dei conta de que amava ela, eu sabia que só haveriam quatro possibilidades. A primeira alternativa, a melhor pra Bella, seria que ela não tivesse sentimentos tão fortes por mim, e que ela me esquecesse e seguisse em frente. Eu teria aceitado isso, apesar de que isso nunca mudaria a forma como eu me sinto. Você pensa em mim como... uma pedra viva, dura e fria. Isso é verdade. Nós somos presos da forma como somos, e é muito raro pra nós experimentar uma mudança de verdade. Quando isso acontece, como quando Bella entrou em minha vida, é uma mudança permanente. Não há como voltar atrás... A segunda alternativa, a que eu havia escolhido originalmente, era ficar com ela durante a sua vida humana. Essa não era uma boa opção pra ela, desperdiçar a sua vida com alguém que não podia ser tão humano quanto ela, mas essa era a alternativa que eu podia aceitar com mais facilidade. Sabendo o tempo inteiro que, quando ela morresse, eu encontraria uma forma de morrer também. Seis anos, sessenta anos, isso pareceria um tempo muito, muito curto pra mim... Mas depois ficou comprovado que era perigoso demais pra ela viver em uma

proximidade tão grande com o meu mundo. Parecia que tudo o que podia dar errado, deu. Ou estava ao nosso lado... esperando pra dar errado. Eu estava morrendo de medo de não conseguir aqueles sessenta anos se eu ficasse perto dela enquanto ela era humana. Então, eu escolhi a terceira opção. Que acabou sendo o pior erro que eu cometi em minha longa vida, como você sabe. Eu escolhi tirar a mim mesmo do mundo dela, esperando forçá-la a primeira alternativa. Não deu certo, e isso quase matou a nós dois. O que eu tinha de sobra a não ser a quarta opção? É o que ela quer, pelo menos, ela acha que quer. Eu estive tentando atrasá-la, pra dar a ela tempo de encontrar um motivo que a fizesse mudar de idéia, mas ela é muito... teimosa. Você sabe *disso*. Eu terei sorte se conseguir esticar isso por mais alguns meses. Ela tem horror a envelhecer, e o aniversário dela é em Setembro...

- Eu gosto da primeira opção - Jacob murmurou.

Edward não respondeu.

- Você sabe *exatamente* o quanto eu odeio aceitar isso - Jacob sussurrou lentamente - mas eu posso ver que você ama ela... da sua maneira. Eu não posso mais discutir com isso. Dito isso, eu não acho que você devia desistir da primeira alternativa, ainda não. Eu acho que há uma chance muito boa de que ela ficaria bem. Depois de um tempo. Sabe, se ela não tivesse pulado do penhasco em Março... e se você tivesse esperado mais seis meses até ver checar ela... Bem, você podia ter encontrado ela razoavelmente feliz. Eu tinha um plano de jogo.

Edward gargalhou. - Talvez ele tivesse dado certo. Foi um plano bem pensado.

- É - Jake suspirou. - Mas... - de repente ele estava sussurrando tão rápido que as palavras estavam se misturando - me dê um ano Edward. Eu realmente acho que poderia fazê-la feliz. Ela é teimosa, ninguém sabe disso melhor do que eu, mas ela é capaz de se curar. Ela teria se curado antes. Ela poderia ser humana, com Charlie e Renée, e ela poderia crescer, e ter filhos e... ser Bella. Você ama ela o suficiente pra ver as vantagens do plano. Ela acha que você é muito altruísta... você é mesmo? Será que você pode considerar a idéia de que eu sou melhor pra ela do que você?

- Eu *tenho* considerado isso - Edward respondeu rapidamente. - De algumas formas, você serviria mais pra ela do que qualquer outro humano. Bella requer alguns cuidados, e você é forte o suficiente pra poder protegê-la de si mesma, e de tudo o que conspira contra ela. Você *já* fez isso, e eu vou te dever por isso enquanto eu viver, pra sempre, o que vier primeiro... Eu até perguntei a Alice se ela podia ver isso, ver se Bella estaria melhor com você. Ela não conseguiu, é claro. Ela não pode ver você, e também, Bella está segura do seu curso, por enquanto. Mas eu não sou estúpido o suficiente pra cometer o mesmo erro que eu cometi antes, Jacob. Eu não vou tentar ela a seguir a primeira opção de novo. Enquanto ela me quiser, eu estou aqui.

- E se ela decidisse que me queria? - Jacob desafiou. - Tudo bem, é difícil, eu te concedo isso.

- Eu a deixaria ir.

- Simplesmente assim?

- No sentido de que eu jamais mostraria a ela o quão difícil isso seria pra mim, sim. Mas eu continuaria observando ela. Veja, Jacob, *você* pode deixar *ela* algum dia. Como Sam e Emily, você não teria escolha. Eu estaria sempre esperando na reserva, esperando que isso acontecesse.

Jacob bufou baixinho. - Bem, você foi muito mais honesto do que eu tinha o direito de esperar... Edward. Obrigado por me deixar entrar em sua cabeça.

- Como eu disse, eu estou me sentindo estranhamente grato por sua presença na vida dela essa noite. Isso era o mínimo que eu podia fazer... Sabe, Jacob, se não fosse pelo fato de sermos inimigos naturais e de que você também está tentando roubar a razão da minha existência, eu até podia gostar de você.

- Talvez... se você não fosse um vampiro nojento que está planejando sugar a vida da garota que eu amo... bem, não, nem mesmo assim.

Edward gargalhou.

- Posso te perguntar uma coisa? - Edward perguntou.

- Porque você precisa pedir?

- Eu só posso ouvir se você pensar nisso. É só uma história que Bella pareceu relutante em me dizer no outro dia. Alguma coisa sobre uma terceira esposa...?

- O que tem isso?

Edward não respondeu, escutando a história nos pensamentos de Jacob. Eu ouvi seu assobio baixo na escuridão.

- O que? - Jacob quis saber de novo.

- É claro - Edward ferveu. - É claro! Eu teria preferido se os seus anciões tivessem guardado *essa* história pra si mesmos, Jacob.

- Você não gosta que as sanguessugas estão sendo pintadas como os malvados? - Jacob zombou. - Sabe, eles *são*. Antes *e* agora.

- Eu não podia me importar menos com essa parte. Será que você não consegue adivinhar com qual personagem Bella se identifica?

Jacob levou um minuto. - Oh. Ugh. A terceira esposa. Ok, eu entendo o seu ponto.

- Ela quer estar lá na clareira. Pra fazer o pouco que ela puder, como ela o colocou. - Ele suspirou. - Essa era a segunda razão pra que eu ficasse com ela amanhã. Ela é bastante inventiva quando quer alguma coisa.

- Sabe, aquele seu irmão militar deu a idéia tanto quanto a história.

- Nenhum dos lados pretendia nenhum mal - Edward sussurrou, agora promovendo a paz.

- E quando *essa* pequena trégua acaba? - Jacob perguntou. - Logo pela manhã? Ou queremos esperar até depois que a luta acabar?

Eles dois pausaram enquanto consideravam.

- Logo pela manhã - eles sussurraram juntos, e depois riram baixinho.

- Durma bem, Jacob - Edward murmurou. - Aproveite o momento.

Tudo ficou silencioso de novo, e a tenda ficou quieta por alguns minutos. O vento parecia ter decidido que, afinal, não ia nos aplinar, e estava desistindo de lutar.

Edward gemeu suavemente. - Eu não estava falando tão literalmente.

- Desculpe - Jacob sussurrou. - Você podia ir embora, sabe, nos dar um pouco de privacidade.

- Você gostaria que eu te ajudasse a *dormir*, Jacob? - Edward ofereceu.

- Você podia tentar - Jacob disse, despreocupado. - Ia ser interessante ver quem ia desistir, não ia?

- Não me tente demais, lobo. A minha paciência não é perfeita *assim*.

Jacob sussurrou uma risada. - Eu preferiria não me mover agora, se você não se importa.

Edward começou cantar pra si mesmo, mais alto do que o normal - tentando ignorar os pensamentos de Jacob, eu presumí. Mas era a minha canção de ninar que ele estava cantando, e, apesar do meu crescente desconforto com esse sonho sussurrado, eu mergulhei mais fundo na inconsciência... em outros sonhos que faziam mais sentido.

23. MONSTRO

Quando eu acordei pela manhã, estava muito claro - mesmo dentro da tenda, a luz do sol machucou os meus olhos. Jacob estava roncando levemente no meu ouvido, seus braços ainda apertados ao meu redor.

Eu levantei a minha cabeça do seu peito ferventemente quente e sentí o penetrante frio sa manhã na minha bochecha. Jacob suspirou em seu sono; seus braços se apertaram inconscientemente.

Eu me contorcei, incapaz de escapar do aperto dele, lutando pra levantar a minha cabeça o suficiente pra ver...

Edward encontrou o meu olhar diretamente. O rosto dele estava calmo, mas a dor nos olhos dele era impossível de esconder.

- Está mais quente aí fora? - eu sussurrei.

- Sim. Eu não acho que o aquecedor será necessário hoje.

Eu tentei alcançar o zíper, mas não conseguí liberar os meus braços. Eu repuxei, lutando contra a força inerte de Jacob. Jacob murmurou, ainda adormecido, os braços dele se apertando de novo.

- Uma ajudinha? - eu pedí baixinho.

Edward sorriu. - Você queria que eu tirasse os braços dele completamente do caminho?

- Não, obrigada. Só me solte. Eu vou sofrer uma hipertermia.

Edward baixou o zíper do saco de dormir num movimento rápido, abrupto. Jacob caiu pra fora, o peito nú dele batendo no chão gelado da tenda.

- Hey! - Ele reclamou, seus olhos se abrindo. Instintivamente, ele se afastou de frio, rolando em cima de mim. Eu asfixiei quanto o peso dele tirou meu fôlego.

E de repente o peso dele tinha desaparecido. Eu sentí o impacto quando Jacob bateu contra as armações da tenda e a tenda estremeceu.

O rosnado estava vindo de todos os lugares. Edward estava curvado na minha frente, e eu não conseguia ver o rosto dele, mas os rugidos estavam saindo raivosos do peito dele. Jacob também estava meio curvado, seu corpo inteiro tremendo, enquanto rosnados escapavam por entre seus dentes apertados. Do lado de fora da tenda, as rosnaduras viciosas de Seth Clearwater ecoavam nas rochas.

- Parem! Parem! - eu gritei, me arrastando estranhamente pra me colocar no meio deles dois.

O espaço era tão pequeno que eu nem precisei me esticar tanto pra colocar as minhas mãos nos peitos dos dois. Edward passou a mão pela minha cintura, preparado pra me tirar do caminho.

- Pare, agora - eu avisei ele.

Sob o meu toque, Jacob começou a se acalmar. Os tremores diminuíram, mas os dentes dele ainda estavam expostos, os olhos dele furiosamente focados em Edward.

Seth continuou a rosnar, um fundo violento para o silêncio repentino na tenda.

- Jacob? - eu chamei até que ele finalmente baixou seu olhar pra olhar pra mim. - Você está machucado?

- É claro que não! - ele assobiou.

Eu me virei pra Edward. Ele estava olhando pra mim, a expressão dele estava dura e raivosa. - Isso não foi legal. Você devia pedir desculpas.

Os olhos dele se arregalaram de nojo. - Você deve estar brincando, ele estava te esmagando!

- Porque você derrubou ele no chão! Ele não fez aquilo de propósito, e ele não me machucou.

Edward rosnou, revoltado. Lentamente, ele levantou os olhos pra encarar Jacob com olhos hostís. - Minhas desculpas, cachorro.

- Nenhum dano causado - Jacob disse, um tom de escárnio na voz.

Ainda estava frio, apesar de não tão frio quanto tinha estado. Eu cruzei os braços no peito.

- Aqui - Edward disse, calmo de novo. Ele pegou a pele no chão e passou ela por cima do meu casaco.

- Isso é de Jacob - eu me opus.

- Jacob tem um casaco de pêlos - Edward indicou.

- Eu vou usar o saco de dormir de novo, se vocês não se incomodam - Jacob ignorou ele, passando ao nosso redor e se enfiando no saco de novo. - Eu não estava completamente pronto pra acordar. Essa não foi a melhor noite de sono que eu já tive.

- Foi idéia sua - Edward disse impassivamente.

Jacob se curvou, os olhos já fechados. Ele bocejou. - Eu não disse que não foi a melhor noite que eu já passei. Eu só não conseguí dormir muito. Eu pensei que Bella não fosse calar a boca nunca.

Eu gemí, imaginando o que teria saído da minha boca durante o sono. As possibilidades eram horripilantes.

- Eu estou feliz que você tenha gostado - Edward murmurou.

Os olhos escuros de Jacob se abriram. - Você não teve uma noite boa, então? - ele perguntou, presumido.

- Não foi a pior noite da minha vida.

- Chegou na lista das dez piores? - Jacob perguntou, perverso com a diversão.

- Possivelmente.

Jacob sorriu e fechou os olhos.

- Mas - Edward continuou. - se eu tivesse sido capaz de ficar no seu lugar na noite passada, isso não teria chegado na lista das dez *melhores* noites da minha vida. Vai sonhando com isso.

Os olhos de Jacob se abriram brilhando. Ele se sentou rigidamente, seus ombros tensos.

- Sabe o que mais? Está lotado demais aqui.

- Eu não poderia concordar mais.

Eu acotovelei as costelas de Edward, provavelmente dando contusão a mim mesma.

- Acho que eu vou recuperar o meu sono depois, então - Jacob fez uma cara. - De qualquer forma, eu preciso falar com Sam.

Ele rolou até ficar de joelhos e agarrou o zíper da porta.

Uma dor se espalhou pela minha espinha e se espalhou pelo meu estômago enquanto eu me dava conta abruptamente de que esta podia ser a última vez que eu o veria. Ele ia voltar pra Sam, de volta pra lutar com uma horda de vampiros recém-nascidos sedentos por sangue.

- Jake, espere - eu alcancei ele, minha mão deslizando pelo braço dele.

Ele puxou o braço antes que os meus dedos pudessem ter suporte.

- Por favor, Jake? Você não vai ficar?

- Não.

A palavra era dura e fria. Eu sabia que o meu rosto demonstrava a dor, porque ele exalou e um meio sorriso suavizou a sua expressão.

- Não se preocupe comigo, Bells. Eu vou ficar bem, como sempre fico - ele forçou uma risada. - Além do mais, você acha que eu vou deixar Seth ir no meu lugar, se divertir sozinho e ficar com toda a glória? Tá certo. - Ele bufou.

- Tome cuidado...

Ele saiu da tenda antes que eu pudesse terminar.

- Dá um tempo, Bella - eu ouvi ele murmurar enquanto re-fechava o zíper da porta.

Eu tentei ouvir o som de passos se afastando, mas tudo estava perfeitamente quieto.

Não havia mais vento. Eu podia ouvir a canção matutina dos pássaros à distância na montanha, e nada mais. Jacob se movia silenciosamente agora.

Eu me agarrei nos meus casacos, e me inclinei no ombros de Edward. Nós ficamos em silêncio por algum tempo.

- Quanto tempo mais? - eu perguntei.

- Alice disse a Sam que devia ser em uma hora mais ou menos - Edward disse, suave e distante.

- Nós ficamos juntos. Aconteça o que acontecer.
- Aconteça o que acontecer - ele concordou, seus olhos apertados.
- Eu sei - eu disse. - Eu estou morrendo de medo por eles também.
- Eles sabem como se cuidar - Edward me assegurou, fazendo sua voz ficar propositalmente leve. - Eu só odeio estar perdendo a diversão.

De novo com a *diversão*. As minhas narinas inflaram.

Ele colocou o braço em cima dos meus ombros. - Não se preocupe - ele urgiu, e aí ele beijou a minha testa.

Como se houvesse algum jeito de evitar isso. - Claro, claro.

- Você quer que eu te distraia? - Ele respirou, correndo seus dedos frios na maçã do meu rosto.

Eu estremecei involuntariamente; a manhã ainda estava congelante.

- Talvez agora não - ele mesmo respondeu, retirando a sua mão.

- Existem outras formas de me distrair.

- O que você gostaria?

- Você podia me falar das suas dez melhores noites - eu sugeri. - Eu estou curiosa.

Ele riu. - Tente adivinhar.

Eu balancei a minha cabeça. - Existem muitas noites das quais eu não sei. Um século delas.

- Eu vou facilitar pra você. Todas as minhas melhores noite aconteceram desde que eu encontrei você.

- Mesmo?

- Sim, mesmo, e também, com uma margem bem grande.

Eu pensei por um minuto. - Eu só consigo pensar nas minhas - eu admiti.

- Elas podem ser as mesmas - ele encorajou.

- Bem, houve a primeira noite. A noite que você ficou.

- Sim, essa é uma das minhas também. É claro, você estava inconsciente na minha parte favorita.

- Isso mesmo - eu lembrei. - Eu estava falando naquela noite também.

- Sim - ele concordou.

O meu rosto ficou quente de novo quando eu me perguntei o que eu poderia ter dito enquanto dormia nos braços de Jacob. Eu não conseguia me lembrar com o que eu havia sonhado, ou se sequer eu havia sonhado, então isso não ajudava.

- O que eu disse na noite passada? - eu sussurrei mais baixo do que antes.

Ele levantou os ombros ao invés de responder, e eu gemi.

- Ruim assim?

- Nada muito horrível - ele suspirou.

- Por favor me diga.

- Em maioria você disse o meu nome, como sempre.

- Isso não é ruim - eu concordei cautelosamente.

- Perto do final, no entanto, você começou a murmurar algumas bobagens sobre 'Jacob, meu Jacob' - eu podia ouvir a dor, mesmo nos sussurros. - O seu Jacob gostou muito *disso*.

Eu estiquei o meu pescoço, me inclinando pra alcançar a beira da mandíbula dele com os meus lábios. Eu não podia olhar os olhos dele. Ele estava olhando para o teto da tenda.

- Desculpa - eu murmurei. - Essa é só a forma como eu diferencio.

- Diferencia?

- Entre o Dr. Jekyll e o Sr. Hide. Entre o Jacob que eu gosto e o que me tira do sério - eu expliquei.

- Isso faz sentido - Ele parecia mais maleável. - Me diga outra das suas noites favoritas.

- Voltar pra casa da Itália.

Ele fez uma careta.

- Essa não é uma das suas? - eu me perguntei.

- Não, na verdade, essa é uma das minhas, mas eu estou surpreso que esteja na sua lista. Você não estava com a ridícula impressão que eu estava agindo por peso na consciência, e que eu ia fugir assim que as portas do avião se abrissem?

- Sim - eu sorri. - Mas, mesmo assim, você estava lá.

Ele beijou meu cabelo. - Você me ama mais do que eu mereço.

Eu ri com a impossibilidade da idéia. - A próxima seria a noite depois da Itália, eu continuei.

- Sim, essa está na lista. Você foi tão engraçada.

- Engraçada? - eu me opus.

- Eu não tinha idéia de que os seus sonhos eram tão vívidos. Eu levei uma eternidade pra te convencer de que você estava acordada.

- Eu ainda não tenho certeza - eu murmurei. - Você sempre pareceu mais com um sonho do que com a realidade. Me diga uma das suas agora. Eu adivinhei a sua primeira colocada?

- Não, essa seria há duas noites atrás, quando você finalmente aceitou casar comigo.

Eu fiz uma cara.

- Essa não está na sua lista?

Eu pensei no jeito como ele tinha me beijado, na concessão que eu tinha ganho, e mudei de idéia. - Sim... está. Com reservas. Eu não entendo porque isso é tão importante pra você. Você já me tem pra sempre.

- Daqui a cem anos, quando você tiver ganho perspectiva suficiente pra realmente apreciar a resposta, eu vou explicar pra você

- Eu vou te lembrar de explicar, daqui a cem anos.

- Você está aquecida o suficiente? - ele perguntou de repente.

- Eu estou bem - eu assegurei ele. - Porque?

Antes que ele pudesse responder, o silêncio de fora da tenda foi partido por um rosnado ensurdecedor de dor. O som ricocheteou na face da montanha e encheu o ar até que ele estava sendo propagado em todas as direções.

O rosnado invadiu a minha mente como um tornado, tão estranho quanto familiar. Estranho porque eu nunca havia ouvido tal choro de tortura antes. Familiar porque eu reconheci a voz imediatamente - eu reconheci o som e compreendi o significado tão perfeitamente como se ele tivesse saído de mim mesma. Não fazia diferença se Jake era humano ou não quando ele chorava. Eu não precisava de tradução.

Jacob estava perto. Jacob havia ouvido todas as palavras que havíamos dito.

Jacob estava em agonia.

O uivo foi sufocado com um estranho gargarejo, e depois tudo ficou quieto de novo.

Eu não ouvi sua fuga silenciosa, mas eu podia senti-la - eu podia sentir a ausência que eu havia imaginado erradamente que existisse antes, o espaço vazio que ele deixou pra trás.

- Porque o seu aquecedor passou dos limites - Edward respondeu rapidamente. - A trégua está acabada - ele acrescentou, tão baixo que eu não podia ter realmente certeza de que foi isso o que ele havia dito.

- Jacob estava escutando - eu sussurrei. Não foi uma pergunta.

- Sim.

- Você sabia.

- Sim.

Eu encarei o nada, vendo nada.

- Eu nunca prometi que lutaria de forma justa - ele me lembrou baixinho. - E ele merecia saber.

Minha cabeça caiu nas minhas mãos.

- Você está com raiva de mim? - ele perguntou.

- Não de você - eu sussurrei. - Eu estou horrorizada *comigo*.

- Não se atormente - ele implorou.

- Sim - eu concordei acidamente. - Eu devia guardar as minhas energias pra atormentar Jacob um pouco mais. Eu não ia querer deixar nenhuma parte dele intacta.

- Ele sabia o que estava fazendo.

- Você acha que isso importa? - Eu estava piscando contra as lágrimas, e era fácil ouvir isso em minha voz. - Você acha que eu me importo se ele foi ou não foi adequadamente avisado? Eu estou *machucando* ele. Toda vez que eu me viro, eu estou machucando ele de novo. - A minha voz estava ficando mais alta, mais histérica. - Eu sou uma pessoa odiosa.

Ele passou seus braços com força ao meu redor. - Não, você não é.

- Eu sou! O que há de errado comigo? - eu lutei contra os braços dele, e ele os deixou cair. - Eu tenho que ir encontrá-lo.

- Bella, ele já está a milha de distância, e está frio.

- Eu não me importo. Eu não posso simplesmente *sentar* aqui - Eu tirei o casaco de pele de Jacob, enfiei meus pés em minhas botas, e me arrastei rigidamente até a porta; minhas pernas estavam dormentes. - Eu tenho que- eu tenho que... - Eu não sabia como terminar a frase, não sabia o que podia ser feito, mas eu abri o zíper da porta do mesmo jeito, e saí pela manhã clara, gélida.

Havia menos neve do que eu teria pensado, depois da fúria da tempestade de ontem.

Provavelmente ela havia sido levada pelo vento e não derretida pelo sol que agora brilhava baixo no sudeste, cintilando na neve que faziam meus olhos não ajustados demorarem a se acostumar e os fazia doer. O vento tinha um pouco a ver com isso, mas ele estava mortalmente calmo e se ficando lentamente mais de acordo com a estação enquanto o sol se erguia mais.

Seth Clearwater estava encurvado num remendo de galhos secos embaixo da sombra de uma árvore, com a cabeça nas patas. O pelo cor de areia dele era quase invisível contra os galhos, mas eu podia ver o reflexo da neve brilhante nos olhos dele. Ele estava me encarando com o que eu imaginei que fosse uma acusação.

Eu sabia que Edward estava me seguindo enquanto eu tropeçava por entre as árvores. Eu não podia ouvir ele, mas o sol refletia na pele dele formando arco-íris que dançavam na minha frente. Ele não tentou me parar até que eu já estava há vários passos dentro das sombras da floresta.

A mão dele agarrou o meu pulso esquerdo. Ele ignorou quando eu tentei me libertar.

- Você não pode ir atrás dele. Hoje não. Já está quase na hora. E mais que tudo, você se perder não ia ajudar ninguém.

Eu torcí meu pulso, puxando ele inutilmente.

- Eu lamento, Bella - ele sussurrou. - Eu lamento por ter feito isso.

- Você não fez nada. A culpa é minha. Eu fiz isso. Eu fiz tudo errado. Eu podia ter... Quando ele... eu não devia ter... eu... eu... - Eu estava soluçando.

- Bella, Bella.

Os braços dele se dobraram ao meu redor, e as minhas lágrimas molharam a camisa dele.

- Eu devia ter, dito a ele, eu devia, ter dito - O que? O que poderia ter feito isso certo? - Ele não devia ter, descoberto isso assim.

- Você quer que eu veja se eu consigo trazê-lo de volta, pra você poder falar com ele? Ainda há um pouco de tempo - Edward murmurou, agonia silenciada em sua voz.

Eu balancei a cabeça no peito dele, com medo de ver o rosto dele.

- Fique na tenda. Eu volto logo.

Os braços dele desapareceram. Ele se foi tão rapidamente que, no segundo que eu levei pra olhar pra cima, ele já tinha ido embora. Eu estava sozinha.

Um novo soluço se partiu no meu peito. Hoje eu estava magoando todo mundo.

Havia alguma coisa que eu tocasse que não se estragasse?

Eu não sabia porque isso estava me atingindo com tanta força agora. Não era como se eu não soubesse o tempo todo que isso ia acontecer.

Mas Jacob nunca havia reagido tão fortemente - perdido a sua forte super confiança e demonstrado a intensidade da sua dor. O som da agonia dele ainda me cortava, em algum lugar no fundo do meu peito. Bem ao lado havia a outra dor. A dor por sentir dor por Jacob. Dor por

magoar Edward também. Por não ser capaz de ver Jacob ir embora com compostura, sabendo que essa era a coisa certa, o único jeito.

Eu era egoísta, eu machucava as pessoas. Eu torturava aqueles que eu amava.

Eu era como Cathy, como *O Morro dos Ventos Uivantes*, só que as minhas opções eram muito melhores do que as dela, nenhum deles era mau, nenhum deles era fraco. E aqui estava eu, chorando por isso, sem fazer nada produtivo pra endireitar as coisas. Exatamente como Cathy.

Eu não podia que o que *me* machucava influenciasse mais nas minhas decisões. Era um pouco tarde demais, mas eu tinha que fazer a coisa certa agora. Talvez isso já estivesse acabado pra mim. Talvez Edward fosse capaz de trazer ele de volta. E aí eu aceitaria isso e seguiria em frente com a minha vida. Edward nunca mais me veria verter outra lágrima por Jacob Black. Não haveriam mais lágrimas. Eu limpei as últimas delas com os meus dedos agora.

Mas se Edward voltasse com Jacob, isso era tudo. Eu ia dizer a ele pra ir embora e nunca mais voltar.

Porque isso era tão difícil? Tão mais difícil do que dizer adeus aos meus outros amigos, a Angela, a Mike? Porque isso *machucava*? Isso não estava certo. Isso não devia ter a capacidade de me machucar. Eu tinha o que eu queria. Eu não podia ter os dois, porque Jacob não podia ser só meu amigo. Estava na hora de desistir de desejar isso. Quão ridicularmente gananciosa uma pessoa podia ser?

Eu tinha que superar esse pensamento irracional de que Jacob pertencia à minha vida. Ele não podia pertencer ao meu lado, não podia ser o *meu* Jacob, quando eu pertencia a outra pessoa.

Eu caminhei de volta para a pequena clareira, meus pés se arrastando.

Quando eu entrei no espaço aberto, piscando por causa da luz ofuscante, eu joguei um rápido olhar na direção de Seth - ele não havia se mexido da sua cama de gravetos - e depois desviei o olhar, evitando os olhos dele.

Eu podia sentir que os meus cabelos estavam selvagens, enrolado em aglomerações, como as cobras de Medusa. Eu passei os meus dedos através deles, e desistí rapidamente. Afinal, quem se importava com como eu estava?

Eu peguei um cantil pendurado ao lado da porta da tenda e o balancei. Algo molhado fez barulho lá dentro, então eu desenrosquei a tampa e dei um gole pra molhar a minha boca com a água gelada. Havia comida por perto em algum lugar, mas eu não estava com fome o suficiente pra procurar por ela. Eu comecei a vagar no pequeno espaço claro, sentindo os olhos de Seth em mim o tempo inteiro. Como eu não olhava pra ele, na minha cabeça ele se tornou aquele garoto de novo, e não o lobo gigante. Muito mais parecido com o Jacob mais novo.

Eu queria pedir que Seth latisse ou algo assim pra dar um sinal de que Jacob estava voltando, mas eu me impedi. Não importava se Jacob ia voltar. Podia ser mais fácil se ele não voltasse. Eu queria ter alguma forma de ligar pra Edward.

Seth choramingou nesse momento, e ficou de pé.

- O que é? - eu perguntei a ele, estupidamente.

Ele me ignorou, caminhando até a beira das árvores, e apontando o nariz na direção oeste. Ele começou a choramingar.

- São os outros, Seth? - eu quis saber. - Na clareira?

Ele olhou pra mim e ganiu suavemente uma vez, e aí virou seu nariz de volta para o oeste, alerta. As orelhas dele caíram pra trás, e ele choramingou de novo. Porque eu era tão boba? No que eu estava pensando, mandando Edward embora? E se Edward e Jacob se perdessem? E se Edward decidisse se juntar à luta?

Um medo gélido se apoderou do meu estômago. E se a angústia de Seth não tivesse nada a ver com a clareira, e o choro dele tivesse sido uma negação? E se Jacob e Edward estivessem brigando um com o outro, longe na floresta?

Eles não iriam tão longe, iriam?

Com uma certeza repentina, arrepiante, eu me dei conta de que eles iriam sim - se as palavras erradas tiverem sido ditas. Eu pensei na sensação de retraimento dessa manhã na tenda, e me perguntei se eu havia subestimado o quão perto eles chegaram de uma briga.

Se eu perdesse eles dois, isso não seria nada além do que eu merecia.

O gelo travou no meu coração.

Antes que eu tivesse um colapso de medo, Seth rosou um pouco, fundo dentro do peito, e se desviou das suas observações e voltou para o seu lugar de descanso. Isso me acalmou, mas me deixou irritada. Será que ele não podia escrever uma mensagem na terra ou alguma coisa assim?

A caminhada estava me fazendo suar embaixo da minhas camadas. Eu joguei o meu casaco na tenda, e aí eu voltei pra usar um pequeno lugar no centro de uma pequena pausa entre as árvores.

De repente, Seth pulou pra ficar de pé de novo, os pelos no pescoço dele estavam rigidamente em pé. Eu olhei ao redor, mas não ví nada. Se Seth não parasse com isso, eu ia atirar uma pinha nele.

Ele rosou, um som baixo de aviso, se arrastando de novo para o lado oeste, e eu repensei a minha impaciência.

- Somos só nós, Seth - Jacob disse à distância.

Eu tentei explicar a minha mesma porque o meu coração entrou na quarta marcha quando eu ouvi ele. Eu só estava com medo do que teria que fazer agora, isso era tudo. Eu não podia me permitir ficar aliviada porque ele estava de volta. Isso seria o oposto de uma ajuda.

Edward apareceu primeiro, seu rosto estava vazio e suave. Quando ele saiu do meio das árvores, o sol cintilou nele como fazia na neve. Seth foi saudar ele, olhando intencionalmente nos olhos dele. Edward balançou a cabeça lentamente, e preocupação fez a testa dele enrugar.

- Sim, isso é tudo o que precisamos - ele murmurou pra si mesmo antes de se dirigir para o grande lobo. - Eu suponho que não deveríamos estar surpresos. Mas o timing vai ser bem apertado. Por favor faça Sam pedir a Alice pra tentar acertar melhor os horários.

Seth baixou a cabeça uma vez, e eu desejei ser capaz de rosnar. Claro, *agora* ele podia balançar a cabeça. Eu virei a minha cabeça, aborrecida, e eu me dei conta de que Jacob estava lá.

Ele estava de costas pra mim, olhando pra o caminho de onde ele tinha vindo. Eu esperei cautelosamente que ele se virasse.

- Bella - Edward murmurou, repentinamente bem ao meu lado. Ele olhou pra baixo pra mim com nada além de preocupação aparecendo em seus olhos. Não havia fim para a generosidade dele. Eu não o merecia mais agora do que sempre havia merecido. - Há uma pequena complicação - ele me disse, a voz dele cuidadosamente despreocupada. - Eu vou levar Seth em algumas direções pra entender isso. Eu não vou longe, mas eu também não vou ouvir. Eu sei que você não quer uma platéia, não importa que caminho você decida seguir.

Apenas no final a dor quebrou na voz dele.

Eu nunca ia machucá-lo de novo. Essa seria a missão da minha vida. Eu nunca seria a razão pra aquele olhar nos olhos dele novamente.

Eu estava triste demais pra perguntá-lo qual era o problema. Eu não precisava de mais nada no momento.

- Volte rápido - eu sussurrei.

Ele me beijou levemente nos lábios, e aí desapareceu na floresta com Seth ao seu lado.

Jacob ainda estava nas sombras das árvores; eu não podia ver a expressão dele claramente.

- Eu estou com pressa, Bella - ele disse com uma voz inexpressiva. - Porque você não acaba logo com isso?

Eu engolí, minha garganta estava seca de repente que eu não sabia se podia fazer algum som sair.

- Só diga as palavras, e tudo está acabado.

Eu respirei fundo.

- Eu lamento por ser uma pessoa tão podre - eu sussurrei. - Eu lamento por ter sido tão egoísta. Eu queria nunca ter te conhecido, pra não ter que te machucar do jeito que eu fiz. Eu não farei mais isso, eu prometo. Eu vou ficar longe de você. Eu vou me mudar do estado. Você não vai mais ter que olhar pra mim de novo.

- Esse não é um pedido de desculpa muito bom - ele disse ácidamente.

Eu não conseguí fazer a minha voz ser mais alta que um cochicho. - Me diga como fazer isso certo.

- E se eu não quiser que você vá embora? E se eu preferisse que você ficasse, egoísta ou não? Será que eu não tenho nenhuma palavra, já que você está tentando acertar as coisas comigo?

- Isso não vai ajudar em nada, Jake. Foi errado ficar com você quando você queria coisas tão diferentes. Isso não vai melhorar. Eu só vou continuar machucando você. Eu não quero mais te machucar. Eu odeio isso - Minha voz se partiu.

Ele suspirou. - Pare. Você não precisa dizer mais nada. Eu entendo.

Eu queria dizer o quanto eu sentiria saudades dele, mas mordí minha língua. Isso também não ajudaria em nada.

Ele ficou quieto por um momento, olhando para o chão, e eu lutei contra a minha vontade de ir e passar os meus braços ao redor dele. De confortar ele.

E aí a cabeça dele se levantou.

- Bem, você não é a única capaz de se auto-sacrificar - ele disse, sua voz estava mais forte. - Nesse jogo dois podem jogar.

- O que?

- Eu tenho me comportado muito mal ultimamente. Eu fiz isso ser muito mais difícil pra você do que precisava ser. Eu podia ter desistido de boa vontade no início. Mas eu te machuquei também.

- Isso é minha culpa.

- Eu não vou deixar você reclamar a culpa aqui, Bella. E nem a glória também. Eu sei como me redimir.

- Do que você está falando? - eu quis saber. A luz repentina, frenética nos olhos dele me assustou.

Ele olhou para o sol e sorriu pra mim. - Há uma luta bem séria prestes a acontecer aqui. Eu não acho que será muito difícil tirar o meu time de cena.

As palavras dele mergulharam no meu cérebro, vagarosamente, uma a uma, e eu não pude respirar. Apesar de todas as minhas intenções de cortar Jacob completamente da minha vida, eu não tinha me dado conta, até esse momento, o quanto a faca teria que ser profunda pra isso.

- Oh, não, Jake! Não, não, não, não - eu botei pra fora horrorizada. - Não, Jake, não. Por favor, não - Os meus joelhos começaram a estremecer.

- Qual é a diferença, Bella? Isso só vai tornar as coisas mais convenientes pra todo mundo. Você não vai ter que se mudar.

- Não! - A minha voz ficou mais alta. - Não, Jacob! Eu não vou deixar!

- Como você vai me parar? - ele escarneceu levemente, sorrindo pra tirar a pontada voz dele.

- Jacob, eu estou implorando. Fique comigo. - Eu teria ficado de joelhos, se eu pudesse me mexer.

- Por quinze minutos enquanto perco uma boa rixa? Pra que você possa fugir de mim assim que achar que eu estou a salvo? Você deve estar brincando.

- Eu não vou fugir. Eu mudei de idéia. Nós vamos conseguir dar um jeito, Jacob. Sempre há um compromisso. Não vá!

- Você está mentindo.

- Não estou. Você sabe que mentirosa horrível eu sou. Olhe nos meus olhos. Eu fico se você ficar.

O rosto dele endureceu. - E eu posso ser o *seu* padrinho de casamento?

Levou um minuto antes que eu pudesse falar, e mesmo assim a única resposta que eu pude dar pra ele foi - Por favor.

- Foi isso o que eu pensei - ele disse, seu rosto ficando calmo de novo, mas havia uma luz turbulenta nos olhos dele. - Eu te amo, Bella - ele murmurou.

- Eu amo você, Jacob - eu sussurrei com a voz partida.

Ele sorriu. - Eu sei disso melhor que você.

Ele se virou pra ir embora.

- Qualquer coisa - eu chamei ele com a voz estrangulada. - Qualquer coisa que você quiser, Jacob. Só não faça isso!

Ele pausou, se virando lentamente.

- Você não está realmente falando sério.

- Fique - eu implorei.

Ele balançou a cabeça. - Não, eu vou. - Ele pausou, como se estivesse decidindo alguma coisa. - Mas eu podia deixar isso nas mãos do destino.

- O que você quer dizer? - eu botei pra fora.

- Você não tem que fazer nada deliberadamente, eu podia simplesmente fazer o melhor pelo meu bando e deixar que o que tiver de acontecer, aconteça. - Ele levantou os ombros. - *Se* você me convencer de que realmente quer eu volte, mais do que querer fazer uma coisa altruísta.

- Como? - eu perguntei.

- Você podia me pedir - ele sugeriu.

- Volte - eu sussurrei. Como ele podia duvidar que eu estava falando sério?

Ele balançou a cabeça, sorrindo de novo. - Não é disso que eu estava falando.

Eu levei um segundo pra compreender o que ele estava falando, e todo o tempo ele estava olhado pra mim com aquela expressão superior - certo demais da minha reação. Assim que a realização bateu, no entanto, eu botei as palavras pra fora sem parar pra medir os custos.

- Jacob, você me beija?

Os olhos dele se arregalaram com surpresa, e aí se estreitaram com surpresa.

- Você está blefando.

- Me beije, Jacob. Me beije, e depois volte.

Ele hesitou na sombra, cauteloso consigo mesmo. Ele meio que se virou de novo para o oeste, o torax dele se virando pra longe de mim enquanto os pés dele continuavam plantados onde estavam. Ainda olhando pra longe, ele deu um passo incerto em minha direção, e depois outro. Ele virou o rosto pra olhar pra mim, os olhos dele estavam duvidosos.

Eu encarei de volta. Eu não fazia ideia de que expressão havia no meu rosto.

Jacob se virou nos calcanhares, e aí se lançou pra frente, fechando a distância que havia entre nós com três passadas longas.

Eu sabia que ele ia tirar vantagem da situação. Eu esperava isso. Eu fiquei muito imóvel - meus olhos fechados, meus dedos dobrados nos punhos aos lados do meu corpo - enquanto ele segurava o meu rosto entre as mãos e os lábios dele encontraram os meus com uma ansiedade que não estava distante da violência.

Eu podia sentir a raiva dele enquanto a boca dele encontrava a minha resistência passiva. Uma mão se moveu para a minha nuca, agarrando as raízes do meu cabelo com o seu punho. A outra mão agarrou o meu ombro com força, me balançando, e depois me trazer pra ele. As mãos dele continuaram a descer pelo meu braço, encontrando o meu pulso e colocando o meu braço ao redor do pescoço dele. Eu o deixei lá, minha mão ainda estava curvada no punho, incerta do quão longe eu iria no meu desespero de mantê-lo vivo.

Durante todo esse tempo, os lábios dele, desconcertantemente macios e quentes, tentaram forçar uma resposta aos meus.

Assim que ele teve certeza que eu não ia abaixar o braço, ele soltou o meu pulso, as mãos dele indo em direção à minha cintura. A mão fervente dele encontrou a pele das minhas costas, e ele me puxou pra frente, ajustando o meu corpo contra o dele. Os lábios dele desistiram dos meus por um segundo, mas eu sabia que ele ainda não estava nem perto de acabar. A boca dele seguiu a linha da minha mandíbula, e depois explorou o meu pescoço. Ele soltou o meu cabelo, pegando o meu outro braço pra colocá-lo em cima do seu pescoço assim como o primeiro.

Aí os dois braços dele estavam na minha cintura, e os lábios dele encontraram a minha orelha.

- Você consegue fazer melhor que isso, Bella - ele sussurrou ásperamente. - Você está pensando demais.

Eu estremeí quando os dentes dele morderam o lóbulo da minha orelha.

- Isso mesmo - ele murmurou. - Pelo menos uma vez, deixe-se sentir o que você sente.

Eu balancei a minha cabeça mecanicamente até que uma das mãos dele voltou para o meu cabelo e me parou.

A voz dele se tornou ácida. - Você tem certeza que quer que eu volte? Ou você realmente quer que eu morra?

A raiva me fez balançar como se fosse um saco de areia depois de um soco forte.

Isso foi demais - ele não estava lutando justo.

Os meus braços já estavam ao redor dele, então eu agarrei uma mão cheia dos cabelos dele - ignorando a dor penetrante na minha mão direita - e lutei de volta, lutando pra levar o meu rosto pra longe do dele.

E Jacob entendeu errado.

Ele era forte demais pra reconhecer que as minhas mãos, tentando arrancar os cabelos dele das raízes, tentavam causá-lo dor. Ao invés de raiva, ele imaginou paixão.

Ele pensou que eu estivesse correspondendo ele.

Com um movimento selvagem, ele trouxe sua boca de volta para a minha, os dedos dele se agarrando freneticamente à pele da minha cintura.

A onda de raiva desequilibrou o meu auto-controle tenaz; a resposta inesperada, estática dele o subverteu inteiramente. Se houvesse apenas triunfo, eu teria resistido. Mas a enorme alegria indefesa dele arrebatou a minha determinação, a incapacitou. O meu cérebro se desconectou do meu corpo, e eu estava beijando ele de volta. Contra todas as razões, os meus lábios estavam se movendo nos dele de formas estranhas, confusas, que nunca haviam se movimentado antes - porque eu não precisava ser cuidadosa com Jacob, e ele certamente não estava sendo cuidadoso comigo.

Os meus dedos apertaram os cabelos dele, mas agora eu estava o trazendo mais pra perto.

Ele estava em todo lugar. A penetrante luz do sol deixou as minhas pálpebras vermelhas, e a cor se ajustava, combinava com o calor. O calor estava em todo lugar.

Eu não podia ver ou ouvir ou sentir outra coisa que não fosse Jacob.

A pequena parte do meu cérebro que retinha a sanidade gritava perguntas pra mim.

Porque eu não estava parando isso? Pior que isso, porque eu não podia encontrar em mim mesma nem o desejo de *querer* pará-lo? O que significava eu não querer que *ele* parasse? Que as minhas mãos estavam agarrando os ombros dele, e que elas gostavam que eles fossem largos e fortes? Que as mãos dele me puxassem com tanta força contra ele, e mesmo assim isso não era o suficiente pra mim?

As perguntas eram estúpidas, porque eu sabia a resposta: eu estive mentindo pra mim mesma.

Jacob estava certo. Ele esteve certo o tempo inteiro. Ele era mais que só meu amigo. Era por isso que era tão impossível dizer adeus a ele - porque eu estava apaixonada por ele. Também. Eu amava ele, muito mais do que eu deveria, e mesmo assim, não era nem de perto o suficiente. Eu estava apaixonada por ele, mas isso não era o suficiente pra mudar tudo; só era o suficiente pra nos machucar ainda mais. Pra magoar mais do que eu já tinha feito.

Eu não me importava pra mais que isso - a dor dele. Eu merecia mais do que qualquer dor que isso causasse pra mim. Eu esperava que fosse ruim. Eu esperava que eu realmente sofresse.

Nesse momento, parecia que éramos a mesma pessoa. A dor dele sempre foi e sempre seria a minha dor - agora a alegria dele era a minha alegria. Eu sentia alegria também, e mesmo assim, a alegria dele de alguma forma também era dor. Quase tangível - ela queimava na minha pele como ácido, uma dor lenta.

Por um segundo breve, sem fim, um caminho interiormente diferente se expandiu atrás das pálpebras dos meus olhos molhados de lágrimas. Como se eu estivesse olhando pra algum compartimento dentro dos pensamentos de Jacob, eu podia ver exatamente as coisas das quais eu abriria mão, exatamente o que esse novo auto-conhecimento não ia me salvar de perder. Eu podia ver Charlie e Renée misturados em uma estranha colagem com Billy e Sam e La Push. Eu podia ver os anos se passando, e significando alguma coisa enquanto passavam, me mudando. Eu podia ver o enorme lobo marrom-avermelhado que eu amava, sempre protetor se eu precisasse dele. Pelo menor fragmento desse segundo, eu ví as cabeças saltitantes de duas crianças, de cabelos pretos, correndo pra longe de mim e pra dentro da floresta familiar. Quando eles desapareceram, o resot da visão foi com eles.

E aí, bem distintamente, eu sentí uma fissura na linha do meu coração enquanto a parte menor se separava do resto.

Os lábios de Jacob ficaram imóveis antes dos meus. Eu abrí os meus olhos e ele estava olhando pra mim com maravilha e elação.

- Eu tenho que ir embora - ele sussurrou.

- Não.

Ele sorriu, contente com a minha resposta. - Eu não vou demorar - ele prometeu. - Mas primeiro uma coisa...

Ele se inclinou pra me beijar de novo, e não havia razão pra resistir. Qual seria a necessidade?

Dessa vez foi diferente. As mãos dele estavam macias no meu rosto e os lábios dele eram gentís, inesperadamente exitantes. Foi breve, e muito, muito doce.

Os braços dele se curvaram ao meu redor, e ele me abraçou seguramente enquanto sussurrava no meu ouvido.

- *Esse* devia ter sido o nosso primeiro beijo. Antes tarde do que nunca.

Contra o peito dele, onde ele não podia ver, as lágrimas rolaram e se espalharam.

24. DECISÃO REPENTINA

Eu fiquei deitada com o rosto pra baixo no saco de dormir, esperando que a justiça me encontrasse. Talvez uma avalanche me enterrasse aqui. Eu desejei que acontecesse. Eu nunca mais queria ter que ver o meu rosto no espelho de novo.

Não houve nenhum som pra me avisar. Do nada, as mãos frias de Edward alisaram o meu cabelo embolado. Eu estremei de culpa embaixo do toque dele.

- Você está bem? - ele murmurou, sua voz ansiosa.

- Não. Eu quero morrer.

- Isso não vai acontecer nunca. Eu não vou permitir.

Eu gemi e aí sussurrei - Você pode mudar de idéia sobre isso.

- Onde está Jacob?

- Ele foi lutar - eu murmurei para o chão.

Jacob tinha deixado o acampamento alegremente - com um alegre "eu vou voltar" - correndo a galope para a clareira, já estremeando enquanto ele se preparava pra se transformar em seu outro ser. A essa altura o bando inteiro já sabia de tudo. Seth Clearwater, vagando do lado de fora da tenda, era uma testemunha íntima da minha desgraça.

Edward ficou em silêncio por um longo momento. - Oh - ele disse finalmente.

O tom da voz dele me deixou preocupada que a avalanche não estivesse chegando rápida o suficiente. Eu dei uma olhada para o rosto dele, e certamente, os olhos dele estavam desfocados enquanto ele escutava uma coisa que eu preferia morrer a que ele ouvisse. Eu deixei meu rosto cair de volta no chão.

Eu fiquei aturdida quando Edward gargalhou relutantemente.

- E eu pensava que *eu* lutava sujo - ele disse com admiração invejosa. - Ele me faz parecer com os santo patrono dos éticos - a mão dele alisou a parte da minha bochecha que estava exposta. - Eu não estou com raiva de você, amor. Jacob é mais esperto do que eu tinha acreditado que ele fosse. No entanto, eu gostaria que você não tivesse pedido.

- Edward - eu sussurrei através do nilon grosso. - Eu... eu... eu tô...

- Shh - ele me calou, os dedos dele calmantes na minha bochecha. - Não foi isso que eu quis dizer. É só que ele teria te beijado de qualquer jeito - mesmo se você não tivesse caído nessa, e agora eu não tenho desculpa pra quebrar a cara dele. Eu teria gostado disso também.

- Caído nessa? - eu murmurei quase incompreensivelmente.

- Bella, você realmente acreditou que ele era nobre? Que ele sairia numa chama de glória só pra deixar o caminho livre pra mim?

Eu levantei a minha cabeça lentamente pra encontrar o olhar paciente dele. A expressão dele era suave, os olhos dele estavam cheios de compreensão, e não da repulssão que eu merecia ver.

- Sim, eu acreditei nisso - eu murmurei, e depois desviei o olhar. Mas eu não sentia nenhuma raiva de Jacob por ter me enganado. Não havia espaço suficiente no meu corpo pra conter mais nada além da raiva que eu sentia de mim mesma.

Edward riu suavemente de novo. - Você é uma péssima mentirosa, que você acredita em qualquer um que tenha o mínimo de habilidade.

- Você não está com raiva de mim? - eu sussurrei. - Porque você não me odeia? Ou você ainda não ouviu a história inteira?

- Eu acho que dei uma olhada bem compreensiva - ele disse com uma voz leve, fácil. - Jacob faz imagens mentais vívidas. Eu quase me sinto tão mal pelo bando dele quanto eu me sinto por mim mesmo. O pobre Seth estava ficando nauseado. Mas agora Sam está fazendo Jacob se concentrar.

Eu fechei os meus olhos e balancei minha cabeça agoniada. As fibras de nilon afiadas da tenda arranhavam a minha pele.

- Você é apenas humana - ele sussurrou, alisando o meu cabelo de novo.

- Essa é a defesa mais miserável que eu já ouvi.

- Mas você é humana, Bella. E, por mais que eu queira que seja de outra forma, ele também é... Existem buracos na sua vida que eu não posso preencher. Eu compreendo isso.

- Mas isso não é *verdade*. É isso que me faz sentir horrível. Não existem buracos.

- Você ama ele - ele murmurou gentilmente.

Todas as células no meu corpo doíam pra negar.

- Eu te amo mais - eu disse.

Isso era o melhor que eu podia fazer.

- Sim, eu sei disso também. Mas... quando eu deixei você, Bella, eu te deixei sangrando. Foi Jacob que te costurou de novo. Isso tinha chance de deixar marcas, em vocês dois. Eu não tenho certeza de que esse pontos se dissolvem sozinhos. Eu não posso te culpar por uma coisa que eu tornei necessária. Eu posso ganhar perdão, mas isso não me deixa escapar das consequências.

- Eu devia saber que você ia encontrar alguma forma de culpar a si mesmo. Por favor, pare. Eu não aguento.

- O que você gostaria que eu dissesse?

- Eu quero que você me chame de todos os nomes ruins em que conseguir pensar, em todas as línguas que você conhecer. Eu quero que você me diga que está com nojo de mim e que vai embora pra eu poder implorar e rastejar de joelhos pra que você fique.

- Eu lamento - ele suspirou. - Eu não posso fazer isso.

- Pelo menos pare de tentar fazer com que eu me sinta melhor. Me deixe sofrer. Eu mereço.

- Não - ele murmurou.

Eu balancei a cabeça lentamente. - Você está certo. Continue sendo compreensivo. Isso provavelmente é pior.

Ele ficou em silêncio por um momento, e eu sentí uma mudança na atmosfera, uma nova urgência.

- Está chegando perto - eu declarei.

- Sim, mais alguns minutos agora. Só tempo suficiente pra dizer mais uma coisa...

Eu esperei. Quando ele finalmente falou de novo, ele estava cochichando. - *Eu* posso ser nobre, Bella. Eu não vou fazer você escolher entre nós dois. Só seja feliz, e você pode ter a parte de mim que você quiser, ou nenhuma delas, se isso for o melhor. Não deixe que nenhum débito que você acha que tem comigo influenciar na sua decisão.

Eu me empurrei do chão, me jogando nos meus joelhos.

- Droga, pare com isso! - eu gritei pra ele.

Os olhos dele se arregalaram de surpresa. - Não, você não entende. Eu não estou apenas tentando fazer você se sentir melhor, Bella, eu estou falando sério.

- Eu *sei* que está - eu rosnei. - O que aconteceu com lutar de volta? Não comece com o auto-sacrifício nobre agora! Lute!

- Como? - os olhos dele estavam envelhecidos de tristeza.

Eu me arrastei para o colo dele, jagando meus braços ao seu redor.

- Eu não me importo que seja frio aqui. Eu não me importo que eu esteja fedendo como um cachorro agora. Me faça esquecer o quanto eu sou horrível. Me faça esquecer ele. Me faça esquecer meu próprio nome. Lute de volta!

Eu não esperei que ele decidisse - ou que tivesse a chance de dizer que não estava interessado em um monstro cruel, descrente como eu. Eu me empurrei contra ele e esmaguei a minha boca em seus lábios frios como neve.

- Cuidado, amor - ele murmurou sob meu beijo urgente.

- Não - eu rosnei.

Ele afastou o meu rosto gentilmente alguns centímetros. - Você não tem que provar nada pra mim.

- Eu não estou tentando provar nada. Você disse que eu podia ter a parte de você que eu quisesse. Eu quero essa parte. Eu quero *todas* as partes - eu passei meu braços pelo pescoço dele e me estiquei pra alcançar seus lábios. Ele abaixou a cabeça pra me beijar de volta, mas a boca fria dele ficava mais hesitante enquanto a minha impaciência ficava mais pronunciada. O meu

corpo estava tornando as minhas intenções claras, me traíndo. Inevitavelmente, as mãos dele se moveram pra me restringir.

- Talvez esse não seja o melhor momento pra isso - ele sugeriu, calmo demais pro meu gosto.

- Porque não? - eu rosnei. Não havia nenhum ponto em lutar se ele ia ser racional; eu deixei meus braços caírem.

- Primeiro, porque *está* frio. - Ele se inclinou pra puxar o saco de dormir do chão; ele o passou ao meu redor como se fosse um cobertor.

- Errado - eu disse. - Primeiro, porque você é bizarramente moral pra um vampiro.

Ele gargalhou. - Tudo bem, eu te dou essa. O frio é a segunda. E terceiro... bem, na verdade você está fedendo, amor.

Ele torceu o nariz.

Eu suspirei.

- Quarto - ele murmurou, baixando o rosto até que ele estivesse sussurrando no meu ouvido. - Nós *vamos* tentar, Bella. Eu vou cumprir a minha promessa. Mas eu preferiria muito que isso não fosse uma reação a Jacob Black.

Eu bajulei e escondi meu rosto no ombro dele.

- E quinto...

- Essa é uma lista bem longa - eu murmurei.

Ele riu. - Sim, mas você queria ouvir a luta ou não?

Enquanto ele falava, Seth uivou estridentemente fora da fora.

Meu corpo enrijeceu com o som. Eu não tinha me dado conta de que a minha mão esquerda tinha se curvado no punho, as unhas perfurando a minha mão com o curativo, até que Edward a pegou e gentilmente acalmou os dedos.

- Tudo vai ficar bem, Bella - ele prometeu. - Nós temos habilidade, treinamento, e a surpresa ao nosso lado. Estará acabado muito em breve. Se eu não acreditasse nisso verdadeiramente, eu não estaria aqui agora, e você estaria aqui, acorrentada em uma dessas árvores ou algo ao longo dessas linhas.

- Alice é tão pequena - eu gemi.

Ele gargalhou. - Esse podia ser um problema... se fosse possível alguém agarrar ela.

Seth começou a choramingar.

- O que há de errado? - eu quis saber.

- Ele só está com raiva por estar preso aqui conosco. Ele sabe que o bando o tirou da ação pra protegê-lo. Ele está salivando pra se juntar a eles.

Eu fiz uma careta na direção geral de Seth.

- Os recém-nascidos alcançaram o fim do rastro, funcionou como um feitiço, Jasper é um gênio, e eles sentiram o cheiro dos que estão na clareira, então, agora eles estão se separando em dois grupos, assim como Alice disse - Edward murmurou, os olhos dele estavam focados em alguma coisa distante. - Sam está nos levando pra começar a emboscada. - Ele estava tão atento no que estava ouvindo que usou o plural com o bando.

De repente ele olhou pra baixo pra mim. - Respire, Bella.

Eu lutei pra fazer o que ele pedia. Eu podia ouvir a respiração ofegante de Seth bem do lado de fora da parede da tenda, e eu tentei manter os meus pulmões no mesmo passo uniforme, pra que eu não hiperventilasse.

- O primeiro grupo está na clareira. Nós podemos ouvir a luta.

Os meus dentes se prenderam uns aos outros.

Ele riu uma vez. - Nós conseguimos ouvir Emmett, ele está se divertindo.

Eu fiz eu mesma respirar fundo novamente com Seth.

- O segundo grupo está se preparando, eles não estão prestando atenção, eles ainda não nos ouviram.

Edward rosnou.

- O que foi? - eu ofeguei.

- Eles estão falando sobre você - Os dentes dele se trincaram. - Eles devem ter certeza de que você não vai escapar... Belo movimento, Leah! Mmm, ela é bem rápida - ele murmurou aprovando. - Um dos recém-nascidos sentiu o nosso cheiro, e Leah o derrubou antes mesmo que ele pudesse se virar. Sam está ajudando ela a acabar com ele. Paul e Jacob pegaram outro, mas agora os outros estão na defensiva. Eles não têm idéia do que fazer conosco. Os dois lados estão se defendendo... não, deixe Sam liderar. Fique fora do caminho. - ele murmurou. - Separe eles, não deixem que eles protejam as costas um do outro.

Seth choramingou.

- Isso é melhor, leve eles em direção à clareira - Edward aprovou. O corpo dele estava mudando de posição inconscientemente enquanto ele falava, se enrijecendo com os movimentos que ele teria feito. As mãos dele ainda seguravam as minhas; eu torcí os meus dedos através dos dele. Pelo menos ele não estava lá.

A breve ausência de som foi o único aviso.

A respiração pesada de Seth se cortou, e - como eu havia sincronizado a minha respiração com a dele - eu reparei.

Eu parei de respirar também - assustada demais até pra respirar quando eu me dei conta de que Edward havia se transformado em uma pedra de gelo ao meu lado. Oh, não. Não. Não.

Quem havia pedido? Os deles ou os nossos? Meus, todos os meus. Qual era a *minha* perda?

Tão rapidamente que eu não tive exatamente certeza de como havia acontecido, eu estava de pé e a tenda estava caindo em trapos rasgados aos meus pés. Edward havia esfaqueado pra tirá-la do caminho? Porque?

Eu pisquei, chocada, para a luz brilhante. Seth era tudo o que eu podia ver, bem ao nosso lado, o rosto dele a apenas seis centímetros do de Edward. Eles olharam um para o outro em absoluta concentração por um segundo interminável.

O sol cintilava na pele de Edward e fazia brilhos dançarem no pêlo de Seth.

E aí Edward sussurrou urgentemente. - Vai, Seth!

O enorme lobo se virou e desapareceu nas sombras da floresta.

Será que dois segundos inteiros haviam se passado? Pareciam ter sido horas. Eu estava aterrorizada a ponto de me sentir nauseada pelo conhecimento de que alguma coisa tinha dado errado na clareira. Eu abri minha boca pra mandar que Edward me levasse até, e que o fizesse agora. Eles precisavam dele, precisavam de *mim*. Se eu tivesse que sangrar pra salvá-los, eu faria isso. Eu morreria por isso, como a terceira esposa fez. Eu não tinha uma adaga de prata na mão, mas eu daria um jeito.

Antes que eu pudesse botar a primeira sílaba pra fora, eu me sentí como se estivesse sendo lançada no ar. Mas as mãos de Edward nunca me soltaram - eu só estava sendo movida, tão rapidamente que eu estava com a sensação de que estava voando de lado.

Eu encontrei a mim mesma com as costas pressionadas contra a face do penhasco. Edward estava na minha frente, usando uma postura que eu reconheci imediatamente.

O alívio dominou a minha mente ao mesmo tempo que o meu estômago caiu até a sola dos meus pés.

Eu tinha entendido errado.

Alívio - nada tinha dado errado na clareira.

Horror - a crise era *aquí*.

Edward ficou numa posição defensiva - meio curvado, os braços dele um pouco estendidos - que eu reconheci com uma certeza doentia. A pedra nas minhas costas podia ser uma parede de tijolos antiga da ruína Italiana onde ele havia ficado entre mim e os guerreiros Volturi com seus mantos pretos.

Alguma coisa estava vindo por nós.

- Quem? - eu sussurrei.

As palavras saíram por entre os dentes dele em um rosnado que era mais alto do que eu esperava. Alto demais. Isso significava que era tarde demais pra se esconder. Nós estávamos encurralados, e não importava quem ouvisse a resposta dele.

- Victoria - ele disse, cuspidando a palavra, fazendo com que ela fosse um xingamento. - Ela não está sozinha. Ela sentiu o meu cheiro, seguindo os recém-nascidos pra assistir, ela nunca teve a intenção de lutar ao lado deles. Ela fez uma decisão repentina de vir me encontrar, achando que você estaria onde eu estivesse. Ela estava certa. Você estava certa. Sempre foi Victoria.

Ela estava perto o suficiente pra que ele pudesse ouvir os seus pensamentos.

Alívio de novo. Se tivessem sido os Volturi, nós dois estaríamos mortos. Mas Victoria não precisava ser *nós dois*. Edward podia sobreviver a isso. Ele era um bom lutador, tão bom quanto Jasper. Se ela não trouxesse muitos outros, ele podia lutar pra escapar, pra voltar pra sua família. Edward era mais rápido que qualquer um. Ele podia conseguir.

Eu estava tão feliz por ele ter mandado Seth embora. É claro, não havia ninguém a quem Seth pudesse recorrer por ajuda. Victoria tomou a sua decisão com um timing perfeito. Mas pelo menos Seth estava a salvo; eu não podia pensar no enorme lobo cor de areia enquanto pensava no nome dele - só o garotinho de quinze anos de idade.

O corpo de Edward mudou de posição - apenas minimamente, mas isso me disse pra onde olhar. Eu olhei para as sombras negras da floresta.

Era como ter os meus pesadelos vindo em minha direção pra me cumprimentar. Dois vampiros entraram lentamente na pequena abertura do nosso campo, com os olhos atentos, sem perder nada. Eles reluziram como diamantes no sol.

Eu mal podia olhar para o garoto loiro - sim, ele era só um garoto, apesar de ser musculoso e alto, talvez ele tivesse a minha idade quando foi mudado. Os olhos dele -do vermelho mais vívido que eu já havia visto - não conseguiram segurar os meus. Apesar dele ser o mais próximo de Edward, o perigo mais próximo, eu não conseguí olhar ele.

Porque, um metro ao lado e alguns centímetros mais atrás, Victoria estava me encarando.

O cabelo laranja dela era mais brilhante do que eu lembrava, mais parecido com uma chama. Não havia vento aqui, mas o fogo ao redor do rosto dele se movia levemente, como se estivesse vivo.

Os olhos dela estavam pretos de sede. Ela não estava sorrindo, como fazia sempre nos meus pesadelos - os lábios dela estavam pressionados em uma linha dura.

Havia uma qualidade felina na forma como ela curvava o seu corpo, uma leoa esperando por uma oportunidade de dar o bote. O seu olhar selvagem, indescansável passava entre Edward e eu, mas nunca parou nele por mais de meio segundo. Ela não conseguia manter os olhos dela longe do meu rosto por mais tempo do que eu conseguia manter os meus longe do dela.

A tensão saía rolando dela, quase visível no ar. Eu podia sentir o desejo, a paixão consumidora que a segurava em seus braços. Quase como se eu também pudesse ouvir os pensamentos dela, eu sabia o que ela estava pensando.

Ela estava tão próxima do que ela queria - o foco de toda a existência dela por mais de um ano, agora estava *tão perto*.

Minha morte.

O plano dela era tão óbvio como era prático. O grande garoto loiro atacaria Edward. Assim que Edward estivesse suficientemente distraído, Victoria acabaria comigo.

Seria rápido - ela não tinha tempo pra jogos aqui - mas seria completo. Uma coisa da qual seria impossível se recuperar. Alguma coisa que nem o veneno dos vampiros poderia reparar.

Ela teria que parar o meu coração. Talvez uma mão enfiada no meu peito, destruindo ele. Alguma coisa seguindo essas linhas.

O meu coração batia furiosamente, alto, como se fosse pra fazer o alvo ser mais óbvio.

A uma imensa distância ao longe, o uivo de um lobo ecoou no ar parado. Com Seth longe, não havia forma de interpretar o som.

O garoto loiro olhou pra Victoria pelo canto dos olhos, esperando pelo comando dela.

Ele era jovem em mais maneiras que uma. Eu imaginei pelas íris rubras dele que ele não podia ser um vampiro a muito tempo. Ele seria forte, mas inapto. Edward saberia como lutar com ele. Edward sobreviveria.

Victoria apontou o queixo na direção de Edward, dando uma ordem silenciosa para o garoto ir em frente.

- Riley - Edward disse com uma voz suave, implorativa.

O garoto loiro congelou, seus olhos se arregalando.

- Ela está mentindo pra você, Riley - Edward disse a ele. - Me ouça. Ela mentiu pra você assim como ela mentiu para os outros que agora estão morrendo na clareira. Você sabe que ela mentiu pra você, que ela fez *você* mentir pra eles, que nenhum de vocês dois ia ajudar eles. Será que é tão difícil de acreditar que ela tenha mentido pra você também?

Confusão atravessou o rosto de Riley.

Edward mudou de posição alguns centímetros para o lado, e Riley automaticamente compensou a diferença mudando também de posição.

- Ela não ama você, Riley - a voz suave de Edward era atraente, quase hipnótica. - Ela nunca amou. Ela amou alguém chamado James, e você não passa de uma ferramenta pra ela.

Quando ele disse o nome de James, Victoria colocou os dentes pra fora como se fosse uma careta. Os olhos dela permaneceram travados em mim.

Riley deu uma olhada frenética na direção dela.

- Riley? - Edward disse.

Riley se reconcentrou automaticamente em Edward.

- Ela sabe que eu vou te matar, Riley. Ela *quer* que você morra pra que ela não tenha mais que continuar com o fingimento. Sim, você já viu isso, não viu? Você já leu a relutância nos olhos dela, suspeitou da nota falsa das promessas dela. Você estava certo. Ela nunca te quis. Cada beijo, cada toque era uma mentira.

Edward se moveu de novo, indo alguns centímetros em direção ao garoto, alguns centímetros pra longe de mim.

Os olhos de Victoria se firmaram no espaço entre nós. Levaria menos de um segundo pra me matar - ela precisava apenas da menor margem de oportunidade.

Mais lentamente dessa vez, Riley se reposicionou.

- Você não precisa morrer - Edward prometeu, os olhos dele segurando os do garoto. Existem outras formas de se viver além da que ela te mostrou. Nem tudo são sangue e mentiras, Riley. Você pode ir embora agora mesmo. Você não precisa morrer pelas mentiras dela.

Edward deslizou o pé para a frente e para o lado. Agora havia um pé de distância entre nós dois.

Riley circulou demais, compensando em excesso dessa vez. Victoria se inclinou para a frente no peito dos pés.

- Última chance, Riley - Edward sussurrou.

O rosto de Riley estava desesperado enquanto ele olhava pra Victoria pra ter respostas.

- Ele é um mentiroso, Riley - Victoria disse, e minha boca se abriu com o choque por causa da voz dela. - Eu te falei sobre os truques com mentes deles. Você sabe que eu só amo você.

A voz dela não era forte, selvagem, um rosnado felino que eu teria imaginado pelo seu rosto e posição. Ela era suave, era alta - um tilitar de bebê, soprano. O tipo de voz que vinha com cachos loiros e um chiclete cor de rosa. Ela não fazia nenhum sentindo sainda de seus dentes expostos, brilhantes.

A mandíbula de Riley endureceu, e ele enquadrou os ombros. Os olhos dele esvaziaram - não havia mais confusão, não havia suspeita. Não havia nenhum pensamento. E ficou tenso pra atacar.

O corpo de Victoria parecia estar estremeando, de tão enrijecida que ela estava.

Os dedos dela já eram garras, esperando que Edward se movesse apenas um centímetro pra longe de mim.

O rugido não veio de nenhum deles.

Um mamute bronzeado vôu pelo centro da abertura, jogando Riley no chão.

- Não! - Victoria chorou, a voz de bebê dela esganiçou com a descrença.

A um metro e meio de mim, o enorme lobo despedaçou e estraçalhou o vampiro loiro embaixo dele. Alguma coisa branca e dura bateu nas pedras aos meu pés. Eu me encolhi pra longe dela.

Victoria não desperdiçou um olhar com o garoto ao qual ela havia jurado amor.

Os olhos dela ainda estavam em mim, cheios com um desapontamento tão feroz que ela parecia desarranjada.

- Não - ela disse de novo, através de seus dentes, enquanto Edward começou a se mover em direção a ela, bloqueando o caminho dela pra mim.

Riley já estava de pé de novo, parecendo disforme e desfigurado, mas ele foi capaz de dar um chute violento no ombro de Seth. Eu ouvi o osso quebrar. Seth se afastou e começou a andar em círculos, mancando.

Riley estava com os braços pra fora, preparado, apesar de apreecer que ele estava sem parte de uma mão...

A apenas alguns centímetros dessa luta, Edward e Victória estavam dançando. Não exatamente circulando, porque Edward não estava permitindo que ela se posicionasse mais perto de mim. Ela moveu pra trás, se movendo de um lado pro outro, tentando encontrar um buraco na defesa dele. Ele imitou o trabalho de pés dela levemente, perseguindo ela com uma concentração perfeita. Ele começou a se mexer só uma fração de segundo *antes* que ela se mexesse, lendo as intenções nos pensamentos dela.

Seth se lançou em Riley pelo lado, e alguma coisa se rasgou com um horrível som de algo guinchando. Outro pedaço de algo grosso e pesado vôu pra dentro da floresta e caiu fazendo um som pesado. Riley rosou furioso, e Seth pulou pra trás - incrivelmente leve com os pés pro tamanho dele - enquanto Riley tentava socá-lo com uma mão mutilada.

Agora Victoria estava voando através dos troncos das árvores na beira mais distante da clareira. Ela estava dividida, os pés dela a guiando para a segurança enquanto os olhos dela se ligavam aos meus como se eu fosse um imã, atraindo ela.

Eu podia ver o desejo de matar lutando com o seu instinto de sobrevivência.

Edward também podia ver isso.

- Não vá, Victoria - ele murmurou naquele mesmo tom hipnótico de antes. - Você nunca terá outra chance como essa.

Ela mostrou os dentes e assobiou pra ele, mas ela pareceu incapaz de se mover pra mais longe de mim.

- Você sempre pode fugir mais tarde - Edward ronronou. - Tem bastante tempo pra isso. É isso que você faz, não é? Era por isso que James te mantinha por perto. Útil, se você gosta de jogar esses jogos mortais. Uma parceira com um misterioso instinto pra fugas. Ele não devia ter te deixado, ele podia ter usado as suas habilidades quando nós o pegamos em Phoenix.

Um rosnado ricocheteou entre os dentes dela.

- No entanto, isso é tudo o que você era pra ele. Que bobagem desperdiçar tanta energia pra vingar uma pessoa que tinha menos afeição a você do que um caçador tem por sua presa. Você nunca foi nada além de conveniente pra ele. Eu sei bem.

Os lábios de Edward se ergueram em um dos lados enquanto ele cutucava sua têmpora.

Com um grunhido estrangulado, Victoria saiu de dentro das árvores novamente, indo para o lado. Edward respondeu, e eles começaram a dançar de novo.

Bem aí, o pulso de Riley agarrou o flanco de Seth, e um ganido baixo escapou da garganta de Seth. Seth se afastou, os ombros dele se agitando como se ele estivesse tentando sacudir a dor.

Por favor, queria implorar a Riley, mas eu não conseguí encontrar os músculos pra fazer minha boca se abrir, pra empurrar o ar dos meus pulmões. *Por favor, ele é só uma criança!*

Porque Seth não tinha fugido? Porque ele não fugia agora?

Riley estava fechando a distância entre eles de novo, fazendo Seth ir em direção ao penhasco ao meu lado. De repente, Victoria estava interessada no destino do parceiro. Eu podia vê-la, pelo canto dos seus olhos, julgar a distância entre Riley e eu. Seth se lançou contra Riley, forçando-o a ir pra trás de novo, e Victoria assobiou.

Seth já não estava mais mancando. Os círculos dele o levaram a apenas alguns centímetros de Edward; o rabo dele passou pelas costas de Edward, e os olhos de Victoria se arregalaram.

- Não, ele não vai me machucar - Edward disse, respondendo à pergunta na cabeça de Victoria. Ele usou a distração dela pra se aproximar mais. - Você nos deu um inimigo em comum. Você nos tornou aliados.

Ela apertou os dentes, tentando se concentrar apenas em Edward.

- Olhe mais de perto, Victoria - ele murmurou, colocando limites à concentração dela. - Ele realmente é tão parecido com o monstro que James perseguiu na Sibéria?

Os olhos dela arregalaram, e aí começaram a passar loucamente de Edward pra Seth pra mim, de novo e de novo.

- Não é o mesmo? - ela rosou com o seu soprano de menininha. - Impossível!

- Nada é impossível - Edward murmurou, com a voz suave como veludo enquanto ele se movia mais um centímetro na direção dela. - Exceto o que você quer. Você nunca vai tocar ela.

Ela balançou a cabeça, rápido e bobamente, lutando contra as distrações, e tentou desviar ao redor dele, mas ele já estava no lugar pra bloqueá-la assim que ela pensou no plano. O rosto dela se contorceu de frustração, e aí ela se curvou ainda mais, uma leoa novamente, e veio pra a frente deliberadamente.

Victoria não era uma recém-nascida inexperiente, dirigida pelos instintos. Ela era letal. Até eu podia reparar a diferença entre ela e Riley, e eu sabia que Seth não duraria muito se ele estivesse lutando com *essa* vampira.

Edward se moveu também, enquanto eles se aproximavam um do outro, e era um leão contra uma leoa.

A dança aumentou de ritmo.

Era como Alice e Jasper na clareira, uma espiral turva de movimentos, só que essa dança não era coreografada com tanta perfeição. Sons agudos de algo se rachando e quebrando ecoavam na face do penhasco toda vez que alguém errava sua formação. Mas eles estavam se movendo rápido demais pra que eu pudesse ver quem estava cometendo os erros...

Riley estava distraído com o ballet violento, seus olhos estavam ansiosos para a sua parceira. Seth atacou, arrancando outro pequeno pedaço do vampiro. Riley berrou e lançou um soco massivo com as costas da mão que pegou Seth em cheio no peito. O corpo enorme de Seth vôou dez metros e se bateu na parede de rochas acima da minha cabeça com uma força que pareceu balançar o pico inteiro. Eu ouvi o ar escapar dos pulmões dele, e eu saí do caminho enquanto ele se soltou da rocha e colapsou no chão a apenas alguns metros à minha frente.

O choro baixo escapou pelos dentes de Seth.

Fragmentos afiados de pedra cinza caíram na minha cabeça, arranhando a minha pele exposta. Uma estaca afiada de pedra rolou pelo meu braço direito e eu a peguei em um reflexo.

Os meus dedos agarraram o longo fragmento enquanto os meus próprios instintos de sobrevivência se manifestavam; já que não havia nenhuma chance de voa, o meu corpo - sem se preocupar com o quanto o gesto era ineficaz - se preparou pra lutar.

A adrenalina corria pelas minhas veias. Eu sabia que a tipóia estava cortando a minha palma. Eu sabia que a minha mão quebrada estava protestando. Eu sabia disso, mas não conseguia sentir a dor.

Atrás de Riley, tudo o que eu podia ver eram as chamas do cabelo de Victoria se contorcendo e um vulto branco. O aumento frequente dos sons metálicos de algo sendo arrancado e torado, e os suspiros e os assobios chocados, deixavam bem claro que a dança estava se tornando mortal para alguém.

Mas alguém *quem?*

Riley se lançou em direção a mim, seus olhos vermelhos brilhavam de fúria. Ele olhou para a montanha de pêlo cor de areia entre nós, e as mãos dele - as mãos mutiladas, quebradas - se curvaram em garras. A boca dele se abriu, se arregalou, seus dentes brilhando, enquanto ele se preparava pra abrir a garganta de Seth.

Uma segunda onda de adrenalina me chutou como uma corrente elétrica, e de repente tudo ficou claro.

As duas lutas estavam próximas demais. Seth estava prestes a perder a dele, e eu não fazia idéia de se Edward estava ganhando ou perdendo. Eles precisavam de ajuda. Uma distração. Alguma coisa pra dá-los uma chance.

A minha mão segurou a pedra pontiaguda com tanta força que o suporte na tipóia se abriu.

Será que eu era forte o suficiente? Será que eu era corajosa o suficiente? Com quanta força eu podia enfiar a pedra áspera no meu corpo? Será que isso compraria tempo suficiente pra que Seth pudesse ficar de pé novamente? Será que ele se curaria rápido o suficiente pra fazer que o meu sacrifício valesse a pena pra ele?

Eu passei a ponta do fragmento pelo meu braço, colocando o meu suéter grosso pra expor a minha pele, e pressionei a ponta afiada na ponta do meu cotovelo. Eu já tinha longa cicatriz lá pelo meu último aniversário.

Naquela noite, o meu sangue fluindo foi um chamariz para a atenção de todos os vampiros, pra fazê-los congelar no lugar por um instante. Eu rezei pra que funcionasse de novo. Eu me concentrei e respirei fundo.

Victoria se distraiu com o som da minha respiração. Os olhos dela, ficando parados por uma pequeno porção de seguindo, encontraram os meus. Fúria e curiosidade se misturaram estranhamente na expressão dela.

Eu não tinha certeza de como eu havia ouvido o barulho com os outros barulhos ecoando nas rochas e batendo na minha cabeça. As próprias batidas do meu coração deviam ser suficientes pra abafá-lo. Mas na fração de segundo que eu olhei nos olhos de Victoria, eu pensei ter ouvido um suspiro familiar, exasperado.

Nesse mesmo segundo curto, a dança se separou violentamente. Tudo aconteceu tão rapidamente que já tinha terminado antes que eu pudesse acompanhar as sequências dos fatos. Eu tentei atualizar na minha cabeça.

Victoria havia voando pra fora da formação turva e se chocou numa árvore alta, a cerca de meio tronco árvore à cima. Ela caiu de volta na terra e já se posicionou de novo pra saltar.

Simultaneamente, Edward - simplesmente invisível com a velocidade - havia se virado de costas e pegou o braço de Riley, que estava desprevinido. Parecia que Edward tinha plantado o pé nas costas de Riley, e o levantou.

O pequeno acampamento se encheu com o grito penetrante de agonia de Riley.

Ao mesmo tempo, Seth ficou de pé, cortando a maior parte da minha vista.

Mas eu ainda podia ver Victoria. E apesar de que ela parecia estranhamente deformada - como se ela tivesse sido incapaz de se refazer completamente - eu podia ver o sorriso com o qual eu estive sonhando se abrir no rosto dela.

Ela se curvou e saltou.

Alguma coisa pequena e branca assobiou no ar e se colidiu com ela no meio do ar. O impacto pareceu com um explosão, e atirou ela contra outra árvore - mas essa se partiu no meio. Ela já caiu de pé, curvada e pronta, mas Edward já estava no lugar.

O meu coração se encheu de alívio quando eu ví que ele estava ereto e perfeito. Victoria chutou alguma coisa pra o lado com um movimento do seu pé - o míssil que havia detido o seu ataque. Ele rolou em minha direção, e eu ví o meu era.

O meu estômago revirou.

Os dedos ainda estavam se mexendo; agarrando tufo de grama, o braço de Riley começou a se arrastar sozinho pelo chão.

Seth estava circulando Riley de novo, e agora Riley estava se afastando. Ele se afastou do ataque do lobisomem que se aproximava, o rosto dele estava rígido de dor.

Ele ergueu seu único braço defensivamente.

Seth avançou pra Riley, e o vampiro caiu sem equilíbrio. Eu ví Seth enfiar seus dentes no ombro de Riley e arrancá-lo, pulando pra trás de novo.

Com um som metálico de algo se partindo, Riley perdeu seu outro braço.

Seth balançou a cabeça, atirando o braço para a floresta. O barulho de um assobio partido que saiu pelos dentes de Seth parecia uma risada.

Riley gritou num rogo de tortura. - Victoria!

Victoria nem vacilou com o som do nome dela. Os olhos dela não olharam na direção do parceiro nem uma vez.

Seth se lançou para a frente com a força de uma bola de canhão. A força do ataque lançou Seth e Riley pra dentro das árvores, onde o som metálico de rasgões se igualou aos gritos de Riley. Gritos que foram cortados abruptamente, enquanto o som de uma pedra sendo feita em pedaços continuou.

Apesar de não ter gastado nenhum olhar de despedida com Riley, Victoria pareceu ter se dado conta de que estava sozinha. Ela começou a se afastar de Edward, um desapontamento frenético brilhando em seus olhos. Ele me jogou outro curto, agoniado, olhar de desejo, e aí começou a se afastar mais rapidamente.

- Não - Edward sussurrou, a voz dele sedutora. - Fique só um pouco mais.

Ela se virou e vôou para o refúgio da floresta como se fosse uma flecha lançada de um arco.

Mas Edward foi mais rápido - uma bala de revólver.

Ele pegou as costas desprotegidas dela na beira das árvore e, com um último, simples passo, a dança estava acabada.

A boca de Edward alisou o pescoço dela uma vez, como uma carícia. Os gritos produzidos pelos esforços de Seth cobriram todos os outros barulhos, então, não houve nenhum som discernível que tornasse aquela uma imagem de violência. Ele podia estar beijando ela.

E aí a confusão ígnea de cabelos já não estava mais conectada com o resto do corpo. As ondas laranjas inquietas caíram no chão, e saltitaram uma vez antes de saírem rolando em direção às árvores.

25. ESPELHO

Eu forcei os meus olhos - que estavam congelados e arregalados com o choque - a se moverem pra que eu não pudesse examinar tão de perto o objeto oval que foi arrancado da raiz com os seus cabelos tremulo e ígneo.

Edward estava em movimento de novo. Rápido e friamente profissional, ele desmembrou o cadáver sem cabeça.

Eu não podia ir até ele - eu não conseguia fazer os meus pés responderem; eles estavam travados à pedra embaixo deles. Mas eu estudei a ação a cada minuto, procurando por qualquer evidência de que ele tivesse sido machucado. O meu coração diminuiu a um ritmo mais saudável quando eu não encontrei nada. Ele estava tão leve e gracioso como sempre. Eu não podia nem sequer ver um rasgão nas roupas dele.

Ele não olhou pra mim - onde eu estava grudada à parede do penhasco, horrorizada - enquanto ele empilhava os membros trêmulos e os cobria com gravetos secos. Ele ainda não encontrou o meu olhar chocado enquanto ele se embranhou na floresta procurando por Seth.

Eu não tive tempo pra me recuperar antes que ele e Seth estivessem de volta, Edward com os braços cheios de Riley. Seth estava carregando um volume grande - o tórax - em sua boca. Eles adicionaram seu fardo à pilha, e Edward puxou um triângulo prateado do seu bolso. Ele abriu o isqueiro a gás e segurou a chama na madeira seca. Ela acendeu imediatamente; línguas longas de fogo laranja lambeiram rapidamente a pilha.

- Pegue todos os pedaços - Edward disse numa voz baixa pra Seth.

Juntos, o vampiro e o lobisomem vasculharam o local, ocasionalmente atirando pedaços pequenos de caroços brancos de pedra nas chamas. Seth manuseou os pedaços com seus dentes. O meu cérebro não estava funcionando bem o suficiente pra entender porque ele não mudava de volta pra uma forma com mãos.

Edward manteve seus olhos no trabalho.

E aí eles tinham acabado, e a pilha grande estava mandando uma grossa fumaça asfíxiante em direção ao céu.

A fumaça grossa se curvava lentamente, parecendo ser mais sólida do que devia; ela tinha cheiro de incenso queimando, e o cheiro era desconfortável. Ele era pesado, muito forte.

Seth fez aquele som de risada de novo, no fundo do seu peito.

Um sorriso de abriu no rosto tenso de Edward.

Edward esticou o braço, e curvou a mão no punho. Seth deu um sorriso, revelando a longa fileira de dentes afiados, e bateu o seu nariz na mão de Edward.

- Belo trabalho em equipe - Edward murmurou.

Seth tossiu uma risada.

Aí Edward respirou fundo, e se virou lentamente pra me olhar.

Eu não entendi a expressão dele. Os olhos dele estavam cautelosos como se eu fosse outro inimigo - mais que cautelosos, eles estavam com medo. E mesmo assim, ele não demonstrou medo nenhum quando enfrentou Victoria e Riley... A minha mente estava travada, tão pasma e inútil quanto o meu corpo. Eu encarei ele, desnorteada.

- Bella, amor - ele disse no tom mais suave, caminhando em minha direção com lentidão exagerada, as mãos dele estavam pra cima, com as palmas viradas pra frente.

Ofuscada como eu estava, isso me lembrou estranhamente de um suspeito se aproximando do policial, mostrando que ele não estava armado...

- Bella, você pode soltar a pedra, por favor? Cuidadosamente. Não se machuque.

Eu tinha esquecido da minha arma crua, apesar de ter me dado conta de que eu estava segurando ela com tanta força que a minha mão estava gritando em protesto. Será que ela estava re-quebrada? Dessa vez Carlisle com certeza ia colocar um gesso. Edward hesitou a alguns metros de mim, as mãos dele ainda no ar, os olhos dele ainda amedrontados.

Eu levei alguns segundos pra lembrar de como os meus dedos funcionavam. Aí a rocha resvalou no chão, enquanto a minha mão ficou congelada na mesma posição.

Edward relaxou um pouco quando as minhas mãos estavam vazias, mas não se aproximou mais.

- Você não precisa ter medo, Bella - Edward murmurou. - Você está a salvo. Eu não vou te machucar.

Essa promessa sem sentido só me confundiu ainda mais. Eu encarei ele como uma imbecil, tentando entender.

- Tudo vai ficar bem, Bella. Eu sei que você está amedrontada agora, mas está acabado. Ninguém vai te machucar. Eu não vou te tocar. Eu não vou te machucar - ele disse de novo.

Meus olhos piscaram furiosamente, e eu encontrei minha voz. - Porque você fica dizendo isso?

Eu dei um passo instável em direção a ele, e ele se inclinou pra longe do meu avanço.

- O que há de errado? - eu sussurrei. - O que você quer dizer?

- Você está... - de repente seus olhos dourados estavam tão confusos quanto eu me sentia. - Você não está com medo de mim?

- Medo de você? *Porque?*

Eu dei outro passo pra frente, e aí tropecei em alguma coisa - provavelmente meus próprios pés. Edward me pegou, e eu enterrei meu rosto no peito dele e comecei a soluçar.

- Bella, Bella, eu lamento. Está acabado, está acabado.

- Eu estou bem - eu ofeguei. - Eu estou bem. Eu só estou. Enlouquecendo. Me dê. Um minuto.

Os braços dele se apertaram ao meu redor. - Eu lamento - ele murmurou, de novo e de novo.

Eu me apertei a ele até que eu pudesse respirar, e aí eu estava beijando ele - seu peito, seu ombro, seu pescoço - todas as partes dele que eu conseguia alcançar.

Lentamente, o meu cérebro começou a funcionar de novo.

- Você está bem? - eu quis saber entre os beijos. - Ela te machucou?

- Eu estou absolutamente bem - ele prometeu, enterrando o rosto no meu cabelo.

- Seth?

Edward gargalhou. - Mais que bem. Muito feliz consigo mesmo, na verdade.

- Os outros? Alice, Esme? Os lobos?

- Todos bem. Está acabado lá também. Foi tudo tão calmo quanto eu te prometi. Nós ficamos com o pior aqui.

Eu me deixei absolver isso por um momento, deixei isso afundar e se ajustar na minha cabeça.

Minha família e meus amigos estavam a salvo. Victoria nunca mais viria atrás de mim. Estava acabado.

Nós todos íamos ficar bem.

Mas eu não conseguia aceitar completamente as boas notícias enquanto estava tão confusa.

- Me diga - eu insistí. - Porque você achou que eu estaria com medo de você?

- Eu lamento - ele disse, se desculpando mais uma vez.

- Pelo quê? - Eu não fazia idéia.

- Lamento tanto. Eu não queria que você visse aquilo. Que *me* visse daquele jeito. Eu sei que eu devo ter te deixado aterrorizada.

Eu tive que pensar nisso por um minuto, sobre a forma hesitante com a qual ele havia se aproximado de mim, com as mãos pro ar. Como se eu fosse sair correndo se ele se aproximasse rápido demais...

- Sério? - eu perguntei finalmente. - Você... o que? Pensou que tinha me assustado? - Eu bufei. Bufar era bom; a voz não podia tremer e nem falhar enquanto você bufava. Eu parecí impressionantemente despreocupada.

Ele colocou a mão embaixo do meu queixo e colocou a minha cabeça pra trás pra ler o meu rosto.

- Bella, eu só - ele hesitou e aí forçou as palavras a saírem - Eu acabei de arrancar a cabeça e desmembrar uma criatura viva a menos de vinte metros de você. Isso não *incomoda* você?

Ele fez uma careta pra mim.

Eu levantei os ombros. Levantar os ombros era bom também. Bem blasé. - Na verdade não. Eu só estava com medo de que você e Seth pudessem se machucar. Eu queria ajudar, mas não havia muito que eu pudesse fazer...

A expressão repentinamente lívida dele fez a minha voz desaparecer.

- Sim - ele disse, seu tom entrecortado. - Sua pequena performance com a pedra. Você sabia que por pouco não me deu um ataque do coração? E isso não é a coisa mais fácil de se fazer.

O seu olhar furioso fez com que fosse difícil responder.

- Eu queria ajudar... Seth estava machucado...

- Seth só estava fingindo que estava machucado, Bella. Era um truque. E aí você...! - Ele balançou a cabeça, incapaz de terminar. - Seth não podia ver o que você estava fazendo, então eu tive que intervir. Agora Seth está um pouco aborrecido porque agora não pode dizer que foi uma batalha solo.

- Seth estava... fingindo?

Edward balançou a cabeça duramente.

- Oh.

Nós dois olhamos pra Seth, que estava nos ignorando de propósito, observando as chamas. Presunção radiava de todos os fios do pêlo dele.

- Bem, eu não sabia disso - eu disse, agora na ofensiva. - Não é fácil ser a única pessoa indefesa por perto. Espere até que eu seja uma vampira! Da próxima vez eu não vou ficar sentada nos cantos.

Uma dúzia de emoções passou pelo rosto dele e ele acabou ficando divertido.

- Da próxima vez? Você está antecipando outra guerra em breve?

- Com a minha sorte? Quem sabe?

Ele revirou os olhos, mas eu podia ver que ele estava voando - o alívio estava fazendo com nós dois ficassemos com as cabeças leves. Estava acabado.

Ou... estava?

- Espere. Você não disse alguma coisa antes - Eu vacilei, lembrando *exatamente* o que havia acontecido antes, o que eu ia dizer pra Jacob? Meu coração rachado correu pra uma batida dolorosa, incômoda. Era difícil de acreditar, quase impossível, mas a parte mais difícil desse dia *não* estava atrás de mim, e aí eu continuei. - Sobre uma complicação? E Alice tendo que ajustar os horários pra Sam? Você disse que seria apertado. O que ia ser apertado?

Os olhos de Edward voltaram pra Seth, e eles trocaram um olhar carregado.

- Bem? - eu perguntei.

- Não é nada, de verdade - Edward disse rapidamente. - Mas nós precisamos ir...

Ele começou a posicionar nas costas dele, mas eu enrijeci e me afastei.

- Defina nada.

Edward pegou meu rosto entre suas palmas. - Nós só temos um minuto, então não entre em pânico, tudo bem? Eu te disse que não haviam motivos pra ter medo. Confie em mim, por favor?

Eu balancei a cabeça, tentando esconder o horror repentino - quão mais eu podia aguentar antes de ter um colapso? - Não há motivo pra ter medo. Entendí.

Ele torceu os lábios por um segundo, decidindo o que dizer. E aí ele olhou abruptamente pra Seth, como se o lobo tivesse chamado por ele.

- O que ela está fazendo? - Edward perguntou.

Seth choramingou; era um som ansioso, inquieto.

Ele fez os cabelos da minha nuca se arrepiarem.

Tudo ficou em um silêncio de morte por um segundo sem fim.

E aí Edward ficou sem fôlego. - Não! - e uma das mãos dele vôu como se fosse pra pegar alguma coisa que eu não podia ver. - Não!

Um espasmo balançou o corpo de Seth, e um uivo, empolado de agonia, escapou dos seus pulmões.

Edward caiu de joelhos nesse exato momento, agarrando os lados da cabeça dele com as duas mãos, o rosto dele contorcido de dor.

Eu gritei uma vez com um terror desnorteado, e caí de joelhos ao lado dele. Estupidamente, eu tentei puxar as mãos dele do seu rosto; as minhas palmas, brilhando de suor, escorregavam da pele de mármore dele.

- Edward! Edward!

Os olhos dele se focaram em mim; com um esforço óbvio, ele separou seus dentes trincados.

- Está tudo bem. Nós vamos ficar bem. É - Ele parou e gemeu de novo.

- O que está acontecendo? - eu chorei enquanto Seth uivou angustiado.

- Nós estamos bem. Nós vamos ficar bem - Edward resfolegou. - Sam, ajude ele.

E eu me dei conta nesse instante, quando ele disse o nome de Sam, que ele não estava falando de si mesmo e de Seth. Nenhuma força desconhecida estava atacando eles. Dessa vez, a crise não era aqui.

Ele estava usando o plural do bando.

Eu havia me queimado com toda a minha adrenalina. Já não restava nada mais de mim. Eu caí, e Edward me pegou antes que eu pudesse atingir as rochas. Ele ficou de pé, comigo em seus braços.

- Seth! - Edward gritou.

Seth estava curvado, ainda tenso de agonia, parecendo que estava se preparando pra se lançar floresta à dentro.

- Não! - Edward ordenou. - Você vai *direto pra casa*. Agora. O mais rápido que você puder!

Seth choramingou, balançando a cabeça de um lado pro outro.

- Seth. Confie em mim.

O enorme lobo olhou pra os olhos agoniados de Edward por um longo segundo, e aí ele se endireitou e vôu para as árvores, desaparecendo como um fantasma.

Edward me apertou com força contra o seu peito, e aí nós também estávamos correndo pela floresta sombria, tomando um caminho diferente do do lobo.

- Edward - eu forcei a sair pela minha garganta bloqueada. - O que aconteceu, Edward? O que aconteceu com Sam? Onde estamos indo? O que está acontecendo?

- Nós temos que voltar para a clareira - ele me disse com uma voz baixa. - Nós sabíamos que havia uma boa probabilidade disso acontecer. Mais cedo essa manhã, Alice viu isso e passou de Sam pra Seth. Os Volturi decidiram que era hora de interceder.

Os Volturi.

Era demais. A minha mente se recusava a entender o sentido das palavras, fingia que eu não conseguia entender.

As árvores passavam voando por nós. Ele estava correndo abaixo tão rápido que eu sentia como se estivessemos levitando, perdendo o controle.

- Não entre em pânico. Eles não estão vindo por nós. É só o contingente normal da guarda que geralmente limpa esse tipo de bagunça. Nada importante, eles só estão fazendo seu trabalho. É claro, eles parecem ter planejado o timing de sua chegada muito cuidadosamente. O que me leva a acreditar que ninguém na Itália teria sentido muito se um desses recém-nascidos *tivessem* reduzido o tamanho da família Cullen - As palavras saíram entre os dentes dele, duras e inexpressivas. - Eu vou saber com certeza o que eles estavam pensando quando eles chegarem na clareira.

- É por isso que estamos voltando? - eu sussurrei. Será que eu podia lidar com isso? Imagens de robes flutuantes se grudaram na minha cabeça contra a minha vontade, e eu me separei delas. Eu estava perto do ponto final.

- É parte da razão. Em grande parte, será mais seguro se nós apresentarmos uma frente unida a esse ponto. Eles não tem motivos pra nos atacar, mas... Jane está com eles. Se ela soubesse que estávamos em algum lugar, longe dos outros, isso podia tentar ela. Como Victoria, Jane provavelmente vai adivinhar que eu estou com você. Demetri, é claro, está com ela. Ele podia me encontrar, se Jane pedisse isso a ele.

Eu não queria pensar nesse nome. Eu não queria ver aquele rosto impressionantemente primoroso, infantil, na minha cabeça. Um som estranho saiu da minha garganta.

- Shh, Bella, shh. Vai ficar tudo bem. Alice consegue ver isso.

Alice podia ver? Mas... então onde estavam os lobos? Onde estava o bando?

- O bando?

- Eles tiveram que ir embora rapidamente. Os Volturi não honram tréguas com lobisomens.

Eu ouvi a minha respiração ficar mais alta, mas eu não conseguí controlá-la. Eu comecei a asfixiar.

- Eu juro que eles ficarão bem - Edward me prometeu. - Os Volturi não reconhecerão o cheiro, eles não se darão conta de que os lobos estão aqui; essa não é uma espécie com a qual eles estão familiarizados. O bando ficará bem.

Eu não conseguí processar a explicação dele. A minha concentração estava aos trapos por causa do medo. *Nós vamos ficar bem*, ele havia dito antes... e Seth, uivando de agonia... Edward tinha evitado a minha primeira pergunta, me distraiu com os Volturi...

Eu estava muito próxima do limite - me segurando com as pontas dos dedos.

As árvores estavam passando por ele como um vulto ao redor dele, como água de jade.

- O que aconteceu? - eu sussurrei de novo. - Antes. Quando Seth estava uivando? Quando você estava machucado?

Edward hesitou.

- Edward! Me diga!

- Está tudo acabado - ele sussurrou. Eu mal conseguia ouvir ele com todo o vento que a velocidade dele criava. - Os lobos não contaram a metade deles... eles acharam que já haviam destruído todos. É claro, Alice não pôde ver...

- O que aconteceu?!

- Um dos recém-nascidos estava se escondendo... Leah encontrou ele, ela estava sendo estúpida, convencida, tentando provar alguma coisa. Ela cercou ele sozinha...

- Leah - eu repetí, e eu estava fraca demais pra me sentir envergonhada pelo alívio que tomou conta de mim. - Ela vai ficar bem?

- Leah não se machucou - Edward murmurou.

Eu encarei ele por um longo segundo.

Sam - ajude ele - Edward tinha ofegado. Ele, não ela.

- Estamos quase lá - Edward disse, e ele olhou para um ponto fixo no céu. Automaticamente, os meus olhos seguiram os dele. Havia uma nuvem escura roxa pairando baixa acima das árvores. Mas estava tão anormalmente ensolarado... Não, não uma nuvem - eu reconhecí a coluna grossa de fumaça, assim como aquela no nosso acampamento.

- Edward - eu disse, minha voz quase inaudível. - Edward, alguém se machucou.

Eu tinha ouvido a agonia de Seth, visto a tortura no rosto de Edward.

- Sim - ele sussurrou.

- Quem? - eu perguntei, apesar, é claro, de que eu já sabia a resposta.

É claro que eu sabia. É claro.

As árvores estavam ficando mais lentas ao nosso redor enquanto nos aproximávamos do nosso destino.

Ele levou um longo momento pra responder.

- Jacob - ele disse.

Eu fui capaz de balançar a cabeça uma vez.

- É claro - eu sussurrei.

E aí eu escorreguei do limite ao qual eu estava me segurando dentro da minha cabeça.
Tudo ficou preto.

Primeiro eu fiquei consciente das mãos frias me tocando. Mais do que um par de mãos. Braços me segurando, uma palma curvada pra levantar a minha bochecha, dedos alisando a minha testa, e mais dedos pressionados levemente na minha cintura.

Aí eu tive consciencia das vozes. No início elas só estavam cochichando, e aí elas aumentaram de volume e clareza, como se alguém estivesse aumentando um rádio.

- Carlisle, já se passaram cinco minutos - A voz de Edward, ansiosa.

- Ela vai acordar quando estiver pronta, Edward - a voz de Carlisle, sempre calma e segura. - Ela teve que lidar com muitas coisas hoje. Deixe que ela proteja sua mente por si só.

Mas a minha mente não estava protegida. Eu estava presa no conhecimento que não havia me deixado, mesmo na inconsciência - a dor que era parte da escuridão.

E me sentí totalmente desconectada do meu corpo. Como se eu estivesse aprisionada a alguma outra parte do meu cérebro, que já não estava sob controle. Mas eu não podia fazer nada em relação a isso. Eu não conseguia pensar. A agonia era forte demais pra isso. Não havia como escapar dela.

Jacob.

Jacob.

Não, não, não, não, não...

- Alice, quanto tempo nós temos? - Edward quis saber, a voz dele ainda estava tensa; as palavras tranquilizadoras de Carlisle não haviam ajudado.

De mais distante, a voz de Alice. Era um chispado brilhante. - Mais cinco minutos. E Bella vai abrir os olhos em trinta e sete segundos. Eu não duvidaria que ela estivesse nos ouvindo agora.

- Bella, querida? - Essa era a voz suave, reconfortante de Esme. - Você consegue me ouvir? Você está a salvo agora querida.

Sim, *eu* estava a salvo. Isso realmente importava?

Aí haviam lábios frios no meu ouvido, e Edward estava falando as palavras que me permitiram escapar da tortura que havia me prisionado dentro da minha própria cabeça.

- Ele vai sobreviver, Bella. Jacob Black está se curando enquanto eu falo. Ele ficará bem.

Enquanto a dor e o medo se acalmavam, eu encontrei meu caminho de volta para o meu corpo. As minhas pálpebras levitaram.

- Oh, Bella - Edward suspirou aliviado, e os lábios dele tocaram os meus.

- Edward - eu sussurrei.

- Sim, eu estou aqui.

Eu fiz minhas pálpebras se abrirem, e eu olhei para o dourado cálido.

- Jacob está bem? - eu perguntei.

- Sim - ele prometeu.

Eu procurei em seus olhos algum sinal de que ele estava tentando me acalmar, mas eles estavam perfeitamente claros.

- Eu mesmo o examinei - Carlisle falou; eu virei minha cabeça pra encontrar o rosto dele, apenas alguns centímetros distante. A expressão de Carlisle estava séria e tranquilizadora ao mesmo tempo. Duvidar dele era impossível. - A vida dele não corre nenhum risco. Ele estava se curando a uma velocidade incrível, apesar de que os ferimentos dele serem extensos o suficiente pra que ele leve alguns dias pra estar de volta ao normal, mesmo se a velocidade de sua cura for estabilizada. Assim que acabarmos aqui, eu vou ver o que posso fazer por ele. Sam está tentando fazer com que ele volte a sua forma humana. Isso fará com que seja mais fácil tratá-lo - Carlisle sorriu um pouco. - Eu nunca estive na escola de veterinária.

- O que aconteceu com ele? - eu sussurrei. - Os ferimentos foram muito ruins?

O rosto de Carlisle estava sério de novo. - Outro lobo estava com problemas...

- Leah - eu respirei.

- Sim. Ele tirou ela do caminho, mas não teve tempo de defender a si mesmo. O recém-nascido passou os braços ao redor dele. A maioria dos ossos de seus lado direito foram quebrados.

Eu vacilei.

- Sam e Paul chegaram lá a tempo. Ele já estava melhorando quando eles o levaram de volta para La Push.

- Ele vai voltar ao normal? - eu perguntei.

- Sim, Bella. Ele não terá nenhum dano permanente.

Eu respirei fundo.

- Três minutos - Alice disse baixinho.

Eu lutei, tentando ficar na vertical. Edward se deu conta do que eu estava tentando fazer e me ajudou a ficar de pé.

Eu olhei para a cena à minha frente.

Os Cullen estavam em um semi-círculo frouxo ao redor de uma fogueira. Já era difícil ver alguma chama, apenas a fumaça grossa, de um roxo escuro. Se espalhando como uma doença contra a grama brilhante. Jasper era o que estava mais perto da névoa de aparência sólida, em sua sombra, a pele dele não brilhava no sol tanto quanto a pele dos outros brilhava. Ele estava de costas pra mim, os ombros dele estavam tensos, seus braços um pouco estendidos. Havia mais alguma coisa, na sombra dele. Alguma coisa sobre a qual ele estava se curvando com cautelosa intensidade...

Eu estava entorpecida demais pra sentir mais do que um choque moderado quando eu me dei conta do que era.

Havia oito vampiros na clareira.

A garota estava curvada em uma pequena bola ao lado das chamas, seus braços estavam ao redor de suas pernas. Ela era muito jovem. Mais jovem que eu - ela parecia ter talvez quinze anos, tinha cabelos escuros e ralos. Os olhos dela estavam focados em mim, e as íris eram de um vermelho chocante, brilhante. Muito mais brilhantes que os de Riley, quase cintilantes. Eles se moviam selvagememente, fora de controle.

Edward viu a minha expressão desnorreada.

- Ela se rendeu - ele me disse baixinho. - Isso é uma coisa que eu nunca ví antes. Apenas Carlisle pensou em oferecer. Jasper não aprova.

Eu não podia retirar os meus olhos da cena ao lado do fogo. Jasper estava esfregando ausentemente seu antebraço.

- Jasper está bem? - eu sussurrei.

- Ele está bem. O veneno coça.

- Ele foi mordido? - eu perguntei, horrorizada.

- Ele estava tentando estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Na verdade, ele estava tentando certeza de que Alice não tivesse nada pra fazer. - Edward balançou a cabeça. - Alice não precisa da ajuda de ninguém.

Alice fez uma careta na direção do seu verdadeiro amor. - Bobo super-protetor.

A jovem fêmea jogou a cabeça pra trás de repente como um animal e lamentou ruidosamente.

Jasper rosnou pra ela e ela se afastou, mas os dedos dela se enterraram no chão como se fossem garras e a cabeça dela balançava pra frente e pra trás, agustuada. Jasper deu um passo em direção a ela, se curvando ainda mais. Edward se moveu com uma casualidade excessiva, virando seu corpo até que ele estava entre a garota e eu.

Eu dei uma espiada ao redor do braço dele pra observar a garota e Jasper. Carlisle estava ao lado de Jasper em um instante. Ele colocou uma mão restrigente no braço de seu filho mais recente.

- Você mudou de idéia, minha jovem? - Carlisle perguntou, calmo como sempre.

- Nós não queremos destruir você, mas se você não se controlar, nós iremos.

- Como vocês conseguem aguentar isso? - a garota rosnou numa voz alta, clara. - Eu *quero* ela. - As íris escarlates brilhantes se focaram em Edward, através dele, além dele pra mim, e as unhas dela se enterraram no solo duro novamente.

- Você deve aguentar - Carlisle disse gravemente pra ela. - Você precisa exercitar o controle. É possível, e é a única coisa que te salvará agora.

A garota agarrou a cabeça com as mãos sujas de terra, gemendo baixo.

- Não devíamos nos distanciar dela? - eu sussurrei, me agarrando ao braço de Edward.

Os lábios da garota se ergueram sobre seus dentes quando ela ouviu a minha, a expressão dela estava atormentada.

- Nós temos que ficar aqui - Edward murmurou. - *Eles* estão vindo pelo lado Norte da clareira nesse momento.

O meu coração começou a saltar enquanto eu vasculhava a clareira, mas eu não conseguia ver nada além da nuvem grossa de fumaça.

Depois de um segundo de procura infrutífera, o meu olhar voltou para a jovem fêmea vampira. Ela ainda estava olhando pra mim, seus olhos meio-loucos.

Eu encontrei o olhar da garota por um longo momento. Um cabelo escuro na altura do queixo emoldurava o rosto dela, que era pálido cor de alabáastro. Era difícil dizer se as feições dela eram bonitas, contorcida como elas estavam de raiva e de sede. Seus olhos vermelhos ferinos eram dominantes - era difícil desviar o olhar. Ela me olhou furiosamente, estremeando e se estorcendo a cada segundo.

Eu encarei ela, hipnotizada, me perguntando se eu estaria olhando pra um espelho de mim mesma no futuro.

Aí Carlisle e Jasper começaram a voltar para o resto de nós. Emmett, Rosalie, e Esme, todos se convergiram apressadamente ao redor de onde Edward estava com Alice e eu. Uma frente unida, como Edward havia dito, comigo no coração, no lugar mais seguro.

Eu desviei a minha atenção da garota selvagem para procurar pelos monstros que se aproximavam.

Não havia nada pra ver. Eu olhei pra Edward, e os olhos dele estava travados diretamente à frente. Eu tentei seguir o olhar dele, mas não havia nada além da fumaça - uma fumaça densa, oleosa, se torcendo baixo no chão, se erguendo preguiçosamente, ondulando sobre a grama.

Ela se ondulava para a frente, mais escura no meio.

- Hmm - uma voz morta murmurou da névoa. Eu reconheci aquela apatia imediatamente.

- Bem-vinda, Jane - o tom de Edward era friamente cortês.

As formas escuras se aproximaram, se separando da névoa, se solidificando. Eu sabia que seria Jane na frente - o manto mais escuro, quase preto, e a menor figura por quase meio metro.

Eu mal podia ver as feições angelicais de Jane por causa das sombras do capuz. As quatro figuras vestidas de cinza que vieram atrás dela também eram um tanto familiares. Eu tinha certeza de que reconhecia o maior, e enquanto eu encarava, tentando confirmar as minhas suspeitas, Felix olhou pra cima. Ele deixou seu capuz cair um pouco pra trás pra que eu visse ele piscando e sorrindo pra mim. Edward estava muito imóvel ao meu lado, muito controlado.

O olhar de Jane se moveu lentamente entre os rostos luminosos dos Cullen e tocou a garota recém-nascida ao lado da fogueira; a garota recém-nascida colocou as mãos na cabeça de novo.

- Eu não compreendo - a voz de Jane estava sem tom, mas não tão desinteressada quanto antes.

- Ela se rendeu - Edward explicou, respondendo à confusão na cabeça dela.

Os olhos escuros de Jane passaram para o rosto dele. - Se rendeu?

Felix e outra sombra trocaram um rápido olhar.

Edward levantou os ombros. - Carlisle deu-a a opção.

- Não existem opções para aqueles que quebram as regras - Jane disse inexpressivamente.

Carlisle falou aí, a voz dele moderada. - Isso está em suas mãos. Enquanto ela estava disposta a cessar o seu ataque sobre nós, eu não ví nenhuma necessidade de destruí-la. Ela nunca foi ensinada.

- Isso é irrelevante - Jane insistiu.

- Como você quiser.

Jane olhou pra Carlisle consternada. Ela balançou a cabeça minimamente, e aí recompôs suas feições.

- Aro esperava que fôssemos chegar o suficiente a oeste pra vermos você, Carlisle. Ele manda suas saudações.

Carlisle balançou a cabeça. - Eu apreciaria se você mandasse as minhas pra ele.

- É claro - Jane sorriu. O rosto dela era quase adorável demais quando ela estava animada. Ela voltou em direção à fumaça. - Parece que vocês fizeram o nosso trabalho por nos hoje... em grande parte - Os olhos dela passaram para a refém. - Só por curiosidade profissional, quantos eles eram? Eles deixaram um despertar de destruição em Seattle.

- Dezoito, incluindo essa - Carlisle respondeu.

Os olhos de Jane se arregalaram, e ela olhou para o fogo de novo, parecendo medir novamente o tamanho dele. Felix e a outra sombra trocaram um olhar mais demorado.

- Dezoito? - ela repetiu, a voz dela soou incerta pela primeira vez.

- Todos novos - Carlisle disse dispersadamente. - Eles não tinham habilidade.

- Todos? - a voz dela ficou áspera. - Então quem era o criador deles?

- O nome dela era Victoria - Edward respondeu, nenhuma emoção em sua voz.

- Era? - Jane perguntou.

Edward inclinou sua cabeça em direção à floresta mais ao leste. Os olhos de Jane levantaram e se focaram em alguma coisa à distância. A outra pilastra de fumaça? Eu não desviei o olhar pra checar.

Jane olhou pra o leste por um longo momento, e aí examinou a fogueira mais próxima novamente.

- Essa Victoria, ela separada desses dezoito aqui?

- Sim. So havia mais um com ela. Ele não era tão novo quanto esses aqui, mas não tinha mais de um ano.

- Vinte - Jane respirou. - Quem lidou com o criador deles?

- Fui eu - Edward disse a ela.

Os olhos de Jane se estreitaram, e ela se virou para a garota ao lado da fogueira.

- Você aí - ela disse, sua voz morta estava mais áspera do que antes. - Seu nome.

A garota recém-nascida deu um olhar pra Jane, os lábios dela pressionados com força.

Jane sorriu de volta angelicalmente.

O grito de resposta da garota recém-nascida era muito estridente; o corpo dela se arqueou rigidamente em uma posição distorcida, desnatural. Eu desviei o olhar, lutando com a vontade de cobrir meus ouvidos. Eu trinqueei os meus dentes, esperando controlar o meu estômago. O grito se intensificou. Eu tentei me concentrar no rosto de Edward, calmo e sem emoção, mas isso me fez lembrar de quando era Edward quem estava sob o olhar torturante de Jane, e eu me sentí pior. Ao invés disso, eu olhei pra Alice, e Esme ao lado dela. Os rostos delas estavam tão vazios quanto o dele.

Finalmente, houve silêncio.

- Seu nome - Jane disse de novo, sua voz inflexível.

- Bree - a garota resfolegou.

Jane sorriu, a garota gritou de novo. Eu segurei a respiração até que o som da agonia dela parou.

- Ela te dirá tudo o que você quiser saber - Edward disse através de seus dentes. - Você não precisa fazer isso.

Jane olhou pra cima, de repente havia humor em seus olhos geralmente mortos.

- Oh, eu sei - ela disse pra Edward, sorrindo maliciosamente pra ele antes de se virar de volta para a jovem vampira, Bree.

- Bree - Jane disse, sua voz fria de novo. - Essa história é verdade? Havia vinte dos seus?

A garota estava caída arquejando, o lado de seu rosto estava pressionado contra a terra. Ela falou rapidamente. - Dezenove ou vinte, talvez mais, eu não sei! - Ela vacilou, aterrorizada que a

ignorância dela pudesse trazer outra rodada de tortura. - Sara e um outro que eu não sei o nome se meteram em uma briga no caminho...

- E essa Victoria, ela criou vocês?

- Eu não sei - ela disse, se arqueando de novo. - Riley nunca disse o nome dela. Naquela noite eu não ví... estava tão escuro, e doeu... - Bree estremeceu. - Ele não queria que fôssemos capazes de pensar nela. Ele disse que os nossos pensamentos não eram seguros...

Os olhos de Jane olharam pra Edward, e depois de volta para a garota.

Victoria havia planejado isso bem. Se ela não tivesse seguido Edward, nunca haveria uma forma de saber que ela tinha estado envolvida...

- Me fale sobre Riley - Jane disse. - Porque ele te trouxe aqui?

- Riley nos disse que nós tínhamos que destruir os estranhos de olhar amarelo aqui - Bree tagarelou rapidamente e com vontade. - Ele disse que seria fácil. Ele disse que essa cidade era deles, e que eles estavam vindo pra nos pegar. Ele disse que quando eles tivessem ido embora, todo o sangue seria nosso. Ele nos deu o cheiro dela - Bree levantou uma mão e apontou um dedo em minha direção. - Ele disse que nós saberíamos quando tivéssemos encontrado o grupo certo, porque ela estaria com eles. Ele disse que quem quer que a encontrasse primeiro, podia ficar com ela.

Eu ouvi a mandíbula de Edward se flexionar ao meu lado.

- Parece que Riley entendeu errado a parte de ser fácil - Jane notou.

Bree balançou a cabeça, parecendo aliviada por essa conversa ter tomado um curso não doloroso. Ela se sentou cuidadosamente. - Eu não sei o que aconteceu. Nós nos separamos, mas os outros nunca voltaram. E Riley nos deixou, e não voltou pra nos ajudar como havia prometido. E aí foi tão confuso, e todo mundo estava em pedaços. - Ela estremeceu de novo. - Eu estava com medo. Eu queria fugir. Aquele alí - ela olhou pra Carlisle - disse que não me machucaria se eu parasse de lutar.

- Ah, mas esse não era um presente a se oferecer, minha jovem - Jane murmurou, a voz dela estranhamente gentil agora. - Regras quebradas pedem por uma consequência.

Bree encarou ela, sem compreender.

Jane olhou pra Carlisle. - Você tem certeza de que pegaram todos eles? A outra parte que se separou?

O rosto de Carlisle estava muito calmo enquanto ele balançava a cabeça. - Nós nos dividimos também.

Jane deu um meio sorriso. - Eu não posso negar que estou impressionada. - As grandes sombras atrás dela murmuraram concordando. - Eu nunca ví um grupo escapar intacto dessa magnetude de ataque. Vocês sabem o que estava por trás disso? Esse parece ser um comportamento extremo, considerando a forma como vocês vivem aqui. E porque a garota era a chave? - Os olhos dela descansaram em mim sem vontade por um breve segundo.

Eu estremecí.

- Victoria queria vingança contra Bella - Edward disse a ela, sua voz estava impassiva.

Jane riu, o som era dourado, a risada borbulhante de uma criança feliz. - Essa aí parece trazer fortes reações bizarras àqueles da nossa espécie - ela observou, sorrindo diretamente pra mim, o rosto dela beatífico.

Edward enrijeceu. Eu olhei pro rosto dele na hora de ver o rosto dele se virando, de volta pra Jane.

- Você poderia por favor não fazer isso? - ele perguntou com uma voz apertada.

Jane riu levemente de novo. - Só checando. Aparentemente, nenhum dano causado.

Eu estremecí, profundamente grata que aquela estranha falha no meu sistema - que me protegeu de Jane na última vez que nos encontramos - ainda fazia efeito. Os braços de Edward se apertaram ao me redor.

- Bem, aparentemente não tem muito mais que possamos fazer. Estranho - Jane disse, a apatia estava de volta à voz dela. - Nós não estamos acostumados a ser movidos

desnecessariamente. Que pena que nós perdemos a luta. Parece que ela teria sido uma coisa muito divertida de se assistir.

- Sim - Edward respondeu rapidamente, a voz dele afiada. - E vocês estavam tão perto. É uma pena que vocês não chegaram meia hora adiantados. Talvez assim vocês tivessem concluído o seu propósito aqui.

Jane encontrou os olhos de Edward e o olhar dela não vacilou. - Sim. Realmente uma pena a forma como as coisas acabaram, não é?

Edward balançou a cabeça uma vez pra si mesmo, as suspeitas dele estavam confirmadas.

Jane se virou pra olhar para a recém-nascida Bree de novo, o rosto dela estava completamente enfadado. - Felix? - ela chamou.

- Espere - Edward interviu.

Jane ergueu uma sobrancelha, mas Edward estava olhando pra Carlisle enquanto falava numa voz urgente. - Nós poderíamos explicar as regras para a jovem. Ela não parece estar sem vontade de aprender. Ela não sabia o que estava fazendo.

- É claro - Carlisle respondeu. - Nós certamente estaríamos preparados pra tomar a responsabilidade por Bree.

A expressão de Jane estava dividida entre diversão e descrença.

- Nós não fazemos exceções - ela disse. - E nós não damos segundas chances. É ruim para a nossa reputação. O que me lembra... - De repente, os olhos dela estavam em mim de novo, e seu rosto de querubim sorridente. - Caius vai ficar *tão* interessado em ouvir que você ainda é humana, Bella. Talvez ele decida que vai fazer uma visita.

- A data está marcada - Alice disse a Jane, falando pela primeira vez. - Talvez a gente vá visitar vocês em alguns meses.

O sorriso de Jane desapareceu, e ela ergueu os ombros com indiferença, sem nunca olhar pra Alice. Ela se virou pra olhar pra Carlisle. - Bom conhecê-lo, Carlisle, eu pensei que Aro estava exagerando. Bem, até nos vermos novamente...

Carlisle balançou a cabeça, a expressão dele estava doída.

- Cuide disso, Felix - Jane disse, acenando com a cabeça na direção de Bree, a voz dela estava pingando de enfado. - Eu quero ir pra casa.

- Não olhe - Edward sussurrou no meu ouvido.

Eu estava ansiosa para seguir a instrução dele. Eu havia visto mais do que o suficiente por hoje - mais do que o suficiente por uma vida. Eu apertei os meus olhos com força e virei o meu rosto na direção do peito de Edward.

Mas eu ainda podia ouvir.

Houve um rosnado profundo, estrondoso, e aí um barulho alto e estridente que era horrivelmente familiar. Aquele som se cortou rapidamente, e aí o único som era o de coisas se quebrando e se partindo.

Edward esfregou as mão ansiosamente nos meus ombros.

- Venham - Jane disse, e eu olhei pra cima pra ver as costas dos altos mantos cinzas indo embora em direção à fumaça encaracolada. O cheiro de incenso ficou forte de novo, fresco.

Os mantos cinzas desapareceram dentro da névoa grossa.

26. ÉTICA

O balcão no banheiro de Alice estava coberto com milhares de produtos diferentes, todos clamando embelezar a superfície de uma pessoa. Já que todo mundo nessa casa era perfeito e impermeável, eu só podia presumir que ela havia comprado todas essas coisas comigo em mente. Eu lí os rótulos entorpecidamente, golpeada pelo desperdício.

Eu era cuidadosa pra nunca olhar no longo espelho.

Alice penteava o meu cabelo com movimentos lentos, ritmicos.

- Isso é suficiente, Alice - eu disse sem tom. - Eu quero voltar para La Push.

Quantas horas eu esperei até que Charlie *finalmente* deixasse a casa de Billy pra que eu pudesse ver Jacob? Cada minuto, sem saber se Jacob estava respirando ou não, pareciam ser dez vidas inteiras. E aí, quando eu finalmente fui permitida de ir, pra descobrir eu mesma se Jacob estava vivo, o tempo foi embora rápido demais. Eu sentí como se eu mal pudesse recuperar o fôlego antes que Alice estivesse ligando pra Edward, insistindo que eu mantivesse essa fachada ridícula da festa do pijama. Isso parecia tão insignificante...

- Jacob ainda está inconsciente - Alice respondeu. - Carlisle ou Edward vão ligar quando ele estiver acordado. De qualquer forma, você precisa ir ver Charlie. Ele estava lá na casa de Billy, ele viu que Carlisle e Edward estão de volta da viagem, e ele pode começar a suspeitar quando você chegar em casa.

Eu já tinha a minha história memorizada e confirmada. - Eu não ligo. Eu quero estar lá quando Jacob acordar.

- Você precisa pensar em Charlie agora. Você teve um dia longo, desculpa, eu sei que isso nem começa e descrever tudo, mas isso não significa que você possa escapar das suas responsabilidades - A voz dela estava séria, quase me repreendendo. - Agora é mais importante do que nunca que Charlie fique seguro no escuro. Faça o seu papel primeiro, Bella, e aí você pode fazer o que você quiser fazer em segundo lugar. Ser meticulosamente responsável faz parte de ser um Cullen.

É claro que ela estava certa. E se não por essa mesma razão - uma razão que era mais poderosa do que todo o meu medo e dor e culpa - Carlisle nunca teria me convencido a deixar o lado de Jacob, inconsciente ou não.

- Vá pra casa - Alice ordenou. - Fale com Charlie. Use o seu álibi. Mantenha-o a salvo.

Eu fiquei de pé, e o sangue correu para os meus pés, picando como se fossem milhares de furadas de agulha. Eu estive sentada na mesma posição por tempo demais.

- Esse vestido fica adorável em você - Alice arrulhou.

- Huh? Oh. Er, obrigada de novo pelas roupas - eu murmurei mais por cortesia do que por gratidão de verdade.

- Você precisa de evidências - Alice disse, os olhos dela inocentes e grandes. - O que é uma viagem de compras sem uma roupa nova? É muito lisonjeador, se eu puder dizer eu mesma.

Eu pisquei, incapaz de lembrar com o que ela havia me vestido. Eu não podia evitar que os meus pensamentos escapassem de mim a cada segundo, como insetos fugindo da luz...

- Jacob está bem, Bella - Alice disse, interpretando a minha preocupação com facilidade. - Não tem pressa. Se você se desse conta da quantidade extra de morfina que Carlisle teve que dar pra ele, com a temperatura dele diminuindo tão rápido, você saberia que ele vai ficar fora por uns tempos.

Pelo menos ele não estava sentindo dor. Ainda não.

- Há alguma coisa sobre a qual você queira conversar antes de ir embora? - Alice perguntou com simpatia. - Você deve estar mais do que um pouco traumatizada.

Eu sabia sobre o que ela estava curiosa. Mas eu tinha outras perguntas.

- Eu vou ser daquele jeito? - eu perguntei, minha voz subjulgada. - Como aquela garota, Bree, na clareira?

Haviam muitas coisas nas quais eu precisava pensar, mas eu não parecia conseguir tirá-la da minha cabeça, a recém-nascida cuja outra vida agora estava - abruptamente- acabada. O rosto dela, contorcido com o desejo pelo meu sangue, ficou marcado atrás das minhas pálpebras.

Alice alisou o meu braço. - Todo mundo é diferente. Mas algo parecido com aquilo, sim.

Eu estava muito imóvel, tentando imaginar.

- Isso passa - ela prometeu.

- Quanto tempo?

Ela levantou os ombros. - Alguns anos, talvez menos. Pode ser diferente pra você. Eu nunca ví isso acontecer com alguém que já havia feito essa escolha com antecedência. Vai ser interessante ver como isso te afeta.

- Interessante - eu repetí.

- Nós vamos manter você longe dos problemas.

- Eu sei disso. Eu confio em vocês. - A minha voz era um monotom, morta.

A testa de Alice enrugou. - Se você está preocupada com Carlisle e Edward, eu tenho certeza que eles ficarão bem. Eu acredito que Sam esteja começando a acreditar em nós... bem, confiar em Carlisle, pelo menos. Isso é uma coisa boa também. Eu imagino que a atmosfera tenha ficado um pouco tensa quando Carlisle teve que re-quebrar as fraturas...

- Por favor, Alice.

- Desculpe.

Eu respirei fundo para me recompor. Jacob havia começado a se curar rápido demais, e alguns dos seus ossos foram para os lugares errados. Ele esteve fora durante o processo, mas mesmo assim era difícil nisso.

- Alice, posso te fazer uma pergunta? Sobre o futuro?

Ela estava cautelosa de repente. - Você sabe que eu não vejo tudo.

- Não é isso, exatamente. Mas você vê o meu futuro, as vezes. Porque é que, na sua opinião, que nada funciona em mim? Nada do que Jane faz, ou Edward ou Aro...

A minha frase desapareceu com o meu nível de interesse. A minha curiosidade nesse ponto estava levitando, pesadamente dominada por outras emoções mais conflitantes.

Alice, no entanto, achou a pergunta muito interessante. - Jasper também, Bella, o talento dele funciona tão bem em você no seu corpo como no de todo mundo. Isso é diferente, você vê? As habilidades de Jasper afetam o corpo fisicamente. Ele realmente acalma o seu sistema, ou o excita. Não é uma ilusão. E eu tenho visões de coisas que vão acontecer, não as razões e os pensamentos por trás das decisões que as criam. Essa fora da mente, também não é uma ilusão; é realidade, ou pelo menos, uma versão dela. Mas Jane e Edward e Aro e Demetri, eles trabalham *dentro* da mente. Jane apenas cria a ilusão de dor. Ela não machuca o seu corpo de verdade, você só acha que sente isso. Você vê, Bella? Você está segura dentro de sua mente. Ninguém pode te alcançar aí. Não é de se admirar que Aro esteja tão curioso sobre as suas habilidades futuras.

Ela observou o meu rosto pra ver se eu estava acompanhando a lógica dela. Na verdade, as palavras dela começaram a correr juntas, as sílabas e os sons perdendo seus significados. Eu não conseguia me concentrar nelas. Mesmo assim, eu balancei a cabeça. Tentando parecer que tinha entendido.

Ela não se deixou enganar. Ela alisou a minha bochecha e murmurou. - Ele vai ficar bem, Bella. Eu não preciso de uma visão pra saber disso. Você está pronta pra ir?

- Mais uma coisa. Posso te perguntar outra coisa sobre o futuro? Eu não quero coisas específicas, só uma avaliação.

- Eu farei o meu melhor - ela disse, em duvida de novo.

- Você ainda consegue me ver virando uma vampira?

- Oh, essa é fácil. É claro, eu consigo.

Eu balancei a minha cabeça lentamente.

Ela examinou o meu rosto, seus olhos estavam insondáveis. - Você não conhece a sua própria mente, Bella?

- Eu conheço. Eu só queria ter certeza.

- Eu só tenho certeza enquanto você tiver, Bella. Você sabe disso. Se você mudasse de idéia, o que eu vejo iria mudar... ou desaparecer, no seu caso.

Eu suspirei. - No entanto, isso não vai acontecer.

Ela colocou os braços ao meu redor. - Eu lamento. Eu não consigo realmente *ênfatizar*. A minha primeira memória é a de ver o rosto de Jasper no meu futuro; eu sempre soube que ele era pra onde a minha vida seguia. Mas eu posso *simpatizar*. Eu lamento que você tenha que escolher entre duas coisas boas.

Eu soltei os braços dela. - Não sinta pena de mim. - Havia pessoas que mereciam simpatia. Eu não era uma delas. E não havia nenhuma escolha pra fazer, agora eu só tinha que quebrar um coração. - Agora eu vou lidar com Charlie.

Eu dirigi a minha caminhonete pra casa, onde Charlie estava esperando tão suspeitosamente quanto Alice havia previsto.

- Hey, Bella. Como foi a viagem de compras? - ele me cumprimentou enquanto eu entrava na cozinha. Ele estava com os braços cruzados no peito, os olhos no meu rosto.

- Longa - eu disse estupidamente. - Nós acabamos de voltar.

Charlie examinou o meu humor. - Eu acho que você já ouviu de Jacob, então?

- Sim. O resto dos Cullen nos encontrou em casa. Esme nos contou onde Carlisle e Edward estavam.

- Você está bem?

- Preocupada com Jake. Assim que eu fizer o jantar, eu vou até La Push.

- Eu te disse que aquelas motos eram perigosas. Eu espero que isso faça você se dar conta de que eu não estava brincando.

Eu balancei a cabeça enquanto comecei a tirar coisas do congelador. Charlie se sentou na mesa. Ele parecia estar num humor mais falante do que de costume.

- Eu não acho que você precise se preocupar muito com Jake. Qualquer um que consiga xingar com toda aquela energia pode se recuperar.

- Jake estava acordado quando você viu ele? - eu perguntei, me virando pra olhar para ele.

- Oh, é, ele estava acordado. Você devia ter ouvido ele, na verdade, é melhor que você não tenha ouvido. Eu não acho que houvesse alguém em La Push que *não conseguisse* ouvir ele. Eu não sei onde ele arranhou aquele vocabulário, mas eu espero que ele não tenha usado aquela linguagem perto de você.

- Ele teve uma desculpa muito boa hoje. Como ele estava?

- Acabado. Os amigos dele carregaram ele. É bom que eles sejam garotos grandes, porque aquele garoto é um bom peso. Carlisle disse que a perna direita dele está quebrada, e o seu braço direito. Grande parte do seu lado direito foi esmagado quando ele caiu daquela maldição de moto

- Charlie balançou a cabeça. - Se eu ouvir alguma coisa sobre você montando de novo, Bella.

- Sem problemas, pai. Você não vai. Você realmente acha que Jake está bem?

- Claro, Bella, não se preocupe. Ele era ele mesmo o suficiente pra zombar de mim.

- Zombar de você? - eu perguntei, chocada.

- É, entre insultar a mãe de alguém e falar o nome de Senhor em vão, ele disse, 'Aposto que hoje você está feliz por ela amar um Cullen ao invés de mim, huh, Charlie?'

Eu virei de volta para o congelador pra que ele não visse o meu rosto.

- E eu não pude discutir. Edward é mais maduro do que Jacob quando se trata da sua segurança, eu tenho que admitir isso sobre ele.

- Jacob é bastante maduro - eu murmurei defensivamente. - Eu tenho certeza de que isso não foi culpa dele.

- Hoje foi um dia estranho - Charlie meditou depois de um minuto. - Sabe, eu não boto muita credibilidade nessa bobagem supersticiosa. mas foi estranho... Era como se Billy soubesse que alguma coisa ruim ia acontecer com Jake. Ele estava nervoso feito um peru na manhã de ação-de-graças. Eu não acho que ele tenha ouvido nada que eu disse pra ele. E aí, mais estranho ainda, se lembra de Fevereiro e Março quando tivemos aqueles problemas com os lobos?

Eu me abaixei pra pegar uma frigideira no armário, e me escondi lá um segundo a mais ou dois.

- É - eu murmurei.

- Eu espero que a gente não vá ter mais problemas com aquilo de novo. Essa manhã, nós estávamos no barco, e Billy não estava prestando atenção em mim e nem na pescaria, quando, do nada, você podia ouvir os lobos uivando na floresta. Mais do que um, e, garoto, aquilo foi alto. Parecia que eles estavam lá mesmo no vilarejo. A parte mais estranha foi, Billy voltou com o barco direto para o cais como se eles o estivessem chamando pessoalmente. Ele nem me ouviu perguntar a ele o que estava acontecendo. O barulho parou antes que nós atracássemos o barco. Mas, do nada, Billy estava na maior pressa pra não perder o jogo, apesar de que ainda tínhamos horas. Ele estava murmurando alguma loucura sobre uma apresentação mais cedo... de um jogo ao vivo? Eu te digo, Bella, foi estranho. Bem, nós encontramos um jogo que ele disse que queria assistir, mas depois ele simplesmente o ignorou. Ele ficou no telefone o tempo inteiro, ligando pra Sue, e Emily, e o avô do seu amigo Quil. Eu não conseguí entender o que ele estava procurando, ele só estava conversando com eles bem casualmente. Os uivos começaram de novo bem do lado de fora da casa. Eu nunca ouvi nada parecido com aquilo, os meus braços ficaram arrepiados. Eu perguntei a Billy, eu tive que gritar por causa do barulho, se ele tinha colocado armadilhas no quintal dele. Parecia que o animal estava passando por muita dor.

Eu gemi, mas Charlie estava tão entretido em sua história que não me ouviu.

- É claro que eu esqueci sobre tudo isso até esse momento, porque foi nessa hora que Jake chegou em casa. O lobo ficou uivando por um minuto e você já não podia mais ouvi-lo, os xingamentos de Jake abafaram o resto. Aquele garoto tem um belo par de pulmões.

Charlie parou por um minuto, seu rosto estava pensativo. - Engraçado que alguma coisa boa tenha sido tirada dessa confusão toda. Eu não pensei que eles fossem esquecer esse preconceito bobo que eles têm contra os Cullen por lá. Mas alguém ligou pra Carlisle, e Billy ficou muito agradecido quando ele apareceu. Eu achei que devíamos levar Jake para o hospital, mas Billy queria mantê-lo em casa, e Carlisle concordou. Eu acho que Carlisle sabe o que é o melhor. É generoso da parte dele aceitar receber tantas chamadas em casa. E... - ele pausou como se não estivesse com vontade de dizer alguma coisa. Ele suspirou, e aí continuou. - E Edward foi muito... legal. Ele parecia estar tão preocupado com Jacob quanto você estava, como se fosse um irmão dele que estivesse alí. O olhar nos olhos dele... - Charlie balançou a cabeça. - Ele é um cara decente, Bella. Eu vou tentar me lembrar disso. No entanto, eu não prometo nada - Ele sorriu pra mim.

- Eu não vou te fazer prometer - eu murmurei.

Charlie esticou as pernas e gemeu. - É bom estar em casa. Você não acreditaria em quão lotada a casinha de Billy pode ficar. Sete dos amigos de Jake se espremeram na sala da frente, eu mal podia respirar. Você já reparou no quanto aqueles garotos Quileute são grandes?

- Sim, já reparei.

Charlie me encarou, os olhos dele estavam mais focados abruptamente. - Sério, Bella, Carlisle disse que Jake vai estar de pé e andando por aí em breve. Ele disse que parecia muito pior do que era na verdade. Ele vai ficar bem.

Eu só balancei a cabeça.

Jacob parecia tão... estranhamente frágil quando eu me apressei pra ir vê-lo assim que Charlie foi embora. Ele estava com suspensórios em todo lugar, Carlisle disse que não havia necessidade de gesso, já que ele estava curando tão rápido. O rosto dele estava pálido e abatido, profundamente inconsciente como ele estava na hora. Quebrável. Mesmo enorme como ele era, ele parecia muito quebrável. Talvez tivesse sido só a minha imaginação, junto com o conhecimento de que eu teria que quebrá-lo.

Se eu pudesse ser atingida por um relâmpago e ser dividida em dois pedaços. Dolorosamente, de preferência. Pela primeira vez, desistir de ser humana pareceu ser um verdadeiro sacrifício. Como se houvessem muitas coisas para perder.

Eu coloquei o jantar de Charlie na mesa ao lado do cotovelo dele e fui para a porta.

- Er, Bella? Você pode esperar só um segundo?
- Eu esqueci alguma coisa? - eu perguntei, olhando para o prato dele.
- Não, não. Eu só... quero te pedir um favor - Charlie fez uma careta e olhou para o chão. -

Sente-se, isso não vai demorar muito.

Eu sentei em frente a ele, um pouco confusa. Eu tentei me concentrar. - O que você precisa, pai?

- É aqui que está a essência disso, Bella - Charlie ficou corado. - Talvez eu só esteja me sentindo... supersticioso depois de ter ficado com Billy enquanto ele estava agindo tão estranho o dia inteiro. Mas eu tenho essa... sensação. Eu me sinto como se fosse... te perder em breve.

- Não seja bobo, pai - eu murmurei me sentindo culpada. - Você quer que eu vá para a escola, não quer?

- Só me prometa uma coisa.

Eu estava hesitante, pronta pra rescindir. - Tudo bem...

- Você vai me contar antes de fazer alguma coisa maior? Antes de fugir com ele ou alguma coisa assim?

- Pai... - eu gemi.

- Eu tô falando sério. Eu não vou chutar o balde. Só me dê um aviso com antecedência. Me dê uma chance de te dar um abraço de adeus.

Vacilando mentalmente, eu levantei a minha mão. - Isso é bobagem. Mas, se isso te deixa feliz... Eu prometo.

- Obrigado, Bella - ele disse. - Eu te amo, gurria.

- Eu te amo também, pai - eu toquei o ombro dele e me levantei da mesa. - Se você precisar de alguma coisa, eu vou estar na casa de Billy.

Eu não olhei pra trás enquanto corria pra fora. Isso foi perfeito, exatamente o que eu precisava agora. Eu murmurei pra mim mesma no caminho pra La Push.

A Mercedes preta de Carlisle não estava na frente da casa de Billy. Isso era bom e ruim. Obviamente, eu precisava falar com Jacob a sós. E mesmo assim, eu desejava poder segurar a mão de Edward de alguma forma, como eu tinha feito antes, quando Jacob estava inconsciente. Impossível. Mas eu sentia falta de Edward - parecia já ter se passado muito tempo desde a minha tarde sozinha com Alice. Eu achava que isso tornava a minha resposta bastante óbvia. Eu já sabia que eu não podia viver sem Edward. Esse fato não ia tornar as coisas nem um pouco menos dolorosas.

Eu batí baixinho na porta da frente.

- Entre, Bella - Billy disse. O barulho da minha caminhonete era fácil de reconhecer.

Eu me deixei entrar.

- Hey, Billy. Ele está acordado? - eu perguntei.

- Ele se acordou a cerca de meia hora atrás, pouco antes do doutor ir embora. Eu acho que ele estava esperando por você.

Eu vacilei, e aí respirei fundo. - Obrigada.

Eu hesitei na porta do quarto de Jacob, sem ter certeza se eu devia bater. Eu decidí dar uma olhadinha antes, esperando - como a covarde que eu era - que talvez ele tivesse voltado a dormir. Eu sentí que poderia usar mais alguns minutinhos.

Eu abrí a porta e me inclinei pra dentro hesitantemente.

Jacob estava esperando por mim, seu rosto estava calmo e suave.

A aparência desfigurada, abatida, tinha desaparecido, mas apenas um vazio cuidadoso estava em seu lugar. Não havia nenhuma animação em seus olhos escuros.

Era difícil olhar nos olhos dele, sabendo que eu o amava. Isso fazia mais diferença do que eu teria pensado. Eu me perguntei se teria sido sempre assim tão difícil pra ele, todo esse tempo.

Gratamente, alguém o havia coberto com uma colcha. Era um alívio não precisar ver as extensões dos danos.

Eu entrei e fechei a porta baixinho atrás de mim.

- Oi, Jake - eu murmurei.

Ele não respondeu no início. Ele olhou pro meu rosto por um longo momento. Aí, com algum esforço, ele rearrumou a sua expressão em um sorriso levemente zombeteiro.

- É, eu meio que pensei que seria assim. - Ele suspirou. - Hoje definitivamente as coisas mudaram pra pior. Primeiro, eu escolhi o pior lugar, perdi a melhor luta, e Seth ficou com toda a glória. Depois Leah ficou agindo feito uma idiota pra provar que era tão durona quanto o resto de nós e eu tive que ser o idiota que salvou ela. E agora isso. - Ele fez um gesto com a mão esquerda na minha direção onde eu hesitei na porta.

- Como você está se sentindo? - eu murmurei. Que pergunta idiota.

- Um pouco chapado. O Dr. Presa não tem certeza de quanta medicação eu preciso, então ele está na base da tentativa e erro. Eu acho que ele se excedeu.

- Mas você não está sentindo dor.

- Não. Pelo menos, eu não consigo sentir os meus ferimentos - ele disse, dando um sorriso de zombaria de novo.

Eu mordí o meu lábio. Eu nunca ia conseguir fazer isso. Porque ninguém tentava me matar quando eu *queria* morrer?

O humor torto desapareceu do rosto dele, e os olhos dele se aqueceram. A testa dele enrugou, como se ele estivesse preocupado.

- E quanto a você? - ele perguntou, realmente parecendo preocupado. - Você está bem?

- *Eu?* - eu encarei ele. Talvez ele *tivesse* tomado drogas demais. - *Porque?*

- Bem, eu quero dizer, eu estava certo de que ele não iria te *machucar* de verdade, mas eu não tinha certeza do quão ruim ia ser. Eu meio que estive ficando louco de preocupação com isso desde que eu acordei. Eu não sabia se você teria permissão pra fazer uma visita ou algo assim. O suspense foi terrível. Como é que foi? Ele foi mau com você? Eu lamento se foi ruim. Eu não queria que você tivesse que passar por isso sozinha. Eu estava pensando que estaria lá...

Eu levei um minuto pra entender. Ele continuou tagarelando, parecendo mais e mais desajeitado, até que eu entendi o que ele estava dizendo. Aí eu me apressei pra reassegurá-lo.

- Não, não, Jake! Eu estou bem. Bem demais, na verdade. É claro que ele não foi mau. Bem que eu queria!

Os olhos dele se arregalaram com o que parecia ser horror. - *O que?*

- Ele nem ficou com raiva de mim, ele nem ficou com raiva de *você!* Ele é tão altruísta que isso faz com que eu me sinta ainda pior. Eu queria que ele tivesse gritado comigo ou coisa assim. Não é como se eu não merecesse... bem, coisa muito pior do que só gritarem comigo. Mas ele não se importa. Ele só quer que eu seja *feliz*.

- Ele não ficou com raiva? - Jacob perguntou, incrédulo.

- Não. Ele foi... gentil demais.

Jacob me encarou por outro minuto, e aí de repente ele fez uma careta. - Bem, *droga!* - ele rosnou.

- Qual é o problema, Jake? Está doendo? - As minhas mãos flutuaram inutilmente enquanto eu procurava pelos medicamentos dele.

- Não - ele murmurou com um tom enojado. - Eu não consigo acreditar nisso! Ele nem te deu um ultimato ou alguma coisa assim?

- Nem perto, o que há de errado com você?

Ele fez uma careta e balançou a cabeça. - Eu meio que estava contando com a reação dele. Dane-se tudo. Ele é melhor do que eu pensava.

O jeito que ele disse isso, apesar de ser mais raivoso, me fez lembrar do tributo que Edward havia feito à falta de ética de Jacob essa manhã na tenda. O que significava que Jake ainda estava tendo esperanças, ainda estava lutando.

Eu gemi quando essa faca se aprofundou mais.

- Ele não está jogando nenhum jogo, Jake - eu disse baixinho.

- Pode apostar que ele está. Ele está jogando tão duro quanto eu, só que ele sabe o que está fazendo e eu não. Não me culpe por ele ser um manipulador melhor que eu, eu não estive na ativa a tanto tempo pra aprender todos os truques dele.

- Ele não está me manipulando!

- Sim, ele está! Quando é que você vai acordar e se dar conta de que ele não é tão perfeito quanto você pensa?

- Pelo menos ele não ameaçou se matar pra que eu o beijasse - eu disparei. Assim que as palavras tinham saído, eu corei de pesar. - Espere. Finja que isso não escapuliu. Eu jurei pra mim mesma que não falaria nada sobre isso.

Ele respirou fundo. Quando ele falou, ele estava mais calmo. - Porque não?

- Porque eu não vim aqui pra te culpar por nada.

- Contudo, é verdade - ele disse uniformemente. - Eu fiz isso.

- Eu não ligo, Jake. Eu não estou com raiva.

Ele sorriu. - Eu também não ligo. Eu sabia que você ia me desculpar, e eu estou feliz por ter feito aquilo. Eu faria de novo. Pelo menos eu tenho isso. Pelo menos eu te fiz ver que voce me *ama*. Isso valeu alguma coisa.

- Valeu? Isso é realmente melhor do que se eu ainda não soubesse nada?

- Você não acha que você devia saber como se sente, só pra que você não seja pega de surpresa quando já for tarde demais e você estiver casada com um vampiro?

Eu balancei a minha cabeça. - Não, eu não quis dizer melhor pra mim. Eu quis dizer melhor pra *você* . Isso torna as coisas melhores ou piores pra você, me fazer saber que eu estou apaixonada por você? Já que isso não faz diferença do mesmo jeito. Não teria sido melhor, mais fácil pra você, se eu nunca tivesse descoberto?

Ele estudou a minha pergunta tão seriamente quanto eu esperava, pensando cuidadosamente antes de responder. - Sim, eu acho melhor que você saiba - ele decidiu finalmente. - Se você não tivesse descoberto... eu sempre me perguntaria se a sua decisão teria sido diferente da que foi. Agora eu sei. Eu fiz tudo o que podia. - Ele inspirou o ar instavelmente, e fechou os olhos.

Dessa vez eu não resisti - não conseguí resisti - a necessidade de confortá-lo. Eu cruzei o quarto pequeno e me ajoelhei ao lado da cama dele, com medo de sentar na cama com medo de empurrá-lo e machucá-lo, e me inclinei pra tocar a minha testa na bochecha dele.

Jacob suspirou e colocou a mão dele no meu cabelo, me segurando lá.

- Eu lamento, Jake.

- Eu sempre soube que isso seria difícil. Não é culpa sua, Bella.

- Você também não - eu gemi. - Por favor.

Ele se afastou pra olhar pra mim. - O que?

- É minha culpa. E eu estou cansada que me digam que não é.

Ele sorriu. O sorriso não tocou os olhos dele. - Você quer que eu te jogue na brasa?

- Na verdade... eu acho que quero.

Ele torceu os lábios enquanto media o quão sério eu estava falando. Um sorriso apareceu brevemente no rosto dele, e aí ele distorceu sua expressão em uma careta feroz.

- Me beijar de volta daquele jeito foi indesculpável - Ele cuspiu as palavras e mim. - Se você sabia que ia dar pra trás, talvez você não devesse ter sido tão convincente.

Eu gemi e balancei a cabeça. - Eu sinto muito.

- Sentir muito não melhora as coisas, Bella. O que você estava pensando?

- Eu não estava - eu sussurrei.

- Você devia ter me dito pra ir e morrer. É isso que você quer.

- Não, Jacob - eu choraminguei, lutando contra as lágrimas que se acumulavam. - Não!

Nunca.

- Você não está chorando? - ele quis saber, de repente a voz dele estava de volta ao tom normal. Ele se mexeu impacientemente na cama.

- É - eu murmurei, rindo fracamente de mim mesma através das lágrimas que de repente eram soluços.

Ele trocou seu peso, jogando a sua perna boa pra fora da cama como se ele fosse tentar ficar de pé.

- O que você está fazendo? - eu perguntei através das lágrimas. - Deite, seu idiota, você vai se machucar! - eu pulei pra ficar de pé e empurrei o ombro dele com as duas mãos.

Ele se rendeu, se enconstando de novo com um gemido de dor, mas ele agarrou a minha cintura e me puxou de volta para a cama, contra o lado bom dele. Eu fiquei curvada lá, tentando abafar os soluços bobos contra a pele quente dele.

- Eu não acredito que você está chorando - ele murmurou. - Você sabe que eu só disse aquelas coisas porque você queria que eu dissesse. Eu não quis dizê-las - Ele esfregou a mão no meu ombro.

- Eu sei - eu respirei fundo, atormentada, tentando me controlar. Como é que acabou sendo eu que estava chorando e ele que estava me confortando? - Contudo, isso tudo é verdade. Obrigada por dizer em voz alta.

- Eu ganho pontos por te fazer chorar?

- Claro, Jake - eu tentei sorrir. - Quantos você quiser.

- Não se preocupe, Bella, querida. Tudo vai dar certo.

- Eu não vejo como - eu murmurei.

Ele deu um tapinha em cima da minha cabeça. - Eu vou desistir e ser bonzinho.

- Mais jogos? - eu me perguntei, levantando o meu queixo pra poder ver ele.

- Talvez - ele riu com um pouco de esforço, e aí suspirou. - Mas eu vou tentar.

Eu fiz uma careta.

- Não seja tão pessimista - ele reclamou. - Me dê um pouco de crédito.

- O que você quer dizer com 'ser bonzinho'?

- Eu vou ser seu amigo, Bella - ele disse baixinho. - Eu não vou pedir por mais do que isso.

- Eu acho que é tarde demais pra isso, Jake. Como é que nós podemos ser amigos, quando nós amamos um ao outro desse jeito?

Ele olhou para o teto, seu olhar estava atento, como se ele estivesse lendo alguma coisa que estivesse escrita lá. - Talvez... essa terá que ser uma amizade a longa distância.

Eu apertei os meus dentes, feliz por ele não estar olhando para o meu rosto, lutando contra os soluços que ameaçavam tomar conta de mim de novo. Eu precisava ser forte, e eu não tinha idéia de como...

- Você sabe aquela história na Bíblia? - Jacob perguntou de repente, ainda lendo o teto vazio. - Aquela sobre o rei e as duas mulheres brigando por um bebê?

- Claro. Rei Salomão.

- Isso mesmo. Rei Salomão - ele repetiu. - E ele disse, cortem a criança no meio... mas era só um teste. Só pra ver quem desistiria de sua metade pra proteger a criança.

- Sim, eu lembro.

Ele olhou de volta para o meu rosto. - Eu não vou mais te cortar no meio, Bella.

Eu entendi o que ele estava dizendo. Ele estava dizendo que me amava mais, que a desistência dele provava isso. Eu queria defender Edward, dizer a Jacob que Edward faria a mesma coisa se eu quisesse, se eu o *deixasse* fazer. Era eu que não queria renunciar à minha reivindicação sobre ele. Mas não havia necessidade de começar uma discussão que só o magoaria mais.

Eu fechei os olhos, desejando a mim mesma que controlasse a dor. Eu não ia impor isso a ele.

Ele ficou quieto por um momento. Ele parecia estar esperando que eu dissesse alguma coisa; eu estava tentando pensar em alguma coisa pra dizer.

- Posso te dizer qual é a pior parte disso? - ele perguntou hesitantemente quando eu não disse nada. - Você se importa? Eu *vou* ser bonzinho.

- Isso vai ajudar? - eu sussurrei.

- Pode ser. Não pode machucar.

- Então, qual é pior parte?

- A pior parte é saber o que teria sido.

- O que *poderia* ter sido. - Eu suspirei.

- Não - Jacob balançou a cabeça. - Eu sou exatamente certo pra você, Bella. Teria sido fácil pra nós, confortável, fácil como respirar. Eu era o caminho natural que a sua vida teria tomado... - Ele olhou para o espaço por um momento, e eu esperei. - Se o mundo fosse do jeito que devia ser, se não houvessem monstros e nem magia... - Eu podia ver o que ele via, e eu sabia que ele estava certo. Se o mundo fosse o lugar são que devia ser, Jacob e eu teríamos ficado juntos. E nós teríamos sido felizes. Ele era a minha alma gêmea nesse mundo - e ainda teria sido a minha alma gêmea se ele não tivesse sido obscurecido por algo mais forte, uma coisa tão forte que não podia existir no mundo racional.

Será que havia isso pra Jacob também? Alguma coisa que trunfasse uma alma gêmea? Eu tinha que acreditar que sim.

Dois futuros, duas almas gêmeas... demais pra uma pessoa só. E era muito injusto que eu não fosse a única a pagar o preço por isso. A dor de Jacob era um preço alto demais. Vacilando com o pensamento do preço, eu me perguntei se teria tomado outro caminho, se Edward não tivesse ido embora. Se eu não soubesse como era viver sem ele. Eu não tinha certeza. Aquele conhecimento era uma parte muito profunda de mim, e eu não conseguia imaginar como me sentiria sem ela.

- Ele é como uma droga pra você, Bella - A voz dele ainda era gentil, nem um pouco crítica. - Eu vejo que você não consegue viver sem ele agora. É tarde demais. Mas eu teria sido mais saudável pra você. Não uma droga; eu teria sido o ar, o sol.

O canto da minha boca virou pra cima em um meio sorriso saudoso. - Eu costumava pensar em você desse jeito, sabe. Como o sol. Meu sol particular. Você equilibrava bem as nuvens pra mim.

Ele suspirou. - Das nuvens eu posso cuidar. Mas eu não posso lutar com um eclipse.

Eu toquei o rosto dele, descansando a minha mão na bochecha dele. Ele exalou sob o meu toque e fechou os olhos. Tudo ficou muito quieto. Por um minuto, eu pude ouvir as batidas do coração dele, lentas e uniformes.

- Me diga qual é a pior parte pra você - ele sussurrou.

- Essa pode ser uma má idéia.

- Por favor.

- Eu acho que vai doer.

- Por favor?

Como eu podia negar alguma coisa a ele nesse ponto?

- A pior parte... - eu hesitei, e aí deixei as palavras fluírem, numa fonte de verdade. - A pior parte é que eu ví a coisa toda, a nossa vida inteira. Eu queria muito, Jake, eu queria tudo. Eu quero ficar bem aqui e não me mover nunca. Eu quero te amar e te fazer feliz. E eu não posso, e isso está me matando. É como Sam e Emily, Jake, eu nunca tive uma escolha. Eu sempre soube que nada mudaria. Talvez fosse por isso que eu lutei tanto contra você.

Ele pareceu estar se concentrando em respirar uniformemente.

- Eu sabia que não devia ter dito isso.

Ele balançou a cabeça lentamente.

- Não. Eu estou feliz que você tenha dito. Obrigado - ele beijou o topo da minha cabeça, e aí suspirou. - Eu vou ser bonzinho agora.

Eu olhei pra cima, e ele estava sorrindo.

- Então, você vai se casar, huh?

- Nós não temos que falar sobre isso.

- Eu gostaria de saber alguns dos detalhes. Eu não sei quando vou falar com você de novo.

Eu tive que esperar por um minuto antes de falar. Quando eu tinha absoluta certeza de que a minha voz não ia se partir, eu respondi a pergunta dele.

- Não foi minha idéia de verdade... mas, sim. Significa muito pra ele. Eu me pergunto, porque não?

Jake balançou a cabeça dele. - É verdade. Não é uma coisa tão grande, em comparação.

A voz dele estava muito calma, muito prática. Eu encarei ele, curiosa pra saber como ele estava se virando, e isso arruinou tudo. Ele encontrou meus olhos por um segundo, e aí virou a cabeça dele. Eu esperei pra falar até que a respiração dele estava sob controle.

- Sim. Em comparação - eu concordei.

- Quanto tempo nós ainda temos?

- Isso depende de quanto tempo Alice leva pra organizar um casamento - eu suprimí um gemido, imaginando o que Alice faria.

- Antes ou depois? - ele perguntou baixinho.

Eu sabia o que ele queria dizer. - Depois.

Ele balançou a cabeça. Isso era um alívio pra ele. Eu imaginei quantas noites de insônia o pensamento da minha formatura havia dado a ele.

- Você está assustada? - ele sussurrou.

- Sim - eu sussurrei de volta.

- Do que você tem medo? - Agora eu mal podia ouvir a voz dele. Ele estava olhando para as minhas mãos.

- Muitas coisas - Eu trabalhei pra deixar a minha voz mais leve, mas continuei honesta. - Eu nunca fui muito masoquista, então, eu não estou muito ansiosa pela dor. E eu queria que houvesse alguma forma de manter *e/e* longe, eu não quero que ele sofra comigo, mas eu não acho que haja outro jeito. Também há Charlie, e Renée... E aí depois, eu espero ser capaz de me controlar *cedo*. Talvez eu seja uma ameaça tão grande que o bando vai ter que me destruir.

Ele me olhou com uma expressão desaprovadora. - Eu daria uma paralisia a qualquer um dos meus irmãos que tentasse.

- Obrigada.

Ele sorriu sem vontade. Aí ele fez uma careta. - Mas isso não é mais perigoso que isso? Em todas as histórias, eles dizem que é difícil demais... eles perdem o controle... as pessoas morrem... - Ele engoliu seco.

- Não, eu não estou com medo disso. Jacob bobo, você não sabe que não deve acreditar em histórias de vampiros?

Ele obviamente não apreciou a minha tentativa de humor.

- Bem, de qualquer jeito, muita coisa pra se preocupar. Mas no fim, vale a pena.

Ele balançou a cabeça sem vontade, e eu sabia que não tinha jeito de ele concordar comigo.

Eu estiquei o meu pescoço pra sussurrar no ouvido dele, descansando a minha bochecha contra a pele quente dele. - Você sabe que eu te amo.

- Eu sei - ele respirou, os braços dele se apertando automaticamente ao redor da minha cintura. - Você sabe o quanto eu queria que isso fosse suficiente.

- Sim.

- Eu sempre estarei esperando dos lados, Bella - ele prometeu, deixando seu tom leve e afrouxando os braços. Eu me afastei com uma sensação entorpecente, arrastada, de perda, sentindo a separação rasgante enquanto eu deixava uma parte de mim para trás, lá na cama ao lado dele. - Você sempre vai me ter como segunda opção se quiser.

Eu fiz um esforço pra sorrir. - Até que o meu coração pare de bater.

Ele sorriu de volta. - Sabe, eu acho que ainda vou aceitar você, talvez. Eu acho que vai depender do quanto você vai feder.

- Eu devo voltar pra te ver? Ou você preferiria que eu não viesse?

- Eu vou pensar nisso e te avisar - ele disse. - Eu posso precisar de companhia pra evitar ficar louco. O vampiro cirurgião extraordinário disse que eu não posso me transformar até que ele diga que está tudo bem, isso pode estragar a forma como os meus ossos estão arrumados. - Jacob fez uma cara.

- Seja bonzinho e faça o que Carlisle disser pra fazer. Você mais melhorar mais rápido.

- Claro, claro.

- Eu me pergunto quando vai acontecer - eu disse. - Quando a garota certa vai te chamar a atenção.

- Não tenha grandes esperanças, Bella - A voz de Jacob estava amarga de repente. - Apesar de que eu estou certo de que isso seria um alívio pra você.

- Talvez, talvez não. Eu provavelmente vou achar que ela não é boa o suficiente pra você. Eu me pergunto o quanto ciumenta eu vou ser.

- Essa parte pode ser meio divertida - ele admitiu.

- Me avise quando você quiser que eu volte, e eu estarei aqui - eu prometí.

Com um suspiro, ele virou a bochecha na minha direção.

Eu me inclinei e beijei o rosto dele suavemente. - Te amo, Jacob.

Ele riu levemente. - Te amo mais.

Ele me observou sair do quarto dele com uma expressão insondável em seus olhos pretos.

27. NECESSIDADES

Eu não fui muito longe antes que fosse impossível dirigir.

Quando eu não podia mais enxergar, eu deixei os meus pneus encontrarem o acostamento o rolarem lentamente até pararem. Eu me joguei no banco e deixei que a fraqueza que eu tinha lutado no quarto de Jacob se apoderasse de mim. Foi pior do que eu pensava - isso me surpreendeu. Sim, eu tinha estado certa de esconder isso de Jacob. Ninguém devia ver isso.

Mas eu não fiquei sozinha por muito tempo - só exatamente o tempo necessário pra Alice me ver aqui, e depois os poucos minutos que levaram até que ele chegasse lá. A porta se abriu, e ele me puxou para os seus braços.

No início foi pior. Porque havia aquela menor parte de mim - menor, mas ficando mais alta e mais raivosa a cada minuto, gritando com o resto de mim - que desejava um par diferente de braços. Depois houve culpa fresca pra sancionar a dor.

Ele não disse nada, só me deixou soluçar até que eu comecei a dizer o nome de Charlie.

- Você realmente está pronta pra voltar pra casa? - ele perguntou duvidosamente.

Eu consegui dizer, depois de algumas tentativas, que eu não ia ficar melhor muito cedo. Eu precisava passar por Charlie antes que fosse tarde suficiente pra ele ligar pra Billy.

Então, ele me levou pra casa - pela primeira vez nem chegando perto do limite de velocidade da minha caminhonete - mantendo um braço ao meu redor com força. O caminho inteiro, eu lutei pra ter controle. Parecia ser um esforço inútil no começo, mas eu não desistí. Só alguns segundos, eu disse a mim mesma. Só o tempo para algumas desculpas, algumas mentiras, e aí eu podia ter um ataque de novo. Eu tinha que ser capaz de fazer isso. Eu vasculhei a minha cabeça, procurando desesperadamente por uma reserva de força.

Só havia suficiente pra que eu aquietasse os soluços - segura-los, mas não acabar com eles. As lágrimas não diminuíram. Eu não parecia conseguir encontrar controle suficiente pra sequer começar a trabalhar com essas.

- Espere por mim lá em cima - eu murmurei quando nós estávamos na frente de casa.

Ele me abraçou mais apertado por um minuto, e depois ele desapareceu.

Quando dentro, eu fui direto para as escadas.

- Bella? - Charlie chamou no seu lugar de sempre no sofá quando eu passei.

Eu me virei pra olhar pra ele sem falar. Os olhos dele se arregalaram, e ele se lançou pra ficar de pé.

- O que aconteceu? É Jacob...? - ele quis saber.

Eu balancei a minha cabeça furiosamente, tentando encontrar a minha força. - Ele está bem, ele está bem. - eu prometi, minha voz baixa e rouca. A Jacob *estava* bem, fisicamente, que era com o que Charlie estava preocupado no momento.

- Mas o que aconteceu? - ele agarrou os meus ombros, os olhos dele ansiosos e grandes. - O que aconteceu com você?

Eu devia estar pior do que eu tinha imaginado.

- Nada, pai, eu... só tive que falar com Jacob... algumas coisas que foram difíceis. Eu tô bem.

A ansiedade se acalmou, e foi substituída pela desaprovação.

- Será que essa era mesmo a melhor hora? - ele perguntou.

- Provavelmente não, pai, mas eu não tinha alternativas, eu simplesmente cheguei em um ponto em que eu precisava escolher... As vezes, não tem como manter o compromisso.

Ele balançou a cabeça lentamente. - Como foi que ele lidou com isso?

Eu não respondi.

Ele olhou pro meu rosto por um minuto, e aí balançou a cabeça. Aquela devia ser resposta suficiente.

- Eu espero que você não tenha estragado a recuperação dele.

- Ele se cura rápido - eu murmurei.

Charlie suspirou.

Eu podia sentir o controle desaparecendo.

- Eu vou estar no meu quarto - eu disse a ele, levantando os ombros embaixo das mãos dele.

- Tá - Charlie concordou. Ele provavelmente conseguia ver as cascatas começando a funcionar. Nada assustava Charlie mais do que lágrimas.

Eu fiz o caminho para o meu quarto, cega e tropeçando.

Uma vez dentro, eu lutei com o abridor da minha pulseira, tentando abri-la com os dedos tremendo.

- Não, Bella - Edward sussurrou, capturando as minhas mãos. - Isso é parte de quem você é.

Ele me puxou para o berço dos seus braços e os soluços ficaram livres de novo. O mais longo dos dias parecia estar se esticando mais e mais. Eu me perguntei se ele ia acabar um dia.

Mas, apesar da noite ter se passado implacavelmente, não foi a pior noite da minha vida. Eu tirei conforto disso. E eu não estava sozinha. Havia uma boa quantidade de conforto nisso também.

O medo de Charlie de descontroles emocionais evitou que ele viesse me checar, apesar de eu não ter ficado quieta - ele provavelmente não dormiu mais que eu.

A minha compreensão tardia parecia insuportavelmente clara essa noite. Eu podia ver cada erro que eu havia cometido, cada dano que eu havia causado, as coisas pequenas e as coisas grandes. Cada dor que eu havia causado a Jacob, cada ferida que eu havia dado a Edward, foram aumentando em pilhas organizadas que eu não podia ignorar e nem negar.

Eu me dei conta de que estive errada o tempo inteiro sobre os imãs. Não eram Edward e Jacob que eu estava tentando forçar a ficarem juntos, eram as duas partes de mim mesma, a Bella de Edward e a Bella de Jacob. Mas elas não podiam existir juntas, e eu nunca devia ter tentado.

Eu havia causado tanto dano.

Em algum ponto da noite, eu me lembrei da promessa que havia feito a mim mesma essa manhã - que eu nunca faria Edward ver vertendo outra lágrima por Jacob. Esse pensamento trouxe uma rodada de histeria que assustou Edward mais do que a choradeira. Mas isso passou também, quando teve que passar.

Edward disse pouco; ele só me segurou na cama e me deixou arruinar a camisa dele, pingando de água salgada.

Levou mais tempo do que eu esperava para aquela parte menor de mim, a parte quebrada, chorar tudo. Aconteceu, no entanto, e eventualmente eu fiquei exausta o suficiente pra dormir. A inconsciência não trouxe alívio completo da dor, só uma calma entorpecida, como se fosse um medicamento. A tornou mais suportável. Mas ela ainda estava lá; eu estava consciente dela, mesmo adormecida, e isso me ajudou a fazer os ajustes que eu precisava fazer.

A manhã trouxe consigo, se não uma perspectiva mais clara, pelo menos uma medida de controle, alguma aceitação. Instintivamente, eu soube que a nova lágrima do meu coração sempre doeria. Isso simplesmente seria uma parte de mim agora. O tempo faria ser mais fácil - isso era o que todo mundo sempre dizia. Mas eu não me importava se o tempo me curasse ou não, contanto que Jacob pudesse melhorar.

Pudesse ser feliz de novo.

Quando eu acordei, não havia nenhuma desorientação. Eu abri meus olhos - finalmente secos - e encontrei o olhar ansioso dele.

- Hey - eu disse. Minha voz estava rouca. Eu limpei a minha garganta.

Ele não respondeu. Ele me observou, esperando que aquilo comesse.

- Não, eu estou bem - eu prometi. - Aquilo não vai acontecer de novo.

Os olhos dele se estreitaram com as minhas palavras.

- Eu lamento que você tenha que ter visto isso - eu disse. - Aquilo não foi justo com você.

Ele colocou as mãos dos dois lados do meu rosto.

- Bella... você tem *certeza*? Você fez a escolha certa? Eu nunca vi você sofrendo tanto - A voz dele se partiu na última palavra.

Mas eu já havia conhecido dor pior.

Eu toquei os lábios dele. - Sim.

- Eu não sei... - A sobrançelha dele se contraiu. - Se isso te machuca tanto, como é que pode ser a coisa certa pra você?

- Edward, eu sei que eu não posso viver sem.

- Mas...

Eu balancei a minha cabeça. - Você não entende. Você pode ser corajoso o suficiente ou forte o suficiente pra viver sem mim, se isso for para o melhor. Mas eu nunca poderia me auto-sacrificar desse jeito. Eu tenho que estar com você. É a única forma de poder viver.

Eu ainda parecia estar duvidando. Eu nunca devia ter deixado ele ficar comigo na noite passada. Mas eu tinha precisado tanto dele...

- Me passa aquele livro, por favor? - eu perguntei, apontando por cima do ombro dele.

As sobrançelhas dele se juntaram de confusão, mas ele o deu pra mim rapidamente.

- Isso de novo? - ele perguntou.

- Eu só queria encontrar essa parte da qual eu me lembrei... pra ver como ela disse... - Eu passei as páginas do livro, encontrando facilmente a página que eu queria. O canto estava parecendo uma orelha de cachorro pela quantidade de vezes que eu já tinha parado ali. - Cathy é um monstro, mas haviam algumas coisas que ela entendia direito - eu murmurei. Eu lí as linhas baixinho, eu grande parte pra mim mesma. - Se todo o resto percesse, e ele permanecesse, eu deveria continuar a existir; se todo o resto permanecesse, e ele fosse aniquilado, o universo se transformaria em um poderoso estranho - eu balancei a cabeça, de novo pra mim mesma. - Eu sei exatamente o que ela quer dizer. Eu sei quem eu não posso viver sem.

Edward pegou o livro das minhas mãos e o atirou através do meu quarto - ele caiu com um leve *thud* na minha mesa. Ele passou os braços ao redor da minha cintura.

Um sorriso iluminou o seu rosto perfeito, apesar de que ainda havia uma linha de preocupação na testa dele. - Heathcliff também teve seus momentos - ele disse. Ele não precisou do livro pra dizer as palavras com perfeição. Ele me puxou mais pra perto em seus braços e sussurrou no meu ouvido. - Eu *não posso* viver a minha vida! Eu *não posso* viver sem a minha alma!

- Sim - eu disse baixinho. - É disso que eu estou falando.

- Bella, eu não consigo aguentar que você esteja infeliz. Talvez...

- Não, Edward. Eu fiz uma verdadeira bagunça com as coisas, e eu vou ter que viver com isso. Mas eu sei o que eu quero e o que eu preciso... e o que eu vou fazer agora.

- O que *nós* vamos fazer agora?

Eu rí um pouquinho com a correção dele, e aí suspirei. - Nós vamos ver Alice.

Alice estava no topo das escadas da varanda, hiperativa demais pra esperar do lado de dentro. Ela parecia a ponto de começar a fazer uma dança de celebração, de tão excitada que eu estava com a notícia que eu estava lá pra dar.

- Obrigada, Bella! - ela cantou assim que nós saímos da caminhonete.

- Espere, Alice - eu avisei a ela, levantando uma mão pra parar a alegria dela. - Eu tenho algumas limitações pra você.

- Eu sei, eu sei, eu sei. Eu só tenho até treze de Agosto no máximo, você tem poder de veto na lista dos convidados, e se eu exagerar em alguma coisa, você nunca mais vai falar comigo de novo.

- Oh, ok. Bem, é. Então, você sabe as regras.

- Não se preocupe, Bella, será perfeito. Você quer ver o seu vestido?

Eu tive que respirar fundo algumas vezes. *Qualquer coisa que deixar ela feliz*, eu disse pra mim mesma.

- Claro.

O sorriso de Alice era presumido.

- Um, Alice? - eu disse, me mantendo casual, um tom tranquilo na minha voz. - Quando foi que você me comprou um vestido?

Isso provavelmente não era bem um show. Edward apertou a minha mão.

Alice guiou o caminho pra dentro, indo direto para as escadas. - Essas coisas levam tempo, Bella - Alice explicou. - Quer dizer, eu não tinha *certeza* de que as coisas acabariam desse jeito, mas havia uma distinta possibilidade...

- Quando? - eu perguntei de novo.

- Perrine Bruyere tem uma lista de espera, sabe - ela disse, agora na defensiva. - Obras primas dos tecidos não acontecem da noite pra o dia. Se eu não tivesse me adiantado, você estaria usando um trapo qualquer!

Não parecia que eu ia conseguir uma resposta direta. - Per, quem?

- Ele não é o maior designer, Bella, então não precisa dar um piti. No entanto, ele é uma promessa, e é especialista no que eu precisava.

- Eu não estou dando piti.

- Não, não está - Ela olhou meu rosto calmo com suspeita. Aí, enquanto entrávamos no quarto dela, ela se virou pra Edward.

- Você, fora.

- Porque? - eu quis saber.

- Bella - ela gemeu. - Você sabe as regras. Ele não pode ver o vestido até o dia.

Eu respirei fundo de novo. - Isso não importa pra mim. E você sabe que ele já o viu em sua cabeça. Mas se é assim que você quer...

Ela empurrou Edward de volta pela porta. Ele nem olhou pra ela - os olhos dele estavam em mim, cautelosos, com medo de me deixar sozinha.

Eu balancei a cabeça, esperando que a minha expressão estivesse tranquila o suficiente pra reassegurar ele.

Alice fechou a porta no rosto dele.

- Tudo bem! - ela murmurou. - Vamos.

Ela agarrou o meu pulso e me puxou para o closet dela - que era maior do que o meu quarto - e me arrastou até o canto do fundo, onde uma bolsa de artigo de vestuário tinha uma prateleira só pra si.

Ela abriu o zíper da bolsa num movimento rápido, e depois o escorregou cuidadosamente no cabide. Ela deu um passo pra trás, segurando a mão na direção do vestido como se fosse uma apresentadora de um game show.

- Bem? - ela perguntou sem fôlego.

Eu avalei por um longo momento, brincando com ela um pouco. A expressão dela ficou preocupada.

- Ah - eu disse, e sorri, deixando ela relaxar. - Eu vejo.

- O que você acha? - ela quis saber.

Era a minha visão de *Anne of Green Gables* de novo.

- É perfeito, é claro. Exatamente certo. Você é um gênio.

Ela sorriu. - Eu sei.

- Mil novecentos e dezoito? - eu adivinhei.

- Mais ou menos - ela disse, balançando a cabeça. - Um pouco dele é *meu* design, a trena, o véu... - Ela tocou o cetim branco enquanto falava. - O laço é um vintage. Você gosta?

- É lindo. É exatamente certo pra ele.

- Mas é certo pra você? - ela insistiu.

- Sim, eu acho que é, Alice. Eu acho que é exatamente o que eu estava precisando. Eu sei que você fará um trabalho ótimo com isso... se você puder se controlar.

Ela se irritou.

- Posso ver o seu vestido? - eu perguntei.

Ela piscou, seu rosto confuso.

- Você não encomendou o seu vestido de dama-de-honra ao mesmo tempo? Eu não quero a minha madrinha vestindo algum *trapo* - eu fingi estremecer de horror.

Ela jogou os braços ao redor da minha cintura. - Obrigada, Bella!

- Como é que você não conseguiu enxergar isso? - eu zombei, beijando o seu cabelo espetadinho. - Bela psíquica você é!

Alice dançou de volta, e o rosto dela estava brilhando com excitação fresca. - Eu tenho tanto pra fazer! Vá brincar com Edward. Eu tenho um trabalho a fazer.

Ela saiu correndo do quarto, gritando, - Esme! - enquanto desaparecia.

Eu seguí no meu próprio passo. Edward estava esperando por mim no corredor, encostado na parede forrada de madeira.

- Aquilo foi muito, muito legal da sua parte - ele disse pra mim.

- Ela parece feliz - eu concordei.

Ele tocou o meu rosto; os olhos dele - escuros demais, já fazia tanto tempo desde que ele havia me deixado - vasculharam a minha expressão minunciosamente.

- Vamos sair daqui - ele sugeriu de repente. - Vamos para a nossa clareira.

Parecia bastante tentador. - Eu acho que não preciso mais me esconder, preciso?

- Não. O perigo está atrás de nós.

Ele estava quieto, pensativo, enquanto corria. O vento batia no meu rosto, mais quente agora que a tempestade realmente havia passado. As nuvens cobriam o céu, do jeito que faziam sempre.

A clareira hoje era um lugar pacífico, feliz. Remendos das margaridas de verão interrompiam a grama com tons de branco e amarelo. Eu me deitei, ignorando a leve sujeira no chão, e olhei para as figuras nas nuvens. Eles eram macias demais, uniformes demais. Sem figuras, só um coberto macio, cinza.

Edward deitou ao meu lado e segurou a minha mão.

- Treze de Agosto? - ele perguntou casualmente depois de alguns minutos de um silêncio confortável.

- Isso me dá um mês até o meu aniversário. Eu não queria chegar tão perto.

Ele suspirou. - Esme é três anos mais velha que Carlisle, tecnicamente. Você sabia disso?

Eu balancei a minha cabeça.

- Isso não fez diferença pra eles.

A minha voz estava serena, um contraponto com a ansiedade dele. - A minha idade realmente não é tão importante. Edward, eu estou preparada. Eu escolhi a minha vida - agora eu quero começar a vivê-la.

Ele alisou o meu cabelo. - O veto da lista de convidados?

- Eu realmente não ligo, mas eu... - eu hesitei, sem querer explicar isso. Era melhor acabar logo com isso. - Eu não tenho certeza de que Alice sentiria a necessidade de convidar... alguns lobisomens. Eu não sei se... Jake sentiria... que ele *devia* vir. Como se essa é a coisa certa a fazer, ou que os meus sentimentos se magoariam se ele não viesse. Ele não devia ter que passar por isso.

Edward ficou quieto por um minuto. Eu olhei para o topo das árvores, quase pretas contra o cinza leve do céu.

De repente, Edward me pegou pelo pulso e me puxou para o peito dele.

- Me diga porque você está fazendo isso, Bella. Porque você decidiu, agora, dar liberdade total à Alice?

Eu repeti pra ele a conversa que tinha tido com Charlie na noite passada antes de ir ver Jacob.

- Não seria justo manter Charlie de fora disso - eu concluí. - E isso significa Renée e Phil. Eu posso muito bem deixar Alice se divertir também. Talvez a coisa toda seja mais fácil pra Charlie se ele tiver uma despedida apropriada. Se ele acha que é cedo demais, eu não vou querer roubar dele a chance de me levar pela igreja - eu fiz uma careta com as palavras, aí respirei fundo de novo. - Pelo menos a minha mãe e o meu pai e os meus amigos vão saber da melhor parte da minha escolha, a parte que eu tenho permissão de contar pra eles. Eles saberão que eu escolhi você, e eles saberão que estamos juntos. Eles saberão que eu estou feliz, onde quer que eu esteja. Eu acho que isso é o melhor que eu posso fazer por eles.

Edward segurou o meu rosto, procurando por um breve momento.

- O acordo está acabado - ele disse abruptamente.

- *O quê?* - eu asfixiei. - Você está dando pra trás? Não!

- Eu não estou dando pra trás, Bella. Eu ainda vou manter o meu lado da barganha. Mas você fica fora disso. O que você quiser, nada de correntes.

- Porque?

- Bella, eu vejo o que você está fazendo. Você está tentando deixar todas as outras pessoas felizes. E eu não me importo com os sentimentos de mais ninguém. Eu só preciso que *você* seja feliz. Não se preocupe em dar as notícias a Alice. Eu vou cuidar disso. Eu prometo que ela não vai fazer com que você se sinta culpada.

- Mas eu...

- Não. Você vai fazer isso do seu jeito. Porque do meu jeito não funciona. Eu te chamo de teimosa, mas olha só o que *eu* fiz. Eu fiquei colado com essa minha obstinação idiota da minha idéia do que era melhor pra você, apesar de que isso só te machucou. Te machucou tão profundamente, de novo e de novo. Eu não confio mais em mim mesmo. Você pode ter a felicidade do seu jeito. O meu jeito está sempre errado. Então - Ele mudou de posição embaixo de mim, enquadrando os ombros. - Nós vamos fazer isso do *seu jeito*, Bella. Essa noite. Hoje. Quanto mais cedo melhor. Eu vou falar com Carlisle. Eu estava pensando antes que talvez, se nós te déssemos morfina suficiente, não seria tão ruim. Vale a pena tentar. - Ele apertou os dentes.

- Edward, não...

Ele colocou um dedo nos meus lábios. - Não se preocupe, Bella, amor. Eu não esqueci o resto dos seus pedidos.

As mãos dele estavam no meu cabelo, os lábios dele se movendo suavemente - mas muito seriamente - contra os meus, antes que eu me desse conta do que ele estava fazendo. O que ele estava fazendo.

Não havia muito tempo pra agir. Se eu esperasse tempo demais, eu não seria capaz de me lembrar porque eu precisava pará-lo. Eu já não conseguia respirar direito. As minhas mãos estavam apertando os braços dele, apertando mais ele contra mim, a minha boca se colou à dele e respondeu todas as perguntas não feitas que ele tinha na cabeça.

Eu tentei limpar a minha cabeça, pra encontrar uma forma de falar.

Ele rolou gentilmente, me pressionando na grama.

Oh, deixa pra lá! O meu lado menos nobre exultou. A minha cabeça estava cheia com a doçura da respiração dele.

Não, não, não, eu discuti comigo mesma. Eu balancei a minha cabeça, e a boca dele se moveu para o meu pescoço, me dando uma chance de respirar.

- Pare, Edward. Espere - A minha voz estava tão fraca quanto a minha força de vontade.

- Porque? - ele sussurrou na base da minha garganta.

Eu trabalhei pra colocar alguma resolução no meu tom. - Eu não quero fazer isso agora.

- Não quer? - ele perguntou, com um sorriso na voz. Ele moveu seu lábios de volta para os meus, e falar ficou impossível. Calor correu pelas minha veias, queimando a minha pele onde ela tocava a dele.

Eu me fiz ficar concentrada. Eu tive que me esforçar bastante só pra libertar as minhas mãos do cabelo dele, pra movê-las para o peito dele. Mas eu conseguí. E aí eu empurrei ele, tentando afastá-lo. Eu não podia conseguir sozinha, mas ele respondeu como eu sabia que iria.

Ele se afastou alguns centímetros de mim pra me olhar, e os olhos dele não fizeram nada além de ajudar na minha resolução. Eles eram um fogo negro. Eles estavam chamuscando.

- Porque? - ele perguntou de novo, a voz dele estava baixa e áspera. - Eu amo você. Eu te quero. Agora mesmo.

As borboletas no meu estômago flutuaram para a minha garganta. Ele se aproveitou da minha falta de fala.

- Espere, espere - eu tentei dizer através dos lábios dele.

- Não por mim - ele murmurou em discordância.

- *Por favor?* - eu ofeguei.

Ele gemeu, e se empurrou pra longe de mim, rolando de volta para as suas costas. Nós dois ficamos lá deitados por um minuto, tentando diminuir as nossas respirações.

- Me diga porque não, Bella - ele quis saber. - É melhor que isso não seja sobre mim.

Tudo no meu mundo era sobre ele. Que coisa boba pra ele esperar.

- Edward, isso é muito importante pra mim. Eu *vou* fazer isso do jeito certo.

- A definição de quem do que é certo?

- A minha.

Ele rolou pra se equilibrar no cotovelo e me encarou, a expressão dele estava desaprovadora.

- *Como* você vai fazer isso do jeito certo?

Eu respirei fundo. - Com responsabilidade. Tudo na ordem certa. Eu não vou deixar Charlie e Renée sem a melhor resolução que eu puder dar pra eles. E eu não vou negar a diversão a Alice, já que eu vou ter um casamento do mesmo jeito. E eu *vou* me prender a você de todas as formas humanas possíveis, antes de te pedir que me torne imortal. Eu vou seguir as regras, Edward. A sua alma é muito, muito mais que importante pra que eu brinque com ela. Você não vai me fazer cair nessa.

- Eu aposto que eu *poderia* - ele murmurou, seus olhos queimando de novo.

- Mas você não faria isso - eu disse, tentando manter o meu nível de voz. - Não sabendo que isso é o que eu realmente preciso.

- Você não luta justo - ele acusou.

Eu sorri pra ele. - Eu nunca disse que lutava justo.

Ele sorriu de volta, saudoso. - Se você mudar de idéia...

- Você vai ser o primeiro a saber - eu prometi.

Bem nessa hora a chuva começou a pingar das nuvens, algumas gotas esporádicas faziam leves *thuds* quando atingiam a grama.

Eu olhei para o céu.

- Eu vou te levar pra casa - Ele limpou as pequenas gotículas de água das minhas bochechas.

- Chuva não é um problema - eu murmurei. - Ela só significa que está na hora de fazer uma coisa que será muito desagradável e que possivelmente será altamente perigosa.

Os olhos dele se arregalaram em alarme.

- É bom que você seja a prova de balas - Eu suspirei. - Eu vou precisar daquele anel. Está na hora de contar a Charlie.

Ele riu da expressão no meu rosto. - Altamente perigoso - ele concordou. Ele riu de novo e colocou a mão no bolso do seu jeans. - Mas pelo menos não precisamos parar no caminho.

Novamente ele escorregou o meu anel no seu lugar no terceiro dedo da minha mão esquerda.

Onde ele ia ficar - concebivelmente pelo resto da eternidade.

EPÍLOGO: ESCOLHA

Jacob Black

- Jacob, você acha que isso vai demorar muito mais? - Leah quis saber. Impaciente. Chata. Os meus dentes trincaram.

Como tido mundo no bando, Leah sabia de tudo. Ela sabia porque eu tinha vindo aqui - ao limite maior entre o céu e a terra e o mar.

Pra ficar sozinho. Ela sabia que era isso que eu queria. Só ficar sozinho.

Mas mesmo assim, Leah estava forçando a companhia dela a mim.

Além de estar loucamente chateado, eu me senti presumido por um breve segundo. Porque eu nem sequer tive que pensar em controlar o meu pensamento. Era fácil agora, só uma coisa que eu fazia, natural. A neblina vermelha não cobria mais os meus olhos.

O calor não descia pela minha espinha. A minha voz estava calma enquanto eu respondia.

- Pule de um penhasco, Leah - eu aponte para aquele aos meus pés.

- Sério, guri - Ela me ignorou, se jogando em uma espreguiçadeira no chão ao meu lado. - Você não faz idéia do quanto isso é duro pra mim.

- Pra *você*? - Eu levei um minuto pra acreditar que ela estava falando sério. - Você tem que ser a pessoa mais auto-centrada do mundo, Leah. Eu odiaria destruir o mundo de sonhos onde você vive, aquele onde o sol orbita no lugar onde você está, então eu não vou dizer o quanto eu ligo pouco pra qual seja o seu problema. *Vá embora*.

- Só olhe pra isso pela minha perspectiva por um segundo, tudo bem? - ela continuou como se eu não tivesse dito nada.

Se ela estava tentando acabar com o meu humor, funcionou. Eu comecei a rir.

Esse som doeu de maneiras estranhas.

- Pare de roncar e preste atenção - ela disparou.

- Se eu fingir que presto atenção, você vai embora? - eu perguntei, olhando para a cicatriz permanente no rosto dela. Eu não tinha mais certeza se ela tinha outras expressões.

Eu me lembrei dos tempos atrás quando eu costumava pensar que Leah era bonita, talvez até linda. Isso foi a um longo tempo atrás.

Agora ninguém mais pensava assim. Exceto Sam. Ele nunca ia se perdoar. Como se fosse culpa dele que ela se tornou essa louca amarga.

A careta dela esquentou, como se ela pudesse adivinhar o que eu estava pensando. Provavelmente podia.

- Isso está me deixando doente, Jacob. Será que você pode imaginar o que isso é pra *mim*? Eu nem sequer *gosto* de Bella Swan. E você me fez sentir pesar por essa amante de sanguessuga como se eu estivesse apaixonada por ela também. Será que você pode ver onde isso pode ser um pouco confuso? Eu sonhei que beijava ela na noite passada! O que diabos eu devo fazer sobre *isso*?

- Eu me importo?

- Eu não aguento mais estar na sua cabeça! Vê se esquece ela! Ela vai se *casar* com aquela coisa. Ele vai transformá-la em uma deles! É hora de seguir em frente, garoto.

- Cala a *boca* - eu rosnei.

Seria errado devolver isso. Eu sabia. Eu estava mordendo a minha língua. Mas ela ia lamentar se ela não fosse embora. Agora.

- Provavelmente ele vai matá-la, de qualquer jeito - Leah disse. Zombando.

- Todas as histórias dizem que isso acontece com mais frequência do que não acontece. Talvez um funeral vá ser um final melhor do que um casamento. Ha. Dessa vez eu tinha que trabalhar. - Eu fechei meus olhos e lutei com o gosto quente na minha boca. Eu empurrei e lutei contra o fogo que estava descendo pelas minhas costas, lutando pra me manter inteiro enquanto o meu corpo tentava se dividir. Quando eu estava sob controle de novo, eu encarei ela. Ela estava observando as minhas mãos enquanto os tremores diminuiam.

Sorrindo.

Bela piada.

- Se você está chateada por causa de uma confusão de gênero, Leah... - eu disse. Devagar, enfatizando cada palavra.

- Como é que você acha que a gente gosta de olhar pra Sam pelos seus olhos? Já é ruim o suficiente que Emily tenha que lidar com a *sua* fixação. Ela não precisa do resto de nós na cola deles também.

Louco da vida como eu estava, eu ainda me sentí culpado quando eu ví o espasmo de dor que passou pelo corpo dela.

Ela ficou de pé - pausando só pra cuspir na minha direção - e correu para as árvores, vibrando como se fosse um garfo se contorcendo.

Eu rí sombriamente. - Você perdeu.

Sam ia colocar o inferno em cima de mim por isso, mas valia a pena. Leah não ia me incomodar mais. E eu faria aquilo de novo se tivesse a chance.

Porque as palavras dela ainda estavam lá, se arranhando no meu cérebro, a dor disso era tão forte que eu mal podia respirar.

Eu não me importava muito se alguém tivesse escolhido outra pessoa a mim.

Essa agonia não era nada. Com essa agonia eu podia viver pro resto da minha vida estúpida, longa, esticada.

Mas me importava que ela estivesse desistindo de tudo - que ela estava deixando o seu coração parar e a sua pele virar gelo e a mente dela se contorcer na cabeça de algum predador cristalizado. Uma monstra. Uma estranha.

Eu teria pensado que não havia nada pior do que isso, nada mais doloroso no mundo inteiro.

Mas, se ele *matasse* ela...

De novo, eu tive que lutar com a raiva. Talvez, se não fosse por Leah, fosse bom deixar que o calor me transformasse em uma criatura que conseguiria lidar melhor com isso. Uma criatura com instintos muito mais fortes do que as emoções humanas.

Um animal que não podia sentir a dor da mesma forma. Uma dor diferente. Uma variação, pelo menos. Mas Leah estava correndo agora, e eu não queria compartilhar os pensamentos dela. Eu xinguei ela por baixo do meu fôlego pra usar isso como escapatória também.

A despeito de mim mesmo, minhas mãos estavam tremendo. O que estava fazendo elas tremerem? Raiva? Agonia? Eu não certeza do que eu estava lutando agora.

Eu tinha que acreditar que Bella sobreviveria. Isso pedia confiança - uma confiança que eu não queria sentir, a confiança na capacidade daquele sugador de sangue de mantê-la viva.

Ela devia ser diferente, e eu me perguntei como isso me afetaria. Seria o mesmo de que se ela estivesse morta, vê-la lá como uma pedra?

Como gelo? Será que o cheiro dela queimaria as minhas narinas e desencadearia o instinto de destroçar, de rasgar... Como seria isso?

Será que eu poderia matar *ela*? Será que eu poderia não querer matar um *deles*?

Eu observei as ondas rolando em direção à praia. Elas desapareciam de vista embaixo da beira do penhasco, mas eu ouvia elas batendo na areia.

Eu observei elas até que já era tarde, muito depois de escurecer.

Ir pra casa provavelmente era uma má idéia. Mas eu estava com fome, e eu não podia pensar em outro plano.

Eu fiz uma cara quando passei o meu braço pela tipóia retardada e peguei as minhas muletas. Se Charlie não tivesse me visto naquele dia e espalhado a história de "acidente de moto". Suportes estúpidos. Eu odiava eles.

Ficar com fome começou a ficar com uma cara melhor quando eu entrei em casa e dei uma olhada na cara do meu pai. Ele estava com alguma coisa em mente. Era fácil notar - ele sempre ficava exagerado. Agia todo casual.

Ele também falava demais. Ele estava tagarelando sobre o dia dele antes que eu chegasse na mesa. Ele nunca tagarelava assim a não ser que fosse uma coisa que ele não queria dizer. Eu ignorei ele tão bem quanto podia, me concentrando na comida.

Quando mais rápido eu mastigasse ela...

-... E Sue apareceu hoje - A voz do meu pai estava alta. Difícil de ignorar. Como sempre. - Mulher incrível. Aquela alí, é mais durona que ursos pardos. No entanto, eu não sei como ela lida com aquela filha dela. Agora Sue, ela sim teria dado uma tremenda loba. Leah se parece mais com wolverine.

Ele gargalhou da sua própria piada.

Ele esperou brevemente pela minha resposta, mas não viu a minha expressão vazia, enfadada até onde não poder mais. Na maioria dos dias isso deixava ele louco. Eu queria que ele calasse a boca sobre Leah. Eu estava tentando não pensar nela.

- Seth é muito mais fácil. É claro, você também foi mais fácil que as suas irmãs, até que... bem, você tem mais coisas com as quais lidar do que elas tiveram.

Eu suspirei, longa e profundamente, e olhei pra fora pela janela.

Billy ficou quieto por um segundo longo demais. - Nós recebemos uma carta hoje.

Eu podia notar que esse era o assunto que ele esteve evitando.

- Uma carta?

- Um... convite de casamento.

Todos os músculos do meu corpo se travaram. Uma pena de calor pareceu fazer cócegas nas minhas costas. Eu segurei a mesa pra manter minhas mãos estáveis.

Billy continuou como se não tivesse percebido. - Há um bilhete dentro que está endereçado a você. Eu não lí.

Ele puxou um envelope grosso cor de marfim de onde ele havia sido enfiado entre a sua perna e a cadeira de rodas. Ele o colocou na mesa entre nós.

- Você provavelmente não precisa ler isso. Não importa muito o que ele diz.

Estúpida psicologia reversa. Eu arranquei o envelope da mesa.

Era um papel pesado, um pouco rígido. Caro. Chique demais pra Forks. O cartão dentro era o mesmo, também cuidado e formal.

Bella não tinha nada a ver com isso. Não havia nenhum sinal de gosto pessoal nas camadas de páginas transparentes, pétalas-impresas.

Eu poderia apostar que ela não tinha gostado nem um pouco. Eu não lí as palavras, nem sequer ví a data. Eu não me importava.

Havia um pedaço de papel marfim grosso dobrado no meio com o meu nome escrito à mão com uma tinta preta no fundo. Eu não reconhecia a caligrafia, mas ela era tão chique quanto o resto. Por meio segundo, eu me perguntei se o sugador de sangue estava se regozijando.

Eu o abrí.

Jacob,

Eu estou quebrando as regras ao te mandar isso. Ela está com medo de te magoar, e ela não queria que você se sentisse obrigado de forma alguma.

Mas eu sei que, se as coisas tivessem acontecido de outra forma, eu teria gostado de ter a escolha.

Eu prometo que tomarei conta dela, Jacob. Obrigado - por ela - por tudo.

Edward.

- Jake, nós só temos essa mesa - Billy disse, olhando para a minha mão esquerda.

Os meus dedos estavam agarrando a madeira com força suficiente pra que ela realmente estivesse em perigo. Eu os soltei um a um, me concentrando apenas nessa ação, e depois eu agarrei as minhas mãos uma na outra pra que eu não pudesse quebrar nada.

- É, de qualquer jeito, não importa - Billy disse.

Eu me levantei da mesa, tirando a minha camisa enquanto me levantava.

Esperançosamente, Leah já teria ido pra casa a essa hora.

- Não é muito tarde - Billy murmurou enquanto eu socava a porta do meu caminho.

Eu já estava correndo antes de chegar nas árvores, as minhas roupas jogada atrás de mim como se fosse uma trilha de miolos - como se eu quisesse encontrar o meu caminho de volta. Agora era quase demais me transformar. Eu não precisava pensar. O meu corpo já sabia pra onde eu estava indo e, antes que eu pedisse por isso, ele me deu o que eu queria.

Agora eu tinha quatro pernas, e eu estava voando.

As árvores eram um borrão se transformando num mar negro ao meu redor. Os meus músculos se contraíam e se soltavam em um ritmo sem esforço.

Eu podia correr assim por dias e eu não ficaria cansado. Talvez, dessa vez, eu não fosse parar.

Mas eu não estava sozinho.

Eu lamento muito, Embry sussurrou na minha cabeça.

Eu podia ver através dos olhos dele. Ele estava muito longe, ao norte, mas ele havia se virado e estava correndo pra se juntar a mim.

Eu rosnei e me empurrei mais para a frente.

Espere por nós, Quil reclamou. Ele estava mais perto, só observando do lado de fora do vilarejo.

Me deixem sozinho, eu rosnei.

Eu podia sentir a preocupação deles na minha cabeça, e tentei muito me deixar mergulhar no som do vento e na floresta.

Isso era o que eu mais odiava - ver a mim mesmo pelos olhos deles, e era pior agora quando os olhos deles estavam cheios de pena.

Eles viram o ódio, mas continuaram correndo atrás de mim.

Uma nova voz soou na minha cabeça.

Deixem-o ir. O pensamento de Sam era suave, mas ainda era uma ordem. Embry e Quil diminuíram até que estavam andando.

Se eu apenas pudesse parar de ouvir, parar de ver o que eles viam. A minha cabeça estava tão lotada, mas a única forma de ficar sozinho de novo era ser humano, e eu não conseguia aguentar a dor.

Transformem-se de volta, Sam se dirigiu a eles. *Eu vou te buscar*, Embry.

Primeiro uma, depois a outra consciencia ficaram em silêncio. Restou apenas Sam.

Obrigado, eu conseguí pensar.

Volte pra casa quando puder. As palavras eram fracas, caindo no vazio enquanto ele ia embora também.

E eu estava sozinho.

Muito melhor. Agora eu podia ouvir o leve murmúrio das folhas secas embaixo dos dedos dos meus pés, o sussurro das asas de uma coruja acima de mim, o oceano - longe, longe à oeste - gemendo contra a praia. Ouvir isso, e nada mais. Sentir nada além da velocidade, nada além dos músculos, tendões, e dos ossos, trabalhando juntos em harmonia enquanto os quilômetros desapareciam atrás de mim.

Se o silêncio na minha cabeça durasse, eu nunca mais voltaria. Eu não teria sido o primeiro a escolher essa forma a outra. Talvez, se eu corresse pra longe o suficiente, eu nunca teria que ouvir de novo...

Eu forcei mais as minhas pernas, deixando Jacob Black desaparecer atrás de mim.